There are profounder wishes:
such as the desire to converse with other living things.

J.R.R. Tolkien
On fairy-stories

Parte I — Nidus Aquilarum

O Dr. Matthaus acabava de sair do seu turno, novamente com aquela estranha sensação de desolação que, segundo ele, a paisagem pétrea de Styx tinha o poder de incutir nas pessoas. A pedra escura e fria sobre a qual estava sentado, no limiar da zona habitada de Nidus Aquilarum, às margens do grande deserto do Oeste, apenas aumentava-lhe a impressão de estar só.

No início, ele pensava que a mudança súbita de emprego o tinha predisposto às reações depressivas. Tinha até bons fundamentos; embora não fosse psicólogo, supunha que havia sido drástico demais o abandono das quatro paredes sólidas e do laboratório de temperatura previsível da estação de A-Styx, onde nascera, se educara, e até há pouco ganhara o seu sustento, em troca de um mundo excessivamente real, que ainda opunha aos homens seus últimos esforços para deixar de ser habitável. Até chegara a atribuir a Styx, às pedras e às suas areias — esse inferno duro e vermelho! — uma personalidade onisciente e destrutiva, que só esperava o menor descuido dos técnicos para deitar por terra quarenta e três anos de paciente trabalho.

O Dr. Matthaus estava estressado.

Apesar de cansado, não foi direto aos seus aposentos. Seu relógio dava seis horas da tarde. Além de toda a falta de beleza que aquele planeta oferecia, pensava, ainda tinha que digerir a última bronca da chefe da sua equipe, bronca essa que o apanhara especialmente mal disposto, num momento de baixa anímica.

— As salinas! — bradara de seu posto, diante de um monitor qualquer, a Dra. Noscese.

— Unhm??

— Matthaus! As salinas!

— Que têm as salinas?

A mente do meteorologista apressava-se em voltar de outra galáxia.

— Elas estão abertas!

Logicamente que estavam abertas; ele mesmo as abrira naquela manhã! Qual era o problema com a Dra. Noscese?

Ela não parecia nervosa, reparara Matthaus, mas estranhamente sobressaltada, como se estivesse sendo frustrada na expectativa de algo óbvio. Estava com a testa franzida, como repararam os que estavam ao redor, diante dos seus respectivos monitores, e que passaram a se interessar pela pequena cena.

Como o Dr. Matthaus continuasse mudo, ele mesmo espantado com o espanto da sua chefa, a Dra. Noscese levantou-se, avançou dois passos e deu algumas cutucadas na tela do colega.

Em transe, Matthaus reparou num aviso vermelho piscando monotonamente, anunciando a previsão do tempo.

Iria chover, e forte, sobre Nidus Aquilarum. E isso não era bom para as suas salinas.

— Oh meu Deus... — gemeu o cientista.

Sua colega enterrou a face nas duas mãos espalmadas, ao lado do seu monitor. Os dois ficaram sem ação, e sem palavras, por alguns instantes.

— Lola... agora não posso dar marcha a ré... essa tempestade vai danificar todo o meu sistema!

— Essa tempestade estava prevista há duas semanas, Mat! — sussurrou sua chefe, encarando-o de repente.

Matthaus tentava balbuciar alguma coisa.

— Você sabe, Mat, o trabalho que dão essas tempestades.

Ele acenou concordância, sem olha-la nos olhos.

— E sabe o que o pessoal lá em cima vai pensar disso, não sabe?

Novo sinal de cabeça. Mais um ponto a favor de Anthony Hermann.

Noscese tornou a cobrir o rosto com força, e afinal chegou a uma conclusão. Tomou o comunicador da própria estação do colega e apertou alguns botões. Então, a face de um militar corpulento, trajando o uniforme da climatogênese, surgiu na tela do monitor.

— Bom dia, Lola! Bom dia, Mat!

O volume do comunicador estava ao máximo, e toda a sala estava ouvindo. Mas Noscese não parecia importunada com isso.

— Temos problemas, Pavlus. — disse ela, sem retribuir ao cumprimento — Nossas salinas estão abertas. Não podemos agüentar uma chuva hoje.

O rosto no monitor empalideceu, sem acreditar.

— Mas, como assim? — retrucou Pavlus — Isso já está agendado—

— Eu sei, eu sei! — cortou Noscese, ríspida, para acrescentar num fiozinho de voz enervada — Mas isso não pode ser hoje, Pavlus.

As cores voltaram com violência ao rosto do chefe externo de meteorologia, que soltou alguns impropérios enquanto apertava alguns controles no seu próprio monitor. Noscese o fitava de rosto duro, enquanto Matthaus desejava morrer como nunca antes.

— Isso não é correto... — murmurava Pavlus, enquanto aferia alguns instrumentos — Isso não é correto! Vocês sabem quanto tempo eu levo para reunir uma tempestade como esta, não sabem? Isso... bem, bem, parece que..., sim, aqui está. Há uma chance ainda de desviá-la para o norte, onde não vai danificar nada. *E nem ajudar nada*! Uma tempestade desperdiçada!

— Obrigada, Pavlus. Enviaremos um novo planejamento assim que possível.

— Oh, céus... — suspirou o oficial, vendo sua preciosa tempestade desaparecendo dos cálculos de Adaptação — Espero que o *seu* planejamento seja melhor da próxima vez!

— Não se preocupe, Pavlus.

O pastor das tormentas grunhiu algo, saudou a chefe com o gesto do protocolo e desligou seu próprio monitor mais rápido do que Noscese.

Os circunstantes já aguardavam, anteviam e antegozavam o palavrório que falhas desse tipo fatalmente arrancavam à colérica Mãe Ursa. Com apenas dois assentamentos científicos no planeta, nunca ocorria nada para divertir os técnicos da equipe de climatogênese da estação Nidus Aquilarum. Apegavam-se instintivamente ao primeiro evento extraordinário que lhes quebrasse a monotonia. Alguns até se perguntavam como é que, tendo pensado em tudo, os promotores do Programa não haviam previsto uma das dificuldades mais óbvias do trabalho naquele deserto, pior que o dióxido de enxofre atmosférico ou o amoníaco dos mares: o tédio, o milenar tédio, o tédio que alimenta a indolência e dela se alimenta, grande companheiro do homem ocioso e incansável protetor da humanidade contra qualquer espécie de evolução.

Um pouco mais desculpados, portanto, pelo interesse mórbido que tinham no diálogo entre chefa e subordinado, meia dúzia de pares de olhos ansiosos esperavam a tempestade.

Que não tardou:

— Que diabos, Mat! Você sabe quanto custa esse tipo de mudança? Você quer o m... do Hermann comendo meu fígado?

Anthony Hermann, um dos maiores naturalistas de A-Styx e renomado professor de geofísica da Universidade Frenkel, era por aquela época o Presidente Geral do Programa Novitatis, que envolvia vários subprogramas destinados, em última análise, a transformar o planeta Styx num local habitável para os dois milhões de seres humanos que viviam nas estações Kazav, na órbita do planeta do mesmo nome, ainda no mesmo Sistema Canaris.

A Dra. Noscese odiava-o por mera obra do acaso: o Programa contava com a equipe de climatogênese apenas como mais uma dentre trinta e tantas outras, cada uma voltada para a solução dos vários problemas técnicos e sociais que surgiriam da instalação de todo esse contingente populacional num mundo onde, apenas meio século antes, se respirava ácido sulfúrico. Pois bem, Noscese e Tony “Plutão” Hermann tinham a mesma formação acadêmica e, segundo a forma de pensar do Presidente, isso era motivo suficiente para lhe garantir que qualquer comentário ou sugestão sua seria recebida com especial reconhecimento e gentil gratidão pelo pessoal de terra.

Isso, naturalmente, não poderia durar muito tempo, pois o próprio Hermann teria podido imaginar que uma pessoa com o temperamento da Dra. Noscese não precisaria se esforçar muito para que os outros conhecessem os seus desafetos. Tiveram os dois vários atritos lamentáveis, que

apareceriam nos anais das reuniões do Projeto como "discrepância de pareceres". O fato é que o parecer do Dr. Hermann era endossado pelas suas iniciais de "P.G.", e sua formação em Frenkel lhe abria as poucas portas que o cargo não lhe permitia tocar diretamente. Assim é que pareceu ter calculado o mínimo estritamente necessário para a instalação de Nidus Aquilarum sobre o planeta, para em seguida retirar um pouquinho desse mínimo, e mandar descer a Dra. Noscese e os seus asseclas.

A fúria da Dra. Noscese contra seu chefe atingia, às vezes, píncaros de refinamento poético:

— Você sabe por que este planeta se chama Styx? Não? Porque é o rio que nos separa do Hades que é aquele penico espacial (referindo-se a A-Styx), onde habita Plutão e seu exército de coliformes.

Embora, normalmente, sua bílis fluísse por meios mais ordinários:

— Como é que ainda não processaram a mãe do Hermann por crime contra a humanidade?

Ambos eram muito bons nas suas respectivas áreas, e o que poderia ter sido uma grande ocasião de aproximação com envolvimentos mais duradouros transformou-se, pelo desabrimento de uma e pela arrogância do outro, numa tensão irreconciliável.

Cujos efeitos Matthaus vivenciaria em quase todos os dias desde que pisou em areia pela primeira vez, pois sempre que algo se sobressaía da rotina do "Ninho", quase sempre para pior, uma responsabilidade de Anthony Hermann era sempre milagrosamente descoberta, com o subseqüente acréscimo em fealdade e reprobabilidade.

Sentado ali sobre aquele pequeno banco de pedra, por uma fração de segundo, veio à memória do Dr. Matthaus a discussão que a sua chefa tivera, dois dias atrás, com a técnica do teletransporte de carga, que cometera o pecado de derramar café sobre uns pacotes de roupas especiais para mergulho. Noscese terminou a discussão com a insinuação absurda de que a técnica teria recebido "instruções *daquele* demente para sabotar nosso trabalho". Matthaus sempre se lembraria do episódio como paradigma da proverbial tempestade em copo d'água. Ou de café.

Mas a última pergunta da Dra. Noscese ainda estava no ar, e Matthaus teve que aterrissar como pôde.

— Desculpe-me, Lola. Me distraí... ando meio avoado, sabe?

Ela acenou concordando, mas ainda dura. A Mãe Ursa parecia pouco maternal naquele momento.

— Droga, Mat! — murmurou, mais calma — Já o avisei de que seria bom você pedir umas férias. A rotina daqui debaixo é massacrante, e qualquer dia desses você faz uma besteira bem mais complicada de resolver.

Matthaus abaixou os olhos. Sabia que ela tinha razão; mesmo agora que o clima de Styx já estava praticamente consolidado, não podiam ainda se dar ao luxo de criar o primeiro desastre ecológico do planeta.

Aconchegou-se melhor na pedra. Ao tornar a contemplar o céu e acompanhar o pontinho luminoso de um cargueiro, veio-lhe à memória o dia em que fora apresentado ao padre Albertus, quando da sua penúltima visita de prestação de serviços aos interessados de Nidus Aquilarum. E sorriu pela primeira vez nas últimas três horas; era impossível separar a recordação desse fato da de outro episódio divertido, quando Matthaus surpreendeu um estranho desabafo de sua chefe após um enorme atraso dos três estagiários que voltavam do litoral. Em contadas vezes, como esta, ao invés da recriminação instintiva, Noscese era capaz de dizer com uma amabilidade heroicamente forçada: "Ai, ai, ai! Vocês vão acabar me levando para o Céu mais rápido desse jeito!". Esse tipo de comentários era mais freqüente após as visitas mensais do pequeno sacerdote, a única pessoa do Sistema, segundo se acreditava, capaz de manter o bom humor após as quatro horas de vôo desde A-Styx imediatamente seguidas de mais sessenta minutos de conversa com a Dra. Noscese.

A apresentação do Dr. Matthaus tivera na verdade duas etapas. Nas preliminares, esbarraram acidentalmente na porta do teletransporte, onde o doutor voltara a colocar pela quinta vez na sema-

na um aviso "*Feche a porta enquanto em uso*". Não suportava o chiado arrepiante das bobinas daquela máquina abominável. Nisso, ia saindo o padre Albertus com sua escolta, em direção ao espaçoporto.

— Oh, boa tarde! — disse o homenzinho, estendendo a mão e um enorme sorriso atrás dela — O senhor deve ser o Dr. Matthaus Keppler, não?

— Sim, sou eu. — respondeu o doutor, com laconismo não desejado.

— Muito prazer; eu sou o padre Albertus.

— Sim, penso que já havia visto o senhor por aqui algumas vezes. Para mim é um grande prazer conhecê-lo.

Matthaus se enervava um pouco com a etiqueta; não sabia o que se devia fazer quando se era apresentado a um sacerdote.

— Tenho ouvido falar muito do trabalho do senhor aqui entre a equipe de terra.

— Oh, espero que não tenha sido nas salas do Novitatis.

Os dois riram juntos.

— Posso garantir-lhe que o senhor ainda não deve ser tão famoso lá, ainda — disse Albertus, acenando com a cabeça para a sala de Noscese. — Se o senhor desejasse, poderíamos conversar mais na minha próxima estadia.

— Pois não; para mim será um grande prazer.

— Muito obrigado, Dr. Keppler. E boa tarde.

— Boa tarde, e boa viagem.

Vinte dias depois, ambos estavam conversando animados sobre problemas bem pouco técnicos. Matthaus comentou-lhe coisas de sua família, de um tio que não conhecia e que vivia em Kazav, e das diretrizes do Programa. Mas fez muitas perguntas ao pequeno homem, principalmente depois que notou que ele era realmente bastante receptivo. Como era a vida que levava, onde vivia, que lugares visitara, se era verdade que já estivera fora de Canaris uma vez, etcétera. Mostrou-lhe as partes permitidas do assentamento, e teve até um pequeno susto ao se lembrar de quão animado estava ao mostrar-lhe uma das suas secretas inflorescências de sal.

Rodeando a estação, havia alguns agregados de cascalho consolidados com areia, semelhantes a grandes cupinzeiros, que ocultavam no seu interior pequenos blocos salinos que o doutor discretamente pulverizava sobre as refeições, o que lhes realçava extraordinariamente o sabor. Parecia incrível, pensava ele, que ninguém ainda tivesse tido essa idéia, mas como tinha medo de parecer estranho, guardava para si esse brinquedo gustativo.

Naquela tarde, o padre Albertus voltava para A-Styx com alguns cristaizinhos no bolso e com a promessa de que faria o teste. E quando ele se foi, Matthaus sentiu-se novamente ali onde sempre estivera. Ou seja, só.

Sem perceber, o doutor se isolava de quase tudo, é certo, porém possuía curiosos ganchos com o mundo exterior, sendo o mais destacado dos quais uma avidez assombrosa por textos mitológicos, da antiqüíssima era greco-romana e das lendárias Terras do Norte. Excluindo-se a Dra. Noscese, que além de profissional competente recebera uma formação clássica mais requintada, Matthaus talvez fosse o único no Ninho a saber que o nome do planeta tinha um suporte cultural, que não era apenas uma espécie de sigla tecnocrática para se trabalhar mais comodamente, "S.T.Y.X."

Durante os anos de Academia em A-Styx, Matthaus refugiara-se por noites a fio em contos heróicos como os de Hércules, Perseu, Apolo e Ícaro; admirava-se com o potencial das vontades ilimitadas de personagens poderosos como Odin, e de todo um universo habitado pelos seres mais improváveis, além da presença acessória de homens. Quando adolescente, caíra-lhe nas mãos uma antiga publicação, em papel, que viera há muito da Terra e que continha figuras das mais variadas espécies de dragões e outros monstros. Matthaus recortou essas figuras, que nunca mais abandonou, e a convivência com elas era sua válvula de escape do massacre silencioso do dia-a-dia. Por que elas tinham esse efeito, nunca quis ou tentou explicar. Secretamente, às vezes Matthaus completava os fragmentos de história que conhecia, e mais secretamente ainda, escondendo-se até de si mesmo,

tentava dar-lhes uma armação poética. Todas essas figuras estavam espalhadas pelas paredes do seu aposento, desde o dia em que assumira seu posto junto à igualmente lendária equipe da Dra. Noscese, dois anos antes.

Matthaus já percebera inclusive que todas as manifestações humorais da sua chefe que faziam referência a dados mitológicos, como os relacionados com o nome do planeta, eram, além de relaxação de ânimo, uma sinalização de amizade e de interesse pelo colega, às quais Matthaus era atrapalhadamente agradecido. Exemplo disso era um episódio ocorrido três meses antes, quando Hermann enviara um dos seus leões-de-chácara para fazer a rotineira vistoria semestral. Não era o já tradicional Dr. Yurevitch, bonachão e bastante chegado a vinhos bidestilados, que parecia ser uma das poucas pessoas que entendiam os pontos de vista da Dra. Noscese a respeito da ordem de prioridade conferida à equipe de climatogênese. Bastante menos suscetível que a colega, Yurevitch funcionava em A-Styx como uma espécie de agente facilitador dos assuntos que diziam respeito ao pessoal de Nidus Aquilarum, tendo a vantagem de contar com as boas graças de Hermann.

A diplomacia instintiva e afável de Yurevitch fora substituída, naquela última vistoria, pela sisudez do Prof. Alano, um esquálido físico solar cujas proporções costumavam causar problemas aos almoxarifes onde quer que fosse, que nunca dispunham de um macacão várias vezes mais alto do que largo.

Por coincidência, Noscese e Matthaus foram recebê-lo no pequeno espaçoporto de Nidus Aquilarum, e após as apresentações protocolares, tão logo Alano se afastara deles, Noscese cutucou seu colega, sussurrando:

— Ora viva, agora nos enviam nada menos que o próprio Caronte! De quem será a vez de atravessar na barca?

Mas agora, sentado numa rocha fria, ao mesmo tempo a meio caminho e fora da pista normal entre a estação e o sistema residencial, Matthaus contemplava a longa planície deitada diante de si, quebrada apenas, de tempos em tempos, por tufos rochosos brilhantes, formados por camadas escamosas de sal e areia avermelhada, a mesma que recobria as irregularidades do terreno. Apenas observava, enquanto por dentro tentava se convencer de que Lola não quisera magoá-lo naquela tarde, o que era verdade, e de que a origem do seu mal-estar deveria ser procurada mais para baixo e para dentro, no âmbito trancafiado das próprias convicções e projetos de vida.

O planeta lhe respondia com um vento leve, vindo das mesetas lá do horizonte, que de tão chatas não se distinguiam, a princípio, da própria planície.

Uma das raras manifestações de beleza proporcionadas pela natureza naquele rincão do infinito era o “pôr-do-Sol” da estrela Beta Canaris IV. O Dr. Matthaus não conhecia, nem sequer artificialmente, a sensação de fusão entre céu e terra no horizonte, entre a faixa vermelha embaixo e o manto arroxeado por cima. No salpicado de pontos brilhantes do céu, destacavam-se as duas luas, Styx-1 e Styx-2 (Matthaus sempre quis esmurrar o funcionário que as batizara!) e a estrela mais próxima, Alfa Canaris IV, cujo fulgor chegava a produzir sombras em condições favoráveis. Às vezes, era possível enxergar o planetóide vizinho Kazav, quinto do sistema.

E aquele dia era um dos favoráveis. As planícies estéreis de Styx absorviam rapidamente o disco de Canaris, e a avalanche da noite soterrava os grupos humanos do planeta, acompanhada do frio típico dos desertos, recordando a todos a necessidade primitiva de se recolherem.

Matthaus sabia que ainda dispunha de algum tempo de lusco-fusco, e casualmente observou Kazav, em cuja órbita sabia que viviam muitos semelhantes seus. Que são dois milhões de homens? O fato de Matthaus não conseguir se emocionar com a epopéia que a sua raça atravessara até chegar ao confinamento de parte de seus membros ao redor de um pedaço de pedra talvez fosse causado pela absoluta impotência da sua imaginação em conceber a existência de tanta gente e, mais ainda, ocupada em atividades que lhe pudessem ser familiares. E, não obstante, eram esses dois milhões de desconhecidos que lhe davam emprego agora!

Nidus Aquilarum estava sobre um continente em permanente oposição à estação A-Styx, de modo que Matthaus nunca podia ver como estava seu torrão natal, aquele paralelepípedo prateado a mais de mil quilômetros de altura. Algumas vezes procurava compensar essa ausência perambulando pelos arredores do laboratório, mantendo sempre uma distância prudente da zona inicial do deserto, onde fendas na rocha recobertas de agregados arenosos esperavam pacientemente por alguém disposto a conhecer suas entranhas. Essas armadilhas naturais limitavam o senso aventureiro do Dr. Matthaus (já de per si bastante inofensivo), uma vez que praticamente cercavam toda a região do assentamento, deixando livre apenas uma brecha em direção ao mar. Os laboratórios estavam instalados sobre um pequeno platô que, a despeito da pouca elevação, dominava toda a região desértica, encontrando concorrente apenas nas cordilheiras do horizonte.

Matthaus, de vez em quando, sentia um enorme e inexplicável desejo de conhecer o resto daquele mundo, e passava alguns dos seus momentos de descanso nutrindo fantasias inconfessadas de encontrar alguns daqueles seus bizarros companheiros de quarto materializados em alguma região misteriosa e inexplorada. Ele afastava esses assaltos rotulando-os de absurdos, mas eles sempre voltavam com a pertinácia das moscas.

Entretanto anoitecia cada vez mais rapidamente, e o doutor levantou-se e resolveu ainda dar uma passada numa das suas inflorescências de cristais já conhecidas.

Era um montículo de metro e meio de altura e a largura de uma cintura humana. Custou a Matthaus distinguir entre as pedras amareladas de enxofre e os cristais salinos. Com os últimos raios de luz, esmurrou uma das maiores pelotas amareladas que pendia de uma pequena gruta, em cujo interior ainda intocado o doutor pensava encontrar cristais maiores.

Quando finalmente arrancou a maldita pedra de enxofre, porém, produziu-se um pequeno acidente: aquele torrão sustentava toda a estrutura superior da cavidade, que foi soterrada por areia, enxofre e sal.

— Diabos! — murmurou o doutor.

Agora que já ficara escuro de verdade, o doutor teve que empregar métodos mais arcaicos para detectar o sal. Todas as pedras que suas mãos encontravam eram levadas à boca e lambidas, e as que passassem por esse crivo continuavam sendo conduzidas pela mesma mão até um bolso no macacão. Matthaus trabalhava rápido, embora soubesse ser possível voltar à região dos aposentos guiado pela luminosidade dos quartos dos seus colegas.

Quem o visse ali certamente o tomaria por doido. Um senhor meteorologista de cócoras lambendo pedras como um cachorro era coisa até então inédita sobre o planeta; daria uma boa crônica caso houvesse cronistas. Ou melhor, se pudesse haver outra coisa disponível nas pequenas bibliotecas de leitura que não fossem revistas de entretenimento de qualidade duvidosa ou manuais técnicos. O planejamento tecnicista era perfeito! Todos concordavam que os computadores de leitura de Nidus Aquilarum deveriam ser a coisa mais aborrecida da galáxia. Outra gentileza de Hermann, que não parecia disposto a autorizar a assinatura dos caros canais de holorrádio que transmitiam do Sistema Solar.

O Dr. Matthaus já se dispunha a reassumir sua posição de animal racional quando as suas mãos tocaram algo anormalmente regular misturado naquele monte de pedregulhos. Cavando um pouco, conseguiu puxar um objeto cilíndrico, áspero e que parecia oco. Tateou-o por alguns minutos na escuridão, tentando entender o que era, e colocou-o finalmente entre as dobras do macacão. Deu meia-volta e dirigiu-se apressado para o seu quarto.

Ia tentando investigar esse tubo e, conforme se aproximava do sistema residencial, a luminosidade cada vez maior ia revelando-lhe algumas características. De fato, era metálico, embora seu lustro estivesse seriamente comprometido pela ferrugem que o carcomia. Estava incrustado de areia, tinha aproximadamente trinta centímetros de comprimento por dez de diâmetro e era bastante leve, o que levara o doutor a supor que não era maciço.

Cada vez mais intrigado, Matthaus entrou no seu quarto, esquecendo-se até do jantar que o esperava há uma hora no refeitório. Vivia numa célula fibrosa de cinco por cinco, com um pé direito de dois metros. Uma cama, um armário de pertences pessoais, a cabine de higiene e uma pequena escrivaninha automática coberta com uma parafernália de objetos eletrônicos e discos de informação e artes estavam à sua disposição para tentar fazê-lo repousar após o expediente. As únicas companhias não planejadas eram as figuras e estatuetas de animais lendários que pululavam aqui e ali pelas paredes, e era o que permitia distinguir o quarto do Dr. Matthaus dos sessenta outros que o amuralhavam ao redor. Verdade seja dita, eram bastante confortáveis, sobretudo se comparados com as estreitas fatias disponíveis nas estações como A-Styx, com a vantagem adicional de estarem cercadas por atmosfera de verdade em lugar do negrume vazio do espaço aberto.

O doutor sentou-se diante da escrivaninha, movimento esse que fez com que se acendesse uma lâmpada de mesa e ativasse o computador que comandava aquela festa de brinquedos científicos. Segurando firmemente o tubo com uma das mãos, esfregava-o com a outra para limpá-lo da areia vermelha. Além de emporcalhar o chão, conseguiu descobrir que o tubo tinha uma espécie de tampa em uma das extremidades. Perplexo diante da insuperável simplicidade do sistema de vedação do tubo, começou a torcê-lo ao som de várias pragas aprendidas com a Dra. Noscese. "Onde será o lacre dessa porcaria?"

Finalmente desvendou o mistério da rosca. Dois segundos depois, tinha acesso à próxima etapa da aventura, constituída por um estojo de plástico preto fechado por um zíper, que obviamente estava emperrado. Custou ao doutor mais cinco infindáveis minutos de ansiedade e destreza.

Então, caiu sobre sua mesa um maço de folhas amareladas, com cheiro de coisa antiga. Eram manuscritos!

— Ora viva...

O que lhe causou no momento a maior impressão não foi tanto o eventual valor arqueológico que aquilo poderia ter. O mais incrível era ver a maior quantidade junta de papel em toda a sua vida; uma centena de páginas! Quem escreveu aquilo devia ser muito rico, pensou Matthaus, como o Dr. Hermann, em cuja sala fora apresentado a esse lendário material, ao ser informado da sua incorporação a Nidus Aquilarum. O extravagante Anthony Hermann era talvez o único homem num raio de dois anos-luz que ainda passava instruções aos seus subalternos em pequeninos bilhetes, e que tinha como passatempo a arte de empunhar uma caneta e rabiscar caracteres.

Matthaus contemplou aquela seqüência misteriosa de símbolos, com uma pontada de pena. Sabia das determinações do Programa, no seu artigo décimo oitavo: "qualquer material encontrado que pudesse sugerir a existência de vida animal ou vegetal, presente ou pretérita, sobre a superfície do planeta durante os processos de recuperação deveria ser *imediatamente* encaminhado ao controle do Programa", em A-Styx. Matthaus nunca se preocupara com isso porque nunca lhe passara pela cabeça que algo desse tipo pudesse existir naquele beco árido, mas agora que parecia ter descoberto algo, o senso de posse começou a manifestar alguma rebeldia.

Continuou, pois, a análise. Fosse qual fosse a língua em que estavam escritos, estavam muito bem escritos. Reconheceu a maioria das letras do seu alfabeto, embora algumas lhes fossem completamente inéditas, talvez pela caligrafia ou talvez pela desaparição. As letras e sinais estavam aglomerados em palavras incompreensíveis, e todas as páginas estavam numeradas. "Uhmmm!"

O doutor franziu a testa e estalou os dedos: lembrava-se de que nas estações Kazav nem todos os habitantes conseguiam se comunicar uns com os outros, pois nem sempre empregavam os mesmos protocolos de comunicação. Na altura em que ouvira isso, pareceu-lhe mais uma daquelas esquisitices que pareciam ocupar o tempo dos terráqueos, que ainda se obstinavam em passá-las adiante.

Mas agora, com todos esses papéis para serem decifrados, Matthaus pensava se aqueles textos fariam sentido para alguns daqueles grupos de Kazav. Ou o seu significado se decomporia junto com o papel em que estavam escritos?

Seu primeiro impulso, meio ilógico, foi ir ao quarto de Lola para perguntar-lhe o que deveria fazer, mas freou-se porque já conhecia a temida resposta. "*Ficou louco, Mat? Dê isso para Plutão, e pronto!*" Ajeitou-se melhor na cadeira, tomou uma das folhas e colocou-a sobre o leitor ótico da escrivaninha, cuja presença no aposento era sinal inequívoco de que aquela pessoa era subordinada de alguma forma a Anthony Hermann. Como este sabia que qualquer informação passada à Nidus Aquilarum deveria ser catalogada, parecia divertir-se em aborrecer Noscese enviando os seus comunicados sempre manuscritos (embora nem sempre em papel), ao invés de usar o holorrádio como qualquer outro burocrata da estação.

Matthaus passou então dez minutos bisbilhotando todos os recônditos do seu computador que pudessem ajudá-lo com traduções de textos. E, para seu júbilo, a máquina levou pouco mais que dez segundos para identificar o dialeto, apresentando o diagnóstico em letras negras. Fora escrito num idioma que Matthaus nunca ouvira falar; de acordo com o impassível assistente digital, era uma derivação tardia do tronco latino (fosse o que fosse isso), etc, etc, etc... e cuja estrutura persistia numa amálgama falada por sessenta e dois vírgula sete por cento dos homens de Kazav. Após outras informações de cunho filológico, o computador perguntou-lhe polidamente se desejava verter o texto para seu próprio idioma.

Em êxtase, o doutor disse que sim, e passou alguns minutos ajudando a máquina a trabalhar, pondo e tirando folhas e mais folhas dentro da leitora do aparelho. E quando finalmente terminou, compôs o texto e voou até o refeitório para pegar um pacote de qualquer coisa para acalmar o estômago, voltando ao quarto em seguida.

Na parede em frente à sua escrivaninha, estava pendurada a mais bela de todas as figuras que conseguira até então. Um Dragão Dourado, dormindo pachorrento sobre uma montanha incrível de ouro e jóias, a ilustração expressiva da felicidade serena, se bem que um tanto materialista, daquele que estava deitado sobre o seu tesouro, o sentido da sua vida. Agora era a companhia mais próxima do Dr. Matthaus, que por um momento compreendeu sua tranqüilidade, e sentiu-se vagamente identificado com ele.

Sentado novamente diante da tela do computador, começou a ler a história de Derek Alexandersson.

Parte II — Tarrajcalo

Ah!, amor, sejamos fiéis
Um ao outro. Pois o mundo, que parece
Estender-se à nossa frente como uma terra de sonhos,
Tão diversas, tão formosas, tão novas,
Na verdade não tem nem alegria, nem amor, nem luz,
Nem certeza, nem paz, nem lenitivo para a dor;
E estamos aqui como numa planície penumbrosa,
Varrida de confusos alarmas de combate e de fuga
Na qual exércitos ignorantes à noite travam batalha[*]

[*] "*A praia de Dover*"

I

Derek Alexandersson recobrava lentamente os sentidos, ajudado talvez pelo odor penetrante de borracha queimada que impregnava a cabine do seu veículo. Tossindo, com um gosto salgado de sangue na boca, conseguiu empurrar uma pequena estante, alguns livros e uma boa quantidade de mapas que se esparramavam sobre suas costas.

A porta do veículo parecia emperrada aos primeiros esforços. Pela pequena janela entrava um pouco de luz, que produzia um efeito cinematográfico ao penetrar na cabine esfumaçada. O console de metal negro do painel estava parcialmente destruído, e as telas de resposta dos instrumentos, mortas. Se o vidro frontal estivesse intacto, Derek poderia ter notado que seu veículo se estatelara contra uma árvore, que pagara seu tributo à inércia e fora partida ao meio. Várias folhas sobre os assentos testemunhavam silenciosamente o atropelo, e um galho proeminente invadira o interior do aparelho, projetando-se como uma lança bem à esquerda do jovem e improvisado piloto.

Cheiro de borracha queimada normalmente significa problemas, como quando algum garoto põe fogo em pneus velhos para se divertir, e a situação aqui não era diferente: um curto-circuito num dos computadores de navegação espalhara algumas chispas sobre o revestimento de borracha dos assentos. Como talvez ninguém no Instituto de Aeronáutica tivesse pensado na possibilidade do Pégasus se arrebentar contra uma árvore nas planícies do Ganges, Derek estava agora tendo que se arranjar com um pequeno incêndio e várias desvantagens corporais, como um corte no rosto, a tontura provocada pela fumaça e o estado de semi-obnubilamento de quem acaba de sair de um processo de desmaio.

Talvez se entenda, portanto, porque Derek não tentou sequer verificar se os controles eletrônicos da porta teriam sobrevivido ao impacto. Tentou abrir caminho do jeito mais natural possível, esmurrando e dando flácidos pontapés na porta de alumínio. Só então notou que sua perna esquerda estava sangrando também, e num gélido instante lembrou-se do tiro que o espião disparara em sua direção momentos antes.

Mas tudo isso demorou muito pouco. A única coisa para a qual tinha olhos era a porta; não tinha muito tempo para se preocupar com os problemas de seguro contra incêndio do pai. A descarga extra de adrenalina converteu-se imediatamente em pontapés mais vigorosos.

O fogo já flertava com uma gramática sânscrito-português que caíra sobre o painel. Derek ainda tentou abafá-lo com a mão, quando subitamente seus esforços sobre a porta produziram o efeito desejado e ele tropeçou no pequeno degrau de saída, caindo de quatro do lado de fora. Garoava.

E foi dessa posição que tombou, semi-inconsciente, sobre um chão de areia avermelhada, tendo a confusa sensação de que alguém o atropelava pelas costas.

Derek acordou poucos minutos depois, trazido de volta por uma sensação quente, úmida e viscosa vinda da testa. Já mais lúcido, pensando que se tratava de mais um sangramento, passou a mão pela testa, maldizendo o momento em que concordara em mostrar o veículo ao Raul. Tirou a mão e, com um olho fechado, percebeu surpreso que o líquido era incolor. Quando começou a ligar as coisas, ouviu um latido vindo de trás do veículo que o deixou de cabelo em pé por um instante.

“Toba! Então ele também conseguiu entrar nesse treco?”

Efetivamente, enquanto Derek se sentava no chão e tirava a lama que a areia mais a garoa formaram sobre suas bochechas, um pastor alemão de porte considerável surgiu em sua frente, fazendo festa e espalhando generosamente sobre os seus braços mais daquele líquido viscoso e incolor.

— Sai, Toba! Tudo bem.

Voltando a cabeça, contemplou o estado do veículo. E então finalmente terminou de entender o que havia acontecido.

— *Não, não, não, não, não, não*... Meu Deus, tudo... tudo, tudo, tudo menos *isso*!

Apesar de o incêndio não ter se desenvolvido, o impacto fora suficiente para destruir a obra-prima do seu pai, o primeiro veículo porta-dimensional. Derek arrastou-se até a parte anterior da nave, onde estava instalado o Gerador Porta, o coração de todo aquele projeto, que havia três anos vinha embranquecendo muitos dos cabelos do Prof. Alexander Ericsson.

Ali, porém, sob as copas das árvores, nem sinal de qualquer peça inteira. Tudo parecia irremediavelmente perdido. Derek afagava pateticamente aquelas reentrâncias retorcidas.

— Ah, não!... Não!...

Levantou-se ainda meio trôpego para entrar no interior do veículo. Vendo o galho enorme que espatifara o vidro dianteiro, não entendeu como é que ele conseguira sair com vida. Toda a nave estava dobrada como um cinto metálico preso à árvore. A garoa ajudou a resfriar o motor do veículo, que superaquecera após ter consumido todo o combustível, e que agora soltava apenas uma tênue fumaça amarronzada. O logotipo com o cavalo alado prateado, estampado na fuselagem, foi preservado por não se sabia qual milagre.

Derek sentou-se novamente, encostado na fuselagem do Pégasus. Não tinha reações. Como explicaria para o pai toda aquela confusão? Mais ainda, certamente seu pai teria um ataque do coração quando ficasse sabendo. Não sabia o que fazer, ou antes, não conseguia fixar as próprias perplexidades na mente.

Ficou nesse estado catatônico por alguns momentos, quando percebeu que a garoa cessara. Fez uma breve incursão ao interior, à parte média do Pégasus. Era onde ficavam guardados todo o material de alfabetização e de primeiros-socorros, que felizmente haviam resistido bem ao impacto. No meio daquela parafernália, encontrou seu equipamento de som e algumas daquelas detestáveis bisnagas de alimento liofilizado. Depois, achou uma caixa de curativos. Vendo as bandagens, lembrou-se da sua perna, e lembrando-se da sua perna recordou-se do espião. Em pânico, suspendeu todos os movimentos barulhentos e pôs-se a auscultar os outros compartimentos que jaziam ao seu redor. Nada, nem dentro nem fora da nave. Aliás, o silêncio exterior era total.

Vendo que parecia estar sozinho com Toba, que não estava alarmado por estranhos, Derek ficou um pouco mais calmo. Voltou a sair, expulso pela presença ainda marcante da borracha sublimada. Mas o tal do espião poderia ainda estar de tocaia pelos bosques do campus. Pensando bem, porém, isso não devia ser possível. Por mais que se esforçasse, Derek não conseguia se lembrar de ver o espião entrar na nave. Em todo o caso, era necessário sair e chamar a polícia.

Lá fora, porém, Derek não reconheceu em que parte do campus estaria, pois a floresta era muito fechada e formada apenas por árvores altas e de folhas arredondadas, fartamente cobertas de cipó na parte inferior, dando ao conjunto a impressão de uma saia. Onde estaria?

Toba começou a lamber-lhe a mão, indicando que estava com fome. Derek atirou-lhe alguns cubos que, segundo garantia a embalagem, eram de carne processada.

— É só isso mesmo, amigão. — disse ironicamente, vendo que o cão farejava desolado aquela refeição de laboratório — Nem cachorro come isso!

O dia ia alto; pelo seu relógio, deveriam ser dez da noite, mas era dia claro.

"Mais essa! Sem carro, sem comida de gente, sem relógio ..."

Derek deu umas batidinhas no relógio, na milenar tentativa de consertar enguiços. Não entendia nada de engenhocas e maquinários, e por isso nutria por elas uma indiferença fundamental.

Sentou-se novamente no chão arenoso e começou a lamber a bisnaga, recebendo cada porção com uma careta e vários goles de água. Enquanto isso, tentava avaliar a sua situação atual. Olhou ao redor: de fato, o bosque era bem espesso, e ele parecia estar numa espécie de clareira. Lugares semelhantes no Neocampus, talvez só perto da Faculdade de Botânica. A árvore contra a qual o Pégasus se estraçalhara estava ligeiramente isolada, tendo por vizinha mais próxima uma parente sua menor, vinte metros atrás. Curiosamente, a árvore menor não sofrera nenhum arranhão, apesar de estar bem na linha da trajetória de aterrissagem do veículo.

Depois começou a analisar o próprio chão em que estava sentado. Aquela areia vermelha era areia litorânea mesmo, não a terra vermelha que era comum no sítio dos avós do Raul, no interior

do Paraná. Areia que ficava mais encarnada pelo seu próprio sangue que escorria do corte na perna. Nova incursão a bordo. Na confusão da farmácia, conseguiu encontrar apenas álcool e sua bola de futebol.

Sorrindo de ódio, tirou o tênis e a calça de esporte, e esfregou a primeira mão de álcool sobre o corte.

O urro chamou a atenção de Toba, que veio correndo e parou diante do amigo do seu dono, meio confuso com o cheiro do álcool.

Terminada a assepsia, sentou-se sobre a bola, ganindo enquanto o álcool lentamente se evaporava. Decidiu que tinha que fazer alguma coisa; não podia ficar ali sentado o dia inteiro, na iminência talvez de ser alvejado por pernilongos e mosquitos. Entrou, apanhou a mochila e acabou descobrindo os óculos do Raul, perdidos sabe-se lá como e quando. Achou os seus próprios óculos e a garrafa de champanhe que comprara para comemorar a passagem do ano.

Olhou novamente as horas. Dez e meia. Pelo menos, o seu relógio ainda estava andando.

Toba estava com sede. Derek ofereceu-lhe água nas mãos em concha, que o animal bebeu sofregamente. A operação foi repetida três vezes, o jovem estudante com um pouco de nojo pelo contato tão pessoal com o mascote de Raul. Aliás, onde estaria ele?

...

Raul e Derek tinham tudo para estar acabrunhados, pelo desempenho lamentável que apresentaram na última prova, embora a atmosfera entre eles estivesse animada por fontes próprias. Após meses de choramingos, Derek cedera e concordara em mostrar o Pégasus ao seu melhor e talvez único amigo verdadeiro na faculdade. Antes compraram a garrafa de champanhe, e dirigiram-se para o outro lado do Neocampus em busca do Instituto de Aeronáutica.

Raul estava radiante, fazendo perguntas e mais perguntas sobre a viagem inaugural marcada para o dia seguinte, 1º de janeiro. Derek respondia com a sensação de estar sendo violentado. Sabia que não deveria saber muito do que sabia, e que seu pai só lhe contava porque não era afeito a formalidades, tendo-lhe confiado inclusive a própria senha de acesso ao hangar 14.

— Eu não entendo. — dizia Raul — Seu pai vai ser manchete em todos os jornais do mundo amanhã e você me faz essa cara de tédio?

— É que... bem, teoricamente só ele e eu sabemos que o Pégasus não está em São José. Eu acho que vamos dar muita bandeira indo para o 14 agora.

— Mas então, criatura! Ninguém vai saber de nada! A não ser que você conte...

— Eu não, mas e esse bicho? perguntou, apontando Toba com a cabeça.

— O Toba? Não, não, ele ainda não aprendeu a falar.

— Deixe de ser tonto! E se ele começa a latir, ou resolve mijar na porta do Pégasus?

Raul começou a rir. Na verdade, o riso que o acompanhava desde que terminaram a prova e sobre o qual ele conversava só aumentou de intensidade.

— Você é paranóico, meu caro! Se bobear, o Toba ainda vai acabar apanhando um ladrão de computadores.

Derek sorriu. Atravessavam um caminho gramado no meio do Parque. Todas as barraquinhas de refrigerantes estavam fechadas, e as janelas dos prédios denunciavam interiores desertos, com seus funcionários agora em casa se preparando para o Ano Novo.

— Como você foi na prova?

Raul deu de ombros.

— Mal, naturalmente. Aquele japonês é doido. Você tem alguma esperança?

— Não sei... estudei um bocado, mas não sei...

— Corta essa. Você é sempre assim: "Ah, não sei, não fui bem..." Oito! Não sei o que deu em você para nos acompanhar nesse holocausto.

O holocausto chamava-se Susi, uma menina da outra sala, que Derek tinha conhecido numa festa justamente na época de preparação das provas da temida química bioinorgânica. Infelizmente, ela havia demonstrado interesse em conhecê-lo na hora errada, o que embananou bastante o esquema de estudos do recém-apaixonado.

— Você lembra da cara do Kazuo quando viu você fazendo a prova?

Derek sorriu.

— Ele tinha um sorrisinho sádico...

— Ele parecia estar nas nuvens! Estava conseguindo bombar o melhor aluno da faculdade!

— Sem essa. Até Linus Pauling teria se espatifado nessa prova.

E tinha razão. O professor Kazuo havia sido convidado para ministrar o curso naquele semestre, e no quesito "aprovação" sua fama não era das melhores. Talvez até para alimentar um pouco mais a lenda ao seu redor, aproveitando-se do pretexto da greve, marcara aquela prova para o último dia do ano. Aos que protestaram, respondeu impávido que se guiava por um calendário lunar, próprio da cultura oriental. Como não havia mecanismos acadêmicos para trazer minorias neuróticas ao bom senso, os alunos que desejavam realmente a aprovação na disciplina tiveram que fazer um *intermezzo* nas suas férias.

— Notícias da Susi?

— Que eu saiba, nenhuma. Por quê?

— Nada... Eu só pensei que você já tivesse se declarado...

Derek sorriu, com um ar ligeiramente altivo, pescando algo da memória.

— "O amor é uma secreção do cérebro..."

Raul gargalhou:

— Essa é boa! De quem você copiou isso?

— Não sei... Ouvi em algum lugar.

— Ai, ai, Dek! A vida é tão simples...

Desviaram da rua para cortar caminho pelo bosque.

— Acho que por aqui ninguém vê a gente.

— *Ainda* está preocupado com isso?

Raul então começou a gritar como uma porca histérica.

— Cala a boca, seu jumento!!

— *Dek-pé-no-brek!...*

— Já disse para não me chamar disso!!

— Qual é, Dek? Quem você acha que vai estar aqui no dia 31 de dezembro às... cinco e meia da tarde?

— Hum! Todo mundo que ficou em bioinorg.

— É paranóia. Mas tudo bem. Esse bosque é muito agradável, não acha?

— É.

Depois, ainda caminhando, Raul abriu a mochila e folheou a agenda. Encontrou algo e disse sorrindo:

— Uma mensagem da minha agenda especialmente para Derek Alexandersson. É do Tolstoi.

— Bah!

— Não, não é assim que se diz. Não diga *bah!* Diga *Puxa vida!*

— Bah!

— "*Há quem passe pelo bosque e só veja lenha para fogueira*". Jóia, não acha?

— Odeio literatura russa! Odeio qualquer coisa que tenha mais de quinhentas páginas!

Andaram mais um pouco.

— Dek, você está menstruado!

— Bah!

— Raul, droga! Não mexe nisso!

— Rapaz, olha só que belezoca! Qual é mesmo a parte que o seu pai construiu?

Derek segurava as mãos do amigo como se ele fosse uma criancinha fazendo bagunça numa festa. Raul tinha uma forte queda por aviões, balões e espaçostáticos em geral, e não trocaria a possibilidade de conversar com o Professor Ericsson por nada do mundo. Só o fato de poder apalpar alguma criação sua dava-lhe arrepios até a alma.

— Não te entendo, Raul. Acho que você errou de faculdade.

Raul reclinou-se mais sobre o banco, deu um pequeno salto e saiu da cabine, afagando a fuselagem prateada do Pégasus com tanta ternura e convicção que Toba rosnou baixinho de ciúmes.

— Queria trabalhar com propelentes e explosivos. Quando eu era pequeno, adorava soltar fogos de artifício e cheguei até a projetar um foguete para ir para Marte.

Derek sorriu, meio irritado com a puerilidade da resposta. Os *seus* motivos, pensava, eram muito mais nobres.

— É sério? Então você deveria ter feito ITA.

— Não, não... De qualquer forma, isso foi só no começo. Depois você aprende a gostar por outros motivos. Não pretendo me especializar em combustíveis. Acho que isso já passou de moda.

— É.

— Talvez alguma coisa em estrutura da matéria... Gostei da palestra do Reinhold sobre telemodulação. Você assistiu?

— Trabalhar com o Reinhold? Você é pirado!

— Sabe, às vezes eu penso isso também. Já reparou como o cara é inteligente? Quer dizer, ele não sabe muito apenas de química ou ciências em geral. O homem é um sábio: naturalista, poeta, filósofo, teólogo... Dá a impressão que é necessário ter um certo nível para querer conversar com ele... e eu acho que não tenho mesmo!

— De fato, ele é um gênio. — concordou Derek, seco — Esse sim mereceu o Nobel!

— Pois é. Vai conversar com um homem desses…

Estiveram calados por um momento, mas então Raul agachou-se e apalpou a região dianteira inferior do veículo, onde uma espécie de pára-lama protegia o Gerador Porta. Estava quase levitando de alegria.

— É isto? — perguntou com sincera reverência.

Derek anuiu.

— Como funciona?

O filho do projetista deu de ombros com um muxoxo, mais preocupado com o horário e com a festa para a qual estavam cada vez mais atrasados. Quanto ao Pégasus, era uma parafernália engenhosa, e como ele sempre dizia, parafernálias engenhosas interessavam-lhe muito pouco.

A expressão tão convincente de pouco-caso do amigo abalou por um momento o bom humor de Raul.

— Qual é, Dek? Você brigou com o seu pai?

— Não! Por quê?

— Qual o problema? Porquê você nunca se anima com isto? É porque você não gosta do seu pai?

— É claro que sim! Até porque convivemos há vinte anos.

E contra-atacou:

— Pare de bancar o analista comigo, OK? Que mania!

Raul ia soltar mais um dos seus famosos “Você é estranho, Derek!”, mas achou melhor ficar quieto.

O hangar 14 não era na realidade tão grande como o seu nome poderia sugerir, e apesar do número era o apenas terceiro compartimento que de fato merecia o nome de “hangar”. Mesmo assim, tinha espaço suficiente apenas para o veículo e uma sala de teste de equipamentos eletrônicos.

O pessoal da Aeronáutica pensava que aí o Pégasus não iria despertar suspeitas, já que o lugar óbvio para guardá-lo dos curiosos era o hiperpatrulhado Aeroporto em São José dos Campos. O Professor Ericsson sofrera algumas pressões para não realizar a viagem inaugural do Pégasus, além de ter recebido esporádicas ameaças telefônicas anônimas de seqüestro.

Derek conduziu Raul e Toba através de cinco portões de segurança, com um remorso crescente à medida em que avançavam pelos corredores desertos de paredes bege, que as lâmpadas fluorescentes tornavam especialmente mal-assombrados. A ala de segurança média, onde ficava o Pégasus, tinha sido apetrechada a tal ponto que era mais segura do que várias alas de segurança máxima do campus, neurose que fora um dos frutos inesperados dos trabalhos pioneiros em sistemas teletransportadores de metais de Gutierrez. E, não obstante, o máximo de dificuldade que Derek teve que superar foi atravessar o vigia normal que guardava os edifícios, repletos na sua maioria de experimentos normais!

— Aí não, Toba!

O pastor alemão estava cheirando uma posição discreta atrás de um dos bancos, daquela forma já conhecida.

— Aí não! Faça na cabeça do seu dono...

Raul torceu um arremedo. E então começou o curto pesadelo de Derek.

A segunda porta de acesso, por trás do veículo, foi arrombada e dois mastodontes vestidos de preto invadiram o local, apontando suas automáticas para o teto e berrando em inglês gutural que todo mundo ficasse parado.

O que aconteceu depois foi muito rápido: um tiro, uma fuga pela janela, dois vultos na frente do aparelho, latidos, outro tiro, e aquela floresta.

...

Derek começou a sentir frio no meio da mata e, apesar de um princípio de repugnância, abraçou Toba como uma espécie de aquecedor para o peito. Em breve anoiteceria, e a maldita fumaça fedorenta ainda mantinha suas posições dentro da cabine.

Olhou mais uma vez ao redor, auscultando o ar para tentar distinguir algum ruído suspeito. Já não acreditava mais na possibilidade de ser abordado pelo espião. Se isso tivesse que acontecer, pensava, já teria acontecido. “Ou ele não veio comigo, ou, se veio, deve ter sido arremessado para fora e morrido”. Sentiu um arrepio nas costas, imaginando a sensação de atravessar aquela janela de vidro moído. Mas novamente imaginou o desespero do pai quando visse que veículo e filho tinham sumido. Na verdade, sempre que esse pensamento lhe vinha à cabeça era como uma avaliação da própria angústia. Sentia-se miserável como o adolescente que destrói a Ferrari do pai na primeira saída furtiva com os amigos.

Segundo suas estimativas, considerando aquela profusão de árvores aparentemente sem fim, ainda deveria estar perto de Alphaville. Neste caso, alguém em alguma casa próxima já deveria ter ouvido o estrondo do motor. Logo logo *deveria* aparecer alguém.

Lembrou-se então do telefone celular que havia dentro da cabine. Tateou o painel, os consoles, os bancos, o chão e as reentrâncias da parede até que por fim o pequeno tijolo de plástico negro surgiu nas suas mãos. Aparentemente, estava inteiro.

Trêmulo, digitou o número do pai: nada de resposta. Bem, nem sequer sinal da chamada. Ligou para o Raul, e igualmente ninguém respondeu. Tentou a polícia, os bombeiros, a universidade, mas o efeito reveillon já parecia ter subvertido todas as instituições. Ou, o que era mais provável para Derek, aquela porcaria de telefone podia estar pifada.

E agora estava mais escuro, embora o céu estivesse mais limpo em alguns trechos. Derek notou o bizarro jogo de luz purpúrea que o pôr-do-sol produzia no céu. Aqui e acolá, em pequenas aberturas por entre as nuvens arroxeadas, surgiam as primeiras estrelas. Mas, como não estava com muito ânimo para apreciações da natureza, o jovem apanhou a sua mochila, chamou Toba e pôs-se a

procurar uma bendita casa qualquer dos arredores. Para não assustar ainda mais algum eventual vizinho, limpou o rosto com a manga da camisa, espanou a areia da sua roupa e tirou um pouco da lama dos cabelos, que iam assim reassumindo a cor amarela original.

Achou ainda um radinho que também funcionava como walk-talk, mas obviamente não conseguia sintonizar nenhuma estação. A conspiração das engenhocas estava acirrada! "Sem carro, sem relógio, sem comida de gente, sem telefone, sem rádio... que droga!". Infelizmente não conseguiu achar uma lanterna, e resolveu então arriscar-se no lusco-fusco por uma curta distância. Afinal, não poderia demorar muito até encontrar a estrada.

— Vem, Toba!

Apesar de não gostar muito de animais em geral, algum senso profundo de autopreservação lhe sugeria que, pelo sim pelo não, era bom ter algo com que se defender. Embora não acreditasse realmente que fosse topar com algum outro cachorro perdido pelos bosques bem-comportados de Alphaville.

Toba, por sua vez, não parecia ter qualquer problema em ser acompanhado por outros animais, de modo que saiu obediente atrás de Derek, penetrando ambos pelas primeiras árvores da mata.

Derek não ligava muito para botânica, o que não lhe permitiu constatar que muitas das plantas e arbustos que lhe fechavam o caminho eram bastante inusitados. Também não notou logo uns arbustos remotamente parecidos com samambaias gigantes, de grandes folhas verdes adornadas nas pontas por pequenos penachos azuis, que cresciam até a altura do seu peito e dificultavam a caminhada.

Cuspindo palavrões a cada meio metro, depois de três quartos de hora Derek desistiu, não agüentando mais a coceira que lhe provocavam alguns daqueles arbustos e vendo que ainda conseguia enxergar o Pégasus a praticamente a mesma distância.

"Só com moto-serra se atravessa este mato, mas… uma missão de alfabetização não precisaria de moto-serras..."

Derek voltou à nave, e começou a ficar realmente desesperado. Só agora começava a acreditar que ia ter que passar a noite no meio daquele mato. Apesar de aparentemente não haver cobras ou mortais pernilongos, sabia que o seu pai e o Raul deveriam estar bastante preocupados com o seu sumiço. E, o que é pior, iria perder o reveillon com a família do amigo!

Por que aqueles dois brutamontes tinham invadido o 14 e começado a atirar para todos os lados? Derek lembrava-se confusamente de ter visto Raul saltar pela janela do laboratório, mas naquele preciso momento estava preocupado com o louco do Toba, que ficara dentro da cabine com ele, e que latia furiosamente para a arma apontada para sua cabeça pelo segundo homem. Não sabia como, o invasor atirara no vidro, e a próxima coisa de que se lembrava era estar com o rosto atolado naquele areal vermelho.

— Alôôôôô! Tem alguém aí?

Tentava tranqüilizar-se. Se o Raul escapara, com certeza já teria chamado a polícia. E alguém dos arredores apareceria logo, não era mesmo? Claro, a mata fechada devia dificultar o acesso... mas por que não aparecia nenhum helicóptero?

Olhou novamente o relógio. Marcava três da manhã. Derek atirou-o irritado no meio das outras quinquilharias do interior do aparelho, onde ele se misturou com os dicionários, livros, canetas, minicomputadores, fitas, filmadoras, etc, etc, etc...

Acomodou-se no interior da cabine já ventilada. Toba estava deitado ao seu lado, sem um arranhão sequer.

— Rabudo...

Ligou seu aparelho de som baixinho, e foi aumentando o volume lentamente.

Fate
up against your will

through the thick and thin
he will wait until
you give yourself to him

Queria de qualquer forma algum ruído para cobrir o silêncio ensurdecedor do lugar, do qual já estava se dando conta. Ergueu a garrafa de champanhe quente.

— Feliz ano novo, Toba!

Tomou um gole, que foi rapidamente devolvido ao chão. Ruim demais! Meio moído, Derek reclinou-se no banco e cochilou.

No dia seguinte, o jovem foi acordado por um facho de luz do sol que, após vários reflexos pelos pedaços de vidro, batia em cheio no seu rosto. Após alguns minutos de contorções e espreguiçamentos, sentiu literalmente na pele a necessidade urgente de um banho. Consultou sua carteira; ainda dispunha de bilhetes do metrô e algum dinheiro, talvez suficiente para pagar uma diária em alguma pensão das redondezas.

Saindo da cabine junto com Toba, verificou que o dia já ia alto — o dia da provável desgraça do seu pai. Ficou com medo de alguma virada no tempo, pois o céu estava escuro e nublado. Nunca tinha visto cor do céu como aquela, dava uma sensação de calor maior do que o real, além de ressaltar de um modo estranho o vermelho das folhas.

Mas não podia perder tempo. Decidiu tentar uma nova expedição rumo a alguma casa dos arredores. O acesso até ali devia ser difícil mesmo, pensou. Nem sinal de qualquer equipe de resgate ou sequer de curiosos.

Analisando com um pouco mais de atenção a muralha de árvores, descobriu uma estreita picada natural onde rareavam os tais arbustos irritantes. Sem pensar muito, apanhou seu material, chamou Toba e enveredou por ela. Durante quinze minutos, só pôde ver árvores e mais árvores. Absoluto, o silêncio só era quebrado pelos *paff-paff* dos seus passos sobre a espessa camada de folhas mortas.

Após hora e meia de caminhada, o terreno começou a tornar-se mais íngreme, e no chão começaram a surgir pequenos blocos de rocha negra, cada vez em maior número e tamanho. Até que as árvores começaram a escassear e surgiu um paredão da mesma rocha negra bem à sua frente.

Arfando, com pouquíssima experiência como excursionista, Derek procurou vias de contorno para tentar atravessar aquele obstáculo. De onde estava, podia notar que para cima e por trás do muro erguia-se uma colina coberta com uma espécie de gramado de folhas muito finas, que já do seu lado começavam a aparecer em pequenos tufos. Do alto daquela colina, talvez fosse mais fácil encontrar a estrada.

Efetivamente, à direita havia uma pequena escada natural, mas com degraus muito estreitos e altos, o que não permitiria ao cão subir por eles. Derek hesitou: deixá-lo ou procurar outro caminho?

Mas um pedaço de cipó arrancado de uma árvore resolveu a situação. Derek amarrou o tronco do animal, subiu as duas dezenas de degraus, e depois puxou para cima o corpo de Toba, que colaborava escalando os degraus com as patas traseiras com alguma dificuldade. No meio do caminho seu peito começou a ser estrangulado pelo cipó, e ele começou a ganir como se tivesse sido condenado a virar sabão.

— Agora não reclame, meu querido! Você está quase chegando... Diabos, como você pesa!

Finalmente chegou, atropelando o estudante. Tendo desatado o nó, ambos recuperaram o fôlego por um minuto, apenas o suficiente para disparar colina acima. Derek não via a hora de se encontrar com gente e civilização, sensação que qualquer de seus colegas julgaria curiosíssima nele.

Mas, que surpresa quando atingiu o alto da colina! Sua hipótese de que encontraria um bom mirante mostrou-se verdadeira, de fato, mas de que paisagem!

Até onde a vista alcançava, existiam apenas árvores. Uma floresta infinita sobre um imenso plano, deformado somente à sua direita por outra colina e ao longe, quase na linha do horizonte, por uma imensa montanha negra que encabeçava uma cordilheira meio perdida na bruma. Exatamente no meio, o tapete vegetal era cortado de um extremo ao outro pelo filete brilhante e tremeluzente de um rio. O brilho forte do sol não permitia uma distinção dos pontos mais distantes, mergulhados numa névoa de luz rósea que dava um tom paradisíaco à paisagem. O próprio rio parecia manar do céu, pois não se distinguia sua nascente na linha do horizonte. Era uma visão terrivelmente bela, selvagemente inerte como algo suspenso no tempo, esperando pacientemente a presença de olhos humanos para contemplá-la. Tudo convidava a se atirar no ar e planar, apelando a um instinto profundo de domínio sobre toda a criação.

O impacto daquela magnífica desolação acertou muito forte em Derek, que apesar de todo o autocontrole que julgava possuir, começou a chorar. É certo que não conseguia apreciar a maior parte da beleza do local, pois sua mente estava ocupada processando dados e mais dados, conjecturas sobre conjecturas. Por mais ignorante que fosse em termos de geografia, sabia que não existiam florestas daquele porte num raio de quinhentos quilômetros do campus. E sabia que não existia nenhuma montanha com aquelas proporções no país.

Enxugando o rosto, reviu todos os passos desde a hora que entrara no hangar 14 até o despertar no lamaçal vermelho. Algo do fundo da lógica lhe fazia intuir que não estava considerando algum fator determinante na explicação da seqüência dos fatos.

Até que esse fator surgiu no seu entendimento, trazendo consigo uma onda de frio glacial sobre seu estômago e o resto da sua alma. Não estava aquela desgraça de veículo programada para uma viagem de alfabetização à Índia?

Derek caiu de joelhos. Índia, Índia!? Não era possível, por tudo! Isso não! Sentia-se mortalmente desamparado. Mas, por que, perguntava-se, programar uma aterrissagem para aquele fim de mundo, perdido de qualquer contato com o homem?

Podia ter passado do local onde deveria ter parado, quando se estabelecera a porta eletrônica em território indiano. Mas, que desastre, como ele poderia saber se estava desmaiado? E, mesmo que não estivesse, não tinha a menor idéia de como guiar aquele monstrengo fabricado pelo pai.

Correram-lhe mais duas lágrimas de auto-compaixão. Sabia agora que estava absoluta e essencialmente sozinho, sem ninguém por perto para quem ele pudesse olhar e se sentir apoiado. Como num delírio de febre, recordou-se instantaneamente que tivera a mesma sensação quando viera de Keflavik com o pai e entrara para a pré-escola. Só, ilhado pelo idioma; sozinho!

De algum modo, Toba pressentiu o drama do momento e, de cabeça abaixada, lambeu-lhe as mãos. Isso só conseguiu aumentar a sensação de miséria de Derek. Toba parecia tudo que lhe restava por companhia. E aquele silêncio maldito, meu Deus! Queria berrar até que seus pulmões sangrassem!

Derek ficou ainda algum tempo contemplando a paisagem daquele país estranho, antes de decidir voltar ao Pégasus. Estava adiando esse momento porque pressentia que ia de encontro ao próprio caixão. Realmente, como poderia esperar sair vivo daquele lugar, sem nada, sem comunicações?

Uma lembrança que o estimulou um pouco a voltar foi a lembrança da existência a bordo de um pequeno instrumento de localização marítima, o geoloci, que talvez estivesse inteiro. Senão, poderia tentar aprender a usar e a improvisar algo com o sextante manual, que seria empregado em aulas de geografia para crianças hindus.

Voltando ao Pégasus encontrou de fato o geoloci e verificou mais calmo que ele dava sinais de funcionamento, embora não conseguisse localizar nenhum satélite.

"É óbvio! Talvez esteja muito isolado por aqui, e a colina seja um local mais adequado".

Num frêmito gerado pela vontade de viver, espalhou pelo chão vários mapas da Índia e tentou imaginar aonde estaria. Amaldiçoava sua incompetência para descobrir uma maneira de se a-char; qualquer escoteiro já teria conseguido isso!

Ficou nos dados gerais. Estava numa floresta, aparentemente tropical, que ocupava uma grande planície despovoada, e na Índia. Isso já eliminava toda a metade superior do mapa, dominada pelo Himalaia, e já lhe dava um alívio extra, pois estava fora da zona de guerra entre os extremistas do Estado Tibetano e os camponeses do norte da Índia, cujo desenrolar sanguinolento vinha sendo acompanhado pelo mundo há algumas semanas.

Continuou as elucubrações. O aparelho poderia ter sido programado para aterrissar ali, em uma região ligeiramente remota, para não atropelar eventuais aldeias que estivessem na região da porta eletrônica, e ele dificilmente poderia ter tido acesso aos controles de navegação, uma vez que nem sabia onde ficavam. Tentou relembrar-se do contorno do rio e verificar se casava com o traço de alguns dos rios do mapa.

Era um rio comprido e aparentemente caudaloso. Seria provavelmente o Ganges. E um lampejo de esperança animou-lhe quando percebeu de fato algumas semelhanças. O traçado do Ganges através de… uhm?… *Uttar Prachet*, na região norte da Índia, corta uma enorme planície que tem, como limite setentrional, a própria cordilheira do Himalaia. Dos seus três mil quilômetros, apenas uma pequena parte do rio sagrado corria pelas montanhas. A partir de Hardwar atravessava uma planície fértil, que via seu benfeitor estreitar-se assustadoramente em épocas de seca.

De acordo com o mapa, porém, o estado de Uttar Prachet era densamente povoado. Derek supôs, pelo aparente isolamento da colina, que deveria estar distante dos grandes centros, como Nova Delhi, Moradabad, Lucknow ou Benares. Olhando mais atentamente, percebeu que a maior descontinuidade populacional do território dava-se entre — que nomes! — Kaupur e Allahabad, portanto seria uma boa suposição pensar que estaria entre essas duas cidades.

— Sai daí, Toba!

Entediado com o furor introspectivo do jovem, o cão estava utilizando um dos mapas como esteira e preparava-se para deitar. Derek suspirou e entrou no Pégasus para procurar alguns objetos úteis para a longa caminhada que se lhe apresentava por aquela floresta. Enquanto suas mãos percorriam gavetas, estantes e armários, sua mente lhe apresentava todos os animais que, sem sombra de dúvida, estariam infestando aquelas paragens. Lobos, ursos, cobras, tigres, crocodilos...

“Crocodilos ou gaviais?”

Estava com sorte, pensava. Se não encontrava vestígios de civilização, também é certo que não os encontrava de vida selvagem. A própria floresta, tão inerte, já a considerava membro do reino mineral.

Encontrou novidades: uma barraca para duas pessoas, uma bússola e um rádio. Este, apesar de estar em perfeitas condições, não sintonizava nenhuma estação.

“Neste meio de mato, que é que eu poderia desejar? Nenhuma Rádio 3000 deve funcionar por aqui...”, embora não se sentisse muito confortado com essa explicação.

E, mais ou menos pela hora do almoço, com uma mochila mais apetrechada, fechou a porta de entrada do Pégasus e pendurou um bilhete na porta, dizendo quem era, o que acontecera e qual direção havia seguido.

Derek contemplou o aviso pendurado na porta do veículo, e resolveu acrescentar uma versão em inglês daquelas informações. E retomou então a picada em direção norte, rumo ao sol nascente, precedido por Toba. Ouvia música num volume muito alto, para compensar o silêncio sepulcral e para tentar atrair a atenção de alguém. E, lembrando-se de um programa da TV, podia ser que afugentasse algum animal selvagem com o barulho. Ou pelo menos não o assustaria por encontrá-lo de sopetão.

First I gonna make it
then I gonna break it until it falls apart

Naquelas circunstâncias, ficaria contente até com salteadores ou guerrilheiros. Qualquer bípede desemplumado já seria um alívio.

Andava rápido, com passos ansiosos, como alguém que quisesse esclarecer um mal entendido ou livrar-se de uma brincadeira de mau gosto. Estava profundamente abatido, mas não tão revoltado, porque sabia que agora a única coisa que lhe restava era caminhar, sempre para frente e para frente. Como já conhecia o caminho, andou um pouco mais de segurança, e logo estava novamente defronte ao muro que guardava a colina. Esta agora usava o sol como coroa, chapando impiedosamente o rosto do jovem.

Antes de atrelar o cão com o cipó deixado horas antes, Derek abriu o mapa e calculou aproximadamente a distância que o separaria do rio. Talvez uns vinte quilômetros, embora não soubesse ainda se a trilha natural continuaria até aquela segunda colina que avistara.

Quando se aproximou com os cipós, Toba ganiu baixinho, mas foi implacavelmente amarrado. Por compaixão, Derek tentou dar um laço que percorresse uma área maior do corpo, para não machucar tanto. Subiu e puxou, e sua técnica parecia estar funcionando, pois o cão não soltava um pio durante a subida.

"A não ser que tenha se enforcado..."

Mas não, Toba continuava lépido como sempre, reatropelando o jovem quando atingiu o cimo e quase não lhe permitindo desamarrar o cipó.

Novamente no alto da colina, tudo como antes: árvores, colinas, montanhas. Qual o nome da montanha? O mapa não lhe respondia.

Começou a sentir novamente coceiras pelos braços, nas partes que haviam roçado aqueles arbustos irritantes. Eram uns pruridos curiosos, pois sumiam tão logo eram coçados. Enquanto se esfregava, Derek desvencilhou-se da mochila, ligou o geoloci e quase caiu de costas com a surpresa: lá estava, na minúscula tela de cristal líquido, um sinalzinho preto totalmente sem graça que acusava a presença de um satélite!

— Uau, Toba! Parece que estamos conseguindo algo!

Porém, as tão desejadas coordenadas geográficas em que se encontrava ainda não surgiam. Derek tinha uma vaga desconfiança de que aquele aparelho dependia do sinal de dois satélites para fornecer esses dados, portanto sentou-se sobre o chão gramado e ficou aguardando a próxima captura.

Mas meia hora de espera foi suficiente para mostrar-lhe que seria em vão. O sinal permanecia sozinho no visor. O jovem desligou o aparelho, mas apesar de tudo estava bem mais confiante, sabendo ter por companheiro aquela manifestação da presença humana, ainda que no espaço. "Também, neste buraco, talvez já seja até demais!"

E pela primeira vez dispôs-se a apreciar a beleza do lugar. Sentado, contemplando o horizonte, reparou num adensamento de nuvens a sudoeste, lá longe. Pela falta de distinção entre o céu e a terra, envolvidos por um véu azulado, parecia estar se aproximando uma chuva das fortes. "Monções, é lógico!". Agora, sua parca geografia parecia conseguir explicar tudo.

Também estava meio zonzo, apesar de ter dormido razoavelmente bem. Apanhou na mochila uma bisnaga de pasta de lagosta, salgada até a insanidade, e reparou que estava com as mãos trêmulas. Como não se sentia com febre, não deu muita importância para o assunto. Com a pasta e uma garrafa de água, comemorou com Toba o sinal do satélite, e na sua euforia histriônica batizou a colina como "Monte Sinal".

Levantou-se, caiu de lado e levantou-se novamente. Dirigiu-se para a outra colina pelo lado oposto ao daquela que subira, e conseguiu apreciar um pouco melhor aquele filete d'água distante. Pela frente, a floresta estendia-se sem paredões ou outros obstáculos.

— Melhor para você! — indicou a Toba.

Derek interessava-se agora até pelo azul vivo dos arbustos que produziam coceira, no início da mata. Apanhou uma muda, pensando em levar para seu orientador e discutir a provável natureza do pigmento. Ao fazer isso, despertou-se nele o instinto naturalista, e dali em diante aproveitaria para colher algumas amostras de solo e plantas que se destacassem pela coloração, como um autên-

tico discípulo de Peter Lund. Agora com bom humor, o químico apaixonado pela natureza voltava a assumir o comando dos seus atos.

A transposição da mata entre o Monte Sinal e a outra colina não era tão fácil como fora a primeira, a partir da clareira. Derek andou daqui para lá em busca de alguma entrada, mas só encontrava árvores e os terríveis arbustos pruridogênicos. Sem muitas alternativas, finalmente embrenhou-se pelo cipoal convencido de que os quinhentos metros que teria que percorrer iriam ocupar-lhe algumas horas.

O jovem excursionista já se esquecera de tigres, leões, hipopótamos e dragões que o assombravam, ocupado agora apenas em desviar-se das árvores e atrapalhada pela tontura cada vez mais patente. Chegou a suspeitar de pressão baixa, mas agora não havia remédio senão andar, pelo menos até a próxima colina. Ainda conseguia concentrar atenção suficiente para consultar a bússola, de quando em quando. Sabia que tinha que ir sempre para o norte.

Duas horas depois, finalmente, homem e cão alcançavam a borda da mata. Derek deixou-se cair no chão, exausto, buscou a garrafa de água e não conseguia esconder de si próprio a aflição causada pelo tremor das mãos. Virou-se de cara para o céu, no mesmo instante que duas gotinhas de água atingiam sua cabeça. A chuva chegara, finalmente, precedendo um céu completamente cinza cuja transformação Derek não percebera do meio da floresta.

Pôs-se em pé novamente e contemplou a colina, um desafio pouco perturbador em circunstâncias normais, mas que agora parecia que ia lhe exigir o último alento da alma. Bebeu mais água, chupou uma pitada de sal e recobrou um pouco de ânimo.

Subitamente, porém, Toba estacou e começou a latir nervosamente, de orelhas em pé e para frente, tão alto e contrastando tanto com sua música e a tranqüilidade da floresta que Derek se assustou.

Desligou seu aparelho de som e preparou um tabefe na cabeça do animal, mas este não lhe deu chance. Disparou colina acima, latindo e latindo freneticamente.

— Que bicho te mordeu? *Tobaaaa, volte aqui*!!

Começou a correr atrás do cachorro, e já quase no alto ouviu vozes do outro lado da colina, num idioma estranho.

— Toba! Não morde! Volta aqui já! — E pensava: "Seu projeto de jumento, vai assustar logo quem pode nos salvar a pele!"

Começou a gritar para os desconhecidos, já arfando.

— Olá! Olá! Perdão! — *Toba*!! — Ele não vai morder! — repetia essas frases em todas as poucas línguas que conhecia.

E Toba latindo. Derek já estava bufando, trôpego como um bêbado, quando finalmente atingiu o alto do monte.

— Toba, eu já não te falei para calar essa b...

Toba, com pêlos do pescoço em pé e orelhas baixas, arreganhava os dentes para os três estranhos, e só desviou sua atenção quando ouviu o berro apavorado do seu jovem dono. Quando voltou a cabeça, Derek já tinha terminado de tropeçar e cair de cabeça no chão, e estava desmaiado. Então, para ele também, as luzes se apagaram.

II

As mãos enluvadas aplicavam mais um pequeno pedaço de tecido amarelado no braço daquele corpo adormecido. A brancura da sua pele se balanceava com o azul do leito, na verdade armado como uma espécie de cadeira. Da cabeceira saíam dois tubos plásticos que penetravam delicadamente, pedindo licença, nas narinas do paciente. As mãos já haviam terminado de proteger com diligência os outros cortes do corpo.

Um novo par de mãos protegidas, o mesmo que calcinara as roupas do forasteiro, veio em auxílio do primeiro. Removeu as vendas dos olhos desmaiados e ergueu uma das pálpebras. O risco talvez tivesse passado. As pupilas diziam que podiam estar bem. Então, uma das mãos recém-chegadas trouxe um aparelho e ligou-o. Um zunido quase imperceptível preencheu a sala de paredes brancas. Por um momento, as mãos hesitaram, como se ainda não estivessem certas do que deveriam fazer a seguir. Mas o par de mãos diligentes fez um sinal discreto para a mão que possuía o aparelho.

E esta, então, aproximou-o lentamente da cabeça do paciente.

Derek teve alguns pesadelos dos quais recordaria apenas o sobressalto, mas suas últimas horas de sono transcorreram por sonhos bastante agradáveis. Sonhava com planícies gramadas na própria faixa litorânea de uma terra desconhecida. Após atravessar a grama, subitamente uma areia fofa e morna suportava-lhe os pés, e do mar imenso adiante soprava uma brisa fresca e revigorante. Não via flores, mas um misterioso perfume misturava-se com o aroma do mar, dando-lhe uma sensação de completa beatitude. As ondas eram pequenas e não faziam barulho, e quando abaixava-se para vê-las atingindo seus pés, notava que traziam pequenos grãos brilhantes de areia vermelha, como pequenos rubis. Em completa harmonia com a paisagem, estava o seu laboratório do Neocampus erguido na praia, alguns metros adiante, com seus últimos testes esperando calmamente que se encerrasse aquele idílio. Ao contrário do habitual, não havia ninguém trabalhando ali.

Então, Toba surgiu do seu lado lambendo-lhe as mãos e pedindo para brincar. Derek nunca se sentira tão identificado com aquele seu parceiro como naquela praia. Começou a apostar corridas curtas com ele, que terminavam sempre com os dois rolando abraçados pelas águas rasas, ele rindo, o cão ganindo de felicidade. Algo estava realmente muito esquisito naquilo tudo.

Apesar de ser dia claro, deitado como estava pôde ver uma estrela brilhando bastante. Não era o sol; o sol queima a vista. A água já não tocava seu corpo; estava deitado sobre a areia seca, e Toba, já seco, deitado ao seu lado, enfiara a cabeça debaixo do seu braço direito. Derek afagava o dorso de pelúcia do animal e dormia.

Tentou abrir lentamente os olhos, ofuscando-se com a luz intensa. Por que diabos seu pai deixara a lâmpada do quarto acesa? E por que ele não tirara os óculos antes de dormir? Apoiou-se sobre os cotovelos, piscando, e ainda sentiu a pelagem macia de Toba prensada na sua mão. “Então não conseguimos nos afastar daquela porcaria do Pégasus...”

Olhou para o teto, escuro, pétreo, com uma lâmpada quadrada faiscando bem no centro. Apesar de desviar o olhar, ficou ainda olhando para o teto e as paredes, tentando se lembrar onde estava. Da janela bem ao seu lado soprava um vento com cheiro de mar. Mas onde estavam as cortinas daquela janela?

Nesse momento, sentiu Toba mexer-se. O que fazia ele na sua cama?

Voltando-se para o lado onde estava o cão, sentiu seu coração parar e as vísceras desaparecerem. Queria gritar, mas sua mandíbula parecia presa com ferrolhos, e sua boca prensada pelos próprios olhos, que não conseguia fechar.

Aquilo que estivera acariciando era o braço de uma criatura peluda, um lobisomem, que estava sentada do lado do seu leito. Derek soltou um grito curto e recolheu sua mão numa fração de segundo, e na seguinte acuou-se instintivamente num canto daquela espécie de berço em que jazia.

Mesmo que quisesse, não conseguiria deixar de fixar o monstrengo. Na sua mente, começaram a rolar aos borbotões todas as histórias e fábulas de pessoas devoradas por animais selvagens. Por alguns momentos achou que fosse desmaiar de novo; lembrou-se da estranha visão de criaturas encapotadas no alto daquela colina onde tropeçara e batera a cabeça. Onde estaria agora? Lançou olhares rápidos para todos os lados, tentando achar alguma brecha por onde escapar. Estava preso com alguns lençóis sobre uma espécie de cama dentro de um aposento fechado. Paredes brancas por todos os lados, uma janela e uma porta fechada bem atrás do monstrengo. Era o fim! Mesmo que quisesse tentar alcançar a janela, sentia as pernas tão moles que nunca conseguiria sequer sair daquela cama antes de levar o bote fatal. Ofegava e suava muito, tentando se desembaraçar dos lençóis e ficando cada vez mais enrolado.

O animal ainda não dava mostras de hostilidade. Afastou-se um pouco da cadeira onde estivera sentado, murmurando algo incompreensível num tom suave, que Derek até poderia ter tomado por um "Calma!", caso estivesse em condições de estar calmo. Estava tão assustado que qualquer gesto da criatura provocava-lhe um espasmo dos braços e pernas, que se apertavam sobre o ventre, deixando apenas a cabeça exposta sustetando os dois torpedos azuis dos seus olhos, que não perdiam nenhum movimento.

A criatura mostrou-lhe as palmas abertas das mãos, que se afiguraram a Derek como garras monstruosas. Cinco dedos em cada. Dez bisturis assassinos. Derek começou a berrar sem parar.

— Vai embora! Saia daqui! *SOCORRO!!* Tem alguém aí fora??

A criatura aproximou-se, e então o humano conseguiu coordenar suas forças de novo e tentou esmurrá-la, dando socos no ar sem no entanto deixar o canto onde se entocara. O animal repetia aquele estranho murmurar, abanando as mãos, mas acabou levando um chute no braço.

— *SOCORRO*!! Passa, monstro! Pelo amor de Deus, não tem *ninguém* aqui para me ajudar?!

Seu chute pareceu ter algum resultado; a criatura ganiu baixinho e ficou um pouco enraivecida. No entanto, ao invés de lançar-se de uma vez sobre o humano, sentou-se novamente na cadeira e ficou olhando para a parede, enquanto Derek se esgoelava. E, de súbito, ergueu-se novamente — outro espasmo! — , e abandonou a sala deixando a porta aberta!

Derek estava totalmente perplexo. Deixou correrem nada menos que vinte minutos antes de ousar se mexer de novo. Desvencilhou-se dos lençóis e reparou então que estava vestido com uma espécie de túnica azul de hospital, um pouco mais escura que a armação da cama.

Isso era demais! Onde estava? Pensou, delirando, no seu uniforme. E porque fazia tanto frio? Tentou proteger a cabeça contra um ventinho.

— Meu cabelo! Meu cabelo! O que aconteceu com o meu cabelo??

Estava completamente careca, e reparou logo que seus cílios e sobrancelhas já não existiam mais. Por um segundo, um segundo apenas, esqueceu de patrulhar aquela porta aberta e tentou sair de dentro daquela túnica maldita. Como não descobrisse como funcionava o cinto, acabou rasgando-a de vez, e se machucando.

Viu, então, seu corpo todo coberto de quadradinhos amarelos, e cabalmente depilado; estava liso como um sapo.

Derek quase chorava de desamparo e terror.

— Meu cabelo! O que é isso?! O que está acontecendo?!

Caminhava de cá para lá no quarto quase vazio. Esbarrou várias vezes na cama e na mesinha. Tentou se vestir com os trapos da sua túnica, mas tinha que ficar segurando uma parte para que não ficasse nu. Isso só lhe deixava com uma das mãos livres para tentar se defender daquela criatura, caso ela voltasse.

Estava completamente confuso. Amedrontado e envergonhado e ridículo e rebaixado. E se tudo aquilo fosse alguma brincadeira?

Chegando perto da janela, viu com alguma surpresa que ela se abria para uma floresta com árvores altas, de folhas arroxeadas e curiosas flores gigantescas, como grandes chapéus de palha espetados nos ramos.

Apesar do quarto estar no andar térreo, o jovem não se sentiu tentado a pular a janela e sair correndo. Não haveria outros bichos soltos ali fora também? Ou, pior ainda, não haveria alguém que o visse?

Derek sentia-se enlouquecer. Não parava de alisar a cabeça, tentando descobrir algum fio sobrevivente. Vez por outra tinha que coçar a perna e as costas — e lá se ia sua túnica. Pela primeira vez, então, pensou em aproximar-se da porta por onde o animal saíra andando. Do meio do quarto, esticando bem o pescoço, podia ver que ela dava para um corredor e uma outra sala, iluminada. Mas tudo em silêncio. Nem os seus passos faziam ruído. Aliás, ele estava descalço. E, para complicar ainda mais, sentia uma necessidade cada vez mais premente de encontrar um banheiro.

Quando estava a dois passos da porta, ouviu como que umas vozes e estacou. Reconheceu os grunhidos roucos do animal que o rondara, e o som de uns tapas. Não se via ninguém, contudo, e o suspense só fazia piorar o nervosismo de Derek.

O que estava acontecendo? Eram tantas e tão variadas as hipóteses de alucinação, e tão absurda a realidade, desde que acordara naquela mata, que seu pobre cérebro já queria desistir de assimilá-las. Derek sentia uma espécie de entorpecimento provocado pelo medo, que permitia que este se esbaldasse, até o ponto de pensar em se atirar de vez naquele corredor da morte. Apertava com força a túnica e com força mordia os lábios, e quanto mais tempo se passava sem que nada mudasse ou acontecesse, mais a tortura da incerteza o assolava. Ofegava.

Então não conseguiu se conter mais e caiu prostrado no chão, chorando e berrando como uma criancinha.

— Me deixem em paz! Me deixem em *PAZ*!!

As vozes se interromperam. Meia hora, quarenta minutos talvez se passaram nessa expectativa que, por bem ou mal, deram ao jovem um tempo para se acalmar um pouquinho e refletir.

Ergueu-se do chão e deu os dois passos que faltavam para chegar na porta do quarto. Trêmulo, espiou o corredor. Não parecia haver ninguém.

— Tem alguém aí? — sussurrou.

Nenhuma resposta. Por nada do mundo agora ele daria um passo naquele corredor. Voltou-se para a janela assustado, lembrando-se de que podia ser atacado pelas costas. Permaneceu atônito, contemplando o farfalhar distante das copas das árvores.

O que era tudo aquilo? Parecia um quarto de hospital, com uma lâmpada branca, paredes brancas e a tal cadeira-berço-cama no meio. Mas onde já se viu um hospital no meio de um bosque?

Uma luzinha brilhou na sua mente. Recordou-se de toda a história da Índia. Seria aquilo uma missão no meio da selva? Mas, como tudo era absurdo! Como é que eles deixavam animais ferozes perambulando *dentro* do hospital?

Caiu das suas reflexões quando percebeu, com o rabo do olho, que um vulto surgira no corredor. Era a tal criatura novamente.

Derek deu dois saltos e alcançou a beira da janela, com o coração na garganta.

— *Sai daqui!! Sai daqui!!*

A criatura parou na porta do quarto. Derek viu que ela carregava algo nas mãos, e que não olhava para ele. A bem da verdade, estava murmurando alguma coisa e ficava encarando o chão. Repetia e repetia uma arenga ininteligível, com a voz calma de uma babá ao ninar uma criança.

O monstrengo não parecia muito forte, se bem que o que preocupava mais a Derek eram os dentes, que ainda não vira, e as garras afiadas. Mas pensou que valia a pena o risco: aprumou-se e

preparou-se para saltar-lhe em cima e cobrir-lhe de pancadas. Seus punhos agora eram sua única forma de defesa.

Então, sem pensar em outra coisa, Derek urrou, correu e atirou-se obre a criatura, fazendo-a derrubar o prato que estava segurando. O monstro assustou-se, soltou um ganido estranho, como o de um animal machucado, mas conseguiu esquivar-se. No vôo, Derek tentou alcançar-lhe o pescoço, mas errou, e foi-se porta afora. Teria até conseguido apoiar-se na parede do corredor, além da porta, se não tivesse tropeçado num objeto enorme que ia penetrando no quarto também.

Derek e Toba caíram abraçados no chão.

— Toba?!?

O cachorro levantou-se e ficou um segundo contemplando aquela estranha cabeça luzidia. Mas convenceu-se que o cheiro dela era conhecido, e de orelhas baixas tentava lambê-la.

Mas Derek não estava para amenidades.

— *Toba! Pega! Mata! Mata! Mata esse filho da p...*

Este, no entanto, entrara no quarto para pegar o prato. O chão se emporcalhara com alguma coisa vermelha e verde. A criatura se ajoelhou e tentava limpar o chão com as mãos, ainda sem olhar para o jovem.

Derek hesitou por um segundo. Voltava à carga? Açulava Toba (que não parecia nem um pouco disposto a brigar)? Saía correndo corredor afora e procurava o dono daquele animal?

Esta última opção, porém, acabava de tornar-se inviável. Derek olhou para o lado e notou que havia um outro monstrengo semelhante ao que limpava o chão, de túnica vermelha, com um bastão metálico vagamente familiar na mão. Ele encarava Derek fixamente, talvez mais surpreso com Derek do que este com ele.

Derek viu-se acuado; na extremidade oposta do corredor havia uma cortina entreaberta, que ocultava uma área escura qualquer. E apenas mais uma ou duas portas laterais, fechadas.

Sem esperar novas iniciativas de Derek, o estranho estendeu-lhe o objeto que carregava, mastigando sem parar uma frase ininteligível. Derek viu que era o seu *walk-man*.

Permaneceu no chão, abobalhado, encarando a caixinha cinzenta como se nunca tivesse visto nada igual. Isso pareceu perturbar o monstro. Por fim, Derek estendeu a mão e apanhou-o. Estava com um cheiro forte de algo semelhante à creolina. Que significaria tudo aquilo?

Ligou o aparelho, e assustou-se com a música e com o sobressalto que ela produziu sobre os dois estranhos.

E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo

O bicho que estava dentro da sala pôs-se em pé, mãos e túnica manchadas de vermelho, segurando um prato cheio de uma massa gosmenta.

E, como numa revelação, Derek viu que ele lhe sorria.

Foi só então que o jovem deu-se conta que a criatura *talvez* não quisesse devorá-lo. Pelo menos imediatamente. Seriam como os gatos, que brincam com os ratos antes de destroçá-los? Sem dúvida havia algo que contribuiu para o acalmar, apesar de fazê-lo por vias totalmente inconscientes: aquele bicho, fosse lá o que fosse, andava sobre duas pernas.

A criatura estendeu novamente sua mão-pata à frente, a uma distância tal que ele teria que sair do seu acuamento para tocá-la. E isso também o deixou um pouco mais calmo, embora ainda não se decidisse a tomar outras iniciativas.

Fulminava com os olhos a criatura. Trajava uma espécie de túnica bege com vários ornamentos esquisitos bordados. Toda a parte visível do seu corpo (braços e cabeça) estava coberta por uma densa camada de pêlos curtos, prateados, e em tudo se assemelhava a um lobo que tivesse se

decidido a bancar gente. As orelhas eram triangulares e projetadas, e no focinho espetavam-se firmes vibrissas. Na boca, quando falava, Derek podia notar agora os caninos brancos, não tão salientes como seria de temer. Ao redor dos olhos, os pêlos eram mais escuros e quase formavam uma máscara, e talvez fosse justamente isso o que o impedia de terminar de acalmar-se. Trazia-lhe à memória perigos de criança e medos de animais, embora este possuísse grandes olhos negros e brilhantes que pareciam irradiar uma certa benevolência. Malgrado seu, não parecia uma fantasia.

A criatura continuava lá, parada.

— Quem é você? O quê é que você quer comigo? Deixe-me ir embora! — protestou, mas sem gritar.

Em resposta, o animal ergueu-se novamente e deu alguns passos em direção a uma outra mesinha embutida na parede, que Derek não notara. Voltou trazendo um copo de metal e estendeu-o ao humano.

Isso causou-lhe uma profunda impressão. “OK, Dek, então esse bicho anda, fala e pensa e cuida de doentes e fabrica copos. Calma! Acho que não vou conseguir agüentar”

— Isso é alguma brincadeira?? Quem é você? É o Raul? Eu te mato se for você!

Mas a falta de entendimento da criatura parecia ser genuína. Derek tomou o copo enorme que ela lhe estendia e observou seu conteúdo. Um líqüido incolor, inodoro e insípido, forte candidato a ser água. Bebeu um gole hesitante. Era mesmo.

A criatura deve ter ficado perplexa. Derek bebeu o resto da água e passou vários minutos contemplando o copo, aparentemente esquecido de tudo o resto. Depois devolveu o copo e agradeceu. Estendeu sua mão para ela e ela ofereceu a sua própria. Derek cumprimentou-a com um aperto de mãos. Depois, porém, a criatura ainda reteve a mão do humano e enlaçou seus dedos nos de Derek.

Ficaram de mãos dadas por algum tempo, com os dedos entrelaçados. O humano começou a captar alguns detalhes mais. A criatura, em pé, tinha aproximadamente sua altura, magra mas com porte atlético. Ao contrário do que sem se dar conta esperava, não exalava nenhum odor desagradável. Pelo contrário, túnica e pêlos pareciam sutil e desconhecidamente perfumados. Derek tateou seus braços, puxou-lhe a pele e o tecido da túnica e os ombros da criatura, e percebeu que ela começava a achar aquilo engraçado. Para Derek, porém, parecia ser uma experiência fundamental: não eram pessoas fantasiadas, nem imaginações absurdas. Efetivamente, agora era o próprio animal que parecia sobressaltado.

Já apertava o braço da criatura com força, como se quisesse que a compreensão da sua essência lhe fosse transmitida por osmose. Com a mão que tinha livre, Derek acariciava o tecido da ponta da manga da sua túnica, uma espécie de seda artificial bastante brilhante. Começou a rir abobado.

— Meu nome é Derek — disse, apontando para si e quase com uma lágrima de emoção.

No fundo do coração, achava que tudo aquilo fosse apenas um sonho, mas por enquanto estava excelente.

Queria perguntar-lhe tudo, tudo! Eram alienígenas? Daonde? Freqüentavam a Terra havia muito tempo? Como viviam? O que sabiam a respeito do Universo? O que sabiam a respeito de si mesmos?

— Meu nome é Derek — repetiu, batendo no peito e rindo como uma criança tonta.

“Deus do Céu, imagine só quando estiver de volta ao Neocampus! Imagine só a cara do pessoal da faculdade! Imagine só a cara do meu pai!”

— De-rek — repetiu pela terceira vez.

— *Gi-mi-so*, respondeu-lhe a criatura também com as mãos no peito.

— Gimiso. Gimiso! Um nome!

Talvez pelo estrondo dos risos, ou por algum outro sinal imperceptível, surgiram naquele pequeno quarto mais alguns membros da raça de Gimiso, por trás daquele que lhe devolvera o *walk-*

man. Agora estavam Derek e cinco daqueles seres na sala. A distinção mais óbvia entre eles eram os padrões de cor do pelame: alguns mais acinzentados, outros dourados.

Todos eles olhavam para o humano visivelmente espantados. O de túnica vermelha, um pouco mais robusto do que os demais e aparentando ser o líder, aproximou-se de Gimiso e trocaram algumas palavras. Em seguida, estendeu silenciosamente a mão para Derek.

— *Zu-tarrs*.

Derek franziu discretamente o cenho e demorou um pouco para responder.

— Zu-tarrs. Zutarrs! Muito prazer...

Com esses Zutarrs e Gimiso lado a lado, Derek atentou para um detalhe importante. Se valesse a analogia fisiológica e anatômica com um ser humano, a julgar pela protuberância do peito, Gimiso deveria ser uma fêmea. Por um breve instante sentiu o sangue cobrir-lhe a face.

Zutarrs parecia bastante impressionado, mas sua face não transmitia aquela benignidade espontânea e sorridente de Gimiso. Contemplava Derek apreensivo, mas ao mesmo tempo parecia esforçar-se sinceramente por entender seu interlocutor.

As demais apresentações foram feitas, num clima de carregado silêncio. Derek conheceu Ladon, Larrin e outra fêmea, Tilec. Apesar do gozo, o humano começou a se sentir um pouco constrangido com todos aqueles pares de olhos escuros e amendoados cavando seu corpo mal-parado. Andou um pouco pelo quarto até a janela que ficava perto da sua cama. Zutarrs acompanhou-o por trás, caminhando tão desenvoltamente como qualquer homem.

Através da janela descortinava-se uma paisagem encantadora. Aquela Cordilheira Negra estava muito mais próxima, à sua esquerda. Era possível notar vários detalhes dos blocos geométricos gigantes de pedra, e de fato um enorme bloco prismático projetava-se até a linha final das árvores, já no limite do seu campo visual à direita. Portanto, deviam estar num terreno mais elevado. Os pés das montanhas adiante estavam ocultos pelas copas das árvores, que estendiam-se por toda sua frente a se perder de vista. A floresta parecia idêntica à porção em que aterrissara com o Pégasus, embora para sua felicidade não visse mais nenhum daqueles arbustos urticantes. Estava em uma das laterais de um edifício térreo que parecia emergir da própria montanha, como outra das suas cristalizações.

Prestou atenção em detalhes menos tangíveis. O cheiro do ar denunciava a existência de um mar oculto. Como não havia ruídos de ondas, talvez estivesse longe. E aquele céu púrpura com nuvens carregadas continuava o mesmo...

Até que uma idéia explodiu na mente do jovem. Estendeu os braços para fora, espalhando-os sobre o horizonte e perguntou para Zutarrs:

— Isso... Como se chama esta terra? O que é *isto*?

Zutarrs não entendeu, porém Gimiso adiantou-se:

— *Segusii*.

— Segusi-*i*?

Sentiu-se um imbecil e começou a rir de novo. "É lógico, seu burro! Isto aqui não é a Índia... não é a Terra!". Tremeu com essa constatação, mas ainda sorria.

Onde seria aquilo?

Segusii era um mundo alienígena? Mas isso era possível? Era a pergunta que mais lhe faria pensar dentro de pouco tempo, mas que por enquanto ficava apenas como um espetinho no fundo da sua consciência. Afinal, talvez tudo aquilo fosse *mesmo* apenas um sonho...

Mas era um sonho que o deixava exultante!

Os alienígenas, por sua vez, contemplavam o alienígena com um pouco mais de recato, embora até para Derek fosse óbvio que eles também o achavam, de certa forma, uma maravilha. Mas o que mais significariam aqueles olhares infantis profundos, só eles mesmos saberiam. Toba aproximou-se e farejou o chão do quarto, onde aquela mancha caíra. Derek chamou-o, e ele atendeu. E cada um desses passos foi registrado com muita atenção pelos seres estranhos. Derek percebeu e aproveitou o ensejo para duas importantes lições.

— Toba. To-ba — repetiu algumas vezes; depois, olhando para o cachorro: Toba, aquele ali é Zutarrs, e Gimiso, e Larrin...

E em seguida:

— Homem; cachorro — repetiu, apontando alternadamente para si e para o animal.

“Espero que eles percebam *quem* é o racional aqui”, pensou.

Gimiso, que pelo jeito daria uma boa tradutora e intérprete interplanetária, captou primeiro a idéia e, com um amplo aceno sobre todos seus conterrâneos, disse:

— *Sálquie*.

III

Uma das inúmeras experiências vitais que faltava a Derek, e não a vários dos seus amigos, era a participação em um programa de intercâmbio. Do seu círculo de amizades mais próximo, todos (inclusive Raul) já haviam viajado alguma vez para praticar um idioma durante algumas férias, fosse o inglês, que era o mais freqüente, fosse o alemão ou o romeno, que Traian dominava com fluência, fosse inclusive o português, se se assumisse que o Brasil e Portugal são dois países separados pelo mesmo idioma. Este era o caso do seu colega Willi, que percorrera um tortuoso caminho via Luanda e Lisboa, antes de cair na minúscula rede de colegas de verdade de Derek, ao redor da qual deveriam girar todos os acontecimentos importantes do mundo civilizado à sua imagem e semelhança.

Por alguma dessas estranhas razões que às vezes governam as nossas ações, Derek sempre se recusou a passar pela apaixonante humilhação de cair em uma terra estrangeira, e ter que depender da boa vontade alheia para conseguir comunicar-se, passando por aquela estranha fase em que ainda não somos o que deveríamos ser e já deixamos de ser boa parte daquilo que até então éramos, tudo isso diante de uma platéia ainda desconhecida, que acompanha esse processo como o de uma borboleta saindo do casulo, ou como se tivessem entrado no nosso quarto enquanto ainda não terminamos de nos vestir. A adolescência de qualquer ato, de qualquer estado, sempre tem qualquer coisa de risível.

Contudo, entre os sálquie, Derek aprendeu a rir de si próprio. Era tão absurda a sua situação, era tão vital para sua sobrevivência o poder comunicar-se com aquelas criaturas, e eram elas tão atenciosas e intrigantes, que nenhum dos seus grandes esquemas de comportamento teve qualquer chance de se manifestar. Foram imobilizados pela impossibilidade do diálogo, deixando Derek psicologicamente nu por um bom tempo diante dos seus anfitriões. Nunca soube explicar donde lhe surgira a docilidade necessária para sobreviver naquelas primeiras semanas. Mas lhe daria graças, pois foi assim que aprendeu o vini.

Naquela noite, era a vez de Derek sentar-se e ouvir. As noites no acampamento dos sálquie rendiam bastante, pois eles dormiam habitualmente bem menos que o humano. Ele sabia já de antemão como seria sua manhã seguinte, mas agora sentia que possuía carga suficiente para passar dias em claro. Os segusianos falavam-lhe da sua terra.

Larrin Kávilik, seu coetâneo tutor e quebra-galhos filológicos, apontava para um grande mapa de parede, traçado artisticamente sobre uma espécie de papel-cartão robusto. Seu dedo oscilava entre um grande desenho em forma de “M” e um cacho dos estranhos e belos caracteres do vini. Derek, aliás, já desistira de tentar ler. Semana após semana, tentava captar a lógica interna daquelas garatujas engroladas, mas entrava em parafuso com as palavras escritas unidas a outras, em todas as direções, e, dependendo disso, tendo sentidos totalmente distintos. Contudo, aprendeu a conversar razoavelmente bem em vini depois de mês e meio. Portanto, podia orgulhar-se agora de ser o primeiro analfabeto do planeta.

Larrin já não precisava falar tão devagar na sua língua curiosíssima, gutural, que apelava para todas as flexões possíveis da garganta, mas que sabia empregar muito bem a melodia das vogais. Em alguns momentos, parecia um rosnado. Por exemplo, tudo o que Derek transcrevia simplesmente como “rr” eram, na verdade, pelo menos uma dúzia de sons diferentes.

— Bem, Dek, estamos exatamente nesta porção de terra. É o Continente do Sudeste... aqui. Tarrajcalo é o nome desta parte da floresta, daqui até aqui (e apontou para um nome pendurado ao lado), e perde-se de vista na direção norte-sul. Estas montanhas onde estamos separam a floresta do mar, deixando uma pequena faixa litorânea...

— Calma, calma! — interrompeu Derek, cujas anotações estavam ainda no Continente do Sudeste — Como é o nome da floresta mesmo?

— Tarrajcalo. Significa “Floresta da Desolação”, embora usemos o nome também para designar a faixa costeira...

— *... da Desolação* — repetiu Derek em voz alta, comandando uma interrupção com a mão livre.

Gimiso, a sálquile jovem, talvez da mesma idade que Larrin, estava sentada ao lado de Derek, observando aqueles estranhos caracteres preenchendo rapidamente o papel, sempre da esquerda para a direita, sempre de cima para baixo, como um vazamento horizontal de tinta a tomar conta de uma superfície branca.

— Cuidado, Dek! — disse ela — Seu cotovelo vai perder o apoio.

Derek chegou heroicamente ao final da última linha da página, apoiando-se apenas no punho.

— Você escreve rápido, Dek — disse ela —. São letras tão curiosas! Elas vão mudando de forma do começo para o final da página. Olhe como vão ficando mais compridas!

Derek leu a última linha. O engraçado seria conseguir entender aqueles garranchos depois.

— Dek, você não precisa se preocupar em anotar isso — disse-lhe Zutarrs, que estava sentado numa grande poltrona, num canto da enorme sala de estar do acampamento — Esse mapa será seu.

Derek arregalou os olhos.

— Sério?? Puxa, muito obrigado — mas lembrou-se de algo — Mas, bem... não vai adiantar nada se eu não souber a quais nomes em vini correspondem cada coisa no mapa.

— Mas você consegue, Dek! Vamos, deixe isto comigo e leia direto no mapa. Os nomes são simples; você certamente conseguirá ler! Vamos! Larrin se sentirá inútil se, depois de tanto tempo, você não conseguir ler nada.

— Não, não, eu... mas, mas... bem, bem, tudo bem, vamos lá! — concordou Derek, enquanto a sálquile delicadamente lhe arrancava as anotações da mão. O humano aproximou-se do mapa e espremeu, com uma careta, toda a ortografia vini que existia no seu cérebro.

— Bom, vejamos... vamos tentar. Então, vocês saíram *daqui*. Esta ilha... este "M" se chama... ahnn,... Vantimiso. *Da Cabeça do Hipocampo até as praias de Lúferr, serás Vantimiso!* Certo?

— Exato. — disse Larrin, sorrindo.

— É; eu me lembro desta cobrinha aqui... e desta outra nuvenzinha... é a “terra formosa”.

— Perfeito! — exclamou Gimiso — Viu como você é capaz?

Derek sorriu orgulhoso.

— Ontem você me disse que toda esta terra *aqui* é o Continente do Sudeste... e exatamente *aqui* (apontou para um país no centro do continente) é a terra natal da *áquile* Tilec.

— Sim, Dek. E o que está escrito aí?

Derek estacou. Tentou puxar todos os fios de todos os neurônios; tentou puxar aquele desenho de palavra por todas as pontas. Aquilo começava com *da*. Era isso! Ou não? Agora parecia também um *ta* ou um *va*. E agora?? Aquela cobrinha em cima do *da* (ou *ta*, ou *va*) estava atrapalhando!

— Da... Da... eu acho que... — ah! Aqui é *bu*. Da-bu-alguma coisa. Da-bu... Da-bu... Bu-da — ops! — e agitou os braços: — Ah, droga! Desisto!

— Você está lendo ao contrário, Dek — disse-lhe, sorrindo, a doutora Tilec — Mas estava indo bem. Lê-se Adrrub.

— Oh, é lógico! Claro! — Derek batia na testa — Adrrub! Que significa, como todo mundo sabe,... significa...

— Esse é um nome *querrcna*, Dek. Quase todos esses países do Sudeste foram rebatizados pelos liagávie. Adrrub significa “lagos”.

— Ah, bem, essa eu não ia acertar nunca. Agora, puxa vida! Vocês viajaram muito! Por que esta floresta é tão importante para vocês? É só aqui que se encontra a *lechi*?

Durante sua permanência com aquele pequeno grupo isolado de sálquie de Vantimiso, Derek pôde notar que eles iam e vinham da floresta todos os dias, dirigindo um curioso veículo, a *ru-*

zak, que servia para transporte e coleta automáticos da planta que se desejasse. De fato, até acompanhara algumas dessas curtas viagens, principalmente com o comandante Zutarrs, sempre encapotado da cabeça aos pés com um traje de alguma membrana plástica desconhecida. Derek rapidamente percebeu que os sálquie nada mais faziam do que coletar, dia após dia, quilos e quilos daquele desagradável cipó azulado que lhe produzira tantas urticações — a *lechi*, segundo lhe contaram. Era interessante verificar como que a *ruzak*, sem nenhum piloto, parava ao pé da árvore certa, projetava duas enormes patas de caranguejo para cima, e com elas raspava sistematicamente o tronco, como que o barbeando, e o cordame emaranhado de folhas de *lechi* que caía era recolhido por uma cesta móvel. Essa, de tempos em tempos, transferia o material para caixas térmicas dentro da carenagem do veículo. Depois de limpar uma árvore, a *ruzak* dirigia-se silenciosamente para outra. Quando sua capacidade era atingida, as lâminas gigantes esticavam-se e eram lavadas com um jato de água quente com detergente que jorrava da base do veículo. Depois, elas recolhiam-se e o veículo voltava para seu piloto sálqui, que normalmente acompanhava tudo isso de longe — de *muito* longe, segundo Derek; a uma centena de metros de distância.

Ora bem, numa dessas ocasiões fazia calor, e Derek começou a se sentir incomodado sob o seu traje de membrana, e tirou as luvas e o capuz. Quando Zutarrs foi falar-lhe alguma coisa e o viu assim desprotegido, agarrou-lhe firmemente as mãos com uma expresão de espanto e ordenou-lhe por centenas de gestos que voltasse a fechar o traje. Derek obedeceu assustado. No caminho de volta, pela trilha que bordejava o riacho Anesca, que corria das montanhas para o mar, num dado momento o comandante parou para que retirassem a proteção e pudessem estar mais à vontade. Calmo como sempre, explicou a Derek que aquela tal de *lechi*, que aparentemente só lhe produzia coceiras, era letal para os sálquie.

A *ruzak* comportava duas, no máximo três pessoas. Os sálquie sempre iam aos pares, porque em caso de qualquer emergência ou acidente, um poderia ajudar o outro, ou buscar ajuda. O parceiro de Zutarrs era habitualmente Ladon, o tecnólogo, e algumas vezes Larrin. Mas este passava a maior parte do tempo assistindo a doutora Tilec num dos laboratórios improvisados do acampamento.

Os dois sálquie que coletavam a *lechi* do dia eram os responsáveis também por lavar meticulosamente a *ruzak* e o exterior das caixas — com muito mais água quente e muito mais detergente. Deviam depois introduzir essas pesadas caixas num dos depósitos, para que pudessem ser manipulados do laboratório de Tilec através de luvas grossas enfiadas dentro de uma grossa parede de vidro. As caixas com as folhas e ramos de *lechi* pareciam-se então com bebês dentro de uma incubadora.

Tilec e Larrin passavam horas e horas num tedioso processo de lavagem das folhas e extração da toxina, produzindo centenas de garrafinhas de líquido de uma bela cor dourada, que eram finalmente transferidos para os depósitos refrigerados que Gimiso e Ladon se encarregavam de manter funcionando. O cuidado com que tocavam nessas garrafas beirava a veneração. Gimiso tinha também um não pequeno trabalho mantendo o gerador funcionando em tempo integral naqueles ermos de Tarrajcalo, sem energia elétrica ou peças de reposição. Tudo isso porque o extrato de *lechi*, depois de isolado, estragava-se rapidamente com o calor.

E não levou muito tempo para que Derek fosse acolhido pelos seus anfitriões, inclusive no que à capacidade de trabalho dizia respeito. Dava-se melhor ajudando o sálqui de turno de coleta, pois não queria aborrecer Larrin e Tilec oferecendo-se para ajudar nos laboratórios (até lhe explicarem como funcionavam todos aqueles bizarros aparelhos, poderiam passar-se horas ou dias do seu precioso tempo). Mas morria de vontade de fazê-lo!

Entretanto, o humano era sempre delicada mas decididamente afastado pelos sálquie da toxina purificada. Com o tempo, Derek percebeu que não era a desconfiança que os levava a agir dessa forma, antes receavam apenas que, por incúria, se acidentasse com uma daquelas garrafinhas, ainda mais que não sabiam precisamente até que ponto Derek era imune aos seus efeitos.

Tudo isso, Derek já sabia. Mas ainda não compreendia o pano de fundo, por assim dizer. A-final de contas, o que era, exatamente, aquela cabana de Projeto Rondon extraterrestre?

— Por enquanto, Dek, o melhor processo que temos de produzir o antídoto para a toxina utiliza a própria *lechi* como matéria-prima. Como as plantas não sobrevivem em climas frios como os de Vantimiso, viemos aqui periodicamente para coletá-la e purificá-la. — disse-lhe Zutarrs.

— Entendo. Faz sentido. Uma espécie de vacina, ou algo parecido, eu suponho. Mas aqui vocês estão isolados *demais*, não? Tão longe de qualquer ajuda, para o caso de algum problema.

Zutarrs sorriu.

— Tão *secreto* demais, talvez, Dek?

— É, é isso. É exatamente isso. Dá a impressão de que vocês estão se escondendo de alguém aqui. Lá na praia, outro dia, vi que é praticamente impossível algum barco aportar. Há recifes e escolhos para todos os lados. Por que, eu me perguntava, por que foram decidir parar exatamente a-qui?

Os sálquie observavam seu líder atentamente. Derek notou. Teria cometido alguma gafe?

— Você é um ótimo observador, Dek. Na verdade, estamos neste país sem o conhecimento ou o consentimento das autoridades da Potestade Liagávi. Mais ainda, eu diria que seríamos mortos imediatamente caso fôssemos descobertos.

Zutarrs *sempre* falava tranqüilo. Mas parecia ter querido dizer o que disse mesmo. Todos estavam meio cabisbaixos, ninguém olhava Derek nos olhos. Só as brilhantes portas negras da alma do comandante encaravam o humano, emolduradas por um sorriso forte. Parecia o pai explicando finalmente ao filho algum segredo trágico da história da família.

É. Era sério. Derek engoliu em seco.

— Não brinca!

E foi então que Derek ouviu pela primeira vez a história de uma guerra naquele mundo tão bucólico. Guerra que povoaria muitos dos seus mais íntimos sonhos de aventuras.

Zutarrs olhava-o serenamente. A aula parecia ter acabado. Mas Gimiso então tocou num tema que a perturbava desde o jantar.

— Dek, conte-nos como foi a viagem até o seu veículo com Larrin, hoje.

— Mas e o resto da aula? — Derek inquiria Larrin com o olhar.

— Não, isso fica para amanhã — retrucou a sálquile mais rápido que a resposta de Larrin — Vi tantos objetos curiosos que vocês trouxeram. Por favor, explique-nos o que é tudo isso.

Derek virou-se para o canto da sala que Gimiso apontava.

— Tudo bem. Se Larrin não se incomodar...

— Oh, por favor, prossiga.

A proposta de Gimiso de fato acertou Derek em cheio: estava louco de vontade de falar de si e da Terra para aquela platéia que lhe oferecia atenção irrestrita, ilimitada e educada. O sonho dourado de qualquer aluno que tem que apresentar um seminário.

Mas decidiu prolongar um pouco o seu deleite.

— Vou explicar tudo com o maior prazer. Mas acho que seria mais interessante, antes de tudo, que Larrin contasse como é que *ele* viu o processo todo. Como é que alguém com os seus olhos encararia o Pégasus, quero dizer.

— Boa idéia! — animou-se Gimiso.

Era o Festival de Gentilezas do Circo Derek Alexandersson, onde sorridentes palhaços pseudo-fleumáticos surgiam saltitantes nos momentos mais inúteis para o espetáculo. Desta vez, porém, realmente acertou: Larrin tinha uma série de impressões que queria ventilar entre os seus.

— Muito obrigado, Dek — todos formaram um círculo ao redor de Larrin com suas cadeiras. A noção de lugares fixos para assento na *ras idojdi*, a sala de estar, simplesmente não existia

para os sálquie. A meia luz amarelada e quente das lâmpadas de canto aconchegava a conversa como um cobertor familiar que os protegia da noite fria, lá fora.

— Dek e eu fomos até o quinto ponto de coleta, logo pela manhã. Dali tivemos que presseguir a pé; há uma trilha estreita que sobe a colina onde ele e Toba foram encontrados. Levamos algum tempo para encontrar a picada que Dek abriu no meio do bosque. A única referência era uma pequena colina que mais ou menos se entrevia pelas árvores. Depois que chegamos até ela, dali em diante tudo foi mais fácil. Toda a ida levou pouco mais de uma hora.

"Numa das zonas mais infestadas de *lechi* que eu já vi em Tarrajcalo, encontramos finalmente Pégasus, o veículo de Dek. Parecia bastante deformado, mas se assemelharia talvez aos vagões que os Boitdárraf mantêm para as viagens às tribos do noroeste — *aca* Zutarrs e *áquile* Tilec talvez se recordem. O Pégasus é cilíndrico, menor, com menos janelas. Dentro, há apenas dois lugares para os condutores. *Aca* Ladon se interessaria muito em observar alguns dispositivos que ainda funcionavam, como um relógio, uma trava de porta...

— Talvez também o motor, se eu soubesse como ligá-lo — acrescentou Derek.

— Dek mostrou-me também, brevemente, a proa do Pégasus, na parte de fora da fuselagem, mas eu confesso que ainda não entendi do que se tratava.

— Aquilo é (ou melhor, *era*) o gerador porta. É graças a ele que eu vim parar aqui. Ele forma uma porta eletrônica entre dois pontos do espaço e te permite... não, espere, precisa antes de um contato, e depois... como é que era? Bem, ora bolas! Depois eu explico isso. Vai quebrar o clima mágico! Continue, Larrin, por favor.

— O que havia dentro do Pégaus? — perguntou Gimiso.

— Uma série de objetos estranhos, numa desordem incrível. Havia galhos de árvores projetando-se pela janela adentro. Muitas pontas de metal expostas; admito que receei muito que o traje de Dek se rasgasse. E uma série de pequenos discos e livros e aquelas máquinas curiosas... ali. Trouxemos apenas o que coube nas nossas mochilas, mas ainda restou muita coisa.

Derek tomou aquilo como a sua deixa.

— Entretanto, o que trouxemos já é suficiente para uma boa explicação!

Apanhou um aparelho de som portátil, todo animado como a criancinha na sua festa de anos, deu graças aos céus inteiros por ainda estar com as baterias carregadas, e vasculhou a pilha de material didático, de cd's, de livros... Estes, embora não chegassem a cumprir sua função original de assistência social internacional, ao menos poderiam orgulhar-se de serem as primeiras cartilhas utilizadas por alienígenas.

Derek aspirou fundo o perfume dos bosques glaciais de Vantimiso que permeava o ambiente da sala, e ligou o aparelho de som no meio do círculo de olhos amendoados. "Primeiro, o ambiente!", disse. Uma música começou, baixinho, baixinho, vindo devagar, ocupando aos poucos todo o espaço, como um carinho da pessoa amada.

Derek poderia descansar. O efeito perplexificante não poderia ter sido mais intenso. Gimiso era a melhor porta-voz da admiração dos seus.

— *Issa manimisactla!*[*] Dek!... o que é isso??

— Isso é música da Terra.

A melodia, crescendo e crescendo, começava também agora a dar reviravoltas no ar, dançando com o perfume da sala.

— Chama-se *Canon*. É uma das minhas preferidas... para os momentos de relaxamento laborioso, eu diria.

Derek fechou os olhos. Acompanhava com as mãos o sonido dos violinos invisíveis.

— Você a sabe de cor! — notou Gimiso.

Após alguns minutos, fundamentais para preparar o clima espiritual acadêmico de século dezenove, Derek trouxe para perto de si um outro estranho objeto, esférico, colorido e giratório.

— Isto, é a Terra...

---

[*] "Fulgor estelar", um dos mais devotos títulos de Elpa entre as tribos da Ilha (NA).

E foi assim, dia após dia, através de todos os sentidos e de todo o coração, num lento labor de crescimento orgânico, que os sálquie em Tarrajcalo conheceram a Terra. Primeiro Larrin, e logo depois Gimiso, mais intensamente por conviverem mais com Derek. Mas, no final, Zutarrs, Tilec e Ladon também não ficavam indiferentes ao fascínio daquele estranho ser humano de olhar instigador, arauto de uma civilização distante e imperfeita, como eram seus próprios sentimentos, e, também como esses mesmos sentimentos, chamada a algo de grande, de imorredouro, que se lia nas entrelinhas azuis dos seus olhos.

E com a cultura, uma língua. Todos os sálquie, uns mais e outros menos, guardaram suas pétalas incultas e belas da última flor do Lácio.

IV

Derek e Larrin aproveitaram o descanso do nono dia para uma caminhada até o litoral. Apesar da distância relativamente curta (um ou dois quilômetros), tanto o desnível do terreno como a azáfama do dia a dia limitavam bastante o já de per si inofensivo sentido aventureiro do humano.

E agora, diante de si, percebia que as suas intuições nem sempre eram as mais equivocadas, afinal! A trilha que descia do acampamento era estreita e escorregadia, tornada lamacenta diariamente pelas fortes pancadas de chuva dos finais de tarde. Há questão de algumas semanas, o tempo parecia ter se firmado, mas o solo argiloso negro ainda conservava umidade suficiente para exigir uma atenção redobrada do caminhante. As grandes *tirra*, árvores de copa avermelhada luxuriante, ladeavam a trilha e a conservavam em sombras perpétuas, interrompidas apenas naqueles raros trechos em que algum dos blocos desgarrados da montanha principal vinha buscar seu quinhão de luz.

Apoiando com cautela os pés a cada passo, garantindo o equilíbrio para o próximo, agarrando-se a galhos e cipós, Derek se perguntava como é que os sálquie conseguiram transportar todo o material para construção do acampamento por tão ínvio trajeto. Apenas Toba parecia não ter problemas; ia e voltava e tentava animar seus companheiros com latidos alegres e curtos "*Au!*", como se Derek e Larrin fossem suas ovelhas que ele levava do aprisco para um banho de sol.

Pior do que o próprio barro, era pisar numa das grandes flores mortas das *tírrile*: a derrapagem parecia ainda mais inevitável. Eram folhas curiosíssimas, grandes como guarda-chuvas, com pétalas duras e cinzentas. Tinham uma espécie de miolo macio, com cheiro de raízes. Certa vez, Derek viu numa feira uma flor de alcachofra. Nunca conseguiria conceber que pudesse existir algo ainda mais horrível no reino vegetal, e no entanto ali estavam — grandes, pesadas e desprovidas de qualquer encanto, como aliás todas as flores de Segusii, como Larrin lhe contaria depois. Um buquê de flores naquele mundo podia ser o melhor remédio para se encerrar um namoro. De fato, Derek nunca ouviu Gimiso ou Tilec falarem de flores; não seria isso que lisonjearia a feminilidade segusiana.

De si para si, Derek as chamava de sombreiros de velório.

Larrin estava ainda falando alguma coisa sobre Toba, sempre com seu tom de ingenuidade curiosa e alegre, mas Derek não prestou atenção.

— Larrin, como é que vocês subiram... *isto* — ops! — com todo aquele equipamento nas costas?

— Bem, na verdade eu não estava presente na instalação do acampamento. Mas *aca* Zutarrs disse-me que os barcos lançaram as esteiras mais para cima, na foz do Anesca.

— Espere aí! Está me dizendo que existe *outro* caminho?

— Sim, mas apenas para os barcos, Dek. As margens do Anesca não são transitáveis, e de qualquer forma este é o caminho mais curto. Estamos indo muito bem... não tanto quanto Toba, mas logo estaremos em terreno plano.

— Ufa! Seria mais fácil se tivessem vindo de helicóptero. Vocês têm helicópteros aqui?

— O que é isso?

— São uns... veículos de transporte pelo ar. Eles fazem assim... *tchu-tchu-tchu-tchu-tchu-tchu-tchu-tchu*.

Uma pedrinha na mão de Derek bancava o helicóptero, e seu indicador direito girando era a hélice.

— Transporte pelo ar?

— É, eles... flutuam... não, não é bem isso. Como é que se diz... é, eu me esqueci. Como é que se diz *voar*?

Larrin não entendeu. Derek começou a bater os braços.

—Voar. É fazer assim, assim, *flop, flop, flop*..., como... como... Diacho! Como é que se diz *pássaro*?

— *Pássado*?

O "r" entre duas vogais era uma aventura irrealizável para o músculo da língua dos sálquie. Foi até por isso, por estranhar ser chamado sempre de *Dedek*, que Derek insistiu que lhe chamassem pela forma reduzida familiar.

— Sim. Pássaros... aves. *Aves* são animais que *voam*. *Flop, flop, flop*...

Larrin o observava meio aparvalhado. Ele já conhecia um pouco do humano para saber que, às vezes, no meio da conversa mais séria, ele tergiversava de tal forma que conseguia transformar o assunto que fosse em sátira, cujo sentido ele próprio, Larrin, era sempre um dos últimos a perceber, assim como Zutarrs ou Gimiso o captavam com mais facilidade. Desvios na reta ordem das idéias o deixavam desarmado. Mas aquilo parecia ser sério.

Derek, por sua vez, também conhecia um pouco de Larrin; o suficiente para perceber que aquele rosto era o das impossibilidades metafísicas de comunicação. Teria que apelar para os exemplinhos.

Mas o lugar certamente não era o mais adequado. No seu último bater de asas, o condor humano escorregou, caiu sentado e deslizou ladeira abaixo, como num tobogã de lama, antes que Larrin tivesse tempo de segurá-lo. Toba, dez metros à frente, deu-lhe passagem, e ele só conseguiu parar quando estatelou-se contra um tronco podre.

— Dek!! Dek! Você está ferido?

— Aaaai.... só o meu orgulho...

O sálqui ajudou-o a se levantar.

— Viu só? Se eu fosse um pássaro, isto nunca teria acontecido. Eu estaria no céu, e em dois tempos já teria chegado à praia são e salvo...

— Você está bem?

Derek conferiu a túnica e as pernas. Por baixo da cobertura de lama, tudo estava intacto. Limpou os respingos de barro dos óculos, limpou a mochila e depois a túnica com as mãos lambuzadas.

— Estou ótimo... ai! Não, não, tranqüilo, estou bem. Vamos?

E finalmente avistaram o mar, do alto da pequena atalaia natural formada pelo rochedo. Larrin sentou-se, embevecido, como costumava fazer sempre que descia à praia.

— Ali — e apontou uma curva na linha da areia, coalhada de árvores e recifes — foi onde desembarcamos, onde tivemos o último contato com os nossos conterrâneos.

O que Derek só saberia depois era que seu companheiro sálqui tinha verdadeira paixão pelo mar. Admirava-o como um mundo silencioso, outro planeta dentro do seu próprio, alheio a todas as vicissitudes que perturbavam o exíguo império da superfície. Larrin costumava escrever poesias curtas para o oceano e a Ilha, quando jovem em Arrfinan, e pendurava-as em pequenos mastros para que os ventos e as ondas o apresentassem a todo o *Dama*, algo como "Reino das Águas". Derek lembrou-se de ter lido certa vez que os russos teciam ladainhas à sua pátria; agora via uma espécie de materialização alienígena dessa devoção à própria terra.

Águas em Arrfinan
Águas em Salúquin, Meridiano da Formosura;
Tudo conhecem e todos os desígnios querem.
Nobres, sábias e fortes,
Acolham e espalhem minha disposição,
Como exemplar criatura que sois,
Desejadas por Elpa, o Primeiro.

Ali, no rochedo, ambos coincidiam em estado de espírito. Derek fixava a imagem das ilhotas contra o sempre bizarro manto celeste. Fazia com que a água ficasse mais escura, mais encarnada, como um enorme ser vivo que não possuísse pele.

Teriam perdido o dia ali hipnotizado, não fosse o alerta do relógio de Derek.

— Continuamos?

— Há muito tempo que vocês estão aqui? — perguntou Derek, no meio da última parte da trilha. Já pisavam em areia, uma areia grossa e avermelhada.

— Não muito, Dek, mas o suficiente para deixar saudades.

— Ah, sim?

— Sim. Tarrajcalo não faz amigos facilmente. É difícil ter que se contentar apenas com os sonhos da nossa própria terra.

— Caramba! Que poético!

— Como?

— Digo, às vezes você fala de uma forma meio diferente da dos outros do acampamento. Meio floreado, eu diria.

Larrin sorriu, encabulado.

— Não penso que haja algum merecimento nisso, Dek. Apenas sou filho do meu pai, e acho que isso explica muita coisa.

— Como assim?

— Meu pai é escritor em Vantimiso, e...

— Arrá!! Filho de peixe, peixinho é.

Larrin riu.

— Que significa isso?

— Exatamente o que você entendeu. Pai poeta, filho poeta! Se bem que, no meu caso, isso não funcionou direito. Meu pai é engenheiro, e eu odeio engenhocas...

— Muito sábio esse provérbio, Dek. No meu caso, aplica-se perfeitamente em todos os sentidos. Porque minha mãe é pescadora.

— Sério? Que gozado; um pai poeta e uma mãe pescadora. E como é que você veio parar aqui?

Larrin suspirou.

— Bem, é uma história simples. Desde quando eu era jovem, freqüentava as aulas na residência de um renomado cientista do norte da Ilha que por aqueles *leie* vivia em Arrfinan, aca Lagivos. Dentre as várias opções que ele nos oferecia, interessei-me por uma muito comum na minha tribo. Tinha um sonho infantil de ser como um *ussu*, e por isso sentia-me mais à vontade nas aulas de Transformações. Aca Lagivos é um grande amigo de aca Zutarrs, e certa vez me ofereceu a oportunidade de mudar-me para Salúquin.

— Foi então sua grande chance.

— Sim. Nunca estivera na Eterna Capital de Vantimiso antes. Que vista fenomenal, às portas da cidade! Dek, Salúquin é tão bela!... espero que um dia você tenha a chance de conhecê-la. Sentia-me bastante perdido, no começo, mas aca Zutarrs e sua equipe me receberam muito bem. Algum tempo depois, fomos designados para esta missão em Tarrajcalo.

— Que legal. Suponho que sua família tenha sentido sua falta.

— Víamo-nos freqüentemente. É certo, bem mais do que agora.

— Você tem irmãos?

— Sim. Sou o mais velho de sete.

— Você tem *seis* irmãos?? — perguntou Derek, boquiaberto.

— Sim; isso o deixa surpreso?

— Bastante! Eu não tenho nenhum.

O sálqui olhou-o longamente.

— Nenhum?

— Nenhum.

— E isso... isso é uma característica, digamos, do seu povo?

Derek riu à vontade.

— Oh, não, não! Acho que foi apenas uma questão de preferência dos meus pais... — e emendou, sério, de repente — ... e de tempo.

Larrin tinha uma dúvida, mas esperou alguns passos.

— Que faz a sua mãe, Dek?

O humano botou imediatamente um sorriso de plástico no rosto, que guardava para ocasiões como essa.

— Minha mãe morreu quando eu nasci. Ela era engenheira.

— Oh, eu sinto muito, Dek!

— Pelo fato dela ser engenheira?

— Oh, não, não, naturalmente que não. Estava me referindo...

— Estou brincando! Eu entendi o que você quis dizer.

Andaram mais um pouco. O ruído do mar era claro agora. Toba estava muito animado.

— Então, sua mãe é pescadora! — disse Derek, para quebrar o gelo — Como é o trabalho dela?

— Oh, ela chefia a comunidade de pescadores de Arrfinan, e especificamente a produção de *dlóquie*.

— Dlóquie? O que é isso?

— São blocos de construção fabricados a partir do resíduo do processamento de peixes. Têm fama de ser mais versáteis do que os tijolos de pedra comuns. Fornecemos inclusive para Salúquin.

— Tijolos de restos de peixe? Uhmm... e não cheiram mal?

— Não, não. É um material muito bom.

Derek sorriu.

— Depois, — prosseguiu o sálqui — as mulheres da nossa tribo promovem grandes festas no encerramento da estação de pesca (ou seja, logo antes do início da produção de dlóquie), e freqüentemente as reuniões eram na minha casa. Foi assim que minhas três irmãs aprenderam a *rudani*.

— E o que é a rudani?

— O nome daquela dança. Não se recorda?

— Dança?... Oh, sim, sim! Aquela que Gimiso dançou anteontem.

De fato, uma dança impressionante, pensava Derek. Gimiso rodopiava e pulava, sobre um minúsculo tamborete, ao som de alguma coisa ainda não catalogável pelo jovem humano. Podia ser uma espécie de polca alienígena; lembrava-lhe um pouco a dança dos cossacos (aquela que, só de assistir, as pernas começam a doer) e um pouco uma dança folclórica que viu certa vez numa viagem à Suécia. A rudani era uma manifestação de boas-vindas aos forasteiros por parte das sálquile locais, e dançava-se com um vestido de cores berrantes, mas simpático. Era necessária muita habilidade para conseguir fazer todas aquelas piruetas sem cair do tamborete. E, no final, a dançarina (no caso, Gimiso) dava um enorme salto, parando em pé diante do recém-chegado e cumprimentava-o à moda sálqui — ou seja, entrelaçando os dedos da mão direita. Naquela noite, tanto Zutarrs como Ladon, os mais velhos do acampamento, concordaram em que sua jovem companheira havia se superado em perícia na rudani.

Chegando finalmente na praia, Toba disparou pela areia como se tivesse sido chutado.

— Que aconteceu com o Toba? — perguntou Larrin.

— Oh, ele está apenas feliz. Na praia, o dono dele costumava jogar discos para ele pegar. Pelo jeito, o Toba adorava isso.

— Quem é o dono dele?

— É o Raul, um amigo meu, que estava comigo no dia em que vim parar aqui.

— E como é isso dos discos?

— Oh, sim. Quer ver?

Derek apanhou a tampa de um pote de plástico, chamou o cão e arremessou-a com toda a força à sua esquerda. Um incrível salto acrobático, e Toba apanhou-o com facilidade.

— Viu?

— Que interessante, Dek!

— Quer tentar?

— Oh, sim!

— Tome, lance para qualquer lado... não, mais forte! Tente de novo. Isso!!

Derek deixou Larrin e Toba por um momento. O sálqui estava realmente animado.

— Você não tem animais de estimação em casa, Larrin?

— Nunca nada semelhante ao Toba viveu conosco. É um animal incrível! Dócil, cooperativo, inteligente...

— Sim. E protetor, também. Ai daquele espião que estava nos encurralando na cabine do Pégasus, se ele não estivesse armado!

— Estava para lhe dizer isto há algum tempo, Dek. Toba é uma das mais incríveis manifestações da hospitalidade de Elpa que eu já vi.

— Como? Que quer dizer?

— Que quero dizer?

— Sim. Manifestação da hospitalidade?

— Oh, hospitalidade, sim! É uma idéia de um antigo pensador do nosso povo, chamado Tarrílan. Ele se referia à natureza, com toda a sua incrível variedade, como uma manifestação de que somos bem-vindos no universo.

— Interessante.

Depois de quase vinte minutos, Larrin sentou-se um pouco, já com o braço cansado. Mas Toba veio pedir mais.

— Ei, veja! Ele gostou de você!

O cão começou a tentar lamber o rosto do sálqui, mas foi subjugado por uma deliciosa sessão de coceiras na barriga. Derek levantou-se e apanhou algo da mochila.

— Bom, meu caro, mas vamos trabalhar um pouco! Viemos aqui para mais uma aula de cultura terráquea. Hoje, você vai aprender os rudimentos da mais nobre expressão dos sentimentos humanos. A maior poesia dos movimentos! O mais sensacional rito de agradecimento às benesses recebidas dos céus.

Larrin contemplava o curioso objeto que Derek tinha nas mãos.

— O que é isso?

— É uma bola. Serve para jogarmos futebol.

— Trata-se de um ritual religioso?

— Bem, eu diria que sim. *Quase* religioso, pelo menos em alguns lugares do meu mundo. Tome, estas são as vestes rituais.

Larrin recebeu uma camisa de nylon, um calção vermelho e branco, e uma tesoura.

— Bela combinação de cores.

— Essa? Ah, sim. É da seleção do Canadá. Coitados, nunca ganham nada... mas pelo menos é bonita. Cortesia do Raul. Mas eu lavei; espero que esteja boa.

— Está perfeita, Dek. Mas para que serve a tesoura?

— A tesoura? Oh, sim... é para o caso de você querer ter, digamos, maior liberdade de movimentos. Você pode fazer uma abertura para passar a cauda.

Larrin fez uma careta de constrangimento, típica de quando Derek cometia alguma gafe importante. Aprenderia depois que, entre os sálquie, andar com a cauda exposta era tão impudico como, entre os humanos, vestir-se apenas da cintura para cima. Não usou a tesoura.

Passaram duas horas de lições. Derek ensinava todos os efeitos que se podiam imprimir ao esferóide de couro, enquanto Larrin ia pouco a pouco se acostumando com a tortura que cada chute supunha para seus pés desacostumados.

Derek sentia-se realizado como técnico. Seu colega sálqui era um aluno muito aplicado. Porém, ele encarava-o estranhamente no final.

— Que houve contigo? — perguntou o humano.

— Dek... você está se sentindo bem?

— Eu? É lógico que sim.

Larrin continuava de focinho franzido.

— Por que pergunta?

— Sua pele... veja sua pele!

Derek apalpou os braços e as pernas assustado. O que teria acontecido?

— Que tem a minha pele?

— Como? Não vê esse líquido sobre ela?

— Líquido? Que líquido... oooh, você está falando do meu *suor*?!

— Suor?

— Isto? Eu estou suando. Está um calor desgraçado hoje.

O sálqui não dizia nada.

— Por que estranha isso? Você não sua? Ei, é verdade! Olha só, rapaz! Você está sequinho!

— Esse "suor" é normal?

— Naturalmente normal, meu caro. Isso me poupa de ficar salivando como você, eu suponho.

Larrin surpreendeu-se e engoliu rápido.

— Pensa que a função da minha salivação seja a mesma que a desse seu... suor?

— Bem, talvez sim. Observe Toba. Ele também não sua.

— De fato...

— Isso te impressiona? Te incomoda?

— Oh, Dek! Por Elpa... bem, perdoe-me. Mas seu odor está *insuportável*!

Derek riu a não mais poder do desabafo.

— Desculpe-me, Dek...

— Não, não, não tem do que se desculpar! Afinal, isto tem um remédio. Uma nadada, uma ducha do Anesca, e tudo se resolve. Vamos, mais dez minutos… fique aí onde está. Vamos treinar algumas cabeçadas.

— Cabeçadas?

— Sim. Vou até ali, chuto forte, e você pula… e desvia a bola com a testa, em direção àquela pedra ali. OK?

— Acho que entendi.

Derek caminhou uns vinte passos e ajeitou a bola, já fazendo mil conjecturas sobre uma seleção de futebol formada apenas por sálquie. Veja só como Larrin estava inteiro! Para quem nunca fez aquilo na vida, até que ele estava se dando muitíssimo bem! Depois que eles aprendessem a jogar bola direito, perguntariam: seria justo permitir que eles disputassem contra uma seleção só de humanos? Porque acho que nós não teríamos chance… aliás, talvez não tivéssemos chance em *nenhum* outro esporte que envolvesse condicionamento físico, contra estes tipos!…

Derek chutou. Larrin pulou, mas o resultado foi bem diferente daquele que ambos esperavam. A bola acertou em cheio o focinho do sálqui, que caiu para trás ato contínuo.

Derek correu, meio rindo, meio desesperado.

— Larrin!! Merda! Puxa, me desculpe. Mas não era para… *ah, ah, ah, ah*… enfiar o *rosto* na frente da bola. Ei, ei, você está bem? Oh, *droga*! Sua boca está sangrando!! Venha; sente-se aqui. Putz, mil desculpas! Tá certo que foi um péssimo cruzamento...

O sálqui estava um pouco zonzo. Sentou na pedra, respirou fundo e cuspiu.

— Estou bem… estou melhorando.

— Mesmo? E essa boca? Como fazemos para consertar isso? Abre a boca, por favor… uau, que dentes grandes você tem, vovó!

Derek não conseguia se agüentar.

— Me desculpe. Me desculpe. Mas você caiu como um saco de batatas!

— Acho que não estou bastante treinado ainda…

— Isso se resolve, não se preocupe. Oh, céus… bom, pelo menos você aprende agora o que é um *nocaute*. Só que isso é uma característica de outro esporte mais violento, que não vou te ensinar.

— *Mais* violento?

— Ora, vamos! Também não é para tanto! Você está em ordem, acho que só cortou um pouco da gengiva. Por fora não se nota nada. Acho que nem vai inchar. Isso acontece com todo o mundo. É formativo!

Larrin cuspiu de novo.

— Aqui… beba um pouco de água. Faça um bochecho. Talvez ajude a cicatrizar.

Comeram alguma coisa e descansaram na sombra de uma grande e particularmente esquisita tirron, que eram abundantes naquele trecho do litoral. Toba ainda queria brincar com a bola, mas Derek não deixou. Uma mordida mais forte e... *puff*! Lá se vai a única bola num raio de sabe-se lá quantos anos-luz! Se seu pai tardasse mais uma semana, seria tempo suficiente para que Larrin se esquecesse de todos os segredos futebolísticos que aprendera. Toba então afastou-se, indo buscar um pouco de mato para comer. Estaria com dor de estômago?

Derek aproveitou também para analisar, com ares de grande projetista, o espaço aberto da praia, após o trecho de rochedos.

— Penso que esta praia é o melhor lugar para preparar uma pista de pouso para o veículo com que meu pai virá me buscar. É plana, aberta, e já bastante afastada da montanha.

— Quando seu pai chegará, Dek? — perguntou Larrin, estirado no chão, com os pés doloridos para cima.

— Bom, não sei *exatamente* quando. Mas com certeza não tardará muito. Amanhã vou ao Pégasus buscar o sinalizador do aparelho, para deixá-lo aqui na praia.

Larrin olhou-o assustado.

— Voltar ao seio da floresta? Sabe que isso é perigoso, não?

— Sim, sei, mas isso precisa ser feito.

— Bem. Quer que eu lhe ajude?

— Não, não, acho que chego lá sozinho sem problemas agora. Para *você* isso é perigoso. Agora, com aqueles mapas que há no acampamento, fica bem mais fácil.

Olhou mais um pouco as pedras, conferiu mais ou menos a altura da maré pela linha das cracas que cresciam nos recifes, e mentalmente situou o sinalizador duzentos metros além do ponto aonde estavam. Decidira deixar para se preocupar no dia seguinte em como fazer para arrancar esse dispositivo da carenagem do veículo, sem fazer nenhuma besteira. Sentia-se muito confiante. Sentou-se na sombra e descalçou as chuteiras — por delicadeza, ficou contra o vento.

— E quanto a você, Dek? O que há de anterior à *sua* chegada aqui?

Derek bocejou, enquanto traduzia suas idéias para o vini. Muitas coisas já eram conhecidas dos sálquie de Tarrajcalo. De outros detalhes engraçados, Derek foi se lembrando aos poucos.

...

A alvorada fria daqueles fins de agosto parecia ser uma maldição para os que já contavam com um início antecipado da primavera, que a natureza viera oferecendo em anos anteriores. Nas manhãs dos últimos meses, junto com o vento gelado e úmido e o céu cinza-pijama, havia a espe-

rança de que as nuvens iriam embora logo, depois de se formarem e desaparecerem inúmeras vezes ao sabor das frentes frias desde a Argentina, até resolverem estacionar sobre São Paulo, onde naturalmente permaneciam mais do que o desejado, o suficiente para manter os cidadãos com o eterno estigma de habitantes das chuvas. Mas, afinal, as nuvens passavam, e sabia-se que, logo, logo, chegaria a última, e o calor esturricante que se suspendera poderia imperar novamente.

O problema era quando não havia nuvens. O frio jazia lá; imóvel, absoluto, sob um céu límpido que recordava os três ou quatro dias de inverno verdadeiro que a cidade experimentava, tendo a sensação de que aquilo era impossível de se agüentar. Julho era o mês perdido por causa desses três ou quatro dias. Mas agora um friozinho esquecido e atrasado estava lá, colado na cidade quase um mês depois, contra todas as previsões e sem ser convidado, ressuscitando dos porões do esquecimento e do túmulo das traças, toda a indumentária inútil de casacos e blusas, que vinham enriquecendo os mesmos argentinos especialistas em combate ao frio.

Em dias como aqueles, a barreira do travesseiro era muito mais íngreme, as teias dos cobertores muito mais insidiosas e a tortura do banho muito mais chinesa. Para os valentes que sobreviviam a um martírio quase certo, estava reservada a recompensa do nascer do Sol flamejante sobre uma cidade enregelada e dos raros momentos de ar puro do dia.

Tudo isso, naturalmente, se se estivesse com disposição de olhar. Não parecia ser o caso daquele rapaz sentado numa mesinha da lanchonete, forrada de cadernos com uma xícara esfumaçante isolada no meio. Podia dar a impressão de um vulcão em atividade numa ilha de papel. Num dos pequenos fiordes, o estudante massacrava uma folha com a borracha e a lapiseira.

Já havia fechado todas as janelas perto de si, e estava tão absorto que não reparou no acinte dos outros fregueses, que iam abrindo-as de novo à medida em que chegavam, deixando entrar um pouco daquele ar glacial para arrastar o cheiro da chapa de sanduíches.

Um gato parou sob a janela, do lado de fora, e talvez estivesse miando. Um bafo esbranquiçado desenovelava-se no ar; ele parecia querer tomar seu café da manhã também. Mas o estudante em nada reparou. O gato desistiu da janela e entrou pela porta, atrás de uma garota, duas mesas atrás, que o chamou com um copo de leite.

O rapaz levantou a face sem olhar para nada em concreto, tirou os óculos, esfregou os olhos e consultou o relógio. Torceu os lábios e bebeu mais um pouco de café, encarando os gráficos que tinha diante de si com profunda insatisfação. Nisso, um outro estudante entrou na lanchonete. Parou, largou a mochila numa cadeira e esfregou as mãos e o rosto lívido, exceto pela grande vermelhidão do nariz. Este foi assoado educadamente, e depois o recém-chegado tirou os óculos que, logo à entrada, tinham se embaçado completamente. Cumprimentou com um aceno de cabeça o balconista e pediu uma xícara de café puro. Nisso, reparou no estudante sentado diante dos papéis.

Apanhou seu café e sua mochila e aproximou-se, sorridente.

— Bom dia, Dek.

O outro olhou-o surpreso e sorriu também, enconstando-se na cadeira.

— Oi, Raul.

— Estudando?

— Mais ou menos.

Raul sentou-se na frente do colega e examinou de passagem os gráficos sob a borracha e lapiseira.

— Ué? O que você está fazendo com isso ainda?

Seu colega não respondeu. Espreguiçou-se debochadamente com um sorriso voluptuoso.

— Você não entregou isso ontem? — insistiu o outro.

— Não. O Arruda me deixou entregar hoje, “por excessiva exceção, na primeira hora da manhã”.

— Putz! Mas e a prova?

— É, eu sei. Mas se eu terminar, vão sobrar vinte minutos para estudar.

— Putz, Dek!

— Tranqüilo, eu acho que vai dar certo.

Raul bebeu um gole do seu café e encostou-se na sua cadeira da mesma maneira que Dek.

— O galho — disse este — é que estou obtendo um resultado absurdo.

— Ah, é?

— Veja... — e mostrou-lhe dois gráficos. — Isto é com a coluna cheia de bolinhas de vidro... e este é com a coluna sem nada. O número de destilações não deveria ser maior no primeiro do que no segundo?

— Mas isso deu errado para todo mundo.

Dek pareceu surpreso.

— E então? O que você fez?

— Eu apresentei os gráficos com os resultados — aliás, estavam iguaizinhos os seus — e coloquei uma observação nas conclusões, dizendo qualquer coisa como “não esperava obter esses resultados em função de etc, etc, etc”. Imprimi, grampeei e entreguei.

— Sério?

— Sério. E eu até que fui honesto. Teve gente que simplesmente inverteu os gráficos.

— Sério?

— Lógico! Preste atenção, Dek, mesmo que isso seja penoso para você! Duas provas nabais na semana e eu vou me atazanar com um relatório?!

— Bem, *eu* estou me atazanando.

— Bem, é um direito que te assite.

— É o fim da picada essa experiência! Que será que o Arruda vai fazer?

— Sei lá. Vai corrigir, rabiscar tudo, encher de comentários e te dar sete.

— Mas o resultado não bate.

— Sete é a nota para resultados errados. Se desse certo ele te dava oito. Não lembra?

— Mas isso não dá. Eu quero fazer um trabalho certo.

— Mas a experiência não funcionou.

— Por quê?

— Sei lá.

— Como, “Sei lá”? O Arruda não pode dar uma experiência que *não funciona* numa matéria *didática*.

— Bem, denuncie ele para o PROCON — disse Raul, bebendo mais um gole de café.

Dek passou as mãos sobre os cinco livros e as dúzias de folhas de papel que tinha diante de si.

— Isso *tem* que ter uma explicação.

— Com certeza tem. Só acho que é bobagem procurá-la *agora*.

E continuou, vendo seu colega voltar a rabiscar a folha dos gráficos:

— Vai por mim. Você já passou nessa matéria. Tem a prova do Kazuo, e você sabe que não vai ser mole! Entregue isso e depois peça as explicações para ele.

— Agora não... estou quase acabando.

Abriu um dos livros no mesmo momento que entrou um outro estudante na lanchonete. Baixinho, mirrado, de olhos pequenos e um rosto elétrico que caiu diretamente sobre os dois amigos.

— Bom dia, Dek. Bom dia, Raul.

— Tudo bom, Traian? Vai café? — perguntou Raul.

— Não, não, já vou pedir um, obrigado.

— Todo contente hoje, Maridão! O que há? — perguntou Dek, que só tinha resmungado à chegada do colega.

— Como, vocês não perceberam?

E agitava ostensivamente as mangas da camisa de flanela grossa, de xadrez azul e amarelo.

— Eu quase nunca posso usar esta camisa! Hoje deu certinho.

Dek torceu um sorriso, deu de ombros e voltou a inclinar-se sobre seus desenhos. Traian pediu um café e colou-se ao lado de Dek, espiando por cima dos ombros.

— Você não entregou esse relatório ainda?

— Não enche meu saco!

— Deixa, Traian — interrompeu Raul, rindo. — Ele gosta de fortes emoções.

— Bota forte nisso. Estudou?

— Sim. Só não sei se foi o suficiente.

— Eu também. O Mombs me emprestou a lista de exercícios. Eu estava delirando quando resolvi... não bateu nada!

— Acho que vai dar, afinal. — disse Raul.

— Só o Dek vai se ferrar, pelo jeito — disse Traian, indo apanhar seu café.

Dek suspirou longamente, com um ar de fastio, e fechou o livro.

— Não dá para trabalhar desse jeito.

— Ótimo. Então pare.

— Tó — disse Traian, retornando e tirando alguma coisa da pasta. — É a lista do Mombs. Dê pelo menos uma olhada.

— Obrigado. Eu já resolvi.

— Fresco! Espero que você se estoure!

Os três se calaram por um momento. Traian, que não se sentara ainda, fitava o céu do mirante privilegiado ocupado pela lanchonete. A janela dava diretamente para o lado do poente, que agora estava escuro com uma estranha tonalidade plúmbea, enquanto pelas suas costas batia o Sol por trás dos três grandes edifícios da faculdade.

Na hora do almoço, Raul dispôs-se a dar uma carona à sua panela, para almoçarem no lava-rápido do seu irmão mais velho.

E ninguém, nem mesmo o próprio Raul, poderia sequer imaginar como Derek gostava daquele lugar. Aceitou o convite, como sempre, fazendo ressalvas.

— OK. Só gostaria de estar de volta para o seminário do meu pai.

— Lógico, Dek. Vamos todos contigo.

O grupo era o de sempre. Raul, Derek, Willi-Mombaça, ou simplesmente Mombs, o estudante angolano, e Traian-Maridão. Mas um quinto convidado foi preencher o Binturong azul-cobalto do Raul; era um colega de Traian desde os tempos do colégio. Sempre aparecia no Instituto, para a aula que fosse vestido impecavelmente, com terno de microfibra, a pasta 007 de couro de búfalo, e com alguma freqüência engravatado. Derek não sabia qual era a dele com certeza; não era estagiário de nenhuma empresa, nem membro de qualquer seita universitária abstrusa. Era, sim, um grande mentor intelectual do centro acadêmico, o qual parecia conhecer desde antes de entrar na universidade. Apesar das aparências, não era esnobe. Pelo contrário, era uma das pessoas mais bem relacionadas do Instituto, quer entre professores, quer entre alunos de todos os anos, quer entre os funcionários. Corria a voz de que fora visto tomando um café com o diretor, em certa ocasião. Derek não sabia com certeza o seu nome; todos o chamavam de Autoexec. Parecia um diplomata perfeito.

Apenas uma única vez conversaram. Foi logo no primeiro dia de aula; ninguém conhecia ninguém, e por algum milagre o cabelo de Autoexec tinha sido preservado. Derek, careca como uma bola de bilhar, simplesmente não suportava ter que sair na rua daquele jeito, não suportava ter que dialogar naquelas condições, e provavelmente foi daí que ganhou sua fama de misantropo na faculdade.

— É você que se chama Derek? — perguntou-lhe o outro, que havia se apresentado, mas Derek não guardou o nome.

— Sim. Por quê?

Lá vem trote, pensava.

— *Derekh*. Que interessante! Sabe o que significa?

— Não.

— "Estrada" em hebraico.

— Puxa! Você é judeu?

— Sim. Você também?

— Não.

E a conversa morreria oito segundos depois.

Derek não era especialmente do seu círculo de amizades próximas, e sempre se admirava de que ele e Traian pudessem ser tão amigos. Para Derek, Traian era meio maluco; bom aluno, é certo, mas que tinha o hábito desagradável de fazer as declarações mais absurdas nos momentos mais i-nesperados, deixando todos tensos quando ele se aproximava. Como naquela vez, em que alguém lhe perguntou porque abandonara o curso tecnológico para ir estudar no Instituto.

— Sabe por quê? Lá na Engenharia não existem mulheres. E eu *preciso* encontrar minha metade; é fundamental para mim ter um amparo psicológico... já pensou que treco que é viver sozi-nho?

Considerando-se quem dizia isso, a coisa fazia sentido, embora ninguém parecesse dar muita bola para esses comentários. Até achavam Traian realmente um cara legal. O certo é que, porém, para a infelicidade do pobre Romeu, tais declarações pareciam assustar o círculo juliético da classe. Não que elas o considerassem um mulherengo. Apenas miolo-mole.

E assim, nas moles mentais dos seus colegas sacanas, forjou-se com a rapidez de um raio sua alcunha. Para fins acadêmicos, *Maridão* era seu novo nome.

No carro, Derek sentou-se atrás, de rosto colado na janela. Willi separava-o de Autoexec. Na frente, Traian não parava de falar na prova que tinham acabado de fazer.

— Que droga! — dizia. — Eu *sabia* que isso ia cair. Ontem eu estava estudando; eram onze e meia da noite. Então a Luz me disse: "Olha, cara, vai por mim; esse cara já vai te dar as equações de Maxwell!". Eu pensei então: "É lógico! Afinal, como é que o cara pode me *exigir* que eu *decore* um amontoado de fórmulas? O mais nobre é saber aplicá-las. Às favas com a decoreba!".

— E agora, toma! — disse Raul.

— Ele não só não deu as equações, como deu ainda dois exercícios para derivá-las — disse Autoexec.

— Metade da prova — completou Willi.

— Putz!

— Você disse que a Luz te falou que não precisava decorar as equações? — perguntou De-rek — Que raios de luz é essa que sopra coisas às onze e meia da noite?

— Alguma estrela protetora, talvez? — sugeriu Willi.

— Que nada! — disse Raul, rindo — Às onze e meia da noite, só podia ser a luz do abajur do criado-mudo dele. Esse cara estava dormindo. Você delirou à noite, Traian.

— Não, não, não! — protestou Traian — Eu saberia a diferença. Foi uma insinuação... sutil.

Derek provocou:

— Duvido que você soubesse a diferença. Nem acordado você parece distinguir as coisas.

— Que quer dizer com isso?

— Que você é pancada, meu velho!

— Pancada?

— Pinel! Vagal e pinel — disse Derek, quase rindo.

— Ah, é isso? — gritou Traian, com a mão no peito, simulando uma fibrilação — Olha isso, Auto! O cara está me chamando de louco!

Autoexec pensou um pouco.

— Se não me engano, acho que foi você que me disse uma vez que mordeu um cachorro quando era pequeno e ficou traumatizado.

— Opa! — disse Derek — Material novo no pedaço! Essa eu não conhecia. O cachorro morreu hidrófobo?

— Ah, é um complô? É um complô? — gritava Traian — Estão pegando no meu pé só porque eu sou paranóico? Vocês vão ver só, na próxima prova eu não passo cola pra ninguém, *pra ninguém*, ouviram??

Os três do banco de trás se entreolharam. Pedir cola para Traian?

— Há! Coitado de quem pedisse — disse Raul.

— Por quê? — perguntou Traian.

— Suponha que fosse uma prova da Elza. O infeliz que te pedisse cola *com certeza* iria achar algo deste tipo, escrito no meio da prova: "*Mestra, mais importante que o resultado, é a consolidação interior do aluno. A senhora conhece alguma tampa desgarrada que queira acompanhar a sina de uma panela solitária*?"

Do lado de Derek, Willi contorcia-se de tanto rir.

— É verdade — disse para Autoexec, num fiozinho de voz, com um sotaque lusitano que ficava estranho na carenagem afra — Ele escreveu isso na margem de um relatório.

— E o que a Elza falou?

— Nada. Só balançou a cabeça. Acho que jogou o relatório no lixo.

— Você é um traidor sujo! — gritou Traian no ouvido do motorista. — Foi um momento de fraqueza.

— *Outro* momento de fraqueza? — insinuou Derek.

— Traian, precisamos fazer algo pela sua imagem com alguma urgência — comentou Autoexec.

— Piratas! Vocês me pagam!! E essa lanchonete, que não chega nunca?— seu rosto então transformou-se com uma nova idéia — Ei, ei, *EEEI!!* para onde vocês estão me levando?

— Pára, Traian! — implorou Willi.

— Senta, Traian, pô! — disse Raul. — Eu estou dirigindo.

Traian estava ajoelhado no assento, quase caindo por cima do motorista e se enforcando com o próprio cinto de segurança. Então, avistou um carro parado no acostamento à frente, e não teve dúvidas. Abriu a janela; um vento gelado cortou o esquema do aquecimento do carro. Antes que alguém pudesse fazer qualquer coisa, ele botou a cabeça para fora e gritou a plenos pulmões:

— Estou sendo seqüestrado!!! *SO-COR-RO*!!!!!

Derek puxou-o pela camisa, sem parar de rir.

— Seu viado!

— Seu antropófago!

— Você viu o que você fez?

— Hein?

— Era uma viatura da polícia! Seu merda!

Willi enfiou a cabeça entre os dois bancos da frente.

— Pelo amor de Deus, pára no acostamento... eu estou a... eu estou a... ih, ih, ih, ih!

...

Mais tarde, aproveitando o calor, Larrin sugeriu um mergulho no mar antes de voltarem ao acampamento. Ele conhecia uma pedra um pouco mais adiante, daonde se podia pular na água em uma profundidade segura. Se o sálqui ainda teria que gramar muito para ser um jogador de futebol, por outro lado poderia ser um excelente instrutor de natação.

A julgar pelo salto que deu do trampolim de pedra.

— Uaau! Belo salto! Você mal pegou embalo, e pulou tão alto! E caiu como um prego!

— Tente você, Dek! A água está ótima!

Ótima para um peludo como você! — pensou Derek, experimentando com o pé a receptividade do mar.

Derek pulou e afundou muito mais do que imaginava. O trampolim estaria a uns cinco metros de altura apenas, mas ele teve a impressão de que *quase* chegaria no fundo. A proximidade da montanha e o declive suave da praia fazia com que a água naquele ponto não fosse límpida, mas sim turva pela terra e areia revolvida.

— É, até que não está má, não. Mas é gozado como faço espumas quando me mexo... veja! Parece que mergulhei num tanque de champanhe.

— É diferente das praias da Terra?

— Bem... um pouco, sim. Outra coisa gozada é que a água... ora, vejam só!

— Por que está bebendo a água, Dek? Tem sede?

— Não, não... só estava reparando numa coisa... a água não tem sal!

— Sal?

— Sim. Na Terra, todos os mares são de água salgada.

— De verdade?

— É. Aqui não tem disso?

— Água com sal? — Larrin estranhou — Não, não. Você pode misturar um no outro para cozinhar, por exemplo...

— Sei, sei. Mas também temos grandes lagos com água doce.

— Doce? Água com açúcar, você quer dizer?

Derek riu.

— Não, não. Chamamos de água doce a água que não é salgada, só isso.

— Mas, por que isso, Dek? Nem tudo que não é salgado é doce...

— Oh, esqueça isso! Não queria começar um problema filosófico. Até porque estou afundando! Que diabos, é impossível boiar aqui!

Uma onda apressada pegou Derek de surpresa.

— Que houve, Dek? Por que está batendo na cabeça?

— Droga! Entrou água no meu ouvido.

O sálqui mergulhou e voltou a surgir próximo à pedra, indo preparar-se para um novo salto. Correu um pouco desta vez, e *zás!* Uma flecha felpuda cruzou o ar acima da cabeça de Derek, indo espetar o mar uns cinco metros adiante.

— Caramba!...

Derek foi pular também, mas queria audiência. Esperou um pouco até que Larrin ressurgisse; enquanto isso, Toba encontrava o caminho por entre as pedras até o trampolim. Latia feliz atrás de Derek, ou porque queria forçá-lo ao banho, ou porque esperava a sua vez de lançar-se.

Passaram trinta segundos, um minuto, dois minutos, cinco minutos... Derek de repente ficou desesperado.

— Larrin?... Ai, meu Deus!... Larrin? — depois gritou: — Larrin!?

E nada do sálqui aparecer! Que fazer agora? Derek hesitou antes de pular na água para tentar procurá-lo. E se ele fora pego por alguma espécie de tubarão nativo? Não, não, isso não podia ser! Ele, tão caxias, teria lhe avisado de qualquer perigo. Será que se enroscara em alguma pedra submarina? Mas só se fosse pela cauda! *Eu bem que avisei que era melhor usar o calção do Raul*! Mas, que diabos! *Derek, faça alguma coisa!*

Derek pulou de qualquer jeito no mar, e tentou dar umas braçadas até o ponto onde o sálqui perfurara a água. Como custava nadar naquela água! Mesmo com a corrente que ia e vinha devagar, batia muito os braços e praticamente não saía do lugar — ele, que já chegara a pensar em se gabar do seu desempenho nas piscinas da universidade.

Chegou até o lugar que ele *pensava* que fosse o correto. Enfiou a cabeça debaixo da água, mas não se via um palmo diante do nariz. Mergulhou de vez, contudo não encontrou o fundo. Ai,

meu Deus! Ai, meu Deus! Será que o sálqui tivera um piripaque por causa da bolada na cabeça? Como é que ele iria explicar tanta imbecilidade para Zutarrs?

Voltou à tona, e começou a berrar o nome do sálqui sem parar. Estava ficando muito assustado.

— *Laaaaarriiiin!!!*

— O que foi, Dek?

— *Aaaaaaah!!!!*

O sálqui surgira nas suas costas, com a mesma cara de cachorro bacana de antes.

— Seu filho de uma p.! Seu filho de uma grandíssima p.! Seu... filho de uma cadela!

— O que houve, Dek?

— Eu te mato, seu animal! Como é que você me dá um susto desses?

— Eu... eu sinto muito, Dek! Sinto muito mesmo! Não queria assustá-lo!

Derek esmurrava a água para terminar de descarregar a adrenalina.

— Putz, Larrin! Nunca mais faça isso! Nunca mais! Eu pensei que você tinha se afogado! Onde é que você se meteu?

— Eu?

— Você, quem mais? O Toba??

— Eu... eu... estava apenas mergulhando.

— Aonde?

— Por aqui. Fui até um pouco mais para adiante, onde a água estava um pouco menos suja.

— Onde?? *Ali?!* — Derek acompanhou o gesto de Larrin, que indicava um ponto molhado qualquer duzentos metros à frente.

— Sim, mais ou menos...

— Uau!! Então estou diante do Aquaman! Você ficou meia hora debaixo d'água!!

— Não, Dek, não foi tanto...

— Bom, dois dias, um século, cinco minutos, que diferença faz? Você não subiu para respirar nesse tempo todo?

— Não.

— Uau-uau! Tenho então que mudar de opinião. Você é o primeiro lontrisomem que eu conheci!

— Um o quê?

— Bendito fôlego! Mesmo não fumando eu não agüentaria um décimo junto contigo!

— Eu vejo que você ficou muito assustado, Dek. Deveria ter-lhe avisado. Sinto muito de novo.

— Tudo bem, tudo bem. Me desculpe os palavrões. É que... droga, Larrin, eu fiquei *mesmo* assustado! Putz, vamos voltar para a praia enquanto ainda consigo. Minhas pernas não param de tremer!

Ao final do dia, subindo pela trilha de volta ao acampamento, Derek teve uma nova surpresa.

— Ei... ei! Larrin, que cheiro é esse?

— Qual deles?

— Esse cheiro... cheiro de comida... de alguma coisa assada. Não está sentindo?

— Sim, Dek. Penso que Gimiso deve estar terminando de preparar nosso jantar.

— Sim, sim... mas, será possível? Tem cheiro de... bacalhoada!

Gimiso não conseguiria talvez igual, mas chegou bem perto. E, segundo Derek, em alguns sentidos superou qualquer expectativa. A sálquile preparara um peixe ao molho, sendo que o molho era no fundo uma mistura com leite daquelas pastas liofilizadas do Pégasus que Derek aplicava religiosamente sobre sua comida, todos os dias, para se prevenir de qualquer avitaminose ou falhas

nutricionais durante sua já demorada estadia entre os sálquie. O peixe era bastante estranho. Na verdade, era um cavalo-marinho gigante, vermelho, servido num prato com algumas poucas verduras. Para os sálquie, qualquer coisa que lhes quebrasse a monotonia da carne de tivla era sempre uma bem-vinda surpresa. Derek estranhou no início, mas logo percebeu que a carne daquele peixe era deliciosa.

— Uhmm... está ótimo! Ótimo! Sei que é falta de educação falar de comida na mesa, mas está ótimo!

— Fico muito feliz por você ter gostado, Dek — disse Gimiso.

— Sim, senhor! Está ótimo — e acrescentou, num raro lampejo de presença de espírito: — Muito melhor do que a bacalhoada da minha terra.

Gimiso nunca pretendeu ser invulnerável aos elogios. Fez questão de que todos, até mesmo Toba, que comia lá fora, ao lado da porta de vidro, recebessem uma segunda rodada.

No dia seguinte, Derek trouxe do Pégasus mais livros, um cubo negro e uma preocupação.

Larrin heroicamente se empenhou em entender aqueles estranhos sinais, tão regulares e monótonos, ajudado vez por outra por Derek. Teve razoável sucesso; meses depois já teria conseguido completar a leitura de um livro de mitologia grega — certamente não a melhor opção para um *début* em um novo idioma, mas o que prendeu a atenção do jovem sálqui foi reconhecer nele o nome de um dos mais velhos do acampamento, Ladon, que na narrativa era como se chamava um dragão. Custou um pouco de trabalho para Derek explicar-lhe o que era um dragão, e depois disso explicar que eles não existiam.

O cubo negro e a preocupação vieram juntos. Dentro do veículo, Derek guiou-se por uma espécie de manual do proprietário, esquemático e incompleto, que seu pai rabiscara e atirara numa das gavetas do painel de controle. Achou de fato a posição do sinalizador, o que já era um mérito, pois a carcaça do Pégasus estava totalmente desfigurada pela colisão, e a força indômita da natureza fizera brotar arbustos e mato por todas as frestas possíveis da fuselagem. O sinalizador estava numa região protegida do veículo, mas não dava nenhum sinal de que estivesse funcionando (ou quebrado!). Quando Derek puxou, descobriu que alguns fiozinhos que prendiam o cubo negro à carenagem do veículo se soltaram. Para que serviriam, ele não tinha a menor idéia. Esperava ardentemente que não fosse a bateria do dispositivo.

Derek voltou à praia, sozinho, e acomodou o sinalizador sobre algumas pedras, cobriu-o com outras, e escreveu com um pouco de corretivo um recado para seu pai, dizendo que estava montanha acima.

Ao voltar ao acampamento, passou pelo lugar onde tinha jogado bola com Larrin, ainda marcado na areia. Notou intrigado que as manchas de sangue do sálqui, depois de secas e curtidas pelo sol, ficaram verdes.

V

Demorou um pouco até que Derek se acostumasse a dormir em uma toca sálqui. Ele, que nunca tivera problemas com quaisquer camas, colchões ou travesseiros que lhe oferecessem, passou dias sem conseguir repousar adequadamente. O estofamento interno da sua toca era perfeito, incluindo até uma suave fragrância que recordava bosques no inverno. Era ampla o suficiente para que se esticasse, se alongasse dos pés à cabeça e às pontas dos dedos, sem que duas extremidades do corpo conseguissem ao mesmo tempo tocar duas paredes cavadas na rocha. Em pé, ele conseguia tocar o teto, mas não era nem tão baixo que parecesse um túmulo, nem tão alto que desse a impressão de um poço de elevador. Não era áspera, nem excessivamente abafada (por algum lugar misterioso, por entre as frestas da cortina, percebia-se um filete de vento), nem úmida, nem fria. Uma lâmpada dava-lhe luz amarelada e como que macia, recendendo a fogo de lareira. O isolamento acústico... talvez fosse a única coisa da qual Derek pudesse notar de estranho. Mas até mesmo aquele ruído do mar que lhe chegava aos ouvidos era diferente. Alambicado por meia dezena de quilômetros de reverberações dentro da pedra maciça (a treliça da entrada da toca não permitia que se ouvisse nenhum ruído do salão), a arrebentação era como que um ronronar hipnótico da montanha. Quase como um sonho: quando se fazia um esforço por prestar atenção, parecia desaparecer.

Derek, que teve horas de insônia para refletir sobre tudo isso, dizia consigo que os sálquie sabiam viver muito bem à custa de muito pouco. Conseguiam transformar um buraco de pedra na mais confortável das alcovas. Contudo, ele ainda não era um sálqui!

Numa dessas noites, Derek levantou-se e saiu da sua toca com cuidado, devagarzinho, já de sobreaviso em relação ao ouvido acurado dos sálquie, e caminhou descalço até a sala de convivência do acampamento, no final do corredor. Talvez fosse meia-noite, ou pouco mais. De ponta a ponta, passou diante das portas fechadas de laboratórios e depósitos escuros, fechou a porta da sala e acendeu apenas uma das lâmpadas. Nos aposentos dos sálquie, as lâmpadas nunca estavam no teto, diretamente acima da cabeça, mas sempre em algum canto. Isso agradava a Derek, pois iluminava o que interessava e deixava o resto envolvido numa penumbra, dando uma sensação de aconchego, mas não podia dizer se fora esse o motivo que inspirara o arquiteto sálqui.

Havia algo naquela sala que Derek queria conferir com mais vagar, e ainda não tivera a oportunidade. Era a grande janela da ras idojdi. A bem da verdade, não era uma simples janela. Era como se toda a parede grande, oposta à entrada da sala, fosse feita de vidro. Uma parede de vidro, vedada quando preciso por uma espessa cortina de tecido vermelho, invisível quando vista do lado de fora. Não refletia os raios de Lass, o que seria taticamente absurdo para um acampamento secreto, e não esquentava a sala. De fato, a tal parede-janela ocupava toda a face leste da compacta construção, e abria-se em cheio para um desfiladeiro forrado de árvores, e para o mar logo adiante. Mas para quem observasse da praia, o acampamento era apenas mais uma das inúmeras saliências cristalinas que se projetavam da montanha, como a proa de um navio quebra-gelo.

Obviamente que estavam expostos! Se alguém observasse com muita atenção, certamente notaria que aquela saliência não era nenhuma saliência, mas um caixote de fibra sintética, um paralelepípedo que nascia das entranhas da cordilheira (onde ficavam as tocas e a sala de jantar) e repousava sobre ela como um carrapato da rocha. Mas, enfim... estavam ainda camuflados pelas vigorosas *tirra* com suas flores gigantes e pelo negro das montanhas. Avistá-los do mar ao acaso seria de fato muito azar. E, de qualquer modo, era o lugar disponível para os sálquie. A única opção era aproximarem-se do bosque e da sua perigosa carga.

Derek abriu a cortina, puxou para si uma cadeira de juncos trançados, e colocou-a bem no meio da sala, a três passos da janela. Derek parou um instante para ver se não fazia muito barulho, e apagou a lâmpada.

Sentou-se, e à medida em que seus olhos se acostumavam à escuridão, embasbacava-se com a paisagem que a natureza lhe oferecia. Tudo estava escuro, escuro, exceto pela luz de Maluoncha, a lua grande; Giízen estava em algum lugar fora do seu alcance visual. Pouco a pouco, ia conseguindo

distinguir as coisas, primeiro as copas das árvores do desfiladeiro, depois a continuação da cordilheira, que fazia uma curva sobre o mar, rumo ao norte, e até uma pequena praia já se estendia lá longe. Depois, as estrelas. Milhares delas, de todas as cores, algumas de brilho forte e límpido, outras de esplendor difuso, meio aveludado, como se fossem duas ou três muito próximas. Derek teve de fato muita sorte naquela noite, pois ainda pôde assistir ao espetáculo inesperado de estrelas cadentes, vindas de um ponto lá do centro do céu e espalhando-se em raios por todos os lados. Por fim, o jovem humano conseguiu reparar nos próprios traços de Maluoncha: seu solo argênteo, muito mais brilhante que o da Lua, a ponto de doer-lhe a vista que se acostumava ao breu, e os pontos que salpicavam sua superfície, amarronzados, azulados e até... será que via bem? Até formas floculantes como as de nuvens. Fissuras gigantescas formavam naquela semana o desenho de uma mão esquerda aberta; para Derek, pareciam linhas finíssimas, traçadas com pincel de marta. O dedo indicador estendia-se mais do que os outros e terminava coroado por três grandes crateras. Era a Grande Lua, estranha, bizarra e sedutora.

Afundado na cadeira, Derek já não se lembrava mais de dormir. Estava extasiado, no melhor sentido do termo. Deixava-se arrebatar pelo sentimento poético que vez por outra parecia querer aflorar, e que descobriu apenas ali, em Segusii, tudo o que precisava para se manifestar, aos jorros violentos de inspiração ainda indomada pela caneta.

"A noite é viva, é vida trabalhando sua beleza. A beleza se produz nas trevas, em segredo, que vão oferecer seu fruto para a luz do dia..."

Então Derek achou plenamente compreensível o gosto que os sálquie tinham pelos postos de observação elevados. Noites como aquela valiam qualquer risco! Assistia daquela janela, como em um grande cinema mudo, às aulas práticas de história natural que a noite ministrava, orquestradas e grandiosas. Pois é no cinema mudo que se verifica o talento dos atores. As copas balançavam-se ao ritmo da inaudível melodia do vento, e sob o céu limpo vinham entrando no fabuloso cenário, através da grande porta do horizonte, gordos chumaços de nuvens com seu cortejo vivo de relâmpagos a revelar, por breves instantes, os contornos da tempestade que atingiria o acampamento no dia seguinte. Tarrajcalo parecia ser o lugar onde a natureza se refugiava para descansar.

Então Derek procurou no céu novamente os pontinhos azuis. Quem sabe se algum deles seria sua casa? Sabia que isso era absurdo, mas os procurava como que por hábito, sem as mesmas saudades angustiantes e depressivas que experimentou logo nos primeiros dias de convívio com seus companheiros lobisomens. Agora que já conseguia se comunicar com eles, e que os ia conhecendo melhor, sentia-se como que de férias em algum país distante. Não estava em casa. Mas já não era um pária.

Escolheu o seu pontinho azul daquela noite. Não tinha certeza de que fosse o mesmo das outras noites. Bem, também não sabia se era uma estrela ou um planeta. Mas hoje quis acreditar que ali era a Terra. Ali estava sua faculdade, Raul e seus colegas de classe; seu pai e aquele japonês engraçado que trabalhava com ele — e que tinha um filho que era o melhor goleiro que Derek já conhecera! É verdade que tinha apenas catorze anos, e que era muito provável que não fosse se dedicar ao futebol. Que pena, pensava Derek, talvez fosse finalmente o primeiro oriental a jogar na Seleção. Era tudo o que faltava para que a Seleção Brasileira fosse a melhor porta-voz daquele multi-racialismo de que Derek, filho de um imigrante, tanto se orgulhava. Como eram ridículas aquelas grandes encenações, as pomposas iniciativas hipócritas que sabia que existiam em outros lugares para estabelecer o tal do diálogo entre diferentes etnias. No Brasil não existia diálogo inter-racial, porque todas as raças eram uma só. Existiam, sim, brasileiros...

— Dek?

Derek girou na cadeira, assustado, em direção à voz. Era Larrin.

— Oh, perdoe-me. Não quis assustá-lo. Mas você estava tão compenetrado que acho que não me percebeu chegar.

— Você está aí faz tempo? — perguntou ao escuro, ainda sem vê-lo.

— Há alguns minutos.

— Eu não percebi... aliás, desculpe-me... Droga! Fui eu que te acordei, não é?

Larrin sorriu e puxou uma cadeira para si. Ligou o odorizador da sala e sentou-se a um metro de Derek. Como ficou mais perto da janela, Derek reparou que vestia um daqueles trajes de noite, igual ao seu próprio. Não era exatamente um pijama, mas sim uma túnica como as que se usavam durante o dia, só que feita de um tecido mais leve. Com o tempo quente que fazia, eram bastante adequadas até para Derek, que não tinha camadas de pêlos e sub-pêlos para se proteger do frio.

— Não tem importância — disse Larrin, ao sentar-se — Creio que a noite está muito bonita. Mas você não tem sonhado bem, não?

Sonhado? Quis dizer dormido, pensou Derek. Nem em vini as duas palavras eram parecidas. *Garr-dazo* (dormir) e *ipuzo* (sonhar). *Será que ensinei alguma coisa errada?*

— Não, de fato não dormi bem — disse Derek — Acho que ainda não me acostumei com a toca. É a primeira vez que durmo num buraco. Acho que isso faz diferença.

— Algo o preocupa?

— Se algo me preocupa? — Derek sorriu e voltou a olhar para o seu pontinho azul — Bem, nada me preocupa e tudo me preocupa. Estava pensando na minha casa... digo, vocês são ótimos, a comida é ótima, a paisagem é ótima. Mas não é o meu lar. É curioso. Apesar de tudo, ainda acho que tenho medo de aventuras.

— Não teme que seu pai chegue o leve de volta?

Derek encarou o semblante calmo e prestativo do sálqui. Ele não estava perguntando por perguntar. Estava realmente querendo ajudá-lo. E, pimba! Não era que lhe acertara em cheio?

— De fato! Ei, também tem um pouco disso no meio! — disse Derek, sorrindo amarelo — Quero voltar para casa, mas não já.

Derek tinha pressa. Uma pressa estranha, mas real. Uma pressa gulosa. Se ao menos conseguisse expressá-lo... sabia que tinha nas mãos um dos segredos mais revolucionários do mundo. Não, para que a modéstia? O *mais* revolucionário! Tinha um planeta inteiro, novo, povoado, para si; somente para si! Tantas coisas tinham que ser descritas, analisadas, registradas, experimentadas, classificadas, perguntadas, respondidas, confrontadas e contadas que ele, de vez em quando, sentia-se afogado sob o peso da tarefa divina que se impusera. Não havia prazos, mas não podia esperar. Era o clímax da ansiedade! Segusii era tema de milhares de milhões de teses de doutorado. Não queria se apressar escolhendo o tema errado, mas sabia que, se demorasse, outras deidades vindas com o seu pai (ou talvez seu próprio pai!) viriam disputar-lhe o trono celeste. À luz do dia, pensando lucidamente, sentia-se absurdo. Mas não conseguia evitar. Era um glutão intelectual.

— Acho que, sim, estou preocupado — disse Derek —. É como se... como se... bem, não sei. Como se tudo isso — fez um amplo gesto sobre a paisagem — fosse... fosse fugir. Ah, mas você vai me achar um louco!

— Por que, Dek?

— Não é loucura? Quero sair e quero ficar. Estando aqui, fico preocupado com a minha casa. Estando em casa, vou ficar louco se não puder mais voltar.

— Acho que o compreendo. — disse Larrin — Sua alegria equipara-se às suas saudades. Deve ser difícil vencer a tensão amorosa, para qualquer um dos lados.

— Exatamente. — disse Derek, achando que tinha compreendido — Você já sentiu isso também?

— Eu? — disse Larrin, surpreso, e pensou um pouco antes de prosseguir — Não estou certo, Derek.

— Não?

— Bem, eu nunca estive em um outro mundo antes.

Sem saber porquê, Derek ficou chateado. Não era a resposta que achava que deveria ser dada. Mas o sálqui continuou.

— Deixei meus pais e irmãos em Arrfinan, e grandes amigos em Salúquin. Às vezes...

— Sente saudades deles?

— Saudades? Não exatamente. Tarrajcalo não é distante o suficiente.

— Não?

— Aqui? Realmente, não. Segusii é menor do que dois sonhos, como se diz. Mas na sua situação... bem, é o que parece: pelo visto, algumas separações são intransponíveis. Por isso acho que compreendo o seu sofrimento.

— Não estou sofrendo.

— Não?

— Bom, isto não é um *sofrimento*. Digo, é só um... uma... sei lá, talvez só uma falta de objetivos claros. É, acho que é isso. Meu problema é que eu ainda não sei exatamente... por onde começar.

Larrin acompanhava atentamente cada pausa e cada palavra de Derek.

— Esse é o problema! — disse o humano, com um sorriso nervoso e um tapa nas coxas, os mesmos gestos das provas orais — Não sei exatamente o que quero fazer. Já catei pedras e folhas, tirei algumas fotos de vocês, rabisquei alguma coisa do que me disseram sobre este planeta... já te falei da minha *Historia Naturalis Segusiiana*?

— O que significa isso?

— A história natural de Segusii. Foi uma idéia que eu tive outro dia para um projeto de..., bem, na verdade foi só o nome do projeto. Mas acho que já vai ajudar.

Calaram-se por um momento. Larrin seguia o olhar de Derek para o céu, indo atrás de uma nova estrela cadente. Seus lábios tremiam, ameaçando várias vezes começar alguma frase. Estava excitado com alguma idéia.

— Eu queria escrever um livro. — disse Derek, de repente, sem querer — Enciclopédias e enciclopédias sobre o seu mundo.

Larrin voltou a observá-lo com um amplo sorriso. Parecia a Derek que tinha espremido o pus de uma ferida.

— Entendo, Dek. Sim, acho que agora começo a compreendê-lo.

— Verdade?

— Sim. Receio apenas que seu trabalho seja vão.

— Como assim? — disse Derek, um pouco mais alto do que queria.

— Penso que tais livros já estejam escritos. Livros... e mais livros, sobre o nosso mundo, em muitas bibliotecas de Vantimiso, e na própria Potestade, e especialmente em Ne Plátie.

O óbvio da proposição desconcertou Derek. Como não havia pensado nisso antes? Uma parte de si sentia-se aliviada da carga. A outra, porém, sentia-se roubada. E foi esta segunda parte que continuou o diálogo.

— Sim, mas... *é lógico* que eu já havia pensado nisso. Mas não é a mesma coisa... Não é... não é isso que eu queria... não quero ser um mero tradutor...

— Quando regressarmos a Salúquin, o que eu espero que ocorra em breve, terei especial prazer em mostrar-lhe os principais centros de conhecimento de Vantimiso — disse Larrin, não atinando com a careta de Derek — Meu próprio pai é escritor, e tenho certeza de que ele adoraria conhecê-lo.

— Não! Não! — disse Derek, agitando-se na cadeira de junco — Não é isso que eu quero. Digo... claro, muito obrigado, quero conhecer o seu pai e todos esses lugares. Mas não era bem nisso que eu pensava.

— Não? — perguntou Larrin, meio perplexo, meio sério, alçando as sobrancelhas escuras. Seus olhos de lobo pareciam assim mais vivos, até um pouco zombeteiros.

— Não, porque... isso... não seria... *meu*.

O sálqui balançou a cabeça, acenando entendimento.

— Oh, sim! Enganei-me ainda mais uma vez, Dek. Acho que só agora o entendi. Mas então você está com um problema enorme! E eu receio não poder ajudá-lo.

— Como assim?

— Seu problema... é grande como Segusii. Na verdade, o mundo é o seu problema. Você gostaria de tê-lo e levá-lo consigo. Não acha que é um objetivo um tanto árduo?

— É uma missão que vale a pena.

Larrin refletiu.

— Entendo. Mas, permita-me perguntar. Alguém lhe deu essa incumbência?

Muitas vezes, ao longo daqueles meses de convívio, Derek teria a impressão de que os sálquie eram um tanto diretos demais e, ao seu ver, sempre nos momentos e assuntos mais inoportunos. Mais tarde, tendo já visto isso com maior claridade, e compreendendo mais o modo de ser dos seus anfitriões, Derek não se sentiria estranhado (algumas vezes, inclusive, se sentiria agradecido). Porém, até lá, essas observações sempre o deixariam nervoso.

— Ninguém me “deu” essa incumbência. — disse Derek, um tanto irônico — Ou melhor, eu me dei essa incumbência. Qual a melhor explicação para que eu esteja aqui?

— Até onde eu sei — replicou Larrin, sempre muito calmo —, você não está aqui por iniciativa própria, Dek.

— Sim, eu sei disso. Mas o fato é que eu *estou* aqui. Se estou aqui, estou para fazer algo — cada ênfase exasperava um tantinho a mais o ânimo de Derek — E qual outro motivo para a minha presença?

Larrin captou a tensão do seu colega.

— Não sei, Dek. Talvez ainda seja um pouco cedo para você saber isso também. Talvez depois que você tiver acesso a uma parte mais representativa da nossa cultura, em Salúquin, e não neste desterro envenenado, você entenda melhor a si mesmo e tenha mais condições de julgar. Talvez você perca seu tempo e energias com detalhes menos importantes, aqui em Tarrajcalo, quando tudo isso pode estar melhor sistematizado por outras pessoas em outros lugares, dado que você põe tanta importância nisso, e...

— Quer dizer, é besteira reinventar a roda? — interrompeu Derek, que raramente resistia à tentação de um dito espirituoso.

Larrin pensou um pouco na frase e continuou.

— Sim. Sua analogia é perfeita.

— É um ditado da minha terra

— É de muito bom senso. Pois bem, talvez reinventar a roda, como você diz, pode não ser o mais inteligente a fazer. Enquanto que, com a roda em mãos, você poderia atingir outras coisas melhores.

— É bastante razoável — disse Derek, desempinando o nariz e voltando a encostar na cadeira.

Larrin sorriu. A tempestade não desabaria.

— Talvez com isso, então, você consiga responder à sua própria pergunta — concluiu o sálqui.

— “Talvez” com isso?

— Sim, talvez — disse Larrin —. Afinal, quem é que sabe por que você está aqui?

Derek sorriu de volta. Tornou a olhar para Maluoncha com as mãos formando uma pirâmide na frente do rosto e os cotovelos apoiados nos braços da cadeira, como se analisasse um problema muito intrincado e importante. Suas duas metades, a aliviada e a usurpada, pareciam ter chegado a um acordo. Teria que fazer um estágio em Vantimiso, embora a idéia não lhe parecesse mais do que uma divertida quimera. Seu pai não podia tardar muito mais. Teria que conseguir o que fosse possível aqui e agora, em Tarrajcalo, e dar um jeito de voltar depois, mais bem preparado. Talvez até levasse algo consigo, para tentar traduzir. Teria muito o que estudar da escrita vini, e esse objetivo não lhe parecia inicialmente o mais nobre. A língua, pensava, quando muito era um mero instrumento para obter os dados de que necessitava; na maior parte das vezes, era um estorvo. Mas a idéia de ser o mais famoso e fabuloso divulgador científico da Terra também não deixava de ter o seu apelo. E, de qualquer forma, Larrin tinha razão em lhe fazer ver que o seu método de trabalho não

estava correto. O afã irracional de onicompreensão poderia custar-lhe não só o todo, como também aquela pequena parte que tinha diante do nariz. Deveria portanto deixar de lado pedras e plantas, renunciar temporariamente ao controle da criação, sem dúvida, e conceber um objetivo mais concreto e exeqüível. Com os recursos e o tempo que tinha à sua disposição, o que poderia fazer?

E teve uma idéia, que lhe arrancou um sorriso involuntário.

— Novidades sobre a guerra? — perguntou Derek, teoricamente distraído.

— Perdão?

— A guerra. A guerra com os liagávie. Receberam mais notícias hoje?

Larrin olhou-o um pouco cansado. Derek notou. *Toquei no assunto errado na hora errada*, pensou.

— Ei, me desculpe! — disse o humano — Putz, você deve estar morrendo de sono e eu aqui te enchendo...

— Não, absolutamente, Dek! Não se trata disso. Apenas... não esperava a pergunta. Mas não conversei hoje com aca Zutarrs a respeito disso. Talvez ele tenha delegado o contato a aca Ladon, pois passou boa parte do dia verificando uma disfunção no refrigerador do depósito principal, juntamente com Gimiso, como você deve ter notado.

— De fato, só o vi no almoço, hoje.

De repente, outra idéia assaltou-o. Derek tomou consciência de que podia estar ajudando mais os sálquie de alguma forma. Por um momento viu-se como um turista gravoso, e isso feriu-o e desviou o curso dos seus pensamentos.

— Eu só perguntei porque... porque... pois é, justamente por isso. Vejo ele, Gimiso, aca Ladon e áquile Tilec, vocês todos, sempre tão atarefados. Sinto-me como a cigarra contemplando o formigueiro. Acho que estou atrapalhando vocês.

Derek ficou orgulhoso de poder enobrecer a tempo a sua curiosidade. Mas o sálqui olhava-o bastante surpreso. Até se desencostou da cadeira.

— Mas por que você está dizendo isso, Dek? Isso não é verdade! Você tem ajudado muito à áquile Tilec e a mim no laboratório. Você nos ensina coisas fantásticas sobre o seu mundo. E você é nosso hóspede.

As proposições de Larrin costumavam seguir uma ordem crescente de importância ontológica.

— Bah! — disse Derek, dando de ombros — Áquile Tilec perde mais tempo me ensinando a não fazer bobagens do que se trabalhasse sozinha.

— Tempo dedicado ao ensino *nunca* é perdido, Dek — sentenciou Larrin, muito sério.

— Bom, obrigado pela sua amabilidade. Mas o fato é que eu continuo me achando um peso.

— Mas o que mais você gostaria de fazer, Dek?

Derek corou. Sentia que já estava levando aquilo longe demais.

— Pois é. Esse é o problema...

— "Eu não sei o que quero" — disse Larrin, fazendo coro com o humano.

Ambos riram, mas com cuidado, para não acordarem mais ninguém. A risada sufocada de Larrin parecia-se com um trem de soluços acabando num suave rosnado. Derek riu ainda disso também.

— Bem, se isso o faz se sentir melhor, poderemos conversar com aca Zutarrs pela manhã. Mas, por favor, Dek, você não pode pensar assim.

— Tudo bem.

— Voltando ao assunto da guerra em si — disse Larrin —, não sei se você entende que os conflitos diretos ainda não começaram. Na verdade, por "guerra" neste caso entendemos a disposição *habitual* da Potestade para conosco. Desta vez em concreto, nossos líderes souberam por fontes seguras que os liagávie deverão tentar a invasão da Ilha, algo que não ocorre há mais de quatrocentos *leie*.

— Então, aqui ainda não é o Mundo Feliz, apesar de tudo, não é? — disse Derek, com ar contemporizador.

— Tenho esperanças de que um dia virá a sê-lo — respondeu Larrin, definitivamente péssimo para captar ironias — Talvez no futuro haja um dia em que todos possamos sonhar juntos novamente. Principalmente depois que se descubra uma forma de anular os efeitos da toxina. Há muitos sábios no nosso país, e também em outros lugares, trabalhando nisso.

— Não se sabe a cura?

— Nós, pelo menos, ainda não. Há algum tempo, um estudioso de Ne Plátie teve certa notoriedade porque teria tido alguma evidência de que alguns peixes dos mares do norte suportariam uma dose elevadíssima da toxina. Mas ele próprio desmentiu isso. Pode ter sido uma simples confusão, ou uma verificação dos impactos que essa notícia teria.

— Mas então a lechi é tão perigosa assim?

Larrin suspirou.

— Sim, Dek, é perigosa. A morte é estranha e dolorosa. O contaminado debate-se furiosamente, com fortes dores de cabeça, e não há muito o que se possa fazer. O corpo recusa-se a obedecer. Apesar de há muito que não se usa formalmente a toxina nas guerras, o terror que ela inspira é suficiente para assustar os mais bravos dos soldados. Na nossa tribo, certa vez, antes da ocupação de Adrrub, atearam fogo ao laboratório de um cientista — por sinal, muito amigo de meu pai. Alguém desconfiou de que ele estava manipulando lechi, pois ele recebeu durante alguns dias vários cilindros refrigerados dentro de engradados com o símbolo dos Portos. Alguém descobriu que o navio fizera uma escala na costa sudeste de Vessin, do outro lado do continente. Então, ligaram os pontos e simplesmente ignoraram a proteção conferida pelo governo da tribo. Invadiram o edifício e queimaram tudo.

— Caramba! E era lechi mesmo?

Larrin sorriu triste.

— Não. Apenas óleo de peixe. Mas não lhe deram tempo para explicar.

O sálqui bocejou discretamente, antes de prosseguir.

— Quando se fala em lechi em Vantimiso, Dek, muitas emoções se despertam. Há vários que podem contar casos ouvidos dos seus avós, vitimados pela toxina nas últimas guerras de fronteira, nas Ilhas de Lufrre. É a terra natal de Gimiso.

— Sei. Você conheceu alguém que passou por isso?

— Por Elpa, não! Por sinal, foi um dos requisitos para sermos escolhidos para esta expedição: não-familiaridade com nenhum caso de intoxicação por lechi até a terceira geração. Ainda assim, posso fazer meus os sentimentos dos que têm esses medos.

Parou um pouco para coçar os olhos, e franziu o cenho.

— E os liagávie sabem disso. Sabem que nos comportaremos como pobres animais sem raciocínio. Sabem que o medo trabalha admiravelmente bem para eles. Ameaçando-nos, simplesmente ameaçando-nos com uma guerra nesses termos, já quase têm uma vitória. Confesso que algumas vezes eu os invejo pela absurda familiaridade com que se envolvem em riscos desse porte. Algumas vezes sinto vergonha do primeiro instinto sálqui, o medo, mas logo depois entendo que não há como enfrentá-los diretamente. Se eles se arriscam a tal ponto, produzindo em escala a toxina purificada, é porque eles realmente não se importam com as suas vidas. E não podemos pedir que todos os sálquie se comportem da mesma forma. É o preço que eles pagam, e que nós também pagamos, por lhes terem tirado o medo.

— Mas isso é só assim porque eles *sabem* que vocês não vão querer se defender. Portanto, eles devem estar querendo algo que sabem que vocês não estão *seriamente* empenhados em possuir.

Então Larrin sorriu de novo e tornou a encarar o humano. Conquanto não fosse alegre, era o sinal de uma inteligência em expansão que tem um interlocutor de verdade.

— Sua observação é muito arguta, Dek — disse o sálqui — Na verdade, creio que você tocou no ponto central da questão. Você seria capaz de imaginar qual é o pretexto da invasão?

— Não. Não faço a menor idéia.

Larrin voltou a observar as estrelas.

— A Potestade alega que, por direito, as onze ilhas de Oncarr pertencem ao Escudo de Vessin. De fato, há centenas de *leie*, praticamente toda a costa norte da Ilha foi colonizada por marinheiros liagávie, numa época em que o nosso povo estava sendo dizimado por uma epidemia e pelas lanças dos dárrie, que dividem a porção ocidental deste continente com a Potestade. A Nuvem de Darrectla era movida pela fome. Queriam nossa tivla, e os nossos mares para pescar. A população de Vantimiso diminuiu muito, e todos se concentravam no sul, para a defesa de Salúquin, *contra os sálquie e em nome dos sálquie*, como dizia uma canção da época. Não havia um exército organizado para a defesa do território. E, bem, as tribos do norte da Ilha passaram por sérias atribulações durante décadas. Não foram anos cruentos, posto que naquela ocasião os liagávie ainda não se haviam constituído num estado, e mantínhamos relativamente bons termos de vizinhança.

A atenção concentrada de Derek nos lábios de Larrin suprimiu rapidamente um bocejo inoportuno. Quando o sálqui deslanchava a falar, custava a Derek um não pequeno esforço acompanhá-lo.

— Na verdade — continuou Larrin —, uma milícia liagávie até nos ajudou a combater alguns dárrie que desembarcaram insuspeitos na Ilha. Quando o perigo do sul passou, e, com os anos, íamos nos recuperando da epidemia, os colonizadores que restavam já haviam se incorporado aos hábitos da nova gente. Não vieram novas expedições de Vessin, pois nada havia no norte da Ilha digno da sua atenção, na época. Os liagávie que decidiram permanecer se adaptaram muito facilmente às novas realidades. Seus próprios filhos com as sálquilie já não nasciam mais malhados. A versatilidade dos liagávie é algo simplesmente fabuloso.

— Você disse, malhados?

— Sim... oh, naturalmente! Perdoe-me, você nunca viu um liagávi. Mas será capaz rapidamente de reconhecer um, assim que vê-lo.

Larrin estendeu o braço e arregaçou a manga da túnica.

— Já reparou na cor dos nossos pêlos, não?

— Sim, já. Ou cinzento, ou dourado, por todo o corpo — pelo menos, nas partes que eu já vi.

— É correto. Embora essas cores possar ir do negro ao branco e do dourado ao bege, em todas as tonalidades, dependendo da estação. Mas o detalhe importante é que, num sálqui, essa coloração é sempre contínua. O pelame liagávi tem, sobre uma cor de base, numerosas manchas de todas as formas, tamanhos e colorações que sua imaginação possa conceber. Algumas vezes, grandes partes do corpo são despigmentadas. Mas eles sempre têm, na fronte, uma mancha branca em forma de estrela. A própria etimologia da palavra "liagávie" propõe que seja uma antiga adaptação do vocábulo vini *lïiverr*, que significa precisamente "mancha", embora seja muito parecida com o querrcna *laigverr*, que significa "estrela".

Derek fez que entendeu e buscou fixar na mente a imagem dos sálquie do acampamento. Zutarrs e Larrin tinham um pelo dourado que raiava o amarelo fulgurante, quando olhado em ângulo com o sol. Os outros três eram dos sálquie prateados. Em todos, o pelo da cabeça ia do negro da ponta das orelhas em degradê até o dourado ou o cinza, chegando quase branco, ao redor do focinho e no pescoço. Ao redor dos olhos, os pelos eram distintamente claros (e, no caso de Gimiso, formavam uma espécie de máscara). As vibrissas eram invariavelmente brancas.

— Como eu dizia — retomou Larrin —, apenas poucos colonizadores permaneceram dentro dos limites do nosso arquipélago. Concentraram-se ao final em Oncarr. Mas os invernos rigorosos de Vantimiso e a diminuição dos rebanhos de tivla foram lentamente fazendo-os perder o interesse pelas ilhas, e finalmente retornaram a Vessin, *depois* de transferir a chefia das tribos para Salúquin.

— E agora eles as querem de volta?

— Sim. Alegam que necessitam da base pesqueira, pois não estão dando conta de suprir seus soldados nos territórios que vêm conquistando no Sudeste.

— O mesmo pretexto dos dárrie, não é?

— É exato. Mas eu já não acredito mais que peixes movimentem guerras. Não hoje. Oncarr é um território pobre e relativamente despovoado. Não sei o que pretendem com tudo isso.

Ambos ficaram em silêncio, para receberem outro meteorito que vinha pelo céu. Desta vez, contudo, parecia maior e mais perto. Desapareceu um pouco abaixo da linha do horizonte. Depois de vários minutos, ouviram um surdo e monótono troado, como uma infinita lamúria do oceano ferido.

— Caramba! Esse chegou perto!

— Sim, mas você não deve ter receios. Quando Maluoncha está em casa, Giízen sai para a limpeza, como se diz.

— O que?

— Essa chuva de meteoros já foi prevista. Giízen está exatamente na sua direção, como uma espécie de escudo para Segusii.

— Sim, mas... o que é isso de limpeza?

— Essas chuvas de meteoros têm um período fixo, e por coincidência ocorrem sempre quando Giízen está eclipsada. Daí esse antigo ditado. Ela se encarrega da limpeza do céu acima de nós.

— Tudo bem, mas... e aquele? — disse Derek, apontando para o mar invisível.

— Alguns escapam da sua vassoura.

— E podem cair em cima de nós?

— Naturalmente.

Derek encarou perplexo o seu interlocutor, e sorriu desdenhoso. Aqui, neste mundo, tudo era incrível, mas tudo era natural.

— Se vocês não são os culpados, então quem são? — perguntou o humano.

— Perdão?

— Você dizia que...

— Oh, sim! A argumentação liagávie. É muito falha, por... por uma série de razões. Chega a ser infantil. Mas é bastante típico deles. Suponho que ninguém acredita neles. Suponho que eles saibam disso, e mais ainda, que *contam* com isso. Faz parte da sua estratégia de medo. Damos-lhes as ilhas. E o que virá depois?

— Você acha então que eles não querem as ilhas?

— Acho que eles não querem *apenas* as ilhas. Vessin é um país muito rico. Nada de material poderíamos oferecer-lhes que valesse a pena. Você irá notar, Dek — disse Larrin, com um sorriso forçado — que a grande maioria dos povos de Segusii já desenvolveu alguma espécie de hostilidade contra nós. Há uma antiga lenda que diz que a terra de Vantimiso é um espelho, que lhe mostra rapidamente quem você é verdadeiramente. Não sei o que ocorre no seu mundo, mas aqui é muito comum que não se goste do que se vê refletido. Não acho que isso seja um motivo, mas manifesta uma disposição.

— Então, o quê? Posição estratégica... imperialismo puro e simples? Aliás... aquele outro país, Ne Plátie. Não fica próximo de Vantimiso?

Larrin grunhiu.

— Os liagávie nunca atacariam Ne Plátie.

— Por quê?

O sálqui suspirou de novo, e o sono se manifestava pelo bocejo que arrematou. Coçou os olhos e o focinho.

— Eles têm navios ainda melhores e mais poderosos do que os nossos. O mesmo ímpeto que guiaria os liagávie contra Ne Plátie seria devolvido, amplificado, por uma contra-ofensiva pláti.

— Putz! Mas todo o mundo é estourado aqui neste planeta?

— Muito pelo contrário, Dek. A violência dos plátie é diferente. Eles *apenas* atacariam impiedosamente, sistematicamente, os navios liagávie. E, por Elpa, ai dos prisioneiros! Contam-se...

coisas que eles praticam, tão monstruosas, que chego a desconfiar de que possam ser verdadeiras. De qualquer modo, não creio que seja oportuno preocupá-lo com isso. Além do mais, eles são da mesma linhagem.

"Da mesma linhagem?", pensou Derek. *"Por acaso o touro furioso é irmão da serpente?"*

— Bom — disse Derek —, afinal, então, o que eles querem com uma invasão de Vantimiso?

— Isso eu não sei, *badzi* — respondeu Larrin, esticando as pernas e espreguiçando-se — Adoraria sabê-lo. Nem em sonhos o descobrimos.

Derek recebeu de Gimiso o apelido de *badzi*, quando tentava pronunciar o nome do país daonde viera. O apelido ficou, porque era a mesma palavra em vini para "curioso", e casava bem com a impetuosidade com que o humano tentava entender aquele mundo incrível onde tinha ido parar.

Ele notou que Larrin estava cansado, mas não queria por nada do mundo interromper a conversa. Crônicas de Vantimiso na semi-obscuridade, com a exuberante natureza alienígena como pano de fundo... tudo isso exercia uma forte impressão sobre o humano.

— De modo que vocês estão aqui para resolver o problema — disse Derek.

— Resolver o problema?

— Sim, o da toxina.

— A toxina... mas, não, Dek. Nossa missão não é a de resolver esse problema. Estamos aqui para coletar a maior quantidade possível de lechi e levá-la para nossas tribos para a produção de antídotos. Bem, você já sabe disso.

— Posso ser um pouco chato? — perguntou Derek — Por que é que eu devo acreditar que vocês não vão usar a toxina num ataque aos liagávie? Quero dizer, claro que acredito em tudo o que você me diz... mas eu tenho apenas um lado da história. Se eu perguntasse aos liagávie, o que eles diriam?

— Se perguntasse o que, Dek?

— Digo, sei lá! Se eles receiam um ataque ou uma invasão da Ilha.

— Creio que eles apenas ririam. De qualquer forma, isso não vai acontecer. Não queremos eliminá-los. Eles têm de ser reconduzidos.

— Reconduzidos?

— Sim. Os sálquie são os legítimos administradores de Segusii. Naturalmente, um liagávi não concordaria facilmente com isso agora, embora eles saibam que isso é verdade. Mas não existiam liagávie quando esse encargo nos foi confiado. Eles ainda eram como nós em muitos aspectos.

— Encargo confiado?

— Sim. Mas esta história é muito longa, Dek — disse Larrin, piscando-lhe.

Não!! Tinha pronunciado *aquelas* palavras que podiam quebrar o clima mágico daquela entrevista e enviá-los para a cama! Derek pensava alucinado em algo para continuar. Mas o próprio sálqui prosseguiu, voltando de uma espécie de curto devaneio.

— Talvez seja um sinal de falta de sabedoria o conhecer em grandes tintas todo o passado mas não ser capaz de explicar o presente em função dele, de modo satisfatório. Aca Zutarrs certamente terá uma opinião mais bem fundamentada. Talvez mesmo ele saiba para onde vão as nuvens, neste momento. Previno-lhe apenas, Dek, que muito daquilo que ele porventura souber será vital para a nossa segurança. Assim, não o julgue mal caso ele não o esclareça exatamente conforme os seus desejos.

— Não, de nenhum modo, pode ficar tranqüilo! — e um sorriso irônico, quase maldoso, estampou-se-lhe no rosto — Será que vocês não confiam em mim?

— Não diga isso, Dek! — replicou Larrin, com vivacidade — Não entenda mal as minhas palavras...

— Claro, claro! Estava só brincando. Acho que fui uma surpresa um tanto grande para vocês, não?

O sálqui cruzou os braços sorrindo, e apoiou a cabeça na cadeira, olhando para a noite.

— Existem muitas lendas sobre Tarrajcalo. Histórias que nossas avós contavam, que minha mãe me contou, e que minha esposa contará para os nossos filhos. Os primeiros cronistas creacionais de Segusii compilaram a quase totalidade das lendas em um volume separado, o *Aise Urran*, ou "Livro Azul". Sempre que se referiam às lutas entre o Hipocampo e o Vento Quente, todas as lendas são unânimes ao afirmar que esta parte do Sudeste recebeu todos os dejetos dos combates das duas bestas — fezes, urina, sangue e fel. É por isso, diziam os antigos, que aqui nada se move. A Floresta da Desolação — esse foi o nome mais antigo, depois do de Vantimiso, para designar algum lugar em Segusii.

— O próprio nome do planeta é posterior?

— Oh, sim. Mas não muito, na verdade. De qualquer forma, nunca se espera encontrar animais em Tarrajcalo. Eis então que vejo-o chegar inconsciente naquela tarde, trazido por Zutarrs e Ladon, imundo, esfarrapado e mal-cheiroso, acompanhado de uma fantástica criatura que Gimiso penava para conseguir carregar, arfando; depois de vários momentos de horror, cheguei a pensar que, afinal, as lendas estavam ou meio erradas ou meio certas. Tarrajcalo parecia ocultar algo vivo, mas que era tão somente uma digna criatura das suas entranhas conspurcadas.

— Ah! Você pensou isso de mim?!

— Admito que sim, Dek, e talvez esteja expressando um dos sentimentos iniciais mais benignos a seu respeito.

— Ah, é?

Derek queria mais. Estava sorrindo de puro prazer. Corava de alegria ao ouvir falar de si, fosse com a cobertura que fosse.

— Pensamos que você e Toba talvez fossem alguma novidade em termos de castigo dos liagávie.

— Castigo?

— Sim, Dek. Bem, acho que você deveria saber que alguns de nós somos acometidos de uma estranha doença, incurável mas não mortal, que faz com que... percamos todos os pêlos do corpo. — Larrin estava tentando ser sério, mas também parecia se divertir pelas suas próprias vias — O resultado final...

— É algo muito parecido comigo?

O sálqui assentiu, e agora sim, ria seu riso rouco e abafado.

— Gimiso foi a primeira a notar que, fosse lá o que você fosse, você estava muito mal. Após deliberar conosco, aca Zutarrs decidiu que deveríamos tratar-lhe.

— Ah, sim? E havia outra opção?

— Sim, havia. Deveríamos matar-lhe.

— Me *matar*???

— Como disse, Dek, não tínhamos a menor noção do perigo que você poderia representar. Seu animal voltou a si tão logo passou o efeito do imobilizador. Já estava lavado e completamente descontaminado do pólen de lechi com que se impregnara. Mas você, ao contrário, continuava inconsciente. Estaria perecendo de alguma doença infecciosa desconhecida? Seria algum novo instrumento de horror dos liagávie?

Derek percebeu. Sorria, mas já não mais com aquela espontaneidade efervescente. Da garganta ao estômago estava oco. Pelo jeito, não fora o espetáculo divertido que achava que tinha sido.

— Eram muitas dúvidas — continuou Larrin —, e num momento especialmente crítico. Se houvessem mais como você rondando o acampamento, não correríamos o risco de sermos delatados e, sem o querer, de servir de pretexto para o início da guerra? Lembre-se, Dek, de que a nossa situação é delicada.

— Compreendo.

— Mas Gimiso insistia em que você necessitava de socorro antes de mais nada. Áquile Tilec não podia explicar como é que você, tão besuntado de toxina sobre a própria pele, podia ainda con-

tinuar vivo. A opinião de Gimiso prevaleceu, e aca Zutarrs e Ladon lhe prepararam para o tratamento.

— Me "prepararam"?

— Não se recorda? Você foi lavado várias vezes, e os pêlos impregnados foram removidos.

— Lógico. Como poderia esquecer?

Derek passou a mão pelos tapete loiro que voltava a cobrir sua cabeça. Ainda parecia um calouro, dois meses depois do trote.

— Suas roupas foram incineradas. Totalmente imprestáveis. Havia toxina suficiente no tecido para matar dois ou três de nós.

O humano suspirou, imaginando o preço do seu agasalho de futebol e dos tênis.

— O que mais nos desesperava, Dek, depois que resolvemos cuidar de você, era que não sabíamos *como* fazê-lo. Suas fossas nasais eram surpreendentemente pequenas para que pudéssemos usar a cadeira de detoxificação. Áquile Tilec chegou a colher algumas amostras do seu sangue. Ainda existia muita toxina livre. Isso a confundia ainda mais.

— Eu só estava zonzo e bati a cabeça. O máximo que eu senti foram umas coceiras sobre os cortes do braço.

— Isso é muito intrigante — disse o sálqui.

— E você, Larrin? O que você fez durante todo o processo? Gimiso pelo menos me defendeu.

— Eu? Nada. Na verdade, apenas Zutarrs e Ladon podiam se encarregar de você. Até prova em contrário, também sua sobrevivência era questão de segurança.

Derek balançou a cabeça, aturdido. Já há algum tempo que não se ocupava mais com aquilo que a janela lhe apresentava, embora continuasse a olhar através dela. Lentamente, ia tomando consciência de que escapara por pouco de ser empalhado. *Sabia* que os sálquie nunca fariam isso *agora*. Mas, antes,... o que era ele? Mais um animal da floresta! Uma descarga mais forte dos imobilizadores, e *zás*! Sentiu um tremor rápido lhe chacoalhando o corpo.

— Mas, por Elpa! A intuição de Gimiso era acertada. Ficamos muito contentes por ter você conosco, Dek.

Aquilo tirou o humano dos seus devaneios sombrios. Sorriu por ato reflexo; era o que esperava ter ouvido desde o início da conversa.

— Não me acham mais uma ameaça?

— Não, Dek! Certamente, não. Diria que até pelo contrário. Para nós... diria que Elpa concedeu-nos uma enorme e ainda não totalmente compreendida bênção.

— Você acha tudo isso? — perguntou Derek, encarando-o no escuro.

— É a *minha* intuição, Dek.

— Uhm. Vamos voltar ao assunto das missões, desse jeito.

— Sempre voltaremos a esse assunto.

Ambos se calaram. Já passava das duas da manhã, mas felizmente nenhum deles cuidava de consultar o relógio. A tempestade que ia se formando em segredo no horizonte pareceu se aproximar, pois agora os relâmpagos delineavam uma área maior do céu, e os trovões ocasionais podiam ser distingüidos do sempiterno rugido das ondas.

— Você certamente se divertiria muito, Dek, se visse como nós estávamos assustados quando você despertou, na enfermaria.

— Ah! *Vocês* estavam assustados?

— Da minha parte, eu já pensava em queimar as cartas da minha família. Só me acalmei um pouco quando Gimiso falou comigo. Ela insistia que deveria ficar só; talvez dois ou mais de nós o assustássemos.

— Brilhante intuição, novamente.

Derek sorriu. De fato, aqui como em qualquer parte, era muito melhor despertar de um chilique com um rosto carinhoso do lado, do que com os corpanzis de soldados fantasmagóricos.

— Mas o que é isso de queimar as cartas? — disse Derek.

— Isso? Oh, bem, é um, digamos, ... costume que temos em Vantimiso, muito antigo. Sempre nos desfazíamos de qualquer coisa que pudesse nos fazer vacilar diante de uma decisão importante... Faz parte da preparação para uma guerra, por exemplo, mas serve para muitas outras ocasiões, também.

— Ah, é?

— Sim, até para outras que não envolvem necessariamente risco de vida, mas que supõe uma espécie de mudança vital. Antes do casamento, por exemplo.

Derek registrou, sublinhada, essa informação na sua mente. Aqueles sálquie, tão gregários, sabiam também romper laços sociais quando era preciso. Suspirou discreto e estirou as pernas entorpecidas.

— Caramba! Então você achou que eu fosse te matar?

— Eu apenas estava assustado. Não sei se cheguei a formular exatamente essa idéia.

— Eu nunca matei nada nem ninguém. Nem mesmo um passarinho... bom, talvez, algumas moscas e pernilongos. Mas nada de que eu pudesse ter dó. Aliás, mesmo que eu quisesse fazer alguma coisa, vocês estavam em maioria. Cinco sálquie com imobilizadores contra um.

— Não sei se concordo, Dek. Eu via que a nossa parte era composta de duas sálquile e três milicianos, contra um — perdoe-me a expressão — monstrengo enorme e forte, com um animal desconhecido.

Derek corou. De fato, talvez à exceção de Zutarrs, que parecia um pouco mais bem constituído do que a média, nenhum outro sálqui poderia ameaçá-lo numa luta limpa (ou seja, sem garras, dentes, etc), corpo a corpo, usando apenas os punhos.

— Aca Ladon insistiu com áquile Tilec que ela deveria permanecer nesta sala, protegida — prosseguiu Larrin —, pois já era uma severa infração do regulamento permitir que uma sálquile sozinha lidasse com um... estranho.

— Muito cavalheiresco — disse Derek, irônico.

— Mas áquile Tilec ignorou-o completamente e à sua patente. Com efeito, ninguém estava em condições de pensar linearmente naquele momento. Nem mesmo aca Ladon.

— Ah, ele é tão certinho assim sempre?

— Ele tem sangue plátie nas veias. É um dos melhores sistematas de Vantimiso.

— Então, você finalmente despertou — continuou o sálqui — Tudo o que veio a seguir foi muito rápido e confuso. Gritos numa língua estranha. Toba, que estava conosco, soltou-se. Ruídos de luta. Zutarrs murmurou, “Gimiso vai morrer ali sozinha!”, e apressou-se em direção à porta, no exato momento em que você pulou de lá e chocou-se com Toba.

— É, disso eu me lembro — disse Derek, rindo.

— Talvez o que mais tenha entristecido Gimiso foi ver a refeição quente que preparara com tanto cuidado ser esparramada pelo chão.

— Ela derrubou o prato quando eu tentei atacá-la. Espero que ela me perdôe.

O sálqui riu também.

— Naturalmente. Você causou-nos muitas surpresas, Dek. Ninguém poderia sequer imaginar um encontro como esse.

— Acho que atrasei um pouco a sua linha de produção. Mas pelo menos vocês se divertiram.

— Sim, Dek. E continuamos nos divertindo, se posso dizer assim.

— Ah, é? — Derek cruzou os braços e fingiu zanga — Vocês estão me achando ainda com cara de palhaço?

— O que é um palhaço?

— Um palhaço é... não, não! Esquece, depois eu te explico. Não mude de assunto agora. Do que vocês estão rindo ainda a meu respeito?

Larrin não conseguiu conter-se e começou a rir, tranqüilamente, rouco, como quase todos os sons espontâneos dos sálquie.

— Pois é — disse Derek —, um palhaço serve para isso. Para fazer os outros rirem.

— Ah, sim? Nesse caso, saiba que você é um grande palhaço, Dek.

Derek não conseguiu se segurar e riu também. Ah, Torre de Babel!

— Não, não, não é assim... nunca diga isso para alguém. Não é um elogio.

— Não?

— Não. Tem um sentido... pejorativo. É como chamar alguém de bobo ou idiota. Palhaço. Se bem que, por outro lado, é uma profissão.

— Uma profissão?

— Sim. São pessoas que trabalham para fazer com que os outros riam.

Larrin achou interessante.

— Humanos que vivem para fazer os outros rirem? Por Elpa, Dek! É tão dura assim a vida na Terra?

— Não, não! Bom, ela é complicada, mas... bem — Oh, droga, Larrin! Você ainda não me respondeu! Do que estava rindo?

Larrin se controlou um pouco. Parecia já ter esquecido o sono.

— Suas expressões faciais, por exemplo, são incríveis, Dek. O rosto humano parece feito de borracha.

— Ah, só isso? Mas vocês não são tão inexpressivos assim.

— Seu rosto, sim... e quando você está triste, ou alegre, ou preocupado, ou teimando com algo. Seu humor pode ser conhecido até contra o vento.

— Você acha?

O sálqui pescava algo da memória, e lembrou.

— Sim. E o modo como você se relaciona com Toba... você conversa com ele, mas... Outro dia, por exemplo, o pobre animal estava faminto, enquanto você mostrava para ele alguns papéis que trouxe do Pégasus.

— Foi anteontem.

— É exato. Toba estava quase comendo um mapa.

— Sério? Eu não percebi nada.

— É justamente isso, Dek. É tão curioso! Você consegue se desligar com uma facilidade incrível daquilo que acontece do seu lado. Quase não há ruído ou cheiro que o tire de si.

— Sério? — repetiu Derek. Apesar de saber que Larrin estava sendo profundamente amável, sentia-se um pouco mortificado. Parecia que estava nu aos olhos, ouvidos e narinas dos sálquie. Já estava um pouco arrependido de ter puxado aquela confidência.

— Enfim, Dek... pelo menos no que me diz respeito, estou sempre entre a perplexidade e a diversão, ao pensar em você.

O humano grunhiu algo. O sorriso de proteção contra situações constrangedoras continuava ativo.

— Outra coisa interessante...

— *Outra*?

— Sim, embora diga mais respeito à nossa atitude em relação a você. Saiba que foi só há questão de dias que nos convencemos de que o resto dos seus pêlos não cresceria mais.

— Ah, é?

— Sim. Achávamos que seria a última fase da sua recuperação. Mas eis que apenas os pêlos da sua cabeça continuavam a crescer! Os demais paravam bem antes da metade do caminho.

— Isso é o normal — disse Derek.

— Pois para nós foi bastante inusitado. — Larrin suspirou, preparando alguma grande síntese, e ia soltando-a lentamente — Em geral, Dek, você *inteiro* é...

— OK, OK, já captei! — cortou Derek — Sou o Patinho Feio, é isso o que você quer dizer, não é?

— O que é um Patinho Feio?

— Esqueça! Mas eu não sou o único estranho por aqui — disse Derek, desafiante.

— Além de Toba, eu espero que seja, Dek.

— Quero dizer, *aham*!, permita-me falar um pouco do *meu* ponto de vista. Como um humano vê um sálqui.

Larrin se ajeitou na cadeira, visivelmente interessado.

— Oh, por favor, Dek, prossiga!

O problema era que Derek não tinha pensado em nada para falar. Apenas não queria deixar baratas as observações do sálqui. Receava inclusive que a única coisa que lhe vinha à mente pudesse ser ofensiva. Mas agora já era tarde.

— Vocês... ahm, bem... você sabe o Toba?

— O Toba?

— É, o Toba. Bem, eu acho que... quero dizer, assim como os macacos estão para nós, humanos... em termos de constituição física, naturalmente; você sabe, não é? — bem, apenas os macacos mais evoluídos. Bem, desse mesma forma, acho que vocês estão para... para... para o Toba.

Larrin franziu as sobrancelhas e Derek arrependeu-se ato contínuo de ter aberto a boca alguma vez na vida. O sálqui olhava-o fixamente, iluminado pela luz hipnótica de Maluoncha.

— Macacos?

“Ah, boca maldita! Eu sabia que deveria ter ficado quieto! Como é que vou consertar agora... — Mas, ei, espere aí!”

— Maca... ah, não! Droga, você não sabe o que é um macaco!

Era nessas horas em que as palavras lhe bloqueavam a expressão que Derek costumava explodir com mais facilidade.

— Droga! O que eu quero dizer é que vocês são *iguaizinhos* ao Toba!

— Ah, sim!

— Entendeu? Cara de um, focinho do outro. — Ei, essa foi boa! Ah, ah! O focinho do outro!

Larrin não parecia incomodado.

— De fato, há muitas semelhanças — disse ele — É mais um dos muitos pontos que áquile Tilec gostaria de poder estudar com mais calma.

— Pois é. Eu, da minha parte, quando voltar para casa, vou abrir uma fábrica de sálquie de pelúcia. Bichinhos de pelúcia são uns brinquedos que fazem muito sucesso entre as menininhas da minha terra. Todos vocês fariam muito sucesso animando festinhas infantis. Faturariam uma nota preta. Depois poderíamos vender o direito de uso da sua imagem para uma fábrica de brinquedos.

Larrin achou muita graça. De fato, aquele hóspede era fascinante!

— Pois é. Não ria. É assim que um humano típico enxerga um sálqui! Não há outros animais parecidos com Toba aqui neste mundo?

— Cães, você diz? Não, não há. Em Vantimiso há várias espécies de predadores, como o *sivtarr*, o grande *liisa*, o *toncarr*, o *jadvii*... são mais ou menos aparentados entre si, embora as únicas coisas em comum com Toba sejam os dentes e o fato de serem quadrúpedes.

— Puxa! Você tem fotos deles?

— Não aqui no acampamento, Dek.

— Que pena. E eles são muito ferozes?

— Perigosos?

— É. Digo, são ferozes?

Larrin coçou o focinho.

— Não são ferozes. São excelente caçadores, apesar de eu não ser um estudioso deles. Áquile Tilec certamente poderá falar-lhe mais deles. Mas sei, por exemplo, que um *liisa* sozinho consegue derrubar uma *tivla*.

— Uau! Imagino que isso seja um prodígio!

— É uma tarefa difícil. Uma *tivla* pode pesar um pouco mais do que todos nós juntos.

— Caramba! E um sozinho a derruba? Deve ser então uma espécie de tigre; não deve ser nada legal encontrar um ao vivo.

Larrin não conseguiu falar "tigre".

— É, um tigre. Devo ter no meio das bugigangas do Pégasus um livro com fotos de animais. Vou dar uma procurada.

— São grandes caçadores?

— Oh, sim! Um macho pode ter uns quatrocentos quilos. São umas feras. Acho até que podem derrubar tranqüilamente um búfalo. Era a última coisa que eu queria encontrar na frente. Aliás, quando caí lá na floresta, eu pensava que estava num país lá da Terra onde existem muitos animais selvagens bem grandinhos.

— E você os teme?

— Lógico! Já pensou? Virar antepasto de tigre, ou de urso, ou de lobos, ou sei lá de que *cazzo* mais!

Mas Derek teve uma inesperada surpresa. Conforme falava, ia acompanhando o semblante de Larrin. E eis que, lentamente, ele ia se transformando naquilo... pronto! Estava de novo com aquele ar perplexo, cenhos franzidos, todo o seu rosto exalando um metafísico "Não entendi!", que surgia nos momentos mais absurdos e inesperados de uma conversa.

— Um desses... *tigde*, *tiguerr*... o atacariam?

— *Na-tu-ral-men-te!!* — disse Derek, com a boca bem aberta, arremedando a resposta favorita de Larrin.

— Por quê? — perguntou Larrin.

— Mas como, meu Deus, como assim *por quê*? Eles são animais *selvagens*!

Como a expressão do sálqui não se alterasse, uma luzinha de alerta começou a piscar no subconsciente do humano. Por trás daquelas sobrancelhas alienígenas franzidas, ele já descobrira muita coisa interessante.

— Deixe-me te fazer uma pergunta — disse Derek, devagar — Se você encontrasse um desses... *lassie* — não, não, não me interrompa! Um desses *lucie*, ou um sei lá o que; se você estivesse na floresta, sozinho, eles não te atacariam?

— Mas por que o fariam?

— Ué! Para te devorar, Chapeuzinho!

— Isso é absurdo, Dek! Nenhum animal se alimenta de sálquie.

— Não??

— Naturalmente que não. Eles comem tivla e outros pequenos animais.

— Mas, e *vocês*? Por que eles não atacam *vocês*?

— Não sei, Dek. Eles não fazem isso.

Derek coçou com força a testa.

— Uhm!! Isso é interessante! Isso é muito, *muito* interessante! Será que a carne de vocês é tão ruim assim? Oh, desculpe-me. Mas é que eu sinceramente ainda não acredito. Olha só: vamos supor que vocês ataquem e encurralem a *lassie*. Ela *não vai* reagir?

— Ele tentará fugir, se o assustarmos demais.

— Não! E se não conseguir?

— Bem, suponho que não fará nada. Nunca ataquei ou encurralei um *liisa* ou outro animal na vida.

— E se vocês roubassem um filhote da mãe? E se o torturassem lentamente, bem debaixo dos seus olhos?

— Mas por Elpa, Dek! O que você está dizendo?

— Eu só quero saber. Ela não vai atacar?

— Já lhe afirmei que não!

— Como não?

— Já lhe disse que não sei! Como é que eu vou poder explicar-lhe porque uma coisa não e-xiste?

A mente de Derek fervilhava. Como sempre, pelos motivos menos transcendentes.

— Então vamos mudar de foco. Vocês os atacam?

— Apenas a tivla e outros animais que comemos. Mas não os perseguimos, matamos ou torturamos dessa forma como você se refere. Seria como perseguir, matar ou torturar crianças.

Não era possível! Ou era? Será que Derek estava entendendo tudo mesmo?

— Olha, deixe eu te perguntar... eles são seus... filhos, ou algo do tipo? Eles se transformam em sálquie?

— Não, Dek! Nossos filhos são nossos filhos, e os animais são os animais. Apenas quis dizer que ambos são igualmente inocentes, inofensivos e...

— Inofensivos?

— Inofensivos, Dek! Por que você não me entende?

Derek suspirou fundo, satisfeito com o novo filão que descobrira. Fechou os olhos, como que em sono profundo. Lembrou-se de algo que o fez sentir-se mal. Devia ou não quebrar a inocência do colega?

Foi de algum lugar muito além da janela que respondeu.

— Vou te contar uma história. Um pouco antes de cair aqui, saiu no jornal o caso de um ataque de uma criança de seis anos por dois cães, numa cidade perto da minha. A menininha estava brincando com duas amiguinhas e, por algum motivo, esses dois cães, que viviam numa casa amuralhada, resolveram atacar. No pescoço — então abriu os olhos frios e encarou direto o sálqui. — O dono era um desses riquinhos medianos, que vivia achando que todo o mundo queria assaltá-lo. Souberam depois que esse cidadão era o único ser humano que os cães viam no mundo. E o fato é que ele não era nenhum exemplo de benevolência franciscana. Naquele dia, o motorista desse cara esqueceu o portão aberto. A vizinhança só sabia que os dois bichos existiam por causa dos latidos. Aí, puderam vê-los ao vivo. A menininha morreu na hora.

Derek acompanhou, um tanto preocupado, o efeito sobre o sálqui. Conseguiu impressioná-lo muito; disso poderia se orgulhar! Larrin tinha uma expressão perturbada no final. A máscara branca ao redor dos olhos se franziu assim que Derek mencionou a criança. Pelo que já conhecia do humano e do seu estranho tom de narrativa desapaixonada, intuiu algum desfecho desagradável. No final, sem querer arreganhava os dentes e fechava os olhos.

— Nada é inofensivo na Terra. O “inofensivo” destrói o inocente. O inocente sempre paga — concluiu Derek — É a ocorrência padrão no meu mundo.

Larrin arrependeu-se de não tê-lo interrompido antes.

— Isso é horrível. Que essa pobre criança esteja com Elpa. Mas isso quer dizer que Toba poderia...

— Não, não, não, nunca! — cortou Derek — Toba teve a sorte de ter um dono muito legal.

Mas Larrin estava bastante murcho. Todas as horas de sono que perdeu pareciam cair-lhe sobre as costas

— Ei, ei, me desculpe. Me desculpe! Eu não sabia que isso ia te perturbar tanto.

"Dek-pé-no-brek!" Outra chance perdida de ter ficado de boca fechada. Agora isso seria fatal. Larrin sucumbiu à força indomável de um bocejo.

Coçou com força a testa e o focinho de novo; nada de inteligente a acrescentar.

— Dek, que tal voltarmos a dormir?

Zutarrs aproximou-se de Larrin, na manhã do dia seguinte.

— Sentimos sua falta, Larrin. Tem algum problema?

Larrin deu-lhe conta, bem por alto, da conversa com Derek na madrugada anterior. Após ouvi-lo, o comandante ordenou-lhe que se recolhesse pelo resto da manhã.

Enquanto se dispunha a ir para sua toca, Larrin pareceu ter se lembrado de algo. Voltou-se para Zutarrs, ainda de cabeça e orelhas baixas. Assustou-se um pouco com o farfalhar das árvores próximas.

— Dek é um mundo estranho, aca — disse ele — Por vezes, é difícil de se respirar. Noutras vezes, contudo, é colorido e inebriante. Dek é como os campos de Skídi, entre o gelo e a lava. Não sei, ao certo...

— Não se preocupe, Larrin. Fez muito bem em ouvi-lo e em contar-lhe as nossas preocupações.

E prosseguiu, num murmúrio que era mais para si do que para seu jovem assistente.

— Se ele deve nos conduzir, é conveniente que as considere.

Larrin olhou-o um pouco surpreso, mas logo se inclinou de novo.

— Sua proteção, aca!

— Vá! — respondeu Zutarrs, com uma suave batida sobre o seu ombro esquerdo — Que Elpa esteja nos seus sonhos!

VI

Mas esses dias também trariam sobressaltos importantes à pequena e animada comunidade de Tarrajcalo. Certa noite, durante o jantar, o badzi estava visivelmente mal.

— Dek, você está bem?

O humano estava pálido, com a voz fraca.

— Não é nada, apenas... uma indisposiçãozinha.

Disse isso, curvou-se e vomitou. Foi levado às pressas para a enfermaria da estação pela segunda e última vez na vida. Lúcido, e todo embaraçado pelo espetáculo que estava dando.

Tilec auscultou-lhe, de uma forma um tanto curiosa: aplicou suas grandes orelhas sobre seu peito, como se fosse um travesseiro.

— *Please don't bite me...* — murmurou Derek.

— Disse algo?

— Não, não, nada.

Nisso, mesmo desfeito como estava, Derek notou um detalhe importante na esposa do comandante: ela estava grávida! Como podia ter sido tão distraído?

Depois que todos saíram, tentou e conseguiu cair no sono.

Que não foi, porém, repousante. Derek tinha agora uma sensibilidade exacerbada aos menores movimentos dos intestinos, e acordou várias vezes apenas pelo sobressalto que lhe causava a perspectiva de vomitar novamente. E talvez por tanto se preocupar, acabou realmente com mais dores no estômago.

Estava confuso; não sabia se ainda seria noite ou se já seria dia. Não havia pássaros cantando para lhe dar alguma noção, e só pela intensidade da luz arroxeada que se filtrava pela janela da enfermaria ainda não conseguia saber ao certo quando significava amanhecer e quando dizia "pôr-do-sol". Onde deixara seu maldito relógio?

Derek ficou alguns momentos contemplando os raios de luz que rebatiam na poeira do ar. A palavra "fascinante", pronunciada tantas vezes e por tantos motivos diferentes por Larrin, vinha lhe martelando na cabeça desde a última vez que acordara, e agora via que aquele adjetivo casava excepcionalmente bem com a sensação produzida por aquela luz. Não era fria nem quente, mas fria *e* quente. Ao mesmo tempo que lhe suscitava imagens de coisas animadas e agitadas, como um baile de carnaval, notou também que não era necessário muito esforço para se imaginar num açougue, ou dentro de um daqueles laboratórios de baixa temperatura da faculdade. Imaginou que, mais do que na Terra, o céu de Segusii poderia induzir oscilações de ânimo muito intensas.

A lembrança das paredes da sua escola trouxe-lhe novamente a nostalgia da sua vida passada. Havia algo nas conversas com Larrin que o perturbava subrepticiamente, como se o seu problema não fosse apenas o de um plano de férias mal elaborado.

Mas não se sentia muito animado a continuar refletindo, uma vez que a materialidade do seu estômago clamava por uma solução rápida. Enjoado, Derek experimentou levantar-se e ficar um pouco lá fora. Precisava de um pouco de ar fresco.

Atingiu o corredor que conduzia ao salão das tocas, e quando passava pela frente da sua própria, ouviu algumas vozes pelas costas, vindas de algum lugar próximo. O susto que levou fez com que prontamente esquecesse suas indisposições.

Deu meia volta, na ponta dos pés para não acordar ninguém, o que aliás seria praticamente impossível. Mas percebeu que todas as outras tocas também estavam vazias. "Então, já é de manhã", pensou consigo. E viu uma réstia de luz saindo de uma daquelas portas que normalmente permaneciam fechadas ("Uhm; como nunca reparei nesta porta antes?").

A falta de iluminação adequada fazia com que tivesse que forçar mais a vista (aliás, diabos, onde estavam também os seus óculos?), e isso causava-lhe mais tontura. Mas, às apalpadelas e tate-

adas com os pés, chegou perto da porta, e ouviu claramente a voz de Zutarrs por trás. A porta estava encostada; empurrando-a um pouco, com um receio que não sabia explicar, sentiu um penetrante odor de algum incenso desconhecido. Estava tentando classificá-lo entre "agradável porém exagerado" e "exagerado porém agradável", quando ouviu um zunir metálico, como o dos afiadores de faca para churrasco, que lhe atravessou a espinha.

Então a curiosidade assumiu as rédeas. Empurrou um pouco mais a porta com a cabeça. E a cena que testemunhou podia perfeitamente ser a de um daqueles sonhos nos quais a mente parece querer se purgar de todas as suas informações inúteis, num único jato.

Todos os sálquie estavam dentro da sala. Zutarrs estava de pé e vestia, como os outros, uma túnica diferente da habitual, branca com várias filigranas douradas. Uma faixa vermelha pendia do alto da sua cabeça e corria-lhe pelas costas até a altura do tornozelo. Com a mão direita, empunhava tranqüilamente uma espécie de cimitarra, de brilho fortemente branco-prateado, incrustada com pequenas pedras vermelhas. Estava assustadoramente calmo. Assustadoramente, se se considerasse o que havia do outro lado da arma. Roçando a extremidade pontiaguda da lâmina estava o peito descoberto de Larrin. Ele também com uma túnica branca, mas sem os ornamentos dourados. A faixa que lhe pendia da cabeça era verde, e ao seu lado ardia a chama perfumada de um pequeno turíbulo. Duas tochas nas paredes consistiam nas únicas fontes de luz do aposento, que por isso tornava-se especialmente fantasmagórico aos olhos do humano.

Larrin murmurava algumas palavras olhando para o turíbulo, em algo que a Derek soou como aquele vini altamente estilizado. Apenas ele e o seu comandante estavam em pé. Os braços de Larrin estavam estendidos para trás e para baixo. Atrás dele, estava ajoelhado Ladon, com sua mão direita apoiada no ombro esquerdo de Larrin. Murmuravam as mesmas palavras, como uma espécie de prece. Tilec e Gimiso, ambas ajoelhadas e sentadas sobre as pernas, um pouco mais afastadas, permaneciam em silêncio. Tilec estava de costas para Derek, e por ela o humano se recordaria depois que todos estavam descalços, sobre o chão de pedra nua e fria.

Mas o que unicamente prendia a atenção e o fôlego de Derek e lhe dava repetidos acessos de arrepio pelo tronco era aquela espada pousada no peito de Larrin. Este, porém, parecia apenas preocupado com a recitação daquela prece surrealista. Estava, como todos os outros ali, absolutamente sereno.

Zutarrs balançava ligeiramente o sabre, e Derek sentiu um arrepio. Era agora! Já estava vendo a ponta da lâmina surgindo ensangüentada nas costas de Larrin.

Sua presença ali foi ingloriamente traída, contudo. Derek sentiu uma pontada na base do estômago, e não pôde reprimir um curto "ai". Aquele incenso, exagerado apesar de agradável, ainda o faria vomitar mesmo que não estivesse doente.

Então, Zutarrs e todos os outros o viram. Fitavam-no com uma certa perplexidade, mas após uma curta troca de olhares, Zutarrs tornou a aplicar calmamente o sabre no peito de Larrin, e todos mergulharam novamente naquele incrível ritual. O jovem, confuso e dolorido, retomou o caminho para fora para cuidar dos seus problemas.

Um pouco mais tarde, Derek acordou de novo. Apesar de ainda enfraquecido, sentia-se já bem melhor. E foi só depois de alguns momentos que se lembrou da estranha visão. Teria sido apenas um pesadelo?

Não teve muito tempo para pensar no assunto. Surgindo na porta, Zutarrs pediu licença e entrou na enfermaria, indo abrir a janela.

— Bom dia, Dek. Sente-se melhor?

Nenhuma alteração de voz, ao contrário do que esperava. Aliás, apenas agora Derek conseguia expressar para si o que a presença do comandante exalava: serenidade. Se havia alguma criatura que Derek já conhecera que merecia o título de "calmo", "sereno", essa pessoa era o líder de Tarrajcalo. Talvez pelo modo como fechava os olhos, ou como fitava alguém, ou pela maneira de andar e de gesticular (nas raras vezes em que o fazia), ou pela segurança com que começava qualquer

frase, dando-lhe peso próprio, o fato era que Zutarrs podia ser resumido como "senhor de si próprio". Inclusive durante aquela visão, quando trocaram olhares, o comandante denotara apenas uma leve surpresa, que devia ter chocado com a perplexidade porejada pelo humano.

Mas a pergunta ainda estava no ar.

— Sim... Sim, sim, obrigado. Agora sim, tenho até um pouco de apetite.

— Excelente. Você dormiu bastante de ontem para hoje. A doutora Tilec está trabalhando firmemente sobre aquelas informações que você lhe passou, e julga que hoje mesmo poderemos saber o que está errado com seu corpo.

Derek anuiu. Zutarrs era mais prolixo quando a esposa estava ausente.

Então o jovem deixou o olhar cair para a mão direita do comandante, que buscava algo que fazer sobre uma pequena mesinha ao lado da cama (ali estavam seus óculos e o seu bendito relógio!). Zutarrs estava entre absorto e distraído, impossível dizer.

— O que tem na mão? — perguntou Derek de repente.

— Seu relógio? — Zutarrs o estendeu para o dono.

— Não, não. Essa... pulseira, ou coisa que o valha.

— Ah, isto? Zutarrs apalpou com a outra mão um pequeno pedaço de um cordão branco amarrado no pulso direito. As pontas dessa pequena pulseira eram bordadas com fios vermelhos. — Isto é uma... prova da união entre minha esposa e eu. Enredado no tecido, existe uma vibrissa de Tilec. E no braço dela, uma minha.

Arregaçou um pouco a manga da túnica para que o ornamento ficasse inteiramente visível.

— Interessante. — disse Derek, mas sem rir desta vez — Uma espécie de aliança de casamento.

Zutarrs inclinou a cabeça levemente.

— Posso lhe fazer uma pergunta, se não for indiscrição? — ensaiou Derek.

— Naturalmente. Aos estrangeiros devem ser perdoadas todas as indiscrições.

O sorriso franco de Zutarrs foi recebido com um amarelado do humano. O comandante esgrimia bem a arma com que o próprio Derek se julgava imbatível.

— Aca Tilec... está grávida mesmo?

— Sim, está. — respondeu o líder, um tanto surpreso com a pergunta — Por Elpa, será nosso quarto filho.

Derek esbugalhou os olhos:

— Quatro? Puxa, vocês não parecem tão velhos.

E pôs-se a imaginar quanto tempo levaria a gestação de uma sálquile.

— Quatro filhos... — repetiu — Deve ter sido muito difícil tomar conta de todos eles.

Por uma associação absurda de idéias, embora estivesse mantendo o sorriso perplexo, por dentro o jovem humano sentiu uma pontada de aborrecimento. E foi enquanto tentava descobrir sua origem que veio-lhe à lembrança uma noite no teatro, há muitos anos atrás, quando estava acompanhado do seu pai.

Era uma peça infantil, *O Príncipe Tigre de Bengala*, e o herói da cena — nada menos que o próprio Príncipe — de quando em quando se dirigia a uma das inúmeras crianças e lhe perguntava o que deveria fazer para evitar os terríveis e abstrusos assaltos do Ministro Abutre, o óbvio inimigo secreto do trono. O pequeno Derek fora várias vezes interpelado pelo ator, e estava nas nuvens ao ver seus palpites ouvidos e executados.

Aconteceu que, no final da peça, ele despistou seu pai por uns momentos e foi procurar o Príncipe nos bastidores, com a idéia determinada de convidá-lo para jantar em sua casa. Então, por trás da armação do cenário, viu o Príncipe dentro do seu manto real de fantasia, conversando animado com a Princesa da história, ela também ainda dentro da pele listrada. Derek olhou, deu meia volta, foi para seu pai e ficou emburrado pelo resto da noite.

Agora sem querer entendia o motivo. As outras pessoas viviam suas vidas, davam suas risadas e tinham os seus filhos inclusive enquanto ele, Derek, não estava presente! Nesse sentido, o jovem Derek parecia não ter mudado muito. Eis que Zutarrs e Tilec preexistiam!

Zutarrs, por outro lado, era o protótipo do *pater familias* satisfeito:

— É um tipo de *trabalho* sumamente recompensador. É como... a lapidação de uma pedra preciosa, de quatro pedras, mas que ao mesmo tempo em que vão sendo lapidadas, tomam a liberdade de assumirem formas diferentes das que imaginávamos, e muitas vezes nos deixam admirados com suas regras e vias próprias de se cristalizar.

— Quatro filhos... puxa vida. Meus parabéns! Quando vai nascer?

— Dentro de alguns meses. Espero... — mas segurou o resto da frase; com tanta destreza que pareceu ter engolido inclusive seu começo.

— Posso fazer uma outra pergunta? — disse Derek.

— Naturalmente.

Ele parecia ensaiar uma jogada de xadrez. E a sutileza da pergunta foi digna do péssimo enxadrista que era.

— Aquilo de hoje de manhã... bem, não foi um sonho, não é? Você sabe do que estou falando, não sabe?

Zutarrs sentou-se. Se havia alguma coisa que os sálquie sabiam fazer bem, era sorrir. O rosto de Zutarrs convidava a todas as confidências.

— Em Salúquin, Dek, existe um antigo provérbio, que acho que se aplica particularmente bem aos grandes imaginativos. *É pior o lido do que o visto; ainda pior que o visto, é o visto pela metade*. Não, Dek, você não estava sonhando. Talvez um sonho fosse mais fácil de explicar. O quê você viu exatamente?

— Vi você enfiando uma faca no peito de Larrin.

Zutarrs riu baixinho, abaixando o olhar.

— Ele está bem? — perguntou Derek.

O riso do comandante aumentou um pouco. Derek sentiu um princípio de despeito.

— Bom, bom, então o que é que estava acontecendo?

O comandante encostou-se na cadeira, e torpedeou o humano com seu olhar negro e firme. Como perturbavam!

— O que você viu foi parte do ritual da *Londiédni*. O *Tauna Londiédni*, que poderia ser traduzido por “Culto da Vulnerabilidade”, é a prática religiosa por excelência dos habitantes da Ilha de Vantimiso, há séculos e séculos.

Derek encostou-se no travesseiro. Outro ritual religioso? Por um momento, sentiu-se superior a todos os segusianos.

— Elpa é o nome do seu deus?

— Sim, Dek. Em vini antigo, significa "O Primeiro".

Derek anotou mentalmente a informação. Ansiava por papel e caneta, mas tinha medo de incomodar o comandante e interromper a explicação.

— Gozado... — comentou mais para si do que para Zutarrs — Agora me vem à cabeça de que essa denominação, *Primeiro*, é... típica! Só um sálqui mesmo para chamar um deus por esse nome.

— Por que, Dek?

— Não é curioso? Ele não precisa ser Grande, Eterno, Onipotente, Onisciente, Onipresente. Apenas, o *Primeiro*.

O comandante o fitava sem saber onde ele queria chegar.

— Segusianos adoram hierarquias bem definidas... Oh, mas continue, por favor — pediu Derek.

Zutarrs também sorria com as descobertas do seu hóspede. Mas tinha lá suas outras formas de ver o assunto, a Derek ainda inconcebíveis.

— Para lhe explicar o que estava acontecendo na manhã de hoje, devo retroceder várias gerações, para contar a origem do Tauna.

Derek sorriu: as historinhas dos sálquie eram sempre cativantes. E sempre é agradável ouvir histórias enquanto se está convalescendo.

— A Ilha foi o berço original de toda a civilização segusiana. Os pais de todas as tribos de todas as nações que hoje habitam nosso planeta, e segundo as lendas, os pais das tribos de Giízen e Maluoncha; todos viviam harmoniosamente freqüentando as danças com todos os filhos de Elpa, de todas as espécies e de todos os lugares.

“Então, Elpa determinou que todos os seus mundos fossem habitados pelos seus filhos, no dia da Grande Partida. Elpa queria que os seus soubessem prescindir da sua presença, por algum tempo apenas, para poderem levá-la a todas as outras criaturas que Ele havia determinado que existissem. O que os bem-aventurados talvez não tivessem percebido era que, atendendo o desejo de Elpa, sua presença entre eles seria muito mais eficiente, e inclusive meritória, uma vez que Ele seria louvado em lugares onde não podia ser diretamente contemplado.

— Inclusive... a Terra, por exemplo? — interrompeu Derek.

— Oh, provavelmente também a Terra, Dek. — disse Zutarrs, sorrindo com uma expressão inquisitiva.

— É que... bem, não vimos ninguém tão peludo por lá já há uns quinze mil anos... mas, bem, isso é só uma bobagem. Continue, por favor.

— Naquele grande Dia, — prosseguiu o comandante — partiram os patronos de todos os mundos, que acederam às determinações de Elpa. Porém, houve discórdia entre os primeiros pais dos sálquie, a respeito de qual deles deveria permanecer na Ilha, e quais os que deveriam povoar as outras paragens de Segusii.

Zutarrs pensou um pouco antes de continuar, desviando por um segundo os olhos do seu paciente.

— Então, entre os mais felizardos, entre aqueles que mais estariam próximos do Primeiro, que somos todos os segusianos, produziu-se a única discórdia que romperia fatalmente a harmonia daqueles dias felizes.

“Arren, o pai de todos aqueles sálquie que hoje chamamos liagávie; Bomiasi, pais dos dárrie e dos povos do Sudoeste; e Talcádi, o patriarca dos sálquie da Ilha, atracaram-se em uma penosa luta fratricida, nas próprias portas dos domínios de Elpa. Foram as batalhas dos Anos da Escuridão — os *Nile Jusquédni*. Talcádi, que originalmente havia sido destinado para promover a ocupação da Ilha, logrou de fato expulsar seus rivais para os Continentes. Mas com uma diferença importante: vencera apenas pelos pendores da bestialidade. Elpa, que santificara a Ilha com a sua presença desde a criação dos mundos, silenciosamente retirou-se dos Montes de Salúquin, e já sálqui nenhum pode vê-lo de novo sobre a terra.

“Mas essa perda parecia já importar menos aos nossos antepassados do que a manutenção dos seus novos territórios conquistados. Todos estavam seduzidos pelas belezas naturais que o Primeiro lhes havia designado, mas agora não mais as contemplavam, e sim as cobiçavam. E as guerras continuaram por muito tempo, pois quando se vive apenas para a satisfação dos desejos próprios, é impossível não chegar a desejar os bens dos outros.

Zutarrs fez uma pequena pausa, talvez para avaliar o efeito que a história do seu povo produzia sobre o forasteiro. E não se desapontaria; todo o ser de Derek parecia estar concentrado nos olhos e nos ouvidos.

— E seria apenas depois de muitos, muitíssimos anos após o dia determinado para a Grande Partida que Segusii viveria pela primeira vez em relativa tranqüilidade. Foi logo após a Última Guerra Antiga, em que os habitantes de Vantimiso e seus primos de Ne Plátia finalmente afastaram o perigo de Vessin, os liagávie, que vinham destas terras do sudeste.

“Naqueles dias, em Arrfinan, a tribo natal de Larrin, dois grandes estudiosos da história de Segusii chegaram a entender algo que, por uma série de motivos que agora não vêm ao caso, fazia

parte essencial dos planos de Elpa para o nosso povo, mas que estava esquecido. Eram dois irmãos; o maior, e mais famoso, chamava-se Tarrílan, e o seu irmão menor chamava-se Sancaaton. Ambos experimentaram instaurar sobre o mundo de Segusii a Londiédni, a Vulnerabilidade. As idéias da Vulnerabilidade podem ser resumidas nas três frases entalhadas no Portal do Oceano, em Salúquin:

'O Fim é o Primeiro';
'A perda do Fim é decadência';
'A Vulnerabilidade recorda o Fim'.

"E, para que nos ajudasse a desapegarmo-nos livremente das coisas mais valiosas que temos, os nossos próprios corpos e a nossa própria vontade, o ritual da Londiédni sujeita nossos corpos à experiência do *quída*, a espada sagrada ritual, e nossa vontade à experiência da *chasgo*, o fogo. As chamas da nossa bandeira são uma representação dessa transiência.

— Como assim? Vocês também... se queimam nesse ritual?

— O destino das nossas ambições meramente pessoais é a chasgo; durante o Tauna, a pessoa dirige ao fogo todos os seus desejos que não estejam dentro da vontade de Elpa para nós, deixando para Ele o melhor da nossa vontade, aquilo que nos faz nobres... e que algumas vezes os poetas chamam de amor.

Derek estava extático.

— É uma história impressionante, de fato.

— O Tauna — continuou o comandante — foi instaurado laboriosamente por Tarrílan e Sancaaton, nas terras do Sudoeste, nas Ilhas e em algumas paragens dispersas pelo Sudeste. Foi um trabalho de muitos anos, que vários cronistas diligentemente relataram logo após a morte deles em uma infinidade de escritos.

"Mas em sua missão pelas terras de Vessin, ambos sofreriam muita resistência, e ali finalmente encontrariam a morte. Os liagávie nunca conseguiram aceitar pacificamente a idéia de terem que renunciar ao seu próprio voluntarismo.

— Caramba!

Zutarrs balançou a cabeça.

— Dão-me pena os filhos de Arren. Poucas coisas no mundo têm tanto vigor e tanto coração aplicado como, por exemplo, a poesia épica de Vessin. Espero que você tenha a oportunidade de conhecê-la. Mas os liagávie têm por temperamento uma forte obstinação, e sua força de vontade inata às vezes volta-se contra eles próprios, quando alguns dos seus líderes, no decurso da sua história, afirmaram mais vigorosamente suas perversões pessoais, transformando-as em norma e objeto de culto. E assim, muitas tribos de Vessin tornaram-se lamentáveis antros onde se permitiam todas as desordens. Grande parte disso, felizmente, já é coisa do passado.

Derek inclinou-se para o lado.

— E vocês fazem essa reunião da Tauna todo dia?

— Sim, todas as manhãs.

— E por que nunca me contaram nada?

O comandante sorriu.

— Não sabia se você entenderia. E não sei ainda se estava errado.

Derek ficou sem saber como se sentir, enquanto Zutarrs prosseguia.

— De qualquer modo, é paradoxal que os nossos bem-amados estejam sepultados em terras dos liagávie.

— Vocês não podem resgatar os corpos deles?

— Isso foi uma vontade expressa deles, de permanecerem em Vessin para poderem completar sua missão.

— Como assim?

Zutarrs sentou-se.

— O próprio Tarrílan não sabia como, mas começaram a acontecer coisas após a sua morte que foram relacionadas com a sua obediência em aceitar esse tipo de desígnio. Embora os liagávie nunca se tenham se atrevido a violar uma sepultura de quem quer que fosse, existiu durante muito tempo entre nós um preconceito que nos fazia pensar ser uma espécie de infâmia o fato de algum estrangeiro ter seus restos deixados em Vessin. Tarrílan e Sancaaton superaram essa mentalidade.

— E que coisas aconteceram?

— A mais notória de todas foi o advento dos *ussule*, ou *eleitos*; são sálquie nascidos para cumprir um especial desígnio de Elpa, e que contam para isso com uma natureza... especial. O advento deles é para nós a maior garantia de que o caminho escolhido por Tarrílan e Sancaaton para que o povo segusiano trilhasse era o mais acertado possível.

— Natureza especial, em que sentido?

— Desde seu nascimento, os ussule são diferenciados por uma mancha característica na cor dos pêlos, que são brancos desde a parte inferior do queixo até o tórax. É conhecida como a Marca de Tarrílan. Para suas mães, é motivo de grande alegria poder contar um ussu entre a sua descendência.

Derek perguntou meio rindo:

— Esses pêlos... são por acaso mágicos?

— Não exatamente. Além de grande acuidade no conhecimento das pessoas, os ussule têm algumas prerrogativas especiais sobre o mundo material.

— Como assim?

— Eles têm a faculdade de dispor da energia armazenada nas substâncias e nas criaturas de uma forma totalmente voluntária.

— Como assim? — repetiu Derek.

Zutarrs fez uma pausa para buscar um exemplo.

— As alterações que uma pessoa comum promove sobre os materiais, como por exemplo organizar alguns blocos de pedra para formarem uma torre, envolvem sempre dispêndio de força muscular. Os ussule não necessitam disso; podem movê-las com maior sutileza utilizando apenas a força da sua vontade.

Derek levou um choque.

— Isso é absurdo.

O líder encarou seu paciente com benignidade.

— Elpa dotou-os com esse poder. E alguns em Segusii também pensam como você, e não suportam a idéia da sua existência.

— Mas o que eles fazem?

— Quem, os ussule? Exteriormente, quase nada de diferente. Desde cedo, seus parentes os encaminham para os bosques de Skídi, na parte nordeste da Ilha, onde vivem isolados.

— Mas por que, se têm tanto poder assim?

— Esse poder é uma demonstração de que Elpa não se esqueceu de nós, e de que quando achar conveniente restaurará o que for necessário.

O humano sacudiu um pouco a cabeça.

— Tudo bem, vamos supor que isso é fato. E os ussule que nascerem em Vessin? Certamente os liagávie também têm seus preconceitos contra a gente de Vantimiso, não?

— Os ussule nunca nascem fora de Vantimiso.

— E como você sabe?

— Tarrílan já o previu. E de qualquer modo é verdade, do contrário não teríamos que enfrentar essas guerras por causa deles.

A boca de Derek não fechava direito.

— Como é? Os seus inimigos fazem guerra apenas para tê-los? Se bem que... é lógico, faz sentido, porque não é toda hora que se dispõe de um exército de telepatas.

Zutarrs balançou as mãos vivamente.

— Os liagávie nos guerreiam por sua causa, sim, mas não com a esperança de que eles possam servi-los. Apenas querem destruí-los. E destruir os sálquie da Ilha, para que nunca mais tornem a nascer ussule.

— Por que isso?

Agora sim o comandante parecia agoniado. Por um instante, seu porte diminuiu e sua face desabou.

— É uma pergunta difícil, Derek. Não acho que tenha uma resposta imediata. Sua mera existência lhes é insuportável. O mesmo motivo que causa alegria às mães desses sálquie amarga a vida de alguns liagávie. Eles estão cegos e crêem que a visão é uma doença. — pensou um segundo e continuou: — Ou melhor, crêem que "ver" é outra coisa distinta daquilo que fazemos quando abrimos os olhos. Eles dizem ter caminhos diferentes para ascender a Elpa.

Derek ainda não acreditava.

— Isso sim é que é mais absurdo ainda. Ninguém se mete numa briga sem procurar ganhar alguma coisa. Deve haver dinheiro, ou poderes, ou territórios envolvidos. Como os seus colegas de Plátia, e os dárrie, como é que eles não fazem nada?

— Em certo sentido, porque eles também pensam como você... não crêem, ou pelo menos todo o assunto lhes parece pouco importante.

Ambos se entreolhavam. Muitas vezes Derek teria a chance de se sentir contundido com a sinceridade dos seus anfitriões. A fresca brisa da manhã mal conseguia dissimular a intensa atividade mental que preenchia o silêncio. Ao fundo, bem longe por entre os corredores, ouviam-se casualmente as vozes de Tilec e de Larrin, além do ruído de frascos de vidro se entrechocando.

— E quem é você, nesta história toda?

As perguntas de Derek irrompiam, mais do que surgiam. Zutarrs riu um pouco, ainda tentando se acostumar com esses arroubos de interesse. Tornou a erguer-se no seu próprio senhorio natural.

— Perdão, não sei se entendi.

— Além de Grande Chefe de Tarrajcalo, você também é... uma espécie de sacerdote, ou algo parecido, da Londiédni, não é?

— O fato de ter sido designado pelos nossos líderes para chefiar esta equipe de pesquisa e estratégia implica necessariamente na minha nomeação como zelador das nossas tradições.

— E quando você voltar para Salúquin?

— Então, ambas as funções serão suspensas.

— Interessante!

Nesse momento, Gimiso entrou com uma travessa carregada com o café da manhã do convalescente. A este, porém, incomodou essa interrupção; seu pente de perguntas ainda mal começara a ser descarregado. Por isso, reparou apenas diagonalmente que a travessa continha as frutas de que tanto tinha saudades.

— Bom dia, Dek. Espero que já esteja se sentindo bem.

Derek agradeceu mecanicamente e voltou a colar-se no travesseiro, cristalizando um "Estou ótimo" no ar.

— Se você quiser, podemos levá-lo para tomar um pouco de ar fresco lá fora. O dia está muito agradável e...

— Não se preocupe. — atalhou, com um encolher de ombros e um sorriso dúbio — Aqui está realmente ótimo.

Experimentou, porém, um princípio de arrependimento assim que terminou a frase, pois talvez ela percebesse que o tinha deixado de mau humor. Gimiso permanecia de pé, próxima de Zutarrs, e felizmente era teimosa. Dirigiu-se ao seu superior:

— Eu gostaria muito de levá-lo. Ficar aqui trancafiada neste quarto me dá arrepios. — falou olhando de viés a cadeira de desintoxicação no canto da sala.

Derek imaginou como seria engraçado um sálqui todo arrepiado (algo como uma escova de tubos de ensaio gigante). Mas infelizmente ele era teimoso também.

— Pode ser... mais tarde, quem sabe?

E foi novamente cortado pela aparição de Ladon. Ficou desesperado; agora sim é que nunca mais iria conseguir reencaminhar a conversa com o comandante. Ladon meneou-lhe discretamente e contemplou longamente o humano prostrado, antes de começar a falar. Gimiso soltou uma risota inexplicável e seguiu seu taciturno companheiro de degredo até a janela, imitando seu passo firme.

O jovem humano aprenderia depois que poucas coisas em Tarrajcalo davam maior satisfação a Gimiso do que escarnecer dos modos calculados do tecnólogo. Este, por sua vez, longe de se irritar, parecia também ter uma invisível satisfação em conversar com a sálquile no tom mais militar possível. O temperamento de um servia de diversão para o outro, pensaria Derek.

— Parece que você já está bastante recuperado. — disse Ladon, voltando-se para o leito.

Derek ficou perdido: uma afirmação? Estava preparado para tudo, menos para isso.

— Sim, sim, exato. Estou bem.

Ladon prosseguiu, impassível.

— Aca, — dirigindo-se a Zutarrs — a Dra. Tilec gostaria de falar-lhe a sós. Enquanto isso, se for de seu agrado, — dirigindo-se a Derek — poderíamos conversar um pouco sobre o seu veículo espacial.

— Eu adoraria... — suspirou.

Zutarrs levantou-se, com seu eterno sorriso patriarcal.

— Não vá cansá-lo novamente, entendido, Ladon?

— Perfeitamente.

— Neste caso, Derek, após atender a Dra. Tilec, poderemos retomar o assunto de que falávamos.

O humano caiu das nuvens, e ergueu-se novamente na cama, embora a promessa só fosse ser cumprida meses mais tarde.

— É mesmo? De verdade?

— Naturalmente. Poderíamos inclusive fazê-lo lá fora. Penso que Gimiso tem razão quanto à capacidade de... reconforto espiritual deste quarto.

— Perfeito. Eu já estou ótimo mesmo.

E atacou com voracidade uma fruta.

A conversa entre Derek e Ladon começou dentro da enfermaria, realmente tendo por pauta o Pégasus; o seu antes e o seu agora. Conforme ia calibrando os detalhes fisionômicos dos sálqui, Derek pôde finalmente perceber, com certa facilidade, que Ladon já não era tão jovem quanto Gimiso ou Larrin. Teria talvez a idade do seu chefe, o que podia ser notado por alguns pelos mais longos, brancos e tortuosos, nas pontas e ao redor das orelhas.

Ladon podia perfeitamente ser um autômato, pensava Derek, enquanto tentava responder as perguntas que ele lhe lançava organizadamente. Julgava-o pela forma ortogonal com que se sentava, e pela ausência quase total de inflexões na voz, a não ser nas ocasiões em que algum detalhe do funcionamento do veículo humano causasse alguma revolução nos seus conceitos.

Derek, porém, estava bem longe de ser uma fonte inesgotável de informações, mesmo que o quisesse. Além de não entender o funcionamento mecânico ou dimensional da nave de seu pai, lutava contra um vini extraordinariamente pobre para descrever realidades manufaturadas, além de ter que ter em conta tudo o que, para seu interlocutor, era ficção científica.

...

Os saguões forrados de espessos carpetes cor-de-vinho do Anfiteatro das Empresas já estavam abarrotados de gente pelo menos uma hora antes do início previsto do seminário. O clima de

excitação transparecia nas conversas animadas dentro das pequenas rodas de repórteres conhecidos. Fumarolas de cigarro subiam daqui e dali como sinais de fumaça, canetas sulcavam cadernetas, braços açoitavam o ar e risos troavam continuamente. Mesmo com todo o cuidado, um copinho de café fora parar no chão. Mas não havia como chegar até ele, mesmo se o vissem. Estava escudado, por todos os lados, por uma inexpugnável parede de pernas, gordas, finas, longas ou delicadas.

Os colegas do Clube de Engenharia olhavam com certa surpresa misturada com desdém as dezenas de crachás que identificavam os repórteres, autorizados na última hora a comparecer ao evento. Aquilo não era para ser uma entrevista coletiva. Teoricamente, mal haveria espaço para o pessoal técnico. Então, por que diabos o Guimarães decidira informar a imprensa? No zum-zum etéreo por cima do mar de cabeças palradoras, o nome de Gregório Hondar ia e vinha, sugerindo aos iniciados que o teimoso Dr. Ericsson finalmente tivera que se curvar às exigências dos seus patrocinadores. Como nos velhos tempos do trabalho acadêmico.

Um outro grupo, menor, dos membros do Clube contemplava a multidão e sentia lancetadas de inveja do colega estrangeiro, justamente por conseguir reunir tantas pessoas desejosas de ouvi-lo — *apesar* de si mesmo. De fato, desde que chegara, quinze minutos antes, o Dr. Ericsson enfurnara-se no salão VIP do Anfiteatro e dava os últimos retoques na sua explanação, em silêncio, engolindo os cigarros. Recusava-se peremptoriamente a falar com quem quer que fosse antes do seminário, exceção feita ao contínuo que lhe manusearia os projetores. O Dr. Ericsson não queria *mesmo* estar ali naquele momento. Lá fora, porém, a turba aumentava e os que não conseguiram se sentar já se comprimiam entre as pilastras de granito e as esculturas de plástico. Por todas as paredes, pendiam brilhantes, coloridos e vistosos os logotipos dos financiadores daquele pequeno Éden aquecido, quais tótens acostumados a receber permanentemente o incenso da adoração.

O Dr. Ericsson dirigiu-se então para a tribuna. Quando já todos iam terminando de se posicionar, ele viu que chegavam Derek e outros quatro colegas da faculdade. Reconheceu apenas Raul, o branquelo de jaqueta de couro e cabelos pretos permanentemente esvoaçantes. Quem seria aquele almofadinha que os acompanhava? E aquele baixinho com uma camisa de flanela ridícula? Parecia saído de um circo. Mal retribuiu, porém, os acenos que lhe fizeram; tamborilava os dedos na mesa onde estavam seus papéis e percebia, mortificado, como o silêncio ia diminuindo e os olhares curiosos o fuzilavam de todos os cantos. Aquilo era desumano; quando iriam começar a maldita apresentação do seu *curriculum*? Nunca antes se sentira tão orangotango de zoológico!

Derek, sentado, contemplava seu pai com um orgulho infinito. Podia imaginá-lo arrasando aquela legião de cabeças-ocas dos jornais, para logo depois mostrar aos outros membros do Clube como é que se trabalha. Via-o agora, sentado, totalmente tranqüilo, senhor de si e da situação, calibrando bem a platéia — talvez um pouco perturbado ao notar que teria que abaixar *demais* o nível da sua apresentação. É bem verdade que ele mesmo, Derek, não entendia exatamente todas as teorias do seu pai. Desde que optara por uma carreira nas Naturais, o pai nunca o incomodara tentando dissuadi-lo em prol da sua própria área de trabalho. Aliás, o Dr. Ericsson falava francamente pouco do Projeto Pégasus com seu filho.

Mas o organizador do seminário já tomara a palavra para apresentar o Dr. Ericsson à audiência, como se aquilo fosse necessário. O próprio cicerone deve ter percebido o ridículo da situação, pensava Derek, pois a seu ver apresentou um currículo extremamente pobre do seu pai.

— Em nome do Instituto de Engenharia Aeronáutica e Aeroespacial do Neocampus e do Clube de Engenharia, gostaria em primeiro lugar de agradecer ao Dr. Alexander Ericsson pela honra que confere à nossa sociedade com a sua presença. O Dr. Ericsson é engenheiro aeronáutico pela Universidade de Reikjavik, tendo realizado seu doutorado em física dos estados transporte pelo IEAA, onde vem desenvolvendo há quinze anos seus estudos com as assim chamadas portas eletrônicas. Durante esse período em que vem trabalhando conosco, publicou quarenta e cinco artigos e foi responsável pela orientação de catorze alunos de pós-graduação. É o fundador do Instituto para a Pesquisa dos Estados Transporte, e editor da revista *Ductum*. Recebe uma bolsa de fomento da Bibhudendra Society de Nova Delhi para troca e aplicação de tecnologia transporte, e tem dois dos

seus principais projetos financiados pela prestigiosa Fundação Pioneer. O Dr. Ericsson vai hoje a-presentar o seminário "Aplicações tecnológicas de estados dimensionalmente excitados". Sempre é bom salientar que esta é a primeira exposição que o Dr. Ericsson faz dos seus trabalhos ao grande público, o que nos torna ainda mais agradecidos e honrados pela prontidão com que acedeu ao nos-so convite. Após o seminário, teremos quarenta minutos abertos para discussão e perguntas. Dr. Ericsson, por favor.

Após uma hora e meia, com a garganta já arranhando apesar dos copos de água, o corpulen-to e grisalho cientista estava bem mais aliviado por ir já terminando com tudo aquilo. Da mesma forma como acontecia sempre que dava aulas, todo o seu rosto no final estava vermelho-cinábrio e transpirante, como se tivesse passado horas e horas bebendo.

— Em conclusão, podemos dizer que o método das infinitas portas eletrônicas parece ser o mais adequado para superarmos o paradoxo do transporte simultâneo de entidades heterogêneas, que consistem de materiais com diferentes excitabilidades, nas condições necessárias para uma a-plicação prática...

A audiência ouvia hipnotizada. Ninguém podia negar que o tal velhinho tinha uma didática impressionante. Quando se acenderam as luzes, em meio a calorosos aplausos, o organizador do seminário subiu ao palanque para organizar a saraivada de dedos em riste que clamavam pela opor-tunidade de questionar aquele poço escandinavo de sabedoria. Vendo aquela floresta de mãos apon-tando o céu, o Dr. Ericsson suplicou a todas as deidades de Asgard o milagre de que tudo aquilo não levasse mais do que uma hora!

— Dr. Ericsson, sou ... do *Jornal da Federação*. No que se refere à operacionalização do Projeto Pégasus, o fato de que o senhor tenha buscado apoio junto aos militares, em São José dos Campos, levantou a possibilidade de um possível envolvimento das Forças Armadas, que teriam um interesse direto no sucesso do projeto. Gostaria de saber o que o senhor teria a dizer ao respeito.

O cientista ficou um pouco perplexo. Não mencionara nada no seminário sobre "operaciona-lização do Projeto Pégasus". Fizera questão de se ater aos dados de interesse acadêmico, em atenção aos seus colegas. Buscou com o olhar o organizador, mas o pobre coitado estava passando maus bocados para definir a seqüência das perguntas. Ele também tinha percebido que fora um erro per-mitir a invasão do Anfiteatro por aquela hoste. E a maioria dos seus colegas parecia um tanto aca-nhada de ter que disputar comida com os vorazes repórteres.

— Bem, com certeza há um *envolvimento* com a Aeronáutica. — disse o Dr. Ericsson — E-les têm pistas de pouso onde podemos manobrar o veículo. Além disso, eles nos fornecem assisten-tes muito capacitados. Permitem-nos o acesso a oficinas. Permitem-nos o uso de dados de satélites. E, embora seja inútil, fornecem-nos também a autorização para voar (alguns risos). Que outro lugar melhor para eu querer me instalar? Se a senhorita está se referindo a finalidades bélicas por trás dessa pergunta, saiba que não foram discutidas em nenhum momento do projeto.

— Apenas quero a verdade — disse a repórter.

— Ótimo! Ótimo! Nenhum dos nossos acionistas é militar, paramilitar, ortomilitar ou pseu-domilitar — novos risos — Todos são empresas privadas do setor de transportes.

O organizador apontou um jovem de terno azul, que se levantou rápido.

— Dr. Ericsson, sou ... da *Gazeta 32*.

— Outro jornal? — disse Ericsson.

— Sim, senhor. Dr. Ericsson, gostaria que o senhor nos explicasse porque escolheu a Índia como parceira desse projeto, e exatamente porque o termo da porta está tão ao norte de lá.

O cientista sentou-se na mesa e procurou num bolso qualquer os seus cigarros.

— Eu conheço muito bem os profissionais que trabalham para a Bibhudendra Society. Con-fio neles plenamente para a construção das torres de recepção. Se os meus acionistas continuarem ouvindo o meu parecer e do meu associado neste projeto, um engenheiro do IEAA, como vêm ou-

vindo, serão essas pessoas as responsáveis pela construção dessas torres. Trabalhei alguns anos na Índia e conheço bastante bem a capacitação profissional do seu pessoal.

E, enquanto tomava fôlego para continuar a responder, uma moça sentada ao lado do rapaz de terno azul ergueu-se ruidosamente, tilintando seus colares e crachá.

— Dr. Ericsson, a seis meses da partida inaugural, o senhor não teme que os conflitos no Tibete possam pôr em risco desnecessariamente o projeto?

Ericsson ficou ainda com uma palavra atravessada na garganta. Acendeu o cigarro e inclinou-se para a frente.

— Alguém vai fazer alguma pergunta a respeito do meu seminário? — disse, com um sorriso estranho.

Mas a garota cortou o silêncio constrangedor.

— Por que a Fundação Pioneer parece agora mais cautelosa em colaborar com o senhor?

— Como disse?!

Derek estava pálido. Conhecia bem aquele sorriso calmo do seu pai. Mau presságio. Quem era aquela chata?

— Há dois dias — disse a garota, agitando no ar um recorte de jornal —, há dois dias o presidente da Fundação Pioneer, Sr. Gregório Hondar, teria sugerido às autoridades aeroespaciais americanas que examinassem com cautela a trajetória do veículo. Que pensa disso?

— Mas isso é um absurdo! — disse o cientista, marcando cada sílaba — A senhorita não entendeu; não há trajetórias com um veículo porta-dimensional. Isso estava no slide 25. Não posso acreditar que o Sr. Hondar teria dito isso. Mas, de qualquer forma, se quiser saber a opinião do Sr. Hondar a respeito, ora bolas, pergunte a ele!

Outro rapaz, sentado ao lado do banco da intrometida, e pelo jeito do mesmo jornal, revista ou camarilha que ela, tomou a palavra. Curiosamente, nenhum dos que estavam escalados para fazer perguntas se insurgiu contra os dois fura-filas. Sugeria um certo grau de mancomunação, como se aquilo fosse apenas o que todos quisessem saber.

— Não seria muita coincidência, Dr. Ericsson? — disse o novo metido — Envolvimento com militares aqui... engenheiros militares da Índia, e uma viagem às fronteiras de um país em conflito. Pode sugerir uma ação militar bem orquestrada.

— Isso é um absurdo! É uma calúnia inadmissível! — exaltou-se o cientista, que tinha pouca experiência contra as urdiduras da verborréia da imprensa e dos advogados.

— Que explicação o senhor daria então para a declaração do cônsul paquistanês...

— Isso é absurdo e ofensivo! — troou o Dr. Ericsson.

Nisso o organizador resolveu atuar:

— Pediria à senhorita e ao senhor que aguardassem a autorização para fazer as perguntas. Dr. Ericsson, eu...

— Não há armas! Não há segredos! Não há lobos maus! — continuou o cientista, um pouquinho mais calmo — Será que vocês não conseguem entender? O Pégasus *não é* um projeto bélico!

A atmosfera iria se descarregando aos poucos; felizmente a próxima pessoa era da assessoria de uma revista científica juvenil, e desviou o foco da artilharia para os temas mais teóricos. Isso não impediria, contudo, que nos jornais de todo o mundo no dia seguinte aparecessem manchetes do tipo, “Veículo invisível apontado para o Tibete”, ou “Construção de projétil — “Projeto” Pégasus transformou-se em “Projétil” Pégasus — dimensional é feita em hangares militares”, e outras variações do mesmo tema.

Também o Dr. Ericsson via agora que o seminário realmente *não fora* uma boa idéia.

...

Ladon explicaria mais tarde que tinha em mente, no início, ajudar Derek a construir uma nave análoga, pois assumia que era um veículo de locomoção terrestre. Quando descobriu que aquilo voava, e o que significava voar, teve que se contentar com a possibilidade de ajudá-lo a reconstruir a sua própria nave. E, finalmente, quando começou a história das portas eletrônicas, disse para si que morreria tranqüilo se as visse alguma vez funcionando.

— É um engenho formidável, — comentou Ladon no final, com uma equanimidade digna do último sistemata prussiano — realmente formidável. Chego a recear que causasse malefícios aqui no nosso mundo.

— Por que diz isso?

— Temos vizinhos belicosos, que talvez perdessem suas últimas reservas de prudência caso dispusessem desse veículo incrível. Ataque localizado, rápido e sem defesa possível. São qualidades que muitos saberiam aproveitar.

— E se vocês, de Vantimiso, dispusessem desse veículo? Como o aproveitariam?

— Eu o destuiria.

A voz macia de Gimiso, confinada até então a um canto escuro do quarto, interrompeu o pingue-pongue entre Derek e Ladon.

— Eu o destruiria. — repetiu— Malditos aparelhos, que quanto mais matam, mais mortes demandam.

Sua voz soava apocalíptica, e portanto caía-lhe mal. Ladon desviou os olhos por um momento.

— Certamente os líderes das tribos de Vantimiso nunca concordariam num tipo de ataque como esse. Talvez pudesse ser usado apenas com finalidade de defesa, de intimidação...

E ajuntou, voltando a interessar-se no humano:

— Você não teme uma desvirtuação como essa da idéia do seu pai?

— Não sei; o veículo acabou de ser inventado. E o único protótipo já foi destruído. Mas talvez você tenha razão. Meu pai não era militar, e acho que ele mesmo nunca pensou seriamente nessa possibilidade. Agradava-lhe a idéia de ter contato com todo o mundo, rapidamente. Mas é como na história do avião. Dizem que Santos-Dumont morreu de desgosto ao ver seu invento sendo usado na guerra, para bombardeios sobre cidades...

Interrompeu-se um pouco, pensando para si e olhando através de Gimiso.

— Porém, seria então o caso de se destruir os aviões? O problema não está nos aviões, ou nas usinas nucleares, ou obviamente nos produtos químicos. A merda toda está na cabeça das pessoas. Se não existissem aviões, com certeza algum imbecil já teria perdido tempo inventando algum tipo de tacape atômico, que destruiria um Rio de Janeiro inteiro em dois segundos.

Ladon concordou, enigmático. Derek depois se surpreenderia ao notar que, dentre todos os sálquie de Tarrajcalo, Ladon era o que possuía interesses mais afins com os seus. Ele também procurava entender sistematicamente o fenômeno cultural e tecnológico que a presença do humano representava para seu mundo, da mesma forma que Derek olhava para os sálquie. Não obstante, Ladon era com quem Derek menos conversava no acampamento.

Foi mais ou menos nessa altura que Larrin apareceu, já tarde para os votos de bom-dia. Não vinha com um aspecto dos mais animados, mas Gimiso soube aproveitar sua mera presença para dar uma virada por 2 a 1 naquela conversa insuportável sobre parafusos e guerras. Lograram arrancar Derek da cama e levá-lo para fora, onde os quatro ficariam conversando por mais algum tempo.

— A primeira vez que eu o vi, foi no dia da matrícula na faculdade. Nesse dia, o pessoal que já estuda lá, os veteranos, corta o cabelo dos calouros, os recém-chegados.

— Para quê? — indagaram Larrin e Gimiso ao mesmo tempo.

— É o nosso *tauna* de iniciação na vida acadêmica.

"Mas foi engraçado; lá estava eu sentindo a cabeça cada vez mais arejada, quando surge na frente do prédio um sujeito com cara de menino que se perdeu em uma loja de brinquedos. Mais ou menos parecido com você — apontou rindo para Larrin.

"Nem precisaram perguntar; estava escrito na cara, *Sou um calouro otário!*. Dois dos veteranos do time de futebol avançaram para cima dele, com as tesouras babando por cabelos. A verdade é que eles não sabiam com quem estavam mexendo; o Raul era campeão de judô pelo colégio, mas nunca brigaria com alguém que não soubesse lutar. Mas enfim... nem precisou! Foi aí que do nada surgiu o Toba latindo, e voou no braço do que estava mais perto. Então o Raul gritou: 'Toba, larga!', e o Toba largou. Mas o pânico já estava instaurado; ninguém mais queria chegar perto do Raul. Então ele disse: 'Tudo bem, podem vir cortar! Ele não vai morder mais!' Ninguém se atreveu, enquanto o Raul não trancou o Toba num banheiro. Foi o primeiro caso de calouro que teve que trabalhar para levar trote.

— Cerimônia curiosa — ajuntou Ladon.

— De fato, mas o cabelo depois cresce de novo... como Gimiso já bem reparou.

"Mas o Toba foi rapidamente adotado pela turma. Ele não largava do pé do Raul (ou talvez fosse o Raul que não lhe largava das patas, não sei). Onde um ia, o outro ia. Quando estavam juntos, o pessoal chamava eles de *par iônico*. Horrível, não?

"Enquanto assistíamos aula, o Toba ficava dormindo do lado de fora do prédio. Alguns diziam que, dependendo da aula, ele era o que fazia a única coisa que se aproveitava... Inclusive a Atlética o nomeou mascote oficial; fizeram bandeiras e *bottons* com a foto do Toba com um jaleco e um óculos, trabalhando numa bancada. Tiraram a foto lá no meu laboratório.

Então Derek começou a rir sozinho.

— Lembro que uma vez estávamos assistindo uma aula com um professor, o Arruda, que era muito engraçado. Nossa faculdade tem inúmeros professores engraçados, mas o Arruda era o fim da picada. Chamávamos ele de *Senhor Vancouver*, porque sua primeira aula foi inteira para falar das benesses de se fazer uma pós-graduação no Canadá. Dava para saber se a aula tinha sido do Arruda contando o número de cigarros perdidos pela sala. Ele sempre entrava com um cigarro na sala e deixava-o sobre a mesa. E esquecia-o. Depois, andava pela sala falando, ameaçava acender outro cigarro e o deixava sobre alguma cadeira vazia. Seu recorde foram três cigarros em pontos distintos da sala; um deles aceso. Ele mesmo não chegava a fumar nenhum. Só falava.

"Ele ficou fã do Toba quando descobriu que seu nome era contração de *Manitoba*, um lugar do Canadá onde por coincidência o Raul tem alguns parentes. A família da mãe dele é de lá. O Arruda era canadófilo crônico. E o engraçado foi uma vez que ele pediu ao Raul que trouxesse o Toba para dentro da sala, 'para que representantes de toda a criação possam estar presentes na aula em que nós vamos *destruir* Schrödinger' — aqui, Derek pôs ar majestático — E lá foi o primeiro cigarro aceso.

Então o *badzi* começou a rir a não mais poder. Tanto que até os sálquie começaram a ficar impacientes.

— Calma! Calma! É demais, demais! O Arruda, coitado, estava muito, *muito* empolgado... ah, ah, ah, ah! Muito empolgado naquele dia. Escrevia e escrevia na lousa. Todo mundo estava magnetizado na aula, prestando atenção... e ninguém notou que o Toba... o Toba... ah, ah, ah, ih, ih!!

— O que o Toba...

— Ah, ah, ah, ah! Que o Toba tinha, digamos, que prestar *sólidas* contas à natureza por todos os benefícios recebidos. Ah, ah, ah...

— Oh, Derek! Não pare! — pediu Gimiso.

Derek enxugou os olhos, pois já ria até das próprias gargalhadas. Tomou um pouco de fôlego.

— Bem, o Toba chegou às vias de fato, no corredor. A sala era um anfiteatro, daqueles onde o professor fica em baixo e as fileiras de alunos vão subindo em arco. Ah, ah, ah, ah! Uma salinha

jóia, toda acarpetada. O Toba fez no corredor e... de repente, um ou outro viu... *tu-tu-tu-tu-tu-tu*... uma bolinha, e outra, e uma terceira rolando pelo corredor, indo bater bem na perna da mesa onde o Arruda estava. Uma ficou ali, paradinha.

Derek fez uma pausa estratégica. Mas não conseguia parar de rir. Larrin e Gimiso, embora ansiosos pela história, não conseguiram disfarçar um ar de nojo.

— Mas e então?

— Então, o Arruda concluiu umas equações e virou para a classe, com o giz em riste, totalmente triunfante. "Isto, senhores, é a prova irrefutável e cabal de que o método — o MÉTODO! — rigoroso é fundamental para se fazer ciência, como nós sabemos que ela deve ser feita".

"E então,... *vupt!!* Ele pisou *naquilo* e teve que se agarrar na mesa para não cair. Uma pose bem pouco digna da luminária que era. Aí ele gemeu um "Oooh! Que desgraça!", com voz de vovó que ia ser devorada pelo lobo mau. Todo mundo estava se segurando para não estourar de rir. Aí então se levanta o Traian. O Traian é louco. Louquinho, pinel total. Sabe aquelas pessoas nervosas, que escrevem lembretes na palma da mão? Pois então... Traian é o maníaco da classe. Só conhecendo a figura! Ele suspirou profundamente e apontou para o Arruda e berrou: "*Vaidade das vaidades! Tudo é vaidade! Vaidade! Vaidade!*"

"Todo mundo gelou. E o Traian saiu da sala cantarolando um *Credo*... O Arruda ficou lá, com um pé cheio de merda. "Pô! Num faz isso cumigo não, meu!" Ah, ah, ah, ah, ah...

...

— E "nephew", quer dizer "sobrinho" mesmo?

— Isso. E "uncle" é "tio". Uncle Raul - Titio Raul.

— Putz, e agora? Como é que se escreve "um forte abraço"?

— Assim eu não sei. Use "regards".

— Mas isso não é muito formal?

— Bom, sei lá. Então escreva "¡Hasta la vista!"

— Já sei. Vou escrever "See you!"

— Urgh! — emendou Derek, enquanto seu colega digitava as despedidas.

— Quantos anos tem esse seu sobrinho?

— Sete. E já fala inglês e francês.

— Bom, pelo menos você fala português melhor do que ele. Quando eles chegam?

— Quer ver? — e Raul leu umas linhas na tela — Dizem que o próximo vôo de Winnipeg só sai na quinta-feira.

— Ótimo. Assim você e seus irmãos têm uma chance de dar uma ajeitada nesta zoeira de quarto.

Derek estava semi-sentado na cama, único assento além do chão e da cadeira ocupada por Raul.

— Mas, continuando, o que dizia então o Pequeno Príncipe? — perguntou Derek.

— Já te disse que não era ele. Mas é como eu te falei; a vida vale pelas relações que você consegue estabelecer durante ela.

— Explicação.

— Bom, não me aprofundei muito, mas acho que a idéia é clara: sua vida não tem sentido se você parar apenas em você mesmo. O que conta são os vínculos que você estabelece com as pessoas, e a qualidade desses vínculos.

— Não sei, não. Eu já acho diferente. É impossível qualquer contato, qualquer comunicação realmente desinteressada entre duas pessoas. Seria ótimo se isso fosse possível, mas na prática você percebe que *sempre* existe um interesse subjacente.

— Ora, Dek... tenha um pouco de bom-senso...

— *É* bom senso. É auto-defesa.

— Eu digo que é egoísmo 100% puro.

— Não é.

— É. Quer mais Coca?

— Obrigado. Tudo isso que você chama de "amor" é uma bela teoria, mas não funciona.

— Por que não?

— Quando você faz algo por "amor", o que você está fazendo? Buscando sua própria satisfação...

— Não, seu tapir! — berrou Raul, empinando-se na cadeira e rosnando.

— Não fique tão *enraulvecido*.

A mãe do Raul, que estava na sala, julgou oportuno intervir.

— Tudo bem por aqui? Oh, boa tarde, Dek. Não sabia que era você que estava aqui. Querem um lanche?

— Não, obrigado, dona Cristina — respondeu Derek, terminando de se assentar um pouco melhor — Não como em serviço.

— Serviço? Algum trabalho da faculdade?

Derek deixou escapar um sorriso maldoso.

— Não, só estou trucidando seu filho.

Dona Cristina deu uma risota.

— Bom, só não deixe nada no chão depois.

— Pô, mãe! Do lado de quem a senhora está?

Ela apontou a bandeira enorme cobrindo uma parede do quarto, e não resistiu:

— "Ordem e Progresso", não é essa a idéia? Se não houver progressos logo logo por aqui... — e voltou para a sala.

— Aliás, falando em desordem e regresso, esqueci de trazer o seu disco de volta.

— Está ouvindo, pelo menos? — perguntou Raul.

— Legalzinho. Gostei daquela... *Aquarela*.

Raul começou a cantarolar.

— *Numa folha qualquer,* etc?

Derek anuiu e arriscou emendar umas notas.

— Essa mesma. Onde é que você descobre essas velharias?

— *Que descolorirá...* la-ra-la-la-la-la... *que descolorirá.*

— Exatamente.

— *Que descolorirá*, meu caro Dek. — Raul coçou o queixo — Sabe, acho que é meio sintomático. Você só se lembra das músicas tristes.

Derek soltou um sonoro "Bah!"

— É sintomático — repetiu Raul, mais para si do que para o outro — Gostar da Quinta Sinfonia de Beethoven pode significar muitas coisas. Mas gostar da Quinta Sinfonia e depois dormir ouvindo um disco do *Arctic Wilderness* tende a significar um comportamento depressivo.

— Errado, bobão. Não sou depressivo. Você é que é obcecado por interpretações melindrosas da realidade.

— Melindrosas, eu não diria...

— Bah, você gosta de causas, fins e explicações para tudo! Você é um porre.

— Bom, meu caro bebum, mas é exatamente o que você também faz na faculdade.

— Mas lá estudamos química.

— E por que a química pode fazer sentido e o seu gosto musical não?

Derek balançou os ombros. Fitava seu amigo com uma ponta de desgosto, já bem conhecida.

— Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Um átomo de hidrogênio vai sempre continuar sendo um átomo de hidrogênio, tanto faz se eu estiver triste ou alegre, ou se eu ignore o fato completamente, se eu tenha amor a isso ou não.

— Uhhm. Essa também soa familiar.

— É de um inglês do século retrasado; não lembro o nome. Mas acho que estava citando alguém.

Raul bebeu mais um gole de refrigerante, olhando pela janela o parque infantil no meio do Bosque da Aclimação.

— Você realmente acredita em todas essas baboseiras que você lê?

— Poderia te fazer a mesma pergunta.

— Ai, ai, ai...

Raul coçou os olhos e os fez percorrer a estante forrada de livros.

— Em algum lugar aqui — dizia Raul — tem um livro legal que diz que o amor é querer o bem *do outro*, *pelo outro*. O outro, o outro, o outro! É exatamente o contrário da sua idéia.

— Qual "minha idéia"?

— Veja... o que é o amor entre dois namorados, por exemplo? É próprio de um namorado se sacrificar, fazer coisas de que não gosta, se for o caso, para que a namorada seja feliz, seja ajudada numa necessidade. E isso *fatalmente* traz felicidade ao namorado, mesmo que não tenha sido imediatamente procurado. Não é incrível?

— Você bebeu. De que diabos você está falando?

Raul coçou um pouco a cabeça, como sempre fazia quando tentava buscar uma idéia.

— É o que faz com que uma mãe não deixe o filho de três meses chorando no berço quando o garotinho se lembra que precisa mamar às duas da manhã. Não é uma situação objetivamente agradável, e apesar disso a mãe não deixa o moleque morrer de fome.

E concluiu, afundando-se mais na cadeira.

— Ou seja, amor *não é* sinônimo de egoísmo.

Derek repuxou os lábios.

— Eu nunca disse que fosse.

Raul tomou outro gole de refrigerante. Distraiu-se um pouco com um bando barulhento de quero-queros que saiu do Bosque e passou bem por cima do seu prédio. Um deles pareceu curioso com uma pipa eletrônica amarela, em forma de águia, lançada por um garotinho de sete anos sentado numa varanda um andar abaixo. O pássaro foi chegando, chegou, ciscou, e quando o garoto tentou levar a pipa mais perto, assustou-se, deu meia-volta e fugiu grasnando atrás dos seus companheiros.

— É isso. Não é só uma teoria. Bem, *também* uma teoria, se você quiser. Mas veja no que vai dar na prática tudo isso que você fala, Dek.

Derek também viu a pipa pela janela, e ouviu os gritinhos do garoto.

— No quê?

— Num belo suicídio, não acha? Se tudo acaba no seu próprio umbigo, se nem a química, nem a música, nem o caramba a quatro fazem sentido... se você fosse coerente...

E fechou a idéia com um leve suspiro. Derek não parecia especialmente tocado.

— Talvez você esteja certo, mas... e quanto às coisas que você pode *fazer* na vida? Não te parece que existem tantas oportunidades, tantas coisas incríveis que você pode fazer, e que fazem com que a vida valha a pena?

— Oh, sim. Acho que até mais do que você pensa!

— Por isso; como é que eu poderia querer me matar tendo o mundo pela frente?

Raul não respondeu logo.

— Então você não se mataria só porque tem muitas coisas para fazer na vida?

Derek riu.

— Sim. Quero dizer, não! Não, eu nunca me mataria, que idéia! Só acho que, com tantas coisas para fazer, é totalmente idiota ficar pensando em suicídio. Isso é para burguesinhos europeus que têm tempo de sobra para pensar em titica.

— Oh, devo lembrá-lo das suas ascendências, Sr. Alexandersson?

Derek colou-se no travesseiro, bem-humorado.

— Relaxe. Já estou bem vacinado.

E apanhou distraidamente um cubo mágico na cabeceira da cama.

— De qualquer forma, seu argumento não é justo, Dek.

Mas ele não ouviu.

— Sabe, você já parou para pensar... no tamanho do mundo? Existem tantas possibilidades de você navegar pela vida, que você quase perde o fôlego. Eu fico enchendo o Willi, mas em alguns momentos eu até entendo as idéias dele, de fazer sua pós-graduação em Marte, ou de ficar estudando a atmosfera de Saturno. Ele quer viver a vida, aproveitar tudo o que ela pode oferecer. Eu, ele, você... estamos numa época incrível para nos deleitarmos com a nossa... a nossa... capacidade de agir!

Derek batia o cubo na cabeça, como se as palavras estivessem coladas no cérebro.

— Capacidade de agir? — disse Raul.

— Exatamente! Nós podemos deixar nossa marca no mundo.

E simulou no ar um carimbo com as mãos — *paft*!

— Eu penso nisso todos os dias.

O dono do quarto não perdia nenhuma palavra do colega.

— Todos os dias?

— Todos os dias — repetiu Derek.

Raul reviu por um momento fugaz a imagem de Derek trabalhando num laboratório da faculdade, com os cabelos ainda mal crescidos do trote. Pensou nisso e sorriu para si.

— Dek, eu te invejo mas não te invejo. Você é incrível!

Derek torceu as sobrancelhas.

— "Derek, a Mente que planeja". "O Cérebro Arquiteto". É isso! Você é incrível para planejar as coisas. Aposto que já calculou quantos anos são necessários para receber o Nobel.

— Bah, corta essa. — respondeu, rindo.

Raul não disfarçava sua admiração.

— O Planejador. O Metódico. Já posso até ver na Conhecer: "ALEXANDERSSON, DEREK (1997-): Também conhecido por *Derek, o Sistemata*, foi o Reformador da ciência na Federação do Brasil durante..."

— Não seja idiota! — cortou Derek.

— "Discurso sobre o método — edição revista e complicada pelo Grande Dek Lec".

Raul desaprumou-se do pedestal imaginário e tornou a cair na gargalhada.

— Você já tem toda sua carreira planejada!

— Não, nem toda.

— E vem executando esse projeto sistematicamente desde que entrou na faculdade. Isso é incrível!

— Bah...

— São três anos... ou mais, se você já vinha planejando o colegial, e o primeiro grau, e o prezinho...

— Não diga asneiras. Sei que é difícil para você, mas não diga bobagens!

Raul balançou a cabeça, aprovativa.

— Sucesso total, por enquanto. Meus parabéns.

E fitava seu colega serenamente.

— Eu queria ter um décimo dessa sua cabeça, Dek. Na sinceridade.

Derek sorria sem graça. Mas teve uma idéia.

— Queria mesmo? Pois bem, segure-o então!

E atirou o cubo mágico, com sua confusão de cores toda por ajeitar.

Raul riu uma risadinha curta e satisfeita, enquanto mexia os quadradinhos coloridos.

— Obrigado. E sabe o que eu vou fazer com isto?

— Com esse décimo do meu primoroso cérebro?

— Sim. É meu, não é?

— É *todo* seu.

Então, Raul colocou a cabeça na janela e gritou para a varanda de baixo:

— Pepêêêê!

O garotinho de sete anos com a pipa levantou a cabeça assustado. Arriscou um sorriso, vendo a cara contente do Raul.

— Segura isto!

E deixou-lhe cair o cubo mágico. O moleque praticamente engoliu o brinquedo com os olhos. Tanto que, por um triz, não perde o papagaio.

— 'brigado, tio!

Derek acompanhava tudo isso com alguma perplexidade. Seu amigo meteu-se janela adentro de novo, rindo com a cara de espanto de Derek.

— *Capisce*?

— Bah!

...

Então Zutarrs surgiu da porta de vidro, dirigindo-se para o grupo com passos estudados. Parecia ansioso, embora nunca se pudesse imaginar que deixaria de falar com aquele acento de segurança na voz.

— Boa tarde. — saudou o grupo, que se levantou à sua chegada — Derek, gostaria que me acompanhasse por um momento.

Derek deu meia-volta, acenou com um “tchau” brincalhão para os que ficavam, e seguiu o Grande Chefe. Por que é que Larrin estava com aquele diabo de olhar fixo nele?

Dentro do acampamento, entraram na sala das tocas, onde a doutora já os esperava.

— Derek, há algo que não consigo entender com seu material biológico. A única conclusão que chego é que você está terrivelmente anêmico... tanto que não poderia estar vivo.

Mostrou-lhe um diagrama ininteligível, enquanto prosseguia.

— Em princípio, não deve haver oxigênio no seu sangue suficiente para alimentar uma bactéria.

Derek esperou em silêncio alguma outra informação, que não veio.

— Bom, o fato é que eu estou vivo. E não só vivo, como melhorando. Talvez eu seja de um modelo econômico, quem sabe?

— Estamos preocupados — disse Zutarrs — pelo fato de que, como não conhecemos as causas desse seu mal-estar súbito, não estamos em condições de prever o que poderá acontecer com você no futuro.

Isso já lhe soava mais próximo.

— Além disso, — continuou Zutarrs — há o fato da sua chegada até nós, naquelas circunstâncias que você se recordará. Você estava bastante debilitado, com sintomas aparentemente idênticos. Seja o que for, parece cíclico.

— Bom, — disse Derek após uns momentos — e o que vocês querem de mim?

— Queremos que você pense, Derek. Ajude-nos a entender o que está acontecendo.

O jovem hesitou um pouco, mas acedeu.

— Tudo bem, vou pensar. Me dão licença?

Derek encaminhou-se para uma das salas mais amplas e mais vazias do acampamento, que para os sálquie fazia as vezes de "laboratório", ou seja, de lugar onde se lavavam e secavam os maços de lechi. Pediu para ficar sozinho um pouco; não gostava de pensar sendo observado.

Antes de começar a trabalhar duas ou três idéias que lhe vinham à cabeça, começou a reparar melhor nas mesas onde ficavam os objetos dos seus colegas sálquie. Na mesa de Larrin, havia mais figuras feitas à grafite, ou outro carvão fino, de pessoas que poderiam ser da sua família. Havia várias folhas escritas com a sua caligrafia, que ficavam bem à sua frente quando sentava. Pelo fato de não conseguir entendê-las, Derek supôs que fossem orações da *Londiédni*.

Reparou numa espécie de pequeno porta-bugigangas num cantinho da mesa. Se fosse na Terra, estaria cheio de clipes, elásticos, alguns lápis com ponta quebrada e tampas de caneta. Mas em Tarrajcalo continha algumas moedas de madeira muito olorosas, que davam o cheiro àquela sala. Derek sorriu; onde um homem colocaria quadros, um sálqui põe sachês.

Pegou uma folha de papel e pôs-se a rabiscá-la ao acaso. Chegada. Caminhada pela floresta. Desmaio. Batida de cabeça, OK, mas incrível sensação de cansaço antes. Delta-tê. Sálquie. Nova crise de fraqueza, mais lenta.

O que havia no trajeto pela floresta? O que não havia? Havia coceira e lechi. Toba também ficou impregnado. Intoxicação, 1 a 0, quem sabe? O que havia no assentamento sálqui? Pêlos; seria alguma alergia? Incensos? Vapores marítimos? Comida?

Comida? O que comia? Tivla e as suas melecas liofilizadas. Todo santo dia. Aliás já não as agüentava mais. Uma pizza viria bem agora. Coçou um pouco a cabeça com a caneta. Soltou um sonoro bocejo.

Por que vomitara? Intoxicação, 2 a 0. Mas e daí? Sua comida estaria estragada? Riscou essa hipótese. Seu pai teria tido ao menos o cuidado de não envenenar as criancinhas hindus.

E o ar? Respirava o quê? Parecia ser adequado, mas teria certeza? Ah, mas Toba estava perfeitamente bem. Riscou essa hipótese também, e ficou pensando no cachorro. Toba nunca passara mal. Podia deixar de respirar o mesmo ar que Derek? Não. Podia deixar de ficar com pelos de sálquie grudados na roupa? Não (não tinha roupa, ainda havia isso!). Podia deixar de comer tudo o que Derek comia? N...

Então Derek segurou a caneta. Que... mas então...?! Toba podia comer outras coisas, sem que Derek o tivesse notado. Inclusive suas próprias fezes (urgh!). Toba comia tivla com meleca todos os dias, como Derek. Mas Derek parava por aí. E Toba?

Comida? Alimentação? Nutrientes? Estaria por aí uma parte da resposta?

A chuva começava a cair lá fora, com um rumorejar hipnótico.

Tivla... tivla... como seriam as vacas de Vantimiso? Seriam peludas como seus donos? (bocejo). Derek rabiscou um esqueminha: tivla + Derek = anemia; tivla + Toba = zero, nada! Não pôde resistir e continuou: "Derek = Toba com anemia". Gronf! Cachorro rabudo! OK, metabolismo diferente! Mas essa hipótese não ia ajudá-lo a sair do lugar. Assim mesmo, pôs um enorme "?" na barriga do animal sofrivelmente desenhado.

"*A carne tem proteínas/ O leite tem sais minerais.../ etc, etc/... é bom comer verduras e cereaaais*". Quando aprendera essa musiquinha? Talvez no primário, de alguma abnegada professora de ciências. A carne é gostosa... suculenta. Que tal ensinar os sálquie a fazer churrasco, só para variar um pouco?

— Droga! — berrou Derek de repente. Estava pegando no sono sobre seus papéis. Sacudiu a cabeça e respirou fundo; era melhor ir para a cama.

VII

Derek afinal teve uma idéia de como poderia ajudar os sálqui. Durante a noite insone, com dificuldade para achar uma posição no seu leito, dias depois da longa conversa com Larrin diante da Janela (no seu espírito, já a imaginava com um nome próprio, “Janela”, porque de alguma forma era para ele quase como um mestre que, noite após noite e dia após dia, lhe apresentava a secreta atividade da natureza); durante o remexer-se inquieto sobre o colchão perfumado, Derek pensava pela primeira vez do ponto de vista dos seus anfitriões por iniciativa própria. Estava ainda longe de alcançar o sentido pleno da ameaça que a toxina representava para os sálqui. Entretanto, pensar que um sálquie concreto, como Larrin por exemplo, tão pacífico, tão inteligente,... e de alguma forma misteriosa tão *superior* ao próprio Derek, pudesse ser movido ao medo pela ameaça que fosse, era algo que revoltava o jovem humano. Isso levava-lhe um sentimento estranho ao coração... por que alguém faria isso com eles?

Derek pensava em Larrin, e em Zutarrs, e especialmente na doutora Tilec. Eram de uma afabilidade quase inconcebível, e ao mesmo tempo várias vezes lhes diziam coisas que ele nem sempre quereria ouvir. Tinham uma devoção imensa ao seu comandante, Zutarrs, e isso que a Derek pareceu, no início, sinal de uma uniformidade acéfala, lentamente se transfiguraria no reconhecimento de uma genuína e apaixonada lealdade.

Cada um tinha, afinal, o seu modo de ser e de pensar. Larrin era o cientista-poeta, ou vice-versa, de pés no chão e cabeça nas nuvens, incapaz de pronunciar uma frase de forma diferente daquela que a sua mente a concebera. E, se Larrin era a versão pacata da sinceridade sálquie, Gimiso, por outro lado, era sua tradução tempestuosa. Impetuosa, falante, uma espécie de tornado de alegria auto-confiante, e capaz de cercar a todos com sua atenção inesgotável. Ela trocava, por exemplo, todos os dias, várias vezes por dia, os sachês da ras idojdi e do salão das tocas. Conhecia um repertório praticamente infinito de canções e danças de todas as regiões de Vantimiso, que executava com freqüência, e tinha um dom inegável para as artes cênicas, passando de cá para lá, de vez em quando, imitando o andar de um, o jeito de ler de outro, e até mesmo as expressões de espanto ou desdém de Derek, abrindo muito os olhos, tomando fôlego para uma sensacional exclamação de surpresa, mas dizendo apenas baixinho, “*Interessante*!”. Gimiso mantinha sempre no ar uma sensação agradável de caos, o que amortizava bastante o clima de desterro que pairava sempre, como um fantasma, à espreita da pequena comunidade de Tarrajcalo. Derek desconfiava de que isso chegou a pesar mais para a sua convocação do que os seus conhecimentos de sistemas de refrigeração. Aliás, pensando bem, que fazia uma pessoa com o temperamento vulcânico de Gimiso trabalhando com *refrigeração*?

Ladon, o mais velho depois do comandante, era a antítese da sua jovem companheira. Se Gimiso era como a lareira do acampamento, Ladon era a corrente elétrica. Mesmo sem ser por oposição à jovem sálquile, Ladon falava pouco, mas com segurança. Não era, porém, refratário ao senso de humor. Tanto ele como Zutarrs costumavam ter tiradas inteligentes, que seriam irônicas se existisse neles qualquer ponta de cinismo. Era diferente, captavam sempre o lado divertido positivo da realidade ao redor. Ladon, e depois Derek, era o prato principal do bom humor de Gimiso, e o engenheiro, por sua vez, sem nunca perder a compostura, era curiosamente quem mais sabia fazer a sálquile rir, lembrando-a aqui e acolá do descumprimento de alguma normúncula do acampamento (para a qual, aliás, tampouco ele ligava maior importância). Trabalhava por muitos como poucos, concentrado, a ponto de fazer gelar o ar ao seu redor, e não obstante Derek quase podia dizer que seu lema era “não levemos nada *demasiado* a sério”.

A doutora Tilec foi a que deu a Derek menos trabalho para conhecer. Era a mais baixinha do acampamento, talvez com seus um e sessenta, e seus traços não eram tão esguios como os de Larrin ou Gimiso, os caçulas. Seu focinho e orelhas eram um pouco mais curtos, o que traía sua origem estrangeira. Com efeito, era de uma antiga linhagem sálqui que se estabelecera em tempos idos nos territórios do Sudeste, em Adrrub, embora isso não tenha modificado as cores dos pêlos da tribo,

como diziam os sálquie. Os de Tilec eram cinzentos, como os de Ladon e Gimiso. Derek não saberia dizer quem era mais querido, se ela ou seu marido, o comandante. Suas palavras meigas, seus gestos discretos e seus olhares carinhosos eram lei informal no acampamento. Derek entendeu, com o tempo, que os sálquie obedeciam Zutarrs com a atenção devida a um pai, e Tilec com o carinho que se tributa às mães.

O comandante Zutarrs era a maior incógnita para Derek. Alto, espadaúdo, bem constituído, exalava uma atmosfera de segurança pacata mas não indolente, ativa e tranqüila ao mesmo tempo. Embora seus olhos fossem escuros como os dos outros, pareciam "escuros-mais-não-sei-o-quê" para o humano. Até praticamente o fim da sua estadia entre os sálquie, Derek nunca conseguiria olhá-lo nos olhos. Mesmo a despeito de uma série de coisas que aconteceriam mais tarde.

Derek rolou de novo no seu leito. Uma manhã, em que por exceção levantara assim que vieram chamá-lo, pôde testemunhar inobservado algo que lhe pareceu insólito. Antes do desjejum, Zutarrs estava rodeado pelos outros, todos tentando abraçá-lo ao mesmo tempo, com as orelhas baixas, e ele abraçando a todos, tudo em silêncio. Depois roçavam entre si os focinhos e pareciam bastante alegres. Derek, sentado na entrada da sua toca, pensou que tivesse acontecido alguma coisa. Mas descobriu depois que esse rito se repetia todas as manhãs, após a *Tauna*.

Então, Derek tentou imaginá-los apavorados, fora de si pela ameaça maldita da toxina. Todo aquele quadro soberbo de harmonia rasgado por um instinto cego, habilmente manipulado por outros segusianos... que *sabiam* que os sálquie eram assim harmoniosos, dedicados e pacatos. *Conhecendo* um sálqui, *como* querer fazer-lhes sofrer? Era tão monstruoso pensar nisso! Eles pareciam, de alguma forma, tão... crianças, que seria uma lástima permitir que algo de mal lhes acontecesse.

Foi então que Derek entendeu seu sentimento: estava com pena dos sálquie.

Foi esse sentimento que lhe trouxe a idéia à mente. Que poderia fazer ele de melhor pelos sálqui, que não fosse ajudá-los a descobrir uma forma de anular os efeitos da toxina? Transferia o problema de descobrir o que estava errado consigo (o que, tinha certeza, envolvia seu contato com a toxina) para um plano maior, de descobrir o que estava errado com os sálquie. Essa possibilidade animou-o muito, e acabou com suas últimas esperanças de conciliar o sono. Afinal, que missão mais desinteressada poderia conceber? Não era isso que sua consciência buscava continuamente, inclusive durante o sonho, desde que chegara ali?

Sua mente pôs-se lépida a fervilhar com um projeto de trabalho. Era muito provável que vários sábios em Salúquin estivessem debruçados sobre o mesmo problema, pensava Derek, mas... que diabos! Por mais que ele tivesse visto rádios, laboratórios, *ruzacs*, o estranho aparelho catador de lechi, e o diabo a quatro, no seu íntimo ainda não se convencia da qualidade tecnológica dos seus anfitriões. Faltava-lhes um humano, Derek acreditava. Era óbvio que um humano isolado de toda a sua parafernália de computadores, bibliotecas, equipamentos e colegas era bem pouca coisa para afrontar um problema dessa envergadura. Mas naquela hora da noite de entusiasmo, ele confiava no seu espírito. Com terra batida e pedra lascada, ele conseguiria... conseguiria alcançar o céu! Missões, missões! Ora, aí está! Eis aí a minha missão. Trago a Terra comigo na minha inteligência e vontade humana, para salvar Segusii. O espírito humano, imortal, visitou Segusii! Eis aí a minha missão...

Com um sorriso feliz, Derek adormeceu.

No dia seguinte, Derek reuniu-se aos sálquie para almoçar. Já não tropeçava mais nos dois degraus estreitos que davam acesso ao piso onde estava a mesa de refeições, bem no meio do salão das tocas. A disposição ao redor da mesa circular (a Pequena Távola Redonda, como ele a chamava) já lhe era conhecida. Os seis assentos ou *gúguie*, espécies de almofadas com encosto, coloridas e bordadas (mas não odorizadas), já estavam dispostos por Gimiso e Larrin. Eram assentos curiosíssimos, que apenas evitavam que a pessoa sentasse com o traseiro direto no chão. Os sálquie, de todas as idades, sempre faziam as refeições sentadas nos *gúguie*, mas nenhum deles parecia ter o problema que Derek tinha com as pernas. Eles sentavam-se e cruzavam as pernas por baixo da mesa.

Derek achava que isso as entorpeceria, e no início tentou deixá-las de lado (o que pareceu depois um tanto indelicado) ou esticá-las de uma vez (o que fazia surgir um par de pés bem debaixo da mesa onde estava sentada a pessoa em oposição a ele mesmo — invariavelmente, o comandante!). Afinal, experimentou sentar-se como todos e descobriu maravilhado que a altura do seu *gug* era tal que o sangue continuava a correr-lhe desimpedido por todas as veias e artérias pelas quais tanto receava.

Os talheres também eram prosaicos: a uma espécie de colher com pontas chamavam *chtac*. Tinham duas pontas, o que era deselegante, segundo a doutora Tilec (o certo eram três), mas excepcionalmente funcionais, de acordo com Ladon. Para cortar existia a *quít*, que se parecia com um pequeno punhal reto.

Mas o que desde o começo mais prendeu a atenção do humano foi a enorme capacidade dos copos dos sálquie. Eram vasilhas de cerâmica que comportariam sem dificuldade meio litro de água ou de um tipo de suco, o *pátvam*, que tinha gosto de soro fisiológico. Era daquelas coisas impossíveis de gostar ou odiar, porque mal chegavam a ser percebidas pela língua, embora os sálquie o tomassem em grandes quantidades. Ficou de perguntar uma vez, mas se esqueceu, se havia bebidas alcoólicas a bordo.

Naquele dia, portanto, Derek estava sentado diante de Zutarrs e, como sempre, tinha Gimiso à sua esquerda e Larrin à sua direita. Ao lado de Gimiso estava a doutora Tilec, e Ladon ocupava o lugar próximo de Larrin. Como sempre, aguardou um momento enquanto os sálquie pronunciavam palavras de agradecimento a Elpa, que eram exatamente as mesmas que Zutarrs lhes repetia à noite e antes de saírem do acampamento pela primeira vez no dia.

E, como sempre, Derek esperou enquanto o comandante lhe servia o prato. Era sempre Zutarrs quem compunha os pratos de todos: em primeiro lugar o de Tilec, como a sálquile mais idosa, depois o de Ladon, depois o de Derek, na categoria de hóspede, e finalmente o de Gimiso e o de Larrin. Ninguém nunca fazia menção de pegar algo por conta própria da mesa, salvo os líquidos, contudo seu comandante, sempre atento a tudo, voltava uma vez e outra a servir a este e àquele, e parecia adivinhar os gostos de cada um. Derek achou tudo isso muito estranho, mas como invariavelmente se sentisse bem satisfeito após uma refeição sálqui, pensou que talvez fosse mais prudente ser como um a mais. Nem mesmo as suas pastinhas de alimento processado, que ele ingeria religiosamente todos os dias — porque acreditava, com razão, que suas tripas explodiriam com a dieta carnívora dos sálquie —; nem mesmo esses seus "remédios" escapavam à jurisdição de Zutarrs. Mas ele sempre se lembrava de colocá-las em cada prato, ao gosto nunca pronunciado do humano. Com efeito, nunca havia sinais de tensão por alimento entre os subordinados de Zutarrs. Este, aliás, servia-se sempre por último, e parecia a Derek que comia relativamente pouco. Derek, Gimiso e Larrin eram os melhores garfos, ou *chtaquie*, do acampamento.

A conversa fluía amena enquanto o comandante os ia servindo. Ladon falava com Gimiso qualquer coisa sobre o último contato de rádio com Vantimiso e um problema no gerador de um dos depósitos refrigerados. Derek ouvia tudo distraído, mas quando notou que Zutarrs finalmente se servira, esperou uma deixa e lançou-se.

— Aca Zutarrs, estive pensando... Gostaria de fazer-lhe uma oferta.

Todos os cinco pares de olhos lupinos o fitaram em silêncio. Seja na ras idojdi, seja à mesa, um sempre esperava o outro terminar de falar. Nada parecido com os papos de loucos que Derek tinha com seus colegas da faculdade de filosofia, nas sextas à noite.

— Uma oferta? — disse Zutarrs — E qual oferta?

— Estive pensando... vocês estão sendo tão legais comigo, e eu acho que poderia tentar ajudá-los mais... não, não! Eu já sei o que você vai dizer. Eu sei, eu sei. Mas ontem à noite eu tive uma idéia que pode ser útil. Gostaria de poder ajudá-los a estudar os modos de ação da toxina.

Zutarrs e os outros o olhavam intrigados.

— Agradeço a sua oferta, Dek. Mas como é que pensa fazer isso?

— É uma tarefa complexa, Dek — ajuntou Ladon — Mesmo que tivéssemos melhores instalações aqui no acampamento, ainda necessitaríamos de mais pessoal. Nosso calendário é bastante restrito.

"Sim, sim, já sei, mas já pensei em tudo!", dizia o balançar da cabeça do humano.

— Como você pensa fazer isso, Dek? — perguntou a jovem sálquile.

Derek limpou a boca e cruzou as mãos atrás da cabeça, recostando-se profundamente no seu *gug*, com o ar mais bonachão que conseguiu assumir sem faltar ao decoro e sem tombar para trás.

— Sei que não é fácil. Mas sei também que áquile Tilec lida com essa toxina há muito tempo, e que ela vem de um grupo com muitos *lei* de experiência no seu estudo. Estou certo?

— É exato — respondeu a fisióloga.

— Pois bem, aca Ladon me falava de melhores instalações, etcétera, o que eu acho realmente que viriam a calhar. Mas vocês têm um trunfo que nenhum dos seus colegas mais bem equipados da Ilha têm.

— Um trunfo? — perguntou Gimiso.

— Sim. Um trunfo. Eu!

Gimiso franziu o cenho; sempre que ela fazia isso, Derek tinha a impressão de que ela iria atacar. Todos aparentavam estar intrigados, à exceção da doutora Tilec, que ria baixinho consigo mesma.

— Você? — perguntaram em uníssono Gimiso e Larrin.

— Como assim, Dek? — disse Ladon.

— É elementar, meus caros Watsons — disse Derek, saboreando cada segundo de tensão expectante que provocava — É elementar! Por alguma razão misteriosa, essa toxina tão letal para vocês não produziu nenhum efeito em mim. Bem, ao menos nenhum efeito *letal*. Posso lhes assegurar que estou bem. Vivinho da Silva e muito bem, obrigado — e apoiou os cotovelos sobre a mesa e a cabeça entre as mãos, olhando divertido um sálqui de cada vez: — Vocês *nunca* pensaram nisso, 'Caramba! Como é que o Dek conseguiu sobreviver na temível Tarrajcalo?'

— Sim, Dek — respondeu Tilec —, muitas vezes nos perguntamos isso.

Derek alçou as sobrancelhas, ligeiramente espantado.

— Ué! Então por que nunca me perguntaram? Me pedissem ajuda, bolas!

— Oh, Dek! Não podíamos fazer isso!

— Não? Por que não?

O fato é que Derek só iria entender isso depois, na solidão da sua toca. Por que os sálquie não lhe pediram ajuda desde o início? Ele os teria ajudado com o maior prazer. Ou não?

Então, ele compreenderia. Quem era ele, desde que os sálquie o encontraram? Era uma criatura doente, só e indefesa num mundo completamente diferente. Não tinha onde cair morto, e dependia dos seus anfitriões para se vestir, comer e dormir num lugar seguro. Os sálquie temiam constrangi-lo a colaborar com algo que poderia eventualmente ser perigoso, como cobaia, em troca dessa hospitalidade. Não podiam, desse ponto de vista, sequer insinuar-lhe o que fosse nesse sentido. Dois sentimentos brotariam-lhe no coração quando constatou isso; ele deu voltas apenas à autocompaixão pelo seu próprio desamparo.

Mas a conversa prosseguiu ainda mais um pouco.

— Bem, vocês sabem o que fazem... — disse Derek, dando de ombros e voltando-se para o comandante — Se áquile Tilec estiver disposta, a minha oferta é essa: estudem-me! Estou pronto a discutir e colaborar no que for preciso.

— Como assim, Dek? — perguntou a esposa do comandante.

— Veja; é só uma idéia. Uma tênue pista, se quiserem, mas estou um pouco encafifado com o fato de que Toba tenha começado a comer mato aqui… e sempre uma mesma verdurinha, de folhas macias, aveludadas, de um verde profundo, lembrando vagamente um espinafre. Isso é uma diferença entre ele e eu. Depois, há inúmeras diferenças entre nós e vocês. Por exemplo, o fato de que observei que o sangue de vocês não é vermelho como parece. É um verde escuro… enfim, bo-

las! Há milhões de coisas a serem investigadas. Penso que poderia ajudar a resolver alguma coisa. Não tenho as respostas. Mas tenho um monte de perguntas. É assim que se faz ciência, pelo menos na minha terra.

— Sou-lhe muito grato pela sua oferta, Dek — disse Zutarrs, e consultou com os olhos sua esposa: — Áquile, como vê isso?

— É realmente muita generosidade sua, Dek. Porém, acho que podemos começar com alguns testes com Toba. Afinal, ele também saiu ileso da sua experiência com a toxina. Se os mecanismos de defesa dele são os mesmos que os seus, não precisaremos expor-lhe a riscos desnecessários.

Derek concordou. De novo, muita coisa só seria plenamente compreendida mais tarde. Refletindo depois sobre essa conversa, Derek engoliu em seco. Pobre Tilec! Tinha há já sabe-se lá quanto tempo um monte de perguntas, um monte de idéias. Não podia sequer aventar a possibilidade de estudar o cão! Apenas esperando, dia após dia, semana após semana, pelo seu "sim"!

Naquela mesma tarde, Toba passaria a ter novas diversões, um tanto diferentes, mas boas como quaisquer outras, no laboratório de Tilec, acompanhado por Larrin e Derek.

VIII

Algumas semanas depois, Derek dormia na sua toca no acampamento, com os outros sálquie. Chovia torrencialmente, talvez uma das últimas grandes tempestades daquele outono em Tarrajcalo. De súbito, no meio da madrugada, o acampamento foi sacudido por uma explosão surda, como a de um tiro de canhão, vinda do litoral.

Os sálquie, acordados pelo estrondo, encontraram Derek eletrizado no meio do salão das tocas, vestido às pressas, andando de um lado para outro.

— É o meu pai! Só pode ser ele! Finalmente; finalmente!

E pretendia sair e percorrer duas horas de trilha que os separavam do mar, imbuído duma espécie de certeza histérica.

— Você não acha que poderia ter sido apenas um trovão?...

— Não, não é possível! — cortou — Vou lá agora mesmo checar.

Não houve como demovê-lo. Larrin e Ladon se dispuseram a acompanhá-lo. Do lado de fora, Toba já pressentira o burburinho e intuía animadamente um passeio, ainda que a desoras.

A chuva não arredava. Mesmo sob os mantos impermeáveis, bastaram quinze minutos de caminhada para encharcarem os pés. Quando alcançaram o rochedo daonde se divisava o mar, só estavam secos do peito para cima, e já haviam escorregado e tropeçado na lama pelo menos três vezes cada um.

Derek seguia à frente com uma lanterna, esquecido da chuva, lama, frio, companheiros... Sentia vertigens de emoção; estava se preparando para atingir a ponta do rochedo e divisar o veículo de resgate.

Tendo lá chegado, porém, notou que a nuvem da tempestade velava totalmente a praia. Nem sequer os fulgores de Maluoncha e Giízen, nem o resplendor do oceano, nem sinal da alvorada já próxima, nada penetrava o aguaceiro. Da praia, também, nenhum sinal de luzes ou faróis; um breu molhado completo. E o ruído do vento tinha uma nota especialmente aterrorizante pelo contraste com o silêncio sepulcral da Floresta da Desolação.

Três minutos depois apareceu Larrin do lado de Derek, gritando.

— É perigoso ficarmos aqui. Estamos muito expostos!

Coincidência ou não, um raio estourou meia centena de metros na rocha ao lado, deixando todos praticamente surdos.

Saíram dali, mas ao invés de tomar a atitude esperada de voltar trilha acima, Ladon e Larrin viram o humano virar à esquerda e sumir atrás do facho de luz.

Algum tempo depois, quando os sálquie finalmente adivinharam o caminho a seguir naquela escuridão sem luas ou estrelas, encontraram na praia a lanterna no alto de uma pedra e Derek vagando pela areia empapada, já próximo das ondas agitadas. As ondas refletiam assustadoramente o jato de luz da lanterna, e as gotículas de chuva pareciam encerrar o jovem em uma cortina de prata móvel. No conjunto, poderia lembrar um cenário de Brecht.

— Vou esperar aqui. — disse Derek, cabisbaixo — Se quiserem, podem pegar a lanterna e voltar.

— Mas, Dek... — ia começar Larrin, porém o tecnólogo o segurou pelo braço.

Depois de alguns momentos, Ladon sugeriu que buscassem ao menos um abrigo. Encontraram uma pequena gruta formada por árvores e pedras. Ladon entrou primeiro, para certificar-se de que era realmente segura, e lá dentro tirou uma sacola de pele que trouxera bem protegida sob a manta. E, de dentro dela, que surpresa!

— Uma toalha!? — resmungou Derek, perplexo.

Ladon e Larrin tinham ido se secar — à moda sálqui, bem entendido. Um método semelhante ao que Toba usava por instinto. Apesar da casmurrice em que se enfurnara, Derek não conseguiu segurar o riso ao ver seus companheiros voltando à gruta completamente arrepiados. Ele próprio se

enrodilhara na toalha, tiritando de frio, usando Toba como aquecedor para os pés sem se importar com aquele cheiro já conhecido.

Dali a algumas horas amanheceu, e pelo aspecto do céu ninguém diria que houvera tamanha tempestade à noite. Aproveitaram para estender as túnicas sobre as pedras, enquanto Derek, ainda vestido com a toalha, perscrutava a areia em busca de marcas de aterrissagem, de mensagens, objetos estranhos; enfim, de qualquer coisa que pudesse supor uma tentativa de contato com ele.

Nada de nada, porém.

Foi buscar o sinalizador onde o havia escondido. Sentou-se na areia, contemplando desolado aquele objeto silencioso. Apalpou-o, auscultou-o, e ficou ali. O que haveria dentro? Estaria vivo?

Foi enchendo-se de ira; afastou a caixa, ergueu-se e começou a chutar a areia, a chutar as ondas, a esbofetear as ondas, a xingar, a xingar tudo, e fez menção de destruir com palavras e ações aquela inalterável caixa escura. Só com dificuldade conseguiu conter os pés e as duas lágrimas bobas que insistiam em se lhe despregar dos olhos.

IX

Certa manhã, tendo Derek acordado de bom humor, como sempre acontecia quando tinham que conduzir o *ruzac* até a floresta, Larrin aproximou-se, também ele preparado e protegido dentro do seu manto impermeável.

Foi só quando passaram os últimos arbustos do campo que Derek caiu em si; o sálqui estava muito calado. Chegando no sítio de operações, ambos desceram do *ruzac*, e Larrin preparou-o para se embrenhar mata adentro. Acompanharam o deslizar das lâminas sobre os troncos por algum tempo, e procuraram um lugar para se sentarem.

— Vocês já têm bastante *lechi*, não? — perguntou Derek.

— Temos... mas os depósitos ainda comportam mais.

Larrin parecia ausente, seguindo com inusitado interesse o trabalho da máquina de coleta. Mesmo com os reflexos do traje de segurança, Derek reparou pelo ar que algo devia estar incomodando seu colega. Ajeitou-se melhor e começou também a inspecionar o *ruzac*.

Passaram assim cerca de três horas, e já estavam nos limiares do acampamento quando o jovem pôs-se a encarar ostensivamente o sálqui. Já estava começando a se aborrecer com aquele mutismo inoportuno; conseguira estragar suas grandes expectativas com relação àquela manhã.

Larrin, porém, sustentou o olhar do humano e disse:

— Quem estava te procurando, Dek?

Derek ficou bastante espantado.

— Como?

— Quem... quem é que estava lhe buscando?

— No dia da chuva?

— Não.

— Do que você está falando?

— Não lembra?

— Não lembro do quê?

— Da colina... em Salúquin.

— Salúquin?

— Sim, nesta noite.

— Nesta noite?

— Exatamente.

E calou-se, aguardando uma resposta. Derek passou da perplexidade à ira:

— Diabos, Larrin! Você enlouqueceu? Que colina? Que raios de Salúquin? Quem estava me acompanhando?

Larrin, pela primeira vez, parecia espantado.

— Então você não se recorda?

— Aah, meu Deus! — gemeu Derek — Eu vou perder a paciência desse jeito! De que diabos você está falando? Desde que nos vimos hoje você está com uma cara de tacho. Não soltou um pio, nenhuma palavra. *Eu* é que quero saber o que houve com *você*!

Larrin parecia sinceramente surpreso.

— Nesta noite, em Salúquin, vi você pela primeira vez, e vi que você estava sendo procurado. Mas não era por Elpa... não era por Zutarrs, nem por nenhum de nós. E aconteceu algo incrível. Chamei você, gritei por você, cheguei a esbofeteá-lo — mas você não me respondia. Aliás, nem sequer me olhava. Caminhava apressado, de cabeça empinada, sempre em frente, em frente. E eu sabia que havia alguém por ali, não sei se à sua frente ou lhe seguindo. Como eu, também o procurava. Mas penso que não era por um bom motivo. Você desapareceu no alto da colina. O outro deve ter desaparecido também. Mas algo estava errado, porque eu estava *totalmente* sozinho. Não encontrei sequer os meus irmãos.

Derek ouvia boquiaberto e impaciente. Quando percebeu que o sálqui tinha se explicado (se é que aquilo fosse alguma explicação), sentou-se no chão e apoiou a cabeça nos joelhos.

— Olha, Larrin. Tudo bem, eu sei que eu sou visita aqui, mas... tudo bem, tudo bem, mas que diabos... bem, olha só: eu não estou entendendo um pepino de nada do que você está falando. Não sei se é alguma brincadeira. Não sei se fiz algo errado. Tudo bem! Desculpe-me se eu ronquei demais, ou se eu estou levando a mal. Mas vamos deixar então isso de lado. Eu dormi maravilhosamente bem nessa noite, e acordei maravilhosamente bem. Não queria estragar as coisas tão cedo.

— O que você quer dizer? — perguntou Larrin, inocente.

— O que *eu* quero dizer? Larrin, você está doido?

— Não.

— Você está abatido. Pergunto a razão, e você me vem com uma história delirante, surreal. E *eu* tenho que entender o que você quer dizer?

O sálqui refletiu um pouco e sentou-se também. Todo o resto do traje farfalhava enquanto ele acertava o corpo. Olhou de novo para Derek.

— Nesta noite, em Salúquin, eu vi você...

Porém, foi interrompido.

— Alto lá! Pare! Vamos com uma coisa de cada vez. Onde você disse que foi à noite?

— A Salúquin.

— A Salúquin? Mas é impossível. Você estava sonhando, Larrin! Será que não percebe?

— Naturalmente.

Derek coçou as têmporas com força. Parecia mais intrigado do que nervoso.

— Veja, Larrin... se é verdade que você não está doido, então está querendo me deixar. Você não saiu da sua toca nesta noite. Está certo, eu não fiquei te vigiando a noite toda. Mas eu teria acordado com o barulho dos... Toba teria acordado. Zutarrs, Gimiso, Tilec, Ladon, o papagaio, a vovozinha, alguém teria acordado, visto ou ouvido algo.

— Vovozinha?

— Não, não, esqueça. O que eu quero dizer é que você não saiu da toca.

— Eu realmente não saí da toca. Mas sonhei em Salúquin.

Larrin falava com uma tranqüilidade axiomática. Não parecia estar doido. Pior para Derek.

— Acho que não entendi a sintaxe. Você quis dizer que sonhou *com* Salúquin. Tudo bem. Mas por que isso é tão importante?

— Sonhei *em* Salúquin, Derek. Onde é que você sonha?

— Eu? Na cama!

Mas um pontinho luminoso acendeu na cabeça do humano.

— Sim, seu corpo está na cama — disse Larrin —, mas onde *você* está?

— Na cama, fazendo companhia perpétua para o meu corpo. Você está querendo me dizer que consegue fazer viagens astrais, ou coisas do tipo?

— O que é uma viagem astral?

— São como... como... sei lá, de repente você sente que está voando, começa a ver seu corpo deitado na cama, e depois vai parar nos lugares mais psicodélicos possíveis.

— Ah, sim?

— Sim; naturalmente, se você tiver um empurrãozinho... alguma droga, ou um pileque caprichado, isso ajuda. É capaz de você ver Deus!

Larrin suspirou.

— E você pratica essas viagens astrais? — perguntou o sálqui.

— Eu? Não! Eu apenas durmo, como qualquer pessoa normal.

— É curioso. Vocês não visitam os Jardins?

— Que jardins?

— Os jardins de Salúquin. Morada de Elpa.

— Quer dizer, o Céu? Não, não. Dizem que essa viagem é de mão única.

— Como assim?

Derek franziu o cenho.

— Você só saberia como é depois que *morrer*.

— Oh. Isso é duro! — disse o sálqui.

— Não é duro. É assim, se é que algo assim existe.

— É duro. E deixa-me confuso.

— Oh, sim? — perguntou Derek com ironia. — Desculpe-me por confundir-*lhe*!

Mas o sálqui estava pensativo.

— Será que é por isso que você não me ouvia? Apesar de eu ter até batido em você? Eu nunca bati em ninguém.

Derek escondeu o rosto nas mãos.

— Larrin, pelo amor de Deus! Você sonhou comigo... num lugar qualquer, não me importa. É só isso. Por que exigir tantas contas de um simples sonho?

— Talvez seja adequado comunicar isso a Zutarrs.

Derek deu de ombros.

— Tudo bem. Como quiser. Se isso vai te deixar melhor...

Ambos se calaram por um momento, até que Derek disse:

— Por que não foi chamar Zutarrs durante o sonho?

— Eu não lhe disse que estava sozinho?

— Oh, sim. Lógico. É claro, como pude me esquecer? Mas ele te ouviria, caso estivesse lá?

— Naturalmente.

Derek levantou-se de repente e apontou o dedo até quase enfiá-lo pela goela do companheiro.

— Larrin, droga! Chega! Vai me explicar tudo de uma vez ou não?

— Tudo o quê? Acalme-se, Dek!

— Tudo, tudo! Que papo é esse de viajar dormindo? E de encontrar pessoas no sonho? E de me bater em sonhos? Você fala como um pai-de-santo mequetrefe!

— O que é um pai-de-santo?

— Cala a boca!

E sentou-se novamente, com estrondo do traje. Pôs-se a arrancá-lo ao som de rosnados e palavrões e *puff*'s. Então se voltou para Larrin.

— Você é por acaso um *ussu*? Você é um paranormal? Espere, não me diga nada; *"o que é um paranormal?"* — arremedou — Você, você *realmente* esteve em Salúquin nesta última noite?

— Não exatamente na Salúquin como existe hoje, que eu espero que você possa conhecer, mas naquela Cidade como era nos tempos da inabitação.

— Certo. Certo. E, pelo jeito, outras pessoas também vão pernoitar lá em sonhos, não?

— Todo o sálqui o faz.

— Todo mundo?

— Naturalmente.

— Veja, por favor — disse Derek, com um gesto irritado — não use mais essa palavra. Isso me irrita horrores!

— Perdão, Dek.

— Tudo bem. Você e Zutarrs podem se encontrar por lá, por exemplo, numa noite dessas?

— Sim. Fazemos isso com freqüência. Sempre encontro meus irmãos, meus pais... eles me dão notícias de Arrfinan.

— Notícias verídicas? Reais??

— Nat... sim, notícias verídicas. Não é uma alucinação, Dek. São comprováveis; se por acaso eu contactasse meus irmãos na manhã seguinte, tanto eles como eu nos recordaríamos dos assuntos que tratamos, como se fosse numa conversa feita em vigília.

— E você já os chamou pelo rádio do acampamento para tentar provar isso? — perguntou Derek, ainda incrédulo.

Larrin surpreendeu-se.

— Não podemos fazer isso, Dek. Denunciaríamo-nos no mesmo instante.

— Sim, claro! — disse o humano — Esqueci desse detalhe. Bem, então quer dizer que todas as noites vocês visitam o Céu?

— Acho que sim, para usar seus termos. Desde que se queira.

— Oh, e há os que não querem?

Larrin engoliu.

— Sim, há.

— E por quê?

— Não sei, Dek. Medo, talvez.

— Mas medo de quê? Seu Elpa é tão temível assim?

— Não, não, nunca O vemos. Apenas sabemos que está ali.

— E por que isso é assim?

Por mais que tentasse, o sálqui nunca conseguiria explicar nada muito mais claramente. Parecia de verdade surpreso com a situação do colega.

— Acho que ninguém poderia responder-lhe isso.

Dek tamborilava os dedos na testa.

— Deve ser legal. Garantia de doces sonhos todas as noites.

— Mas e vocês, Dek? Onde... ou como, ou com o que sonham?

Derek suspirou longamente.

— Bem, ninguém sabe porque sonhamos. E nem exatamente o que *é* um sonho. É uma função fisiológica do cérebro um pouco mais sofisticada, creio eu. Há noites em que você tem sonhos bons. Noutras, você pode ter sonhos maus. É o que chamamos de pesadelos. E há noites em que você não sonha com nada, ou ao menos não consegue se lembrar do que sonhou.

— Como são esses pesadelos?

— São coisas mais ou menos horripilantes ou doentias. Você sonha que está na beira de um precipício, ou sendo perseguido por alguém que você não vê, ou que está caindo, ou que está sendo puxado pelo mar, ou que está amuralhado ou enterrado vivo, ou que está pelado no meio da rua, ou sendo atropelado, ou sendo torturado, ou que há bichos na sua cama entrando pela sua boca, nariz ou orelhas... há uma infinidade deles.

— Derek! Isso é horrível! — disse Larrin, francamente tocado — Você já teve isso alguma vez?

— Eu? Oh, sim, já; mas são raros, felizmente. Acho que nos pesadelos, todos os seus medos, todas as suas fobias, tudo o que te assusta, vêm à tona.

Larrin começou a sentir calor dentro do seu traje impermeável, e o removeu de vez. De fato, Lass a pico anunciava um meio-dia tórrido.

— Seus sonhos parecem ser então uma mistura de recordações e imaginação — disse o sálqui.

— Isso, exatamente isso — concordou Derek. — Palavra que eu nem desconfiava que sonhar fosse tão importante para vocês.

— Importante? Dek, o que seria de nós se... daonde tiraríamos fôlego para viver?

— Pois é...

Derek descalçou as sandálias e sorriu. Lembrara-se de algo curioso.

— Sabe, Larrin? Acabei de lembrar de um sonho que tive também. Há umas duas semanas, ou menos, não sei agora. Você estava nele.

— De fato?

— De fato. Já te aviso que é confuso... elucubrações da imaginação. Por exemplo: eu não via nada, ou quase nada. Mas tinha certeza que estava no meu quarto, lá em casa. O quarto estava

uma bagunça... digo, eu não via nada direito, mas *sabia* que estava uma bagunça. Aliás, tinha a nítida impressão de que aquilo era o meu quarto e um canteiro de obras ao mesmo tempo. Você sabe como os sonhos são assim, confusos. Quero dizer... bem, acho que você não sabe.

O sálqui ouvia de olhos e orelhas aplicadas no companheiro.

— Além disso — continuou, — você estava lá. Não sei fazendo o quê. Mas de repente ouço a sua voz dizendo “o interruptor está aqui, Dek!”. E me apontava o interruptor — que eu já via, embora tudo o mais estivesse no breu. Você repetiu umas quatro ou cinco vezes, “o interruptor está aqui, Dek”, “o interruptor...”, e ele fazia sozinho *tlec, tlec*. Não era o interruptor do meu quarto.

Derek observou o efeito no rosto do sálqui.

— E então? — perguntou este.

— E então? Nada! Ou acordei, ou continuei sonhando, ou mudei de sonho. Sei lá.

Larrin estava pensativo.

— E o que conclui disso, Jung? — perguntou Derek.

— Como?

— Qual a sua interpretação do significado oculto desse sonho?

— Não faço idéia, Dek.

— Oh, não me desaponte assim! — disse Derek, rindo, empurrando-lhe pelo ombro — Qual a interpretação que você faz do *seu* sonho, então?

— Interpretação? Nenhuma, Dek. Que interpretação você está fazendo desta conversa?

— Mas eu estava no seu sonho. Então você me bateu *de verdade*?

Larrin coçou as vibrissas.

— Não sei o que dizer, Dek. Isso nunca aconteceu comigo antes, e espero que não torne a acontecer. Acho que tive um pesadelo. Era como se você não estivesse lá.

— Mas eu *não estava* lá!... oh, bem, esqueça isso! Mas e o outro, o outro que estava me perseguindo?

— Realmente, não sei o que dizer — suspirou Larrin. — Não via ninguém. Mas não estávamos sós. É confuso.

— Ahá! Então você admite que *você* também tem sonhos confusos?

Derek ria, e conseguiu arrancar um sorriso do sálqui.

— Dek, você tinha um ar tão... tão estúpido.

— O quê?

— Você caminhava com um arremedo de sorriso pela colina.

— Na direção dos Jardins?

— Exato. Se bem que os próprios Jardins eram diferentes. Pareciam muito mais distantes. Eu acho... acho que eu queria te trazer de volta.

— Oh, você é um desmancha-prazeres onírico.

Larrin sorriu de novo.

— Você está melhor? — perguntou Derek depois de um tempo.

— Estou, obrigado. Você está bem?

— Eu? Eu sempre estive!

— Que bom.

Derek espreguiçou-se ruidosamente e se ergueu. Deu dois tapinhas na roda do *ruzac* e começou a assobiar. Sabia que os sálqui gostavam de ouvi-lo assobiar.

— Isso é bonito — disse Larrin. — É como se você falasse numa outra língua.

— Pois é, meu caro. A língua dos pássaros.

E sentou-se no banco do piloto do *ruzac*, suspirando fundo.

— Mas pássaros não existem, certo? Nada voa em Segusii... a não ser sálquie dormindo — espreguiçou-se — Portanto, acho que temos que terminar o trabalho. Daqui a pouco almoçamos. Subi, Majestade; permiti-me conduzir-vos à vossa toca.

O *ruzac* cumpriu, por fim, o quilômetro e meio por entre os rochedos que os separava de Tarrajcalo.

Derek se lembraria depois, por muito tempo e com um pouco de vergonha, de como dera um jeito de acordar silenciosamente no meio da madrugada, três dias depois, e de como chegara com passos de gato até a toca de Larrin, do outro lado do salão. Levou quinze minutos para descerrar um palmo da cortina; apenas o suficiente para que um tênue lampejo de Maluoncha, filtrado pela porta de vidro, iluminasse um pouco o interior. Dera sorte: Larrin dormia com o rosto voltado para ele.

Derek então sentou-se e o analisou por uns três quartos de hora, esperando para ver como eram aquelas "viagens" à Salúquin. Gelava de medo de ser flagrado naquela situação ridícula, mas a tentação da curiosidade vinha lhe martelando na cabeça desde aquela manhã. Será que os sálqui levitariam? Ou brilhariam? Ou pura e simplesmente desapareceriam? Não que acreditasse *realmente* naquela estória de encontros, jardins, bofetadas e etcétera, mas... não custava nada tentar tirar isso a limpo.

O sálqui, entretanto, jazia inerte como qualquer um; vez por outra torcia o focinho ou suas orelhas tremiam. Mas nada indicava que ele não estivesse apenas dormindo profundamente.

Enfastiado e ele mesmo morrendo de sono, Derek deu de ombros; fechou a cortina e retornou para o seu próprio buraco na pedra.

X

Tempos depois, como antepasto para o longo tempo que pretendia passar à beira-mar colocando os mais recentes apontamentos na sua *Historia Naturalis*, Derek resolveu passear em busca daquelas plantas que Toba preferia comer de vez em quando. Eram ruins como pizza fria com açúcar, mas afinal o cão as procurava ativamente todos os dias em que saíam. E ele nunca adoecera em Tarrajcalo, ao contrário do seu dono.

Desta vez, Gimiso acompanhou-o (apesar dos protestos de Derek, que alegava não querer cansar ninguém com tolices), uma vez que Larrin fora convocado por Zutarrs para discutir algum assunto entre eles.

— Como você se sente, senhor sabe-tudo? — perguntou a sálquile, com uma risota.

— Como assim?

— Oh, você está fazendo muito por nós! Você tem idéias, e sempre as compartilha conosco. Você está querendo ajudar com a sua experiência.

— Bobagem. Não tenho tantas idéias assim, e também não é verdade que sempre as compartilhe. De qualquer forma, agradeça ao Toba. Se não fossem as tripas dele, talvez eu nunca tivesse desconfiado de nada

— Oh! Você tem segredos, então?

— Lógico. Mas valem muito pouco.

Esse inusitado acesso de humildade respondia a uma certa inquietação com que Derek observava a caçula do acampamento de Tarrajcalo. Não sabia como lidar com aquela mistura estranha de expansividade tagarelóide jovial com circunscrição aos detalhes; sentia-se tão estranho em sua companhia como alguém que estivesse sendo perseguido e espionado por um comediante ou um palhaço. A saída *a priori* de Derek de situações como essa, que consistia em gelar a pessoa, parecia não funcionar com Gimiso da mesma forma que funcionava com Larrin. A sálquile parecia resistir a ser deixada de lado. Como os chicletes.

E Derek não pudera evitar a companhia dela, a não ser que estivesse disposto a ganhar um aborrecimento gratuito. Como achava que podia ao menos se garantir de uma invasão não declarada à sua torre de marfim, achou que não valia a pena continuar negando e acedeu.

O humano parecia interessado na paisagem, e a sálquile percebeu.

— Esta faixa costeira de Tarrajcalo é muito bonita, não acha?

— Sim. Pena que seja tão... parada.

Inspecionou as copas das árvores e continuou:

— Mas pode ser uma vantagem. Se isto fosse na Terra, com certeza já haveria um enxame de pernilongos, borrachudos e marimbondos que tornariam a vida um inferno. Mas aqui há apenas a brisa do mar, o vento da montanha e um calor confortável.

— E a lechi. — emendou a sálquile.

— E a lechi.

Gimiso estendeu os braços sobre as montanhas escuras.

— A lechi. O fel de Doma.

— Doma?

— Doma. O senhor de Tarrajcalo.

— Quem é ele?

— Larrin nunca lhe contou essa estória?

— Não.

— Larrin, o nosso projeto de poeta... não lembrou disso!?

— Oh, bem... na verdade, acho que me falou alguma coisa... quando falávamos de política, eu não lembro direito.

— Oh, isto é apenas parte do folclore. A explicação que os nossos ancestrais davam para a existência de Tarrajcalo. Entre nós, isso sempre foi motivo de perplexidade. Doma, o Vento Quente, filho de Giízen e Gênio de Vessin, são todos os seus atributos. No início, ele tinha um corpo, como qualquer um de nós. Ele teria conquistado todo este Continente há muito, muito tempo, mantendo-o nesta temperatura infernal.

— Infernal? Mas está ótima!

Gimiso riu e colocou seu braço ao lado do braço de Derek.

— Percebe alguma diferença, senhor Cientista?

Riu e continuou.

— Conta-se que aqui, pelo Vento Quente, foram criados todos os animais de sangue quente de Salúquin, embora isso não fosse do agrado de Elpa.

— Ah, sim? E quanto a vocês?

A sálquile olhou-o vivamente com seus olhos de menina surpresa.

— Oh, isso é *outra* história.

— Então, — sorriu e prosseguiu — o Hipocampo resolveu agir. Saiu do mar e atracou-se numa grande luta com Doma. O poder de ambos era semelhante, e depois de um longo tempo (o tempo da segunda criação), o Hipocampo desferiu um golpe mortal que rasgou o ventre de Doma, expulsando assim seu espírito para a atmosfera. Hoje, ele é o vento.

— Curioso.

— O Hipocampo, porém, também foi mortalmente ferido. Caiu por terra, formando a Ilha de Vantimiso. Até hoje os dois permanecem em luta: o vento frio que vem da Ilha opõe-se ao vento quente do Sudeste.

Derek ouvia sem conseguir disfarçar o interesse.

— E o tal fel de Doma...

— Choveu durante anos sobre Tarrajcalo. O fel de Doma ficou para nós como o paradigma da contradição. Impedindo o crescimento de qualquer criatura, opera exatamente o contrário do desejo consciente daquele que o produziu.

— Interessante. Conheço alguns computadores que devem ser movidos a fel de Doma!

— Os antigos liagávie prosseguiam no raciocínio e chegavam numa conclusão sutilmente diferente. É certo que a criação de Doma foi suspensa. Entretanto, nunca existiram irmãos do Hipocampo no Sudeste.

Gimiso calou-se e obrigou o jovem a olhá-la.

— E daí?...

— Bem, pense um pouquinho, Cientista Humano. Mas isso é apenas folclore.

Caiu um curto silêncio. Romper esses períodos de quietude parecia ser o passatempo preferido de Gimiso.

— Você parecia ter amigos admiráveis no seu mundo.

— É. Tive alguns.

— O seu planeta é muito grande?

Derek sorriu.

— Não sei o que é muito grande para você. Aliás, para falar a verdade, não sei o tamanho do *seu* planeta. Só sei que ele ganha do nosso no número de luas.

— No seu não existe nenhuma?

— Não, existe uma. Pelo menos nos últimos milhões de anos. Existem os que dizem que já tivemos duas, mas que uma delas caiu e gerou o continente africano.

— É lá que fica sua terra de origem?

— Não; é só olhar para a cor da minha pele. Os africanos em geral têm a pele muito mais escura, negra.

— Ah, então lá também é possível saber onde você nasceu pela cor da sua pele?

Derek ria impaciente.

— Não é assim tão fácil. Entre a Argentina e o Brasil não há fronteira de cores de pele, por exemplo.

Acrescentou após alguns passos (ele cuidava de imprimir um ritmo à caminhada; perdera um pouco o interesse no passeio e desejava mais encontrar a bendita verdura):

— Pela cor da pele, pela fisionomia, dá para ter uma idéia aproximada. Mas há muitas misturas entre os povos hoje em dia. De repente, pode nascer alguém de olhos puxados na Inglaterra.

Gimiso tinha um brilhante sorriso estampado perenemente na face. Ao vê-lo de viés, Derek desconfiou um pouco de toda aquela ingenuidade.

— Você conhece todos esses lugares do seu mundo?

— Não, muito pelo contrário.

E como sem querer respondera de um modo em que não havia remédio senão colocar um complemento, respirou e continuou:

— Eu nasci em uma ilha, como a sua, só que bem menor, chamada Islândia. Ela fica próxima do pólo norte do meu planeta. É um lugar terrivelmente frio, mas não tenho quase nenhuma recordação de lá. Meu pai saiu de lá para ir morar no Brasil quando eu ainda era muito novo.

Nisso o sorriso brilhante desapareceu completamente do semblante da sálquile, substituído por um franzir de sobrancelhas.

— Larrin me falou sobre sua mãe... Que pena!

Derek deu de ombros.

— Tudo bem; acho que como nunca cheguei a conhecê-la não senti tanto assim o golpe.

Calaram-se uns momentos. Nessas ocasiões, Toba sempre surgia para quebrar o gelo.

— Ainda não achou nada, seu fominha? — e deu-lhe um peteleco na orelha.

— Eu também... só que perdi meus pais... os dois, — disse de repente a sálquile — embora eu já tivesse consciência do que estava acontecendo...

— Ah, é?

— Foi de um modo um pouco... brusco. Eles estavam juntos, tentando conseguir um acordo para o fim das hostilidades de Vessin contra os pescadores das possessões de Vantimiso perto do Continente do Sudeste, as ilhotas de Lufrre. Meu pai era o chefe da tribo da Península de Oncadam, a parte mais meridional da Ilha.

"Uma noite, no ano passado, uma tempestade surpreendeu o barco em que eles se encontravam na viagem de regresso à nossa tribo, não tendo conseguido um acordo muito sólido. Houve um acidente, e eles morreram afogados. Dizem que o barco sofreu uma avaria contra um recife, mas eu acho isso absurdo. O piloto do meu pai era suficientemente hábil para evitar um perigo tão óbvio. Viram alguns barcos liagávie por perto no momento do acidente.

Gimiso levou a mão à cabeça, como se estivesse com enxaqueca, e coçou um pouco os olhos.

— Eles foram assassinados, tenho certeza!

Derek estava absolutamente perdido com suas impressões. Deveria falar algo ou continuar quieto? Ficou apreensivo; se ela começasse a chorar seu cérebro entraria em curto.

Mas ela desanuviou, como se a recordação involuntária fosse apenas uma má tentação de tristeza. Voltou-se para o humano.

— Então você não conheceu o próprio lugar em que nasceu?

Havia um novo sorriso por trás da pergunta, juntamente com aquele par de olhos que cavavam, aos quais Derek se pendurou como a um colete salva-vidas.

— Não. De fato, é paradoxal. Tudo o que sei a respeito da Islândia, sei por filmes e por alguns comentários do meu pai. Ele não falava muito de lá; saiu meio brigado com alguns colegas. Ele ainda me ensinou um pouco de islandês quando eu era mais novo, mas a falta de ter com quem conversar acaba com tudo. Não é como andar de bicicleta.

— Fale alguma coisa em islandês!

— É besteira — disse Derek rindo. — Não lembro de nada direito.

— Mas faça uma força.

Derek cavou um pouco a memória.

— *Gledlig jol og Nyar*.

— Que estranho! — disse Gimiso, rindo — Parece um liagávie falando em querrcna. O que é que isso significa?

— Uma saudação de Natal; acho que “Feliz Natal”.

— O que é Natal?

— É uma festa que temos no final do ano... quando as pessoas dão presentes umas às outras.

— Ah, sim?

Gimiso levantou as sobrancelhas com ar de admiração, e parou pela terceira vez desde que partiram para tirar um não-sei-o-quê da sola da sandália. Derek não entendia o que podia estar tão errado com elas.

— Qual é sua idade? — perguntou Gimiso.

— Eu? Tenho 20 anos. Farei 21 no próximo 25 de novembro, seja lá quando for isso...

E ocorreu-lhe a felicidade de perguntar:

— E você?

Gimiso desviou o olhar para o caminho de terra à frente. Então Derek lembrou-se de uma regra de etiqueta soterrada no porão da sua consciência.

— Desculpe-me! Esqueci que não se deve perguntar a idade para uma mulher.

— Por quê?

Derek ficou suspenso.

— Bom, para ser sincero, não sei. Alguém me disse isso uma vez, eu acho. Acho que é porque lá na Terra as mulheres não gostam de lembrar que estão ficando velhas.

Gimiso riu um pouco.

— Por aqui também não. Mas ainda não estou na fase de ter esse tipo de problemas. Pelo seu calendário, eu já tenho 21 anos.

Sem saber por quê, Derek corou bastante.

— O que houve com sua pele?

— Minha pele? Nada, nada... acho que é o Sol — e corou mais ainda.

Derek enrubescia com muita facilidade, e já merecera por isso no colégio os inevitáveis apelidos de “Pimentão”, “Moranguinho”, além de todos os nomes de extrato de tomate conhecidos. Mas descobrira que, se se concentrasse, conseguia se acalmar e com isso fazer o sangue voltar às camadas mais profundas da pele.

— Você está passando bem?

— Sim — respondeu duro o humano, com as sobrancelhas e mandíbulas coladas.

Andaram bastante tempo mais. Levados pelo cão, seguiam uma trilha difícil que não levava ao mar, mas bordejava a Cordilheira Negra em direção norte. A certa altura, porém, as árvores de copas avermelhadas deram lugar a outra daquelas extensões gramadas, em forma de mancha, que corria até a montanha mais próxima. Calcularam que poderiam ver o mar se subissem mais um pouco, o que acabaram fazendo mesmo às custas de esquecer por um momento das plantas que buscavam.

Cem metros antes da montanha já apareciam os primeiro grandes blocos de rocha de arestas bem definidas, como se tivessem sido cinzelados. No maior do grupo, conseguiram subir e fazer Toba subir também. De fato, lá estava o mar, alguns quilômetros adiante, semi-oculto por algumas nuvens que se levantavam da linha do horizonte até o norte.

Derek pensou em algo apropriado para dizer.

— Então, vocês viajam muito de navio por aqui?

— Às vezes — respondeu Gimiso, com um suspiro.

— É um belo mar... se não fosse essa maldita cor estranha do céu!

A sálquile interessou-se.

— Qual a cor do céu na Terra?

— Azul. É provocada pela refração da luz do...

— Azul? Que estranho! É uma cor tão fria!

Derek deu de ombros.

— Bom, é a única que temos.

— É como a cor do seu uniforme?

O jovem lembrou-se do azul-cobalto da sua camisa de futebol.

— Não... um pouco mais clarinho... Bom, depende da hora. No pôr-do-Sol, fica mais escuro.

E pensou consigo: "É óbvio, seu idiota!"

— Não gosto dessa cor — sentenciou a sálquile.

Beberam muito daquela paisagem deslumbrante.

— Do que mais vocês se alimentam aqui em Vantimiso?

— Como?

— Digo, quais são as principais fontes de alimentos de vocês? Quantas calorias diárias necessitam, e como as preenchem?

Gimiso meio riu e meio ficou brava.

— Derek, você está percebendo o que está falando?

O humano dobrou os beiços com ar interrogativo.

— Você não consegue parar de pensar nisso? Se você quiser, podemos arranjar-lhe tudo isso em Salúquin. Mas viva agora o dia de hoje; o que você pretende com todas essas informações?

Derek recolheu as velas.

— Ah, era só para adiantar o expediente de hoje da *Historia Naturalis*.

Tempos depois, pensando nessa resposta, Derek calcularia que se estivesse na Terra teria merecido por ela um belo tabefe no rosto. Felizmente, a sálquile ignorara a pergunta.

Gimiso encostou-se na pedra com suavidade. Toba desaparecera de novo, mas ela preferiu não tocar no assunto.

— Gostaria de conhecer seu mundo.

— Agora é tarde; eu já ofereci uma vaga para Larrin. Mas se você insistir, ele vai acabar abrindo mão.

A sálquile passava as mãos sobre a pedra, avaliando sua textura.

— Sabe, Dek? Eu sempre tenho a impressão de que você fala pouco de si. Isso foi sempre assim?

Derek não entendeu a mentira.

— Não posso responder. — retrucou o humano, com ironia instantânea — Estaria falando sobre mim.

— Seu grande tolo! — disse, divertindo-se — Apenas as pedras conseguem ser tão refratárias.

— Bem, talvez eu seja mesmo um pouco durão.

— Nisso eu acredito, se se refere à sua cabeça...

Derek riu de lado e mexeu os pés, com uma deliberação fugaz de voltar a caminhar. Gimiso, por sua vez, suspirou de leve e comentou para o céu:

— Deve ser difícil mesmo viver sem companhia.

— Tolice. É impossível viver sem companhia numa cidade de vinte e um milhões de habitantes.

Captou alguma coisa no ar e voltou a si com uma pergunta:

— Diga uma coisa, você e Larrin... são namorados, ou noivos, ou prometidos um para o outro?

A sálquile ficou desmontada por alguns instantes.

— N-Não. Por que pergunta isso?

— Por que não?

— Bem, mas... acho que não estou entendendo o que você quer dizer.

Derek balançou os ombros, como se estivesse diante da demonstração de algo óbvio.

— Veja... vocês têm mais ou menos a mesma idade, vivem próximos, se conhecem muito bem, não têm compromissos, estão empenhados num trabalho comum, são de sexos opostos... Realmente, não é que eu seja um *expert* em estética sálqui, mas suponho que vocês dois devam ser bonitos, dentro desses padrões, não? Vocês têm todos os sintomas de duas pessoas que poderiam se casar. Não concorda?

Gimiso estava entre perplexa e desafiada.

— Somos muito amigos, — disse, afinal, depois de estudar um pouco o sorriso esculpido no rosto de Derek — mas nunca pensei em compartilhar um projeto de vida com ele.

— E por que não?

— Oh, Dek! Não seja indiscreto...

Então o humano levou os braços ao céu.

— Oooh, *mil* perdões!! Como pude ser tão desastrado nesse joguinho de fazer perguntas difíceis? Mil perdões, mil perdões!

Sua companheira lançou-lhe um olhar reprovador, meio confusa.

— Mas que frieza, Derek!

(Quando falava devagar, Gimiso conseguia pronunciar o nome de Derek direito).

— Muito obrigado.

— Oh, não! — exclamou ela, colocando cara de zangada — Você sempre confunde tudo! Isso não é um elogio. Você parece um ussule de mentira!

— Um o quê?

— Um ussule falso. São loucos que se crêem ussule, e que vão viver sozinhos no meio das florestas, apedrejando todos os que tentam se aproximar deles.

— Oh, certamente eu não estou nesse grau de loucura, não é mesmo?

Gimiso riu.

— Você é um grande tolo, Derek Alexandersson.

— Obrigado novamente. Continuamos a busca?

Mas essa noite simplesmente não conseguiu dormir. Sentia-se um pouco feliz demais e um pouco estranho demais para conseguir repousar.

Derek pensou, pensou, e concluiu finalmente: a história das lendas de Gimiso eram as responsáveis; tinham-lhe interessado mais do que ele imaginava.

Afinal, ele ainda não entendia os seus próprios sentimentos.

Saiu para a área aberta ao lado do acampamento, com todo o cuidado do mundo, mas sabendo que certamente acordaria os sálquie. Toba, ao menos, despertara, e o observava um pouco desconfiado à luz das luas. Quando Derek se sentou, porém, veio deitar-se ao seu lado. Como bom cachorro de apartamento, não latiu à noite para os conhecidos.

Então ficou olhando para o céu. Lá estavam Maluoncha e Giízen, as duas luas de Segusii, ambas com meio disco brilhando. Lembrou-se, agora sim, de algumas historinhas contadas por Larrin.

Maluoncha era a que mais se assemelhava com nossa própria Lua. Redonda, prateada, percorrida em várias latitudes por faixas negras, e desabitada — ao menos pelo que se referia aos sálquie. Sua parceira, Giízen, parecia mais um pequeno asteróide vermelho capturado temporariamente por Segusii. Havia várias lendas, como Derek ouvira e já compilara, que falavam das três irmãs celestes. A mais difundida contava uma história de egoísmo entre Lass, o sol, Segusii, Maluoncha e Giízen. Dizia que no começo eram como um pequeno grupo de bailarinas formosas e felizes, e que os pequenos planetas gozavam do calor da estrela muito mais intimamente. Até o dia que Giízen,

num arroubo de maluca ganância, quis para si um pedaço do próprio Lass, para poder dançar sozinha pelo espaço. Teria então arremetido contra suas duas irmãs, afastando-as da esfera brilhante, e atirado-se em seu interior. Como resultado, perdera toda sua formosura original e fora condenada a estar sempre contemplando suas duas irmãs fiéis, embora todas as três tivessem sofrido pelo afastamento do seu radiante parceiro, que temeu um novo ataque, tendo desde então girado entre si, nostálgicas, aguardando uma possível reconciliação com Lass.

Derek achou interessante o fato de que, para os primitivos sálquie, faltasse a convicção de que seu próprio planeta fosse o centro das atenções do sistema Segusii-Maluoncha-Giízen. Estavam mais inclinados a crer em três esferas compartilhando o mesmo destino errático pelos céus, e pensavam que seus habitantes — em cuja existência acreditavam, embora nunca tivessem conseguido comprová-la — certamente pensariam o mesmo. Eram um trio de desafortunadas cuja história recordou a Derek o último filme que assistira na Terra na casa de Raul, que falava de três adolescentes culpadas da morte de um garotinho, uma adaptação de um autor dinamarquês bastante conhecido de outro século. Estavam arrependidas, porém torturadas pelo fato de que ninguém queria puni-las pelo seu crime.

Havia superstições ligadas aos períodos em que Maluoncha estava completamente eclipsada e Giízen brilhava com todo seu parco fulgor; eram prenúncios de tragédias iminentes — ao menos para os de Vantimiso. A mais importante e recente, como Derek também ficaria sabendo depois, fora a invasão dos liagávie vindos do sudeste.

O cientista precoce terráqueo contemplava Maluoncha e Giízen com olhos de astrônomo. E recordou-se das primeiras perplexidades com o idioma vini, além daquelas causadas pelo emprego de declinações. Custou, por exemplo, a assimilar a distinção entre as duas formas de *nós* que essa língua empregava: o "nós" que incluía o interlocutor (*cíc*) e o que não o incluía (*avác*). Sem falar nos três graus do verbo *estar*. Em português — e não em algumas outras línguas — era possível a construção lendária *Eu não sou ministro, eu estou ministro*. Em vini, porém, havia uma espécie de terceiro grau, superior à distinção ser-estar: a diferenciação entre o "estar" com que uma pedra está em algum lugar (*rufezo*) e um "estar" ativo, em sintonia com o estado de espírito dos circunstantes (*dojdazo*). Em vini era possível dizer, portanto, que uma pessoa *estava* em algum lugar sem *estar* nesse local. O que só seria traduzível com a vaga noção da presença espiritual versus presença física, aquela que os alunos normalmente manifestam enquanto assistem uma aula.

Derek deitou-se de vez no chão, brincando com a orelha de Toba (já em pleno sono novamente). "Engraçados, esses sálquie".

Pensou em rabiscar uma ou duas notas desconexas, no dia seguinte. Sentia agora o sono pesando, vindo lá debaixo, das pernas cansadas.

XI

A sálquile ainda se ofereceu para ajudar Derek no dia seguinte, que queria recolher ainda mais daquela verdura, pensando em aproveitar-se de alguns equipamentos de Tilec para preparar um extrato concentrado. Tacitamente, trocou temporariamente suas tarefas de laboratório por outras de coleta.

Larrin os esperava no acampamento na volta, bastante agitado. Tão logo chegaram com os maços de verdura, ele chamou Derek à parte. Gimiso rapidamente arranjou algo para fazer, e após um pedido de licença, desapareceu.

O sálqui estava realmente animado, o que podia ser visto até pela salivação extra. Derek começou a ficar intrigado.

— Bom, bom, bom; o que houve? Estamos muito contentes hoje, não?

— De fato. — respondeu Larrin, contendo-se — Zutarrs deu-me uma sugestão excelente, que diz respeito a você.

— Vai dizendo.

Larrin respirou fundo, calibrando a frase.

— Você gostaria de ser introduzido no nosso povo?

— Como assim?

Derek não alcançou logo o sentido da proposta, embora pudesse intuir que significasse alguma coisa importante, pela alegre fruição que seu amigo sálqui demonstrava ante o seu estupor.

— Para nós, seria uma honra poder recebê-lo no seio da nossa sociedade. Não que você já não esteja suficientemente familiarizado conosco e nós com você, mas sempre que algum estrangeiro se destaca no serviço abnegado a uma das tribos, ou à coletividade da Ilha, existe uma tradição ritual de admiti-lo formalmente como mais um membro real dessa tribo, ou de todo o conjunto delas.

Derek começava a entender e a gostar.

— Certo... uma espécie de recepção das chaves da cidade, não é?

— Seria transformá-lo na realidade num dos membros do povo de Vantimiso.

— Nossa! E como seria isso?

— Em uma cerimônia idêntica à *etissa*, à iniciação, dos que nascem na Ilha. Um pequeno ritual num rio, presidido por Zutarrs, onde um de nós seria seu vínculo com o restante da comunidade.

— Percebo... uma espécie de recepção oficial?

— Sim.

— De caráter... social-religioso.

— Não os separamos com tanta clareza como você — disse Larrin, imitando o dar de ombros do badzi, com um sorriso.

Derek acariciava o dorso de Toba.

— Quer ver uma coisa? — perguntou o sálqui.

Derek seguiu-o pelo acampamento adentro, até a sala vazia do comandante. Larrin parou ao lado de um estranho novelo multicolor pendurado na parede, amarrado numa barra de madeira igualmente colorida. Estava no meio de uma parede, mas até então Derek nunca dera pela sua presença.

— O que é isso?

— Isso é o *camborr* do nosso acampamento. É uma forma plástica que temos na Ilha, desde antes das Guerras Antigas, para representar a genealogia da nossa sociedade.

— Isso sempre esteve aí?

— Sim.

— Gozado. Não me lembrava.

— Naturalmente — disse Larrin.

Derek deixava os dedos perderem-se no meio dos vários fiozinhos coloridos que pendiam dos nós, e que por sua vez estavam presos a outros fios e nós, formando um emaranhado alegre repleto de pontas, sem um começo único visível.

— Parece uma rede toda torcida. É bonita, colorida,... mas confusa!

Larrin piscou-lhe.

— Como a vida?

O humano sorriu.

— Cada um desses pequenos fios — explicou Larrin — representam um de nós, e os nós são as uniões que já foram estabelecidas entre esses indivíduos. Amizade, casamento, filiação... há diferentes tipos de nós e diferentes cores de fios pendendo de cada um deles, de acordo com a pessoa.

— Que curioso!

Derek ainda brincava com os fios, e apanhou, ao acaso, dois fios diametralmente opostos.

— E se, por exemplo, este fio resolve conhecer este outro? Vai romper toda a rede.

Larrin sorriu.

— Aumentamos o comprimento dos fios.

— Oh, perfeito!

— Não é mesmo? Repare, quanto mais longe você for em busca de alguém, mais pessoas você conhecerá no caminho. Convém que o seu fio seja mais longo, para que mais fios possam se ancorar em você.

Derek estava realmente interessado.

— E qual deles é você?

Larrin apontou um fio vermelho, pendendo do nó principal do camborr.

— Umm. Parece que você está no olho do furacão.

— Este *camborr* — continuou explicando o sálqui — representa as relações geradas entre todas as pessoas que tomaram parte, de alguma forma, nesta expedição. Ao mesmo tempo que uma lembrança dos nossos, é um estímulo para que trabalhemos dando o melhor de nós.

Larrin dizia isso, fitando aquele novelo místico com nova admiração.

— Interessante. Há vários nós para relativamente pouco tempo.

O sálqui desviou o olhar.

— De fato. Não acha que isso é um indício de que somos obcecados com a busca da felicidade?

Derek sacudiu a cabeça com um sorriso.

— Que quer dizer com isso?

Larrin acariciou os fios com um respeito transcendental.

— Em linguagem aritmética, a quantidade de nós poderia representar a felicidade de várias pessoas envolvidas. Alguns companheiros de Ladon com um pouco mais de senso poético dizem que a felicidade é a corrente que passa através de todos esses condutos e entroncamentos.

Tomou um pouco de fôlego e continuou:

— Desde que somos crianças, nossos pais sempre nos recomendam que tenhamos muitos fios de camborr vinculados a nós.

Derek sentou-se na cadeira do comandante.

— Que legal.

E, meio aéreo, olhava através de Larrin. Por vezes, sentia que seria fácil admirar profundamente o *modus essendi* sálqui. Por outras, parecia-lhe que todos eles representavam uma grande comédia absurda.

— Legal mesmo. — repetiu — Você então me propõe que eu seja mais um desses fiozinhos?

Larrin sentou-se também em outra cadeira, com um amplo sorriso.

— Exato.

Derek demorou um pouco antes de tornar a perguntar.

— Em quem eu estaria amarrado?

Larrin abaixou os olhos, sem no entanto deixar de sorrir.

— Eu ficaria muito honrado, caso fosse do seu agrado. Seria meu primeiro *camborriarr*.

— É lógico que sim! — animou-se Derek — Quando fazemos isso?

No dia em que Derek resolvesse escrever sua autobiografia, talvez tivesse dificuldades para se lembrar de vários pormenores, mas certamente um episódio que seria capaz de descrever com todos os detalhes por vários anos seria o dia da sua *etissa*, sua recepção formal, entre os sálquie.

Havia um riacho de águas calmas e frias, ao norte do acampamento de Tarrajcalo, ao longo da Cordilheira, que se desprendia do Anesca, mais turbulento. Numa manhã ensolarada, Derek e os sálquie dirigiram-se para lá em procissão compenetrada, que as cantigas de Tilec e Gimiso tornavam mais solene. Zutarrs trajava uma túnica da *londiédni*. Larrin e o humano vestiam suas túnicas habituais, com as únicas diferenças que estavam mais perfumadas, e arregaçadas na parte inferior até a altura do joelho, atadas com cordões verdes brilhantes.

Mesmo com as músicas, o processo todo ia sendo embaraçoso para Derek no início, pois sentia-se o centro das atenções, observado pelos vários pares de olhos escuros amendoados. Mas era impossível sentir-se constrangido, deslocado ou segregado por muito tempo quando no meio de um grupo de sálquie. Tinha a impressão de que se realmente quisesse, bastava-lhe erguer os braços, mesmo agora, para que algum deles viesse abraçá-lo no mesmo momento, embora nunca tivesse tocado qualquer um deles por mais do que o tempo suficiente para um cumprimento.

No rio, Zutarrs, que sempre seguira à frente, pronunciou algumas palavras naquele vini barroco, e em seguida convidou Derek e Larrin a entrarem no rio. Aí começava a parte que mais impressionara o humano quando a cerimônia lhe fora explicada em detalhes. Zutarrs desembainhou o *quída*, a impressionante espada ritual, pronunciando algumas palavras, e mergulhou-o na água por quatro vezes. Depois, entregou-o a Derek, que se atrapalhou um pouco tentando empunhá-lo. Era bem mais pesado do que julgara. Então, repetiu uma frase simples, mas que o envoltório de vini sagrado o obrigara a decorar:

— Que eu seja digno de querer a vontade de vocês e do povo de Salúquin.

Então, Larrin estendeu a mão direita espalmada para o humano. Derek devia fazer-lhe uma incisão na palma da mão até que surgisse a primeira gota de sangue. Estava tremendo um pouco, pelo frio da água e pelo medo de exagerar na força. Larrin, entretanto, estava absolutamente imóvel e com o braço estendido com a firmeza de uma haste. Sorria discretamente.

Derek fez-lhe um corte, que logo sangrou. Aquela espada era realmente afiada! Nenhum sinal de dor, no entanto, perturbou os lábios do sálqui.

Depois, ele mesmo deveria mergulhar o quída na água quatro vezes e oferecê-lo para Larrin, que ia repetir o ritual na mão aberta do humano. O sálqui cortou-lhe com tanta destreza que ele mal sentiu a perfuração. Só percebera que já havia terminado pelo sangue que lhe escorria pelo braço. Da margem, Ladon, Tilec e Gimiso observavam todos os detalhes com muita atenção. Larrin disse:

— Terás um nome entre nós e participarás da trama das nossas vontades. Salúquin, chave das Tribos de Segusii, já o reconhece.

Em seguida lavou o *quída* e devolveu-o ao comandante, que já começava outra seqüência de recitações que culminariam com a última parte do rito. Larrin e Derek cumprimentaram-se à moda sálqui com as mãos manchadas de sangue, palma contra palma e dedos entrecruzados.

— Seja bem-vindo, Derek Alexandersson.

A união das mãos durou alguns instantes, o suficiente para que, de acordo com o símbolo, no admitido passasse a correr o mesmo sangue das tribos sálquie. Zutarrs aspergiu com água as

mãos vermelhas, e a *etissa* terminou. Então, pela primeira vez Derek pôde abraçar os outros sálquie, dentro dos protocolos.

Pouco depois, uma nova peça esculpida em madeira, representando Derek no meio dos cinco segusianos, fruto hábil do antigo *hobby* do comandante, passaria à decoração do salão das tocas. E mais um fio azul entraria para o camborr de Tarrajcalo.

Porém, a felicidade de Derek teve um estranho preço. Daquele dia em diante, nem Zutarrs nem qualquer um dos outros, nem mesmo Larrin, poderia mais encará-lo face a face por muito tempo.

XII

Tempos depois, ao retornar de uma incursão pela mata, Derek foi recebido por um grupo de sálquie diferente dos que havia deixado. Apesar de não possuir o tino olfativo dos seus anfitriões, era óbvio que algo não ia bem. Não precisou, porém, perguntar qualquer coisa sobre o chumbo que carregavam nos lábios; Larrin avisou-o com um murmúrio tristonho que o comandante queria falar-lhe.

O humano atravessou o salão das tocas, cruzando com seu próprio retrato esculpido em madeira. Não conseguia deixar de se espantar um pouco cada vez que o via. Materializava o ar de irrealidade de toda sua situação.

Zutarrs conduziu-o à sua própria sala privativa e fê-lo sentar-se. Apenas uma vez na vida futura do humano vinte segundos seriam novamente tão intensos.

O líder de Tarrajcalo mexeu um pouco com algumas folhas de anotações, mas de repente pareceu ter mudado de idéia e encarou o humano vivamente.

— Vantimiso foi invadida. A guerra começou.

Derek teria achado impossível acreditar que a fleuma do comandante conseguisse trivializar uma notícia como essa. Mas realmente não conseguia mesmo; olhando com mais atenção podia-se notar o semblante enérgico sulcado por faixas de apreensão. Tanto que Derek demorou um pouco para achar com o que continuar o diálogo.

— Como soube?

Zutarrs, que não havia ainda se sentado, apontou o transmissor de rádio. Só então o badzi percebeu que era dali que saía um chiado subliminar que o incomodava desde que entraram na sala.

— No momento em que confirmavam o recebimento do nosso último relatório diário, a estação foi invadida. Gritos em querrcna, ruídos curtos de luta,... e sem tentativa de recontactar-nos até agora.

— Por que não tenta entrar em contato você mesmo? — Sem saber o motivo, Derek começava a captar algo daquela atmosfera de expectação. Nunca percebera antes que perder ou não o apoio do olhar preciso e firme do comandante, ainda que só aparentemente, pudesse ser tão angustiante.

— Não é prudente. — respondeu Zutarrs — Se efetivamente foram os liagávie que renderam a estação, qualquer tentativa de comunicação da nossa parte poderia nos denunciar.

Derek suspendeu as sobrancelhas. “Efetivamente...”

Zutarrs desligou de vez o rádio e continuou:

— Pedi para chamá-lo porque temos que nos preparar para sermos resgatados.

O humano gelou.

— Como assim?

— Está previsto que, na hipótese de uma guerra, imediatamente parta um navio para nos recolher e à nossa carga, e para nos conduzir a um ponto estratégico de Vantimiso, a oeste da terra dos *ussule*. Se minhas previsões forem corretas, temos trinta horas para estarmos prontos.

Onde deveriam haver vísceras, Derek sentia um vácuo, ao mesmo tempo em que o sangue do rosto caía-lhe aos pés.

— Isso quer dizer... que vocês vão partir.

Então Zutarrs pareceu conseguir recuperar um pouco daquela sua postura confiante. Sentou-se também.

— *Todos* os filhos de Vantimiso deveremos partir, Derek.

O comandante conjugara o verbo com *cíc*. E permanecia a certa distância, mãos atrás das costas e um sorriso tentando animar-lhe os lábios. Parecia um capitão calculando as proporções de uma borrasca, e torcendo para que sua barca preferida não sucumbisse.

O humano apoiou a mão direita na testa úmida.

— Não, não é possível. — disse, após uma longa pausa — Isso deve ser um engano... ou pelo menos um absurdo. Um monumental absurdo.

— Sei que isso deve ser difícil para você, Derek. Peço-lhe que confie em nós.

E encarou-o com uma sinceridade perturbadora.

— Por favor.

Mas Derek parecia não ouvir.

— Mas, por quê? Por que essa guerra?

E levantou-se e começou a andar pela sala.

— Não é possível que alguém seja tão imbecil, ou tão tonto, para atacar outra pessoa,... para promover uma guerra, só porque não foi com a cara dela. Só por causa de uns pêlos diferentes no peito! Eles devem estar querendo alguma outra coisa.

— Derek, nós...

— Por que não me fala claro? — interrompeu bruscamente — O que exatamente eles querem? O que vocês têm de tão precioso em Vantimiso?

Zutarrs suspirou imperceptivelmente.

— Os *ussule*, Derek.

— É absurdo!

O comandante tentava falar calmamente. Parecia de fato um pouco inquieto.

— Se eles quisessem poderio tecnológico, teriam a Plátia. Se quisessem riquezas naturais, o país dos dárrie está bem ao lado da Potestade. Em Vantimiso há apenas sálquie, peixes, gelo e manadas de tivla. Tudo isso pode ser obtido fora da Ilha, com muito mais facilidade.

— Mas não os *ussule*!

— Mas não os *ussule*.

— Será que vocês possuem algo que eles queiram, mas que vocês não saibam que possuem?

— Sinceramente o ignoramos.

Derek sentava-se e tornava a erguer-se várias vezes.

— Mas... veja bem, você não concorda que é estúpida uma guerra apenas para destruir um grupo de pessoas?

— Plenamente.

— Pois então! E depois... quero dizer, não que eu queira que isto aconteça, mas suponha que eles invadam Vantimiso e eliminem os *ussule*. E o que fariam depois?

Zutarrs parecia aborrecido; Derek já conhecia essa história.

— Depois? Teriam que cuidar para que não tornem a nascer ussule.

Derek parou.

— Então teriam...

— Teriam que eliminar todas as mulheres da Ilha.

E depois de um curto silêncio, emendou:

— E os homens antes, que estariam morrendo em combate.

Derek sentou-se pela enésima vez.

— Limpeza total.

O comandante dos sálqui balançou a cabeça. Caiu um intenso silêncio na sala. Não se ouviam mais os ruídos do laboratório de Tilec e Larrin.

— Por fim, — completou Zutarrs — restaria pôr Salúquin em chamas.

Fogo. *Chasgo*. A mente de Derek trabalhava delirante.

— Mas, por quê? Por quê? É isso o que não me entra na cabeça.

Então o sálqui levantou-se e afastou-se dois passos do humano.

— Como eu já mencionei, os *ussule* são a nossa principal diferença em relação aos demais povos de Segusii. Sua presença, em certo sentido, é-nos mais importante do que a manutenção da

Cidade de Salúquin. Constituem a essência, ou parte importantíssima da essência de todos os segusianos. De todos, por mais que alguns discordem.

Encarou benevolamente, mas de rosto compacto, o humano prostrado na cadeira.

— São o nosso vínculo com Elpa. O nosso vínculo, Derek.

— Mas esses estúpidos desses liagávie não percebem isso? Não percebem então que isso seria um suicídio?

Zutarrs encarou-o vivamente.

— Percebem-no com uma clareza meridiana.

— Mas então?? — explodiu Derek — Por que querem eliminá-los?

O comandante apanhou uma pequena faca de entalhar e encostou-a num dos fios grossos que prendiam o novelo de camborr ao seu suporte de madeira colorida.

— Eles querem cortar vínculos... e restabelecê-los ao seu modo.

— Mas... não existe nenhum liagávie que se salve nessa história toda?

— Oh, sim, com certeza. Não são poucos.

— E por que é que eles não fazem nada?

Zutarrs demorou um pouco mais para responder.

— Em Segusii, e especialmente na Potestade, é difícil erguer-se contra uma doutrina apresentada como assunto de importância coletiva.

Derek pareceu confuso.

— Não se iluda, Derek. Para aqueles liagávie, a destruição de Vantimiso não passa do primeiro de uma série de passos para reconstruírem este mundo segusiano, conforme eles julgam que deveria ter sido.

Novo e eloqüente silêncio. No entanto, Derek não estava muito mais calmo.

— Em Salúquin eles já sabem que eu existo?

— Não, Derek.

Então ele soltou um riso sarcástico.

— Putz, então vai ser realmente um *show* quando eles chegarem!

— Eu não poderia nem conseguiria explicar quem e o que é você pelo rádio, Derek. Talvez isso os confundisse desnecessariamente. Estávamos certos ao apostar, desde o início, que você não representava nenhum perigo.

O vento soprou dentro da sala, balançando algumas folhas.

— Muito pelo contrário.

Derek não reagiu. Tinha uma pergunta encravada aparvalhando-lhe o rosto, que após mais um daqueles silêncios expressivos acabou sendo formulada.

— Mas... mas... e quando o meu pai chegar?

Perguntou isso e assustou-se com o olhar brilhante do já maduro comandante. Que idade teria se tivesse nascido na Terra?

— Já se passaram quase seis meses, Derek.

XIII

Raul e Derek percorriam ruazinhas estreitas e bastante sujas de um bairro não muito próximo da faculdade, que tinha várias características das periferias pobres. A chuva de verão, ao mesmo tempo que limpara o ar e tornava mais viçosos os trechos de mata abertos entre os casebres, levara também para as ruelas bastante da sujeira imiscuída por entre paredes de madeira e a amalgamara com o barro vermelho nativo por todas as frestas que o concreto deixava. O Sol brilhando sobre tudo aquilo fazia sufocar; as ruas eram de fato estreitas demais.

Derek estava completamente mudo, seguindo seu amigo como uma sombra loira desde que haviam saído do metrô. Olhava para os lados bastante constrangido, repassando para se tentar se distrair todas as etapas da conversa em que Raul o convencera a visitar a Dona Aparecida, mãe da ex-empregada dos seus pais.

— Viu só como não choveu tanto?

— É.

— O dia está perfeito, não acha?

— Está bastante bom.

— Você vai gostar dela — disse Raul, tentando animar seu amigo.

— Claro... não estou dizendo nada.

— Não... não está mesmo...

Exatamente vinte e cinco minutos após a chegada do vagão à estação, ambos encontravam-se numa rua sem nome, diante de uma casinha que curiosamente tinha um número 44 pintado na tábua de madeira que fazia as vezes de muro do pequeno jardim.

— Chegamos — disse Raul.

Derek anuiu. Estava confuso por medos de assaltos e constrangimento por estar chamando a atenção, ou por qualquer outra coisa. O fato é que a visita à favela onde morava a tal da Dona Aparecida não lhe descansava nem um pouco.

Raul, que pelo visto já tinha uma certa intimidade com a família, foi logo entrando e atravessando o pequeno jardim de grama maltratada, e Derek o seguiu. Dois vira-latas sonolentos vieram cheirar-lhes as pernas, sem porém esboçarem nenhum protesto. Após uma chamada para dentro da casa de portas abertas, apareceu de dentro do casebre uma senhora bastante idosa, que só pela pele já podia dizer que levava uma vida dura de servente em alguma grande empresa. Apesar da falta quase completa de dentes, lançou um radiante sorriso aos convidados e quis dar um abraço em Raul.

— Oi, patrãozinho! Que bom te ver de novo! Tá tudo bem com o *sinhô*?

— Sim, sim, dona Cida. Este aqui — disse, apontando para Derek — é um amigo da escola, o Derek.

— *Drek*? Que nome gozado; drek-trek-trek. Mas não vai me dá um abraço também, patrãozinho?

— Um abraço...?

E Derek viu-se engolfado pelos braços da pequena senhora, que apesar de tudo eram bem fortes.

Ato contínuo, ela convidou-os para sentar na minúscula sala de estar, que também servia de dormitório para seus dois netos. O cubículo estava decorado com uma bandeirola do Santos, uma Nossa Senhora Aparecida de calendário e várias folhas de caderno com os desenhos pós-vanguarda dos dois netos da Dona Cita.

A velha empregada serviu-lhes um café muito doce, já requentado pela quarta vez e que, misturado com o cheiro de água sanitária do tanque que dava na janela ao lado, produziu uma estranha sensação em Derek.

Ele acompanhava como uma estátua a conversa entre Raul e a dona da casa. Seu amigo entregou-lhe uma caixa de bombons que haviam trazido.

— O Beto e o Nandinho voltam daqui a pouco da escola. — disse ela — Eles é que vão gostar dos doces.

— Os dois são os filhos da Mariana — disse Raul.

— E quem é a Mariana? — perguntou Derek, abrindo a boca para outra coisa pela primeira vez desde que começou a beber café.

— É a minha filha mais velha.

— Ah...

Raul encostou-se melhor na cadeira de madeira bamba.

— E como estão todos?

Dona Cida suspirou, mas não se podia saber se era por tristeza ou apenas cansaço.

— A vida da Marianinha está difícil lá no Mato Grosso. O Pedro perdeu o emprego de novo.

— O marido dela. — explicou Raul.

— Ah, sei. Puxa, mas o Mato Grosso é tão longe!

Então Dona Cida pareceu realmente mais alterada. Pôs uma cara séria, mas quando se preparava para falar chegaram seus dois netos. Eram gêmeos, e estacaram na porta ao verem que tinham visita. O Raul já conheciam, mas quem era o outro?

— E aí, Beto? E aí, Nandão? Tudo bem? Como foi a aula?

— Foi boa... — murmurou um deles (Beto? Nando?), mas com os grandes olhos arregalados colados em Derek.

Raul percebeu, e teve uma idéia.

— Sabe quem é ele?

— Não... — murmurou o outro. Talvez tivessem sete ou oito anos.

Derek sentia-se como um chimpanzé sendo observado. Estava entre divertido e apreensivo com os dois pequenos.

— Meu nome é... — começou a falar, mas foi interrompido.

— Ele é irmão do Capitão Mentor! — disse Raul, sussurrando alto no ouvido dos dois.

— Aaaahhh...

Derek olhou para Raul, que estava por trás dos dois moleques, piscando-lhe expressivamente.

— É mêmo? — perguntou um deles.

— É verdade! — disse Raul — Conte para eles como foi sua última missão no Sol.

— Ah, foi... foi... incrível — disse Derek — Lá é muito quente. Mas é muito bonito também.

— Me pega no colo? — pediu ainda o pequeno que estava mais perto.

Dona Cida se divertia com a cena, mas ralhou:

— Num aborrece o irmão do Capitão, Beto!

— Aahh, vó!

— Não, não, dona Cida! O Capitão Mentor ficaria muito contente. O Beto e o Nando não perdem nenhuma aventura deles. — disse Raul. — Vamos lá, Mentor II!

Derek nunca se sentiu mais idiota na vida, mas deixou o Beto subir em cima de sua perna direita. Logo em seguida teve que ceder a outra para o outro irmão.

— É verdade qui o Capitão Mentor ficô mais fraco depois qui voltô di *Júpitch*? — perguntou Nando.

— É sim. — disse Derek — Mas podem ficar tranqüilos. Ele está tomando muita vitamina de... de mamão, para ficar forte de novo.

Raul fez-lhe um sinal com o polegar, “boa!”.

Depois de autografar vários gibis dos gêmeos, que agora os agarravam e reliam como manuscritos preciosos, Derek e Raul voltaram à conversa com Dona Cida.

— O Pedro abusou da Marianinha. — disse, resignada, a anciã — É coisa do demo. Fez ela largar dos filhos.

— Ela não tem irmãos maiores? — perguntou Derek.

— São em oito; quatro já casados. — informou Raul.

Derek indignou-se.

— Mas então um deles é que tinha que assumir os dois! É o fim da picada deixar isso nas costas da senhora.

Mas Dona Cida ria com sua boca desdentada.

— *Num* é não, patrãozinho. Eu é que quis ficar com eles.

— Ah, é mesmo? Mas a senhora tem que cuidar da casa e trabalhar fora. Eles não dão trabalho?

Ela balançou os ombros.

— Dão o trabalho que a gente gosta de ter.

Então Nandinho reparou em algo pendurado no cinto de Derek.

— Que *qué* isso?

— É um comunicador interestelar... — começou Raul.

— Sem essa! — cortou Derek — É um aparelho de som.

Os dois gêmeos ficavam olhando perplexos para a pequena caixinha preta. Então Derek teve uma idéia. Soltou-o do cinto e estendeu-o para o garotinho.

— Toma! Fica com ele.

E numa fração de segundo os dois entraram em êxtase. Nandinho segurava-o na mão e falava para o irmão:

— Ó! Agora a gente pódi levá prá ouvi cum o Zinho, o Terê i o Cosme!

— Podemo brincá de *Baile Alucinado*!

— Ééé! Eu sô o Sidnei Gavião!

— Nandô! — ralhou Dona Cida.

— Disculpa vó.

Os dois pulavam de excitação. Derek explicou:

— Não, não dá. Esse só funciona com o fone de ouvido.

Então eles pararam perplexos de novo. Beto olhava para Nando, Nando olhava para a caixinha preta.

— Num dá?

— Não.

O moleque considerou longamente a caixinha e passou-a de volta para Derek.

— Intão pode ficá. Que *qué* adianta ficá ouvino sozinho?

Voltando para a estação de metrô, Derek estava exatamente como na ida. Quieto e olhando para o chão.

— Foi muito legal você ter oferecido seu aparelho de som — disse Raul.

Derek bateu de ombros. Ainda estava pensativo.

— Que houve?

Não houve resposta imediata. Apenas uma consideração em voz alta, que parecia concluir uma cadeia de reflexões internas.

— Que vida!

Raul não comentou nada. Deixou Derek no seu trem e ia caminhando para sua própria plataforma, já se despedindo.

— Até amanhã na aula.

— Até...

E acrescentou, num momento em que parecia ter despertado:

— Obrigado pelo... — mas as portas do trem se fechavam no mesmo instante.

...

Os primeiros raios de Lass que bateram sobre a pedra encontraram o jovem humano adormecido em companhia da sua mascote. Derek estava enrodilhado em uma depressão mais confortável da rocha, e se não sofrera uma noite horrível com o frio, devia-o a Toba, que se aconchegara do seu lado logo após ter pegado no sono.

Derek teve novos sonhos confusos, daqueles que deixam na memória uma impressão de terem sido reveladores em algum aspecto, mas dos quais a pessoa não consegue lembrar-se. Revirou-se pela infinitésima vez sobre a pedra, depois levantou-se. Seu rosto avisava que dormira sem ter descansado. Nisso, ouviu as batidas dos passos de alguém que se aproximava, que foram a verdadeira causa do seu despertar. Era Larrin.

O sálqui trazia algumas provisões; Toba não se fez de rogado para apanhar uns prováveis biscoitos preparados pela doutora, mas cheirou desconfiado o primeiro bocado de tivla. Derek esfregava os olhos para tudo isso.

Estendeu a mão e apanhou um punhado daquela infinidade de papéis rasgados, com a aparente intenção de forrar uma pedra para sentar-se. Mas o vento cismava em levá-las para longe, num redemoinho bizarro montanha acima. As rochas ao redor de Derek estavam salpicadas com pedaços brancos da *Historia Naturalis Segusiiana* e adornados com cacos de vidro e plástico, e coleções de pedras e plantas e fotos.

Tinha frio. Segusii nunca lhe parecera mais hostil do que naquela manhã. Por um instante, prestou atenção na densa cobertura de pêlos do sálqui e pensou que a maior parte do planeta deveria ser bem mais fria do que aquela porção paradisíaca de Tarrajcalo. Arrastou-se para fora da sombra e sentou-se, apertando o rosto. O dia anterior começava a ressurgir na sua mente, com o gosto estranho das desilusões que só são percebidas tarde demais. Indistintamente, ansiava por uma máquina do tempo.

— Não quer comer nada? — perguntou Larrin, finalmente, preocupado com as vinte e quatro horas de ausência do seu hóspede e amigo.

O jovem voltou-se com a expressão vazia de um drogado. Entre ambos, Toba andava despreocupadamente de cá para lá, ora bocejando e fazendo seus alongamentos matinais, ora farejando alguma trilha equívoca. Dava ao encontro um quê de absurdo.

Sem obter a resposta esperada, Larrin aproximou-se e sentou-se também sobre a pedra escura.

— Em que está pensando?

Derek ia falar alguma coisa, mas a frase morreu na garganta. Começou a perceber que ainda estava muito, muito nervoso.

O mar que Derek parecia buscar com o olhar ainda não estava visível, coberto pela espessa bruma tingida de púrpura que se levantara sobre a floresta durante a noite. Mas o odor salgado do vento era um sinal infalível e uma fonte de remotas recordações. Voltou-se novamente para o interlocutor, porém com traços mais definidos na face.

— Sente esse cheiro? — perguntou ao sálqui.

— Qual deles?

Derek riu.

— Não o meu; já imagino como você deve estar se sentindo... ainda não tomei banho hoje.

Espreguiçou-se forçadamente e voltou a sentar-se, teso.

— O cheiro do mar. Sabe do que estava lembrando? Lembro-me de que, quando eu era bem pequeno, meu pai uma vez me levou para andar de barco no litoral, até uma ilhazinha próxima da praia onde nós íamos pescar. Fiquei um bocado enjoado, e devo ter vomitado... não lembro direito. Só sei que, quando chegamos na ilha, havia uma mulher sorridente que vendia água de coco e meu pai me comprou uma. Daí para frente, sempre que ia para a praia, a primeira coisa que lembrava é de que lá havia mulheres sorridentes que vendiam água de coco, bem gelada. É uma delícia...

Suspirou um pouco.

— Mas aqui... vê aquela névoa? Depois que ela subir, vão aparecer algumas ilhotas, e se você navegar adiante e adiante, talvez apareça algum outro continente. E sem querer eu pensava na água de coco, e na vendedora simpática. Mas aqui não vai aparecer nem uma coisa nem outra.

Larrin ouvia sem trair qualquer tentativa de interromper, mas quando pensou que Derek já tivesse dado seu recado assentou-se melhor na pedra.

Derek, porém, subitamente sorriu um sorriso nervoso, apanhando uma idéia no ar.

— E sabe então o que fica? Se a gente filosofar um pouco, vai ver que o que sobra então é só uma camiseta cheia de vômito. E é o melhor modo de descrever minha vida agora. “Olá, Derek, como tem passado?” “Ah, uma merda, e você?”

E continuava sorrindo sozinho.

— Sabe o que eu ainda não acabei de entender? Quer saber mesmo? — perguntava, olhando Larrin como quem se prepara para esbofetear alguém.— Só queria saber... por que *eu*? Eu; por que isto está acontecendo *comigo*?

Ergueu-se e começou a andar um pouco em semicírculos, sem perder o sálqui de vista.

— Conheço tanta gente, *tanta gente*, que adoraria entrar em contato com ET’s! Pessoas que teriam uma parada cardíaca de alegria se fossem convidadas a viver com eles. Existem milhares de loucos no meu mundo que são *louquinhos* por isso. Mas eu sou uma pessoa normal; eu queria ter uma vida normal. Por que eu e não um desses lunáticos cretinos?

Chutou uma pedrinha com força. Começou a rir de novo.

— Gozado como a gente pensa tanto nessas horas, não é? Uma vez alguém me falava de estar conformado com as coisas que acontecem contra a nossa vontade. Pois bem, eu *não estou* conformado. Não quero me conformar com isso! Mas isso não vai mudar nada, vai? Vai? Não, não é? Já fui chamado de irracional em circunstâncias semelhantes, como por perder a cabeça quando via ir embora o último trem da estação num dia em que eu estava com *muita* pressa. Pois bem, talvez você não acredite, mas nunca me senti tão racional como agora. Estou raciocinando e vendo o seguinte: estudava numa faculdade, tirava boas notas e jogava meu futebolzinho. Nunca matei ou roubei ninguém. Nunca enchi o saco de ninguém com meus problemas. Aí então venho parar neste buraco lilás envenenado, absolutamente contra minha vontade, como uma espécie de... castigo. Mas castigo pelo quê? Pelo quê?

Chutou outra pedrinha.

— Quer ver como isso dá um belo relatório? Fato 1: Derek vivia feliz e tranqüilo, sem maltratar ninguém. Fato 2: Derek é seqüestrado e estuprado pelo destino, e... Fato 3: Derek agora não pode mais viver feliz e tranqüilo, pois está grávido de uma aberração. Estou raciocinando e vendo que a vida é uma brincadeira estúpida e absurda!

Encostou-se numa pedra. Lass já dissipara boa parte da bruma. Derek mirou os primeiros sinais da ilhota mais próxima, como que procurando sua camiseta suja.

— Ah, mas ainda tem mais — falou, apontando com um terceiro dedo — Aí então, chega o Sr. Larrin e me diz... como é mesmo?

Pescou alguma coisa na memória.

— “Receio que você nunca tenha tido uma vida normal”. Lembra? Era qualquer coisa assim, não? “Derek, você nunca viveu feliz e tranqüilo”. Mas, pensando bem agora, quem é o Sr. Larrin, lobisomem de Segusii, para dizer o que é uma vida normal para um humano? A não ser que o Sr. Larrin tenha tido algumas aulas com o Prof. Raul Conrad Albuquerque, exímio perito em comportamento humano.

Larrin tinha, agora, uma frase entalada na garganta, mas segurou-a fechando os olhos. Derek, por sua vez, se mexia muito, como quem está em uma platéia.

— Mas, calma, senhoras e senhores! Isto ainda não é tudo! Mesmo atolado num mar de titica, vemos nosso pobre herói ainda tentando fazer alguma coisa para ajudar os outros e se oferecer, de *corpo* e alma, a trabalhar na cura de uma doença mortal. Que coisa, não? Então, vejam sua re-

compensa: uma guerra, um resgate para uma ilha invadida por bárbaros, e a probabilidade de ser empalhado num museu ou, pelo menos, de passar o fim da minha vida em uma jaula de zoológico.

Fez uma careta, imitando um gorila.

— Posso até ver o letreiro... *Homo sapiens*. "Como será que esse nosso novo animalzinho reage a uma vivissecção?", poderia perguntar um Doutor Mengele liagávi.

E acrescentou, num fio de voz:

— Estou com uma vontade doida de fugir ou de bater em alguém... ou as duas coisas. Fugir parece que não posso. Mas em quem eu posso dar uma porrada? Em Elpa?

Finalmente sentou-se na pedra nua, bem à frente de Larrin. Começou a refletir em voz alta. Estava bem mais esgotado.

— Nunca mais andar pelo centro histórico, nunca mais comer uma pizza sábado à noite, com dois ou três amigos e altos papos; nunca mais esquecer da vida na biblioteca; nunca mais sentir o cheiro de um livro velho; nunca mais andar de metrô ou ver um ônibus ou gente... pode parecer ridículo, não? — perguntou, olhando para Larrin, mas logo deixou-se afundar de novo — Não, não, para você não é ridículo... você nem sabe do que eu estou falando. Agora, o que posso esperar? Ser uma aberração num mundo que não é o meu... um animal de zoológico... um animal de zoológico!

Apoiou o rosto nas mãos e os cotovelos nos joelhos. Lembrou-se do baixo-relevo esculpido de Zutarrs e sentiu-se amortalhado.

— Meu Deus...

Lass já ia alto, mas seu brilho parecia ter um efeito ainda mais depressivo sobre o ânimo de Derek. Pois tudo funcionava normalmente.

— Gozado... — disse— sempre achei que fosse ter todo o tempo para coletar todas as informações e dados que quisesse, depois seria resgatado por meu pai, ou remontaria o Pégasus, daria um tchauzinho para vocês... — e explodiu num curto riso nervoso: — Até já havia pensado no que diria no dia da minha partida, você acredita?

"Então, voltaria para a Terra, publicaria dezenas de artigos, publicaria a *Historia Naturalis*... seria famoso. Famoso pelo *meu trabalho* (batia com o indicador no peito), pelo meu trabalho, não famoso apenas por ter tido contato com ET's. Já pensou? Institutos Derek Alexandersson, faculdades, cidades... o Nobel, e mais a História de lambuja!

E bateu na pedra:

— Mas aí então chega uma guerra imbecil, de um povo imbecil, num planeta cor-de-bicha imbecil, e derruba tudo no chão.

— Ou — completou subitamente o sálqui — ela o faz perceber que tudo isso nunca havia saído do chão, não é mesmo?

Derek olhou-o desconfiado.

— Você já sabia de tudo isso?

Seu companheiro parecia realmente triste.

— Infelizmente não percebi a tempo.

O sálqui apanhou um dos biscoitos e começou a esfarelá-lo compenetrado. Derek parecia não perceber.

— Por que vocês não adiam um pouco mais essa viagem? — perguntou de repente.

— Como assim, Dek?

O humano voltou a caminhar freneticamente por entre as pedras, como um animal acuado, formulando uma seqüência de pensamenteos que iam-lhe surgindo, como um possuído.

— Só mais algum tempo... Me parece que vocês estão com tanta... pressa de partir. E tanta pressa para que eu vá junto com vocês.

Larrin encarava-o perplexo.

— Eu sou importante para vocês, não? Oh, não se preocupe! Pode confessar agora. Não interessa a vocês que eu volte para a Terra, não é? Porque, quem sabe quais utilidades eu não teria ainda para vocês?

Larrin espantou-se, mas não respondeu diretamente. Apanhou outro biscoito para esfarelá-lo; Toba veio ao seu encontro.

— "O anel disse: 'Eu contenho um dedo!'" — disse o sálqui — É um antigo provérbio de Arrfinan.

Derek atirou-se numa pedra com formato de divã, com expressão dorida.

— Oh, sem provérbios agora...

Estava mesmo se afigurando um belo dia. Larrin esfregou as têmporas, protegendo-se do sol que já ia lhe ardendo na face. Afastou de si a travessa de biscoitos da doutora.

— Sabe, Dek? Pensei em vir aqui para lhe dizer algo também.

O humano, que já se erguera novamente e fazia menção de voltar à sua "varanda" de pedra, de mãos na cintura e um bico colérico, voltou-se e fuzilou-o interrogativamente.

Larrin respirava rápido, e mesmo assim ainda tomou um pouco de fôlego antes de devolver-lhe o olhar. Mas o seu estava curiosamente irado.

— Você está agindo como um estúpido egoísta. Já reparou nisso?

Derek perdeu por um momento o pé de apoio. A frase serena, dura e como que casual parecia ter vindo de um sonho. Teria realmente ouvido aquilo?

Aproximou-se em três passos do aparentemente imperturbável colega, que também não perdia o humano de vista.

— O que foi que disse? Você ficou louco?? — berrou ao seu lado, forçando uma retração involuntária das orelhas do sálqui.

— P-pelo contrário, — retorquiu Larrin, arfando e desviando o olhar, tentando dar à voz um timbre natural — acho que é você que está louco. Você não fala como uma pessoa razoável. Como é possível que esteja pensando em tudo isso, agora?

— Como não? — explodiu novamente ao seu lado, batendo-lhe no peito com o indicador — Como... como você queria que eu agisse? Vê isto? Vê isto?? — e atirou-lhe um punhado daqueles restos de papéis apanhados do chão. — Você... você está entendendo o que eu estou dizendo?

— Sua crise não me surpreende, mas confesso que para mim é difícil compreender como é que você não enxerga o quadro. — E apanhou os papéis do colo — Isto aqui, por exemplo. Entendo perfeitamente. Quantas vezes você deixou de acalentá-la?

— Como??

— Quantas vezes algum de nós representou para você algo mais do que um simples conjunto de informações coerentes?

— *Mas de que diabos você está falando?*

Derek continuava a vinte centímetros do sálqui.

— Estou tentando fazer-lhe notar que esse seu aborrecimento é uma espécie de inflamação das... das coisas que você quer, apenas delas.

Engoliu um momento e continuou:

— Mas existem regras, Dek, regras de funcionamento da personalidade, se preferir, que têm de ser respeitadas. E quanto mais o conheço, mais vejo que essas regras são universais, para meu próprio espanto. A mais elementar delas diz que não se pode olhar muito tempo para o próprio interior, para as próprias vísceras da alma, sem acabar ficando míope e tropeçando em algum lugar, indo ao chão, ou ainda acabar infeccionando tudo por tanto bulir.

Larrin suspirou de leve, antes de prosseguir.

— E quer você queira, quer não, agora as circunstâncias são tais que você está unido conosco irrevogavelmente, na medida em que o seu retorno à Terra não parece ser viável. Além disso, sua *etissa* nos torna especialmente obrigados com você. Portanto..., de certa forma... sua ira não demonstra... cortesia.

— Mas escute aqui, seu bosta de lobisomem! *Eu* decido no que vou meter a *minha* vida, e dane-se o resto! Quem foi que te deu autorização para ir se metendo assim na minha vida?

Larrin balançou a cabeça.

— Derek, por favor! Se eu não entrasse, quem sabe se alguém entraria?

— Mas quem você pensa que é?? *Quem você pensa que é*?

Soltou isso a três centímetros do focinho de Larrin, e deu meia-volta. Mas foi detido; o sálqui agarrou-lhe o braço com tal força que o humano quase caiu, e por um momento fugaz ambos ficaram perplexos. Larrin nunca o havia tocado dessa forma.

Mas não o largou, e disse num fiozinho de voz vindo lá de Vantimiso:

— Você acha que eu estou me divertindo com isto? Pensa mesmo assim?

— Então se você não gosta, vá pro inferno!! Não faça! — gritou, quase chorando.

E arrancou seu braço com um empurrão. Deu um passo adiante, punhos cerrando-se, com todas as intenções de esbofetear Larrin. Mas assustou-se ao ver os caninos dentro da boca arreganhada do sálqui, que parecia ter que dominar-se. O sálqui transformou-se por um instante em algo selvagem. Derek chegou a recear uma luta desigual.

— Errado! — grunhiu finalmente Larrin — Alguns ainda se preocupam com sua felicidade. Mas isso requer que você nos dê uma chance; não por nós mas por você mesmo... Assim como eu necessito fazer algo por você para agir conforme a minha natureza, você também precisa ajudar-me em nome da sua própria felicidade.

E suspirou novamente, deixando cair um pouco os ombros.

— Embora eu não espere que você entenda ou acredite nisso. De dentro do seu cerco, você nunca poderá enxergar que Zutarrs tem aflições. Que todos nós temos problemas. Que eu tenho inquietações.

— Quais inquietações? — indagou álgido o humano, depois de algum tempo.

— Eu tenho medo, por exemplo. — respondeu Larrin calmamente — Como se costuma dizer, a morte é o único prêmio cuja expectação nos transtorna. Não sei, não sabemos o que nos espera na Ilha quando voltarmos. Provavelmente serei incorporado às Milícias.

Derek pensou consigo, “Então ainda assim querem que eu vá com vocês?!” Mas aquela súbita confissão de fraqueza o desarmou.

O sálqui levantou-se.

— Eu tenho medo. Mas também tenho mais pena de Gimiso; ela tem talvez o maior problema de todos.

Derek recordou a história dos pais da sálquile com um frio na barriga.

— Qual?

Larrin já estava de costas, ensaiando os primeiros passos de regresso ao acampamento.

— Além de tudo ela ama você, Dek. E até agora eu não acreditava que você ainda não tivesse percebido isso.

A fúria de Derek atingiu seu clímax quando Larrin sumiu de vista. Suas palavras, uma após a outra e outra após a uma, em todas as direções e sentidos, lhe roíam o pensamento.

“Que desgraçado! Que desgraçado! Como é que eu pude ser tão trouxa?” repetia para si. Arrependia-se amargamente da sua amizade com Larrin, da sua admiração pelo comandante, do dia da sua Iniciação, de tudo! Sentia a cicatriz da sua mão arder de indignação.

Toba já há algum tempo havia pressentido a tormenta, e logo após a partida do sálqui Derek viu-o desaparecer também na direção de Tarrajcalo. Atirou-se então de volta no seu divã de pedra.

Estava só, portanto, e como a ausência de um objeto não pode sustentar nenhum tipo de amor ou ódio, Derek mergulhou em uma espécie de angústia existencial. Acalentava-se no berço do próprio infortúnio. Tudo era uma merda; tudo era uma *que merda*! O quê, por Deus, ele havia feito de errado? Por que essa conspiração?

E, além da conspiração, a humilhação e a zombaria! “Ela ama você.” Para o inferno com isso! Como alguém podia ter a coragem de brincar com isso numa hora como aquela? “Larrin, que

sujo você acabou me saindo! Moralista que apunhala pelas costas quando estamos em crise, não é? Merda, que merda...”

E que fazer agora? Derek já se condenava ao papel de aberração em algum circo de Salúquin, ou inclusive de ser feito prisioneiro e ser usado como cobaia de experiências nazistas por povos menos amigáveis que os sálquie. “É óbvio que vão me capturar; do jeito que estão indo as coisas...”

As rochas só ouviam desanimados “pufff’s” ocasionalmente, sempre que o jovem atirado na cadeira concluía algum bloco de raciocínios sombrios.

“Ela ama você.” Bah; e agora, como voltaria para a Terra? Parecia mesmo que Zutarrs estava certo. Não havia mais jeito. Será que conseguiria um físico prêmio Nobel em Salúquin para ajudá-lo? Lembrou-se dos seus breves jogos de *rpg*; não haveria entre os paranormais ussule alguém com poderes extraordinários para mandá-lo de volta para São Paulo? Reatando uma seqüência de raciocínios igualmente pessimista do dia anterior, via com mais clareza ainda a sabedoria daquele ditado popular que dizia que só na doença se dá valor para a saúde.

“Ela ama você.” Não adiantava; por mais que se beliscasse — e já havia se beliscado muito ao longo daquelas horas todas — não acordava; não era um pesadelo. Era pior, era a realidade!

Como estariam todos na Terra? Como estaria o Neocampus? E seu pai? E o Raul? Estariam sentindo sua falta? Seria presente, passado ou futuro, na sua casa, agora? Como era possível que lhe dissessem que não se preocupava com as pessoas? Nunca dera trabalho para seu pai, descontando talvez todo o episódio com o Pégasus. Já estourara várias vezes com o Raul, é certo, mas estava cuidando agora da sua mascote. Nunca xingara nem maltratara ninguém na faculdade, nem mesmo aquele imbecil do Boné, que parecia só ligar o cérebro quando falavam de sexo.

Bem, era verdade que perdera um pouco as estribeiras e descarregara vários quilowatts de chateação sobre o sálqui. Mas ele havia provocado; embora talvez não tivesse sido necessário mandar-lhe para todas aquelas quebradas desagradáveis. Sentiu, dentro da sua indiferenciável amálgama de sentimentos, uma distintiva pontada de culpa pelos termos que havia empregado. Que diabos, onde estava com a cabeça? Que dissera? Dava-lhe especial desprazer perder o controle a tal ponto que os outros o percebessem. Normalmente, vergonha; aqui, a sensação de que não deveria ter feito aquilo, ainda mais com Larrin, que era tão... tão *trouxa!* Seria outra daquelas regras imponderáveis? Mas por que ele provocara? Não se diga que não sabia, ou que, por não ser um humano, teria algumas desculpas. Para ter doído tanto, Larrin tinha que saber *exatamente* o que estava fazendo. Canalha; incrível canalha!

Algo começou a conduzir a mente de Derek para o lado. Não, ele não pode estar certo, sob nenhum aspecto! “Calma, Derek, seja razoável — e esmurrava ainda mais a pobre pedra —Ele só dissera balelas, não era assim? Essa lenga-lenga do “Ela te ama”; de que eu preciso... bah!”

Apanhou um lápis e perguntou-lhe: “Mas por que eu estou considerando a possibilidade de ele ter falado algo razoável? Por que estou querendo destruí-lo?” “‘Eu tenho medo’; por que aquele imbecil... Coitado! Todos temos problemas; se ele pedia que se preocupasse com os problemas dele — assim, tão descaradamente —, o egoísta naquela história só poderia ser ele, Larrin! *Quod erat demonstrandum*!”

Derek quebrou o lápis e levantou-se, com um rosto horrível de ressaca. Apesar de tudo, tinha que fazer alguma coisa. Não podia ficar em Tarrajcalo sozinho, fato 1. Achava que devia pedir desculpas para Larrin, fato 2. Começou, porém, a recolher distraído os pedaços de papel que o vento ainda não havia levado. Não tinha vontade sequer de ouvir música, o que de per si já era sintomático. Não se lembrava da última vez em que não conseguira afogar chateações numa *overdose* de música — pensando bem, a última vez que tentou talvez tivesse sido durante aquele episódio melodramático estúpido com a Susi. Não tinha lá muito claro, entretanto, que esse método tivesse resolvido algo na ocasião, ou que poderia de fato resolver qualquer coisa depois.

Olhou por todos os lados; mesmo que quisesse ouvir música, teria que voltar ao acampamento. Esquecera lá seu aparelho de som.

Uma outra maré de pensamentos subiu à tona na mente do jovem. Que poderia haver de bom em Salúquin? Pouca coisa, mas talvez a guerra terminasse e os sálquie vencessem! Percebia que afinal de contas o tal do embaixador eterno teria que ser ele mesmo...

Largou os papéis rasgados e decidiu caminhar na praia de Tarrajcalo pela última vez.

Ali se estendia, alheio, o Dama. Mas agora sustentava na sua superfície uma nova criatura.

Assim que divisou o mar, Derek reparou numa grande embarcação atracada longe, no mar, e num pequeno bote de linhas afiladas como uma arraia repousando na areia. Dali onde estava, o humano só conseguia distinguir dois vultos dentro do bote, e quase nenhum dos detalhes do navio ao longe.

“Chegaram cedo; pelo menos os barcos deles parecem que são bons!” — pensou.

Deu meia-volta, pensando que seria melhor estar junto dos sálquie do acampamento para que tudo ficasse claro sem muitos espantos. Assolava-o agora uma onda de timidez como nunca sentira igual, embora se distraísse imaginando como receberiam sua história de portas dimensionais e etcétera em Salúquin.

Derek caminhava descompromissado, tentando encontrar um pouco mais de confiança. De fato, sendo um pouco mais político, poderia tirar excelente partido da sua situação. Poderia ser o ponto de inflexão da cultura sálqui, ao invés da humana. Uma espécie de Messias da ciência e da sociedade segusiana!

Rindo baixo consigo mesmo, chegou ao ponto onde estava eqüidistante do acampamento e do seu refúgio no penhasco. Tomou a esquerda bosque adentro, imaginando que chegaria pouco depois de Larrin, que por sua vez já teria recebido o grupo de resgate.

Conforme caminhava, ia se sentindo cada vez mais envergonhado pelo papelão perante Larrin, embora ainda estivesse com uma ponta de raiva do sálqui. Advertiu tenuamente que seria maravilhoso se tudo aquilo que ele lhe havia dito pudesse ser verdade. Caso realmente fosse possível que alguém pudesse estar sinceramente interessado pelos seus gostos, pelas suas idéias, pelas suas preocupações... mas isso é vaidade! Isso ele já o demonstrara aos catorze anos. E que seria se alguém lhe confiasse também seus gostos, suas idéias e suas preocupações, e que a ele — Derek — desse prazer poder ajudar? “Pois então, aí está ! — concluiu, amargo —, não pode existir isso de um relacionamento cem por cento desinteressado.” Chutava pedras tentando se livrar dos próprios raciocínios, e sentia que já estava se cansando de pensar.

Não teria percorrido ainda a primeira centena de metros da trilha coberta por árvores, quando começou a ouvir um burburinho adiante, quase que com certeza em determinada pequena clareira que ele já cruzara muitas vezes.

Deu mais alguns passos e estacou, quando começou a ouvir distintamente a melodia do Canon no meio do súbito silêncio das vozes. Sorriu amarelo; será que Larrin já estaria nas preliminares da sua apresentação? Seria ele tão amável para perdoar e esquecer com tanta rapidez a sua descompostura? Seria recebido com música? Corou um pouco, vacilou e tocou em frente.

Era Pachelbel, cada vez mais nítido, e só podia estar vindo do seu aparelho de som. Aquilo serviu para distraí-lo um pouco. Começou então a ouvir alguém falando alto junto com a música.

De repente parou, hirto, paralisado por um grito angustiante e prolongado que lhe penetrou até a última vértebra. Alguém gritara, um gemido de dor como ele nunca havia ouvido. Mil hipóteses absurdas lhe passaram pela cabeça. Será que haviam prendido o dedo no compartimento laser do aparelho de som? Mas não, pois ali continuava a música, alheia, como o mar, a qualquer sofrimento.

Sem saber exatamente por quê, no mesmo instante Derek pôs-se de quatro e começou a engatinhar por entre a mata, saindo da trilha, em direção à clareira. Alguém abaixara o volume, e podia ouvir, agora, além daquela voz rouca, o chacoalhar de várias gargalhadas. A piada parecia ter sido boa, pois aquela risada do fundo da garganta era a que os sálquie reservavam para as situações de melhor humor. "Que raios estará acontecendo ali?"

Deu finalmente com a clareira, embora não tivesse uma visão completa do terreno. Estava justamente atrás de um sálqui com um uniforme estranho, e podia ver que havia pelo menos outros trinta mais, dispostos em semicírculo ao mesmo tempo que ocultavam o centro. Curioso; nunca havia percebido que os sálquie pudessem ter um cheiro tão característico. Talvez fosse efeito do grande número deles reunidos. Mas os braços daquele eram marrons e negros, como nunca vira igual.

"Deus do Céu! Deus do Céu! Não são... ah, ah, não! São liagávie!!

Andando de cá para lá, aquele que parecia ser o líder daquela tropa falava com alguém que Derek não conseguia enxergar. Tinha em uma das mãos seu aparelho de som, que olhava com uma perplexidade irritada, e na outra um daqueles sabres rituais, o quída, sujo com alguma coisa escura.

Na maior parte do tempo, o líder dos liagávie parecia falar sozinho ou com o aparelhinho sonoro, em uma língua que não era o vini. Em determinada altura, porém, berrou uma ordem para um soldado que parecia estar na outra ponta da clareira. O soldado saiu e voltou com uma grande sacola peluda, amorfa, daonde pendiam umas espécies de varetas. Lembrava vagamente uma grande gaita de fole. Devia estar pesada, pois o liagávi trouxe-a sobre os ombros e andava curvado, atirando-a no chão com um suspiro de alívio.

Quando a sacola caiu no chão, porém, Derek entrou em pânico. Viu que era o corpo de Toba, crivado de flechas.

O líder ficou do lado do cão imóvel, contemplando-o com um ar demencial, e subitamente voltou-se raivoso e perguntou para o interlocutor oculto no meio da clareira, num vini estranhamente carregado:

— E este? O que é isto? Como vocês conseguiram isto?

Fez-se um silêncio pesado, cortado apenas pela melodia do *Canon* e por um respirar arfante e fraco. Então, o líder depositou cuidadosamente o aparelho no chão e começou a acariciar o quída. Foram estourando inexplicavelmente risadas aqui e ali entre os soldados, que não demoraram a se fundir numa nova gargalhada geral. Derek não conseguiria acompanhar o líder sem denunciar sua posição, de modo que apenas ouviu um gemido duro, contido.

Desta vez não houve gritos. O líder voltou para junto do corpo de Toba, trazendo na mão uma tira de pele que gotejava sangue. A cena provocou um súbito acesso de náuseas ao humano, ao mesmo tempo que sentia arrepios por todas as partes do corpo das quais aqueles pedaços de pele poderiam ter vindo. Derek teve um ímpeto louco de pular do seu esconderijo e destruir aquela caixa de música absurda, e depois de quebrar o focinho do encorpado liagávi. Mas ao mesmo tempo não conseguia desviar o olhar da faca ensangüentada, e um medo animal de torturas o paralisava preso ao chão. Eram muitos! Sentia as pernas dormentes e alternava momentos de ira com outros de suspensão da vontade.

E como que se oferecendo para uma luta, o comandante da tropa veio caminhando lentamente em direção ao soldado que servia de muro a Derek, que pôde então captar melhor suas feições. Era ligeiramente mais alto do que os sálquie do acampamento, e tinha manchas coloridas nos pêlos da face que se transformavam lentamente de dourado em branco-prateado, das extremidades para o centro do rosto. Pelo que já apreendera de estética sálqui, via que nada havia a lhe recriminar na aparência. O mesmo olhar escuro, sem porém o brilho acostumado, passavam a impressão de um interior mais triste e auto-centrado. Mas os lábios, torcidos como estavam, falavam de violência.

O líder parou e com um gesto de desprezo atirou o quída no chão, aproximou-se, ergueu a túnica e urinou sobre ele. Os soldados vieram abaixo de novo.

O vento trouxe o cheiro de urina em cheio no rosto do humano escondido, que começou a tremer involuntariamente. Nisso, entrou correndo um novo soldado na clareira, e sentou-se de joelhos diante do seu líder. À curta troca de saudações seguiu-se um ininteligível relatório por parte do arauto, que constantemente apontava com o olhar para trás e para cima; a direção onde Derek estava escondido, mas que também era a do acampamento. O líder despediu-o e foi aproximando-se lentamente da sua vítima, sumindo de novo do campo de visão de Derek, que só conseguiu ouvir:

— Você se acha forte, sálqui? — berrou — Vocês se crêem especiais? Maldita seja sua Ilha!

A brisa ainda soprava forte, e mudou de direção. Então, Derek observou espantado que todos os soldados e o seu comandante estacaram. Apenas suas vibrissas e a ponta dos seus focinhos mexiam-se rapidamente, como radares à procura de um míssil. Com um gelo por toda a alma, Derek ouviu de repente a voz de Larrin saindo do meio da turba, gritando num português agoniado:

— Derek!! Foge!

Ele queria correr, mas todo o seu corpo parecia languidescer-se. Como uma serpente, esgueirou-se pelo caminho por onde rastejara. Não tinha coragem para se levantar, e não teve tempo de entender o que o comandante, saído do seu momentâneo estupor, berrava para seus homens.

Alguns soldados começaram a correr para a entrada da clareira, na direção do humano, embora ainda não o tivessem visto. Depois de rastejar por uns vinte metros, Derek ergueu-se e preparou-se para correr e correr e correr.

Porém, mal se virou, deu de cara com um dos soldados. Por uma fração de segundo ambos se encararam. O soldado estava boquiaberto, e Derek, sem perceber, deu-lhe um murro na ponta do focinho. O murro mais forte que dera em alguém na sua vida. O soldado tombou desacordado, e Derek pôs-se a correr como um louco pelo meio do bosque, em direção ao Anesca.

Foge! Foge!!

Que seria feito de Larrin?

XIV

Derek esperou até um pouco antes do anoitecer e, no lusco-fusco, aventurou-se a tentar atingir o acampamento. Não foi difícil chegar, porém, nos destroços daquilo que havia sido a central de operações de aca Zutarrs na região de Tarrajcalo.

Os liagávie haviam saqueado toda a lechi dos depósitos, e ateado fogo ao resto. Aqui e ali, as chamas ainda terminavam de corroer uma viga de madeira ou uma divisória, e o ar quente levava para o céu cinzas fugidiamente brilhantes que um dia haviam sido as gravuras da irmã de Gimiso, ou os poemas e o diário do seu amigo sálqui. Não havia nenhum sinal dos outros. Derek sentiu-se preocupado com a sorte do pequeno de Tilec.

E decidiu passear pela parte não tocada pelo fogo, o salão das tocas, cavado como estava no interior da própria montanha.

E realmente só havia ali agora os buracos na parede. Pois tudo o que tinha qualquer tipo de existência objetiva havia sido irracionalmente feito em pedaços. Chegava até a ser engraçado, agora, ver o batente da grande porta de vidro como a única coisa que se mantinha em pé. Todas as divisórias e a própria porta estavam destruídas.

Era interessante notar também o contraste entre a parte da montanha que estivera por dentro do acampamento e a do paredão silvestre. O humano recordou-se dos turnos de limpeza daquelas paredes que executara, junto com Ladon e Gimiso. Sentou-se, com um graveto na mão. Voltava a estar só em uma terra desconhecida. Lembrou-se do dia da sua chegada, do Pégasus, do encontro.

Derek foi seguindo e apalpando o paredão, já quase indistingüível da cor do céu. E de repente ouviu um chiado abafado de trás de um grupo de árvores próximo.

Seu primeiro reflexo foi atirar-se no chão, mas se conteve ao ver que nada saía de trás das árvores. Tomou na mão esquerda uma ripa de madeira com fogo como tocha, e na direita uma tora mais possante, e aproximou-se cauteloso, mal balançando o ar, dos troncos altos e firmemente prensados uns contra os outros. Como seria possível que algo maior que um coelho pudesse penetrar aquele muro? Mas achou uma falha entre as árvores, oculta pelos cipós que pendiam das copas.

Do interior e de fora se encontraram gritos de espanto. Ali dentro estava Gimiso, prostrada num canto e coberta de lágrimas. Aparentemente sã e salva, e bastante assustada.

Derek percebeu-o e acalmou-a com um inaudível mas expressivo “Tudo bem”. A sálquile enxugou as lágrimas e procurou acalmar-se, encarando o humano com uma remota tentativa de sorriso.

Derek sentou-se de novo, segurando a tocha e como que perguntando-lhe algo. Tinha que ser isso, só podia ser isso.

Estendeu a mão à moda sálqui para Gimiso.

— Ei, não chore.

Gimiso e Derek estavam de volta sobre o platô rochoso, daonde se via o mar. Fazia frio, e sentavam-se ombro a ombro sobre trapos de mantas recuperadas do acampamento.

— O que farão com Larrin e os outros? — perguntou Derek, cortando o silêncio prolongado.

Gimiso apoiou a cabeça no ombro do humano. Séria como estava, parecia outra pessoa, mais madura, embora sua voz preservasse um estranho timbre de alegria.

— Certa vez, meu pai me contou como os liagávie fazem para destruir um sálqui. Existem algumas drogas que mantêm-nos acordados por dias... dias e dias.

Soluçou. Pela primeira vez Derek o notava.

— Somos isolados — continuou a sálquile. E depois cooperamos.

Derek pensou que era melhor não insistir. A tarde terminava rápido, como costuma acontecer nos trópicos, e os últimos raios de Lass eram vermelhos quase roxos sobre o Dama, tendo já as

franjas das ondas brilhos emprestados de Maluoncha e Giízen. Ao longe, no horizonte, surgiram três pontos luminosos, dois brancos e um central, grande e vermelho. Apareceram tão suavemente que Derek julgaria que eles sempre estiveram lá. Mesmo sem perguntar a Gimiso, soube que eram lanternas de navios, e soube que ela também já os via. E ambos sabiam do que se tratava. O *gran finale* liagávie, que viam na presença de sálquie no seu continente uma mancha de sujeira que só se limpa com o aniquilamento.

— Pensando na sua irmã? — perguntou Derek.

— Também...

— Ela está sozinha? Tem alguém para protegê-la?

Gimiso suspirou levemente.

— ... seria uma das primeiras tribos a serem ocupadas.

Derek engoliu em seco.

— Você está preocupada? Eu... eu ainda estou curioso; me desculpe, é que te vendo assim fico preocupado também.

— Curioso com o quê, Dek?

— Essa arma dos liagávie. O que ela é capaz de fazer com o seu país?

Gimiso fechou os olhos.

— É difícil explicar, Dek. Os liagávie são um povo dos desertos. Onde houver desertos, somente eles podem viver. E eles têm o poder de invocar o seu próprio ambiente aonde quer que vão.

Se esperava que Derek entendesse alguma coisa, foi desapontada.

— O Sudeste é quase todo um grande deserto. Nem sempre foi grande, mas você sabe... como os desertos sempre se estendem.

— Eles... transformam... lugares em desertos? — perguntou Dek, devagar.

A sálquile balançou a cabeça. Era de fato um antigo projeto da Potestade.

— Salúquin já foi alvo de uma das suas experiências — disse ela.

— E funcionou?

— Em parte... uma vez.

O complemento nunca foi feito, e Derek tornou a contemplar o mar. Estava profundamente agitado, com a alma em ebulição por diferentes sentimentos.

— Terminou com seus papéis? — perguntou a sálquile.

— Ainda não.

— Por que você ia jogar tudo fora, Dek?

— Não me interessavam muito, até agora. Quanto tempo você acha que temos?

Gimiso lançou um longo olhar pelo mar até os três pontos, e suas vibrissas consultaram o vento.

— Até amanhã, pelo menos.

— Então terminarei amanhã. Falta uma parte muito importante.

A aragem marítima ia subindo com cada vez maior força, à medida que a noite ia se firmando.

— Não tem frio? — perguntou Derek.

— Só até amanhã — respondeu-lhe Gimiso, com outro sorriso enigmático.

O mar já ia se transformando num enorme corpo escuro, tingido de fitas de prata evanescente. Onde estariam Larrin, Zutarrs, Tilec e Ladon? Pobre Tilec.

— É bom que não existam pássaros por aqui. — disse Derek, reflexivo — Ajuda a pensarmos em nós sem distrações.

Como sua companheira continuasse quieta, ajuntou algo que já vinha lhe saltando na mente.

— Você... acha que eu seria uma companhia suportável por um dia? Quer dizer, não que você tenha muitas opções...

Já sem poder ver-lhe o rosto direito, Derek teve que inferir a resposta do risinho abafado que ouviu.

— Acho que... — continuou Derek — Bem, apesar de tudo... quer se casar comigo?

Sentiu o ritmo das respirações ao seu lado se interromper.

— Eu sei... eu sei... em tudo o que você pode estar pensando. Sei que nós não... quero dizer, é lógico que não daria certo... mas mesmo assim... não me importa, não tem problema para mim! E... e... no fim, seríamos mais fortes se estivéssemos juntos. — engasgou — Sabe, é como naquela história do "dojdazo". Mas eu também sei... que não poderia te pedir tudo isso... é certo, afinal, que você pode se salvar... *nós*, quero dizer... e você pode estar, ehr... talvez,...— engasgou de novo — *prometida*, sabe como é? Uma família, normal, *sibir*, é claro, você poderia ter filhos... É... então, eu entendo... claro, claro, é claro que eu entendo, eu entendo, eu caio fora... me desculpe... não está mais aqui quem falou... ehr... diabos, que bobagem, que bobagem! Desculpe-me...

E sentiu o corpo ao seu lado mais próximo do seu, e sua mão direita apertada com maior força. Continuariam sentados por mais algum tempo.

— Obrigado.

XV

Quase ao mesmo tempo em que as primeiras faixas luminosas de Canaris se filtravam pelos frisos metálicos da veneziana, o alarme de cama do Dr. Matthaus tocou, anunciando inutilmente a hora de despertar.

O maduro doutor permanecia sentado diante do computador, olhos ardendo por um sono derrotado mas que deixara suas seqüelas. Acariciou distraído as folhas e folhas de papel sobre sua mesa, imaginando a reação de Hermann quando ficasse sabendo de tudo aquilo.

Foi até o cabinete e tomou uma ducha. Engraçado como a água parecia massagear-lhe a pele com mais atenção do que antes. Pela primeira vez depois de um bom tempo, sentia-se limpo depois de um banho. Lembrou-se do dia anterior, tão próximo e tão estranho. Noscese lhe falara de férias, e agora essa idéia o deixava com sentimentos misturados.

Pensou em uma viagem até o Setor Noroeste, a designação do lugar onde outrora deveria ter estado a Ilha, e onde ainda não havia nenhum assentamento humano. Pelo que se lembrava, até ali apenas os paquidermes mecânicos de prospecção haviam chegado. Mas com certeza em A-Styx obteria uma autorização para um rápido reconhecimento.

Procurou com súbito afã alguma informação sobre as condções atmosféricas do Setor, e soltou uma praga ao ver que seus dados indicavam probabilidades de frentes tóxicas, sim, embora já estivessem com três anos de desatualização.

Depois veio-lhe à cabeça a própria Mãe Ursa. O que ela acharia daquela história toda? Ao pensar em mostrar-lhe tudo e contar seus planos, quase riu de vergonha. Já estava ouvindo o apocalíptico “Ficou louco, Mat?”.

Mas, seria mesmo verdade?

— Bom dia, Dr. Matthaus — saudou a técnica do teletransporte, que carregava um enorme bolo nas mãos.

— Bom dia. Para que é?

— Isto? Ah, sim, é para o aniversário do Hagi. Foi a terceira tentativa. Não sei por que esta geringonça sempre queima a cobertura de chocolate. Aliás, — arriscou — o senhor ainda não contribuiu para a vaquinha.

— É verdade...

Mas o doutor levou a mão a apenas metade do caminho até o bolso. Ficou observando o rosto delicado da jovem companheira com uma ponta de intriga, até deixá-la desancada.

— Diga-me, — perguntou, por fim — onde você nasceu?

— Como?

— Onde você nasceu? — repetiu Matthaus, explicando com as mãos também.

— Em Kazav... na Úmbria.

O cientista puxava algo da memória, alheio à perplexidade da técnica. E de repente pareceu ter encontrado a informação que buscava.

— Úmbria de Kazav... onde são fabricados os nossos gulonolactatos?

— Sim... é lá mesmo.

Matthaus tinha um sorriso triunfante.

— Eu os acho saborosos. Os melhores mesmo.

— É verdade; — concordou a técnica — são famosos mesmo.

— Realmente. — E, passando-lhe uma nota, continuou na direção do seu posto. — Bom dia.

— Bom dia... e obrigada... Dr. Matthaus.

Os companheiros de turno notaram o sorriso idiótico estampado no rosto. Estava um pouco atrasado, e pôs-se a triturar ansiosamente os botões. Ouviu chegar Noscese.

— Bom dia, Mat. Nossa, que olheiras! Não dormiu bem?

Matthaus desconversou com a cabeça, maroto. Ela continuou em direção à sua sala. Contagem regressiva. Cinco, bateu a porta do teletransporte (ela também não suportava o chiado). Quatro, pediu café. O doutor sorriu. Três... dois...

— *Aai*!

Os funcionários se assustaram também. Seria o relatório dos estagiários do litoral? Ou um novo recado de Hermann?

— *Maaaaaaaat*!

Silêncio do posto demolido e uma descarga de olhares perturbados ou brincalhões sobre o cientista. Já assim tão cedo?

O doutor ergueu-se lépido e voou até a sala de Noscese.

— *Ficou louco, Mat?* Você me mata do coração! O que significa isto?

Indagava apontando para uma das estatuetas de Matthaus, outro dragão dourado, deitado regiamente sobre sua mesa, em cima de dois tíquetes de plástico.

— Pretendo arejar a mente no próximo vôo de inspeção para o Setor Noroeste.

— Que animal horrível, Mat! Nunca mais faça isso! Mas por que dois bilhetes?

Matthaus sorriu.

— Você... acha que eu seria uma companhia suportável para umas férias?

Parte III — Salúquin

Em parte, do arquivo pessoal de Érico Garmento, advogado,
conforme compilado por Matthaus Keppler.

I

O telefone tocou pela décima terceira vez naquela manhã. Agora a notícia *tinha* que ser boa!

Um senhor grisalho, afundado numa poltrona diante de um computador, passou mais uma vez as duas mãos em concha pelos cabelos, já há muito totalmente desgrenhados. Disse um palavrão e fez menção de se erguer para se desembaraçar da chamada, mas um colega oculto na parte mais escura da sala, também diante de um computador, ergueu-se antes.

— Minha vez, Lec.

O grisalho deixou-se desabar na poltrona.

— Alô! É... *donde*? Não entendi, poderia repetir, por... oh, oh sim! Sim, ele está — tapando o bocal, murmurou para o outro: — é o Dr. Malkov, Lec! Chamada de Moscou.

O senhor Lec esboçou um sorriso de surpresa agradável. Pegou na sua extensão e atendeu.

— Pável? Como vai? — silêncio — Sim, sim, muito obrigado. Não, ainda não encontramos. Os sinais estão confusos... o quê? Não, não! Por Deus, Pável, não vá se incomodar... você está do outro lado do mundo! Você não poderia abandonar os seus cachorrinhos falantes agora! Sim, sim, tenho certeza. — silêncio novamente — Realmente, eu ainda não sei o que fazer. Mas, sim, sim, vou te manter em contato. — observou que uma luzinha piscava no aparelho. Mais alguém queria falar com ele — Ei, Pável, muito obrigado mesmo. Acho que vou ter que desligar agora. É, do hospital... estamos aguardando a qualquer momento. Te escrevo à noite. Feliz Ano Novo para vocês também. *Dasvidánia*! Até mais!

Quando tentou recuperar a outra chamada, porém, o sinalzinho apagou-se.

— Você atendeu? — perguntou o homem grisalho ao seu colega.

— Não.

Começou a bater em todas as teclas do telefone.

— Alô! Alô??

— Caiu a linha, Lec. — na verdade, na ânsia de atender rápido, o grisalho desligara ambas as chamadas.

Lec jogou o telefone de volta no gancho.

— Diabos! Até que enfim uma boa notícia!

— Ah, sim?

— O Pável... excelente sujeito. Estava querendo vir até aqui. Esses russos têm um coração do tamanho da Sibéria!

Seu colega não conhecia pessoalmente Pável Malkov, e não podia imaginar por que casualidades da vida ele, o lendário neuroquímico dos contos de fada da domesticação animal, era tão amigo de Lec Ericsson. Antes que tivesse tempo de perguntar, porém, o telefone voltou a tocar.

— É do hospital, Lec. — disse o outro — Parece que o garoto voltou a si.

O grisalho disse outro palavrão e avançou para o telefone.

— Alô? Sim. Sim, sou eu. Quero falar com esse rapaz.

Um curto intervalo fez com que o que atendera o telefone se concentrasse mais nas diferentes expressões do colega, piorando à medida que o tempo de silêncio aumentava.

— Não me interessa o horário de visitas! — estourou Lec finalmente — Será que vocês não entendem que é caso de vida ou morte? Da *minha* morte!

Mais um intervalo, recheado de grunhidos e suspiros deste lado da linha.

— Quero falar com o diretor do hospital!

Enquanto seu amigo se esbaldava ao telefone, o outro homem, de traços orientais, voltou a fazer café. Tinha um jaleco cinza impecavelmente passado, e como todos os outros engenheiros da repartição, diversas canetas pendiam-lhe do bolso do peito, entricheirando uma regüinha de plástico. Voltou a olhar para um pontinho brilhante na tela do computador, absorto, como se aquilo de

repente fosse falar, e só se voltou quando ouviu o *bang!* do telefone abruptamente recolocado no gancho.

— Conseguiu?

Lec suspirou com ar de fastio e fez que sim com a cabeça. Aceitou o café sem qualquer sinal visível de gratidão.

— A que horas vamos?

— Já, já. Tenho que terminar de colocar os pensamentos em ordem.

Tragou todo o café num só gole, e seu rosto germanizado enrubesceu totalmente. Seu colega o encarava com uma ligeira sensação de pena.

— Novidades do grupo de mergulhadores? — perguntou Lec.

— Nenhuma. Continuam tendo que esperar que melhore o tempo.

Mais um suspiro nervoso forrado de imprecações.

— E isso não é tudo, Lec. Acabaram de me informar que o norte da Índia está sem comunicações. Não se sabe se é uma simples greve ou uma guerrilha.

— Bom. Muito bom. Só me faltava essa.

O engenheiro olhou casualmente pela janela menor, bem atrás do computador em forma de um furioso cavalo alado. Viu uma dezena de pessoas no pátio, algumas com câmeras. "Não desistem...", considerou consigo, mas não comentou nada com o companheiro.

Lec batia insistentemente com a ponta dos dedos no lábio inferior. Era em momentos como esse, de aparente ausência, que ninguém sabia se deveria arriscar ou não interrompê-lo. Quem sabe se alguma nova grande idéia não o reconduziria melhor à vida?

— Onde foi parar aquele monstrengo, Yoshi?... — perguntava, mais para si do que para outro.

O engenheiro nissei fitava o colega com ar grave.

— Funcionou, Lec. É a única explicação possível.

— Sim, mas *como* funcionou? Só nós dois sabíamos pilotá-lo.

Yoshi sorriu de leve.

— E quem disse que é necessário saber pilotar para dirigir um avião?

Lec afundou-se ainda mais na macia cadeira. Seu colega pensou um momento e gaguejou:

— Quero dizer, tenho certeza que nada de mal aconteceu... quero dizer, é lógico que... Bem, sei como se sente, Lec. Mas vamos encontrar tanto...

Nisso, um vozerio vindo do corredor interrompeu a conversa. Três pessoas surgiram ao mesmo tempo na porta do escritório. Uma delas era a secretária do departamento, bastante agitada.

— Dr. Ericsson, desculpe-me. Este... — apontou para a última pessoa da comitiva — este é o chefe da polícia do Neocampus, major Correia, que tinha que lhe falar. Mas, mas este... — apontou para o primeiro — este senhor insiste em falar-lhe com urgência também e...

— Dr. Ericsson, em primeiro lugar permita-me desejar-lhe um feliz Ano Novo — disse o recém-chegado, imenso e rosado, de dentro de seu terno cor de uva — Queira perdoar o não ter me comunicado com o senhor antes desta visita, mas espero que o senhor compreenda.

Enquanto dizia isso, fazia uma discreta mesura para trás, na direção do oficial, como que para pedir desculpas, e ao mesmo tempo passava um cartão ao doutor. Este leu-o, riu amargo e passou-o para seu colega pelas costas.

— Bem, sentem-se, senhores... obrigado, Carol — disse o Dr. Ericsson após uma profunda pausa — Major Correia, Sr... Garmento, este é o engenheiro Yoshio Okami, meu colega de projetos.

— Penso que já nos conhecemos — comentou o major, estendendo a mão ao engenheiro, que trazia outros dois cafés.

— Como tem passado, major?

O Dr. Ericsson percebeu logo que todos esperavam que ele fizesse ou dissesse qualquer coisa. E o homem do terno cor de uva não parecia preparado para esperar muito.

— Major, — disse o cientista — se me dá licença, penso que o Sr. Garmento, o advogado dos nossos acionistas, deve ter algo muito urgente para nos comentar. Não é assim, Sr. Garmento?

— Efetivamente, Dr. Ericsson, efetivamente...

O advogado abriu sua imensa valise negra, da qual não descolara os olhos, sobre a mesinha do computador em forma de cavalo.

— Dr. Ericsson... Engenheiro Okami, que creio que também é substancialmente responsável pelo projeto Pégasus, devo informá-los que o adiamento do vôo inaugural provocou não poucos ressentimentos dentre o nosso corpo de acionistas.

Lec fechou os olhos para continuar ouvindo. O advogado, em quem o número de palavras pronunciadas contrastava com a pressa que aparentava, estendeu-lhe um papel.

— Essa é a cópia da autorização que cinco dos principais acionistas do projeto elaboraram, conferindo-me algumas prerrogativas durante a averiguação do sinistro...

O doutor leu entediado as primeiras linhas do texto, e percorreu-o com o indicador direto até a lista de assinaturas.

— Como sabem, — prosseguiu o Dr. Garmento — causou não pequena perplexidade à junta de acionistas o constatar, *através da imprensa*, que o veículo não estava acondicionado nos hangares da Aeronáutica em São José dos Campos, conforme o projetado inicialmente. Deverão saber também, suponho, que um dos principais investidores no *marketing* do projeto terá prejuízos irremediáveis...

— Vamos ao ponto, por favor, Sr. Garmento — disse Lec, de súbito e devagar.

— Calma, Lec. — sussurou-lhe Yoshi.

— Estou calmo! Não se preocupe! Gostaria apenas de saber exatamente qual a utilidade deste documento.

— Creio que esteja devidamente explicitada no texto...

— Sim e não. O senhor quer acompanhar as buscas? Posso mandá-lo para o Oceano Índico junto com os mergulhadores.

— Não pensávamos exatamente nisso, Dr. Ericsson...

— Pois então no quê? — exclamou o cientista.

— Lec!

As explosões temperamentais do Dr. Lec Ericsson eram mais parecidas com os terremotos do que com as tempestades. Vinham vibrando com ruído surdo, e ocasionalmente eclodiam em fissuras barulhentas.

— Em quê, pelos diabos! Será que vocês acham que eu não tenho problemas suficientes?

— Há rumores de que... talvez o senhor não estivesse se empenhando nessa elucidação com a força que os negócios exigiriam.

— Meu Deus, mas isso tudo foi há dois dias! Anteontem! Eu não sou a Scotland Yard!

— Por que então não foi feito nenhum comentário à imprensa? — perguntou o advogado, sempre encarando sua valise, e vez por outra examinando seus próprios reflexos deformados pelo cavalo de aço.

— Comentários à imprensa?

O Dr. Ericsson aprumou-se na cadeira. Toda ela adiantou-se junto com o corpo atlético.

— Comentários à imprensa? De que acha o senhor e os nossos acionistas que isso serviria?

— As pessoas têm o direito de saber... e querem saber, Dr. Ericsson. Isso poderia poupar alguns constrangimentos aos nossos...

— Isso é estupidez. — cortou o grisalho doutor — Não me consta que tivesse me comprometido a animar programas de auditório.

— Chame como quiser, Dr. Ericsson. — e continuou, depois de um suspiro protocolar: — Acredito compreender como o senhor se sente. Devo manifestar meus sinceros sentimentos pelo seu filho. Sei da mesma forma que esse é o parecer entre os acionistas, que sabem o drama que o senhor vem passando, e por nada do mundo quereriam aumentá-lo com impertinentes...

Mas Lec já não ouvia mais nada. Vermelho como um tomate, torpedeou o advogado com os olhos azuis do viking enfurecido e levantou-se.

Seu colega Okami apressou-se a fazer alguma coisa, e atrapalhadamente colocou-se entre os dois. O homem do terno cor de uva não parecia ter notado nada. Apenas contemplava o documento nas mãos do cientista, que ia sendo dobrado em partes cada vez menores.

— Sr. Garmento, — adiantou-se Okami — com certeza tomaremos todas as providências cabíveis e o manteremos a par de todos os resultados. Creio mesmo que poderemos adiantar algo para a imprensa ainda nesta tarde.

O advogado olhou para o engenheiro de viés, considerou por um momento a proposta e sorriu maquinalmente. Fechou a maleta e dispôs-se a deixar o escritório.

— Excelente. Agradeceria muito um relatório diário, o mais detalhado possível. Conversas pertinentes, telefonemas, informações eletrônicas, etc. — e sorria ao enumerar os itens, como um garotinho que se prepara para escrever um grande livro de fábulas — Realmente não acho que este nosso caso deva ter um desfecho em esferas judiciais...

— Certamente que não, Sr. Garmento. — Okami o conduzia à porta.

— Muito bem. Dr. Ericsson, Major... até breve.

Todos responderam de acordo com as respectivas disposições. O militar, que até então estivera contemplando o diálogo sentado na ponta oposta da mesa, ergueu-se ao mesmo tempo que o licenciado. O engenheiro estendeu-lhe a mão num gesto preciso, e o Dr. Ericsson, novamente sentado, parecia infinitamente mais preocupado em conseguir dar mais uma dobra no papel.

Depois da saída do advogado, o militar voltou-se e esperou, em pé, com um experimentado conhecimento da natureza humana, que as cores deixassem a fachada do cientista.

— Sente-se, por favor, Major — disse Okami.

O engenheiro não gostava dos silêncios do seu colega. Lec Ericsson era habitualmente efusivo, para bem ou para mal. Qualquer idéia que ruminasse nestas alturas com certeza faria mal para sua cabeça.

— Vê como as coisas se encaixam, Yoshi? — disse, de repente. — Hondar concordou em nos patrocinar. Hondar foi violentamente pressionado para deixar de fazê-lo... você se recorda? Dinheiro, muito dinheiro envolvido, e um estudo abstruso sobre efeitos psiquiátricos da porta eletrônica. Hondar levanta publicamente dúvidas ao projeto... e você lembra como elas eram cretinas?

Coçou os olhos com uma mão, enquanto a outra inconscientemente despachava um canudinho de papel para o cesto de lixo. Okami tomou nota mental de guardar aquele cesto depois.

— E veja de quem é a primeira assinatura da moção de desconfiança. Gregório Hondar. E o que é mais engraçado, nada, *nenhum* comentário da Pioneer nesse tempo todo.

— Hondar não concordaria em ser um simples pau-mandado da Pioneer, Lec.

— Não sei... quem sabe? Quem sabe? — e agitou bruscamente a cabeça, espantando os fantasmas — mas isso não nos compete resolver, pelo menos por enquanto, não é assim? Isso ainda pertence à polícia e... ah, olá, Major.

— Bom dia, Dr. Ericsson. Perdoe-me interromper suas atividades.

— Como assim? O senhor é um dos poucos que vem trazendo idéias para resolver nossos problemas.

— Lamento não poder trazer notícias muito conclusivas, Dr. Ericsson.

Enquanto dizia isso, estendia um envelope marrom selado, volumoso, que foi aberto sem muitas considerações. O engenheiro aproximou-se para ler também, e ia tecendo comentários em voz alta:

— Portanto, temos um americano preso... Richard Derkins... que se nega a falar qualquer coisa, mas parece ser *persona non grata* na sua própria terra... uau, olha que ficha incrível! Parece filme. Dois seqüestros e uma guerrilha.

— E temos geléia, ou patê, de outro americano, —interrompeu Lec — o tal do senhor Michaels.

— Sim, — confirmou o militar — ele foi encontrado morto junto dos escombros do laboratório dos senhores. Há algumas fotos...

O engenheiro grunhia de náuseas ao ir passando as fotos para o colega.

— Foi encontrado esmagado e com queimaduras profundas, ou ossos carbonizados, por todo o resto do corpo. — prosseguiu o major, um pouco impressionado também — Parece ter sido atropelado por cinco carros blindados. A identificação só foi possível graças à arcada, e mesmo assim os peritos tiveram dificuldades.

— E o que o Sr. Derkins tem a dizer sobre o Sr. Michaels? — perguntou Lec.

— Nega conhecê-lo.

— Hum! E há mais alguma outra... alguma outra evidência de alguma coisa nas ruínas, Major?

— Os legistas garantem que os restos são de apenas uma pessoa, Dr. Ericsson. Encontramos a arma de Michaels próxima ao cadáver.

O cientista parecia bastante mais aliviado.

— Além disso, — prosseguiu o Major — tenho a perícia especial das paredes e o relatório de ocorrências do aeroporto, conforme a solicitação do engenheiro Okami.

Estendeu outros dois envelopes para o cientista, que até já sorria. Passou um dos envelopes para o colega.

— Excelente, Major! Muito obrigado. Finalmente alguém nos lança uma bóia.

Okami leu os papéis que tinha em mãos.

— Aqui diz que o aeroporto não registrou nenhuma movimentação anormal no espaço aéreo da cidade no dia do acidente.

Lec, por sua vez, perscrutava as páginas da perícia dos engenheiros civis.

— Confere... confere... confere! Vê, Yoshi? Nenhum sinal de alumínio preso aos pedaços de concreto. Diga-me, Major, o que os engenheiros da polícia acham que aconteceu dentro do prédio?

— São unânimes em postular uma explosão, mas não há absolutamente nenhum vestígio de bombas, explosivos ou de qualquer outro material suspeito junto aos destroços. Também descartaram explosão por vazamento de gases. Por um incrível milagre, nenhum ponto da tubulação de gases se rompeu nessa explosão, o que poderia ter piorado bastante o desastre.

Lec e Yoshi trocaram um significativo sorriso.

— Perdoe minha curiosidade, Dr. Ericsson. Mas que conclui o senhor de tudo isso?

Lec esticou as pernas e assumiu um ar grave, batendo na testa com o canto de envelope.

— O Pégasus, Major, cria uma porta eletrônica no espaço imediatamente diante de si. Assim que ele é ligado, outra porta idêntica se forma nas coordenadas de destino, de forma que, com turbinas especiais, o veículo consegue viajar por esse “corredor”. Porém, o deslocamento de ar gerado pela penetração na porta é muito grande... na verdade, sete vezes e meia o volume do próprio veículo. Tudo isso de uma vez... não me admira que o prédio tenha ruído.

— Compreendo —disse o Major.

— Eu apostaria que se ouviu um ruído ensurdecedor.

— De fato; — disse o Major, abrindo a caderneta — anotei os depoimentos de algumas pessoas que estavam próximas naquele dia. O vigia do prédio disse que “foi um trovão, depois veio uma sacudida *animal* do chão”. Ele se feriu na testa ao tentar sair correndo da sua guarita.

O Dr. Ericsson apoiou o canto da boca no envelope. Okami continuou:

— Além disso, Major, a fuselagem do Pégasus é feita principalmente de alumínio. O fato de não haver mais alumínio do que o normal nos escombros significa que, de fato, o Pégasus atravessava a porta eletrônica no exíguo espaço que o separava da parede. Também por isso os radares do aeroporto não detectaram nada excepcional. Enquanto as paredes caíam, o Pégasus já viajava.

— Isso é inacreditável.

— Pois é. Isso é o que todos nós queríamos que acontecesse... só que não do modo que aconteceu. O pobre-diabo do Michaels provavelmente estava bem diante do veículo no momento da formação da porta.

— Deve ter sido horrível.

— Talvez. Mas certamente instantâneo. *Anyway*, o Pégasus não estava projetado para partir de dentro de quatro paredes.

— E onde está ele agora, Dr. Ericsson?

Yoshi tentou sorrir, mas apenas conseguiu esticar a boca.

— Boníssima pergunta, Major. Por enquanto, e mal e mal, apenas dentro do computador do engenheiro Okami.

Aquele computador respondia com o bip-bip monótono de sempre, sem se deixar lisonjear. O Major seguiu os olhos do cientista, para acompanhar o pirilampar de uma pequenina cruz na tela.

— Onde é isso?... espere: ah, sim, Oceano Índico. Aqui não é o Sri Lanka?

— Exatamente. Pelo menos é o que diz o computador. Há uma equipe de resgate desde o Ano Novo ali, vinte e quatro horas por dia, com sonares e todo diabo a mais, mas não encontraram sequer um parafuso.

— Se bem que as condições do clima não ajudam. — acrescentou Okami — Há violentas tempestades naquela região desde o Natal.

Lec deu de ombros, pouco convencido.

— Quais outros depoimentos o senhor colheu, Major?

— Há alguns outros, Dr. Ericsson, mas de pouca valia. Uns são dos colegas do seu filho, que também terminavam a prova e iam para casa. Ouviram o ruído da explosão e alguns até foram ao instituto, mas nada puderam acrescentar ao que já sabíamos.

Virou algumas folhas e prosseguiu:

— Dois deles encontraram o Sr. Albuquerque desmaiado, com o ombro direito sangrando muito, e levaram-no para o hospital. A segurança do Neocampus deteve duas horas depois o Sr. Derkins, que parecia zonzo pela explosão e portava uma arma, tentando roubar um carro. Além disso, o Sr. Souza, o vigia, voltou ao lugar da explosão só uma hora depois. Estava muito nervoso, mas garantiu taxativamente que o seu filho e o Sr. Albuquerque entraram sozinhos.

O rosto de Lec carregou-se.

— E quem foi que os deixou entrar?

— Parece que o seu filho dispunha das senhas de acesso, Dr. Ericsson. As três caixas de controle das entradas foram recuperadas intactas. Seu filho passou por todas elas, pelo caminho normal.

Yoshio estranhou.

— Mas como é que o Dek conseguiu essas senhas?...

Teve a resposta quando seu colega começou a encarar fixamente o chão, bem no meio dos pés. Yoshi empalideceu com sinceridade.

— Lec, pelo amor de Deus! Nós não tínhamos recebido ordens...

— Eu sei! Eu sei! Reconheço que errei. Assumo a responsabilidade. Mas o Dek já entrou lá comigo antes; porque é que ele agora teria que ir escondido?

Agora era Okami quem coçava freneticamente os olhos. Balançava a cabeça, aturdido.

— Bem, conto com a sua discrição, Yoshi... e com a sua também, Major, enquanto isso não prejudicar a perícia. Principalmente no que diz respeito ao nosso... — e lançou um olhar para o cartão de visitas do advogado.

— Perfeitamente, Dr. Ericsson. — respondeu o militar, dispondo-se a sair.

— Ótimo. Muito obrigado de novo, Major. Vem comigo, Yoshi? Penso que já demoramos bastante para ir ao hospital.

II

O Dr. Ericsson e o engenheiro Okami galgavam de dois em dois os degraus da escadaria principal do grande hospital universitário.

— Veja só isso, Yoshi. Se estivéssemos doentes, como é que chegaríamos até a recepção?

— Suponho que haja algum outro acesso lateral com rampas... mas você vai me explicar agora por que é que viemos vestidos com estes aventais brancos?

— Sossegue; você já vai entender.

Passando as grandes portas de vidro, deram com um saguão amplo, fartamente iluminado e colorido aqui e ali com grandes painéis impressionistas. Pouquíssimos visitantes aguardavam alguma coisa, encaixados nas poltronas e folheando as revistas da semana.

— Isto parece um aeroporto! — cochichou Lec, enquanto esperavam a recepcionista.

Das laterais, desciam grandes passarelas em caracol, por onde iam e vinham a tempos contados alguns médicos e enfermeiros. A movimentação era pouca, tanto pelo horário como pela dificuldade em se obter pacientes na cidade esvaziada pelas comemorações da passagem de ano.

— Bom dia, senhorita. — disse o Dr. Ericsson à atendente — Sou o Dr. Alexander Ericsson, e este é o Dr. Yoshio Okami; somos do Neocampus e viemos visitar o Sr. Raul Albuquerque no quarto 308...

A mocinha franzia a testa, espiando um relógio com o rabo do olho.

— ... e eu já falei com o Diretor. — continuou, tocando o bolso do avental — Trago aqui comigo uma autorização verbal do Dr. Goddfried para visitar o Sr. Albuquerque em caráter de emergência. Eis os nossos documentos.

— Claro... claro, perfeitamente, Dr. Ericsson. O elevador é virando à sua direita.

— Muito agradecido.

Assim que entraram no elevador, Lec riu seu riso inaudível.

— Entendeu? Entre em qualquer hospital com passos firmes e vestido de branco, e você terá acesso a qualquer lugar. E fundamentalmente, fale rápido e dê muitos nomes. Às vezes eu fico pensando; se tivéssemos crachás, poderíamos até operar alguém.

Yoshi ria a não mais poder.

— “Trago uma autorização verbal...” Essa foi ótima! Valeu pelo ano!

— Psiu! Não ria tão alto. Não fica bem em você!

As portas do elevador se abriram; deram com um corredor quase tão amplo quanto o saguão de recepção, apenas sem o efeito arejador das grandes janelas. Nas poltronas do corredor, bem diante do quarto 308, estavam quatro pessoas sentadas. Uma enfermeira acabava de sair do quarto.

Os quatro pareciam estar conversando baixinho antes, mas logo interromperam fosse o que fosse ao verem os dois homens de branco esvoaçante caminhando apressados no corredor.

— Perdoe-me, — disse o Dr. Ericsson — mas o senhor deve ser o Sr. Albuquerque. O pai do Raul, não?

— Sim, sou eu. Estêvão Albuquerque.

— Muito prazer, Sr. Estêvão. Sou o professor Alexander Ericsson, e este é o meu colega de projeto, o engenheiro Yoshio Okami.

— Sim, sim, muito prazer, professor Ericsson... engenheiro Okami. Vimos os senhores pela TV. O senhor é o pai do Derek, não?

— É exato — confirmou o cientista, algo embaraçado.

— Professor, esta é minha esposa, Cristina. Aqueles dois são irmãos do Raul: o Márcio e o Júlio.

— Como vão?

Os dois garotões retribuíram o cumprimento com um aceno embaraçado, sem olhar direto para Lec.

Sua mãe, que antes parecera ao engenheiro com um ar bastante carregado, parecia ter conseguido de alguma forma parecer um pouco mais pesarosa. Uma ou outra ruga no seu rosto bastante pálido ficavam assim mais realçadas.

— O senhor tem notícias do seu filho, professor Ericsson? — perguntou ela.

— Não, senhora. Infelizmente, ainda não tenho nenhuma.

Depois de um penoso espaço de tempo, ela perguntou:

— Que podemos fazer para ajudá-lo, professor?

Lec ficou sem jeito. Tanto que se esqueceu por um momento do que dizer.

— Dona Cristina, Sr. Estêvão, — disse Okami — nós viemos tentar conversar com seu filho. Como ele está agora?

— Falamos com ele há meia hora, logo que ele voltou a si. Mas a enfermeira achou melhor deixá-lo repousar um pouco.

— É compreensível. Como ele está?

— Bem, graças a Deus, embora um pouco agitado. Uma das primeiras coisas de que se lembrou foi de perguntar pelo Derek — respondeu o pai. — Quando acordou, ficou assustado em ver um quarto de hospital. "Ué, mas e a festa?", perguntou-nos. Mas logo se lembrou do que tinha acontecido.

— Ah, ele se recorda de tudo?

— Creio que sim. Mas não quis falar muito no assunto, apesar de tudo. Nós também não o forçamos.

— Naturalmente.

— Eu creio — disse a mãe — que ele imaginava que o senhor deveria aparecer logo, professor Ericsson. Talvez seja bom o senhor procurá-lo sem perda de tempo.

— Muito obrigado, senhora. Ele não está dormindo?

— Não creio; apesar de falar pouco, parecia sem sono.

— Não vamos cansá-lo mais do que o necessário, dona Cristina. — disse o engenheiro.

Okami e Ericsson trocaram olhares; aquele tomou a dianteira e abriu a porta do quarto. Lec seguiu-o com passos inseguros.

Dentro do quarto, meio às trevas, repararam logo na cama e no rapaz deitado com os olhos fechados, o cabelo bem penteado e uma profusão de curativos na omoplata direita. Sem saber porquê, Ericsson se fixou na quantidade de livros no armário da cabeceira, que continha também uma enorme jarra de água e uns chocolates que sua mãe lhe deixara. Um pequeno *walk-man* e vários discos estavam encostados num canto; o paciente não parecia com vontade de ouvi-los.

Os dois visitantes estavam pouco à vontade. Afinal, o garoto parecia dormindo. Mas quando o professor esbarrou numa cadeira junto à porta, ele abriu assustado os grandes olhos castanhos.

— Bom dia, Raul — disse Lec Ericsson.

— Professor Ericsson... bom dia.

— Lamento virmos incomodá-lo... você já conhece o Yoshio, não?

— Sim, já nos vimos. Como vai, Sr. Okami?

— Lamento o acidente, Raul. — respondeu o engenheiro.

Lec estava um pouco confuso. Nunca gostara muito de hospitais, e menos ainda se sentia à vontade ao falar com um dos seus habitantes.

— Acho que você pode imaginar o motivo pelo qual viemos. — disse, calmo.

— Lógico. Pela cara do senhor, imagino que ainda não sabem nada do Dek.

— Exato.

O garoto aprumou-se na cama, com um suspiro profundo.

— A culpa foi toda minha, professor. — disse — Eu insisti e enchi tanto o saco do Dek para que me levasse dar uma espiada no Pégasus... ele só foi por pura amizade. Mas eu sou o responsável.

Lec Ericsson media a extensão da declaração com os olhos cravados no ombro enfaixado.

— Não sei o que aconteceu com o Dek. Estávamos vendo o Pégasus... o Dek, o Toba e eu.

— Toba? Quem é Toba? — interrompeu o engenheiro.

— O meu cachorro.

— Vocês entraram no Instituto com um cachorro?? — perguntou Lec, mais perplexo que nervoso.

— Sim. Também culpa minha. Eu nunca saio sem ele.

Lec balançou a cabeça, enquanto imaginava uma resposta para os infalíveis engraçadinhos que iriam infernizá-lo até o fim da vida, se soubessem que a área de segurança máxima podia ser violada até por um cachorro.

Mas o engenheiro pensava em algo totalmente diferente.

— Ninguém achou nenhum cachorro perdido no campus, ao que me consta.

— O Toba também sumiu?

Não houve resposta.

— Bem, mas esqueçam o Toba por enquanto. Nós estávamos contemplando o Pégasus e conversando, quando os dois brutamontes surgiram arrombando a porta.

— E o que aconteceu depois? — perguntou Lec.

— Depois... foi tudo muito rápido. Um deles rendeu o Derek e o outro apontou uma arma para mim... eu morri de medo. Eu entrei em pânico... Eu estava perto da janela. Na hora não pensei em mais nada. Pulei, caí no chão e corri... corri como um louco pelo gramado. Mas o cara me acertou o ombro. Eles não paravam de berrar. Me chamaram de... "Pára, seu filho da...!" O cara que me acertou pulou a janela também; não era tão alta assim. Então eu caí e soltei um berro. Achei que fosse morrer, não tinha nenhuma idéia de onde a bala tinha entrado. E dois segundos depois apaguei. Acho que ouvi algo explodindo.

O rapaz parou um pouco para tomar fôlego. Yoshi ofereceu-lhe um copo de água, que ele bebeu num só gole.

— Isso confere com o que sabemos. Dois americanos armados. Um deles está morto.

— É, eles falavam inglês... qual dos dois morreu? Foi o que me seguiu?

— Não. O que ficou com Derek.

Raul coçou os olhos.

— Não sabia que havia armas no Pégasus.

— Não havia, realmente — disse Ericsson, ansioso — Mas, nisso tudo, como estava o Dek?

— Eu não consegui ver donde eu estava. Ele tinha entrado na cabine e o Toba tinha pulado atrás e...

Mas Lec ergueu-se e praticamente pulou em cima do garoto.

— Você disse que o Dek estava na cabine? *Dentro* da cabine? Tem certeza disso?

Raul assustou-se com os olhos azuis esbugalhados. Era nessas horas que o sotaque escandinavo de Lec o traía.

— Sim... sim, tenho certeza. Estávamos conversando... acho que o Toba ameaçou mijar no Pégasus. O Dek deu-lhe uma bronca, mas acho que ele entendeu que queria ele queria brincar. Até a hora que os dois viados entraram no laboratório, eles estavam dentro da cabine.

Lec deixou-se cair numa cadeira que rangia muito. Parecia ter entrado em transe. O engenheiro sentou-se na borda da cama, lívido. Raul se assustou.

— Qual... qual é o problema? Porque é tão importante o fato dele ter estado dentro da cabine?

Yoshi aguardou um pouco para ver se o seu sócio queria dizer algo, e então explicou ao jovem enfermo tudo o que sabiam a respeito do acidente, e todas as pistas que o major Correia havia conseguido reunir.

— Então... o Dek não está morto? — perguntou Raul, num sussurro, mais para si do que para os outros dois.

— Deixou de morrer de um modo para morrer de outro ainda pior. — disse Lec, sombrio.

Ergueu-se e passou as duas mãos em concha pelos cabelos.

— Escapou da frigideira para... morrer afogado... afogado; amortalhado com duas toneladas de alumínio, enterrado a três mil metros de profundidade.

E pela primeira vez naqueles três dias, alguém pôde ver uma lágrima conseguindo vencer a barreira dos olhos do velho cientista. No futuro, quando Lec voltasse, diriam que ele envelhecera muito depois daquela entrevista no hospital. Yoshio Okami, como sempre, parecia ter a mente entretida com outro ponto. Raul tinha a garganta amarrada.

— O senhor não acha, professor... que o Dek tenha conseguido... bem, de alguma forma, dirigir o Pégasus?

Mas Lec não respondeu. Se o filho estava dentro da cabine e ligou o aparelho por acidente, agora estava sepultado por três quilômetros de água. Isso, caso o maldito espião não tivesse lhe acertado um tiro antes da partida. Por onde quer que olhasse, Lec via apenas a morte do filho como alternativa única.

O jovem não parecia mais abatido do que antes; para ele, a morte do amigo era já uma certeza. O único que parecia ocupado em não se conformar era o nipônico engenheiro.

— Lec. A leitura do radar pode ser um erro.

Nenhuma resposta. O que significava, no relacionamento entre os dois, o sinal verde da indiferença. "Prossiga, se faz tanta questão", diziam os ombros de Lec.

— As buscas dos mergulhadores não deram em nada. Quem sabe se ele não conseguiu atravessar toda a porta, afinal?

— Você sabe a resposta. Por acaso não estão patrulhando a floresta na região de saída da porta desde o Natal?

— Sim, eu sei. Mas quem garante que ele tenha chegado até *aquele* ponto exatamente?

— Então ele pode muito bem estar no meio do Índico, como mostra o radar.

— Ainda não acharam nada.

— Há mau tempo.

— Isso não explica, Lec. Acho que deveríamos ir ver as coisas com nossos próprios olhos.

Okami e Ericsson pareciam ter invertido seus papéis.

— Índia?

— Índia. Ou, ao menos, ampliar a área de busca.

Lec pensou um pouco.

— Como explicar isso para o Dr. Garmento?

— É só fazer um relatório... detalhado. Absolutamente detalhado.

O cientista anuiu, com um sorriso murcho. Dali em diante qualquer boa notícia que tivesse já seria um lucro.

Ouviram passos no corredor. O garoto, pensando que poderia ser o médico que iria dar por encerrada a entrevista, disse:

— Professor Ericsson...

Lec virou-se para ele, mudo.

— Gostaria... eu gostaria de poder ajudar o senhor... a fazer alguma coisa. Se há alguma chance de encontrarmos o Dek, eu...

Mas não conseguiu achar nenhuma outra palavra para acrescentar. Nem o cientista, tampouco, poderia ajudá-lo. Da mesma forma como se dispunha a trabalhar, sentia que a qualquer momento poderia cair numa prostração infinita. Conseguiu apenas mexer um pouco as mãos para apaziguar o enfermo e murmurar um *feliz Ano Novo*, saindo do quarto afundado em pensamentos e deixando ao colega a tarefa de formalizar o final de contato.

Naquela tarde, o engenheiro e o desgastado cientista começaram os preparativos para uma nova viagem. Sua idéia parecia muito simples e exeqüível: construir outro veículo e percorrer a mesma trajetória do primeiro protótipo. Naturalmente, sob os impropérios de todos os acionistas e

no meio do *frisson* provocado pelos jornais, quando souberam que a experiência maluca seria repetida.

III

Tempos depois, num domingo ensolarado, o engenheiro Okami e sua esposa tomavam chá na varanda do seu apartamento, tendo a zona oeste da cidade como moldura para as ruas bem cuidadas do Butantã. Bandos de crianças jogavam futebol num parque recém-inaugurado pela Prefeitura, depois da transferência da Universidade. Sete contra sete e oito contra oito, com coletes coloridos, corriam e gritavam sobre o tapete verde, meia dúzia de andares abaixo. O filho mais velho de Yoshio Okami era um famoso goleiro no time do bairro, e com certeza estaria agora, como sempre, arcando com a responsabilidade das imprudências dos zagueiros, filhos do vizinho ou seus irmãos mais novos. Mas era um rapaz que desde cedo aprendera a tirar imporância disso, e era dos poucos dos da sua idade que reclamava menos com os colegas do que se esforçava para que aquele efêmero projeto de vida, rolado sobre a grama, pudesse ir adiante.

Lá longe, longe, um avião procurava o aeroporto, e trazia consigo para a senhora Okami a dolorosa lembrança que fora a causa da cerimônia já há algum tempo inusitada naquela casa.

— Então você parte amanhã. — disse a senhora Okami.

— Parto amanhã. Mas é para um breve retorno.

A senhora Okami não largava sua xícara, mas é verdade que já se esquecera do que ela continha.

— Por que você tem que ir?

O engenheiro não respondeu logo.

— Você sabe. Sou responsável pelo Pégasus assim como Lec.

— Sim, eu sei. Mas... já faz tanto tempo. Porque ele ainda insiste nisso?

Yoshio tomou um gole de chá.

— Eu fico angustiada vendo como ele se tortura.

— Acho que ele só faz isso porque não tem a certeza definitiva.

— Mas isso é insensato.

— Ele tem uma certa idade. E é um cientista.

— Isso é insensato. Sei que parece cruel da minha parte.

— Não...

— Afinal,... coitado. Ele já era viúvo. Agora perde o filho. Mas acho que não há mais nada a se fazer.

— Ele não pensa assim. Embora não admita que tenha esperanças. É curioso.

— Mas o que ele pretende conseguir, além de gastar mais dinheiro e se arriscar?

— Em primeiro lugar, o projeto teria que continuar. Portanto nós não estaremos gastando todo esse dinheiro à toa. Pelo menos é no que fizemos os nossos patrocinadores acreditar. Depois, há toda a birra que ele tem com o pessoal da Pioneer. Lec é muito cabeça dura para deixá-los saborear um insucesso tão facilmente. Nisso eu gosto dele.

— Oh, Yoshi...

— E em terceiro lugar, Dek *pode* estar apenas perdido em algum lugar entre aqui e a Índia. Depois que as buscas no Índico foram concluídas sem nenhum resultado, acho que temos motivos para desconfiar de que nosso sistema de rastreamento não é eficiente. O Pégasus *tem* que estar em *algum* lugar.

— Ele pode ter simplesmente desaparecido!

Sua esposa mergulhou por alguns momentos nos próprios pensamentos. Dali a algumas horas, poderia sentir o cheiro adorável dos seus brincos-de-princesa. Mas hoje não sentia saudades deles.

— Você *quer* ir, Yoshi?

O engenheiro procurou a mão da sua esposa sobre a mesinha de vidro.

— Eu tenho que ir. Por mais que dissimule, Lec está muito perturbado para trabalhar sozinho agora.

Apertou com força a mão pequenina e quente da esposa. Lá embaixo, o elástico Okami Jr. salvava mais uma vez a pátria de uma jogada suicida.

— Eu já te contei como ele tem estado intratável com quase todo mundo... à medida que o novo protótipo ia sendo construído.

— E quanto ao garoto que foi baleado? — perguntou a esposa.

— Hum! Ele não arreda pé do laboratório... coitado.

Largou a mão da esposa e coçou com força a testa.

— Isso só demonstra os meus motivos, meu bem. Lec trata o rapaz com uma indiferença mortal. Pior do que a agressão física. Nunca disse nenhuma palavra fora do tom, mas criou uma barreira que impede qualquer um, e especialmente o Raul, de se aproximar. Eu acho isso pior do que a pior das suas explosões. Parece... parece que alguma coisa quebrou dentro dele. E o rapaz... fica como um cachorro sem dono, tentando fazer alguma coisa. Vai ao escritório, pergunta por notícias, se oferece para alguma tarefa, até as mais abstrusas, como pegar disquetes no almoxarifado. Todo dia, todo dia. Uma perseverança digna de louvor, porque todo mundo percebe o que o Lec não diz: que o considera como uma espécie de irresponsável ou de assassino. O rapaz está arrasado com sua culpa.

— Pobrezinho.

— Sim. E o Lec não consegue, ou não sabe, ou não quer ter nenhuma conciliação. Quer apenas trabalhar. Quanto mais perto fomos chegando da conclusão do Pégasus 2, mais azedo ele foi ficando. Talvez seja o medo de que finalmente vá descobrir que tudo foi inútil. Inútil, no que diz respeito… a Derek.

Parou de coçar a testa e olhou para o belo rosto da esposa.

— Eu acho que devia ter tomado alguma atitude antes... principalmente falando com o Raul sobre a situação de Lec, para eles pararem de se torturar. Mas te confesso que não tive coragem. Um dia, ensaiei dar a entender ao garoto que ficasse tranqüilo, que não precisaríamos da sua ajuda. Mas sabe quando o olhar de alguém pega fogo? Ele me encarou com uma expressão tão desolada que eu me arrependi na mesma hora do comentário.

— Pobrezinho.

Yoshio suspirou e recostou-se novamente na sua cadeira. Ambos permaneceram calados por vários minutos. Mas o engenheiro acabou abrindo um tímido sorriso, ao perceber lá do alto uma nova defesa do seu filho. O único ponto amarelo fixo do gramado central.

— Mais do que nunca, Lec precisa agora de alguém que fique de olho nos seus cálculos.

Felizmente, a grande área de lazer do grande shopping center não estava muito cheia naquele mesmo domingo. Risos de crianças, de dezenas de crianças, indo e voltando e orbitando ao redor dos pais, empinando suas bexigas de papel alumínio com a estampa do seu mais novo herói televisivo. No letreiro daquela loja do canto, a última do corredor que desembocava no saguão, fachos de luz colorida buliam com os olhos e captavam qualquer atenção. De quase todas as vitrines pendiam bandeiras — afinal, o dia seguinte era 22 de abril. Só as lojas fechadas não tinham nenhuma faixa, fita ou colar verde e amarelo para agrinaldar seus clientes. Temperando tudo, aquele cheiro de shopping, uma mistura incrível de pipoca e perfume e limpeza e doce de criança; frio pela frescura do ar condicionado e úmido pela presença do grande chafariz em forma de taça, bem no meio do saguão. Pais e mães jovens, de bermudas, andando devagar, carregando sacolas de papel caro, ou casais de namorados, ou as pequenas hordas de garotos paulistanos confinadas naquelas estepes enceradas, todos embebidos no clima sensual do consumo sofisticado.

Fosse pelo feriado, ou pela proximidade com a hora do almoço dominical, havia pouca gente circulando pelos saguões e corredores, e menos ainda fazendo compras nas lojas. Exceto, naturalmente, nas lanchonetes, onde o pretexto de uma coca-cola servia para as pessoas ficarem batendo papo ou analisando o comportamento daqueles que apenas caminhavam, observando suas roupas,

modos de andar, companhias, badulaques corporais e, eventualmente, seu nível social, aferível pelo nome da loja anunciado pela sacola.

Para o rapaz sentado no banco bem na frente da livraria, o banco do lado do vaso de ligustro, o movimento das outras pessoas era totalmente indiferente. À paisana, sem pipoca ou sacola ou bexigas ou coca-cola ou badulaques nas mãos, encarava um ponto perdido no interior da loja em frente — uma loja de artigos para surfistas, fechada. Mas não tinha o fenótipo do piloto das ondas. Cabelos normais, óculos normais (embora novinhos em folha), roupas normais e o característico branco-escritório daqueles que raramente se afastavam da capital.

— Ahá! Eu sabia que ia te achar aqui!

O rapaz normal branco-escritório se assustou e olhou para um outro, da sua idade, que tinha chegado sem que ele percebesse.

— Ah. Oi, Traian.

— Fala, Raul-Sumido! Sua mãe falou que não te via desde que tinha acabado a missa. Ela me falou para te chamar para o almoço, caso te encontrasse.

Raul riu triste e deu lugar no banco.

— Almoço, já? Que horas são?

— Duas e meia. Confira no seu relógio.

O outro olhou para o próprio pulso, parecia que meio perplexo por ter encontrado um relógio amarrado nele.

— Duas e meia. Putz...

— Cacilda, Raul! Que bicho te mordeu?

— Nada-não...

— Faz uma semana que você não aparece na faculdade.

— É.

— Nem no treino.

— É.

— Nem no estágio. E nem ligou.

— É verdade.

Traian deu-lhe um soco amigável mas convicto no ombro bom do outro. Esperava uma recepção mais calorosa.

— Bom, eu não queria te chatear. Mas já que você já está chateado, fique sabendo que você perdeu a prova de orgânica.

— Eu sei.

Traian reparou que teria que brigar mais para a conversa não morrer.

— O que houve? Onde você esteve?

— Você sabe. Quase sempre com o professor Ericsson. Lá no Instituto. E depois,... bem, por aí.

Traian encostou de vez no banco e ficou olhando aparvalhado para os próprios dedos, meio sério de repente.

— Ainda preocupado com o Derek?

O outro fez que sim com a cabeça. E de repente sacudiu a cabeça e sentou certo no banco.

— Desculpe, Traian. Nem estou prestando muita atenção em você. Mas é que eu estou me sentindo uma merda.

E continuou, depois de um momento:

— Amanhã é o dia que eles vão tentar seguir pelo mesmo caminho que o Dek teria percorrido. Mas você já pensou se eles não acharem nada?

E repetiu, ainda olhando para a loja de surf:

— Já pensou se eles não acharem nada? Se o Derek morreu mesmo?

Traian desviou os olhos dos de Raul.

— Você acha que fez tudo o que podia?

— Não é por aí, Traian. Fazer pouco ou muito *depois*, não adianta. A merda foi feita *antes*.

— Você tentou consertá-la.

— Tentei. Tentei mesmo. Deus sabe como. Mas não sei se foi pior. O pai dele me odeia.

Meteu o rosto entre as mãos e apertou-o com força.

— Isso tudo é kafkiano. É absurdo! Porque é que eu tinha que querer fuçar no que não era da minha conta?

Traian ponderou um pouco.

— Você fala como o Dek. Realmente você deve estar se sentindo *bem* mal.

Raul riu sem vontade.

— Realmente. Incrível como eu o admirava. Acho que ele me contaminou. Ele era uma droga de um egoísta arrogante. Mas eu acho que ele também fazia um pouco de força para os outros pensarem isso dele.

— Você acha?

— É impossível que ele fosse tão dono de si como ele aparentava. Ele era um idiota que se fechava para chamar a atenção. Que babacão!

Traian ergueu as sobrancelhas.

— Que coisa! Eu nunca imaginei que alguém pudesse pensar tão bem do Dek assim.

— O Dek é um bunda-mole. Meu melhor amigo era um bunda-mole! Às vezes eu tinha uma vontade louca de quebrar o nariz dele. Sabe que eu não suportava uma coisa dele: quando ele virava o ombro para você e punha o beiço para a frente, como que dizendo: “Você pensa assim? Bela porcaria!”. Aquele beiço... parecia pedir para levar uma porrada.

E os dois começaram a rir.

— Raul, eu nunca imaginei que vocês fossem tão colegas! Confesso que eu nunca tentei agüentá-lo mais do que o necessário para terminar um relatório.

— Ele te botou aquele apelido... Super Mouse, não era? Topo Gigio? Mickey?

— Não. Era Danger Mouse.

— Isso!

E começaram a rir de novo. Traian era famoso pela cara miúda, que com bastante maldade poderia ser confundida com a de um camundongo. Na ocasião do apodo, Traian tinha levado uma bolada no rosto e estava com o olho direito vendado.

— É incrível que alguém pudesse gostar dele — disse Raul. — Nem a Susi agüentou.

— Ele se fez de difícil *demais*. Se fosse um relacionamento normal, seria ela quem deveria ser difícil.

— Acho que ele tinha medo dela.

— Medo?

— Claro, bobão! — disse Raul — Medo de que ela arrebentasse a droga da torre de marfim dele. Não percebe?

— É provável.

— Mas acho que ela não tinha vocação de aríete. Ser preterida a um estágio num laboratório fedorento deve ser muito desagradável para uma mulher.

— Para qualquer um.

— Só um louco para ficar do lado dele... ou um cachorro. O Toba gostava dele.

— Por quê?

— Sei lá. Vai ver que era o perfume. Mas brincando, brincando, sendo chato como ele só, o Dek era o único que eu vi que podia chegar perto do Toba sem ele rosnar.

— É óbvio, seu bobão! — disse Traian, com um novo soco de leve no ombro bom.

— Óbvio, o que?

— Se vocês eram amigos, é natural que o seu cachorro tolerasse a presença dele.

— Hum. É provável.

— Para o Toba, o Dek era uma espécie de propriedade sua. Ele nunca tentou fazer pipi na perna dele?

Raul sorriu.

— Não sei.

Ambos se calaram por um tempo, enquanto mais um desfile de crianças de bonés ao avesso passava diante deles. Um gordinho loiro trazia um taco de hóquei, como uma espécie de clava que assegurava seu domínio sobre o resto do bando.

— Bom, Raul. — disse Traian — Se o Dek morreu, não há nada que você possa fazer se torturando. Me desculpe falar assim. Mas acho que você está exagerando muito tudo isso. Se quiser, reze por ele e pronto. Caso ele esteja vivo e perdido por aí, e se o anjo da guarda dele ainda não pediu aposentadoria, ele vai ser encontrado. Se morreu,... morreu! Pedimos uma missa... e depois, tocamos a vida.

Raul ia balançando a cabeça, sinalizando concordância. Traian continuou:

— Na minha opinião, quem está precisando de mais ajuda agora é o pai dele. A cabeça dele não é como a sua. Ele sim deve estar sofrendo *mesmo*.

— É.

Calaram-se por mais um breve momento.

— Acho até que tínhamos que começar uma novena pelo professor Ericsson antes da do Dek — disse Traian.

Raul sorriu, mas um sorriso bem diferente agora. Não parecia mais uma máscara cansada.

— Acho que você tem razão, Traian. Sempre com a cabeça fria.

— Não é nada demais.

— Eu ainda pretendo uma última tentativa diretamente com o professor Ericsson.

— Eu já acho que você ensebou demais do lado dele.

Raul olhou meio torto.

— É verdade. Me desculpe. Mas o que ele e você ganharam?

— Não é bem assim...

Traian voltou a conferir os dedos.

— Se o professor Ericsson está com raiva do Raul, ele deve ter criado uma alergia ao Raul. Excesso de Rauls na atmosfera podem agravar o quadro. Quer a minha opinião? Converse com o colega do pai do Dek. O japonês que trabalha com ele. Ele deve saber como fazer para ajudar com utilidade. Mas na minha modesta opinião, não é a sua presença lá todo o santo dia que vai melhorar alguma coisa. E não é o desencano completo com a faculdade que vai te fazer bem agora.

Raul fez uma careta e começou a conferir também os dedos do amigo. Pensou um pouco e tornou a sorrir.

— Você errou de profissão, Traian. Você tinha que ser assistente social.

— Bobagem. Mas já que você tocou no assunto, o que você vai fazer amanhã, no feriado?

— Hã? O que isso tem a ver?

— Nada. Eu só quero mudar de assunto. O que você vai fazer amanhã?

Raul desviou o olhar e não disse nada.

— É, eu sabia — disse Traian — Mas eu tenho uma proposta para te fazer: vamos fazer a trilha da serra. Meus pais liberaram a casa em Peruíbe. Com um pouco de sal e ar fresco você melhora a cabeça.

Raul traiu por um segundo seu interesse, mas bufou pensativo.

— Sei não, Traian. Eu queria estar na partida do Pégasus 2. Eu já combinei... comigo mesmo.

— Vão deixar você ficar lá?

— Não vão saber que eu vou estar lá.

— Sério?

— Quase três meses fuçando tudo dão um certo conhecimento dos meandros do sucesso...

Traian riu.

— Bom, pense bem — disse ele, com ar incrédulo. Levantou-se e consultou o relógio — Daqui a pouco vou passar na casa do César para fazermos o check-list final. Há uma vaga ainda, todinha sua.

— Obrigado pela lembrança.

— De nada. Te ligo lá pelas seis para pegar a resposta afirmativa, certo?

Raul riu. Era difícil não ser persuadido pelo perspicaz Danger Mouse.

— Não se esqueça que a sua mãe está te esperando para almoçar.

— Ah, é. Obrigado. Quer almoçar?

— Já almocei, obrigado. Mas lembre-se do que eu te disse: se a pessoa é alérgica...

— Vou me lembrar — respondeu Raul — Abraços ao César.

— Adeus, meu Príncipe! — disse Traian, já na escada rolante, com uma mesura profunda. Várias crianças olhavam o tipo que permaneceu sentado no banco, imaginando o que ele teria feito, ou sido, para merecer tal cumprimento.

O gorducho do taco de hóquei ficou preocupado. Estaria perdendo alguma nova moda?

IV

O engenheiro conferia e reconferia, impávido, os dados apresentados na sua prancheta. Tiveram aquela que esperavam que fosse a última péssima notícia antes da partida, que foi a morte do sinal do sinalizador na tela do computador em forma de cavalo alado naquela exata manhã, como se o inferno houvesse enviado um diabrete apenas para atazanar a vida de Lec Ericsson. Era necessário conferir todos os cálculos, do zero, várias vezes de agora em diante!

A carcaça metálica do gêmeo do Pégasus original começava a avermelhar-se pela claridade do Sol que nascia sobre os planos terrenos afastados de São José dos Campos, para onde o professor Ericsson decidira mudar-se nas últimas semanas, vigiando agora pessoalmente sua criatura contra quaisquer assaltos de curiosos.

Se bem que não concordando muito com a idéia desde que fora concebida, o corpo de acionistas do projeto Pégasus, liderados pela Fundação Pioneer, resolvera colaborar ao desistir de divulgar, por enquanto, a data e o local do novo teste. Os jornais perderam um pouco de interesse pelo assunto, pois seria exigir-lhes demais que prestassem atenção a um dado assunto por mais de sete dias a fio. Como resultado, o engenheiro Okami pôde instalar com toda a tranqüilidade seu contêiner de controle do aparelho, dentro do qual se apertavam cinco técnicos responsáveis pelo lado de cá do monitoramento da viagem. Lá longe, na Índia, um contêiner semelhante abrigava nesse exato momento outros cinco técnicos encarregados de assessorar a chegada e dar-lhes as coordenadas das boas-vindas.

Os técnicos do lado de cá tinham, porém, uma singular desvantagem, que era a presença de uma verdadeira barracuda tentando se abrigar do vento frio da manhã de junho dentro do exíguo espaço. Os patrocinadores do projeto abririam mão de tudo o que o Dr. Ericsson pedisse, exceto do implacável Dr. Garmento, que passara a madrugada colhendo fotos e depoimentos quiméricos dos responsáveis de terra. A luta pela sobrevivência durante a noite dera cabo de quatro garrafas de café e dois maços de cigarro do cientista.

Mas tudo, absolutamente tudo o que se encontrava naquela área de testes era do conhecimento do cientista e do engenheiro. Até as pizzas que serviram de jantar aos funcionários foram trazidas com antecedência e esquentadas *in situ* por um microondas.

O espaço onde se encontravam fora cuidadosamente escolhido. Nenhuma habitação num raio de dez quilômetros quadrados, com garantia da Força Aérea de que para uns tantos quilômetros acima do chão também não haveria nada a perturbar o sutil “vôo” do Pégasus 2, pelo menos durante as primeiras horas da manhã. O céu ainda mantinha suas últimas estrelas acesas lá para os lados da estrada que conduz a Campinas e Piracicaba.

— Estão nos esperando em Bangalore, Lec.

O professor Ericsson, trajando um uniforme espacial igual ao do companheiro, parecia bem menos contente com os números e informações apresentadas pela sua própria prancheta de checagem, se bem que esses dados fossem comuns aos da que pertencia ao engenheiro. Via-se a quilômetros que sequer pensara em repousar durante a noite, mesmo suportando as admoestações caxias do seu colega, sumamente severo quando alguma coisa ameaçava correr por fora dos trilhos bem planejados pelo seu computador (aquele em forma de cavalo alado e que fazia *bip* até aquela manhã) e esquematizados pela sua prancheta.

Okami já estava cansado de saber, porém, que em alguns momentos seu companheiro de trabalho podia ser mais teimoso do que uma mula à beira de um precipício. Não insistiu mais do que cinco vezes para que Lec descansasse um pouco.

De dentro do conteiner saiu um homenzinho musculoso exibindo um bigode respeitável, de passos curtos e certeiros, e cochichou qualquer coisa para o engenheiro. Não que fosse qualquer segredo, mas apenas julgava que o professor Ericsson devia estar muito ocupado, posto que não descolava os olhos da mesa de controles do veículo e torcia para todos os lados quaisquer chaves

que apareciam na frente, aferindo com insondável argúcia todos e cada um dos nervos e músculos daquele animal de alumínio.

Satisfeito com o exame, saiu do veículo e acompanhou seu parceiro e o homenzinho de bigodes para dentro do conteiner, para uma breve reunião de acerto de ponteiros.

— As condições do tempo em Bangalore são ótimas, professor — informou o homem de bigodes —, bem como as da região da saída da porta, sobre o Índico. Vocês devem chegar lá sem maiores problemas. Para qualquer eventualidade, conforme o engenheiro Okami sugeriu, o veículo foi anfibizado. Vocês têm oxigênio para dois dias, um equipamento extra de rádio e um sinalizador para sonares. A carcaça agüenta até oito quilômetros debaixo d'água.

Lec tamborilava sobre o nariz.

— Hum! Só espero que desta vez não nos espatifemos contra uma montanha.

— Nisso também pensamos, professor. — prosseguiu tranqüilamente o técnico — Como o controle imediatamente após a saída da porta é feito pelo piloto automático, ligamos nele um radar e um sensor de radiações e calor. É impossível bater em qualquer coisa; nem em montanhas nem cair nalguma cidade ou vilarejo...

— Desde que alguém esteja cozinhando?

Okami interrompeu:

— O sensor térmico é bastante sensível, Lec. Basta ter alguém cozinhando na cidade.

— Aliás, isso também torna impossível os senhores caírem dentro de um zoológico ou de um vulcão, caso... — e o técnico deu de ombros, sorrindo — enfim, as coisas dessem *realmente* errado.

Nisso, a voz de barítono do doutor Garmento recheou a saleta e projetou-se para o mundo exterior:

— Perdoem-me, senhores. Há o risco de choque com algum avião?

O técnico virou para o advogado e aprumou-se. Devia ter sido militar.

— Senhor, fomos informados de que o aeroporto de Bangalore também foi fechado. Estão desviando momentaneamente todos os vôos para Delhi.

— O senhor disse, "momentaneamente"?

— Sim. Por duas horas, até as oito e meia da manhã pelo nosso cômputo.

O advogado olhou seu relógio.

— Mas são seis horas agora!

— A viagem dura apenas trinta segundos, Sr. Garmento — informou Okami — Pretendemos apenas dar uma boa olhada na região de saída da porta, conforme as últimas coordenadas que temos gravadas do sinalizador, e depois encaminharemo-nos para Bangalore. Mesmo essa viagem, em condições sub-porta, pode ser feita em mais ou menos meia hora. Na pior das hipóteses, teríamos que sobrevoar a cidade por uns vinte minutos atrás de algum pequeno aeroporto, que estão registrados no piloto automático.

— E ainda nos sobram cinco minutos para tomar água de coco — comentou o professor em tom jocoso.

Garmento anuiu com seu eterno sorriso parvo colado no rosto.

— Parece que os senhores pensaram em tudo.

— Não queremos chatear nossos patrocinadores, senhor Garmento.

— Penso que eles ficarão muito satisfeitos desta vez.

Okami olhou para o relógio e conferiu novamente sua prancheta, enquanto seu colega digeria o "desta vez". O técnico ainda tinha mais instruções.

— Por via das dúvidas, o piloto automático está fixado nas coordenadas de Bangalore e nas da caixa-preta do Pégasus. Pelo menos naquilo que *julgamos* ser as coordenadas da caixa-preta.

— As do oceano?

— As do oceano. Ele irá confrontando e corrigindo a direção da porta constantemente levando em conta *ambos* os valores, para o caso de que as da caixa-preta façam algum sentido. Parti-

cularmente acho isso inútil, mas de qualquer forma a prioridade está com as coordenadas do aeroporto de Bangalore. O piloto tolerará um desvio de apenas um por cento. OK?

— Isso foi idéia sua? — perguntou Yoshi ao cientista.

— Acabei de tê-la. Não temos que repetir os mesmos erros, se houve algum dano à caixa. A distorção espacial pode ter feito com que a caixa enviasse sinais de algum sítio-espelho, ou de algum lugar por onde o veículo *passou*.

O engenheiro pensou um pouco e pôs a prancheta embaixo do braço.

— Bem, Lec. Faltam cinco minutos. Vamos para a cabine.

O dia ainda estava escuro, e a brisa continuava gélida e ficara um pouco mais forte. Lec pensou que, em situações normais, poderia ficar sentado olhando a planície até o Sol nascer. Mas isso se estivesse só; pouco provavelmente na companhia de Okami e de modo algum tendo todos os olhos do conteiner atrás de si. Colocou seus óculos de proteção com um gesto rápido.

Okami fechou a portinhola que saía detrás dos bancos pela parte central, que conduzia à parte traseira do veículo — desta vez vazia, desocupada de todo o material didático e assistencial que integrou a missão do primeiro Pégasus. O rádio também era sua responsabilidade. Apertou um botão bem em cima da cabeça e disse:

— Barros, estamos dentro e OK. A pressão está constante.

— E todos os controles respondem — acrescentou Lec Ericsson.

— Ótimo — foi a resposta vinda do rádio. — Bem, boa viagem.

— Obrigado.

Um clarão iluminou a parte posterior do Pégasus, que lentamente se ergueu do chão e quase sem nenhum ruído começou a voar. Segundos depois, já a uns cem metros do solo, o veículo parou no ar e da sua frente faiscaram uns lampejos esverdeados ao acaso, para logo em seguida recobrirem a fuselagem. Pareceu por um brevíssimo instante que um gigantesco vaga-lume parado contra o céu escuro estava pensando em pousar.

Um segundo depois, o Pégasus desaparecia, deixando para trás um trovão e uma lufada de ar quente que recobriu o conteiner de poeira.

Ericsson e Okami admiravam pela primeira vez o espetáculo de uma viagem dimensional. Tudo o que viam à frente eram os relâmpagos como enormes chicotes verdes assestando golpes medonhos e inaudíveis de todos os lados contra a janela do Pégasus. Embora houvessem levantado vôo com as luzes de bordo acesas, todo o interior do veículo estava agora escuro como um túnel. Se a viagem não fosse tão curta, talvez eles tivessem conseguido sentir um pequeno enjôo, como o de alguém que se julgasse parado sobre em terra firme, e visse o chão se movendo muito lentamente.

De fato, Okami nem pôde olhar o cronômetro para anunciar a passagem pela porta, como tinha desejado. Antes de descobrir que também as luzes do seu relógio estavam inutilizadas, um súbito clarão avermelhado substituiu os raios verdes do gerador porta e inundou a cabine numa agradável luminosidade. Uns fiapos esbranquiçados teciam uma rede contra o céu arroxeado e se desviavam da trajetória do veículo, que sacudiu um pouco até que o piloto automático conseguisse estabilizar o vôo.

O Pégasus estava no meio de nuvens. A travessia tão laboriosamente preparada ao longo de seis meses terminara em oito segundos.

Quando Okami voltou-se para seu companheiro, viu que o cientista já se soltara do cinto de segurança e, sem os óculos, estava com o rosto colado no vidro da janela, com a boca tão aberta como que para engolir a paisagem.

— Okami! Conseguimos! Conseguimos! Urraaaaa!

— Uauauau, Lec! Isso é sensacional! Olhe que beleza!

— Você se sente louco? Hein? Diga-me agora se se sente louco!

— Eu? Não!

— Eu sim! Louco de alegria! Aqueles f.d.p. dos "riscos psiquiátricos"!

E soltou umas duas ou três imprecações na sua língua natal.

O engenheiro, ainda sentado, inclinou-se também um pouco mais à frente.

— Sim. Veja só as nuvens! Veja só as nuvens! Ha, ha, ha!

— Demos a volta ao mundo! A volta ao m-u-n-d-o! Em dois tempos! Ah, como eu gostaria que o senhor Garmento estivesse aqui *desta vez*!

Lec pulava e batia no banco ao compasso de alguma improvável melodia que só ele conhecia. Estava eufórico. Também nessas situações, o engenheiro sabia que não havia nada a fazer a não ser esperar. Mas isso não os impediu de se abraçarem três ou quatro vezes, enquanto o piloto automático placidamente os conduzia pelo império floculante.

No meio dos pulos, a portinhola de trás se abriu com um *clique*. Lec, de costas, puxou-lhe a maçaneta. Mas ela estava quente e agarrou-lhe o braço.

— O que está...

Okami voltou-se e de repente empalideceu.

— O que é que *você* está fazendo aqui? — troou a voz de Lec Ericsson.

V

Todas as suas respostas já estavam preparadas e ensaiadas de antemão. Os argumentos, bem escolhidos. Se bem que nenhum deles era plenamente irrefutável, pelo menos eram plausíveis. Um ou dois, os melhores, estavam pensados para rebater grandes explosões de temperamento, e ainda garantirem um quezinho de nobreza.

Mas nada daquilo veio à mente do jovem Raul naquele instante, diante da boca do leão. Ainda não sabia como se defender da frieza lacônica do Dr. Ericsson, que o obrigava a tomar a iniciativa até para se defender. Demais a mais, o enjôo que sentia realmente não ia ajudá-lo em nada!

Portanto ambos, cientista e clandestino, passaram um bom meio segundo medindo-se em silêncio, um ainda agarrado à mão do outro, enquanto o novo Pégasus singrava o mar de nuvens.

O engenheiro Okami foi o primeiro a falar qualquer coisa.

— Raul? Que... que *coisa*!

Lec aparentemente ia acalmando-se. A sorte de Raul era que ele estivera *realmente* alegre até alguns segundos antes.

— À prancha!

— O quê?

— À prancha! Se tivéssemos mais tempo, você iria à prancha. Isso foi idéia sua? — perguntou Lec, soltando o braço de Raul.

Mas o outro não respondeu. De repente os tripulantes se lembraram de onde estavam. Lec debruçou sobre sua parte do painel de controle e apertou um monte de botões. Diversos chiados, zunidos, guinchos e tinidos pipocaram por todos os lados.

— Dr. Ericsson, eu... — disse, por fim, o atrapalhado Raul.

Mas o cientista, de costas, ergueu a mão comandando silêncio. Fosse lá o que fosse que tivessem que conversar, queria que fosse depois.

— Estamos a mil e quinhentos metros, Lec — disse o engenheiro, cujas mãos também saracoteavam sobre o painel.

— Bom, avise que chegamos.

Okami acionou um rádio e sintonizou no aeroporto de Bangalore.

— Não respondem, Lec.

— Tente de novo!

O engenheiro tentou de novo.

— Nada. Que tal o piloto automático?

— Uma beleza. Nenhuma montanha à frente. Clima meio problemático, mas dá.

— Deixei o canal de aviso ligado.

— Bom. Eles vão ter que nos ouvir.

Um sinalzinho vermelho acendeu em ambos os painéis de navegação.

— Que houve?

— Uhmmm... nada, eu acho — disse Okami —. O piloto automático ainda não conseguiu comunicação com o satélite. As coordenadas do aeroporto e da caixa estão na memória.

— Tudo bem. Tente falar com São José.

Okami voltou ao rádio. Apenas um chiado monótono lhe respondia.

— Nada. Parecem fora de alcance.

— Como, fora de alcance??

— Ouça. Não há nada!

— Troque de freqüência, diabos!

— Já troquei cinco vezes.

— Diabos! Será que são as nuvens?

— Não sei; pode até ser... se elas estivessem muito carregadas, eu acho, mas a análise do clima...

Foi interrompido novamente pelo sinalzinho vermelho.

— Nada do satélite ainda. É curioso.

— Pelos céus, Yoshi! — exclamou Lec, um pouco vermelho — Sem essa droga de satélite não sabemos onde estamos e nem para onde vamos!

— Podemos ainda usar o giro do campo magnético, embora o erro seja bem maior. Daqui a pouco deveremos estar sobrevoando a região do sinalizador. Mas deixe-me tentar uma coisa... Vejamos, que tal trocar pelo *Nadejda*?

— Tempos tempo?

— Sim, temos. É só... oh-oh!

Nova exlamação musical do sinalzinho vermelho.

— Não encontra o *Nadejda*.

— Tente outro, então. Quantos satélites nos servem?

— Deixe-me ver... oito, doze... dezenove.

— Tente todos.

— OK.

Enquanto isso, Lec ia tentando falar com o aeroporto de Bangalore e com os seus colegas. Raul, ainda tenso, acompanhava o diálogo como num sonho, como quando viajou pela primeira vez de avião e esteve na cabine do piloto. A massa de nuvens rosadas se dissolvendo freneticamente diante do amplo nariz da nave tinha um poder hipnótico. Decidira fixar os olhos num dos infinitos pontos piscantes do painel: o que assinalava a posição do Pégasus perdido.

Outro alerta brilhou, agora azul.

— Que é isso?

— Montanhas. Montanhas à frente. — disse Lec, como se não entendesse o que ele mesmo dizia.

— Montanhas? Mas deveríamos estar sobre o mar!

— Montanhas à frente, em dois minutos — disse Lec —. Uma é grandinha... mil e duzentos metros. É uma cordilheira! Deus do céu!

— Há alguma ilha nesta região do Índico?

— Deve haver, pelo menos uma. Vamos subir mais?

— Acho que não é necessário.

— Não estamos vendo nada, Yoshi.

— O radar é sensível.

— Sim, mas... bem, você comanda.

O alerta vermelho piscou de novo.

— Estranho, Lec — disse Okami, coçando os olhos por trás dos óculos — Nenhum dos satélites dá qualquer sinal de vida.

— O que conclui disso?

O engenheiro pensou, mas o próprio Lec respondeu.

— Será que essas nuvens... se for uma tempestade, isso poderia de alguma forma afetar os aparelhos?

— Talvez... sim.

Lec fez uma careta.

— Portanto, o radar também, certo?

Okami não respondeu. Tomou o manche nas mãos e desativou o piloto automático.

— Subindo mais quinhentos metros.

Sentiram uma leve compressão sobre o peito e o ventre. Ao atingirem a nova altitude, deixavam as nuvens debaixo de si. Algumas estrelas de brilho mais potente faiscavam no céu, embora a luminosidade ofuscasse a grande maioria, e formavam uma espécie de coroa para a faixa lilás do horizonte.

— Passamos as montanhas. Olha só que vista! — disse Okami.

Raul de fato já vinha apreciando a cena do firmamento por cima do ombro direito do Dr. Ericsson.

— Vamos tentar um novo contato agora. Que horas são?

— Seis e catorze.

— Uhmm. Volta a meio mundo em menos de quinze minutos. Nada mau. Mas tira um pouco de graça do negócio.

Okami ativou o áudio da cabine. Sempre o mesmo chiado.

— O rádio está fora, Lec. Alguma coisa deve ter queimado durante a travessia. Eu *sabia* que a idéia de deixar tudo ligado para teste durante a travessia era besteira.

— Então tente o telefone!

— Telefone?

— Seu celular. Onde você o meteu?

— O sinalizador! — disse Raul, de súbito.

Lec e Okami viraram-se para ele.

— O sinalizador! Ficou para trás!

O doutor Ericsson olhou de volta para a tela do seu painel. De fato, o pontinho que indicava o lugar aonde deveriam ter encontrado a caixa-preta piscava agora debaixo de uma linha verde.

— Meia volta, Yoshi!

— Voltar? Uhhmm, sim, mas não acha que deveríamos tentar informar o pessoal de terra primeiro?

— Dê o telefone para o rapaz. — E voltou-se para Raul: — Sabe usar isso?

— Sim, sei.

— Então tente falar com o aeroporto... não, com o aeroporto, não. Ligue para São José. Mas quando atenderem não fale nada.

Okami não entendeu.

— Calma! — disse Lec, abanando as mãos — Não é bom informarmos *ainda* que temos um terceiro tripulante. Imagine que festa o Sr. Garmento não faria a respeito!

O engenheiro concordou e começou a manobra de retorno. Raul, no seu íntimo, agradeceu a promoção de clandestino a terceiro tripulante.

O Pégasus 2 mergulhou no etéreo colchão róseo das nuvens, e um minuto depois já estava debaixo delas.

— Veja, Yoshi! Uma ilha!

Estendendo-se sob seus pés, jazia uma fatia gigantesca de terra; uma planície selvática a perder de visa à esquerda e os trechos da tal serra, escuros, correndo de cima para baixo, ladeando a floresta como a borda queimada de uma pizza descomunal. Conforme iam baixando, puderam distinguir os filamentos esbranquiçados e efêmeros cada vez mais nítidos das cristas das ondas indo bater à praia. Raul sentiu vertigens; o piloto japonês não estava para delicadezas.

— Uhm! Vê aquela enseada, Lec? Teoricamente, o sinal deveria estar vindo de lá. Mas, veja que estranho...

— É como um dente circular que tivesse mordido a terra.

— Sim. Veja... veja a face exposta da montanha. Parece uma pedreira gigante, invadida pelas água. Logo abaixo do que seria o nível do chão... olhe como o solo está revolvido! Dá para reparar daqui a cor da água diferente. Vê? Parece que houve um deslizamento de terra... aquela parte das montanhas, ali, parece ter sofrido um forte abalo.

— Mas o que é que Derek estaria fazendo aí? Seria uma mina de ouro?

— Não está com cara, Lec.

— Será que ele bateu ali e caiu no mar?

Okami firmou a vista. Raul, atrás, estava louco de curiosidade, mas não conseguia ver nada direito.

— Não há sinais de explosões na face exposta... a pedra é escura, mas não há sinais. Parece que pura e simplesmente metade da montanha desmoronou no mar.

O Dr. Ericsson sentiu um vazio no estômago ainda maior. Antes de emudecer, o sinalizador teria estado debaixo de todas aquelas pedras?

— Yoshi, fique de olho... em qualquer coisa metálica brilhando na praia, ali e ali. Daqui a pouco deveremos estar pertos o suficiente.

O engenheiro fazia o Pégasus voar em círculos ao redor da praia, a uns trezentos metros de altura.

— Não vejo nada, Lec. Nenhum sinal pelo rádio ainda.

— Estranho. Que ilha será esta?

— Como sabe que é uma ilha, Lec?

— Bolas, o que *você* acha que é? Onde estamos?

— O geoloci não funciona ainda.

— Mas que diabos! Você sabe usar o sextante?

Yoshi torceu os lábios.

— Acho que poderia me lembrar... mas o tempo está muito nublado.

— Dr. Ericsson...

O cientista voltou-se para o terceiro tripulante.

— Eu... não consigo ligar. Não dá nenhum sinal. Tentei ligar até para minha casa, mas...

— Infernos! — exclamou Lec. Apoiou a cabeça no punho direito e bateu na coxa. — Isso não deveria estar acontecendo! Droga, Yoshi! Vamos descer!

Lec Ericsson, Okami e Raul desembarcaram nas areias fofas da praia, na zona a mais próxima possível do pequeno golfo onde deveriam ter encontrado o sinalizador. Treparam nas pedras pontiagudas, mas o terreno estava muito acidentado e algumas pedras estavam apenas traiçoeiramente firmes. Um ou outro bloco enorme deslizou apenas por terem encostado-se a eles. O engenheiro queria de todas as formas impedir que os seus dois companheiros se aventurassem mais por aquele terreno inseguro, mas este era outro daqueles momentos em que o bom senso não prevaleceria contra a teimosia do doutor Ericsson.

Entretanto, mesmo ele finalmente percebeu o perigo que corriam, quando escorregou e cortou a mão numa saliência mais forte da rocha. Olhou por entre os blocos e percebeu que já estavam quase em cima do mar. O cheiro de enxofre queimado era por ali muito forte, e seus olhos já lacrimejavam e dificultavam a visão.

Será que isso é uma parte de um vulcão?

Caminharam os vinte minutos de volta à areia imaculada. Olhando para as montanhas, viram que elas se partiram e despedaçaram como os paredões das pedreiras. Uma grande face lisa se destacava no centro, como se tivesse sido cinzelada por uma enorme talhadeira.

Lec Ericsson ofegava, não tento pelo esforço como pela ansiedade. Seus olhos azuis relampejavam, o cenho franzia-se.

De costas para os outros dois, virou-se para a cordilheira muda e desmantelada e gritou, gritou com um calor tão estranho na voz, que nem mesmo seu inseparável parceiro jamais ouvira ou tornaria a ouvir.

— *Derek!!!*

VI

O vento frio que soprava do mar encontrou três novas estátuas na praia. Um jovem pálido, bem constituído, de cabelos pretos e boca aberta em perplexidade, seca pelo vento. Ao seu lado, um cavaleiro ninja com um estranho objeto nas mãos, do qual não desgrudava os olhos. Sentado, com a cabeça entre os joelhos, algum estranho elfo gigante, grisalho e macambúzio. Só o farfalhar dos cabelos indicava que não eram totalmente de pedra. Vários minutos de brisa não seriam suficientes para testemunhar nenhuma alteração na cena.

— Yoshi — disse Lec, num murmúrio nervoso, sem erguer a cabeça —, exatamente *aonde* nós estamos?

O engenheiro sabia que seu colega já sabia a resposta. Podia tentar adivinhar o estado de espírito do cientista. Aquela fora a primeira vez em semanas que o ouvia pronunciar o nome do filho. E aquele clamor lhe arrancou e traiu ao mesmo tempo todas as esperanças e hipóteses que se remexiam na sua mente ardorosa e irreconciliável. Com o sextante inútil nas mãos, olhava para o céu sempre coberto de nuvens, e tinha a estranha sensação de que estava anoitecendo.

Raul, na sua prestatividade silenciosa, trouxe alguns mapas daquela região do Índico e depôlos aos pés do Dr. Ericsson. Só então este se desentocou, e o jovem e o engenheiro puderam ver que lutava bravamente contra lágrimas nervosas. Apanhou um dos mapas a esmo, mas voltou a olhar para as montanhas.

— Será... será que já estamos na Índia?

Okami suspirou.

— Não sei, Lec. Não deveríamos estar, ainda. Deveríamos estar circulando sobre um ponto concreto do mar, sem qualquer sinal de terra ao redor. Se por algum acaso erramos a posição da porta, podemos estar em *qualquer* lugar. Até na Índia.

Lec tamborilava os dedos no nariz.

— Minha sugestão — continuou Okami, lentamente — é irmos para o aeroporto mais próximo, para organizarmos uma expedição de busca conveniente *aqui*, seja *aqui* onde for.

Ericsson parecia em outro planeta. Seu colega prosseguiu.

— Penso também que não deveríamos usar a porta novamente.. caso ela tenha se desregulado, seria imprudente arriscarmos uma segunda tentativa até termos analisado cuidadosamente os dados do computador de navegação e testado uma por uma todas as avarias possíveis nos sistemas de rádio e satélite.

Raul ouvia atentamente o engenheiro. Estava assustado, ansioso por rever Derek, e com frio. Já há algum tempo queria observar aos dois construtores do veículo que estava escurecendo, mas tinha medo de bulir com o humor imprevisível do Dr. Ericsson. O fato de não ter conseguido ligar para casa deixou uma rusga no seu rosto. Seus pais não sabiam de nada, e certamente ficariam preocupados se não ligasse até o anoitecer.

— Então, Lec? — disse Okami, de braços cruzados, alheio ao céu e às inquietações de Raul.

O cientista abanou a cabeça irritado.

— Não podemos deixar o Dek aqui.

— Lec, eu...

— Você viu o tamanho daquela floresta, Yoshi? Fico imaginando como ele estará passando... seis meses perdido nesse meio de mato, junto com... Deus sabe o quê! E isso, caso... caso ele... *ainda*...

Não continuou. Voltou a enfiar a cabeça entre os joelhos.

— Poderíamos sobrevoar a floresta, enquanto temos luz do dia — sugeriu Raul, timidamente, olhando para o chão.

— Luz do dia? — perguntou Lec, encarando-o — Mas não são nem oito horas. Se estivéssemos na Índia, não seria nem mesmo... oh, oh, sim! Podemos estar em *qualquer* lugar, é verdade. De repente, no Japão!

— Acho que é arriscado prosseguir com tempo nublado, Lec. Ainda mais tão perto dessas montanhas.

O cientista ergueu-se como se tivesse sido picado por uma formiga.

— O rapaz tem razão, Yoshi. Uma vistoria rápida. Não custa nada. Depois vamos para o aeroporto — E, olhando para o belo cavalo alado estampado na fuselagem da sua nave, disse: — Se aqui fosse onde deveria ser, em quanto tempo estaremos em Bangalore?

— Calculo que em quinze ou vinte minutos, se quisermos usar a porta a meio gás.

— Bem. Vamos embarcar, então?

O vôo de reconhecimento foi de fato improdutivo. Muitas nuvens, acima, como um manto arroxeado e frio, as sombras da morte, e um tapete arbóreo surdo e mudo, abaixo, onde as únicas coisas que se moviam eram as copas das árvores e as únicas coisas que chamavam a atenção eram os muitos pontinhos nessas copas, que bem podiam ser jacas ou outros frutos gigantescos, mas que daquela altura realmente não representavam nada que desse uma pista do paradeiro do desaparecido Derek Alexandersson.

O ânimo do Dr. Ericsson também parecia flutuar ao sabor da dança das copas. Ia e vinha da excitação nervosa à apatia introspectiva, com uma agilidade que não surpreendia o engenheiro, mas que deixava Raul cada vez mais ansioso. Este, porém, cria de todo o coração que reencontrar Derek era agora uma questão de tempo, por isso não transferia suas comoções para as unhas e o estofamento do veículo. Depois, afinal de contas, o grande Dr. Ericsson, distante como os icebergs da Antártida, não o repelira irritado como ele tinha certeza de que o faria. *Traian se enganou desta vez*, pensou Raul.

Por mais quarenta minutos cobriram uma área de centenas de quilômetros quadrados, a partir da área dos escombros onde o sinalizador deveria ter estado. Deram atenção especial à piscina natural formada por um pequeno riacho que vinha das montanhas, e que depois continuava numa série de pequenas cascatas sobre os blocos disformes até atingir o mar. Chegou um momento, contudo, em que não se podia mais distinguir o que era rocha do que era solo plano.

— Está escuro, Lec — disse o engenheiro, rompendo o longo silêncio.

O cientista balançou a cabeça, sem tirar os olhos da janela ao seu lado.

— Nada no sensor de calor?

Okami fez que não.

— Bom... mas, diabos! Como é possível estar tão escuro? Será que viemos parar no pólo??

— Não parece. Eventualmente, numa latitude um pouco maior do que a que calculamos. Mas tudo isso — disse Okami, fazendo um amplo gesto sobre o painel de controle — ... tudo isso para mim é um indício de que devemos prosseguir para Bangalore o quanto antes. Algo *deve* ter pifado durante a porta.

— Seja! Vamos continuar, então. Temos pelo menos uma bússola??

— Penso que é o melhor a fazer, Lec. Vamos assumir que a saída da porta deslocou-se para...

Mas nisso foi interrompido por um sinal de alerta amarelo.

— Opa! Opa! Ei, Lec!! Temos um sinal de rádio!

Okami apertou alguns botões e colocou um fone no ouvido. Tinha até uma expressão ansiosa no rosto oriental.

— Ótimo! — disse Lec — De onde vem?

O engenheiro fez uma careta, e ligou o áudio da cabine. Um chiado recheou a cabine até então tranqüila. Ao fundo se distinguiam algumas vozes.

— Yoshi! Abaixe o volume! Não dá para tirar o ruído?

— Estou tentando... estou tent... — pronto!

Mesmo assim, as vozes continuavam lá longe.

— Que língua é essa? — perguntou Okami.

— Você não sabe? Achava que fosse japonês.

— Isso não é japonês nem aqui nem na China.

— Que horrível! Parece que estão rosnando.

— Parece... Sei lá, alemão... não, russo, talvez — arriscou Raul.

— Você fala russo? — perguntou Lec.

— Não, eu não, só assisti a umas aulas na Faculdade de Letras e uns filmes russos. Era uma optativa, e o som... bem, não, não; não se parece com nada que eu conheça.

— Também não se parece com nada que eu conheça, tampouco — disse Lec — Nem com o pouco de hindu que eu conheço. Mas, enfim! Eles falam uma porção de línguas estranhas por aqui.

— A boa notícia — disse Okami, consultando a bússola e o radar — é que de fato parece vir de um lugar... *mais ou menos* onde o aeroporto deveria estar. A uns oitocentos quilômetros ao noroeste.

— Ótimo! Vamos para lá! Ainda não tomamos café, afinal.

Okami disparou parte da potência da porta dimensional, e o novo Pégasus viajava deixando atrás de si em pouco tempo, embebida num rastro de luz azul, a costa descomposta e anoitecida.

VII

Raul, afinal, galgou mais um pequeno degrau na estima do Dr. Ericsson, quando sacou da sua mochila um café delicioso, como só um aspirante ao sacerdócio do Khem* seria capaz de preparar. Trouxera-a consigo para garantir que não adormeceria na velada escondida junto ao contêiner da equipe de terra do Pégasus 2, na fria noite da véspera em São José dos Campos.

Cobriram em pouco mais de meia hora a distância que os separava o transmissor de rádio estrangeiro. Não era uma estacão FM, como Okami postulara, mas antes algum sistema de comunicação entre dois aparelhos, a julgar pela alternância de vozes e os curtos períodos de silêncio. Não operavam nas freqüências habituais das torres de controle de tráfego aéreo. Uma delas era a de que estavam no encalço; a outra (ou as outras) estava bem mais distante, fora do acesso da nave.

O tempo, que decididamente estava péssimo à saída da porta, dava ares de melhoria conforme chegavam perto do aeroporto. Várias estrelas reluziam fogosas à frente, no céu escuro e desanuviado.

— Yoshi, que tal tentar um contato com eles? Avise-os que estamos chegando.

Okami tomou o rádio e transmitiu aos estrangeiros sua identificação e pedido de instruções para a aterrissagem, em uma trinca de idiomas diferentes. Subitamente, porém, as vozes se interromperam por um longo tempo.

O engenheiro repetiu a mensagem. Já estavam na iminência de um contato visual com a pista, e o radar não lhes indicava nenhuma outra aeronave nas proximidades. A julgar pelo seu atraso, Lec e Okami já se preparavam para uma boa enxovalhada por parte das autoridades aéreas indianas, que pelo visto tiveram que suspender todos os vôos até que eles finalmente dessem sinais de vida.

Após alguns momentos, a primeira voz fez-se ouvir no rádio, tão ininteligível como antes, e aparentemente zangada com alguma coisa.

E, finalmente, silêncio total.

— Mas que diabos! — vociferou Lec — Será que eles não falam nenhuma *outra* língua?

Refletiu um momento e disse:

— Esqueça, Yoshi. Vamos pousar sem autorização mesmo. O Sr. Singh que se vire depois com eles.

Mas mesmo assim, entretanto, sua aterrissagem não seria facilitada.

— Lec! Não há luzes de orientação... Mãe do Céu, Lec, isso não é um aeroporto!!

De fato, a apenas duas centenas de metros do destino, não havia qualquer sinal da torre de controle ou da pista de pouso. Apenas um ou outro pontinho brilhante no solo, aqui e acolá, que bem podiam ser fogueiras, e com o rabo do olho ainda podiam ver um pequeno edifício branco iluminado, no alto de uma colina, sumindo lentamente à esquerda.

— É possível aterrissar?

— O terreno é amplo e plano. Mas há muita gente aí embaixo!

— E se pousarmos na vertical?

— Lec, mas o que você quer dizer com isso? Isto aqui está com toda a cara de ser um acampamento de guerrilheiros!

— Pode ser... pode ser que sim, pode ser que não. Mas não podemos continuar voando a esmo! Alguém tem que nos informar como chegar a Bangalore. Vamos descer!

— Mas você ficou biruta, Lec?

As fogueiras ficavam cada vez mais próximas.

— Vamos pousar!

— Lec! Se eles forem guerrilheiros, você acha que eles vão nos atender como secretários de turismo? Isto é clandestino, Lec!

— Temos que arriscar! Vamos pousar!

— Eu sou o piloto, Lec!

---

* Um químico (NA).

Raul ficou lívido. Já podia até ver o cientista, com o rosto inexpressivo, esticando um murro no seu companheiro.

As fogueiras ficavam cada vez mais próximas.

Mas Lec disse apenas:

— Por favor, Yoshi!

O engenheiro suava, os olhos muito abertos. Cerrando os dentes, agarrou o manche, desligou de vez os geradores dimensionais e fez o veículo flutuar acima do solo. Sabia que, com a porta eletrônica desativada, o ruído dos propulsores seria ensurdecedor para quem estivesse lá embaixo. Chamariam a atenção até de um beduíno na Judéia.

Com muita destreza, pousou o veículo no solo entrevado. Desligou os motores, e a cabine foi envolvida pelo silêncio exterior.

— Vocês têm alguma arma?

Okami e Raul fizeram que não. Lec balançou a cabeça lentamente e apanhou sua prancheta.

— Onde você pensa que vai? — disse Okami.

— Vou sair. Podem me esperar aqui, se quiserem. Aliás, acho que é melhor. Fiquem aqui.

Lec deu dois passos no chão liso. O ar perto dos propulsores estava um tanto abafado e irrespirável. Assim, dirigiu-se a uma fogueira mais próxima.

— Olá! Olá! — agitava os braços em todas as direções, tentando encontrar alguém.

Exatamente nesse momento, então, uma cortina de fogo surgiu do nada e envolveu o Dr. Ericsson e o veículo dentro de um grande círculo de chamas. Okami levou um grande susto; via seu parceiro bem ali na frente e, diante das fogueiras, alinhavam-se lado a lado centenas de vultos inidentificáveis pelo contraste com a claridade ofuscante do fogo. Abriu sua escotilha e saiu com um pulo ágil para fora, tendo ainda presença de espírito para esconder com cuidado o seu cartão de acesso ao painel de controle num canto da porta. Raul, boquiaberto, seguiu-o com muito mais cuidado.

— Lec! Volte para cá!

Okami e Raul juntaram-se a Lec, que continuava parado no meio do terreno. Várias vozes daquela muralha de gente gritavam alguma coisa.

Os vultos deram um passo adiante, obedecendo a um comando inaudível, e então Lec, Okami e Raul puderam distinguir-lhes as feições, e repararam que todos apontavam para eles uma estranha arma cilíndrica. Um dos estranhos gritou-lhes alguma coisa com voz selvagem.

Os tripulantes do Pégasus 2 estavam cercados por uma milícia sálqui.

Por ato reflexo, levaram as mãos para o alto. Lec depôs sua prancheta no chão. Mas não podia evitar encarar aturdido aquelas fantásticas criaturas, lobisomens armados que os encaravam com uma ferocidade amedrontada. Okami, exímio lutador de karatê, tinha absolutamente todos os músculos do corpo retesados. Raul, ao contrário, sentiu as pernas moles, moles. Foi por isso que nunca na vida conseguiria explicar os três passos que deu à frente, quando todos os monstros pararam.

— Ei! Garoto! — gritou Lec.

Um novo rosnado se ouviu. Já podiam identificar seu autor, um dos seres mais avantajados, com uma túnica azul e pêlos cinzento-prateados, à direita.

“Olá!”, quis Raul dizer, mas da sua boca aberta não saía nenhum som. O soldado que o tinha diretamente sob a mira estava ainda mais aturdido do que ele, trêmulo. Quatro metros, ou um disparo fatal dos imobilizadores os separavam.

Exatamente nesse instante, quando Okami já se preparava para agarrar Raul pelo braço, um certo bulício agitou as fileiras dos alienígenas. Um deles falava mais alto; um ou outro esqueceu por um instante os forasteiros e olhou para trás, também sem entender o que estava acontecendo. O engenheiro, um pouco mais alto que seus dois companheiros, viu que alguém se aproximava.

Duas criaturas surgiram à frente das outras.

Um era mais alto e tinha os pêlos dourados. Tinha uma espécie de bandagem encobrindo-lhe uma parte da fronte. Não trazia nada nas mãos, que eram agora o principal foco de atenções dos tripulantes. O outro era menor, cinzento, vestido com uma túnica azul-cobalto, quase negra, como o crepúsculo avançado, e um ar vetusto nos olhos. Ambos pareciam ainda trocar algumas impressões entre si, e várias vezes erguiam os focinhos para captar a brisa que vinha do veículo morno. Os seus conterrâneos que estavam imediatamente próximos baixaram os cilindros.

Então, o mais robusto encarou longamente primeiro Raul, depois Okami, e finalmente com uma estranha atenção o Dr. Ericsson. Caminhou na direção deste, que ainda permanecia com os braços abertos e não perdia nenhum movimento.

Ficou surpreso quando o alienígena estendeu-lhe o braço direito.
Caiu das nuvens quando lhe percebeu um sorriso.

E não acreditou nos seus ouvidos quando ele disse, “Boa noite, Doutor Ericsson.”

VIII

Custou um pouco até que conseguissem convencer Lec Ericsson a se mover. Todo o seu corpo pendia do olhar fixo que cravava naquela estranha aparição que conhecia seu nome. Não sabia se não conseguia ou se não podia acreditar nos seus sentidos. Teve uma vaga noção de que alguém lhe tocava pelo ombro, e que depois ele mesmo caminhava no escuro por alguns minutos intermináveis, em direção à pequena colina donde um pequeno edifício, uma espécie de mesquita, vigiava as trevas.

Quando lhe ofereceram assento em umas almofadas gigantes, ele as observava como se nunca pudesse ser capaz de compreender a sua utilidade. E quando se sentou, pensou que ia desmaiar de cansaço. Ninguém falava nada. Nem Okami, nem Raul, nem nenhum dos monstros, e no silêncio ele sentia-se enlouquecer com o zunido do seu próprio cérebro fervilhante.

— Doutor Ericsson?

A criatura peluda, que lhe sustentava o olhar (é verdade que bastante constrangida) chamava-o como a uma criança adormecida.

— Doutor Ericsson? É certo que é o senhor Alexander Ericsson?

— Quem são vocês? — perguntou Lec.

— Um amigo de Dek, seu filho.

Então Lec gritou. Tapou os ouvidos com as mãos e tombou para frente ajoelhado.

— Meu Deus do Céu! Quem é você? O que está acontecendo?

A criatura parecia calma.

— Doutor Ericsson, sei que tudo parece confuso, mas acredite-me que temos muito que conversar.

— O que *é* você? — gritou Lec.

— Sente-se, por favor, senhor Ericsson. Se me permite, falarei.

Tornou para Okami e Raul, que estavam petrificados nas suas almofadas. Às suas costas, havia meia dúzia daqueles soldados das chamas. A outra criatura, mais velha, sentava-se um pouco afastada do grupo.

— Vocês são amigos de Dek também?

Okami não se moveu, mas Raul concordou com uma série de acenos.

— Onde está o Dek? Você… o senhor… sabe?

A criatura encarou-o com um sorriso benévolo. Parecia não ter ouvido a pergunta. Olhava os cabelos e o rosto do jovem com um ar inquisitivo.

— Seu nome seria Raul, meu rapaz?

Raul demorou a entender. O tempo suficiente para que Lec se erguesse num ímpeto e tentasse agarrar o monstro.

— Mas afinal *o que* está acontecendo? *Quem são vocês? Quem são vocês? Quem são vocês?*

Então Okami fez com que seu colega se sentasse de novo. Temia que ele tivesse um colapso. Nenhum dos alienígenas da sala deu sinais de sentir-se ameaçado.

— Meu nome é Raul… — murmurou o jovem.

A criatura levantou-se, sorridente. Teria quase seus dois metros de altura, e parecia forte; talvez apenas Okami lhe fosse páreo em termos de físico. Andou um pouco pelo salão onde estavam, em direção a uma tocha, ocultando a bandagem que trazia na cabeça.

— Senhor Ericsson, Raul, e o senhor, que ainda não conheço, vocês têm diante de si uma pequena assembléia de sálquie. Peço perdão pelos meus poucos conhecimentos da sua língua; conhecimentos esse que adquiri graças a seu filho, Derek.

À medida que falava, olhava para o cientista.

— Chamo-me Zutarrs, e sou o que vocês chamariam de líder deste pequeno grupo do nosso povo. Em primeiro lugar, é melhor que saibam que vocês não estão aonde pensavam que estariam. Este não é o seu planeta. Estamos em um mundo a que chamamos Segusii.

Então, estendeu os braços para Lec.

— Por favor, doutor Ericsson. Verifique que não somos da sua gente.

O cientista olhou sem entender para os dois braços com pêlos cor de ouro brilhante. Estava tão ausente que sequer pensava que tudo fosse um truque.

— Onde está o Dek? — perguntou, em voz baixa.

— Há questão de vários meses, doutor Ericsson, seu filho chegou a este nosso mundo, dentro de um veículo que, segundo ele mesmo dizia, fora construído pelo senhor, com a missão de levar determinados materiais a uma região remota da sua Terra.

— Ele estava bem? Ele estava vivo?

— Estava vivo, mas bastante machucado. Muito tempo depois, explicou-nos o ocorrido; parece que partiu acidentalmente dentro do veículo, que veio pelo céu e... de alguma forma que eu não entendo, chocou-se com árvores de uma floresta ao sul daqui. Um estranho animal o acompanhava...

— Toba? — exaltou-se Raul.

— Sim, esse era seu nome. Animal muito interessante e, diria, divertido, senhor Raul.

Zutarrs pronunciava o nome do colega de Derek como *Rául*.

— Ambos estiveram perdidos por um dia e meio ou dois, dentro da floresta, até que os encontramos. Tínhamos uma estação de trabalho próxima da costa, na borda oriental da floresta.

Apesar de tudo, Lec estava monotemático.

— Onde está o Dek agora?

— Lec, espere um pouco! — cortou Okami, já deixando de lado qualquer atenção a hierarquias. — Deixe-o falar!

— Muito obrigado. Derek não me falou do senhor.

— Meu nome é Okami. Trabalho com o doutor Ericsson.

— Okami! — disse Zutarrs, sorrindo — Finalmente, um nome terráqueo fácil de pronunciar.

— E o Dek? E o Toba? — exaltou-se Raul.

— Dek viveu conosco ao longo desses meses, aguardando uma missão de resgate deste aparelho, que cria iminente.

— Quem é "conosco"? — perguntou Lec.

— Oh, sim! Nosso grupo compunha-se de cinco membros; eu era seu líder, e ali estavam também minha esposa, e outros três conterrâneos. Dek, e Toba também, dentro das suas circunstâncias, fizeram vida comum conosco por vários meses. Ensinamos-lhe nossa língua, e ele, com muito entusiasmo, falava da sua pátria, e nos ensinou sua língua, e contou-nos histórias curiosas a respeito da sua gente.

— Vocês aprenderam muito bem! — disse o engenheiro.

— Muito obrigado, senhor Okami! Mas sinto que isso não é totalmente certo. Ao menos no que me diz respeito; um dos nossos, chamado Larrin, foi um aluno mais aplicado, e era capaz até de ler no seu idioma.

— O Derek dando aulas de português! Nunca, nunca na minha vida acreditaria nisso! — deixou escapar Raul, esquecendo da presença do cientista.

Mas a mente de Lec Ericsson fervia. Tinha tantas perguntas, tantas, a fazer, que não conseguia discriminar a mais importante. Deu-se conta que ia cair na mesma de sempre, e pela primeira vez conseguiu se conter. Respirou profundamente. Um odor penetrante e agradável de resina queimada refrescou-lhe por um momento os pulmões e as idéias.

— Eu preciso de um cigarro.

Zutarrs o olhava sem entender. Lec tateou seus bolsos; achou o maço de cigarros, mas não o isqueiro.

Então, com esse pequeno problema por solucionar, acabou acalmando-se de vez. Ergueu-se e acendeu o cigarro numa das tochas da parede ao seu lado.

O cheiro daquela estranha fumaça incomodou vivamente os soldados. Zutarrs e o velho, porém, não manifestaram nenhuma objeção, embora acompanhassem todos os movimentos do cientista com uma curiosidade espantada. Lec não percebeu nada; praticamente engoliu o cigarro, e acendeu o segundo nas brasas do primeiro.

— Perdoe minha interrupção, senhor... Zutarrs?

— Exato.

— Sim; por favor, tenha a bondade de prosseguir.

Okami suspirou aliviado. Lec já parecia um pouco mais normal. Podia agora ele próprio embebedar-se tranqüilamente daquela incrível assembléia.

— Muitas coisas se passaram nestes meses, senhor Ericsson, e não os cansarei por enquanto com isso. Entretanto, o que mais lhe interessaria saber é o que, infelizmente, não posso responder.

— Não sabe onde está o Derek?

Zutarrs sentou-se com tranqüilidade. Via-se sua bandagem agora a plena luz.

— Senhor Ericsson, sei que é exigir demais da sua atenção por enquanto. Há, contudo, alguns contratempos... políticos pelos quais estou passando juntamente com meu povo neste exato momento.

O velho, então, mexeu-se pela primeira vez na sua almofada, inclinando-se um pouco mais para frente. Será que ele entendia algo daquele diálogo?

Zutarrs refletiu um pouco e continuou.

— Estamos em guerra com uma outra nação deste mundo, senhor Ericsson. A última vez que vi seu filho foi há três dias, enquanto nos preparávamos para uma partida de emergência daquelas terras onde trabalhávamos...

— Para onde?

— Para o nosso próprio país, que é onde o senhor está agora.

— E onde o Dek ficou?

— Infelizmente não sei ao certo, senhor Ericsson. No preciso momento em que nos preparávamos para partir, fomos surpreendidos por uma esquadra inimiga. Nosso grupo estava disperso. Não sei se capturaram seu filho.

Lec caiu sentado na almofada.

— Porém, creia-me, senhor Ericsson, que teria sido a melhor coisa que poderia ter acontecido. Porque, por uma série de motivos, uma das providências tomadas por esses nossos inimigos consiste em aniquilar quaisquer áreas aonde sejamos encontrados. Se Dek não partiu com eles, possivelmente teria morrido na costa.

Lec saiu do ar. Mas Raul sussurrou alguma coisa para o engenheiro.

— Naquela praia onde deveria estar o sinalizador?

— Senhor, — disse Okami — sobrevoamos uma região do litoral há pouco, que parecia ter sido dinamitada...

— Perdoe-me?

— Parecia... parecia que tudo tinha sido explodido... como se uma grande faca tivesse cortado um pedaço da cordilheira.

Zutarrs e o lobisomem idoso trocaram algumas impressões na sua língua nativa. O mais velho disse algo, com uma expressão de pesar. O líder do grupo depois acrescentou:

— Os tremores que ouvimos das Estações ontem. Eram típicos. Os liagávie aniquilaram a costa.

— Como... como é isso? — perguntou Okami.

Zutarrs suspirou e balançou a cabeça. Caiu um pesado silêncio na sala. Só o cigarro de Lec soltou um estalido de repente.

— Eu pessoalmente era um prisioneiro, juntamente com minha esposa e mais um dos nossos. Porém, pelas graças de Elpa, fomos resgatados pelos navios que deveriam nos encontrar, hoje pela manhã.

— E onde estava Derek? E os outros dois da sua gente? — perguntou Lec, mais para si do que para qualquer um da sala.

— O que eles pretendiam fazer com o senhor? — arriscou Raul, tímido.

Zutarrs olhou-o com vagar. O olhar negro e desarmado do jovem parecia-lhe estranhamente hipnótico. Sorriu com uma benevolência paternal.

— Não sei, Raul, não sei. Nada de bom, certamente, pois se assim não fosse, teriam nos matado a todos no instante da captura.

— Então é provável que o Derek esteja... morto? — disse Lec.

— Não temos... digamos, contato, com os nossos outros dois companheiros desde a nossa captura. Isso não é um bom presságio.

Novo silêncio. Okami começou a reparar na sóbria decoração da sala, sem conseguir discernir o sentido dos grandes buracos na parede, e dos três ou quatro molhos de fios coloridos que pendiam do teto, no espaço acima de um grande tapete fofo. Assustou-se com um forte bocejo involuntário.

O velho fez então menção de levantar-se, como se aquilo fosse um pretexto longamente esperado para terminar aquela reunião.

— Senhores, penso que por enquanto seria melhor que vocês descansassem um pouco. Pela manhã, podemos continuar a conversar. Perdoem-nos se isso parece um pouco cruel demais, porém pensamos que seria melhor que os senhores tivessem alguma idéia do que está acontecendo, para que não tivessem que, como Dek, descobrir tudo lenta e penosamente por conta própria. Mas amanhã podemos prosseguir.

— Não! Eu não quero dormir! — disse Raul, sem saber direito porquê.

O engenheiro, porém, discordou.

— O senhor Zutarrs tem razão, Raul. Não dormimos esta noite... nem você, pelo jeito. Lec?

— Sim?

— Lec, vamos descansar um pouco. Precisamos de um pouco de repouso para colocar as idéias em ordem.

— Já tenho todas as idéias em ordem. Derek morreu.

— Não diga isso, Lec! Você nunca aceitou tranqüilo um problema sem solução. Não vá começar agora.

Lec o encarou de uma forma estranha, como se estivesse bêbado.

— Estou falando do meu filho. Ele está morto.

Então, todos na sala olharam espantados o imenso engenheiro erguendo-se, irritado.

— Lec, não seja imbecil! Não seja teimoso! E se ele foi capturado por esses navios?! E se ele colocou o outro protótipo para funcionar de novo?! E se ele, simplesmente, por algum milagre, conseguiu escapar?! Vamos dormir, pelos Céus, e amanhã continuamos!

IX

Apesar de tudo, os três terráqueos dormiram muito bem dentro de suas tocas sálquie, cavadas na rocha que servia como uma das paredes do prédio. Quando despertaram, na manhã seguinte, o dia já ia alto, e havia uma grande agitação na planície logo abaixo. Viram que estavam na verdade no alto de uma península, com o mar batendo às voltas na direção do nascer do sol, e que um pouco além da planície havia uma longa linha projetada dentro da água, como um deque, onde cinco grandes embarcações estavam ancoradas.

Lec, Okami e Raul viriam centenas daquelas incríveis criaturas ao longo do dia. Ao contrário do que imaginavam, não chamaram muito a atenção, ou porque os sálquie ali estavam muito atarefados, ou porque haviam recebido instruções para deixarem aqueles humanos em paz. Raul, com efeito, surpreendeu um ou dois olhares de lobo curiosos pelas suas costas, ao se virar rapidamente depois de passar por um grupo em uma ruela. Acenou sorrindo, mas eles viraram-se calados e seguiram seu caminho.

O humor de Lec Ericsson flutuava ao sabor da maré de duas luas daquele novo mundo. Conversou muito com Zutarrs, que sempre ia acompanhado pelo seu ancião conterrâneo, e aos poucos, entre sentimentos cada vez mais antagônicos, ia captando os dados básicos sobre sua situação. Depois de comerem alguma coisa, Okami tomou a si o encargo de mostrar àquela gente o veículo que tanto burburinho tinha produzido na noite anterior (muitíssimo mais do que poderia ter imaginado!). Zutarrs não ocultava sua estupefação, e mais ainda um outro sálqui a quem os humanos foram apresentados ainda pela manhã, Ladon, que trazia algumas escoriações estranhas sobre o braço, e que cuidava discretamente de manter ocultas. Por algum motivo, não usava bandagens como seu líder. Os humanos conheceram também o capitão do navio que resgatara os três cientistas de Tarrajcalo das mãos dos liagávie; duas outras embarcações ainda não haviam retornado da perseguição às outras naves inimigas que lograram escapar do primeiro ataque dos de Vantimiso.

Raul estava muito inquieto. E finalmente conseguiu se aproximar a sós de Zutarrs, à tarde, enquanto Okami e Lec conferenciavam sobre o destino da sua missão.

O jovem seguiu o comandante por um amplo páteo na entrada do porto.

— Senhor... senhor Zutarrs?

O comandante voltou-se.

— Sim? Raul, que deseja?

Raul balbuciou alguma coisa. Realmente, não sabia o que desejava. Fixou-se nos braços do comandante, e no curioso cordão que tinha prendido na mão direita.

— Eu... eu... bem, eu queria... conversar com o senhor... sei que deve estar muito ocupado, me desculpe. Mas eu queria... eu queria ver... mais coisas daqui... se não se importa...

— Absolutamente, Raul — e pousou a mão no seu ombro, convidando-o a acompanhá-lo — Se quiser, venha comigo.

— Obrigado! Puxa, muito obrigado. Eu... posso perguntar uma coisa?

— Naturalmente, Raul. Vejo pelos seus olhos que você tem muitas perguntas a fazer.

Raul sorriu.

— Puxa, se tenho! Na verdade, eu acho que poderia passar dias e dias... e minha vida inteira, só olhando vocês... o que vocês são. Digo, desculpe-me, não quero ser indiscreto. É que é tudo tão... absurdamente inacreditável!

Zutarrs riu. O humano assustou-se um pouco com o rosnado gutural, mas se acostumou rápido com aquilo.

— Segure meu braço, Raul.

O jovem hesitou.

— Vamos, segure meu braço! Muito bem! O que sente?

— O que sinto? Nada...

— Não é exato. Imagino que você nunca tocou um sálqui na vida.

— Bem, isso é verdade.

— Então, o que sente?

— Sinto que você... o senhor... é de verdade. Tem calor... tem um corpo... eu não estou sonhando!

— Muito bem. — e agachou-se um pouco — Que vê nos meus olhos?

— Nos... nos seus olhos?

Raul estava beatificamente enlevado. Mas constrangido também.

— O senhor tem uns olhos estranhos... parece... parece um lobo enorme. Os olhos de vocês... os pêlos do rosto... as orelhas... o focinho! É demais!

— Isto lhe parece a história de Chapeuzinho Vermelho, ao contrário?

— Como o senhor sabe?

— Dek nos contou muitas coisas sobre o seu mundo, Raul. Ele foi um pouco mais direto que você, eu diria, ao nos comparar com Toba. Dek tem uma grande tendência à objetividade.

— Oh, espero que ele não tenha amolado muito vocês!

— O Dek? Por que diz isso?

— Ah, bem... o Derek tinha uma fama de ser um grande chato na faculdade. Ele é um cara legal, mas parece que gosta de fazer os outros pensarem mal dele.

Zutarrs parou e olhou direto nos olhos de Raul.

— Raul, eu sei exatamente o que você quer dizer. Confesso-lhe que tive uma impressão semelhante. Vejo agora porque você era o melhor amigo dele.

Raul enrubesceu.

— Como... quem lhe disse isso? Com certeza não foi o Derek.

— Podíamos inferir isso das coisas que ele contava, quando você estava envolvido. Mesmo sem que ele se desse conta, tenho certeza de que era seu verdadeiro sentimento. Oh, mas Dek expressou-se nesses termos explicitamente algumas vezes! Não seja que você acabe pensando mal dele afinal!

O rosto de Raul ficou ainda mais vermelho.

— Nós nos dávamos bem... fazíamos muitas coisas juntos...

O comandante sálqui sorriu novamente — como era simpático um sálqui sorridente! — e tornou a caminhar pelo pátio. Iam em direção a um outro edifício dependurado na aresta de um grande rochedo.

— Dek foi um grande colaborador e um grande amigo para nós ao longo desses meses. Ele nos ajudou muito mais do que talvez pudesse imaginar.

— Sério?

— Sim, Raul. O próprio pai dele não acreditaria no quanto da minha vida eu gostaria de poder arriscar para trazê-lo de volta.

— Sério?

Raul sentiu-se infinitamente alegre com aquela confissão. Dek, Derek Alexandersson, Dek-Pimentão, o pé-no-breque, desmancha-prazeres número um da classe, tinha feito um grande amigo. Como ele não teria mudado!

E como não deveriam ser preciosas essas criaturas, que conseguiram tal milagre!

Zutarrs percebeu, e deixou Raul no seu embevecimento. Atravessaram finalmente o grande espaço aberto, encontrando-se com muitos grupos de sálquie, que iam e vinham, carregando coisas, trazendo cordas, conduzindo curiosos carrinhos com caixas metálicas para o navio, ou patrulhando a área, com grandes bastões prateados dentro de coldres presos aos braços. Trajavam uniformes das mais variadas cores, e logo chamou a atenção do humano o silêncio com que lidavam com sua azáfama de atividades. Podiam falar em tom normal uns com os outros, e se entendiam perfeitamente.

— Para onde vamos, senhor Zutarrs? — perguntou Raul, à entrada do maciço marmóreo.

— Você gostaria de conhecer o terceiro membro da minha equipe, que estava conosco em Tarrajcalo?

— Sim, sim. Um momento... fala da sua esposa?

— Exatamente, Raul.

— Ela está bem?

— Por Elpa, sim. Agora, ela está muito bem.

Raul viu por um instante uma ruga de preocupação no semblante de Zutarrs, mas que logo desapareceu.

— Estou certo de que ela gostaria muito de conhecê-lo também.

O edifício em si merecia muita atenção. Antes de entrar, ainda meio de longe, Raul parou um pouco e olhou para cima. Parecia que entravam numa grande montanha, num edifício construído de tal forma que ele não soube dizer, naquele momento, se aquilo tudo não fora esculpido em mármore negro. Os andares eram de tamanhos diferentes, o superior sempre mais estreito que o inferior, mas sem nenhum alinhamento entre os pisos. O humano procurou a linha das janelas para tentar balancear o conjunto, mas não a encontrou. Aliás, não se viam janelas propriamente: os quartos, ou apartamentos, ou fossem quais fossem as subdivisões, abriam-se para o exterior em amplas varandas cheias de plantas, uma ou outra inclusive com algumas árvores, como se o interior das habitações e a paisagem externa fossem um contínuo.

Nesses terraços havia muitos dos estranhos sálquie, observando a paisagem, a esplanada portuária com sua miríade de operações, sons e odores, e finalmente o mar infinito logo adiante, do qual se esperavam muitas e importantes notícias.

Aquile Tilec acabara de despertar. Sem cortes, escoriações ou hematomas, ao contrário de seu marido e de Ladon, porém estava de cama.

Quando Zutarrs entrou, ela rapidamente percebeu a presença de Raul, e com um esforço sentou-se no leito. Sorria francamente, e acenava muito para que o jovem se aproximasse.

— Então você é o Raul. Sinto-me honrada em conhecê-lo.

— Não, minha senhora, sou eu que me sinto honrado...

Tilec não o deixou falar. Agarrou-lhe pelo braço e apalpou-o como se fosse um brinquedo novo.

— Vê, Zutarrs? Vê como eles são todos iguais? A mesma pele lisa, o mesmo padrão nos cheiros... esses estranhos pêlos na cabeça que não param de crescer — oh, os seus têm um perfume diferente dos de Dek. Por Elpa, você também parece forte como ele!

O jovem estava bastante embaraçado.

— E veja! O rosto dele! Ao menos isso podíamos saber com certeza; quando Dek ficava chateado com alguma coisa, o rosto dele ficava como o seu.

Tilec ria, encantada, e deu um forte abraço em Raul. Ele teve que tomar cuidado para não cair sobre a cama. E mais ainda para que ela não lhe apertasse o ombro baleado.

Zutarrs apenas contemplava a cena, satisfeito. Sua esposa se recuperava bem do choque do curto cativeiro entre os liagávie. Afinal, ela não era exatamente uma miliciana.

— Espero... eu faço votos de que a senhora melhore... — disse Raul, completamente perdido no meio daquela ternura felpuda.

— De que eu melhore? De que eu melhore de quê?

Raul não soube responder. Se ela estava de cama, deveria estar doente. Ou não?

Zutarrs socorreu-o.

— *Aquile* Tilec não está doente, Raul.

— Certamente não! — disse Tilec, largando Raul e pousando as mãos sobre o ventre.

— Ahh... a senhora... está esperando um bebê!!

Com efeito, Tilec deu à luz dois dias depois. Depois da guerra, era o maior acontecimento das redondezas, esperado, como sempre, com grandes preparativos e festejos. Os sálquie adoram crianças, e Tilec era a única gestante no meio das poucas sálquile que tinham algo que fazer naquele acampamento miliciano.

Até o mais atarefado dos soldados conseguiu arranjar um tempo para aquilo que chamavam de *zerr-issa*, uma espécie de "pré-Etissa", um ritual de boas-vindas ao pequeno recém-chegado. Normalmente, entre os sálquie, era uma cerimônia íntima, onde a família permanecia na *ras idojdi* ao lado do quarto da gestante. Encoavam hinos de felicitações, antiqüíssimos, usados desde os Anos da Escuridão. Agora, porém, a família estendida de Tilec contava seus quinhentos ou seiscentos convivas.

Havia, é certo, uma ante-sala para os mais chegados. Zutarrs insistiu com enérgica delicadeza em que o Dr. Ericsson e seus amigos estivessem ali presentes. Junto a Tilec, no quarto, apenas uma enfermeira e aquele estranho sálqui idoso — um dos poucos *ussule* que não viviam nas Pradarias. Apesar da alta patente do ex-comandante de Tarrajcalo, fora ao ancião que coubera o aval definitivo para que os estrangeiros pudessem estar ali presentes. Pois ele já conhecia agora as últimas intenções de cada um dos humanos.

Raul poderia permanecer ali para sempre. Encantavam-lhe os intrigantes rosnados melódicos daquela gente, e os aromas dos incensos próprios da *zerr-issa*. Via que Zutarrs, em pé à sua frente, estava emocionado. Traía-se ao menor ruído vindo do quarto (que, por sinal, Raul e os outros nunca ouviriam), quando suas orelhas se esticavam em direção à porta.

A cerimônia não tinha um prazo exato para se iniciar ou terminar. Ela de alguma forma compunha-se ao comando invisível de uma certeza, imperceptível para Raul ou seus companheiros, que no momento certo iluminava as mentes e os corações de todos. Durante o nascimento, esse primeiro impulso tinha que ser mantido pelos cantos e coros.

E, em dado momento, a porta se abriu. O ancião chamou Zutarrs para dentro, e no mesmo instante os da sala e, logo em seguida, os que estavam lá embaixo, no pátio, subiram uma nota e cantaram ainda mais excitados. Raul sentiu que iria chorar.

Então, Zutarrs reapareceu, radiante de felicidade, com uma grande manta sobre os ombros, que lhe cobria os braços, e servia de proteção para uma criaturinha rosada, encolhida e pelada que gania baixinho. O silêncio caiu pesado sobre a audiência.

— Vantimiso, recebei Miacis! — exclamou Zutarrs.

A multidão troou em vivas e mais cantos, os da frente repetindo para os de trás o nome do seu novo irmão de sangue. Se Raul achava que já ouvira o bastante, impressionou-se ainda mais com aquela música especial, o canto para os fatos consumados, e riu e chorou junto com alguns outros ao seu lado. Deixou-se levar pela alegria; por um momento sentiu que aquilo também era com ele.

— Miacis! Ah, ah! É um menino!

X

Os três viajantes só tornariam a ver o ex-comandante de Tarrajcalo no dia seguinte. Ele passaria o resto daquele dia, até a manhã, junto com sua esposa e seu caçula, pois era o tempo que a criaturinha cega e surda (e tão feinha, segundo o Dr. Ericsson) levaria para abrir os olhos e se acostumar ao cheiro dos pais. Não conhecer o odor da própria mãe era uma grande desgraça em Segusii.

Enquanto isso, coisas importantes aconteciam na esplanada. Três horas depois do nascimento de Miacis, portanto já em plena hora do almoço, foi dado um sinal aos milicianos: as três grandes embarcações de guerra sálquie deveriam fazer-se ao largo o quanto antes. Rumores confusos vinham do mar; parecia que os liagávie haviam dado mais trabalho nas batalhas náuticas do que o esperado, e levaram a melhor, para a surpresa de todos — inclusive deles próprios. Algo a mais parecia ter havido nesse combate, a julgar pelo sobressalto com que os marinheiros sálquie receberam suas convocações. Todos se azafamavam com as suas parcas bagagens pessoais, ajeitavam ao redor do pescoço uma espécie de colar com protetores de ouvido, e subiam a bordo do primeiro grande navio, cuja maquinaria já funcionava.

Sem a presença de Zutarrs ou Ladon, contudo, os tripulantes do Pégasus estavam lingüisticamente ilhados, e foi assim que não souberam dar àqueles preparativos qualquer atenção especial. Até porque o Dr. Ericsson estava mil vezes mais preocupado com a integridade do seu veículo, a única maneira concebível de saírem daquele bizarro mundo lilás e tentarem encontrar Derek.

Okami passava horas pensando freneticamente, refazendo de cor todas as etapas do processo de abertura da porta, checando e tornando a checar todos os dispositivos que deveriam ter sido acionados em cada passo, tentando entender quais caprichos eletrônicos daquela maquinaria quase viva puderam levá-los para tão longe. O pobre Raul saía das nuvens entre os sálquie para logo em seguida arriscar bater asas nas inóspitas zonas tecnológicas onde habitavam Lec Ericsson e Okami.

— O gerador porta está intacto, Lec. Responde a todos os comandos como se tivesse acabado de sair do simulador. Os circuitos de rádio, do radar, do sinalizador, do sensor térmico... o geoloci, tudo funciona impecavelmente bem.

— E onde ele diz que estamos?

O engenheiro riu seco.

— Oitenta e três graus e quinze minutos de longitude oeste, e sete graus e trinta e oito minutos de latitude sul. Cento e cinco quilômetros e trinta metros em linha reta ao sul de um lugar chamado... Cabo Dondra, no sul de Sri Lanka, em pleno Oceano Índico. Sem considerar a margem de erro; afinal estamos trabalhando apenas com o giro do campo magnético.

— É absurdo.

— Pois é aí onde estamos. — e suspirou, contemplando as nuvens — Diga-me, Lec... você perdeu material alguma vez nos módulos de teste? Falando sério?

— Como assim?

— Pergunto, de verdade, se você já perdeu material alguma vez. Você sempre pesava antes e depois os blocos de metal, os sanduíches, os brinquedos e os ratos. Reparou se havia alguma diferença?

— Claro que não havia! Tomamos até o cuidado de sedar os ratos antes e depois, ao pesá-los. Não havia nenhuma diferença. No que você está pensando?

Okami coçou os olhos.

— Não sei... apenas suponha que uma *pequena* parte de massa fosse perdida na travessia. Seria então o caso de pensar o que teria acontecido com ela. Seria uma mera dissipação térmica,... ou teríamos transporte espúrio?

Lec soltou uma gargalhada.

— Bem, é fácil checarmos isso. Podemos perguntar ao Sr. Zutarrs se por acaso alguém aqui achou uma fatia de presunto, ou alguns parafusos, ou pêlos de rato.

— Lec, é sério.

— Até a quinta casa decimal, todos estavam iguaizinhos. Todas as análises antes e depois bateram, dentro de todos os erros que poderíamos assumir.

— Pois é isso o que eu não entendo. Por que então o protótipo se comporta dessa forma?

— Você ainda não estava no laboratório quando fizemos a experiência com o mico. Fabricamos um "micro-Pégasus"... ou *mico-Pégasus*, como ficou conhecido... era como um carrinho de controle remoto.

— Sei. Fiquei sabendo disso.

— Pois então. Carro e macaquinho saíram de uma sala em São José dos Campos e foram parar no Neocampus em quatro segundos. Ambos intactos e perfeitos... até a quinta casa decimal.

— Bem, o fato é que o veículo grande apresenta esse comportamento anômalo. Derek chegou até aqui, mesmo sem saber o que estava fazendo. Nós tínhamos tudo sob controle e, não obstante, viemos parar aqui também.

Lec tinha um ar de troça.

— Sugere que o tal do "transporte espúrio" não seja linear com a massa?

O engenheiro sentou-se no chão e apoiou as costas na asa da nave.

— Veja, Lec... sei das suas opiniões sobre o transporte espúrio e acompanhei todas as farpas que você e o Hondar trocaram a respeito. Li todos os seus artigos. Embora eu esteja convencido de que o problema para Hondar era apenas retórico, acho que de fato ainda temos alguma variável não controlada... e não conhecida, neste sistema.

Lec tamborilava os dedos no nariz. Normalmente reagiria mal a uma provocação desse tipo, mesmo vinda do seu associado mais próximo. Agora, porém, a evidência o forçava ao silêncio.

Raul aproveitou para se livrar de uma questão que tinha cravada no cérebro, mantida ali apenas pelo medo do ridículo. Achou que, dado o tom esotérico do diálogo, afinal de contas ela poderia cair bem.

— A não ser... que estejamos no lugar certo, afinal.

O cientista e o engenheiro olharam para o rapaz.

— Como assim?

— Bem, eu... estive pensando, com o pouco que sei, é óbvio. Mas pode ser que estejamos no lugar certo, afinal de contas... só que no *tempo* errado.

O Dr. Ericsson balançou a cabeça com um muxoxo e a enterrou entre as mãos para segurar um bocejo. *Igualzinho o Dek!*, pensou Raul, irritado. A única diferença era que Derek bocejaria de qualquer modo.

— Não, não... também falo sério! Não é muita coincidência que cheguemos a outro mundo com atmosfera e temperatura tão idênticos aos da Terra, com... com habitantes tão semelhantes a nós... e que também nos lembram de coisas da Terra? Olhe só uma outra coisa; acaba de me ocorrer: vimos até como nasce um deles! São... são vivíparos, mamíferos, como nós. É muita coincidência. Oh, por favor, Professor! Falo sério! É como se estivéssemos em casa... na mesma "casa biológica"... não, sério! Acho que estamos na Terra, mas num futuro muito, muito distante.

— Besteira, rapaz! Isso é muita TV — e acrescentou, para seu colega — Aliás, o macaquinho tinha um relógio também. Calibrado e conferido com todos os relógios atômicos que você possa desejar, antes e depois da travessia...

— ... e correto até a quinta casa decimal.

— Exato. Bem, um pouco menos. Eram uns cronômetros importados. Acho que já davam erro na terceira casa. Se bem que... ah, não, pode ser que já tivéssemos os cronômetros novos. Precisaria conferir isso no caderno do laboratório.

— De qualquer forma, Raul, você ainda teria que explicar porque o céu é dessa cor estranha, ou donde apareceu aquela luazinha extra ali (o engenheiro apontou para Giízen, visível durante o dia como um pequeno disco pálido), ou *como* os lobos aprenderam a falar e construir navios.

— Talvez... talvez... — gaguejou Raul — bem, talvez de *alguma forma* o Pégasus consiga reconhecer aonde há vida... ou que... mundos como este... de alguma forma, não sei,... atraiam... tenham alguma coisa... pode ser.

Calou-se e viu que tampouco o engenheiro se animava com seu comentário. Recolheu as velas, pois sua grande teoria gorara.

Os três ficaram então observando os sálquie e seu porto cada vez mais vazio. O primeiro dos vasos de guerra acabava de partir.

— Vê, Lec, como parecem leves? Contei mais ou menos sessenta dessas criaturas entrando. A coisa é enorme!

— E é bonita também. A proa impõe respeito — e Lec então sentou-se no chão também — E, a propósito de partidas, acho que teremos muita coisa para discutirmos, filosofarmos, ou o que for, os três, até o final das nossas vidas, quando estivermos em casa. O fato de termos chegado aqui não quer dizer necessariamente que conseguiremos *sair*. Vi que o combustível está na metade. Ainda temos que buscar o Dek e partir. E só Deus sabe se não vamos parar num outro planeta maluco, com ursos falantes e céu amarelo com listrinhas. A chegada neste país é reprodutível. Mas não sabemos o que o gerador porta nos reserva para a próxima tentativa.

— Ou seja?

Lec ergueu-se.

— Ou seja: penso que devemos fazer mais duas ou três perguntas ao Sr. Zutarrs, partir de novo para aquela costa que encontramos, estando atentos para todos os barcos ou navios no caminho, e disparar o gerador pela segunda vez. Sugiro um prazo de vinte e quatro horas. Se em vinte e quatro horas não acharmos o Dek, partimos.

Okami ainda leu nos olhos do seu colega, *e depois voltamos, quantas vezes sejam precisas, até que encontremos ao menos o corpo do Dek.*

Raul pigarreou.

— Professor, o senhor não acha... que também poderíamos, de alguma forma... ajudar estas pessoas?

— Que quer dizer?

— Digo, não sei... eles estão em guerra; talvez pudéssemos...

— *Não!!* — cortou Lec, com um gesto espantado — Não, nem pense nisso! Não seja ingênuo, rapaz. Que conhecemos desses cidadãos e dessa guerra? Não podemos meter o Pégasus numa guerra... numa confusão de um problema político qualquer. Você... Yoshi, já pensou na cara do Sr. Garmento, do Hondar, ou dos jornais? É *tudo* o que eles vinham desconfiando, oferecido numa bandeija de prata! Não, não mesmo!

Raul ficou um pouco embaraçado.

— Perdoe-me, Professor. Tem razão, não pensei nisso. É só que eles eram amigos do Dek, e talvez... bem, de fato o senhor tem razão.

Lec segurou o dedo em riste, no meio do ar, e encarou meio aparvalhado aquele jovenzinho branquelo. Raul não percebeu nada, mas Okami levantou-se e disse que ia ver o navio partindo do porto.

O cientista viu-o se afastando e sorriu constrangido. A idade traz a previsibilidade, como ele mesmo dizia sempre. Tornou a sentar-se no chão.

— Escute, Raul. Temos que deixar uma coisa clara. De fato, você tocou num ponto importante. Eu não tinha pensado nisso. Humm... é gozado. Você e eu estamos pensando no Dek, e conseguimos raciocinar de formas totalmente diferentes.

— Eu... eu sinto muito por estar incomodando o trabalho do senhor e do engenheiro Okami. Eu devia ter ficado em casa e...

— Não!

Raul foi obrigado a olhar o cientista de frente. Sempre se sentia perdido num *tète-à-tète* com pessoas de olhos claros.

— Não! — repetiu o Dr. Ericsson — Acho que eu é que tenho que agradecer essa sua impulsividade meio amalucada. Você era amigo do Dek. Era normal que quisesse ajudar. Eu não te ajudei. — e suspirou profundamente — Peço desculpas.

— Não, Professor, pelo amor...

— Eu sei, eu sei! — cortou o cientista de novo, abaixando as mãos — Calma lá, meu jovem. Não tenha medo de uma cena quando ela é necessária. Você e eu sabemos que eu estava errado. Sem ressentimentos?

Raul apertou a mão enorme que ele lhe estendia.

— L-lógico!... lógico que sim, Professor! Nunca tive...

— Obrigado, obrigado, você mente bastante bem! Agora, vamos ver se encontramos o Sr. Zutarrs para não perdermos muito mais tempo.

— Ele não estará disponível hoje, Professor. Disse-me que tem que ficar junto com o filho.

— Junto com quem?... Ah, lógico! Que diabos, seu filho acabou de nascer, é verdade.

Lec sorriu. Amargurado, pareceu a Raul.

— Não sejamos tão impertinentes, certo? — disse ele, depois de um tempo — Venha, vamos até o cais encontrar Yoshi.

XI

Os planos tão lineares do Dr. Ericsson começaram a ser alterados muito mais cedo do que ele seria capaz de adivinhar. Ainda naquele mesmo dia, poucas horas depois do pôr-do-sol, um sinal de alarme varreu o porto dos sálquie. Uma das suas naves de guerra retornava, seriamente avariada, a única que restara do cerco náutico contra seus oponentes da Potestade. O destroço flutuante a que fora reduzida, pilotado por uma tripulação amedrontada, esfumaçava muito com os motores superaquecidos, e suas máquinas ganiam como um animal torturado. As baixas tinham sido imensas, de acordo com os sobreviventes, mesmo sem que os liagávie tivessem necessidade de apelar para as temidas ogivas de toxina. Sentados no chão, os protetores de ouvido tirados de lado, falavam de uma nova arma estranha, mais assustadora do que os navios de aniquilamento, que compensava a inferioridade das fragatas de Vessin.

Agora, essa segunda derrota consecutiva realmente não fazia parte de nenhum dos planos que inspiraram a construção daquele porto. Os sálquie estavam muito mais preocupados em manter sua bandeira ali no sul, nas ilhas do canal de Lufrre, que formavam quase que uma ponte natural com o Continente do Sudeste. Nem em seus piores pesadelos, se é que os tinham, conceberiam que os liagávie pudessem oferecer tamanha resistência em mar aberto. Teriam que apelar para as forças de Salúquin, e isso envolvia decisões importantes, como a evacuação a mais rápida possível daquela área — o próximo e lógico foco dos triunfantes navios de aniquilamento. Foi por isso que, apesar de tudo, foram ter com o experiente comandante Zutarrs durante a sua *usquei s'car*, a "noite do filho".

Okami foi quem primeiro se deu conta do rebuliço, e deixou por um momento suas anotações para ir tentar entender alguma coisa. No cais, dois soldados se esforçaram por explicar-lhe a situação, com muitas mímicas e poucas palavras. Que a coisa era má, isso o engenheiro já percebera de longe. Orelhas baixas, cenhos carregados, respirações aceleradas, acessos de frases curtas e entrecortadas, e, aqui e acolá, dentes à vista — tudo em sinal de perplexidade angustiada. Mas o que mais o assustou foi o súbito silêncio que desabou quando, meia hora depois, um pontinho vermelho foi visto brilhando ao longe, no mar. A multidão de milicianos o observava hipnotizada, presos pelo fascínio mortal perante um caçador irresistível. Foi só muito depois que um dos soldados chamou a atenção de Okami e resumiu a situação com um expressivo gesto, abrindo as mãos e abaixando-as num rápido mergulho até a altura dos joelhos.

Então, a alguns metros dali, ouviu-se um burburinho. Zutarrs e seus assessores mais próximos chegavam ao cais, acompanhados por um séquito de jovens milicianos. Lá no meio deles, Okami flagrou o terceiro passageiro do Pégasus.

— Raul? Você sabe o que está acontecendo? Onde está o Lec?

O jovem olhou ao seu redor.

— O Professor Ericsson estava perto de mim. Deve estar por aqui. Estávamos mais ou menos juntos enquanto eu dava uma volta perto das enfermarias. Vi o senhor Zutarrs saindo apressado, e alguns dos seus colegas atrás. Disse para o Professor que iria ver o que estava acontecendo.

— E então?

— Não consegui falar com ele. Mas me parece que alguma coisa não está legal. Estavam todos nervosos.

— Sim. Desde que chegou o navio... veja só em que estado! Olhe a proa, ali à esquerda. O metal parece derretido. E, *puff!*... que cheiro horrível! É sufocante!

— O que é aquela luz vermelha? — perguntou Raul, vendo que ela era o centro das atenções.

— Nenhuma idéia. Mas certamente nada de bom.

Zutarrs, que ouvira nesse ínterim o capitão do navio derrotado, trocou algumas impressões com este ou aquele, e deu um par de instruções em voz alta aos milicianos. Eles saíram do seu estupor e foram se dissipando em pequenos grupos silenciosos e preocupados pela esplanada. Em pouco tempo, apenas Okami, Raul, Zutarrs e dois grandes navios de passageiros restavam no cais. O comandante aproximou-se então dos humanos.

— Sr. Zutarrs, o que... o que está acontecendo? — perguntou o jovem.

— Temos alguns problemas bastante sérios, Raul, que exigem algumas medidas urgentes de evacuação. Onde está o Dr. Ericsson?

— Não sabemos... Raul, você não quer por favor ir procurá-lo? Diga-lhe que temos problemas.

Raul partiu rápido em direção ao Pégasus.

— Pode me adiantar alguma coisa, Sr. Zutarrs?

— Naturalmente, Sr. Okami. É bastante simples, de fato. Nos deparamos neste setor com uma esquadra liagávie muito mais poderosa do que supúnhamos. Neste porto, não podemos receber o apoio de navios maiores do que os que tínhamos, e de qualquer forma não teríamos tempo. Há reforços vindos de nossa capital, porém deverão nos recolher no mar, a meio caminho. Pois antes que eles pudessem chegar, aquele navio liagávie — apontou para a luz vermelha — já teria se aproximado o suficiente deste lugar para destrui-lo.

— Como será essa evacuação?

— Em quarenta minutos, estes dois navios estarão prontos para nos levar a todos para casa.

— Toda esta multidão?! Toda essa gente cabe aí dentro?

— Foi neles que quase todos vieram, Sr. Okami, à exceção de Ladon, minha esposa e eu. E agora, por desgraça, temos muitos lugares vagos.

O engenheiro ponderou a situação com sua acostumada fleuma. E o comandante sálqui o observava curioso. Este era muito diferente de qualquer outro dos humanos que conhecera até agora. Lembrava-se de quando Derek lhe contava da diversidade de raças do seu mundo, mas nunca imaginara que as diferenças fossem tão acentuadas.

— Em que direção vocês devem partir?

— Temos que continuar seguindo rumo ao noroeste — esboçou um mapa esquemático no ar — Estamos a três dias de viagem de Salúquin, supondo a velocidade máxima destas embarcações. Seria menos tempo para os navios de guerra. Mas... o senhor sorri?!

— Oh, perdoe-me, por favor, Sr. Zutarrs, é uma bobagem! É que o noroeste é exatamente a direção oposta à que Lec tencionava tomar amanhã. E penso que agora... mas, veja! Ali vêm Lec e Raul.

O cientista vinha caminhando devagar, olhando para o chão, seguido a poucos passos pelo clandestino. Não saudou Okami ou Zutarrs quando se aproximou.

— Lec! Onde você estava?

— Por aí. Não tinha sono. O que está acontecendo? O rapaz me falou de uma evacuação. O que houve?

Okami e Zutarrs lhe explicaram a situação. Mas o engenheiro estava admirado de que seu colega não explodira de fúria como ele imaginava. Ao contrário, parecia até encabulado! Continuava olhando para baixo, não dando os sinais de surpresa que seriam de se esperar. De quando em quando arriscou olhar para o comandante. E, no final, apenas perguntou-lhe:

— Que pensa fazer agora, Sr. Zutarrs?

— Tenho que auxiliar os preparativos da minha gente..., para a segunda batida em retirada da minha vida frente aos liagávie.

— Bem. Bem, bem — disse Lec, ausente, tamborilando os dedos no nariz — Acha que podemos ajudá-lo de alguma forma?

— Oh, não se incomode conosco, Dr. Ericsson! Cabe a mim oferecer-lhes a possibilidade de virem conosco. Não sei se a oferta é adequada, considerando o fantástico veículo de que dispõem, mas ele também poderia ser transportado conosco.

— Não, meu senhor, de fato a sua oferta não é adequada. Não crê que os seus inimigos alcançarão os navios?

Zutarrs suspirou.

— Nossa única esperança agora é a fuga rápida, e o mais silenciosa que pudermos. Não será fácil. Mas não nos resta outra coisa.

Lec vacilava com alguma idéia na cachola.

— Eu... eu quero lhe fazer uma ofeta também, Sr. Zutarrs. Podemos levar o senhor e sua esposa no nosso veículo. Se a minha experiência pode se aplicar aqui, imagino que não deva ser nada agradável para uma parturiente uma longa viagem de navio agora.

Okami tinha os olhos muito abertos, o que não deixava de ter a sua graça. O sálqui também estava espantado; não sabia exatamente como responder àquela chance.

— É muita generosidade sua, Dr. Ericsson... mas eu...

— A idéia não foi minha — interrompeu o cientista, apontando para Raul, vermelho como um tomate mesmo à pálida luz de Maluoncha.

O engenheiro ainda tinha algo atravessado na garganta.

— Mas Lec... você não pode... tem certeza?... Como partiremos...

— Não, não, já pensei em tudo — cortou Lec de novo — Ou melhor, *ele* já pensou em tudo — continuava apontando para o estudante — Não posso dizer que goste da idéia, mas parece a melhor coisa que podemos fazer agora. Fatos: seria desumano submeter a Sra. Tilec e o seu filho a essa viagem, nestas condições, com os perigos que ela comporta. Logo, ela deveria vir conosco no Pégasus. Logo, precisamos de alguém que nos oriente. Logo, ela não pode vir sozinha.

— Mas, Lec! Mesmo descontando a criança, não há chances! Com cinco pessoas a bordo não vamos sair do chão! E não podemos arriscar abrir a porta na superfície! Podemos não ter a mesma sorte que teve Derek.

Lec franziu o cenho, mas foi interrompido antes que pudesse reclamar.

— Eu vou num dos navios — disse Raul, de repente, com uma calma esforçada. Estava muito animado — O Sr. Zutarrs pode ir em meu lugar.

— Raul?!

— Ele tem razão, Yoshi. Como eu disse, a idéia não me parece sensacional. Faço isso com o coração na mão. Porque, diabos! Agora ele é minha responsabilidade também.

Zutarrs observava Raul com interesse. Ele tremia de alegria, e não ousava desencravar os olhos das tábuas do cais. Naquele momento, o comandante sálqui entendeu muitas coisas sobre Derek Alexandersson que antes não encaixavam na sua mente.

Ladon acabou sendo designado para acompanhar a Dra. Tilec no Pégasus. Essa foi a única condição imposta pelo comandante; apesar da ansiedade pela separação da esposa e do filho, sabia que tinha que permanecer com os seus. De qualquer modo, esse foi o arranjo que mais conveio a todos. À doutora, que sentia com toda a alma a necessidade de proteger aquela criaturinha, e que de fato estivera apreensiva com as novidades que ouvira do seu leito; ao tecnólogo de Salúquin, que nunca soube, quis ou pôde esconder sua admiração por aquela proeza dos seus colegas alienígenas; e ao jovem humano, que parecia ainda mais ansioso agora, pela companhia de Zutarrs por toda a viagem.

Conforme é do agrado de muitos, e especialmente do Dr. Ericsson, nas despedidas importantes havia poucas testemunhas. Meio sem jeito, recomendava a Raul toda a prudência, e lhe exigiu, como se fosse necessário, que obedecesse ao comandante sempre, e que não desse trabalho, e que não se metesse em problemas, etcétera. Afugentava como a um demônio a idéia de que o rapaz pudesse ser ferido ou capturado pelos liagávie. Pois iniciou sua viagem por causa de uma pessoa perdida. Não queria encerrá-la tendo duas no saldo devedor.

Enquanto isso, Zutarrs e sua esposa trocavam os últimos e apressados afagos. Miacis dormia tranqüilamente nos braços da mãe, e apenas se mexeu um pouco quando Zutarrs roçou seu focinho contra o dele. Durante aquele dia, os primeiros pêlos cinzentos, puxados de Tilec, já começavam a cobrir-lhe o corpo quase o bastante para ocultar a tenra pele rosada. Quando chegasse em Salúquin, dali a três dias, Zutarrs já veria completos os padrões do pelame do rosto, que sozinhos permitiriam distinguir seu pequeno entre milhões de outros sálquie.

Okami e Ladon, feitos um para o outro, já estavam na cabine. Terminaram de improvisar uma espécie de padiola para Tilec na parte posterior do veículo. Como não fariam uso da porta eletrônica, a viagem poderia durar lá os seus trinta minutos, e chegariam no meio da noite, e talvez tivessem que aguardar o amanhecer dentro do Pégasus. Ladon trazia consigo todas as cartas de identificação que poderiam ser exigidas em Salúquin, pois estavam em tempos de guerra. E levava também a *camborr* do porto, o melhor passaporte que um sálqui poderia desejar na sua Ilha. Os liagávie o destruiriam em primeiríssimo lugar.

Apesar de, ou talvez precisamente por causa de, o Pégasus ser o veículo mais rápido, foi o último a partir. Os milicianos observavam curiosos do interior dos seus barcos; corria a voz de que aquele estranho objeto voltaria ao céu, donde viera. No entanto, foi só depois de alguns minutos de navegação que viram o Pégasus elevar-se no ar, com o ruído desconhecido dos seus propulsores, cintilar com o reflexo de Maluoncha, como que para sair bem numa foto, e subitamente passar zunindo acima das suas cabeças, como uma pequena estrela de luz azul e fria, rumo à sua pátria.

Parte IV — Paradiso Voluntatis

I

O anoitecer era sempre rápido na tropical Tarrajcalo. A primeira lufada de vento frio do mar, no inverno, era quase pontual o suficiente para se acertar o relógio. No escuro, você talvez pudesse até se sentir em casa, no caso de não poder enxergar as duas luas que voavam por cima das águas invisíveis. O céu voltava a ser familiar, caso você não conhecesse as estrelas o suficiente para perceber que algo estava *profundamente* estranho... O aroma do mar, para qualquer ser humano, era salgado e doméstico.

E Derek, dono de um olfato trivial, ignorante metafísico de astronomia, e já acostumado com os faróis noturnos de Segusii, começava a sentir frio, que seria sempre igual em qualquer lugar. Mesmo coberto pelo manto que recuperara do acampamento das rochas, e tendo Gimiso ainda recostada ao seu lado, ele começava a congelar, batido pela brisa subliminar que ia se infiltrando pelas frestas generosas da túnica. Guiado ainda pela luminosidade moribunda, que sabia que duraria ainda uma curta meia hora, fez menção de retornar ao local do acampamento sálqui, sobre a falésia projetada entre a floresta às suas costas. Gimiso, ainda que bastante mais calma, por um momento resistiu-se a acompanhá-lo, mas agora sua vontade já não lhe pertencia por completo.

Sem dizer uma palavra, seguiu Derek alguns passos atrás. Ele apanhou a surrada mochila carregada de símbolos, estranhos para a sálquile, e alcançou a clareira repleta de destroços, fragmentos carbonizados e fedendo a urina. Ainda não entendia porque os liagávie pareciam ter uma necessidade tão compulsiva de mijar sobre despojos de guerra. Derek fez menção de recolher alguma coisa do chão, mas deteve a mão a meio caminho.

O que buscava exatamente? E para quê? Sentia-se angustiado, não tanto pela situação cuja desesperança ainda não chegava a avaliar. Era antes uma certa raiva de não ter, até o momento, tomado nenhuma decisão operativa. Sentia-se ainda à mercê das ondas dos acontecimentos, e isso o desagradava bastante. E, afinal, bem... Gimiso *estava ali atrás*. Trêmula até há pouco, bruscamente despojada daquela aura de segurança brincalhona que lhe dava a pertença ao seu grupo. Não obstante, o aceitara. Teria se arrependido? Falaria sério? Confuso pela sensação nova, Derek percebia que ele, logo *ele*, deveria pensar por dois agora.

Então, que fazer? Uma coisa era certa: as naves dos liagávie chegariam aos recifes de Tarrajcalo em poucas horas. Com certeza sem grandes finalidades humanitárias. Tinham que sair dali, mas como? E por onde? Então Derek percebeu que revolvia o chão procurando um mapa, e a lembrança da sua primeira experiência de sobrevivência na selva com mapas fê-lo sorrir amargamente.

Aprumou-se e lembrou-se de Larrin como se um raio lhe caísse pela espinha. Larrin devia ter sido surrado e torturado, enquanto ele fugira. *Foge!* Derek fugira, com medo, com pânico de que aqueles murros e aquelas incisões que não vira, mas imaginava, fossem aplicadas sobre a sua própria carne. Fugira como um animal, e agora percebia que também se sentia arrependido e envergonhado. Covarde... como Gimiso, a guerreira valente, reagiria quando soubesse?

A sálquile estava na borda da clareira, ao lado de uma *tirron* de tronco chamuscado. Chamou-o baixinho. Derek voltou-se e convidou-a a se aproximar. Como ela não se movesse, entendeu que aquela catinga era para ela como um muro, intransponível, mesmo que aquele outro muro, o da lembrança amargurada, pudesse ser superado. Derek percebeu também que, se tivesse ainda quaisquer pretensões ao amor de Gimiso, deveria sair dali antes de se impregnar com o fedor do lugar.

Aproximou-se dela e sorriu. Viu que, se antes teria que *pensar* como um sálqui, agora também teria que *sentir* como um deles. *Dojdazo*!

Havia algo a fazer, contudo. Viesse o que viesse depois, ainda não tinham dado uma sepultura decente ao jovem miliciano. E não tinham tempo a perder.

— Não sei se você quer me acompanhar. —disse Derek — Mas eles... prenderam Larrin ali atrás, no início da descida para a praia. O corpo dele deve estar lá, talvez... Eu... vou até lá.

A sálquile se espantou.

— Como? Larrin ainda está aqui.

— Gimi... eles... eles estavam *matando* Larrin. — Derek estava muito abatido.

— E abandonaram o corpo dele aqui?

— Não sei, pode ser que sim. Posso ir lá ver.

Ela parecia aflita ou irritada com alguma coisa.

— Por que não me disse antes? Onde foi isso?

— Bem, eu te mostro... vamos?

Gimiso acompanhou-o, caminhando logo atrás. Agora já estava mais escuro, e Derek amaldiçoou-se por não ter encontrado uma lanterna. Teriam que contar com a visão apurada de Gimiso para encontrar Larrin, caso ele lá estivesse, e isso era tudo o que Derek não queria.

Mesmo o humano conseguiu sentir o odor adocicado de sangue quando o par irrompeu de súbito na bifurcação que, em frente, conduziria ao mar. Mas desta vez, Gimiso seguiu-o e mesmo adiantou-se a ele. Derek queria dizer algo, mas calou-se. O silêncio era total. Virou-se para um lado e reconheceu tenuamente, por entre as copas das árvores, o local onde se escondera e contemplara o teatro horripilante do capitão dos liagávie. Com uma pontada de apreensão, reparou que não estava tão bem escondido como imaginara: havia uma pedra ao lado do lugar onde se deitara, mas se alguém quisesse realmente encontrá-lo, suas pernas deveriam estar bem à vista. Naturalmente, com a diversão sádica que Larrin preso lhes proporcionava, sua sorte não foi muito experimentada.

Mas despertou das suas reflexões por um grito mal contido de Gimiso. Derek virou-se na sua direção, mas teve dificuldade para achá-la. Deu dois passos na obscuridade e sentiu que pisava num graveto estranho, que se vergou sob o seu peso. Abaixou-se e apanhou uma vareta pontuda e serrilhada. Uma flecha. Toba! Seu corpo já não estava mais lá.

Agora Gimiso o chamava com um tom estranho, cortante, na voz:

— Dek! Dek! Aqui! Por favor!

Derek caminhou meio encurvado, até topar com Gimiso, que jazia de joelhos ao pé de uma grande rocha. O cheiro de sangue velho era mais forte.

— Dek! Me ajude! — implorava Gimiso.

Os liagávie abandonaram o corpo de Larrin amarrado à rocha. Derek deu a volta por trás, procurando as amarras como um louco. Não conseguiu desatar aquele nó estranho, nem passar a corda por cima da rocha, pois todo o peso de Larrin estava apoiado sobre elas. Então, tomou a flecha torta e pôe-se a espetá-las e a desbastá-las freneticamente. Ao fim de um longo minuto, elas finalmente se partiram. Gimiso, do lado oposto, recolhia o corpo do seu parceiro, que despencou como um saco de areia.

Quando se aproximou, Derek viu mais ou menos claramente que ela já estendia o corpo de Larrin e lhe auscultava o peito como Tilec fizera, quando ele mesmo esteve doente. Derek não sabia que Gimiso repetia mecanicamente o que aprendera da doutora, e que os seus conhecimentos médicos eram bastante limitados.

Fogo! Luz! Precisavam de luz e calor. Gimiso pediu ou foi ele mesmo quem se deu conta? Retornou correndo e tropeçando para as ruínas do acampamento e não teve dificuldade para encontrar ainda algumas brasas espalhadas das tochas dos liagávie. Tateou o chão até encontrar um cabo de qualquer coisa feito de madeira, aproximou a ponta da brasa e soprou como uma fole, rezando para que aquele fogo anêmico se prendesse à madeira. Nada, porém, parecia acontecer. Precisava de algo que se queimasse mais facilmente. Papel! Papel, onde diabos haveria papel?

Com um friozinho no estômago, lembrou-se de onde havia muito papel. Seus manuscritos, que acabara de juntar dentro da mochila, os que sobreviveram à sua própria fúria no dia anterior. Hesitou durante um momento torturante: atreveria-se a queimá-los? Mas, e Larrin? Larrin *precisava* de luz e de calor! Mas, ele já não estava *morto*? Então se deu conta de que aqueles esforços eram inúteis. Larrin estava *morto*. Porque os liagávie o abandonariam, quando voltaram ao seu barco? Mas, então, porque não mataram também Zutarrs, Tilec e Ladon? Afinal, não encontrou seus corpos em nenhum lugar. Derek cogitou que os liagávie teriam reconhecido a patente inferior de Larrin, e julgado que não valeria a pena levá-lo como prisioneiro. Mas a doutora Tilec também não possuía

uma patente elevada. De fato, do acampamento de Tarrajcalo, apenas Zutarrs e Ladon poderiam ser considerados bons petiscos para um tribunal de guerra. Porém, ela era a esposa do comandante. Entretanto, os liagávie saberiam disso? E afinal, diabos! *Quem* disse que eles estavam afinal interessados em patentes? "Larrin morreu. Guarde seus papéis!" "*Queimar os papéis, não! Larrin morreu!*"

Enquanto era dividido pelo sentido de gratidão e um obscuro instinto de preservação da sua identidade, plasmada nos seus papéis, Derek finalmente encontrou uma brochura perdida entre uns arbustos. Sem pensar, depenou-a sobre as brasas lânguidas. Quando o fogo já estava forte o bastante, arriscou-se a olhar a capa. Era seu livro de bioquímica de cinqüenta reais, autografado pelo autor. Derek sorriu feliz. Era agora o melhor destino que poderia ter-lhe dado.

Voltou para Gimiso com uma tocha improvisada, e com outra mão segurando a túnica em forma de bolsa, carregada com tocos de madeira e pedaços de tecido que conseguira recolher. Empilhou tudo no chão e conseguiu produzir uma simpática fogueira de manual de escoteiros.

Só então observou como a sálquile já despira o tórax de Larrin e limpava as feridas com a ponta da sua própria túnica, umedecida com água conseguida sabe-se lá como. Derek se aproximou. Seu amigo tinha escoriações nas duas faces, e riscos de faca trançando contornos medonhos pelo peito, fazendo uma trilha escura de sangue coagulado misturado com terra e pêlos dourados, com serpentes mortas que o envolvessem. Derek observou que apenas aquela região intermediária do esterno, sobre a qual Zutarrs apoiara a lâmina cerimonial da *tauna*, não fora tocada. Pequenos filetes de pele pendiam das ilhargas, deixando exposta a musculatura vermelha e inanimada de Larrin. Gimiso fez um pequeno travesseiro de folhas sobre o qual repousava pesada a cabeça do sálqui. Derek admirou o sangue-frio de Gimiso. Por alguma razão, esperava vê-la desfeita junto ao cadáver. Ela era apaixonada *demais* para não se deixar abalar por uma tragédia dessas, e eis que agora seu lado prático despertara com plena força. Mas Derek admirava também, tinha que admitir, o seu próprio sangue-frio. Nunca estivera em um velório antes, e algumas vezes imaginou como se comportaria no dia em que tivesse que comparecer a um. Talvez o de seu pai... presumia bastante do *seu* auto-controle, porém, para crer que fosse se abalar até às lágrimas.

Mal começava Derek a se enternecer com os detalhes de piedade pré-sepultamento, quando Gimiso apertou um pouco mais uma das feridas. Larrin gemeu, e Derek deu um pulo de dois metros para trás.

— *Aaaaah!*

Gimiso voltou-se, assustada.

— Que houve?

Com a mão direita movendo-se debilmente, os pulsos intumescidos pelas cordas, Larrin tentava afastar a mão de Gimiso do seu peito.

— Ele... ele... ele está *vivo*!? — disse Derek.

Gimiso fez que sim e o fitava com aqueles seus olhos amendoados, muito penetrantes.

— Ele... está *vivo*!? — repetiu Derek.

— Está vivo, por enquanto — respondeu Gimiso, com uma emoção proporcionalmente menor que a de Derek — Mas eu não sei exatamente o que fazer. Preciso de mais água.

Derek ainda estava pasmo. Avançou uns passos e ficou ao lado da cabeça de Larrin. Da cabeça *viva* de Larrin.

— Você está vivo! — disse Derek.

Então ajoelhou-se e perguntou a Gimiso:

— Como... como é possível? Como você fez *isso*?

— Como fiz o quê, Derek?

Derek sentia um impulso louco, mas controlável, de apalpar o corpo de Larrin.

— Você o ressuscitou!

Gimiso parou um instante de limpar o rosto de Larrin.

— Ele não estava morto, Derek.

— Não?! Não estava?!

Agora sua esposa o observava com um daqueles olhares típicos dos sálqui, que para Derek significavam: “não entendo o que você não entende”.

Mas o humano estava prostrado. Falava com o sálqui desacordado, gaguejando, como se estivesse alucinado.

— Ai, ai, meu Deus do Céu! E eu... eu te deixei aqui! Todo esse tempo! ... é que eu achava que você tinha morrido. Gimi... eu juro que não sabia!... Ai, Larrin, pelo amor de Deus, me desculpe! E eu — ai! Preocupado com... E você morrendo. Tinha que ter feito alguma coisa... de qualquer jeito!

Gimiso tomou-lhe o braço, mas ele o puxou de volta com raiva. Começou a murmurar frases sem sentido e, finalmente, rompeu num choro nervoso. Fazia muito, muito tempo que ele não chorava de verdade. Sua companheira por fim conseguiu abraçá-lo, mas nem por isso ele deixava de gemer. Alguns daqueles padrões de comportamento tinham entrado em curto.

Depois de alguns minutos, Derek se recompôs um pouco e tornou a levantar-se.

— Água! Água, tudo bem... eu já volto!

Por algum motivo que Derek não entendia, os liagávie abandonaram Larrin moribundo preso à rocha. Por que não fora feito prisioneiro, como julgava que tinham sido os outros? A não ser que estes também não foram aprisionados. Era a única solução para a dúvida que lhe martelava a cabeça, e a que menos poderia tranqüilizá-lo. Teve sobressaltos a cada moita com que tropeçava na escuridão; a possibilidade de vir a descobrir o corpo de algum dos seus adoráveis anfitriões, perdido nas trevas, fez com que seu coração palpitasse mais de uma vez. Não conseguia tirar da mente a imagem da doutora Tilec, grávida. A que penas teria sido submetida? Respeitariam aqueles sálquie de aparência tão alterada alguma regra, algum código de cavalheirismo, perante os capturados?

As águas geladas e límpidas do Anesca, seu riacho de estimação, vindas das montanhas, tiveram um efeito benéfico rápido sobre Larrin. Ajudado pela destreza feminina de Gimiso, Larrin bebeu lentamente, aos sorvos, por tanto tempo, que Derek imaginou quando teria sido a última vez que seu amigo vira água na vida.

E só então abriu os olhos. Estavam lacrimejantes, embora não pela emoção. Parecia ter que forçar muito a vista para conseguir fixar os objetos. Gimiso abraçou carinhosamente seu pescoço, e roçou a fronte de Larrin com seu focinho.

Derek se aproximou meio sem jeito e sentou-se ao lado da fogueira. Tinha se lembrado novamente do seu frio.

— Larrin? — chamou, baixinho.

O sálqui virou-se para ele. E só então, quando a luz da fogueira deu em cheio sobre seu rosto, pôde Derek ver o inchaço dos seus olhos e uma cicatriz, mal disfarçada pelo pelame, que atravessava sua face direita. Engoliu em seco, mas para seu alívio aquilo não impediu Larrin de lhe sorrir vivamente.

— Derek! Você está bem? — perguntou num sussurro.

— Estou bem. Tudo bem — e conseguiu segurar a pergunta estúpida: "E você?"

Larrin balançou a cabeça em aprovação, e tentou se sentar. Mas uma dor espantosa o atirou de volta ao chão, com a pelve e as costas ligeiramente inclinadas para cima. Gimiso o conteve.

Embora não pudessem notar nenhum sinal de fratura ou de outras escoriações, Derek e Gimiso notavam alarmados que Larrin estava muito fraco. A pedra onde esteve amarrado foi totalmente tingida pelo seu sangue.

— Larrin! — disse Gimiso — O que eles fizeram? Onde está sentindo a dor?

Larrin não respondeu. Com dificuldade, virou-se na direção da fogueira até conseguir se deitar de bruços. Os cortes no peito e na ilharga deviam ser especialmente dolorosos nessa posição, mas o sálqui pareceu preferir assim.

Derek se aproximou e notou, horrorizado, que por trás a túnica castanha de Larrin estava feita em fiapos ensangüentados da cintura para baixo. Enquanto olhava estupefata, Gimiso cobriu a boca com uma das mãos, e se afastou, apalpando com a outra o chão perto da pedra, sem descolar os olhos do farrapo a que fora reduzido seu parceiro.

Então, puxou com as pontas dos dedos um objeto longo, felpudo e mal-cheiroso, como uma bucha suja, e largou-o com pena e asco ao lado da fogueira, para que Derek pudesse vê-lo.

Contagiado pela expressão da sálquile, Derek observou-o também com nojo, embora não pudesse ainda discernir o que fosse. Calada, mal contendo os soluços, Gimiso despiu Larrin dos últimos trapos e se sentou desolada, com seus olhos amendoados faiscando desespero.

Além de muita carne destroçada por alguma espécie de chibata, Derek viu que a cauda de Larrin fora cortada com o *quída*. Soube depois que essa era uma tortura muito comum entre os segusianos. Aquele objeto inerme que Gimiso lhe atirara era o que restara da cauda do seu amigo. O toco de cauda em carne viva fazia com que qualquer tentativa de sentar-se ou mesmo de se deitar fosse um inferno. Pela perda de sangue e a dor que provocava, normalmente a amputação da cauda era como a *gran finale* de uma sessão de tormentos. Abandonando a vítima dessa e de outras atrocidades à própria sorte, garantia-se uma morte certa, longa e dolorosa.

Mesmo Derek sentiu novo arrepio partindo-lhe a espinha. Já estava farto de facas e de sangue por anos! Viu que Gimiso estava fora de combate por algum tempo, pois agora não agüentava mais e chorava a plenos pulmões. Era a primeira vez que via um sálqui chorar genuinamente. Um como que uivo, um lamento longo, lúgubre, oriental, cortado por ruidosos espasmos guturais. Gimiso nunca vira nenhum dos seus conterrâneos tão terrivelmente mutilado. Haveria anestésicos, bandagens ou antibióticos intactos em algum lugar, Deus do Céu??

Larrin, porém, parecia respirar mais regularmente. Tornou a abrir os olhos e buscou Derek com a cabeça.

— Não se preocupem. — disse, com a voz ainda mais abafada — Vou ficar bem. Isso...

Mas nem terminou de falar, e os três foram surpreendidos por um raio de luz amarelado que partia do chão para o céu, por detrás das copas das árvores da clareira. Era tão intensa essa luz, que durante alguns momentos projetou a sombra fantasmagórica de Derek sobre os dois sálqui. Quando cessou, ouviram o pipocar como que de rojões, que fizeram tremer o chão.

Gimiso parou de chorar. Mas continuava aflita.

— Ah! Ah, Elpa! — gemeu.

— O que foi isso? — perguntou Derek.

Antes que ela falasse, puderam ouvir através da noite a distante réplica de outros rojões.

— Um sinalizador. — disse Gimiso, enxugando o rosto com a manga da túnica.

— Um sinalizador?

— Um sinalizador liagávi. — sussurrou Larrin — Algum deles permaneceu na costa.

E a lembrança do soldado liagávi que derrubara com um murro explodiu na mente de Derek. Também iam se esquecendo dos malditos navios que se aproximavam.

— Diabos! — exclamou. — Que temos que fazer?

Gimiso levantou-se, lépida, com uma expressão dura no rosto.

— Eu bati num deles enquanto... enquanto... fugia — disse Derek, sem encarar ninguém. — Ele caiu inconsciente. Mas achava que tinha sido encontrado pelos outros.

A sálquile não parecia ligar nenhuma importância a Derek. Na verdade, ajustava suas sandálias de couro de *tivla* enquanto falou, fazendo força por parecer calma.

— Temos que pará-lo. A qualquer momento agora podemos ser alvejados.

Derek levantou-se também. Confusamente, sentiu que deveria fazer algo.

— Eu vou atrás dele. — disse, sem convicção, e deu dois passos incertos antes de ser retido pelo braço.

— Derek... — disse Gimiso, sem soltá-lo — Derek, agora você é meu marido também; deixe-me fazer isso. Você não terá chances nesta escuridão.

Derek compreendeu o quanto de significado das suas limitações sensitivas aquela oferta carregava. Um brio masculino tardio, no entanto, não se decidia a aceitá-la.

Mas a sálquile continuou:

— Cuide de Larrin por um momento.

— Mas... mas... *suponha* que *você* o encontre. — disse Derek. — O que vai fazer depois?

Gimiso não respondeu. Apenas partiu, correndo silenciosamente por entre as árvores. Se Derek era seu marido, ela era agora como que a mãe que protege os seus.

Quando ela se afastou, Derek ouviu um soluço abafado e repetitivo de Larrin. O sálqui parecia tossir.

— Larrin! O que houve?

Na verdade, ele estava rindo.

— Parabéns, Dek! — disse-lhe. — Permite-me ser o primeiro a desejar a vocês as bênçãos de Elpa?

Pouco depois, Maluoncha iluminava a costa de Tarrajcalo com seu brilho pálido. O suficiente para que Derek pudesse distinguir uma pessoa de um tronco de árvore.

Gimiso, deslizando com sutileza por entre o bosque, cuidava sempre de se aproximar das ruínas do acampamento com o vento batendo-lhe no rosto. O luar, agora, podia ser tanto uma ajuda como um perigo, dependendo de quem avistasse quem primeiro. Por isso, ao invés de percorrer a trilha direta, deu uma longa volta por entre os arbustos. Longa, não tanto pela distância como pelo cuidado redobrado que tinha que ter para não produzir o menor ruído. Quando ouvia algum *clique* diferente do farfalhar das folhas e dos galhos das *tirrile* rangendo enquanto se curvavam, agachava-se rápida e silenciosamente, ficando imóvel à espreita por instantes que agora lhe pareciam durar horas. Sentia vagamente, como numa espécie de febre intelectiva, a tensão do ambiente aumentar na medida em que os navios liagávie se aproximavam.

De súbito, a caçadora distinguiu no ar a presença do forasteiro. Sua providência de disparar o sinalizador antes de tentar qualquer outra coisa tinha sido exemplar, e Gimiso acreditava ter um sério oponente pela frente.

Mas, por que ele estava com tanto medo? As narinas bem dilatadas de Gimiso detectavam angústia. Ela hesitou entre esperá-lo tomar alguma iniciativa, ou tentar um ataque de surpresa.

Quando falara em "parar" o soldado liagávi, tinha em mente o uso da sua rede de caça e, caso necessário, apelaria para uma lâmina providencialmente encontrada próxima do antigo depósito de mantimentos. Gostaria de ter encontrado um dos imobilizadores de Zutarrs. E era pouco provável que, se fosse surpreendida despreparada, o liagávi se contentasse em atirar apenas para imobilizá-la.

Um quarto de hora depois, serpenteando por entre algumas rochas, próxima da face norte do acampamento, espichou a cabeça e a primeira coisa que viu foi o mar, prateado ou escuro conforme a dança das ondas, e os três faróis flutuantes perigosamente maiores. O céu estava bem limpo, e de repente tornou a ver um daqueles fachos de luz amarela projetando-se de um dos navios e perdendo-se entre as estrelas. O som do sinalizador era nitidamente mais claro. Gimiso sentiu um aperto no coração. Agora já não tinha tanta certeza de que fosse conseguir deter o liagávi, e também teve medo.

"Suponha que *você* consiga..." — as ênfases pejorativas de Derek vieram à sua mente como uma almofada de alfinetes.

Mas não teve tempo para mais. Subitamente, junto com o último estampido vindo do mar, notou uma agitação na clareira logo abaixo e à direita de si. O soldado liagávi, até então sentado e hirto como um gárgula de pedra, começou a procurar freneticamente algo no chão ao redor de si. Talvez outro sinalizador, pensou Gimiso, que se aproveitou da pequena confusão para deslizar mais alguns centímetros adiante e para baixo.

O soldado, então, ergueu-se e encarou o mar de frente, erguendo ligeiramente a cabeça para aspirar melhor o vento. Gimiso paralisou-se. Temia que a claridade fosse suficiente para que o lia-

gávi se arriscasse a procurar a trilha que descia à praia. Mas, por que, por que ele não se movia? A sálquile sentia com uma nitidez contundente todo o medo do seu inimigo. E isso não seria nada bom para ela.

Numa fração de segundo, decidiu-se pela rede. Se conseguisse ficar em pé e dar os dois passos no chão suficientes para um salto sem que o liagávi percebesse... segurou a rede cuidadosamente dobrada e sentou-se sobre a rocha. Mal respirava. Seus movimentos *tinham* que ser absolutamente silenciosos. Senão...

Não! O liagávi de repente se assustou com algo e se afastou da beira do abismo de pedra. Meteu a mão num bolso da cintura e puxou um pequeno cilindro metálico. Gimiso ficou petrificada, a dez passos às suas costas, totalmente exposta e vulnerável. Instintivamente abaixou as orelhas e arreganhou os dentes, mas ainda não tinha idéia do que faria. Algo a deixava perplexa: o soldado ainda estava de costas para ela. Ruminava algo em vini para as árvores à sua direita.

Então Gimiso acompanhou o sentido do focinho do soldado, espetado diante do vento, e de repente entendeu o que iria acontecer.

— *Derek!! Não!!* — gritou.

Tudo foi muito rápido para Derek. Se o grito de Gimiso levou seu coração à boca, ele quase saltou para fora do corpo quando, exatamente no mesmo instante, uma árvore à sua direita, na trilha, explodia em infinitas fagulhas de fogo branco. Atirou-se no chão e correu como um lagarto para o lado oposto, indo em direção à clareira.

— *Derek!!*

A voz da sálquile estava aterrorizada. Antes que tivesse tido tempo de laçar o liagávi, ele se voltou e lhe acertou um forte soco na orelha esquerda, derrubando-a. A rede se enroscou no braço que segurava o imobilizador, mas o soldado ia tentar um novo disparo mesmo assim.

Derek não sabia de nada disso. E nem soube explicar, tempos depois, porque se ergueu e atravessou a clareira correndo e urrando como um troglodita hidrófobo. Saltou sobre as costas do liagávi, que ficou um instante fatal indeciso entre o ataque a Gimiso ou ao maluco que corria por trás, e ambos caíram sobre a sálquile.

— *Derek! Cuidado! A mão dele! Na mão dele!*

Mas Derek estava com mais medo das fauces tresloucadas do soldado. Retinha-o firmemente num abraço pelas costas, porém o liagávi estrebuchava e ululava como um porco, torcendo o pescoço e tentando morder os braços do humano com a bocarra escancarada. Derek viu várias vezes as mandíbulas e os poderosos caninos de perfil. Fechou os olhos e começou a dar cabeçadas na nuca do soldado. Era a primeira vez na vida que se atracava numa luta com alguém, e o seu desempenho não era dos mais elegantes.

Gimiso conseguiu se apartar um pouco e, logo que teve a chance, acertou um belo chute no plexo solar do liagávi. Derek sentiu então de repente que, ao invés da besta-fera rugidora, segurava um enorme saco de batatas peludo. A sálquile ficou perplexa consigo mesma. Por aquele chute, pela primeira vez esvaiu-se um pouco da sede cega de vingança pelos seus pais e pelos seus companheiros, que se acumulara lentamente no seu coração, e de cuja existência ela nunca se dera conta. Tendo provado disso agora, sentiu um desejo inebriante de esfolar o soldado com suas próprias mãos. E o esforço que teve que fazer por dominar-se lhe foi muito impressionante.

De volta à fogueira, ao lado da qual Larrin continuava deitado, Derek e Gimiso tentavam traçar planos de escape. O soldado liagávi estava fortemente amarrado num canto, e ainda haviam colocado-lhe uma focinheira improvisada com uma tira de couro. Desde que voltou a si, ele não desgrudava os olhos do humano. E, cada vez que Derek lhe devolvia o olhar, um ríctus de medo o agitava e ele se encolhia ainda mais.

— Temos que abandonar nossa posição com urgência — disse Gimiso, no seu português arranhado, de menor qualidade que o de Larrin. Por precaução, diante do estranho eles estavam evitando o uso do vini — Os navios dos liagávie devem chegar pouco antes do amanhecer. Mesmo que

eles não tentem desembarcar enquanto não tiverem luz do dia suficiente para procurar o seu companheiro, nossa vantagem será pouca.

— Sim? — perguntou Derek, distraído.

— Os liagávie dispõem de veículos de caça — continuou a sálquile — Temos sorte de estarmos instalados num terreno íngreme. Mas assim que estivermos em chão liso, e se eles estiverem na nossa pista, não teremos chances. Por Elpa; pelo que me contaram em Salúquin, eles podem detectar nossa trilha a quilômetros de distância.

Derek era o único que se mantinha de pé. E ia e voltava devagar, ensimesmado, ao redor da fogueira, como um pajé desempregado.

— Abandonar nossa posição, em troca de qual? — perguntou, atendo-se apenas ao começo da fala de Gimiso.

Ela sacudiu a cabeça.

— Se ficarmos, seremos mortos. — e acrescentou, olhando com uma pontada de desprezo para o soldado amarrado: — Não podemos esperar um tratamento benévolo dos liagávie. Não neste momento, pelo menos.

— *Neste* momento, você disse? — perguntou Derek, absolutamente atento às intranscendências — E você esperaria um bom tratamento em *algum* momento?

Gimiso suspirou, sem olhá-lo.

— Não sabemos ainda o que está acontecendo, Derek. Estávamos na iminência de uma guerra com Vessin. Nunca fomos informados da posição de Ne Plátia. Esses desgraçados podem ser apenas piratas que nos acharam por acaso.

— Piratas usam uniformes oficiais por aqui? Veja... veja a droga do distintivo na manga daquele sujeito! Piratas se organizam tão rápido em esquadras por aqui? — perguntou Derek.

O liagávi assustou-se mais ainda. Por que aquela criatura apontava para ele e para o mar?

Como Gimiso não respondesse, Derek ficava por um momento sem alguém para descarregar sua irritação. "Que dia maldito!", queria exclamar, mas deu-se conta a tempo da injustiça do comentário. A tensão da ameaça ainda sem face não o deixava descansar, entretanto. "Tudo bem", dizia de si para si, "saímos daqui carregando um moribundo exangüe nas costas e um prisioneiro filho de uma vaca na frente. Vamos a pé, rumo a não se sabe onde, esperando não se sabe o quê! Como assim? Como?".

Sacudia a cabeça constantemente. Nem sabia ao certo se queria um plano.

— Se ao menos tivéssemos uma droga de um barco! — disse, por fim.

— Seria impossível embarcar no escuro em meio aos recifes — replicou Gimiso — De qualquer forma, penso que as escunas dos liagávie nos alcançariam rapidamente.

— Caramba! — disse Derek, com um sorriso sarcástico — Eles são os melhores do pedaço, hein?

— Talvez. Mas certamente nós estamos com a pior espada.

— Ótimo. Sem saída! — disse Derek, abrindo os braços.

Gimiso serviu um pouco mais de água para Larrin.

— Não, Dek. Vamos ter que seguir a crista da cordilheira e a costa.

— Impossível! — cortou Derek.

— Ela tem razão, Dek — disse Larrin, de olhos cerrados e voz ainda fraca — Podemos seguir em direção ao norte, até o final da cordilheira...

— Calma, calma aí! — interrompeu Derek novamente — Pelo que me lembro, estamos em território liagávi. Me recuso a sair da frigideira para pular no fogo.

— Sim e não — respondeu Larrin, demorando alguns segundos para recuperar o fôlego. O soldado liagávi fitava embasbacado aqueles dois da sua espécie falando uma língua tão estranha. — Adrrub é o país mais meridional da Potestade. Um país ocupado. Famosos pela sua hospitalidade...

não tanto como em Arrfinan, mas enfim... um país de pescadores, bem protegido ao sul pelas matas de lechi. Inóspita o suficiente para...

— Mas, e *vocês*? — disse Derek, agitando os braços na frente de Larrin.

— Derek! — exclamou Gimiso, irritada.

— Mas, e *vocês*? — repetiu, mais baixo. — Eu não me incomodo com as coceiras. Mas vocês vão *morrer*!

A noite avançava. Afinal, Derek e os outros levantaram acampamento.

II

Por toda a noite, Derek e os segusianos caminharam pela floresta e, ao amanhecer, percorreram sendas difíceis que ladeavam as montanhas. Estavam ainda longe dos cumes, o que foi parte do acordo implícito para que o humano se decidisse; entretanto, a encosta era íngreme e por vezes a trilha — mera interrupção na queda abrupta das paredes de pedra — simplesmente desaparecia, indo parar num ponto desagradavelmente mais alto ou, o que era bem pior, num ponto mais baixo. Quatro pessoas saudáveis teriam dificuldades para transporem aquilo que daria trabalho até às cabras montanhesas. As coisas pioravam um pouco quando um deles era um ferido, que ia o tempo todo levado às costas de outro que já quase não se agüentava em pé, e um terceiro exigia atenção contínua porque não se sabia o que ia por dentro daquela cabeça calada, embora até então não tivesse se mostrado rebelde.

Gimiso era a guia do grupo e guarda do prisioneiro. De seu trabalho com Ladon, recordava-se vagamente dos acidentes geográficos ao norte do Anesca, e era confiando na memória que decidia o rumo a seguir, sempre tendendo a voltar ao litoral, onde o caminho era mais fácil.

Perto do meio-dia, Derek estacou na trilha da montanha. Como todos, não dormira a noite anterior, e já desconfiava de que a compleição física e a resistência dos segusianos eram muito maiores do que as dele próprio. Mesmo contando o peso que levava às costas; mal se via em Gimiso ou no prisioneiro uma ruga de cansaço.

Larrin ainda estava fraco, com febres e sujeito a alguns delírios momentâneos. Chamava às vezes por Zutarrs, assustava-se quando Gimiso se aproximava, e pensava que o prisioneiro era um médico. Dormira e acordara várias vezes, e várias vezes sentiu frio e calor. O prisioneiro liagávi observava-o atentamente, talvez com medo ou alguma outra impressão desagradável, que lhe cerrava a máscara branca ao redor dos olhos e expunha-lhe os caninos.

Derek e Larrin iam à frente do grupo, e o sálqui ia deixando um macabro rastro de gotas vermelhas para Gimiso e o soldado liagávi. A sálquile sentia-se ainda mais penalizada ao ver como aquele seu inimigo não parecia reparar sobre o que pisava.

— Dek — disse-lhe ela —, aqui não podemos parar.

— Isto... isto é inútil — desabafou o humano, em vini, arfando e olhando para trás. — Não avançamos cinco quilômetros. A que distância você disse que estávamos do povoado mais próximo?

Gimiso não respondeu, porque na verdade não sabia.

— Veja, ali em frente — apontou ela — A trilha desce novamente para um trecho da floresta. Lá podemos descansar... e cuidar de Larrin.

— Ei, você, amigo! — disse Derek, em vini, voltando-se para o prisioneiro — Não quer colaborar? Não vamos te fazer nada. Só queremos sair daqui.

O liagávi não respondeu logo. Desde a noite anterior, olhava para Derek com uma expressão fixa, anódina. A estrela que os pelos formavam na sua testa parecia ter apagado.

— Ele pode me entender? — perguntou Derek a Gimiso.

— É muito provável. A grande maioria dos liagávie fala o vini.

— Bem, amigo, e então? Diga algo, por favor.

O soldado aprumou-se.

— Apenas aldeias liagávie ao norte, a cinco *cadarr*. Vocês não serão bem-vindos lá.

— Tá. Mas não existe *nenhuma* alternativa? — disse Derek, com voz abatida, vergando-se ao peso de Larrin.

— Como você mesmo disse, é inútil.

Sua bicha! Derek deu-lhe as costas. Tentava limpar o suor do rosto na manga da túnica de Larrin.

— Dek, vamos! Só até a floresta! — animou Gimiso.

Derek, que apesar de tudo continuava com Larrin nas costas, reencetou a caminhada. Sentia já cãibras no pescoço e nas pernas. O sálquie pareceu despertar do seu delírio.

— Dek? Dek?... ponha-me no chão... eu já posso caminhar...

— Nem pense nisso! — cortou Derek — Já estamos indo devagar o suficiente. Você nem consegue desmaiar direito!

Gimiso sorriu. Como plantas curiosas que nascem do esterco, as contrariedades produziam em Derek um estado de humor todo especial.

Depois de uma eternidade, chegaram novamente ao abrigo da floresta. O inverno no continente ia se aproximando, mas por enquanto dominava apenas a noite. O dia continuava sob o império feérico de Lass, faiscante, redobrado pela reflexão do calor pela parede rochosa. Quando deitou Larrin no chão, ajudado por Gimiso, Derek sentiu que poderia beber um rio sozinho.

Repartiram entre si uma parte das provisões. Derek ofereceu ao prisioneiro liagávi um pouco da sua pasta de atum. Ele cheirou-a e recusou.

Todos comiam em silêncio. A presença do soldado era bastante constrangedora. Mesmo com uma das mãos amarrada a uma árvore, parecia manter uma certa dignidade alienada. Parecia consolado, fatalmente consolado com sua situação.

— O que fizeram com os outros sálquie? — perguntou-lhe Derek.

— Eu o ignoro.

— O que *fariam* com os outros sálquie?

O soldado, então, sorriu pela primeira vez. Falou enquanto mastigava, e, como quase sempre, não olhava para ninguém em particular.

— Pergunte à *dúcdle*[1].

Derek olhou para Gimiso e notou-lhe o ar mortificado. Sentiu novamente uma vontade louca de acariciar o focinho do prisioneiro com um murro, especialmente agora que já o fizera uma vez e não se machucara. Mas conseguiu se conter.

— Veja, eu... você acha que adiantaria alguma coisa se eu pedisse desculpas por ter-lhe agredido?

O liagávi encarou-o vivamente; eram as situações mais desagradáveis para Derek e os sálquie. Seu sorriso desaparecera e aquele gelo nervoso voltava ao seu olhar. *Parece estar tentando se controlar*, pensava Derek.

— Estamos em guerra — limitou-se a responder.

O tom parecia ser o da constatação de um princípio pacificamente aceito por todos. Mas havia muita coisa falsa naquela segurança.

— *Você* está em guerra *conosco*?

Mas o soldado não respondeu. Observava as árvores à sua frente, parecendo ver através delas as esquadras dos seus conterrâneos desembarcando em Tarrajcalo.

Derek suspirou, bocejou e desistiu. Talvez a presença de Larrin e Gimiso não ajudasse muito a conversa. Falou com sua esposa em português:

— Acha que podemos acreditar na informação que ele nos deu?

Gimiso, relutante, fez que sim. Mas as suas preocupações estavam em outra órbita.

— Dek, precisamos cuidar do ferimento de Larrin.

Ambos se levantaram, deixando o liagávi entregue à sua ração, e se aproximaram de Larrin. Ele não havia tocado na comida. Só bebera muita, muita água. Derek removeu os trapos que envolviam a armação improvisada de galhos que protegia a amputação, como uma espécie de espartilho. A ferida ainda sangrava.

— Temos que cauterizar isso — disse Derek. — É o único jeito de conter a hemorragia.

Gimiso o observava inquieta.

— Como faremos isso, Derek?

[1] Termo pejorativo com que os liagávie denominavam os de Vantimiso. Algo como “bárbaro”.

— Bem, com fogo... ou então... ei! É isso! Com o imobilizador! Se conseguirmos concentrar uma descarga pequena mas intensa, poderemos ter o mesmo efeito.

A sálquile pensou um pouco.

— Não é prudente, Dek. Poderíamos descarregar o imobilizador. E talvez venhamos a precisar dele ainda — meneou discretamente para o soldado.

Derek concordou. Remexeu nas bagagens em busca de algo para acender o fogo.

— Mas, Dek... vamos produzir fumaça. Podemos ser descobertos.

O humano lembrou-se então como Frodo e Sam foram encontrados por soldados ao deixarem acesa uma fogueira no meio da floresta, numa das suas passagens preferidas do *Senhor dos Anéis*. Sorriu embevecido com a recordação dos momentos deliciosos que passara à noite, lendo na cama, enrolado num cobertor (como se sabe, as melhores histórias devem ser lidas à noite). Na verdade, Derek lembrara-se da história precisamente por causa da cama. Era o que mais almejava, embora não se desse conta.

— Vamos fazer apenas uma fogueirinha, então. Vamos usar o imobilizador para por Larrin para dormir, e então... faremos o negócio.

Derek tocou de leve no ombro do amigo.

— Larrin? Só estou te acordando para te avisar que você vai dormir um pouquinho. Não se preocupe.

O sálqui sorriu, sem muita vontade, e sua cabeça tombou para o lado. Gimiso tinha o imobilizador na mão, e olhava-o preocupada.

— Você faz isso? — perguntou-lhe Derek.

— Está ajustado para a intensidade mínima. Mas, Larrin... ele está muito enfraquecido. Ainda acho que pode ser perigoso.

— Bem, temos que tentar! Ele vai morrer de dores se não o imobilizarmos.

Gimiso apertava a arma contra o peito, de cabeça baixa.

— Tudo bem — disse Derek. — Eu faço isso. Acenda a fogueira, só com aqueles gravetos secos.

A sálquile reuniu os galhos, e escolheu um mais grosso, que colocou entre os dentes de Larrin, como se fosse o freio de um cavalo.

— Ei! Boa idéia!

O soldado liagávi, que não entendia patavina do diálogo, acompanhava ansioso cada gesto e cada palavra da sálquile e do seu monstrengo. Ficou um pouco alarmado quando viu o imobilizador sendo destravado, e um pedaço de metal sendo levado ao fogo. Estremeceu em silêncio. Se Derek tivesse cuidado de observá-lo naquele instante, veria toda a muralha de estoicismo derretendo-se, até deixar ao nu o liagávi assustadiço que encontrara da primeira vez. Ele, porém, acabou por entender que aqueles objetos não tinham o seu próprio corpo por alvo, e sim o daquele *dúcdai* semimorto. Acompanhou a cena intrigado.

Derek disparou o imobilizador. Larrin estrebuchou um pouco e continuou hirto como antes. Gimiso largou a ponta de ferro e auscultou-lhe as costas. Trocou um olhar com Derek; tudo estava bem até agora.

Para grande incômodo do humano, ele notou que sua companheira de vida não teria nunca o sangue frio suficiente para aplicar o ferro incandescente na ferida de Larrin. O próprio Derek, por sua vez, nunca gostou de mexer com feridas, sangue ou animais doentes em geral. Mas agora era a ele que cabiam as iniciativas.

Sendo assim, apanhou ele mesmo o tição improvisado e aplicou-o no toco ensangüentado, com uma careta de nojo e dó que não tentou esconder. Ao primeiro contato, evolou-se uma fumarola fedorenta, a carne e sangue queimado, com um suave chiado. Gimiso e o prisioneiro abaixaram as orelhas e tamparam os focinhos exatamente ao mesmo tempo. Derek observou um pequeno espasmo nas pernas do doente.

Tomou fôlego e aplicou-lhe o ferro pela segunda vez. A contração das pernas foi mais forte. Ouviram um ganido baixinho e prolongado.

— Ele vai acordar, Dek! — exclamou a sálquile, aflita — Ele está sentindo as dores!

Derek agitou a cabeça.

— Então venha aqui e segure-lhe os braços. Eu vou sentar assim... para que ele não se mexa.

Embora Derek não tivesse absolutamente nenhuma noção de qualquer tipo de procedimento cirúrgico mais elaborado do que aplicar um esparadrapo, sua operação parecia estar tendo algum sucesso. Mais uma terceira aplicação bem dada, e...

Mas nesse momento o sálqui se contorceu como um touro furioso! Derek sentiu um coice acertando-lhe as costas, como se fosse uma paulada. Gimiso, pega de surpresa, teve os dois braços arranhados profundamente. Larrin uivou, urrou e ganiu, como uma massa de carne padecente e desesperada, num tom mais angustiante, se fosse possível, pela trava que tinha na boca, sacudindo a cabeça como um possesso. Lágrimas corriam dos seus olhos inchados.

Apesar das fortes garras cravadas nos braços, Gimiso ainda tentava consolar seu companheiro com palavras meigas e calmas, traindo sua piedade. Não pareceu reparar nos filetes de sangue que saltitavam sobre seu pelo cinza, pingando lépidos no chão e na sua túnica. Mas o prisioneiro registrava tudo atentamente.

Quando Derek finalmente terminou, Larrin acalmou-se e, pouco a pouco, seus músculos relaxaram e ele jazeu deitado de bruços, ainda mais mole do que antes, abraçando o chão, desmaiado.

Sua companheira então pousou lentamente sua cabeça sobre o travesseiro improvisado com folhas. Viu então seus próprios ferimentos, mas como se estivessem nos braços de outra pessoa. Lambeu-os um par de vezes cada e apressou-se em apagar a fogueira, dispersando as brasas e abafando-as aos poucos.

Estavam todos exaustos. Como que bêbado, Derek caiu de lado e tirou o pé de Larrin das suas costas. *Ai, que saudades da minha cama!*

Mesmo debaixo da proteção das árvores, podiam ver que o dia já ia a termo. Antes de capotar de sono, Derek reparou que teria que dispor aquele pequeno grupo para o repouso.

— Vamos dormir um pouco. Não, é isso mesmo! Dane-se se nos acharem! Do jeito que estamos, não podemos dar mais um passo — disse, com voz abatida.

Gimiso estava apreensiva, mas acabou concordando.

— Você... ei, você! Onde pensa que vai?

O prisioneiro tinha se erguido de súbito e parecia bastante nervoso. Encarava Gimiso com um ar tão contrariado, que não seria estranho se vomitasse sobre ela.

— Não vou dormir ao lado de sálquie! — respondeu ele, com voz nervosa.

— Como é que é? O que você está dizendo? Quer ser dopado com o imobilizador? Que diabos é isso?

— Não vou dormir ao lado de sálquie! — repetiu ele, tentando arrancar seu braço preso da árvore, com tanta violência que o acabaria quebrando.

— Mas você está louco? — urrou Derek.

Para sua surpresa, contudo, Gimiso aproximou-se por trás e dirigiu-se a ele em vini:

— Dek, eles não podem…

— Não podem o quê?

— Suportar... os nossos sonhos.

O humano deixou a cabeça desabar no meio dos joelhos.

— Ai, ai, ai! Está *todo mundo* louco neste mundo! Mas, então, o que fazemos com ele? Eu posso cantar-lhe canções de ninar até que ele tente o suicídio.

— Ele terá que repousar afastado de Larrin e de mim. Talvez mais para dentro da floresta haja um lugar.

— Mas vamos deixá-lo sozinho lá? Acho que não podemos correr esse risco.

Gimiso olhou-o então com uma expressão de carinho suplicante. Aí Derek entendeu a idéia. Entendeu, e não gostou.

— Então, alguém terá que ficar vigiando o nosso colega, certo? *Ceerto*! E esse alguém sou *eu*, pelo jeito, certo? *Ceeerto*! — e suspirou sem nenhuma elegância, com aquele sorriso que sabia que não deveria ter naquelas ocasiões — Pois bem, seja! Seja feita a vossa vontade! Ajude-me a encontrar um lugar. Vou desamarrá-lo, e prometo que vou me esforçar para não ter nenhum pesadelo... ou nenhum sonho de assassinatos e coisas do tipo.

A uns quinze minutos de travessia acidentada, conseguiram encontrar uma nova clareira, muito mais suja do que aquela onde estavam. As folhas das *tirroni* e de outras árvores estranhas caíam aos montes, a cada lufada de vento. Havia gravetos secos e galhos pontudos cobrindo todo o solo.

— Bem, Excelência! Aqui é suficientemente longe?

Como o liagávi não respondesse, Derek considerou que era longe o suficiente e amarrou-o sentado entre duas árvores que cresciam lado a lado, de modo que cada um dos braços estava preso a um tronco, embora ele pudesse se recostar e tentar achar uma posição o menos incômoda possível para dormir.

Derek limpou uma área coberta por uma sombra mortiça para si próprio. Soltou a mochila e se preparava para deitar com óculos e tudo. Fazia tudo como se já estivesse de fato dormindo, e se não fosse a supervisão de Gimiso, mal teria amarrado decentemente o soldado. Antes que ele desabasse de vez, ela chamou-o.

— Dek?

— Uhmm?

Ela estava novamente com aquele olhar alegre e inteligente que fazia tempo que ele não via. Sem dizer nada, a sálquile tirou-lhe os óculos e estendeu-lhe a mão direita aberta. Quando Derek enlaçou seus dedos nos dela, sentiu-lhe o calor e a maciez da pele. Ela roçou-lhe o nariz com seu focinho, e voltou para junto de Larrin.

III

Derek deitou-se no chão, usando a mochila como travesseiro. Sentia as costas doendo e as pernas latejando, já adivinhando que, quando acordasse, suas coxas estariam duras como pau de macarrão. Mesmo de olhos fechados, pressentia o olhar fixo do prisioneiro que, como todos os segusianos, certamente enxergaria bem no escuro. Deitara-se a uns cinco ou seis passos daonde ele estava amarrado. Estava tão exausto que teria dificuldades até para dormir, se esses fossem os únicos problemas.

O maior deles era que aquele último gesto de Gimiso mexera novamente com alguma coisa nele, muito semelhante àquilo que surgira no seu peito quando ela manifestou o seu *sim* sem palavras no dia anterior. Sentia um desejo irresistível de voltar para junto dela e de Larrin, de ter companhia, de ter proximidade de carne e de sangue. Constrangia-o muito a presença daquela criatura taciturna e observadora, ainda mais agora quando estava testemunhando um estado de espírito que ele lutava por controlar. Secretamente, tinha medo de exibir diante do liagávi aquilo que ainda tendia a considerar como fraquezas. Mais do que o torcicolo ou as cãibras, doía-lhe a alma. Parecia incrível que ele, logo ele, não soubesse estar sozinho! Tinha vontade de abraçar Gimiso com força, com tanta força, até quase sufocá-la, usando-a como uma espécie de cobertor que o protegesse da frieza da indiferença ou dos maus ventos do destino que os envolviam. E o que mais o sobressaltava era que ele *sabia* que Gimiso o necessitava da mesma forma, e talvez até mais ainda. Dividido até então entre a consciência confusa dos seus próprios sentimentos e a dúvida pegajosa de que Gimiso poderia estar talvez arrependida de tê-lo aceitado, aquela pequena e inesperada saudação produziu-lhe uma certeza inefável, como se fosse um cravo de prata que fixasse de vez as folhas soltas que esvoaçavam sem sentido em sua cabeça.

Derek adormeceu feliz e ansioso.

O problema foi ter acordado com frio no meio da noite. Não havia luar que vencesse a barreira arbórea suspensa sobre suas cabeças. Levou um segundo para que Derek se recordasse daonde estava, e sentou-se assustado ao lado da mochila. Ouviu um ruído ao seu lado; o soldado também despertara.

— Ah! — exclamou Derek — Então você ainda está aí!

As trevas não responderam. Derek não queria acender uma fogueira, o que o teria tranqüilizado um pouco. E agora, bem o sabia, não conseguiria voltar a dormir. Só lhe restava uma coisa a fazer.

— Ei! Como você está? Quer água?

O soldado continuava mudo. Seu sotaque seria assim tão ruim, que um liagávi não o compreendesse?

Seus olhos acostumaram-se um pouco com o breu, e através dos ramos acima, Derek conseguia já até divisar uma ou duas estrelinhas.

— Quem é você? — perguntou, de repente, o prisioneiro das árvores e das trevas.

— Eu? Uhmm. Bem, me diga o que *você* acha que eu sou.

O outro não respondeu. *Diabos! Será que eles pagam por palavra pronunciada??*

— Eu sou um humano. Não sou deste seu mundo. Você entende isso?

Depois de um longo silêncio, o soldado disse, com voz hesitante.

— De outro mundo?

Pelo tom, Derek podia adivinhar que seu interlocutor estava roído de curiosidade. Decidiu ser generoso.

— Sim. Venho de um mundo chamado Terra.

— Como você chegou aqui? O que você veio fazer aqui?

O humano suspirou longamente.

— Eu cheguei aqui há algum tempo, só que... — mas interrompeu-se; algo lhe dizia para não dar a entender que estava em Segusii por acidente. — Vim para testar um novo veículo de transporte.

Calou-se arrependido. Que diabos estava fazendo, afinal? O pouco que sabia do liagávi lhe recomendava toda a prudência.

— O que um humano veio fazer aqui?

— Diríamos que... bem, estou em missão de reconhecimento.

Que mentira idiota!!

— Por que você está ajudando os *dúcdie*?

— Olhe, não os chame desse jeito, por favor. Que mal eles lhe fizeram?

Depois de uma pausa, perguntou, com o tom mais naturalmente amigável que conseguiu a-char:

— Na minha terra, as pessoas começam uma conversa se apresentando. Meu nome é Derek, mas pode me chamar de Dek. Qual é o seu nome, se você puder dizer?

O soldado pareceu pensativo.

— Fágol.

— Fágol? Muito prazer. Ei, é um nome simpático. Mas não soa como se fosse liagávi.

— O que você sabe sobre a Potestade Liagávi?

Na mosca!

— Oh, bem, pouca coisa, bem pouca coisa... só sei que lá vocês falam *querrcna* também, mas eu ainda não aprendi essa língua.

— Não sou de Vessin. Venho da terra de Viniorr.

— Ah, sim? Espere, espere! Não me fale! — Derek animou-se — Viniorr está ao norte de Adrrub... a oeste de Vessin. A ilha de Vantimiso fica a noroeste de vocês.

Fágol grunhiu algo, espantado.

— E é a terra natal do vini, o idioma que depois foi assimilado por Vantimiso.

— Como soube disso? — disse Fágol, agora já rendido à estupefação.

— Os sálquie deram-me um mapa de presente. E me ensinaram muitas coisas.

Não quis acrescentar que sabia que o país de Fágol fora conquistado por Vessin.

— Aliás, a sálquile se chama Gimiso, e o que está doente se chama Larrin. São muito meus amigos.

— A sálquile é mais do que uma amiga — observou Fágol, lacônico.

Derek enrubesceu no escuro.

— Que quer dizer?

— Ela está... casada com você — respondeu o soldado, também ele um tanto perplexo — Ela o escuta e o toca como sua esposa.

— Sério?

Derek sentia-se nu mais uma vez. Tinha de novo aquela desconfortável impressão de que só entendia uma parte, e uma bem limitada parte, do que acontecia no incrível mundo sensorial dos sálqui.

— Bem, quero dizer... eu... eu ainda não conheço tão bem os costumes daqui mas... oh, dro-ga, é verdade. Estamos casados; conforme você mesmo viu. Larrin já nos abençoou, e acho que isso... bem, resolve, não é?

Decididamente, o humano não queria continuar com aquele assunto. Como é fugaz o alegre romantismo! Nunca, nunca mesmo, conseguiria se imaginar casado, e que, uma vez casado, a se-gunda testemunha do seu casamento fosse um soldadeco que queria matá-lo.

— Por que você está aqui? — tornou a perguntar Fágol.

Derek sentiu-se pego. Ia dizer, "Já falei!", mas era óbvio que o liagávi percebera a mentira. Então, ergueu-se e deu os cinco passos que o separavam do seu prisioneiro, e sentou-se de novo

bem ao seu lado. Mal e mal, distinguia agora a túnica clara e um certo brilho perdido nos olhos assustados. De resto, ouvia-lhe apenas a respiração.

— Olhe, Fágol. Vou ser honesto com você. O fato é que eu não sei como vim parar aqui. Entrei sem querer num veículo especial do meu pai, mexi em algo que não devia e acordei semimorto no meio da floresta de Tarrajcalo.

Fágol grunhiu.

— É, é verdade. Quer saber o que mais? Eu sou imune à toxina da lechi. Perambulei uns dois dias pela floresta, e só fiquei um pouco zonzo. Fui encontrado pelos sálquie do acampamento que vocês destruíram. Eles trataram de mim, e de um animal de estimação que veio comigo.

— Animal?

— Sim. Talvez você não o tenha visto porque acho que te acertei antes. Mas vi que os seus colegas o mataram, e devem tê-lo levado consigo. Eu passei um bom tempo com eles, os sálquie, ajudando-os e aprendendo deles, enquanto esperava um resgate do meu mundo.

Fágol, como bem poderia ser um hábito comum dos segusianos, ouvia tudo atentamente.

— Então, estou em guerra com você.

— Como?

— Respondo à sua pergunta desta manhã — disse Fágol. — Você estava colaborando com uma ação proibida pela Potestade em toda a esfera de terra seca.

Derek acolheu o golpe inesperado.

— Bom, isso é com vocês. Eles me salvaram a pele e faz pouco tempo que comecei a ser agradecido. Eles fizeram mais do que me ajudar. Deram-me atenção. Ensinaram-me a sua língua. Aprendi os seus costumes. Não posso deixar de me sentir agradecido, não acha? O que é que você acha?

— Você não deveria estar ajudando os ilhéus, humano. Eles são traiçoeiros.

— Traiçoeiros? Não, me desculpe, mas acho que você não sabe do que está falando.

— Traiçoeiros e covardes. Têm medo do próprio sangue que lhes corre nas veias.

— Covardes? Como assim? Digo, eu sou novo aqui, tudo bem, mas não acho que você possa confundir mansidão com covardia. Quantos sálquie você conhece?

— Nenhum viniorri jamais aspiraria o ar da Ilha.

— Bom, mas por outro lado, eu sei que alguns sálquie tentam viver entre vocês, aqui no Sudeste.

— Por Elpa, deverão ser eliminados! — disse Fágol, bem alto, sobressaltado — São uma mancha de arrogância neste mundo!

— Ah! Curioso! Você invocou o nome de Elpa. Então vocês também crêem nEle?

— Naturalmente.

— Bem, mas os sálquie também acreditam nEle! Assisti até os cultos que eles dão a...

— *Não!!* — gritou Fágol, agitando a cabeça — A Vulnerabilidade dos sálquie é uma corrupção nojenta! Humano! Eles já estiveram muito tempo com você! Por Arren Elpanai e pelos corações do Sudeste! Não lhes dê mais ouvidos!

Derek não gostava de argumentações apaixonadas, embora ele mesmo reconhecesse que, às vezes, perdia um pouco o autocontrole.

— Ei, ei, calma, calma! Então Arren é pai dos viniorrie também?

— Ao menos isso o ensinaram corretamente. Arren foi o primeiro dos três *Elpanai*. A ele foi encomendado o trabalho de domínio de Segusii.

— Bem, mas me consta que não foi só a ele...

— Talcádi dos ilhéus era apenas o Senhor de Salúquin. Os ilhéus se apropriaram da herança de Arren e a perverteram numa renúncia estúpida ao controle da matéria e de si próprios.

Derek talvez pudesse se interessar mais no assunto, caso não estivesse ainda tão mal-dormido e irritado.

— Acho que essa é a sua forma de encarar a questão. Lamento não ter muitos conhecimentos a mais para poder te mostrar até que ponto você está... equivocado. Tudo o que sei agora é que vamos para Salúquin, ou morreremos no caminho.

— Humano imbecil! — disse Fágol, exaltado — Você se transformará num verme! Abandone os sálquie e volte para o seu mundo!

— Lógico! Boa idéia! — respondeu Derek, irônico, aproximando bem o rosto do de Fágol — Mesmo que eu pudesse, tenho certeza que você adoraria que eu caísse fora para eliminar tranqüilamente Gimiso e Larrin.

— Mate-me e volte para o seu mundo!

O prisioneiro falou com uma frieza tão estranha que Derek recuou um pouco, perplexo, enojado e nervoso. Tal desprendimento não poderia estar certo.

— Mate-me, abandone os sálquie e volte para o seu mundo!

— Não posso voltar para o meu mundo. Não pretendo abandonar minha esposa e meu amigo. E não vamos matá-lo. Sinto desapontá-lo tanto. Aliás, vamos até ter que fazer coisas bem piores: na primeira oportunidade que eu tiver, assim que estivermos a salvo, a primeira coisa que pretendo fazer é mandá-lo de volta para Viniorr o mais rápido possível...

... porque esta viagem já tem problemas o bastante sem uma mala-sem-alça como você, idiota!

Fágol estudava as palavras e cheiros do humano, que o percebeu.

— Você tem como saber que eu não estou mentindo. Tem, não é? (Fágol permanecia calado). É pedir muito para que você pense por um minuto na possibilidade de nós não estarmos querendo nenhum mal para você, e de que eu esteja sendo feliz com os sálquie? Você *viu* isso! Você *sentiu* isso!

— Se eles não pretendiam fazer-nos mal, por que estavam aqui?

— Eles estavam com medo de serem bombardeados por vocês — disse Derek, entre dentes, já começando a perder a paciência. Ainda achava que todos tinham que pensar linearmente também — Estavam com medo de não terem como cuidar dos seus enfermos no caso de um ataque com lechi. Eles usam a toxina como forma de preparar um antídoto... bem vagabundo, mas enfim! Tinham medo de que vocês exterminassem os seus *ussule*.

— Isso é mentira!

— O que?

— Isso é mentira! Os ilhéus tiveram seu prazo para desocupar territórios que nos pertencem legitimamente. Esse é o motivo da guerra.

— Mas, ao que me consta, aquelas ilhas e portos não são fundamentais para vocês. Qual a justificativa de tanto interesse, tão subitamente?

— São território liagávi que deve ser restituído. A glória da Potestade o exige!

Derek bufou.

— Da mesma forma que exigiu o açambarcamento do seu país?

Fágol irritou-se e se contorceu, tentando livrar os braços.

— Viniorr e Vessin sempre foram aliados! Somos da mesma raça! Temos o mesmo sangue! Estamos unidos para a promoção da Potestade e a correção da arrogância dos ilhéus!

— É curioso... — disse Derek, com estudada calma — No mapa com que fui presenteado, o nome do seu país agora é *Liagaven Viniorr*...

— Cale-se!! — gritou o prisioneiro, descomposto.

— ... estranha aliança, não acha? Eles puseram o nome de Vessin antes do nome do seu país. Logo vocês não são *eles*. Vocês são *deles*.

— Cale-se, monstro!! — urrou Fágol, agitando as pernas amarradas.

Derek também estava irado. Mesmo sabendo que não conseguiria nada deixando seu prisioneiro irritado, não conseguiu se conter. Vendo como era fácil transtornar aquela criatura, uma ponta

de sadismo instigava-lhe a continuar alfinetando o patriotismo de Fágol. Era o escape ideal para a *sua* ira e desejo de vingança.

Deu-se conta disso, e suspirou fundo, com nojo de si mesmo.

— Escute aqui, meu caro! Por que você não pensa um pouco? Por que acha que ainda está vivo? Por que acha que estamos te alimentando e dando de beber, das *nossas* provisões, sendo que isso só nos fará morrermos mais cedo? Estamos perdidos, e você, meu caro, está perdido conosco. Não vamos chegar a lugar algum. Larrin está quase morto. Gimiso está perdida, e eu não conheço absolutamente nada desta sua bosta de continente! Se nós deixarmos você livre, morreremos. Se não o eliminarmos, também morreremos. Só não te soltamos porque não queremos morrer do jeito idiota! Estamos caminhando ainda com o fôlego de Gimiso. Eu queria que nós todos estivéssemos nas nossas respectivas casas. Mas, agora, quero apenas estar, *ser* do lado dela quando chegar o fim. Achei que era ontem; me enganei. Pode ser hoje. Pode ser amanhã. Portanto, tudo o que eu queria agora era estar lá, do lado dela, e não aqui discutindo com você! Ela não pode matá-lo a sangue-frio. Eu não posso também. Mesmo que pudéssemos, nem nós nem essa maldita guerra teriam qualquer vantagem com isso. Você só está vivo ainda porque nós somos uns merdas de uns caras legais! Eu não sei, mas Gimiso sabe o que vocês fazem com os prisioneiros de guerra. E aposto a honra do seu país como a última coisa que ela deseja agora é ver o *seu* sangue secando sobre a pedra, mesmo que eu não estivesse aqui! Passei meses com esses sálquie e sei como eles são! Você é um simples soldado e talvez não possa saber muita coisa. Eu conheci uma opinião mais graduada sobre esta situação maravilhosa; não a entendo, mas, diabos! Acredito nela a ponto de botar a mão no fogo por qualquer um deles!

Derek calou-se e tomou fôlego, um pouco surpreso com sua própria loquacidade. Fágol parara de se mexer.

— Por que devo acreditar em você? — disse ele.

— De fato, não existe nenhum motivo, a não ser tudo isso que eu te falei, e a minha palavra em si. Mas você ainda não percebeu? Tanto faz se você acreditar em mim ou não! A verdade é a verdade! Não fui eu que inventei essa guerra. Ela absolutamente não me interessa. Ou melhor, só me interessa e me enerva porque Larrin e Gimiso e os outros sofrem com ela. E eu não posso fazer nada, *nada*!, para ajudá-los. A hemorragia de Larrin cessou, mas... e daí? Ele ainda está muito fraco.

Enfiou a cabeça entre os joelhos e apertou com eles as têmporas.

— Sabe o que esse arrogante *dúcdai* queria? Poder um dia sonhar junto com vocês — então Derek riu um pouco — Eu não entendo, mas parece que isso tudo é muito importante para vocês. Não consigo trabalhar à noite como eles. O arrogante comandante do acampamento me sugeriu que lesse a poesia de Vessin quando estivesse em Salúquin. Disse alguma coisa sobre um vigor literário impressionante. Na verdade, vão ter que ler para mim... mas de qualquer jeito parece que ninguém por aqui vai ter seus desejos realizados. Da minha parte, acho que já estou em clima de fim de festa.

Deu uma coçadinha nos olhos. Agora parecia falar mais para si do que para o prisioneiro.

— A arrogante esposa do arrogante comandante estava grávida. Grávida do quarto filho. O que os seus vão fazer quando descobrirem isso? Vão criar o filho como um escravo? Ou vão arrancá-lo de dentro do ventre da mãe e usá-lo como alvo para tiro? Não, não me interrompa! *Isso* me disseram que vocês fazem. Sim, isso e outras coisas. Disseram-me que vocês costuram a...

Mas não conseguia continuar, tal o asco que sentia.

— E isso? Isso é mentira também?

Fágol não disse nada. Já ouvira boatos desse tipo antes, mas das suas próprias fileiras, embora não lhes desse crédito.

— Veja, Fágol... por que você acha que Vessin, dono de toda a toxina do planeta, não tentaria alguma coisa contra Vantimiso? Este era o único acampamento de coleta deles. E eram apenas cinco salquiezinhos com um laboratório mixuruca. No lugar dos sálquie, você não teria receios?

— Isso é proibido.

— Mas *quem* proibiu isso, criatura de Deus, ou de Elpa, ou de sei lá quem? É como o bandoleiro proibindo suas vítimas de andarem armadas!

— A Potestade não é bandoleira! *Elpie* nunca se comportariam dessa forma.

Derek tornou a sentar-se esparramado no chão.

— Bem, seja como você quiser. Acho que me empolguei demais. Você dirá que não conheço a Potestade e o outro lado da história... É gozado, mas... eu também nem conheço direito o *meu* lado. E, apesar disso, sei que isso é assim. É inconcebível que eles mintam. Aliás, ainda mais improvável que dissessem meias-verdades. O assunto todo é muito importante para eles. Gimiso, coitada, tem raiva... teve os pais mortos... aliás, numa dessas ilhas entre Vantimiso e o Continente. Lu... Lu...

— Lufrre? — disse Fágol.

— Isso.

— *Derek*! — exclamou uma voz alarmada.

O humano e o prisioneiro olharam assustados para o nada. Não apenas as trevas haviam absorvido as suas palavras.

Gimiso adiantou-se, ainda contra o vento, e ajoelhou-se ao lado de Derek. Ele segurou-lhe o braço tenso.

— Ah, é você? — e emendou, em português: — Você estava aí faz tempo?

A sálquile despertara com o grito do soldado.

— Sim, Dek, perdoe-me. Mas você não deve falar mais!

— O que vocês estão dizendo? — perguntou Fágol, inquieto.

— Ele tem razão — disse Derek, em vini — Não é educado conversar diante de alguém numa língua estranha.

Um curto silêncio caiu sobre os três. Mas Fágol ainda estava excitado com alguma idéia.

— Você é filha de Gul Darrssaii?

Ela hesitou. Seu pai fora um importante diplomata da Ilha. O que o liagávi faria com essa informação valiosa? Derek, porém, não atinara com nada disso.

— Era esse o nome do seu pai?

— Sim — respondeu ela, simplesmente.

Fágol grunhiu melancólico. Todo o seu corpo parecia ter murchado sob as cordas. Derek não viu nada, mas Gimiso percebeu-lhe uma comoção. Respirava apressado e sentia-se indeciso com alguma coisa. Foi só depois de muito tempo, enquanto Derek e Gimiso aguardavam se protegendo do vento frio, que ele finalmente disse algo.

— Eu gostaria de me virar. Tenho... tenho algo para lhe mostrar.

— Mas *agora*? Teríamos que acender uma fogueira!

— É importante — insistiu o liagávi — E será breve.

Depois de uma pequena vacilação e consulta mútua, invisível mas tátil, Gimiso ajudou Derek a preparar outra das suas esbeltas fogueirinhas de manual. O humano desamarrou os pés e as mãos de Fágol, que nem parecia notar que estava sob a mira do seu próprio imobilizador. Na esquálida luminosidade, que contudo foi suficiente para cegar as pupilas acostumadas à escuridão, Derek reparou como Gimiso mantinha-se firme e severa, apontando o cilindro metálico para o viniorri, que se alongava e espreguiçava, e que afinal ficou em pé, encarou-a rapidamente e rapidamente desviou os olhos. Levou então as mãos ao cíngulo que prendia o manto; Gimiso e Derek suspeitaram de algum truque, mas Fágol os acalmou com um gesto firme. Apenas murmurou um pedido de desculpas à sálquile.

O liagávi despiu então a parte superior da túnica e virou-se de costas. Gimiso teve que se concentrar um pouco para vencer o pudor e observar as estranhas marcas sobre o pelame do viniorri. Suas costas estavam atravessadas por longas cicatrizes em diagonal, de cima para baixo e de baixo para cima, cruzando-se, como se fosse a pele retalhada de alguma ave. Em alguns pontos, o pelo já encobria os cortes; noutros, porém, especialmente naqueles onde suas costas se apoiaram nas

árvores, pequenas manchas vermelhas assinalavam o lugar onde as feridas se reabriam. Um símbolo estranho fora marcado em seus ombros com fogo; o símbolo dos que foram covardes, conforme Derek saberia tempos depois.

O humano soltou um palavrão.

— Mas por que você não nos avisou? Isso deve estar doendo uma barbaridade!

Mas Fágol parecia não ter ouvido. Permanecia de costas.

— Vê essas marcas, sálquile? Consegui-as graças ao seu pai.

Gimiso olhava atarantada.

— Eu estava no navio que fazia a escolta da sua família para Salúquin. Mas os planos foram alterados. O comandante recebeu instruções de Vessin para atacá-los, aproveitando-se do mau tempo, pois todos eles criam que assim poderiam explicar o desastre. Uma colisão com rochedos. E, para eliminar qualquer possibilidade de suspeitas entre a nossa própria gente, o comandante deveria fazer a nossa própria embarcação desaparecer.

Depois de ter dado um bom tempo para que Gimiso, caso estivesse realmente interessada, conferisse a autenticidade daqueles ferimentos, Fágol vestiu-se de novo. Tinha nos olhos desta vez uma expressão perturbada; era como se as palavras teimassem em querer subjugar a sua fala metódica.

— Suspeitas? Quais suspeitas? — disse Gimiso.

O viniorri sorriu.

— Nem todos os do Sudeste aprovam esta guerra, sálquile. Não creio que seja por nobreza ou por amor aos ilhéus. Muitos ainda guardam na memória os seus antepassados escorraçados nas Guerras Antigas.

— Mas o que é que essas feridas têm a ver com isso? — perguntou Derek.

Fágol sentou-se e abaixou a cabeça. Dificilmente olhava alguém no rosto.

— Eu fazia parte do alto comando daquela esquadra. Não sou exatamente um simples soldado, como você disse antes, humano, mas tampouco sou um oficial importante. Tomei conhecimento daquela ordem, mas não pude crer que fosse ser levada a cabo, até que me vi flutuando no mar sobre alguns destroços do casco. Naturalmente, o porto enviara com antecedência embarcações de socorro. Mas vários dos nossos se afogaram. Alguns antigos amigos inclusive.

Cobrou um pouco mais de ânimo antes de continuar.

— De volta à terra, a salvo, decidi encarar-me com o chefe dos Portos. Sabia que era imprudente e que eu estava ainda muito exaltado, porém decidi que não seria oportuno me conter. Estava triste por meus amigos, e pelo expediente ignóbil de que lançaram mão para silenciar o seu pai — e então, arriscou encarar diretamente Gimiso — Os líderes dos Portos ativeram-se a este último protesto, e me acusaram de procedimento subversivo. Fui chicoteado, passei algum tempo nas ilhas de segregação e perdi várias prerrogativas da minha patente. Esta missão à perdida Tarrajcalo foi a primeira que tive no último *lei*.

Gimiso ouvia atenta, desconfiada e confusa.

— Por estranho que isso possa parecer... eu orgulhei-me deste castigo.

Fágol espreguiçou-se e esfregou os punhos. Só então Derek deu-se conta de que ele ainda estava solto.

Um pesado silêncio cercou a tíbia fogueira. Cada um cuidava das suas impressões; como as do humano eram quase sempre as mais triviais, foi ele que falou primeiro.

— Bem, Fágol! É uma história incrível!

Fágol sorriu pela segunda vez.

— Não é tão incrível como a *sua* história.

— Oh, então suponho que devemos acreditar em você!

— Fará alguma diferença?

Então, um relâmpago de lucidez brilhou na mente de Derek. Examinava uma idéia absurda que lhe fazia sorrir.

— Ainda não sei — disse ele.

Gimiso gritou aflita. Derek entregou o imobilizador ao prisioneiro!

Fágol, desconcertado, apanhou a arma no ar como se fosse aparar um vespeiro que vem caindo. Encarou boquiaberto o humano, tenso mas sorridente, e fez um movimento inconsciente para destravar a arma. E estacou. Gimiso estava petrificada na sua última posição, com um braço no ar estendido para Derek e o outro na direção do prisioneiro, acompanhando a trajetória que o pequeno bastão metálico fizera no ar. Por um intensíssimo momento, Fágol viu à sua frente a filha de um famoso diplomata e um alienígena com incríveis e valiosos poderes ocultos. Um pouco mais atrás e para baixo dos seus olhos, viu também o seu próprio opróbrio entre a casta guerreira de Viniorr, quando foi acusado sozinho perante a Audiência dos Portos, os silêncios antes, durante e depois da acusação, as chicotadas que rasgavam sua carne e sua reputação, o isolamento, a fome e os fedores das nuas ilhas de reclusão, a vergonha da sua vontade e dos seus afetos dissonantes e incompreendidos. O hediondo estigma do despojado, do renunciado, do simpatizante da barbárie ilhéia. O imobilizador era, ao mesmo tempo, a sua resposta e a sua chance...

Gimiso sentiu suas pernas amolecerem. Caiu de joelhos ao lado de Derek.

De alívio.

Fágol tornou a travar a arma e devolveu-a ao humano.

Derek ainda tinha aquele sorriso meio insano estampado no rosto, mas por dentro também amoleceu, e muito. Fágol ainda acompanhou cada movimento das mãos do humano, até que o imobilizador desapareceu entre as franjas da sua túnica, mas por fim desviou os olhos. Passara no teste.

Derek finalmente sentou-se também. Parecia muito contente.

— Muito bem! Agora todos podemos acreditar em todos. E então, o que fazemos?

O viniorri inspecionou os arredores, com seu olfato e audição apurados.

— O sálqui doente vai atrasar a nossa marcha.

Gimiso e Derek se entreolharam e encararam o soldado, mas não tiveram tempo de comentar nada.

— Eu sou médico — completou Fágol.

IV

Quando já amanhecia e Lass trazia sua luz, porém ainda não o seu calor, uma estranha infusão de ervas borbulhava no meio da silenciosa assembléia da floresta. Fágol cortou um pedaço da borda da sua túnica e deixou-o ferver no mesmo caldo, observando atentamente o aspecto ora da sua poção, ora do seu paciente. Puxou o trapo com um graveto e, muito jeitosamente, com método, limpou novamente cada uma das feridas de Larrin. Aplicou as folhas ainda quentes sobre a testa do sálqui; Derek reconhecia aquele estranho odor, cítrico e doce. Era o cheiro de abelhas esmagadas (tivera uma agradável surpresa ao aplicar o nariz sobre uma abelha que matara havia anos).

— Isso não vai curá-lo — disse Fágol, de repente — Mas servirá para que não piore, enquanto não encontramos remédios de verdade.

Enquanto Gimiso e Derek faziam seu frugal desjejum, seu ex-prisioneiro embrenhou-se na mata em direção à praia. Demorou bastante, até quase o próprio Derek começar a desconfiar de alguma coisa. Quando finalmente retornou, trazia uma garrafa com água do mar. Misturou-a com a água do riacho Anesca que ainda traziam consigo, fria como se ainda jorrasse da fonte, e deu-a para Larrin. Espantados, Gimiso e Derek notaram que Larrin parecia despertar; bebeu sofregamente quase três dos grandes copos sálquie.

E até abriu os olhos, já agora com as órbitas no lugar.

— Obrigado — sussurrou para Fágol.

Sua voz não traía a surpresa que seria de se esperar em qualquer sálquie que acordasse sob os improváveis cuidados de um liagávi. Mas isso tampouco surpreendeu a Derek: o cheiro de Fágol já acompanhava Larrin desde o abandono do acampamento de Tarrajcalo. Por menos que o tivesse visto, já o farejava havia muito tempo. E então, Derek deu-se conta desse seu raciocínio, e sorriu. Será que já estava pensando mais como um segusiano?

Fágol e o humano improvisaram uma padiola com as alças das mochilas e pedaços das mangas das túnicas, de tal forma que agora ambos pareciam estar usando saiotes escoceses e camisas regata.

Andaram, andaram, andaram, obstidanamente, por todo o dia, sob a coberta das árvores e de volta às fofas areias de uma longa praia desconhecida, areias que cobravam um pequeno tributo de cansaço a cada passada, sob um sol (agora, sim!) escaldante, apesar do inverno nominal, que fustigava e queimava ao rubro a face e os braços de Derek. Isso ainda mais o transformava num objeto de curiosidade para Fágol, que ainda desconhecia aquela pitoresca propriedade da pele humana.

As saborosas águas do Anesca foram rapidamente consumidas, logo nas primeiras horas da jornada. Contudo, o destino dos andarilhos certamente não era a morte pela sede. Com efeito, tinham que transpor, com uma freqüência até excessiva, vaus e pequenas fozes de rios por trechos ou de areia úmida e lamacenta, ou de água pelas canelas, misturada com a terra vinda lá do interior do Continente, das próprias entranhas da Potestade, terra vermelha como o sangue que derramavam durante sua expansão, bem diferente da lama escura da desembocadura do Anesca, sugada das montanhas Negras, agora mais e mais raras.

Ao entardecer, precisamente quando o tempo subitamente refrescara, anunciando a álgida noite, os três pararam para repousar. Apesar de não terem tido nenhum contato com ninguém, ou avistado qualquer sinal das embarcações liagávie, não queriam arriscar um périplo noturno sob a luz de tochas. Até porque, com o forte vento que varria a praia aberta, dificilmente permaneceriam acesas.

As provisões, reunidas às pressas, essas sim rareavam mais depressa! Derek surpreendia-se com o pouco que Gimiso e Fágol comiam, para o muito que andavam. Não seria absurdo pensar que eles poderiam continuar ao mesmo passo por mais um dia inteiro, e outro ainda, sem comerem nada que fosse. Era como se os alimentos, em situções críticas como aquela, mais lhes estorvassem o organismo do que ajudassem. A fibra dos segusianos era muito maior que a dele próprio, que, mes-

mo tentando se concentrar na caminhada, logo desistiu de querer imitá-los, e devorava rapidamente seu pequeno quinhão de tivla.

Felizmente, conseguiram encontrar um abrigo antes de que escurecesse de vez. Embora sentisse que fosse desmaiar de cansaço, Derek queria ainda se proteger o melhor possível dos ventos frios da noite. Os blocos de pedra encalacrados na areia formavam uma pequena barraca natural, mas havia frestas por todos os lados. Depuseram Larrin no canto menos desagradável, e Fágol auscultou-lhe o peito e o pescoço antes de sentar-se.

Gimiso e o humano sentaram-se lado a lado. Derek estava cabisbaixo e encolhido, sentindo os braços e pernas trêmulos e a dor nos ombros e rosto queimados de sol, sensíveis à menor brisa.

— O sálqui dá sinais de melhora — disse Fágol — Mas preciso de mais água quente para preparar-lhe uma nova infusão.

Derek nem pensou duas vezes; estendeu-lhe o isqueiro com um gesto amplo e desdenhoso, de quem já não dá nenhuma importância ao fato de serem ou não descobertos. Pela primeira vez nos últimos dias, percebeu com toda a claridade o quanto estava sofrendo.

Gimiso percebera o incômodo de Derek, e acolheu de vez o corpo dolorido que seu marido, involuntariamente, ia pouco a pouco deixando desabar sobre ela. Viu logo aonde não deveria tocá-lo. Ó dor! E já nem podia roçar-lhe o nariz como na véspera!

O médico viniorri finalmente sentou-se, observando com uma discrição corretíssima aquele bizarro casal, que ainda não sabia se deveria considerar inimigos afáveis ou simplesmente malucos. Percebia que a sálquile queria fazer-lhe muitas perguntas.

— Seu pai era um sálqui corajoso, ilhéia! Nenhum de nós concordaria com as suas pretensões, como não concordamos agora com a ocupação das ilhas, contudo alguns de nós não pudemos deixar de notar-lhe a rijeza e coerência.

— Admira-me que na Potestade se possa louvar a alguém que sustente idéias diferentes das da Corte de Vessin — retrucou Gimiso, um tanto asperamente.

Ele não ganharia terreno tentando convencê-la de alguma coisa passando-se por benfeitor da memória do pai. Disso, Gimiso estava segura.

— Da mesma forma que ainda admiro o fato de ainda estar há três dias vivo como um prisioneiro entre os sálquie, com todas as partes do meu corpo intactas — disse Fágol, equânime.

Derek percebeu que ele possuía um temperamento semelhante ao de Ladon.

— É possível então que existam no Sudeste amigos de Vantimiso? — perguntou Gimiso, irônica.

— Além dos poucos ilhéus que se estabeleceram entre nós, que velam as sepulturas de Tarrilan e Sancaaton, estou certo de que vocês não têm *amigos* no Sudeste. As Sepulturas estão com seus dias contados, o que para nenhum liagávi será ocasião de mágoas. Porém, posso dizer-lhe que vocês conseguiram estranhos aliados entre os *podiajj* das minhas terras, e de outros países do Continente.

— Quem são esses *podiajj*? — disse Derek.

Fágol inquiriu Gimiso com um olhar, mas ela tampouco conhecia mais sobre essas criaturas do que as incertas referências que circulavam no Conselho da tribo de Lufrre. O médico encostou-se num tronco de árvore, fechou os olhos e suspirou longa e suavemente. Parecia ter-se desligado um pouco da sua situação, das caminhadas penosas do dia, da sede, do calor, dos sálquie, e se transportado até o seu país. Parecia até feliz! Grunhia uma cantiga da sua terra, calma e melodiosa.

— Para mim, eram como uma espécie de lenda. Temos apenas poucas referências confusas e estranhas, que nos chegam através dos Portos ou de Salúquin. Parece-me que eles são liagávie especiais e curiosos, que não contam com as boas graças da Corte de Vessin — disse Gimiso.

— Há verdade nisso, sálquile.

Fágol, mesmo cantando baixinho, ainda prestava atenção a tudo.

— Entretanto — continuou Gimiso —, o número dos *podiajj* cresce de dia para dia. Até onde eu entendo, isso é um motivo para espanto. Foi a primeira vez que soube que poderia haver lugar para uma vontade divergente na Potestade.

Fágol abriu um pouco os olhos e encarou-a por um instante.

— Teria sido a *única* vez?

Gimiso abaixou a cabeça. Mesmo sendo seu inimigo, tinha que respeitar a patente do médico. Ainda não queria se dar por achada.

— Suas cicatrizes me surpreenderam pela segunda vez.

O liagávie de Viniorr por muito pouco não deixou escapar uma expressão de agradecimento. Limitou-se a sorrir e tornar a fechar os olhos.

Derek sentia-se exausto e mole, como se tivesse apanhado o dia inteiro. Pescoço, pernas, braços, pés; sentia fisgadas em todas as partes. Que houve com seu físico esportivo da faculdade? Os seis meses em Tarrajcalo foram assim tão problemáticos? Bastante zonzo, espirrou, mas ainda estava vivo.

— Mas, afinal, *quem são* os *podiajj*?

Teria dito alguma bobagem? Fágol e Gimiso o olharam atentamente. Percebeu então que, a seus olhos, Gimiso já estava quase de ponta-cabeça, e tentou aprumar-se. Mas acabou despencando para o lado oposto.

— Dek, deite-se aqui — disse Gimiso, indicando um espaço de chão limpo do cascalho.

O médico agora não desgrudava os olhos de Derek.

— Você está doente, humano.

— Não! — bradou Derek — E quer parar de me chamar de *humano*? Eu já falei que meu nome é Derek. E agora, em nome dos céus, pela terceira vez, *quem são os podiajj*?

Fágol cruzou as pernas e falou, dirigindo-se à fogueira, às pedras, às árvores dali de fora ou às estrelas. Sentia-se incomodado pelo olhar vivo da sálquile, mas havia algo nos olhos de Derek que lhe despertava um estranho temor. Tinha medo da submissão incondicional que aqueles olhos reclamavam. E isso era tanto mais horrível quanto mais se convencia de que aquele humano não percebia!

— Estritamente falando, *podiajd* não é alguém, mas sim um estado. Na nossa língua, significa “estar despojado”, ou “nu”, e isso reflete dois aspectos da sua condição. O mais imediato, a sua principal característica, é precisamente o fato de andarem nus. Os que são *podiajj* há mais tempo vivem nas florestas e pouco se interessam pelas azáfamas das tribos. Contudo, os que ainda são recentes continuam, por algum tempo, cada vez menos, a aparecer nas reuniões dos conselhos, e até na própria Corte, eventualmente. Estão espalhados por toda a Potestade, ao contrário do que muitos ilhéus acreditam. Não vivem confinados numa região, como os seus *ussule*.

Derek não estava entendendo, mas como Gimiso ouvia o médico com atenção redobrada, decidiu não interromper.

— Na minha tribo, pouco antes da minha partida, havia quatro ou cinco jovens *podiajj*. Alguns deles foram milicianos. Entraram na Sala do Conselho e ficaram ali por horas. Observam tudo e todos. Quando tinham vontade, urinavam ou defecavam aonde estivessem. Por vezes, os que ainda sabiam fazê-lo, interrompiam e falavam alguma coisa. Quase sempre, insensatezes a respeito da Corte e do Soberano. Depois, da mesma forma que vinham, iam-se embora.

Mesmo todo dolorido, Derek ainda conseguiu rir um pouco.

— Mas isso é completamente absurdo! Como assim? Como é que se deixa um bando de nudistas entrar numa reunião, e ainda mijar, cagar, reclamar e ir embora sem limpar? Por que ninguém faz nada?

Fágol ainda não olhava para Derek. Nem ele nem Gimiso pareciam achar nada engraçado.

— Ninguém se atreve a molestar um *podiajd*. Nada pode atingi-los, eles nada têm exceto sua própria alienação. Não integram *de fato* o Escudo de Vessin, e aos olhos do povo, isso é motivo de

um certo respeito misturado com temor. É preciso muita coragem, na opinião deles, para ser um despojado. Uma grande estupidez, na minha opinião.

— Mas... como? ... por quê? — perguntou Gimiso, baixinho, meio incrédula.

— Os *podiajj* nem sempre existiram. Os primeiros surgiram há centenas de *leie*, pouco depois de Tactlai-Vilárrentla, líder das tribos do País de Vessin, iniciar sua campanha de restauração do culto a Elpa.

À menção daquele nome, o rosto da sálquile petrificou-se. Fágol já o esperava.

— O Pai da Potestade Liagávie — disse ela, secamente.

— É exato, sálquile. Mas sei que vocês preferem recordá-lo pelo nome que alguns de nós mesmos lhe demos, o de Gat Dúc, o "Líder Monstro".

— Diziam que seu aspecto era terrível. Que eram poucos os que suportavam a sua presença. Mais se assemelhava a uma fera do que a um liagávi.

— É o que dizem as lendas. Também se diz que o próprio primogênito de Tactlai foi o primeiro *podiajd* de Segusii. À medida que o Sudeste ia sendo reconquistado, mais e mais *podiajj* surgiam, tanto em Vessin como nos territórios aliados.

— Mas qual a relação entre as duas coisas? — perguntou Gimiso.

Fágol sorriu, de olhos semicerrados, que pareciam aquecer-se ao fogo. Havia um quê de satisfação orgulhosa naquele sorriso, inexplicável para os outros dois.

— Como é fato conhecido entre vocês, ilhéus, Tactlai-Vilárrentla condenou o medo. Elpa nunca retornará para um povo de escravos. Queria-nos livres, os legisladores de Segusii e os Senhores da Matéria. E tudo isso ainda estava por fazer! Por milhares e milhares de *leie*; tudo por fazer! O medo era o obstáculo. Competia aos filhos de Arren a iniciativa.

— Isso é o que *vocês* dizem! — exclamou Gimiso.

— Os ilhéus renegaram sua missão, sálquile; você não o percebe? Qual a causa de todas as pestes, fomes e invasões que assolaram Vantimiso ao longo das eras? Disse ao seu humano que a Vulnerabilidade é uma absurda corrupção da vontade de Elpa para este mundo. Daí que tenha sido abolida por Tactlai em Vessin. A partir daí, a Potestade experimentou um crescimento e um esplendor incomparáveis, como nunca fora visto em Segusii, e como nunca se verá novamente.

— Mas isso foi feito a custo de sangue! As armas começaram a ter nomes próprios *depois* de Gat Dúc! Foi pelas mãos de vocês que Tarrílan e Sancaaton encontraram a morte! Enquanto nós lhes enviávamos missões pacíficas, e para Plátie e Dárrie, e para todos os povos do Sudeste, vocês enviavam-lhes exércitos! Como se atreve a justificar isso?

— A causa da Potestade é a causa de Elpa, sálquile! Vessin é o arauto *de fato* da Sua vontade. Nós servimos aos Seus interesses. Como o próprio Tarrílan, a quem vocês dizem admirar e respeitar, disse: "na terra onde não existem sálquie, seja o sálqui daquela terra"...

Gimiso gritou e tapou os ouvidos.

— Mas como você tem a petulância de distorcer dessa forma a verdade? — inclinou-se de dentes arreganhados. Derek achou que ela fosse partir para as vias de fato — E nos chamam de *dúcdie*; a *nós*? Mas se são vocês que trazem sobre o próprio pelo o estigma da sua iniqüidade! É bem verdade o que se conta na Ilha, que foi apenas depois de Gat Dúc que os liagávie começaram a nascer malhados!

Fágol fuzilou-a com seus olhos cinza-escuros. Mas desta vez Gimiso não baixou a guarda, e isso o enfureceu ainda mais.

— Cale-se, sálquile! Não faça com que eu me arrependa de ter aceitado esta trégua!

Derek viu que teria que intervir.

— Ei, ei, vamos com calma! Não estamos no melhor momento para discussões religiosas. E, Fágol... não sei qual é a praxe aqui entre vocês, mas na minha terra não se fala com uma mulher desse jeito. Não é educado. Vamos agir como seres humanos... quero dizer, como *pessoas* adultas, certo? Aliás, nos desviamos do assunto dos *podiajj*.

Fágol e Gimiso se acalmaram, ao menos aparentemente. Mas Derek reparou, assustado, que estava suando frio. Sua voz parecia ter vindo lá de longe.

— Os *podiajj* são os fracos que se opuseram passivamente às diretrizes da Potestade. São fracos que recusaram à sua pessoalidade.

— São suicidas espirituais? — disse Gimiso — Então, é verdade que essa é a única maneira de ter uma vontade diferente no Sudeste?

— Se lhe serve de consolo, sálquile, — retrucou Fágol — achava-se que o final do processo do despojamento iria conduzir fatalmente a algo parecido com um ilhéu. Mas viu-se que eles decaíram ainda mais. Os *podiajj*, depois de um *lei*, já não passam de animais. Sem inteligência, sem vontade e sem afeições livres.

— E qual a conclusão que vocês tiram disso?

— Conclusões? Nada há que concluir. Exceto, talvez, que, quanto maior a grandeza do desafio, mais aviltante a situação do traidor.

Gimiso sacudiu a cabeça.

— E porque esse ódio aos *ussule*?

— Já mencionei antes que esse ódio não existe.

— Você não acredita nisso; não é possível tanta cegueira! — exclamou a sálquile.

— Ei, Gimi, não fale assim... — disse Derek, num fiozinho de voz. — Senão nós vamos começar tudo... tudo...

Foi interrompido por um surto de tosse. Sentia sua garganta em chamas, como se ela também tivesse sido bombardeada pela luz de Lass.

— Dek? Dek? Você está bem?... Dek, sua testa! Oh, Elpa!... Está quente, muito quente!

Fágol aproximou-se. Auscultou-lhe o peito, farejou algo na sua face e mediu-lhe a temperatura com o dorso da mão.

— Eu disse que você estava doente, humano.

Derek estirou-se no chão, vendo estrelinhas com os olhos fechados, o corpo mergulhado em febre.

V

Quantas vezes Derek foi e voltou e foi de novo, da Antártida ao Saara? Quanto tempo ele passou assistindo a todos os pesadelos que jamais teria imaginado, participando das aventuras mais bizarras, protagonizadas por todas as pessoas que conhecia e que não conhecia? Por quem ele não chamara, várias vezes, durante os seus delírios? Dias, semanas de calafrios poderiam ter se passado, que ele não teria estranhado.

Daí sua primeira surpresa ao despertar, na manhã seguinte, com o brilho de Lass dando em cheio no seu rosto. Teve que esperar alguns minutos para se acostumar com tanta luz. O dia estava lindo, o céu lilás completamente limpo. Derek tinha frio. Estava alquebrado, mas estranhamente lúcido. Tentou se desvencilhar do cobertor que o embrulhava, para conseguir se proteger da luz do dia.

Estava só. Gimiso e Fágol haviam sumido. Larrin também não estava mais naquele canto onde o deixaram. Aliás, o canto também já não estava mais lá! Ah, não!, ali estava ele, do outro lado. Na verdade, fora ele que tivera sua posição alterada havia pouco, para que o sol não lhe incomodasse. Mas os fachos de luz, passado algum tempo, aprenderam um novo caminho por entre as árvores para lhe acertarem novamente.

Onde estaria Gimiso? Lembrou-se de repente da altercação entre ela e o médico viniorri na noite anterior. Que diabos! Por que ficar doente justamente quando ela talvez estivesse precisando de proteção?

— Gimi! Gimi! — chamou, o mais alto que pôde. Sua garganta estava bem melhor.

Ouviu alguns passos apressados por trás da pedra que lhe bloqueava a vista do mar.

— Dek! Dek, que bom que você acordou! Eu sabia que você iria se recuperar. Como se sente?

— Médio... uma queimação nos ombros, e as pernas duras.

— Sua febre baixou bastante durante a noite. Acho que você só precisava de um bom descanso.

— Que horas são?

— Já é quase meio-dia.

— Uau! Fazia tempo que eu não dormia até tão tarde! E onde... onde está Fágol?

— Foi buscar mais água no último rio que atravessamos.

— Nossa! Ele vai levar um tempão!

— Talvez nem tanto. Sozinho, ele pode ir mais rápido.

— Claro, claro... Aliás, ele... ele tratou-lhe bem? Vocês estavam um pouco esquentados ontem à noite.

Gimiso baixou a cabeça e as orelhas.

— Fágol foi muito gentil, Dek. Ajudou-me a acomodá-lo para a noite, e depois foi procurar um lugar para dormir. Mal trocamos algumas palavras.

— Que bom!...

— Eu fui uma tonta ontem, Dek, perdoe-me. Não devia ter provocado Fágol como fiz.

— Não se preocupe. Acho que lhe entendia, e acho que você fez aquilo que deveria ter feito.

A sálquile olhou-o fixamente, embebendo-o com o seu calor.

— Por que você diz isso, Dek?

A verdade é que nem Derek saberia explicá-lo direito. Malditas frases feitas, que te deixam na mão assim que são pronunciadas! Coçou um pouco a testa e teve que pensar.

— Bem... eu não sei! Mas é uma impressão gozada. Em parte, porque eu acredito piamente que ele está enganado. Toda a argumentação dele baseia-se na premissa de que vocês são uns covardes. E eu *sei* que isso não é verdade. Veja, você, Larrin e eu estamos numa situação perdida, que não lhe diz respeito. Mas, vendo-o falar, tinha a impressão de que quem estava com medo era *ele*;

que é ele quem está defendendo uma causa desesperada. Você não percebe?... é estranho. Ele não fala como você, como Zutarrs, ou como *áquile* Tilec.

Gimiso só o observava, todo o seu semblante curioso para o seu amado.

— Eu tive um colega assim na faculdade... quero dizer, mais ou menos como Fágol. Ele fazia um bico vendendo cosméticos para uma loja numa grande feira da minha cidade, aos sábados. Ganhava, por sinal, uma boa bolada com isso. Mas eu sempre o achei um péssimo vendedor. Sempre que ele se punha a falar dos seus xampus e desodorantes, tudo soava meio falso. É gozado, não dá para explicar direito, é só uma impressão... você quase podia ver na testa dele quanto ele ganhava por minuto de propaganda, quando ele estava falando. Você entende?

— Sim, Dek.

Derek ajeitou-se melhor sob o cobertor.

— Pois é... Fágol me dá a impressão de que *tem* que acreditar nos seus xampus e desodorantes. E acho que ele tem medo de vocês, porque vocês têm... produtos melhores...idéias melhores, não sei. É... é isso! Oh, mas... droga! Acho que ainda estou delirando! Você já teria percebido isso!

Gimiso estava profundamente admirada.

— Não, Dek! Nunca havia pensado dessa forma! Nunca ninguém me explicou um liagávi dessa forma.

— Você acredita naquilo que ele contou sobre o seu pai, e os açoites, etcétera?

Ela franziu o rosto. Derek apertava-lhe as mãos.

— Sim, Dek, acredito. Ele mesmo o vem provando com a sua atenção. Acredito, embora, por um momento, desejei que não fosse verdade. Porque... porque agora... agora... sou obrigada... devo compreendê-lo.

Derek olhou-a nos olhos, e ela não agüentou. Ele sorriu e puxou-a para si.

— Entendo, entendo! Mas, Gimi! Sede de vingança não fica bem em você! Sei que se trata da sua família. Sei que não capto muito do que se passa nas altas freqüências entre vocês; sou de fora. Mas só sei que isso te enfeia! É dessas poucas coisas que tenho certeza, por enquanto.

— Você não vai me desprezar por me ver tão intolerante? — perguntou a sálquile, deitando a cabeça sobre o peito coberto de Derek.

— *Eu* desprezar *você*??? Mas, Deus do Céu! Se *você* tem coragem e estômago suficientes para *me* aceitar, como é que *eu* poderia *te* desprezar? Não seja tonta, sua tontinha!

Gimiso sorriu, e esse sorriso deixou Derek tão feliz que ele se sentia agora forte e com disposição suficiente para levantar-se e ir correndo até Salúquin, carregando Gimiso nas costas, junto com Larrin, Fágol, todas as mochilas e até as suas benditas fogueirinhas. Ia percebendo assombrado que nem todo o material radioativo era perigoso!

Então, pela primeira vez, Derek acariciou Gimiso, afagando-lhe a cabeça e fazendo-lhe cócegas atrás das orelhas. Lembrou-se sem querer do que Larrin lhe disse certa vez, sobre os costumes de Vantimiso. Só se deitam as mãos sobre um sálqui em uma de três hipóteses: quando ele é um filho, um cônjuge ou um inimigo de guerra.

Quase uma hora depois, Fágol retornou com as garrafas cheias de água. Ao notar que Gimiso e Derek estavam juntos, deu uma longa volta pela praia para chegar à cabana de rochas pelo outro lado. Quando se aproximou mais, Gimiso tocou de leve o nariz de Derek e retirou-se.

O viniorri estava sem a parte superior da túnica. Derek podia ver o estranho padrão de cores dos pêlos, de várias cores diferentes, cercando uma grande região branca no meio do peito, que se estendia pelo pescoço, pela face, e terminava na famosa estrela sobre a testa.

— Vejo que está melhor, *Dedek*.

— Me chame de Dek. Sim, estou me sentindo bem melhor.

— A companhia da sálquile tem-lhe trazido benefícios.

— Sim, é verdade. Viu como você estava enganado antes?

Fágol sorriu.

— Ei! — disse Derek — Aonde foi parar o resto da sua túnica?

— Como? Você não sabe?

— E por que deveria saber?

— Você está envolvido por ela… Dek.

O humano olhou para seu leito improvisado. De fato, aquilo que julgara um cobertor era apenas o surrado manto de viagem de Fágol.

Derek ficou alguns segundos perplexo, e riu a não mais poder.

— Surpreende-me que você ainda permaneça vivo, humano.

— Pois é. Acho que a seleção natural tem sido boazinha comigo.

O médico sentou-se a uma distância cortês, ruminou um pouco e perguntou algo que parecia estar trazendo dentro de si já há algum tempo.

— Você não consegue identificar-nos pelo odor?

— Eu? Não, não, nem um pouco. Não sei dizer nem qual é o *meu* cheiro.

Recostou-se de novo. O vento agora era agradabilíssimo.

— Você está fazendo experiências comigo? — perguntou Derek, à queima-roupa.

— Como assim?

— Se por acaso você quiser saber algo de mim, é só perguntar.

— Refere-se à minha túnica? Não, não fazia quaisquer experiências. Você precisava de aquecimento homogêneo.

— Bem, muito obrigado. Você não passou frio à noite?

— Não.

— Onde você dormiu? Gimiso falou que você foi procurar um outro local.

— Naturalmente.

Mais um daqueles horríveis *Naturalmentes*!

— Oh, havia me esquecido! O assunto dos sonhos! Perdoe-me; eu me esqueci.

— Ainda há um outro motivo, e é por esse que peço que me devolva o manto, se não necessita mais dele. Sua sálquile não vai se aproximar daqui enquanto eu estiver deste jeito.

— Desse jeito, como?

— Com os pêlos descobertos. Não sabe?

— Não.

— Não se exibem determinadas partes do corpo a outras…

— Ah! — interrompeu Derek — Isso sim, me avisaram, sobre as caudas.

— Não só as caudas. Em nenhum lugar destas terras, seja Vessin ou Vantimiso, é permitido andar desta forma.

— Ahnnn… mais uma para o *Código de Ética Indumentária de Segusii*. E por que então você está desse jeito diante de mim? — brincou Derek.

— "Muito deve ser perdoado aos estrangeiros", como dizem, e afinal você é meu paciente.

Derek sorriu e entregou-lhe a cobertura da túnica.

Mais tarde, Gimiso animou Derek a uma caminhada pela praia. Tinha desejos de lhe contar mais coisas da história do seu povo. Embora não visse muito sentido nisso no momento, Derek acompanhou-a de boníssima vontade. Dali exatamente onde estavam, olhando em direção norte, viam o litoral sumir-se na brumosa linha do horizonte. A Cordilheira lentamente desfazia-se num paredão de rochas semidestruídas pela ação milenar do oceano, e um pouco mais adiante, ainda pouco diferenciado, o ponto mais meridional da grande Floresta da Desolação tocava o mar.

Derek lembrou-se de alguma coisa.

— Gimi! Estava falando outra hora de seus sonhos com Fágol.

— Sim. Ele dormiu afastado de nós esta noite.

— É, eu sei, ele me contou. Mas, me desculpe a dúvida idiota, mas e *você*? Você não sonha mais em Salúquin, ou com Zutarrs, Tilec ou Ladon? Entende o que eu quero dizer? Você agora é,

como diria, o nosso *portal de acesso* ao mundo exterior! Você não pode de alguma forma avisar alguém que estamos aqui?

Gimiso sorriu um pouco e caminhou de cabeça baixa, fazendo pequenos buracos na areia a cada passo.

— Entendo você, Dek. Mas as coisas não funcionam assim. Não controlamos dessa forma os nossos sonhos.

— Não? Mas o Larrin me disse que vocês... de alguma forma...

— Sim, que passeamos em Salúquin durante os sonhos. Mas não somos nós que decidimos isso, se é que você me compreende.

— Não. Não te compreendo.

Gimiso olhou o mar ao seu redor como buscando uma forma de explicar-se melhor.

— É como que... uma tendência natural... Só podemos sonhar onde nossa vontade almeja atuar... Como se fôssemos atraídos, e ao mesmo tempo quiséssemos ir ao encontro desse lugar.

Derek franziu um pouco a sobrancelha.

— Mas, como assim? Quem determina, ou melhor, *como* se determina, por assim dizer, aonde a sua vontade vai "almejar atuar"?

— Bem, Dek. É o que se chama de amor.

— Ahnn. Você só sonha com aquilo que ama?

— Naturalmente.

— E você não decide aquilo que vai amar ou não?

Gimiso sorriu mais abertamente.

— Sim e não, Dek. Penso que não é uma decisão totalmente livre. Algumas coisas... se impõem por si. Mais do que deliberar, acho que posso apenas concordar ou não.

— Ah, sim? Mas o que aconteceu? Não gosta mais de Salúquin? Nem de Zutarrs e os outros?

Gimiso agarrou-lhe a mão com força.

— Naturalmente que sim, Dek. Mas...

Derek perdeu o passo. Percebeu que ela ia começar a rir.

— Hein? E então?

A sálquile não lhe respondeu. Apenas o empurrou de lado.

— Quer dizer... você quer dizer com isso que a culpa é *minha*? Eu... eu abro mão desse privilégio, caso isso ajude em alguma... ei, ei! Ei! Aonde você pensa que vai?

Gimiso correu na sua frente, rindo, deixando-o plantado com as ondas batendo-lhe nas canelas. Derek ficou meio apatetado, vendo-a afastar-se.

Carry me on the waves to the lands I have never seen,
Carry me on the waves to the lands I have never been!

Riu também e saiu correndo atrás de Gimiso. Estava no paraíso.

Ao regressarem, tiveram a primeira grande comoção do dia. Larrin estava sentado, bebendo calmamente um pouco mais da infusão que Fágol lhe preparara. Tinha um aspecto muitíssimo mais saudável do que seus amigos ousariam esperar. O próprio médico viniorri, arquiteto da cura, parecia surpreso com os resultados, embora permanecesse calado, à parte, enquanto Gimiso caía de joelhos ao lado de Larrin, e lhe dava um forte e emocionado abraço, trocando afagos de focinho a focinho e dizendo uma porção de coisas sem nexo como só as mulheres sabem fazer quando estão muito felizes. Larrin exultava em silêncio.

E depois olhou para Derek e os andrajos que tentavam dar uma certa dignidade ao corpo queimado de sol.

— Pois é, Larrin. Bem-vindo ao Mundo Real. Hoje lhe oferecemos muito sol, uma longa caminhada, água e bem pouca comida. Consulte seu folheto de viagem; observe que não estamos indo a lugar nenhum. Talvez você se interesse em conhecer um grupo de nativos, que está no nosso encalço para nos matar. E aprecie a paisagem, que é grátis, enquanto temos luz, porque à noite... à noite a coisa fica preta!

— Oh, Dek! Pare com isso! — disse Gimiso — Não faça com que ele se arrependa de ter melhorado.

— Isso não seria possível — emendou Larrin —, depois de toda a atenção com que fui tratado.

Olhou diretamente para Fágol, que correspondeu com um breve aceno de cabeça. Ainda estava intrigado com alguma coisa.

— Você pode andar? Consegue ficar em pé?

— Creio que... sim... — Gimiso ajudou-o a erguer-se — ... Sim, penso que estou bem.

Caminhou um pouco sozinho. Logo achou o modo correto de pisar, que lhe doía menos. Seu problema maior não seria andar, pensou Derek, mas sentar-se apropriadamente ou deitar-se, quando as feridas se fariam sentir diretamente.

— Você pensa que agüentaria uma caminhada? Pois já perdemos muito tempo hoje; eu também passei mal à noite, mas estou melhor... e agora temos um peso a menos para carregar, Fágol e eu.

— Acredito que poderemos continuar pela costa. — disse Gimiso — Vê aquelas elevações, Dek? Bem, ali talvez encontremos uma picada aberta entre a floresta. Sim, temos que contar com isso. Vê à nossa esquerda aquela série de colinas? Ali já é a Floresta... e veja como a linha das árvores segue adiante.

— Vai avançando para o litoral. Vai nos afunilando.

— Exatamente. Aquele ponto à nossa frente é onde se encontram selva e mar.

— Me parece... uhm, mais um dia inteiro de caminhada, ou dois — disse Derek — E agora não podemos buscar mais refúgio entre as árvores. A mata é muito fechada. Longas caminhadas debaixo deste sol, vai ser incrível.

Suspirou e mediu a paisagem. Olhava para o céu lilás sem nuvens, e para o mar e para a longa faixa de areia diante deles. Calibrou mentalmente o estoque de água e as provisões minguadas do grupo. De quando em quando, falando sozinho, assombrava-se de que ainda estivessem vivos! Gimiso, enquanto isso, verificava as roupas e o pelame de Larrin — pois, pela textura dos pelos, se podiam inferir muitas coisas da saúde de um sálqui. Achava-o bem, talvez apenas um pouco mais magro. Os inchaços do rosto tinham praticamente desaparecido depois das pacientes e constantes compressas do médico viniorri. Não podia se conter ao ver seu colega tão bem (ao menos depois de tudo o que passara), e ao mesmo tempo vindo dos umbrais da morte, e vez e outra beijava-lhe as mãos e coçava atrás das suas orelhas. Larrin se sentia um pouco incomodado, mas pelo que já conhecia de Gimiso sabia que seria inútil reclamar. Deixou-se paparicar por um tempo; afinal, é bastante agradável!

Derek, entretanto, retornou das suas divagações.

— Então, Dek, que fazemos agora? — perguntou Larrin.

— Bem, continuamos!

Gimiso e Larrin desviaram do olhar de Derek, e prepararam-se para a nova jornada.

Não chegaram ao terceiro quilômetro, quando subitamente o chão sacudiu-se violentamente sob seus pés e os atirou de costas na areia. Ao mesmo tempo, um estrondo surdo começava a rugir, vindo lá de trás, da zona do acampamento, aumentando lentamente de intensidade, sinistro e persistente como as últimas lamúrias da matéria agonizante. Derek e os segusianos tentaram erguer-se, mas o ruído da explosão e o jato de ar quente, misturado com areia e água, os derrubou novamente e os asfixiava e afogava.

— Longe das árvores! Longe das árvores! — gritou Fágol, com todas as forças, e mesmo assim quase que não se ouvia.

O chão ainda oscilava ao sabor da formidável explosão, os estertores de um terremoto. O cérebro de Derek chacoalhava. Não era possível afastar-se ou aproximar-se donde quer que fosse, enquanto o chão não parasse quieto!

Então, por um segundo, fez-se silêncio absoluto. Derek viu atarantado como o mar recuava, recuava, recuava, metros e metros, deixando um rastro de areia molhada e vários recifes submarinos expostos. Ergueu um pouco os olhos e sentiu o coração cair aos pés.

No mar, à sua direita, uma linha escura alongava-se cada vez mais em direção ao horizonte, e crescia, crescia, acompanhada por um tétrico ronronar, o chiado de todas as praias do mundo. Era uma onda, uma gigantesca onda, uma muralha de água móvel que se deslocava mar adentro... e afora.

— Dek?....

Derek virou-se e cobriu-lhe o rosto.

A onda chegou à praia.

Parte V — Terræ

I

Até quando e até onde a vida o levasse, parte importante da bagagem de mão espiritual do jovem Raul seriam as lembranças daquele cruzeiro pelo grande Oceano de Segusii. A partida furtiva, na calada da noite, à luz de luas desconhecidas, sob a égide de criaturas de outras mitologias, comporiam o pano de fundo de todas as incríveis descobertas da viagem, mesmo daquelas feitas à luz púrpura dos dias de muito sol, vento frio e companhia de sálquie.

A impressão da primeira noite foi a mais forte. Zutarrs, o eterno comandante, agora responsável pela segurança do navio principal, permitiu a Raul que o acompanhasse até a própria sala de navegação. Subiram por uma escadaria ao ar livre, quase dependurada sobre o mar, e deram no pequeno aposento por uma escotilha. Lá dentro um miliciano trabalhava sentado diante dos seus controles. Talvez pelo alívio de finalmente estar a caminho de casa, ele parecia mais receptivo do que o comum dos soldados no porto abandonado. O sálqui o observava com muita curiosidade; Raul experimentou de novo o sorriso mais aceno, e desta vez foi bem sucedido. O miliciano disse algo para seu comandante, que pelo visto era engraçado.

— O que foi? — perguntou Raul.

— Mavlii, nosso piloto, fez-me duas perguntas ao mesmo tempo. Primeiro, "quem é ele?", e logo em seguida, "o que *aconteceu* com ele?"

— Ah! Estou bem, obrigado. É isso? Mavlii é o seu nome? Então, muito prazer em conhecê-lo... oh, você não me entende, mas não importa. Meu nome é *R-a-u-l*. Vamos, aperte a minha mão.

Mavlii olhou intrigado para aquela mão sem pêlos estendida para si. Zutarrs disse-lhe duas palavras, e ele entendeu. Mas apanhou a mão humana, levantou-a na altura dos olhos e, palma contra palma, enlaçou nela os seus dedos.

— Isso significa "bem-vindo", Raul.

O cumprimento sálqui! Milhões de vezes mais expressivo do que o seu bárbaro aperto de mão! Incomensuravelmente mais elegante do que um, dois ou sabe-se lá quantos beijinhos "pra casar"! Era a gota d'água que faltava para que a felicidade do humano desbordasse. Sorria como uma criança de índole fácil, aquelas que conseguem enxergar um castelo grandioso por trás de meia dúzia de cubos de madeira colorida.

— Venha até o mirante, Raul.

— Sim, sim. Mavlii vem conosco?

— Penso que não é prudente. Ele tem que cuidar do nosso trajeto.

— Sim, claro. Até... até daqui a pouco, Mavlii.

O sálqui permanecia em pé, sorridente. Quando o seu comandante e a bizarra criatura deram-lhe as costas, indo observar a janela, cheirou cuidadosamente sua mão por um bom tempo.

Mas Raul só dispunha dos olhos para engolir a paisagem noturna. Por um bom tempo, apenas balbuciou palavras desconexas, e matou na origem muitas frases.

— Meu Deus do Céu! Meu Deus do Céu! Como isto... é sensacional! É a primeira vez na vida que viajo de barco. E nem estou enjoado! Era a única coisa que me deixava preocupado... o papelão que iria fazer se passasse mal, a dor de cabeça que ia dar a vocês. O Professor Ericsson me disse para não causar problemas, mas alguns não podem ser evitados. Mas o mar está tão tranqüilo, e é tão bonito... até de noite parece que dá para perceber... ali, veja! Um azul cintilante. Parece que se vêem melhor as cores aqui... e de noite, não é incrível?

Como pai de quatro filhos, Zutarrs sabia que havia ocasiões em que era melhor ouvir do que falar.

— Meu Deus, meu Deus! Acho que estou pirando! Se o senhor soubesse tudo o que pensei no primeiro momento em que vi um de vocês... Pensei: "Não é possível! Não é *possível*! Isso não pode estar acontecendo! Isso... essa criatura aqui na minha frente... não pode ser tão... *linda*", linda é a palavra, eu acho. Pelo menos a primeiríssima que me veio na cabeça. "Não pode ser tão linda e de verdade ao mesmo tempo!" Se fosse só um sonho, acho que me suicidaria quando acordasse. Se

fosse de verdade, acho que morreria de alegria. O que o senhor acha? Não é como ficar apaixonado. É muito mais, muito diferente. Lembro-me da primeira vez que comecei um namoro. Mas isto... aquele pouso e aquela chegada foram bem diferentes. Quando me dei conta *mesmo* de que não estava dormindo, parecia... que tinha dado o primeiro passo dentro do Céu. Isto só podia ser o Céu, e eu quase acreditei que nunca mais iria dormir na vida... oh, oh, perdoe-me! Sei que são bobagens. O senhor deve ter milhões de coisas com que se preocupar agora, e eu não notei.

— Não, Raul! Não diga isso! Em primeiro lugar, engana-se no que se refere às minhas preocupações. Tudo o que podíamos fazer está feito; temos apenas que ter agora a humildade de esperar. Em segundo lugar, não posso ocultar-lhe minha alegria em saber que você se encontra tão satisfeito nesta nossa terra, mesmo nestas circunstâncias problemáticas.

— Circunstâncias problemáticas!? Mas a quem isso interessa?! Digo... perdão, perdão! É lógico que interessam a vocês. Mas o que eu quero dizer é que... é que... É que há um poeta na minha terra, de quem eu gosto muito. Meu poema preferido começa assim:

Como chorar de saudades
por uma terra desconhecida?
Como passar a vida buscando
o lugar onde se vai nascer?

"Esse poema já me fez perder muito tempo de imaginação. Acho que encontrei a minha terra desconhecida. Morrer aqui seria uma dádiva! É isso o que eu queria dizer. Bem, é por isso que eu digo que acho que estou pirando. Não faz muito sentido, não é? Mas é inexplicável. E inevitável. É uma mistura de amor com patriotismo à primeira vista. É que... sem falar, vocês me deixaram... deslumbrados! E depois, ó glória! O senhor fala a minha língua! Porque depois, conversando com o senhor, fiquei ainda mais deslumbrado. O jeito como vocês se olham. Como vocês se tratam. Como vocês nos... nos... acolheram; dava até para sentir no ar...

Raul procurou uma palavra. Veio outra parecida.

— ... como vocês nos respeitam. Vocês são incríveis; fortes e poderosos. Mas também parecem ser... normais, necessitados; gente como a gente, como a gente diz na nossa terra. Como a gente, mas nem em tudo. Alguma coisa é mais... *sibir* em vocês.

Raul então deixou-se escorar pela amurada, com o rosto radiante.

— O senhor... por favor, não me tome por louco. Pelo menos, não *ainda*. Sabe, há um escritor na minha terra chamado Dostoyewski. Os diálogos entre os personagens dele são sempre birutas; eu os acho sensacionais. É no mesmo estilo disso tudo que eu lhe disse.

Algo apertou forte na sua garganta. Zutarrs assustou-se então vendo Raul sentar-se no chão, encostado na amurada, quase ao lado dos seus pés.

— Isso é loucura. — disse Raul, num esgar — Mas antes de pegar no sono, naquela primeira noite, disse para eu mesmo que... que queria ser um de vocês. Não exatamente *igual* — fisicamente falando. Mas, meu Deus, me perdoe, mas que inveja do Derek! Eu queria ter sido ele. Daria um braço para estar no lugar dele naquele dia, no hangar, há um ano. Queria ter tido a chance de viver para sempre, para sempre, para sempre, aqui entre vocês.

Zutarrs então se sentou no chão também.

— Você percebe muitas coisas, Raul!

— O senhor acha? No meio de todo esse rolo, acho que consegui dizer coisas que nunca imaginaria. É como uma confissão, a mais feliz que já fiz na vida. Acho que nunca teria conseguido se alguém como o senhor não me perguntasse.

Calou-se por um instante.

— Oh, mas o senhor não me perguntou *nada*! — disse Raul, rindo normalmente de novo — Não perguntou nada! Só ouviu... é como num outro livro muito legal, *Manu, a menina que sabia*

ouvir. Era uma menininha que resolvia todos os problemas dos seus amigos sem nunca dizer uma palavra. Só ouvia. Grande livro.

Zutarrs parecia divertir-se mais com Raul do que vice-versa. Calaram-se por um longo tempo, perdidos nos seus respectivos devaneios. O navio bailava suave sobre as ondas bem comportadas. Isso, mais o avançado da hora, deviam causar no terceiro passageiro do Pégasus uma enérgica sensação de sono. Bocejou de leve, contudo, nunca antes se sentira mais lúcido! Lembrou-se vagamente, como de algo que acontecia com um estranho, há muito tempo, que ele costumava dormir à noite.

— Não tem desejos de voltar para casa, Raul? Seus pais devem estar preocupados.

— Sim, devem estar preocupados. Eu não avisei que estava fazendo isto.

— Isto o quê, Raul?

— Oh, eu sou um clandestino. Vim junto com o Professor Ericsson sem ser convidado. Ele ficou muito chateado quando me flagrou dentro do Pégasus. Saí de casa anteontem à noite, e nem me ocorreu pensar numa boa desculpa. Agora vejo que podia ter dito que iria passar o final de semana em São José dos Campos, que só me esperassem para dali a dois dias... mas não tinha idéia de que *isto* iria acontecer! Mesmo que eles soubessem, não me deixariam. Por isso, não pedi.

Zutarrs achou graça.

— Você é bastante impetuoso, Raul!

— Obrigado, senhor. O Professor Ericsson já me chamou de pateta uma ou duas vezes. Sabe como é... ele foi um pouco mais direto do que o senhor ao me comparar com um maluco.

— Oh, certamente ele não falava sério!

— Sim, sim, quero dizer, não, não era sério, eu sei. Eu o conheço. Quero dizer, conheço bem o Derek. E percebo agora que o Dek é a versão adolescente do pai.

Zutarrs continuava rindo, tranqüilo mas sem pausa. Que incrível companhia!, pensavam ambos.

— Gostaria de poder trazer os meus pais e os meus irmãos para cá também, senhor Zutarrs. Só não tenho certeza de que eles veriam a coisa como eu a vejo. Minha mãe talvez se assustasse. Sabe como é, ela é daquelas acostumadas apenas à companhia humana em casa, no supermercado ou no cinema. Por exemplo, foi uma guerra para eu ter o Toba. No começo ela quis morrer, mas até começou a gostar dele depois. Ela só me pedia para que eu não chegasse em casa cheirando a cachorro. É que ele ia comigo aonde quer que eu fosse. Até na faculdade. Era um doce de coco em forma de cachorro! Tinha só tamanho, mas nunca mordeu ninguém.

— Era um animal fascinante, de fato, Raul. Mas permita-me corrigi-lo: ele já mordeu alguém, ao menos uma vez.

— Quem? O senhor?

— Não.

— Espero que tenha sido o Dek, então.

— Não, não. Dek, no começo, talvez fosse como a sua mãe. Víamos que ele não se sentia muito à vontade com o Toba...

— É verdade! Nisso ele era igualzinho a minha mãe. Quando ele ia em casa, parecia que os dois se punham de acordo para me atazanar. Faziam concurso para ver quem encontrava mais pêlos no sofá. Oh, mas eu interrompi o senhor.

— Dek não resistiu por muito tempo. Toba sabia muito bem se fazer querer. Era impossível não gostar dele.

— Mas quem ele mordeu, então?

— Um soldado liagávi, quando fomos capturados em Tarrajcalo. Eles estavam apavorados com o Toba, embora estivessem em grande número. Talvez fossem quinze ou vinte. Foi por isso que o mataram, mas o comandante deles ficou muito aborrecido quando soube. O mais natural, segundo eu creio, seria que o levassem para Vessin para ser estudado. De qualquer forma, é para lá que o seu corpo deve ter sido levado.

— Putz! Pobre Toba!

— E, pensando bem agora, Raul, talvez ele tenha nos salvado a vida de qualquer forma. Também eu estive fazendo conjecturas a respeito do motivo pelo qual fomos poupados; ao menos Ladon, minha esposa e eu. Talvez os liagávie tivessem se intrigado sobre como dispúnhamos de semelhante criatura; talvez julgassem que possuíamos alguma descoberta importante. Deveríamos ter sido mortos imediatamente, de acordo com todas as expectativas. E eis que, pelo contrário, fomos apenas encarcerados em um dos seus navios.

— Eles maltrataram vocês?

— Não, Raul, não nos fizeram nenhum mal. Se bem que, sob diversos pontos de vista, estar entre eles pode se constituir num mau trato suficiente.

— Como foram resgatados? Por que não trouxeram também Dek e os outros dois?

— O navio liagávie, embora importante para sua esquadra, era pequeno. O resgate que já partira de Salúquin em nosso auxílio não teve grandes dificuldades em vencê-lo. Creio que os liagávie apenas esperavam encontrar um grupo de sálquie mal-parados na costa. De fato, não estavam errados. Quanto a Dek, Gimiso e Larrin, não estavam no acampamento no momento em que fomos surpreendidos. Não sabemos o que foi feito deles.

Raul meditava no horrível de ser sepultado por toda aquela terra extripada e revolvida que visitaram no primeiro dia em Segusii. Dek, Gimiso e Larrin só poderiam ter escapado dali voando!

— O senhor... o senhor acredita que eles possam estar vivos?

Os pêlos do cenho de Zutarrs franziram-se.

— Não, Raul. Acho que não podemos esperar isso.

II

Enquanto Lec Ericsson lutava contra sua prancheta, o mau humor e a necessidade feroz de xingar o Dr. Garmento na estação de abertura da porta, muito longe dali, num ponto completamente escuro do mar, quatro corpos à deriva eram içados das águas. Um deles, seu antigo conhecido.

À medida que o guindaste e a rede os recolhiam, um daqui, outro de acolá, assim que saíam do mar, embora desacordados, eram sacudidos por violentos espasmos de tosse. Devolviam ao mar a água que lhes enchia os pulmões, e mergulhavam num sono ainda mais letárgico. No instante em que a rede elevou o quarto corpo por cima das ondas, lá dentro do navio, em alguma cabine misteriosa, uma pequenina lâmpada verde finalmente se apagou.

O chão era duro e frio, e Derek, encharcado até à alma, sentia falta daquele corpo quente que o abraçara até há pouco. Ficaria muito irritado pela forma com que aquela proteção foi apartada de si, por isso era muito bom que continuasse inconsciente. Pois a situação era muito delicada para os que estavam acordados.

Derek finalmente despertou, de bruços, ofuscado pelos reflexos de uma lanterna sobre uma poça d'água, que lhe davam sem dó nem piedade em pleno rosto. Ouvia vozes que berravam de todos os lados, logo acima de sua cabeça. Mas tinha frio, frio, muito frio; era a única coisa em que conseguia pensar. Quando apoiou um cotovelo para tentar se erguer, a gritaria suspendeu-se e ouvia agora alguém que o chamava pelo nome. Mas não via nada, tudo era branco, molhado e enregelante, e a voz não insistiu mais. Depois de vinte séculos, conseguiu sentar-se e tossiu forte. Sua garganta estava em chamas, e sentia-se zonzo como um ébrio. Seria febre, ou algo bem pior, porque tinha a sensação de ter bebido um copo de fogo. Suas idéias estavam banhadas em sopa de sangue; quis massagear a fronte, mas teve que repelir com asco aquelas estranhas mãos frias e azuladas que pendiam do seu braço.

O pescoço e as pernas doíam (só eles por enquanto, porque muitos outros membros ainda estavam fora de contato), como se tivesse sido alvo de todos os trotes do mundo concentrados em dez segundos de matrícula na universidade. Depois da luz forte, a primeira coisa que notou foi que o resto do corpo ainda estava junto com a cabeça. Estava completo, e isso não deixou de surpreendê-lo.

Pois o enorme vagalhão por pouco não o dissolvera. Sim, sim... foi uma onda; agora que pararam de chamá-lo pôde ouvir o som do mar tranqüilo... a onda... mas ele se afogara! Recordava-se com impressionante lucidez das águas violentas que o engoliram, abriram sua boca e preencheram e lavaram cada espaço vazio do seu corpo. Não teve tempo sequer de ter medo. E tinha certeza absoluta, ou quase, de que foi debaixo da incrível massa de água que viu Gimiso desaparecendo, ao longe, para ser assimilada pela turbulência em outro lugar.

Ele morrera, mas estava melhorando. Como explicar isso? Ah! Os pés! Sentia agora os pés formigando.

— Meu Deus... eu tenho... tenho frio! Que frio!... que frio!...

— Dek?! Dek, por Elpa! Você está bem?

Era a voz de Gimiso, mas ela estava em outro planeta fora do cone de luz branca. Foi interrompida por várias outras vozes de planetas vizinhos. De vez em quando, a voz engraçada de Fágol destacava-se, mas com muito nervosismo. Nesse meio tempo, mãos, braços, pés e a quase totalidade das pernas já estavam quase cem por cento. Derek tentou ficar em pé, mas só chegou até a metade do caminho. De quatro, virou-se contra a luz forte.

— Gimi?...

— Dek! Dek! À sua esquerda... aqui...

— Onde... onde estamos?

— Humano! É melhor você permanecer calado! — gritou Fágol, de repente, ao lado do seu ouvido direito. — Ilhéia! Não o provoque!

— O que está acontecendo?

— Oh, Dek, Dek, não fale mais! — implorou Gimiso, em português, quase ganindo — Principalmente, não fale em vini!

— Vini... eu falo vini, é verdade... mas não falo, não falo, tudo bem... — Derek murmurava como um doido.

— Cale-se... Dek!! — gritou Fágol.

No mesmo instante, outra voz entrou na ribalta. E veio acompanhada pelo corpo imponente do jovem capitão liagávi. Ele repetia uma frase numa língua estranha, e de vez em quando arriscava tocar Derek com a ponta da bota.

— Eu estou com frio!

Gimiso e Larrin, amarrados num poste, a bordo do maior vaso de guerra liagávi naquelas paragens, torciam-se de angústia ao verem Derek seminu, rodeado por uma dezena de liagávie armados, com flechas e imobilizadores de todas as cores e tamanhos a três passos de todas as partes vitais do seu corpo.

Um dos marinheiros liagávie, que já havia acertado um golpe no estômago de Larrin, preparava-se para repetir a proeza no de Gimiso. Mas Fágol, exasperado, impedia-o.

— Proíbo terminantemente que toquem em qualquer um deles! — gritava, isolando com o corpo Gimiso e Larrin do marujo — Sou oficial médico da terceira esquadra do Sudeste! Estas criaturas são propriedade da Potestade e meus prisioneiros!

Fágol tinha um brilho estranho no olhar. Mais estranho ainda para Gimiso que, ao contrário de Larrin, entendia um pouco de querrcna, e sentiu o corpo murchar ao ouvir isso. Se bem que não esperava coisa diferente.

— A terceira esquadra do Sudeste já deveria estar a caminho de Vessin, Oficial — disse o capitão, enquanto ordenava com um gesto que o agressor se afastasse — Que faz aqui? Que faz aqui com esses *dúcdaie*? Que estranha criatura é esta?

Fágol estava nervoso. Sabia que um líder liagávi com medo era imprevisível.

— São meus prisioneiros! Exijo a isenção da minha esquadra!

— Acalme-se, Oficial! Você não pode exigir nada! Ainda não está claro o que fazia com esses sálquie em nossas costas!

— São meus prisioneiros!

— Já ouvi isso, Oficial! Basta!! — berrou o capitão — A terceira esquadra não tinha permissão de levar prisioneiros. Nós também não a temos. Como você ignora isso? Por que crê que a tem? Não conhece as normas da guerra?

— Este é um caso excepcional! Olhe para aquela criatura; ela não está contemplada nas normas! Por Elpa, imploro um contato com a minha esquadra e a sua isenção para estes prisioneiros!

— Sua esquadra não existe mais, Oficial! Há três dias que foram destruídos por um navio *dúcdai*, no caminho de retorno de Tarrajcalo.

Só então Fágol parou quieto por um instante. Era a sua vez de sentir o chão sumir.

— A terceira esquadra? Inteira?

— A nau capitânia e a consorte.

— Oh, Elpa! A nau capitânia! Eu... eu sou Oficial da nau capitânia!...

— Ao menos o navio de transformação foi montado corretamente. Há duas missões de reconhecimento indo para lá neste momento.

Nesse ínterim, Derek finalmente conseguiu ficar de pé, e os soldados aproximaram-se ainda mais dele. Esperavam apenas um aceno para destruir aquela estranha aparição. Ou antes, talvez menos que um aceno. Pelo terror de um desconhecido instinto de pânico aceso por Derek, bastaria um pequeno susto, um movimento mais diferente, para que ele fosse feito cinzas.

— Não! Não! — disse Fágol, exasperado. Sentou-se então sobre os joelhos, diante do capitão — Meu senhor, rogo-lhe, por Elpa, que não cause nenhum mal a estes prisioneiros!

— Isso é explicitamente contra as normas, Oficial!

— Tudo será explicado, meu senhor! Peço-lhe apenas um pouco de tempo!

O capitão pôs-se a examinar Fágol e depois Derek atentamente. E o humano fez o mesmo, embora por puro ato reflexo. *Mais liagávie!* Em geral, eram mais nanicos que os sálquie, e bem menos homogêneos. O capitão, porém, era uma exceção à primeira regra. Da altura de Zutarrs, corpulento como ele, por toda a cabeça e braços os pêlos eram brancos. Apenas a borda das orelhas e o dorso da mão eram negros, e uma faixa rosada descia do queixo até o peito. Vestia-se como o capitão da esquadra de Fágol: capa, botas e cinto azuis, túnica vermelho-sangue, e algo que parecia ser uma camiseta verde por baixo. Tinha uns olhos castanhos que ele não vira antes; eram mais claros que os de Fágol. E o que é que esse tipo quereria com ele? Por que o olhava daquele jeito? E por que os outros olhavam para esse tipo daquele jeito? Ia morrer (de novo), bem o sabia. Mas o que quereriam dele antes disso? Oh, ora... ali estavam todas aquelas armas apontadas para ele! O tipo gigante de branco devia ser uma espécie de chefe. Entretanto, ainda sob o choque psicológico da onda, e entorpecido pelo frio, Derek não parecia muito preocupado com a sua sorte imediata.

Fágol, contudo, observava alarmado como o capitão se estranhava dos olhos alienados de Derek. O estrangeiro não percebia o pânico por trás das armas que o cercavam, a insegurança que emanava junto com cada bafejo de respiração liagávi. Qualquer coisa poderia sair de um confronto daquele tipo.

Notou que a sálquile se remexia atrás de si. Sem pensar, deu dois passos em sua direção, postou-se diante dela e deu-lhe um sonoro tapa no rosto. Gimiso gritou.

— Quieta, *dúcdle*!!

Derek então ligou. O sangue que se lhe estancara no cérebro correu lépido para a face. Esqueceu o capitão, os marinheiros, as armas, e só queria o pescoço de Fágol.

— Que é isso? Que é isso? Ei! Seu f... Vou te matar, seu viado!! *Vou-te-ma-taaar*! Soltem-me! *Soltem-me*!!!

O capitão liagávi e outro marujo retinham Derek pelos braços. Pequeno trabalho agora, pois ele ainda estava muito debilitado. Mas o senhor da nave soube avaliar o potencial daquela criatura, quando curada, e se irritou bastante.

— Dek!! Não, Dek! Por Elpa, não faça isso! — implorava Gimiso, louca de desespero, ora em vini, ora em português, o rosto ardendo de indignação — Dek... por favor,... fique *quieto*!

E começou a chorar baixinho. Larrin tinha os dentes arreganhados e as orelhas baixas, mas continuava olhando para o chão. Derek estacou.

— Oficial!! — bradou o capitão, agarrando-o pelo braço — Você não tem autorização para medidas disciplinares numa embarcação de Vessin!! E... ora, o que é isto??

— Me... me largue! — disse Derek — Já estou parado!

— Dek, por Elpa, cale-se! — murmurou Larrin.

— Calem-se todos!! — repetiu o capitão, em vini claro e meridiano, mas com tal transtorno na face que parecia prestes a vomitar. — E quanto a você, Oficial, o que é que vejo aqui? Que significa esta inscrição no seu ombro? Além de viniorri, foi hóspede das ilhas de confinamento!?

Fágol não descolava os olhos do chão. Um ou outro dos marinheiros soltaram imprecações zombeteiras.

— Quero saber de uma vez por todas o que está acontecendo aqui! Por menos do que isto, já deveria ter procedido à execução de todos!

O médico prostrou-se diante do capitão.

— Meu senhor, de fato fui um covarde e fui punido por isso pela nossa gente! Há um *lei* que venho tentando redimir-me! Por Elpa e pela glória da Potestade, suplico-lhe que não faça mal à essa criatura! Imploro algum tempo para poder explicar-me!

— A criatura não será molestada, por enquanto. E que me diz dos ilhéus?

Fágol olhou para trás sobre o ombro.

— Peço-lhes que os poupe por enquanto, meu senhor. Eles possuem algum tipo de poder sobre essa criatura, e possuem valiosas informações. Tudo o que posso lhe dizer agora é que a Potestade tem diante de si uma grande... um novo tipo de poder.

O capitão liagávi meditou por um angustiante minuto. Dois sálquie cabisbaixos, um extraidor, e um monstro digno de toda a atenção. Que verdade poderia haver nas estranhas palavras do viniorri? E o que isso poderia ter a ver com outras estranhas palavras, aquelas do próprio comando da terceira esquadra, poucas horas antes de serem destruídos? Solicitaram com uma estranha veemência uma autorização para conduzir três sálquie como prisioneiros... isso estava completamente fora dos protocolos. O médico estaria buscando algo para si, ou apenas a sua própria perdição? E ele, o capitão, poderia ser arrastado junto? Pois estava em jogo arriscar a vida contra as ordens que recebera.

Andou daqui para lá, finalmente chamou um ordenança e lhe deu um par de ordens num cochicho. O jovem liagávi partiu para a torre de comando. Depois, com as mãos nas costas, afastou-se de Fágol e Derek, e acenou para dois marinheiros.

— Prendam os sálquie e a criatura entre os motores. Revezamento dois por quatro. Cuidem para que não adormeçam em hipótese alguma.

Entre a barulheira infernal e monótona da sala de máquinas do navio liagávi, Derek pensava que teria poucas chances de dormir, mesmo se o quisesse. Tinha quase que berrar para que seus companheiros o ouvissem, e praticamente não os escutava. Os guardas, que também não suportavam aquele barulho, postavam-se atrás da grossa porta, e observavam, com uma louvável constância, os prisioneiros através de uma janelinha de vidro. Ao menos, ali dentro estava quente, e Derek pôde parar de tremer.

Se bem que Derek agora atendia a pouco disso tudo. Examinava o rosto de Gimiso, tentando fazê-lo desinchar à força de afagos. Forçara-a a recostar a cabeça no seu peito, para que tivesse algo mais macio do que o chão de metal rendilhado para descansar um pouco.

Tiveram um pequeno alívio quando o navio pôs-se em marcha. O rosnado cíclico, trovejante e enlouquecedor que vinha de algum lugar à esquerda do quartinho foi substituído por um zunido constante, de volume mais baixo. Larrin e Gimiso sentiram os tímpanos relaxarem. Mas nesse exato momento um dos guardas irrompeu pela porta, berrando algo para a sálquile e apontando-lhe uma lança, com a qual ameaçava-lhe ferir os pés.

Derek eriçou-se.

— Ei, ei! Calma lá, amigo! Ela não... *umpff!*

Larrin tapou-lhe a boca com tanta determinação, que Derek se assustou e não reagiu. Enquanto isso, Gimiso punha-se em pé, em silêncio.

— Dek, perdoe-me, mas nunca — *nunca!* — se deve falar em vini diante dos liagávie — disse Larrin, depois que o guarda saiu — Especialmente quando eles estão nervosos! Isso os deixa loucos!

— Por quê?

— Quem sabe? Não suportam nossa língua.

— Mas eles a entendem, não?

— Sim, mas não a *suportam*!

— Mas Fágol nunca teve problemas com isso.

— Fágol não é um liagávi, Dek.

— Oh, é verdade!

— Sobretudo, importa que eles não se acostumem com você. É perigoso desafiá-los se você está em desvantagem. Eles são muito rápidos para se adaptar a novas situações. E são muito bons para tirar sempre o melhor partido possível delas.

— OK, acho que entendi... mas o que ele queria com você, Gimi?

— Acho que tinha medo de que eu dormisse. E tinha razão... estou tão... exausta!

Derek a contemplava com uma mistura de ternura e angústia. Aquele cansaço era fruto da tristeza; sinal de que mesmo o ardor do seu temperamento conhecia limites. Quem sabia tudo o que poderia perturbar o espírito sálqui! Gimiso necessitava comer e dormir pelo menos uma semana, e estar entre os seus. Tocou-lhe novamente o rosto por baixo dos olhos, com a máxima ligeireza que conseguiu.

— E Fágol, nosso *amigo* Fágol! — suspirou Derek, irritado — Por que ele te bateu? O que ele disse ao chefão lá em cima?

— Você entendeu algo? — perguntou Larrin.

— Sim, alguma coisa. Fágol ofereceu-nos como novas e poderosas armas para a Potestade. Disse que nós sabíamos coisas sobre Dek, ou acho que alguma coisa sobre informações valiosas que teríamos. Mas eles falaram muitas outras coisas antes, e eu não consegui acompanhar.

A sálquile apertou a mão de Derek. Parecia que ia chorar de novo.

— Eu... oh, Elpa! Dek, eu tenho... tanto medo... de ser torturada!

— Não! Não, não! Isso nunca vai acontecer! Pare de pensar nisso! Nós te protegemos!

A verdade é que o próprio Derek estranhou aquela voz que saía da sua própria boca. Certamente não fora obra sua, pois ante a possibilidade de uma seção de tormentos, sentia que poderia dizer tudo, entregar tudo, trair tudo o que se lhe pedissem. Estava em pé, mas a alma encolhia-se assustada num cantinho do peito.

— Isso não vai acontecer, Gimi! — exclamou Larrin.

— Não? Por que não?

— Mas... será que vocês não entenderam? Fágol está nos salvando a vida!

Derek soltou uma gargalhada nervosa.

— Há! Grande maneira de nos ajudar!

— Mas o que mais ele poderia fazer, Dek? O fato de estarmos presos aqui e agora seria totalmente impensável se não fosse por ele. Há muito que deveríamos estar mortos.

— Eu não gostei das palavras dele, Larrin.

— Eu não as entendi. Mas me parece lógico que ele nos vendesse, entregasse, ou fizesse qualquer outra coisa para conter os liagávie. Penso que ele saiu-se muito bem.

— E por que ele bateu em Gimiso?

— Talvez ele queira *de fato* nos entregar, Larrin! Afinal, por que confiamos nele?

— Por que *não* confiar nele? Eu lhes pergunto; *vocês* confiaram nele! Sei apenas que estamos *vivos*, *agora*, graças a ele. A julgar pelo que ele fez por mim, e o que vocês fizeram por ele, sou forçado a crer que ele deve estar tentando nos proteger.

— *Ou* pode estar tentando se beneficiar, Larrin! — disse Gimiso, nervosa — Quem sabe o que mais ele não pode ter visto em Dek?

— E por que ele bateu em Gimiso? — repetiu Derek.

— Não sei, Dek. Talvez tenha pressentido algum perigo para você. Talvez tivesse que fazer algo para desviar a atenção dos liagávie de você. Eles estavam nervosos.

— Talvez quisesse apenas proteger o seu *prisioneiro*, a sua mercadoria! — disse a sálquile, em voz baixa.

— Talvez quisesse proteger o seu amigo — retrucou Larrin.

— Mas por que então eles nos pouparam, a você e a mim?

Larrin sorriu de leve.

— É justamente por isso que eu creio que ele está tentando nos salvar. Se quisesse apenas a Dek, nós lhe seríamos totalmente inúteis.

— *A menos* — interrompeu Derek —, *a menos* que de fato ele tenha se enganado e creia que vocês, não sei... me criaram, ou algo do tipo.

— O que não deixa de ser exato... — emendou Gimiso, tomando a outra mão do humano.

Larrin balançou a cabeça.

— Creio que vocês estão matizando os fatos com as luzes erradas. Não acredito que Fágol fosse capaz disso.

— Mas você mal falou com ele, meu caro!

— Bem, você falou, Dek. Acha que ele seria capaz de nos trair?

Derek titubeou. Sentia mais ou menos que tinha que proteger o parecer de sua esposa.

— Não sei, não sei... Quero dizer... ele se mostrou prestativo, confiável, super-camarada, do jeito dele, é claro. Mas... bem, você, Gimi, e ele tiveram aquelas discussões; pode ser que ele tenha ficado chateado... orgulho ferido... ele já foi prisioneiro e humilhado entre os liagávie... oh, droga! Droga, não sei o que dizer! Não sei, não sei, não sei! Aliás, de que adianta isso, agora? Temos que esperar!

Calaram-se, cada um meditando nas suas idéias. Gimiso sentou-se no chão, empertigada para não adormecer. Larrin e Derek iam e vinham pelo cubículo, medindo as suas dimensões e calibrando os parcos detalhes para darem algo que fazer às suas mentes. Vez por outra um dos sentinelas liagávie enfiava o rosto pela janela de vidro da porta, e passava ali um bom tempo, sem dúvida hipnotizado pela curiosidade que aquela criatura pelada lhe despertava.

Uma hora depois, Gimiso começou a cabecear. Derek horrorizou-se. Tinha que agir.

— Dek! Dek, você ficou louco? — gritou Larrin, assutado — Não... não faça isso!

Derek cantava. Cantava como o poderoso barítono de outrora, das sextas à noite nos botecos com *karaokê*. Não se lembrava da letra de nenhuma canção por inteiro, agora, e fazia um *medley* com tudo o que lhe vinha à mente; um Frankenstein de todas as músicas que conhecia ou que julgava conhecer.

— Dek! Mas... o que você pretende com isso? — Larrin estava perplexo.

— "*Mas é preciso ter força / é preciso ter graça / é preciso ter sonho, sempre...*" — Não! Não, não! Sonho, não!! *"O sole MIOOO!!!"*

Agora os dois sentinelas brigavam por um espaço para seus focinhos na janelinha. Gimiso começou a rir.

— Larrin, conte-nos uma piada!

— Uma... piada?!

— Sim, uma piada. Como aquela dos cinco sálquie em Tarrajcalo e o macaco que veio do céu.

— Oh, Dek!...

— Ou aquela outra do médico e do capitão liagávi rosnando no navio. Venha, Gimi, vamos dançar!

Gimiso levantou-se e foi agarrada por um passo de tango.

— Assim, vamos... *tum-TÚM-tum / tuuu-tu-tu-TÚM*. Vamos, Larrin! Não seja tão germânico! Não, não ria sozinho! Socialize a piada! Ei, que tal aquela dos dois babacas liagávie espiando pela janela? Ei, ei, como vão, babacas?

— Dek, você está louco! — disse Gimiso.

— Verdade, mas agora é tarde. Já venceu o prazo de reclamações. Não dá mais para trocar. Tchau, otários!

No quinto *tuuu-tu-tu-TÚM*, Larrin lembrou-se de algo.

— Gimiso, você se lembra da cara do Dek quando ele apareceu na *Tauna* pela primeira vez?

— Hein?! — exclamou o humano.

Aí sim a sálquile veio abaixo.

— É verdade! Oh, Dek! Foi tão divertido!

— Espera aí! Não era para que *eu* fosse a piada!

— Aca Zutarrs teve que se conter muito antes de lhe explicar.

— Ah, é, é?

— Pouco antes de lhe visitar no quarto, no dia seguinte, ele contou-nos a história três ou quatro vezes, para poder parar de rir quando fosse necessário.

— Não acredito nisso!

— É verdade, Dek! — disse Gimiso — Ele se divertiu muito imaginando como você reagiria. Nem Ladon pôde se conter. Ele tentava imitar a sua cara, mas era *tão* divertido!...

— Piratas!!

— Como é que foi a explicação, Dek? — perguntou Larrin.

— Bem, foi normal, ué!? De fato, agora me lembro que ele chegou a rir um pouquinho num momento...

Larrin e Gimiso caíram na gargalhada de vez, na gargalhada sálqui, rouca e quente como um cobertor de alegria.

— Seus amigos da onça! — Olha o pé, Gimi! Agora é *tuuu-tu-tu-TÚM* — Mas vocês vão ver no dia em que *eu* botar todas as *minhas* impressões por escrito!

— Não vamos entender, Dek.

— Larrin vai, Larrin vai! Ele sabe ler! Ele não é como a minha tontinha, que fugiu da escola e não aprendeu a ler e escrever português.

— Aliás, Dek, isso me recorda de outra coisa... o dia em que fui te procurar para dizer que partíamos, na semana passada.

Derek gelou por um instante.

— OK, OK... já pedi desculpas disso...

Mas Larrin continuava dirigindo-se a Gimiso.

— Ele me chamou por uns vocativos que eu não entendia. Acho que não me fez muita falta. Mas o *rosto* dele... berrava como se fosse o Toba latindo, assim...

O sálqui abriu muito a boca, com cara de bravo, e — ai!! — acertou em cheio! Aquela recuada da mandíbula ao mesmo tempo em que o nariz ia se empinando!! *Ecce Derek Alexandersson!*

Gimiso não conseguia mais parar de rir. Derek engoliu a réplica espinhosa. Bem ou mal, conseguiu o que queria.

— OK, Gimi, já já vou te te mostrar como eu acho simpático o rosto do nosso colega Larrin. Aliás, venha, Larrin, entre na dança! Roda, agora! Dança caipira! *Fi-fó-fi-fó-fi-fó... olha a cobraaa!*

— Olhar o quê?

— A cobra! *Fss, fss, fss!*

— O que é isso?

— Não faça perguntas que você não sabe responder! Grite: *Iaaauuu!* Agora, para o outro lado. *É mentiraaa* — voltem, voltem! — *Uuuuuuuh!*

Se se dessem ao trabalho de olhar para trás, veriam um terceiro e até um quarto par de olhos ocupando as últimas frestas da janela. Por Elpa, o que acontecia ali dentro? Alguém deveria notificar o capitão!...

— *Fi-fó-fi-fó-fi-fó...* agora, mais uma vez para este lado... *Olha a... aaa...* Droga, o que é que vinha depois da cobra? *Olha... olha a ondaaaa*! *Tchibum!!*

Gimiso e Larrin continuram. *Fi-fó-fi-fó-fi-fó*. Mas Derek estacou.

— A onda! A onda! A onda!

— O que foi, Dek?

— A onda! Como é que nós sobrevivemos à onda?

— Que onda?

— Como, "Que onda?". A onda gigante da praia, ontem!

— Ah! Bem, não era tão forte como parecia. E tivemos sorte; o problema é quando há muitos rochedos no fundo do mar.

— Sim, aí podemos nos ferir — disse Gimiso.

— Não, não, criaturas de Deus! Vocês não se afogaram? *Eu me afoguei*! Como é que sobrevivemos tanto tempo debaixo d'água?

— E qual é o problema, Dek?

— É alguma piada? — perguntou Larrin — Vamos, não se divirta sozinho!

— Não, não, meu Deus! Não é piada!

— Mas o que aconteceu com você, Dek?

— Como... como é que respiramos debaixo d'água?

Outra vez, olhar perplexo de Larrin. E, desta vez, os da sua esposa por cúmplice. Alerta! A-lerta para novas descobertas em Segusii!!

Derek perguntou devagar, palavra por palavra, como se a bobagem que iria dizer pudesse provocar uma avalanche.

— Vocês... nós... podemos respirar debaixo d'água?

— Sim, Dek. (Derek ainda tinha surtos de raiva quando Larrin falava das coisas mais absurdas no tom mais imperturbável) Naturalmente, como a água estava revolta, havia muita areia misturada. Não é conveniente nadar nessas ocasiões.

— Eu... tenho... areia... da... praia... nos... *pulmões... agora*??

— Isso se expele depois... bem, ao menos *nós* a expelimos. Não sei quanto a você; ao que parece você é um pouco diferente.

— Não, não, eu não expilo nem deixo de expelir nada! Eu morro antes por falta de ar!

— Não existe ar na água da Terra?

— Há para os peixes!

Larrin pensou um segundo, encarando Derek, e apenas comentou:

— Que curioso.

Que curioso! Ali estava o segredo de Larrin, o lontrisomem! Derek podia ter descoberto isso muito, muito antes! *Preste atenção, Dek, mesmo que isso seja penoso!* Próximo propósito de ano novo para si, pensava, abrir mais ainda os olhos naquele mundo. Segusii lhe reclamava abertura. Começou pelos sentidos. Passou à mente, depois ao coração. Mas, vez por outra, tinha que percorrer de novo toda a trilha. Ó bênção, ó maldição para os homens, a de se acostumarem com as coisas!

Respirou fundo e apanhou de novo a mão de Gimiso e a de Larrin.

— Bom, vamos continuar! Vejam que temos mais audiência agora! Onde estávamos? Oh, sim, *Olha a ondaa! — É mentiraaaa, Uuuhhh!*

III

Raul bem que poderia concorrer ao título de clandestino mais bem afortunado do universo, depois do memorável almoço com os oficiais de bordo do navio sálqui — que, por sinal, tinha um nome, Palarrco, emprestado ao rio em cuja foz se edificou a cidade para onde se dirigiam. A mesa era-lhe desconhecida e peculiar, preparada com várias combinações de uma pasta de carne de sabor forte e alguns molhos salgados, embalados em caixas que lhe lembravam os potes de sorvete de meio litro. Os comensais, lá pela dúzia, serviam-se em geral de duas das porções, sempre servidas pelo comandante, com um longo intervalo entre uma e outra que usavam para conversar ou, como hoje, para ouvir. Cozinha étnica nunca fora a paixão principal de Raul, e seu estômago não era nada intrépido. Por menos que quisesse ser indelicado, não conseguiu passar da metade do primeiro pote da estranha tivla, e rapidamente imaginou entender o porquê dos copos de água serem tão grandes. Tinha um bom pretexto para não comer sem parecer malcriado, pois falava e falava como quem tem toda a vida para contar, a mais não poder, dando muito trabalho para o comandante, que fazia as vezes de intérprete do convidado e era por isso ainda mais admirado pela sua tripulação, que pouco ou nada sabia dos percalços em Tarrajcalo e não tinha certeza de ter compreendido bem a história do advento de Derek.

Os sálquie, notou Raul, eram um pouco reservados para falar, embora o olhassem e ouvissem com uma expressão muito atenta, orelhas alertas, dando ao conjunto a impressão de que sorriam e podiam começar a rir em qualquer momento. Ali estava Mavlii, o piloto, que fez questão de explicar aos seus companheiros todo o assunto do aperto de mãos, e era por esse motivo quem mais tivera contato com Raul depois de Zutarrs. Outros quatro ou cinco o haviam visto enquanto deambulava no porto junto com Lec e Okami, mas todos os demais só agora tinham diante dos focinhos, ouvidos e olhos aquele curiosíssimo visitante, de quem tantas coisas tinham ouvido.

A única coisa que lhe causou algum embaraço no início foram as suas roupas. Todos ali, os oficiais do navio, estavam bastante elegantes, metidos nas suas túnicas amarelas com filigranas azuis formando estranhas figuras, símbolos de sua pátria, e cíngulos negros e botas de cor de terra. Haviam entrado com as longas capas azuis que agora estavam penduradas nas paredes daquela que era a maior cabine de Palarrco, a única com uma grande mesa redonda para reuniões. A capa de Zutarrs era a única com borda dourada, e apenas ele usava um colar de fios coloridos com uma brilhante medalha, uma fogueira estilizada. Raul, por sua vez, trajava o agasalho de náilon cinza da universidade e os inseparáveis jeans com tênis brancos. Embora tanto ele quanto sua indumentária estivessem limpos, o contraste com o alto escalão da nave foi um pouco constrangedor. Nada, contudo, que os dez primeiros minutos de prosa não o fizessem esquecer. De qualquer forma, não se animou a pedir uma das túnicas azuis normais dos milicianos emprestada para Zutarrs, pois lhe pareceram muito finas, e ele sentia o frio mordendo-lhe as canelas.

Os sálquie também eram polidos. Após algum tempo um dos oficiais tomou a palavra e desviou um pouco da atenção sobre Raul, para dar-lhe tempo de servir-se.

— Raul, você não está comendo nada. Sente-se mal?

— Não, não, senhor Zutarrs... mas é que, bem... para ser totalmente sincero eu acho que não agüento mais nenhum bocado disto. É delicioso, mas muito forte!

— Eu sinto muito, Raul! Deveria ter notado antes, embora receie que não haja muitas outras opções a bordo.

— Não, não, tudo bem! Não tenho fome; essa... carne, ou seja o que seja, satisfaz bastante rápido.

— Mas você de fato comeu muito pouco! É curioso; Dek nunca comentou nada a respeito.

— Nunca? Então ele deve ter gostado, porque senão vocês saberiam muito rápido!

— Na verdade, Dek teve alguns problemas de saúde. Em uma ocasião estava muito mal, mas creio que ele experimentava algum efeito colateral do seu longo tempo de contágio com a lechi. Toba, seu cão, não dava mostras de ter sido afetado.

— Toba era muito forte! Podia sobreviver até com o forro das almofadas da minha mãe, quando era filhote.

— Diga-me, Raul, o doutor Ericsson e o senhor Okami provaram da tivla?

— Sim, com certeza! Logo na primeira manhã. Mas também comeram pouco; enjoaram... digo, estranharam um pouco. Me lembro que depois terminamos com uma pizza que eu trazia, e havia alguns mantimentos desidratados no Pégasus.

— Ah, é verdade! Dek sempre misturava alguns dos seus mantimentos com a tivla, enquanto dispôs deles. Dizia que queria se resguardar de quaisquer deficiências alimentares.

— Ah, ah! Ele não mudou nada! Sempre tendeu à hipocondria! Ai, Dek!...

Zutarrs lembrou-se de algo.

— Raul, posso fazer-lhe uma pergunta?

— Sim, é claro!

— O que era... aquele estranho objeto que o Professor Ericsson tinha na boca, naquela primeira noite quando chegou?

— Objeto na boca?

— Sim. Alguma coisa que ele fez queimar, e que soltava...

— Ah, seu *cigarro!* Ah, ah! Chama-se cigarro; ele estava *fumando*, mas acho que vai ser complicado para o senhor entender o que é isso.

— É algum tipo de alimento? Dek nunca nos falou disso.

— Não, não serve para comer. No fundo serve apenas para fazer fumaça... as pessoas que fumam o aspiram e soltam a fumaça depois.

— Mas como pode ser isso? O odor é tão insuportável!

O humano ria com gosto.

— Pois é, eu concordo plenamente com o senhor! Mas há vários como o Professor Ericsson que amam essa sensação! E pagam muito por isso!

Zutarrs estava sinceramente perplexo.

— E, diga-me, senhor, do que falam agora?

Os outros sálquie à mesa começaram a rir de alguma coisa.

— O doutor Cli'irras, nosso médico de bordo, estava contando-lhes as suas primeiras aventuras... ou desventuras, talvez, quando cabia-lhe a caça de tivla para a sua tribo. Os que já o conhecem se riem antes, porque é proverbial a sua, digamos, pouca destreza no manejo dos imobilizadores de caça. Desta vez especificamente, disse que disparou sem querer e acertou o capitão de caça durante uma corrida, mas... como?... oh, por Elpa! Ninguém percebeu no momento, pois estavam fazendo o cerco ao rebanho em outra frente... e quando deram pela sua ausência, o encontraram... oh, não! Uma das tivla o vigiava, e havia devorado o seu imobilizador!

— Não é possível!

— Sim, foi assim, e depois ele foi... digamos, convidado a ceder a sua posição para que dois dos mais jovens pudessem ser instruídos. O doutor julga que assim se investia melhor o tempo dos caçadores.

Raul observava o médico, que já poderia estar começando a contar a idade pelas décadas, e falava com a vivacidade do adolescente atrapalhado que parecia ter sido. Tinha o seu talento teatral; deveria ser um excelente pediatra!

Então, uma luz azul se acendeu na entrada da sala de reuniões. A Raul passaria totalmente desapercebida, se não fosse o fato de que todos os sálquie imediatamente se calassem e espetassem no ar as orelhas. Ouviam algo?

Zutarrs, mudando radicalmente de expressão, levantou-se e deu um par de ordem concisas à assembléia. Todos se ergueram praticamente juntos e tomaram as suas capas, deixando a mesa tal como estava.

— Raul, temos uma emergência. Talvez você deseje se acomodar em alguma cabine.

— O que aconteceu?! O que houve?!

— Recebemos um alerta. Há navios liagávie no nosso encalço. Tenho que me dirigir à ponte de comando para conhecer melhor a situação.

— Eu... eu quero... eu posso ir também? Não gostaria de ficar trancado... *agora*!

— Bem, neste caso... venha comigo, e por favor não se afaste de mim.

Zutarrs e Raul correram à ponte, onde Mavlii já trabalhava freneticamente sobre os comandos de direção, como se nunca tivesse descido ao almoço. Havia outro sálquie agora, que falava diante de uma mesa sem mais aparatos que um botão, uma pequena tela escura e duas ou três chaves, que ele girava à medida em que mudava de expressão. Na telinha, dois pontos amarelos e quatro azuis tilitavam e iam daqui para lá sem parar, que eram os navios próximos dançando ora de perfil, ora de frente, ora contemplados do ar. Ambos os sálquie usavam um poderoso par de protetores de ouvido (o do outro sálqui tinha um pequeno cabo conectado à tela), e Raul notou que Zutarrs já colocara o seu próprio.

— Para que serve isso?

— Os protetores? Ah, perdão, Raul, deveria ter-lhe explicado. São para a eventualidade dos liagávie usarem bombas sonoras. Costuma ser o primeiro movimento de uma manobra de guerra, tanto do nosso lado como do deles. Tome, use este par e não o remova em hipótese alguma!

Raul colocou os protetores e de repente todo o mundo ao seu redor transformou-se em um grande cinema mudo tridimensional. Ouvia com toda a nitidez o bater do próprio coração, e foi aí que percebeu que estava excitado e assustado.

— Raul, pode me ouvir?

A voz de Zutarrs parecia ver de mais além dos seus próprios tímpanos. Raul o olhou espantado, e viu que ele puxara um pequeno cabo do lado esquerdo do seu protetor. Procurou o seu, e de fato o encontrou.

— Sim, senhor, posso ouvi-lo. Mas... mas isto não é perigoso?

— Transmite apenas a voz, Raul, e se desliga caso tente ser violado. De qualquer forma, convém usá-lo apenas quando necessário.

— Entendido!

— Muito bem! Pois então, veja... há quatro naves liagávie vindo ao nosso encontro exatamente de frente. Oh, agora há uma quinta do lado de Lass!

Seguiu-se uma série de perguntas e respostas em vini, vindas de todos os cantos do navio. Apenas a voz e o nome de Mavlii de vez em quando eram lembrados e reconhecidos pelo humano. Raul chegou-se mais à vidraça e tentou achar sob a luz do sol os navios inimigos, mas não via nada. Colando a bochecha no canto mais à direita que pôde, distinguiu a proa de Sentiiscánai, o outro navio sálqui, que vinha a uns duzentos metros atrás, certamente também preparado para o choque de forças com seus inimigos. Mas se não fosse o radar, ele não saberia de nada, nada! Pois o horizonte estava limpo e retilíneo como nas mais belas férias no litoral.

Ou, talvez não tão retilíneo. Raul de repente notou um pontinho escuro vir de lá longe. Poderia ser o primeiro navio liagávi. Mas o sinal que viu no radar pareceu-lhe muito estranho!

Zutarrs já o observava, hipnotizado e alarmado. O pontinho circular de súbito transformara-se em uma longa faixa azul, como uma minhoca, e vinha rolando incontinenti na direção de Palarrco.

Quando olhou de volta pela janela, ali estava: uma formidável muralha de água que crescia e crescia e ameaçava envolver a nau capitânia sálqui num mortífero abraço.

Zutarrs e Mavlii gesticulavam e o piloto fazia manobras como um louco. Raul sentiu que o barco se movimentava para tentar achar o melhor ângulo de ataque à onda. Mas não tiveram tempo.

A próxima impressão nítida do humano, depois de ser atirado contra todas as paredes da cabine, foi a de estar pisando na cabeça de Zutarrs, deitado sobre o que deveria ser a parede direita da cabine. Seu pé se enroscou no protetor auricular do comandante, e quando tentou se erguer o arrancou das suas orelhas, e eles rolaram pela porta de entrada, que agora era uma escotilha. Zutarrs levou as mãos aos ouvidos e uivava de dor, a face atravessada pela tortura sonora que os liagávie já começavam a empregar.

Sem pensar duas vezes, Raul arrancou os seus próprios protetores. Por instinto, prendeu a respiração, como se isso fosse ajudá-lo a suportar melhor o ruído infernal, e teve que lutar contra as mãos fortes de Zutarrs para obrigar-lhe a dar um espaço para que ele instalasse o protetor. Tudo isso enquanto Palarrco lentamente tornava a se aprumar.

No mesmo instante em que recuperou a proteção para os ouvidos, o comandante abraçou a cabeça de Raul para tentar protegê-lo, mas... o jovem estava rindo!

— Eu... eu não ouço nada! Eu não ouço nada! Digo, eu ouço a minha voz, e tudo o que acontece aqui na cabine. Mas não ouço a bomba de som!

Zutarrs não o ouvia, mas percebeu o que ele queria dizer. Mavlii estava de queixo caído. O operador de rádio demorou trinta preciosos segundos antes de conseguir superar o pasmo e voltar a atender às dúzias de pedidos de instruções que atravessavam o ar da nau capitânia.

— Raul! Você está seguro? Você tem certeza de que está seguro?

— Totalmente! *Há*! Sou tão limitado que nem ser atingido em guerra eu posso!

Zutarrs o encarou fixamente por um instante, e depois quase voou sobre Mavlii para passar-lhe instruções. Enquanto isso, outra minhoca azul rolava sobre a segunda nave sálqui, e mais dois daqueles pontinhos apareciam ameaçadores diante de Palarrco.

O comandante pediu rápidas informações para um dos seus oficias sobre a natureza daquela arma. Na verdade, ninguém sabia exatamente do que se tratava; ninguém sabia como lutar contra ondas!

Numa fração de segundo fervilhante de esquemas táticos, Zutarrs ordenou ao piloto que alinhasse o navio para receber de frente a onda seguinte, que já vinha vindo, e que começassem a disparar ininterruptamente seus torpedos contra o navio liagávi mais próximo. Repetiu a instrução para a tripulação de Sentiiscánai. Os liagávie, porém, estavam muito distantes, e a turbulência da água debaixo da onda fez com que os projéteis perdessem completamente a direção.

— Posição de choque! Posição de choque! — gritou Zutarrs, indicando umas barras para que se apoiassem.

Segunda trombada! Desta vez, a proa ergueu-se uns cinqüenta metros sobre a água e todos os tripulantes caíram de costas contra a parede. O esqueleto das naus sálquie tinha têmpera, mas não suportariam uma ordália tão prolongada.

Lá vinha a terceira onda contra Pallarco. Desta vez os liagávie calcularam ligeiramente mal, porque enquanto o navio vinha caindo, a muralha d’água chocou-se apenas contra a parte da proa que estava submersa, e como resultado o navio inteiro ergueu-se por cima da água como se fosse um salmão subindo o rio.

As outras duas naves liagávie que ainda não haviam disparado finalmente o fizeram. Novos pontinhos azuis apareceram na tela, novamente contra a nau capitânia. Então, Zutarrs teve uma idéia.

— Disparem contra os nódulos, antes que a muralha de água se forme! — comandou, com energia, para o chefe de armas.

E ordenou que Sentiiscánai navegasse diretamente contra o navio da Potestade que vinha do lado do nascer do sol. Como essa ordem fosse recebida com alguma perplexidade, a julgar pelo tom com que a repetiu, acrescentou:

— Eles têm que ter um tempo de reposição dessa arma maldita, seja lá o que for! Temos que contar com isso; é nossa única chance! Dêem prioridade aos nódulos, e enquanto não se formem, sigam direto para a nave e sempre disparando! Bombas sonoras a todo o poder! Removam os defletores submarinos! Que Elpa esteja com vocês!

A última manobra visava dar maior velocidade ao navio. Mas o tornava extremamente vulnerável a ataques de torpedos.

O primeiro projétil de Palarrco passou ao longe, mas o segundo chegou ao alvo e de fato explodiu, com um troar melancólico, o que significava que tinha se chocado contra alguma coisa. Os resultados, porém, não pareciam tão satisfatórios.

A minhoca azul que se formou era a maior de todas! Parecia tão forte que sua irmã menor foi desviada de lado, indo perder-se em mar aberto. Mas em visão horizontal, o radar mostrava a crista da onda principal subindo e subindo e subindo... vinte metros... trinta metros... quarenta e oito metros! Um edifício de água móvel selvagem, mais lento mas mais cruel, que fagocitaria Palarrco quase sem o perceber.

Se Raul tivesse a presença de espírito suficiente, veria pelo radar que a onda era bicéfala: uma espécie de imagem especular sua também fora produzida, só que caminhava em direção oposta, diretamente contra os liagávie que a criaram. Por certo, as mortes de hoje não seriam choradas por apenas uma bandeira.

— Vedação completa das escotilhas exteriores e de trânsito! — ordenou Zutarrs, rompendo o tétrico silêncio — Inundar o compartimento de carga imediatamente! Remover defletores submarinos! Motores em toda a potência adiante! Posição de choque à toda a tripulação! E que Elpa nos guarde!

— Nós vamos... ir de frente contra essa onda?

Num átimo, todas as janelas ao redor da cabine se fecharam em silêncio. Zutarrs apenas sorriu, pela primeira vez. Indicou uma barra de metal para que Raul se segurasse. O operador de rádio postou-se ao seu lado, seguido pelo comandante; apenas Mavlii estava ancorado aos bastões especiais da mesa de controles.

Raul persignou-se e fechou os olhos com força. Não ouvia as bombas de som, não ouvia mais as vozes dos sálquie, não podia ouvir o ruído do mar. E já não ouvia mais as próprias batidas do coração. Apenas o longo rugido da besta d'água que os engolia.

IV

Algum tempo depois, vieram interromper a festa. Fágol, escoltado por dois soldados, abriu a porta da prisão improvisada ainda com tempo para acompanhar o último estranho movimento de cintura que o humano fazia enquanto cantava uma música desconhecida e abanava as mãos de uma forma bastante peculiar. O médico viniorri nunca ouvira falar em samba, e certamente Derek não seria o melhor professor que ele poderia encontrar. Mas, fosse como fosse, Gimiso e Larrin estavam se divertindo.

Derek estava de costas para a porta e demorou um instante a mais que seus amigos para se dar conta do que estava acontecendo. Os soldados notaram que, assim que aquela estranha criatura pôs os olhos sobre o Oficial médico, seu sangue voou à face nua.

Mas Fágol não abriu a boca. Tinha o semblante duro e tão expressivo como um paralelepípedo. Acenou para Derek e ordenou-lhe sem palavras que o acompanhasse.

— Que é que você quer comigo?

Fágol o fuzilou com os olhos. Gimiso puxou-o para junto de si apavorada, e antes que ela precisasse murmurar alguma coisa Derek lembrou-se da prudência do silêncio.

Respirou fundo, abriu os braços em sinal de resignação e, de cabeça baixa, aproximou-se de Fágol. Os soldados postaram-se um de cada lado, mas não se atreviam a ir mais longe. O médico deu meia-volta e desapareceu junto com os demais por trás da porta de metal.

Derek foi conduzido a uma sala próxima da popa do navio, ampla e aconchegante (e, principalmente, silenciosa!), e até com rudimentos de uma decoração estranha para ele: as paredes estavam cobertas por lambris de madeira negra, muito altos, que se abriam no topo e davam ao conjunto uma impressão de uma floresta de palmeiras ao anoitecer. O carpete era espesso e igualmente negro, com uma grande mesa de trabalho no centro e duas imensas cadeiras forradas com almofadas verdes. Um segundo ambiente estava oculto por detrás de uma cortina vermelha, e Derek supôs que aquilo tudo fosse o aposento pessoal o capitão liagávi. Como em Tarrajcalo, aqui também havia um sutil perfume no ar, vindo sabe-se lá donde, que lhe recordava flores e praias, ou talvez flores de praias alienígenas. Muito agradável, e ajudou a acalmar um pouco o humano, pois a ordem e a preocupação estética denotavam um certo urbanismo que não esperava encontrar.

E foi detrás das cortinas que surgiu o capitão liagávi, num gesto que seria teatral caso estivessem na Terra, mas que aqui era plenamente funcional: os liagávie abominavam as portas no interior das suas casas, e todas as divisões internas eram feitas à base de cortinas e treliças.

O capitão estacou. Fágol não descolava os olhos do chão, e Derek pensou que essa era a melhor coisa a fazer agora. Ambos esperaram um bom tempo até que o comandante do navio rompesse o silencio.

E, quando o fez, foi novamente naquele vini perfeito que Derek ouvira horas antes. Dava-lhe quase a impressão de que ele nada mais era do que um sálqui disfarçado, e que portanto era bom e atencioso como os demais sálquie. Algo dentro de Derek se aferrou à essa possibilidade e sentiu um desejo súbito e irracional de colaborar.

O capitão, entretanto, mesmo podendo ser tão bom e atencioso quanto Derek desejasse, obviamente detestava ter que empregar a língua dos seus inimigos. Seu laconismo foi uma saudável ducha de água fria no ânimo do jovem.

— Quem é você?

— Quem... quem sou eu? Bem, meu nome é Derek Alexandersson.

— Esse é o seu *nome*?

— Sim. Muito prazer, por sinal, senhor...?

O capitão não estava para gentilezas. Ou não entendeu a ironia. Derek nunca soube o seu nome.

— O que é você?

— “O quê”? Bom, sou brasileiro... islandês, na verdade, mas naturalizado, sou um estudante de química, sou um lateral esquerdo de futebol amador, sou corintiano, sou... euro-caucasiano-indo-europeu-judaico-cristão, filatelista, canhoto, solteiro, contra os Direitos Ampliados dos Animais e votei pela reinstalação do Império em 17. Depende.

— Que tipo de animal é você?

— Animal? Eu não sou um animal! Ou sou um animal, tanto como... o senhor e o doutor Fágol.

— É isso o que eu quero saber.

— Chamamo-nos “humanos”.

— Vocês se chamam humanos? Há mais como você?

— Oh, sim! Um planeta inteiro! Sete bilhões e meio, se não me engano.

— Onde está a sua gente?

— É uma boa pergunta. Eu adoraria saber a resposta.

— Não sabe onde estão? Como você chegou aqui?

— Outra ótima pergunta. Foi um acidente de viagem, para dizer de alguma forma.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer exatamente isso: caí neste mundo por acidente. É uma longa história.

— Tenho tempo... humano *Al-ksan-dersson*. Mas o *seu* tempo vai depender daquilo que você me disser.

Derek arriscou uma olhadela de frente para o capitão. Ele continuava imóvel na mesmíssima posição. Depois olhou a sedutora cadeira almofadada às suas costas; o que ele não daria por sentar-se um pouco agora!

— O que você faz aqui?

— Eu não sei! — Derek estava se irritando — Quero dizer, estou aqui há meio ano, mais ou menos, e sempre estive junto com os sálquie em Tarrajcalo que me acolheram e abrigaram.

— Por que não volta para a sua gente?

— Já disse que não sei como! Vim parar aqui graças a um veículo que meu pai construiu, e que eu usei por acidente, sem saber como pilotá-lo.

— Seu pai sabe então como chegar aqui?

— Não, não sabe! Ninguém sabia que o seu veículo ia fazer isso o que fez! E se ele soubesse, certamente já teria vindo me buscar. Alguma coisa saiu totalmente errada nos seus planos, e... e.. e aqui estou!

O capitão pensou um pouco.

— O que você fazia com os sálquie, humano *Al-ksan-dersson*?

— Posso... posso lhe pedir uma coisa antes de prosseguirmos?

O capitão anuiu em silêncio.

— Me chame de Dek, por favor. É até menos trabalhoso para o senhor.

— *Dek*?

— Isso! Muito obrigado. Agora, o que eu fazia com os sálquie? Creio que já contei uma parte disso para Fágol, e tenho certeza de que ele já deverá ter contado tudo para o senhor, não?

Fágol, que até então estava mudo ao seu lado, pigarreou de leve.

— O Oficial viniorri disse-me tudo o que sabia sobre você... *Dek*. Quero saber exatamente o que os sálquie faziam em Tarrajcalo.

— Eles trabalhavam numa atividade completamente proibida em toda a esfera de terra seca — respondeu Derek, parafraseando o médico — Coletavam lechi. Os companheiros de Fágol já o descobriram. O próprio Fágol viu tudo. E eu os ajudava, e nas horas vagas conversávamos... sobre este mundo e o meu mundo.

— Por que você os ajudava?

— Por que não? Caí num mundo alienígena, sozinho e perdido. Teria morrido na floresta se não fosse por eles. Eles me alimentaram, me deram roupas, me ensinaram sua língua. Que mais eu podia fazer para agradecer-lhes do que ajudá-los?

— Você os ajudava em uma atividade proibida.

— Eu sabia disso.

— Você sabia? Como é que você sabia?

— É claro que eu sabia de tudo! Uma das primeiras coisas que quis saber, quando consegui perguntar, foi em que eles estavam metidos. E eles explicaram-me tudo.

— Explicaram-lhe tudo?

— Sim, sim, falaram-me das guerras, de vocês, do uso que eles teriam para a lechi, que queriam usar para fabricar antídotos.

— Dizem, com efeito, que os sálquie possuem uma fórmula para atenuar parte dos efeitos da lechi, meu senhor — interrompeu Fágol, pela primeira vez — Mas consta-me que é muito pouco eficiente, e o tratamento tem que ser administrado sem nenhuma perda de tempo após a intoxicação.

— Eles têm medo, meu caro senhor, medo de serem bombardeados por lechi pelas tropas do Sudeste. Fágol me disse que isso é mentira, mas eu não acredito nele. Acredito no que os sálquie me disseram: que vocês pretendem destruir o seu povo com o pretexto de reconquistar um território ao qual ninguém liga demasiada importância.

Derek esperava com esse comentário arrancar algum esclarecimento do capitão, mas frustrou-se. O corpulento liagávi apenas mediu Derek de alto a baixo, com um olhar enigmático, brilhante, alienado, e depois passou Fágol em revista pela mesma forma. Nada, não havia nada nos seus lábios ou faces que traísse qualquer parcela dos muitos pensamentos que pululavam em sua mente.

E desviou o foco da artilharia.

— O Oficial viniorri informou-me sobre um... relacionamento peculiar entre você e a sálquile... *Dek*.

— Ela é minha esposa.

— Sua... esposa.

E foi então que, pela primeira vez, Derek viu o capitão sorrindo. Não gostou nem um pouco daquele sorriso.

— E por que vocês se casaram?

— Porque eu gosto dela, e ela gosta de mim. Na minha terra, esse é um dos requisitos necessários e suficientes para um *relacionamento peculiar* como esse.

O sorriso gelado persistia.

— E que tipo de descendência você espera ter... *Dek*?

Derek sentiu todo o sangue que tinha subir-lhe às faces. Achava mesmo que estava suando sangue frio.

— Não... foi por isso... nós não... — engasgou — Isso... não lhe diz respeito..., meu *senhor*!

Pouco lhe importava agora que a sua raiva pudesse ser percebida por um sálqui gripado a duzentos quilômetros. Derek sabia que certas coisas não aconteceriam nunca na sua inusitada vida de casado, mas isso pouco lhe importara! Que lhe importava; que lhe importava?! Gimiso gostava dele, e ele dela, e ela precisava de proteção! Não pretendia fazê-la sofrer, e era só! Sacrificaria agora o que fosse por isso! E quem era aquele estúpido para querer ridicularizá-lo?! Por que tocava naquela tecla? Por que...

— Fique longe dela! — exclamou Derek, de repente.

— Como disse?

— Não... não ouse aproximar-se dela!

A expressão de asco que atravessou o semblante do capitão era algo que Derek nunca havia visto. Entendeu com um pouco mais de clareza que o problema entre os liagávie e os sálquie era algo mais profundo que as questões do idioma ou dos peixes de alguma ilhota perdida. O próprio

odor, o odor inevitável, o odor arcano do povo da Ilha de Vantimiso enfurecia os liagávie com lembranças de um passado bárbaro que desejavam eliminar. Mesmo assim, passou algum tempo até que Derek conseguisse acalmar-se de novo; se tivesse que sacrificar algo agora seria o seu orgulho ultrajado!

O capitão, entretanto, não se abalou mais. Caminhava lentamente pela sala, meditando coisas que não seria bom descobrir. Aonde queria chegar com tudo aquilo?

— Começo a crer que de fato você esteve muito tempo entre os ilhéus... *Dek*. Você se crê um deles?

— Não, e sim, e não. Depende. Sei que não sou um deles, mas gosto de estar com eles.

Derek empregou o verbo *dojdazo*, o que pela primeira vez arrancou uma expressão de espanto do capitão.

— Mas sou um deles, eu creio, na medida em que fui recebido formalmente...

— *A etissa*?! — gritou o capitão — Você submeteu-se à *etissa* sálqui?!

A voz alta do capitão assustou Derek. E Fágol também, que não conhecia aquele detalhe.

— Sim. Sim, submeti-me. — disse Derek, com a garganta apertada, mostrando a pequena cicatriz na face da mão direita — Com direito ao fiozinho no *camborr* e tudo o mais.

Ele sentia que, quanto mais falava, mais se afundava. Mas o nervosismo só fazia piorar sua situação. Herdara de seu pai uma impossibilidade de mentir em momentos delicados, e da sua própria lavra psicológica reputava por mentiras inclusive as histórias contadas sem todas as suas ramificações. Já se metera em bons apuros por isso, embora isso também tivesse lhe granjeado algumas simpatias e inclusive a amizade de Raul.

Derek notou que Fágol coçava a fronte e apertava os olhos. Parecia muito contrariado, como se Derek fosse seu convidado para um banquete e de repente arrotasse na mesa. Então, que a coisa fosse até o fim de uma vez!

— Ou seja, para efeitos práticos, meu senhor, capitão, sou um inimigo da Potestade tanto como qualquer outro sálqui. Não que eu tenha nada contra vocês especialmente... quero dizer apenas que, se devo ser classificado entre “amigo” ou “inimigo” pela sua gente, sou “inimigo”. Se o senhor pretende molestar Larrin e Gimiso, ou matá-los, deve fazer o mesmo comigo. Adianto-lhe apenas que se eu for torturado, vou acabar dizendo muitas bobagens, e peço-lhe que não acredite em nenhuma delas.

Derek nunca soube como disse isso, mas a onda de alegria que sentiu depois dessa declaração de princípios quase o fez sorrir. O liagávi, contudo, não dava mostras de estar impressionado.

— Que coisas você teme dizer se for torturado... *Dek*?

Só então Derek notou que, sempre que dizia seu nome, o capitão mudava um pouco o tom de voz. Zombeteiro? Irado? Impossível discernir; talvez “Dek” significasse alguma coisa desagradável em querrcna.

— Por exemplo, que me arrependo de ter me casado com Gimiso, ou que fui enganado pelos sálquie, ou que odiaria conhecer Salúquin, ou qualquer coisa do gênero.

— Você não conhece Salúquin?

— Não. Já disse que foi aqui que caí e esta porcaria de floresta é a única coisa que conheço do seu mundo. Um bonito cartão postal, mas péssima opção de férias. E era para Salúquin que íamos.

— Caminhando?

— Caminhando. A não ser que vocês queiram nos dar uma carona.

Fágol sentiu o coração pular na garganta. Aquele forasteiro era demasiado atrevido!

— Quem é o outro ilhéu que está com você e sua... esposa?

— Quem, Larrin? É o meu melhor amigo neste mundo.

— Ele também estava envolvido nas operações dos ilhéus?

— Sim.

— Diga-me, *Dek*. Como foi que vocês conseguiram escapar dos soldados da terceira esquadra?

Derek contou em dois minutos todas as peripécias desde a sua última conversa com Larrin, após ter destruído quase todo o seu material, até o momento em que o sálqui tornara a si. Detalhou especialmente a breve sessão de atrocidades que Larrin sofreu sob o mando do capitão de Fágol.

— O Oficial viniorri não me comentou que medicou o miliciano ilhéu — disse o capitão, após um longo e meditativo intervalo.

Fágol arriscou levantar os olhos, mas Derek o interrompeu.

— Antes que o senhor comece a pensar mal de Fágol, meu senhor, devo dizer-lhe que ele se portou como um soldado honrado e trabalhou o melhor que pôde. Fez de tudo para eliminar-me e para dissuadir-me de acompanhar os sálquie. Se ajudou Larrin, creio que foi porque é um médico tão honrado como soldado fiel.

Que palhaçada!, pensava Derek. *Mas é tão divertido ser sincero!*

O capitão alçou de leve as sobrancelhas, mas continuava de olhos fixos no médico.

— Por que o miliciano sálqui foi torturado, Oficial?

Derek estranhou que Fágol hesitasse tanto para responder. Resolveu adiantar-se.

— Até onde eu entendo, meu senhor, esse é um procedimento habitual quando capturam um sálqui, não? Talvez eles estivessem apenas desejando se divertir um pouco. Afinal, depois de uma longa viagem marítima... não há muitas coisas que fazer.

Mas o capitão ficou profundamente irritado com a provocação. Parou bem perto de Derek, empertigado como um mastro, e Derek percebeu que se tivessem que brigar a coisa não seria tão rápida como ele gostaria.

— O forasteiro não sabe o que diz, meu senhor! — exclamou Fágol, de repente — Ele se refere às lendas que os ilhéus lhe contaram.

— E que os fatos vieram a comprovar, diga-se de passagem!

— Você está enganado... *DEK*! — disse o capitão, em voz alta, mas ao mesmo tempo em que fazia um curioso esforço para se dominar — Creio que teremos que reportar essa conduta aos Portos, Oficial! Quero acreditar que isso seja uma das suas prioridades quando regressarmos.

— Sim, sim, meu senhor!

— Você é um intruso nestas terras, humano! Não se apresse em julgar coisas que desconhece!

— Como por exemplo?

— Qualquer tipo de dano físico além do necessário para matar um inimigo em guerra é proibido pelo Escudo de Vessin. Os seus anfitriões de Vantimiso deveriam ter-lhe contado isso também!

— Muito humano da sua parte! Mas eu não sei se acreditaria, ou se *eles* acreditariam. Ainda mais depois do que aconteceu *de fato*!

Derek também se empertigou. Empatavam em estatura. Derek perderia com certeza para os dentes do liagávi. Esqueceu-se de tudo o que Larrin lhe dissera sobre liagávie ameaçados, etc. Dos seus punhos vinham de novo aquelas saudades de aplicar um belo golpe no focinho negro e macio de um segusiano.

— Oficial, explique-se para o forasteiro!

Derek olhou para Fágol, que continuava com uma expressão arrasada.

— Muitos dos tripulantes de nossa esquadra... e também nosso capitão, eram viniorrie. Eles têm... *nós* temos... a fama de ser... de ser... sangüinários.

Derek surpreendeu-se. E não pôde evitar a impressão de que o capitão liagávi comprazia-se em deixar seu subordinado humilhar o nome da sua própria gente.

— Como vê, humano, os nossos povos *súditos* ainda têm que ser muito educados. Mas agora creio ainda mais que você pertence ao povo da Ilha, pois compartilha dos mesmos preconceitos irracionais.

A verdade é que Derek sentiu-se pego. Esse pequeno deslize tiraria a sua moral para continuar a defender seus amigos. Pouca coisa, é verdade, porém o suficiente para que a sua morte já não tivesse mais aquela aura de glória imaculada. Mas sacudiu a cabeça com força para espantar essa idéia.

O capitão, por sua vez, caminhava lentamente ao lado da mesa de trabalho, com as mãos cruzadas nas costas e o olhar perdido entre as trevas do carpete. Durante o quarto de hora em que esteve mergulhado em profunda meditação, Derek teve tempo de lembrar-se que estava cansado, com muito sono, morto de fome, e angustiado pelo que estaria acontecendo com Larrin e Gimiso naquela saleta perdida nas entranhas do navio. Será que Gimiso estaria de novo sucumbindo ao sono? Larrin conseguiria manter-se em pé para impedir? Os soldados os estariam incomodando?

— Dek... *Dek*. — disse de repente o capitão — Muito do que você me disse confere com o relato do Oficial. Porém há muitas coisas, muitas, que não entendo e não acabo de acreditar.

Caiu em silêncio novamente. Derek quase soltou um *E daí?*

— Ainda creio que você e os seus acompanhantes representem um perigo para a Potestade, e, portanto, deveria proceder de acordo com o nosso regulamento.

Examinou então uma pequena tela no centro da mesa, que Derek não percebera antes. As pausas do liagávi não esperavam respostas e não visavam produzir nenhuma impressão especial. De alguma forma, pensava Derek, isso não casava com o estilo do seu interlocutor.

— No entanto, Elpa parece ter ainda outros planos para você. Recebi um inaudito privilégio, a autorização para agir de acordo com a minha prudência neste caso, e de conduzi-los a Vessin se assim bem me parecer.

— Pois bem! Que pretende o senhor fazer conosco?

— Por ora, conduzi-los a Vessin. Estarão sob minha custódia como prisioneiros da Potestade até o momento em que chegarmos aos Portos.

— Bem. E depois?

— Como eu disse, são os outros planos de Elpa. Vocês serão entregues à Guarda Potestatária, que fará de vocês o que for mais conveniente.

Derek sorriu.

— O que for mais conveniente para quem, se me permite a pergunta?

— À glória de Elpa e do Escudo, forasteiro. Ignora isso também?

— Oh, não, não! Fágol já me deu uma aula prática sobre isso.

— Pois muito bem!

Então o capitão ergueu um pouco o braço direito com o punho fechado e o apontou para Derek. De dois cantos da sala saíram dois soldados da sua guarda especial, que estiveram impecavelmente hirtos durante todo o tempo da conversação, e que realmente assustaram o humano. Será que Fágol sabia deles? Eles se aproximaram para escoltá-lo de volta à sua cela.

— Um instante, por favor, meu senhor! Como pelo jeito não devemos morrer agora, gostaria de pedir-lhe que nos dê um pouco de comida e permissão para repousar. Por mais que queiramos, não vamos agüentar uma outra vigília como esta.

— Seus companheiros já estão sendo alimentados, *Dek*. Quanto ao repouso... Oficial, você tem permissão para as obliterações?

— Para o quê? — perguntou Derek.

Fágol levantou a cabeça e acenou positivamente.

— Que são essas obliterações? — insistiu o humano.

— Sono sem sonhos, Dek — murmurou Fágol.

— Com drogas?

— Naturalmente.

Derek franziu o cenho, mas não tinha muita escolha. Assentiu com uma discreta vênia e deu as costas ao capitão sem mais uma palavra. Já possuía muita experiência de estar sob mira de imobi-

lizadores para se incomodar. Queria voltar o mais depressa possível para junto daquilo que ele compreendia.

Quando chegou à cela, encontrou-se de fato com dois pratos de uma pequena ceia preparada com todos os requintes que se poderiam esperar de marujos em guerra. Exceto pela água, nada daquilo era familiar ao humano, e possivelmente nem a Larrin ou Gimiso. Havia uma pequena cumbuca com pedaços de carne amassados — amassados é o termo exato — e mergulhados em um creme cor-de-terra, uns aspargos que não eram aspargos, fritos até dez segundos antes da sublimação, e uma generosa porção de pequenas bolotas escuras, que Derek gostaria que fossem realmente daqueles pequenos ovinhos de Páscoa com recheio licoroso, embora já não pudesse mais ser tão facilmente enganado pelo que via no planeta Segusii. Tudo estava limpo, é certo, mas bastante misturado, como se o cozinheiro houvesse trabalhado em pleno maremoto. O apelo estético não era dos mais fortes.

Mas era comida, e a fome é negra: mesmo sem autorização, o estômago de Derek roncou mais forte de expectativa.

— Vocês... por que não comem? Sentem algo estranho?

— Oh, não, Dek — disse Larrin — Parece tudo muito bem. Estávamos esperando por você.

— Chegou faz tempo? — perguntou o humano, apontando para a comida.

— Há meia hora, mais ou menos.

— Vocês deviam ter comido! Já deve estar frio!

— Não, não está, Dek — disse Gimiso — Repare que os pratos são aquecidos.

De fato, eram pratos elétricos, reparou Derek. Eficientes, portanto com uma boa desculpa para serem tão horríveis.

— Bem, então está bem! Comemos?

Larrin sorria amplamente.

— Capturados por liagávie... vivos depois de quatro horas... e agora alimentados! Creio que, além de agradecer a Elpa, devemos nos recordar do doutor Fágol!

— É inacreditável — rendeu-se Gimiso.

— A não ser que o capitão seja como a bruxa velha que queria devorar Joãozinho... ou Maria? Ou era Joãozinho *e* Maria?

— Quem, Dek?

— Eram dois garotos de uma lenda, que faturavam a casa de uma bruxa, que era construída com doces e chocolates.

— Chocolates?

— São uns doces muito bons da minha terra... uma delícia, vocês tinham que experimentar um dia! O Joãozinho, quando foi preso, sempre mostrava um osso de galinha quando a bruxa vinha ver se ele já estava no ponto. Ela era míope, e... e... mas, que diabos! Que é que eu estou dizendo? Vamos comer, depois eu conto a história! Estou com tanta fome que poderia devorar Joãozinho, Maria, a bruxa e toda a casa de chocolates de sobremesa!

Diziam os antigos sálquie que a comida agradecida era a mais saborosa. Teria sido pelo devoto "muito obrigado" de Derek, Larrin e Gimiso que a ração liagávi tinha um sabor infinitamente melhor do que a aparência? A verdade é que os três cativos puderam se abastecer bastante bem, antes de que a sálquile começasse a perguntar a Derek tudo o que acontecera durante sua entrevista. Alguns pontos lhe chamaram especialmente a atenção.

— Eles vão nos *obliterar*? Oh, Dek! E você concordou? — exclamou Gimiso, assustada.

— Eu... eu sinto muito, não sei se havia outra possibilidade, havia? — disse Derek, bastante embaraçado — É tão horrível assim?

Os sálquie não responderam logo. Larrin falou depois:

— É bastante doloroso, pelo que contavam os nossos embaixadores.

— Ah, sim? Até eles tinham que se submeter a isso?

— Bem, não enquanto permanecessem nos limites da embaixada. Porém, em tempos de paz, era necessário com uma certa freqüência fazer missões por dentro do país, e se fosse necessário dormir em algum lugar não-deserto, havia a obrigação de solicitar a obliteração onírica à autoridade médica local.

— Por que somente alguns médicos têm essa autorização?

— Eles desejam evitar que o médico use em si mesmo o tratamento. Dizem que o efeito produzido em um liagávi é exatamente o oposto: eles voltam ao normal, tornam a ter sonhos como qualquer outro sálqui sobre Segusii. É o que em Vessin se chama de "perigo de regressão". Apenas oficiais de alta confiança possuem essa prerrogativa.

— Isso quer dizer que Fágol já estava bastante reabilitado, não?

— Assim parece. Mas a permissão para obliterações oníricas é uma das prerrogativas que quase todos os oficiais médicos milicianos em tempo de guerra possuem. Pode ser também que não seja por uma especial atenção a Fágol.

— Eu pensava que os sálquie capturados em tempo de guerra eram sempre assassinados. — Derek lembrou-se então do seu modesto vexame diante do capitão.

— *Quase* sempre, Dek. Quem sabe se alguns não servem para alguma coisa para os liagávie?

— Gimiso disse-me que o tratamento padrão era impedir que vocês dormissem. Que depois se colaborava com tudo.

— Oh, mas o "repouso" das obliterações é muito diferente do sono normal, Dek! — continuou Larrin — Os membros de fato relaxam, a fadiga regride, mas a mente continua trabalhando, e desejando escapar, e incapaz de se desligar totalmente do mundo ao redor, num estado em que qualquer má experiência colhida durante o dia transforma-se no mais abominável trabalho da imaginação, talvez como um dos seus pesadelos, como se aquilo fosse tudo o que a mente tivesse por companhia pela eternidade que dura esse letargo. Ao final, o corpo está descansado, mas até isso é horrível, porque já não se tem mais a esperança de que o sono venha a tranqüilizar o ânimo. Não se deseja mais dormir. Alguns enlouquecem após a segunda noite consecutiva de obliterações. Em alguns aspectos é muito mais doloroso do que a vigília.

— Mas isso é uma verdadeira tortura! — exclamou Derek — E o capitão disse-me que as torturas eram "proibidas pelo Escudo de Vessin"!

— Não creio que os liagávie alguma vez tivessem usado as obliterações como método padrão de tormentos. As drogas são muito bem guardadas, e difíceis de serem preparadas. Gimi pode ter mais detalhes; você conhece melhor os hábitos deles...

Gimiso sorriu amarelo.

— Meu pai dizia que os liagávie perderam muitos dos seus melhores cérebros para Salúquin, ou Adrrub, ou até mesmo para Darrectla, pois vários oficiais traíram a confiança que lhes tinham e se auto-obliteraram. Nunca iriam usar isso de forma programática. Mas isso não significa que *nunca* o tenham feito com essa finalidade.

— Isso me lembra outra coisa (Derek omitira por pudor o capítulo das perguntas sobre suas relações com Gimiso): pelo que eu entendi, os culpados pela barbárie liagávie não são os liagávie, e sim os seus "súditos". Fágol confessou. Quero dizer, na minha cabeça os liagávie eram sempre os Caras Muito Maus, e nós... os sálquie eram sempre os Tipos Super Legais. Eu fiquei com a impressão de que os liagávie pelo menos *dizem* que todas as atrocidades que conhecemos foram perpetradas pelos seus povos-vassalos. Meu esqueminha mental foi pro espaço!

— Ah, Dek! Isso é mentira! Isso é mentira! — exclamou Gimiso, agarrando-lhe o braço com medo — Não acredite neles; os liagávie são astutos! Eles querem enganá-lo... estão querendo confundi-lo... ah, por Elpa! *Lirri*, eles já estão se acostumando com Dek! Já concebem formas de usá-

lo! Eles o estão testando! E vocês ainda acreditam em Fágol? *Nunca houve habitantes em Lufrre além de sálquie! E não foram navios viniorrie que mataram os meus pais!*

Derek arrependeu-se e acariciava-lhe o dorso do braço. *Pé-no-brek, Pé-no-brek!* Por que não se afundava num buraco de vez em quando?

— Os regulamentos do Escudo de Vessin sempre nos deram a impressão, Dek, de serem uma louvável declaração de intenções — disse Larrin, que até o final do mundo manteria a equanimidade que o breve périplo de fuga lhe ia forjando — É verdade que os liagávie são dos povos mais evoluídos do Sudeste, à exceção de Adrrub, e com certeza são os mais hábeis e inteligentes da porção norte deste continente. Isso nos daria a impressão de que métodos brutais de guerra não seriam os seus preferidos. Entendo que isto possa parecer uma tentativa de imiscuir-me na sua capacidade de julgamento, mas digo-lhe, Dek, que você estará sempre lidando com fanáticos da causa da Potestade, e que pessoas... ainda creio que *honradas* como o doutor Fágol sejam a exceção... não, Gimi, sinto muito, mas ainda creio na boa vontade do nosso prisioneiro-captor.

— Oh, Lirri, por sua boca saiu a sentença! Fágol fala como um fanático da Potestade qualquer! Você não o ouviu quando ele começou a falar-nos da sua vida e dos seus *podiajj*! Eles... liagávie, viniorrie, todos! Falam das piores atrocidades como "condutas"! (Derek concordou com veemência). Falam como se não estivessem falando com pessoas, e sim com estados! Estamos sendo alimentados pela Potestade! Não somos prisioneiros de *pessoas*, mas de *entidades*... de nações, como se fosse possível que uma nação fizesse algum prisioneiro! A justiça e a misericórdia são... são *estruturais* na Potestade; não há intervenção de *pessoas*. O Escudo é como as armas, Dek! É uma máquina. Os liagávie já não possuem mais a noção do que devem ou não fazer, porque o Escudo assume tudo. Todas as suas instituições, todos os seus comportamentos... tudo em Vessin poreja despersonalizações. É a pior corrupção da Vulnerabilidade que poderíamos conceber! Têm a impertinência de pretenderem dar culto ao Primeiro ao pretenderem a submissão de todas as Tribos de Segusii!

— Os que me torturaram eram na sua maioria viniorrie, com efeito — disse Larrin, contido.

— É verdade. Mas é apenas uma *parte* da verdade! Lirri, Lirri! Com partes de verdade se podem construir muitas casas de mentiras. É somente por elas que essas casas se sustentam! Mas elas matam quem nelas penetra ou quem delas se aproxima! Oh, com o perdão de Elpa! Quase amaldiçôo a comida que provamos, se por um momento que fosse isso pudesse se prestar a que nos deixássemos seduzir pelos únicos *dúcdie* que verdadeiramente mereceram esse nome!

Derek tossiu envergonhado. Sentia literalmente que tinha vendido meia hora da sua confiança nos sálquie por um prato de lentilhas (e que lentilhas!). O creme cor-de-terra e os aspargos carbonizados revolveram no seu estômago.

Gimiso, entretanto, foi forçada a se acalmar. Nesse momento entrava na cela pela penúltima vez o médico viniorri, agora acompanhado de dois soldados e três garrafas vermelhas.

V

Pare de gemer! Por favor, pare de gemer! Pare, senão tudo vai arrebentar!

Nenhuma aula sobre resistência dos materiais seria necessária para que Raul identificasse o grito do metal atormentado. Durante a única e breve travessia submarina da longa carreira de feitos heróicos de Palarrco, a carenagem estalou e uivou como se já estivesse farta e quisesse passar desta para uma melhor vida, lá onde os oceanos eram sempre calmos, os ventos favoráveis e todas as ondas domesticadas. A cabine esteve encerrada no mais completo breu; praticamente todos os dispositivos de iluminação foram destruídos. Muita competência técnica e uma boa dose de milagres faziam com que os motores continuassem trabalhando, o que, porém, podia ser um perigo, já que com tanta resistência ao avanço do navio poderiam explodir a qualquer momento. Os roncos e os tremores que se propalavam pelas paredes e corredores ameaçavam com a última hipótese.

Raul segurava a lufada de vômito já há um minuto, mas sabia que não iria agüentar mais. Foi atirado de um lado para outro, com os sálquie, sobre os sálquie e debaixo dos sálquie. Mavlii foi atingido por um pedaço da janela que estourou e por onde a água invisível entrava com um chiado suave. O ruído surdo do mar frenético passando sobre o navio dava-lhes a impressão de terem sido assimilados pelas vísceras de um hediondo monstro sem membros, feito apenas de entranhas, que tudo abarca e do qual nada pode escapar.

Ouvia a voz de Zutarrs, lá de longe, do outro lado das trevas. Repetia uma frase sem cessar; Raul reconheceu poucas palavras. Já não tinha mais atenção para outra coisa que não fossem as suas próprias vísceras. O último estrebuchar do navio chucro o forçou a soltar-se e a cair ao lado, vomitando e recebendo uma cachoeira salgada diretamente sobre a cabeça.

Ao contrário do que os pessimistas professam, entretanto, tudo o que há de mal no mundo termina. Seja com a morte, seja com o curso providencial dos acontecimentos mais desesperados. Primeiro, Palarrco finalmente sossegou, e a prumo. Depois, uma luz azul de emergência acendeu-se na cabine. O jato de água que vinha da janela não era tão intenso como o ruído desgarrado da imagem sugeriria.

Zutarrs repetia a ordem: bombas d'água *apenas* para o compartimento de carga, e a todo o vapor!

E o céu límpido de inverno sobre o mar tranqüilizado ia presenciando o lento milagre. Aos poucos, a refulgente estrutura metálica de Palarrco subia à tona, qual um grande peixe prateado que viesse conhecer o estranho mundo gasoso que podia ver as estrelas. As águas contra a cabine eram cada vez mais claras, e mais claras, e quando finalmente baixaram e a luz de Lass bateu em cheio na mesa de controle, Raul deu um grito de alegria.

O comandante ajudou com destreza que o operador de rádio se levantasse, e juntos foram observar a tela do radar. Estava morta; o oficial sálqui apertava o seu botão oficial, e outros dois botões extra-curriculares que estavam alguns passos adiante, e nada. Zutarrs deu então dois tabefes sobre a tela, e ela se acendeu de novo. Raul sorriu; então esse método também funcionava em Segusii?

Zutarrs soltou grito curto de surpresa excitada. Ali estavam os pontos que correspondiam à sua segunda nau, praticamente colado ao ponto azul que correspondia à nave fora da esquadra que chegara pela tangente, certamente engolfados numa boa briga (que Elpa os proteja!). E dois dos pontinhos oponentes da nau capitânia desapareceram, talvez tragados pela sua própria criatura pelágica. O problema era que o pontinho que era Palarrco estava e-xa-ta-men-te-di-an-te-do...

— *Ativar os defletores! Ativar os defletores!*

...primeiro navio da Potestade que disparara, que já podia ser visto até por Derek, no escuro, sem óculos.

— Disparar torpedos! *Agora!!*

Mavlii jogava todo o peso do seu corpo sobre uma das alavancas de direção. A verdade é que não necessitariam de torpedos, pois Palarrco seguia impávido em rota de colisão com o navio liagávi.

Duas coisas explodiram ao mesmo tempo. Alguma coisa atingiu o ventre de Palarrco, pois agora outra tela acendera-se do nada diante do operador de rádio e uma inconfundível sirene de alarme varreu a embarcação. O navio foi sacudido por um violento espasmo e guinou de lado; lá se foram novamente todos para o chão da cabine. Mas, tudo bem, tudo bem! Agora temos que agüentar! Antes que o comandante pudesse sequer verificar aonde havia sido o choque, contudo, foi jogado para trás novamente com a violenta explosão do casco do navio liagávi, que de tão próximo danificou a proa de Palarrco. Algumas cabines dianteiras foram destruídas; Raul saberia depois que dois sálquie morreram no incidente.

O espetáculo era horrível. Apesar do medo e da raiva *a priori* que sentia contra os liagávie, o humano não conseguiu deixar de se impressionar ao ver os corpos dos marujos inimigos voando pelo ar. E Palarrco, apesar dos esforços sobre-sálquie de Mavlii, não teria tempo de desviar e finalmente se chocaria contra os frangalhos carbonizados da nau da Potestade. Raul nem queria pensar nos que escaparam da morte pela explosão para perecerem esmagados entre os metais das duas embarcações.

Zutarrs ainda ordenou que os motores fossem ao máximo possível. Tinha que evitar ainda o último perigo, que seria ou a explosão do reservatório de armas liagávi, ou um eventual ataque suicida dos que houvessem sobrevivido. Palarrco forçava a passagem pelos dois grandes pedaços de lata submergente a que fora reduzido o seu oponente, e as arestas pontiagudas rasgavam sua fuselagem como as garras de um leão.

O operador de rádio deu um grito de alarme. Zutarrs virou-se.

— Raul! Segure-se! Posição de choque! Posição de choque!

O último navio liagávi disparara contra os escombros da outra embarcação da própria esquadra. Aproveitando-se com certeza da situação quase cômica de Palarrco, semi-encravado entre os destroços, tiveram a mesma idéia que Zutarrs e queriam talvez fazer com que todo o arsenal explodisse, mandando os seus irmãos para os Jardins de Elpa mais cedo, e com um pouco de sorte acompanhados pelos detestáveis *dúcdie*.

O choque da explosão do torpedo foi amortecido pelos destroços, com o preço de que as arestas mordiam a esbelta fuselagem da nau capitânia com maior voracidade. Os motores de Palarrco super-aqueciam.

— Disparem contra este navio! — ordenou Zutarrs, nervoso — Temos que destruir esta armadilha! Remover defletores submarinos!

O operador de rádio tinha uma informação do radar de curto alcance. Havia localizado o depósito de armas liagávi.

— Torpedos contra os destroços da esquerda! As armas estão no compartimento de carga da popa!

Palarrco protegia com o seu corpo o depósito de armas contra os torpedos da outra nau liagávi. A ordem do comandante foi cumprida, e com efeito as presas fatais cederam. Palarrco, porém, fazia água e já não avançava com tanta resolução. Que fazer agora?

— Senhor Zutarrs! Senhor! Olhe... olhe aquilo!

O navio liagávi parecia incorporar-se para atacar Palarrco. Normalmente, quando as esquadras da Potestade sofriam baixas como estas em confrontos contra os de Vantimiso, batiam em retirada aproveitando-se de ainda terem alguma coisa em que pudesse navegar. Agora, entretanto, pareciam sentir no ar que ao menos a nau capitânia poderia ser destruída.

Zutarrs examinava cada passo da manobra do seu oponente com grande admiração. E também muito apreensivo.

— Desligar os motores!

Raul estava perplexo.

— Senhor... vamos ficar aqui parados?! Mas eles podem enviar outra dessas ondas contra nós!

— Não creio nisso, Raul! Eles estão muito próximos de nós. Parecia pelo radar que há uma distância de segurança mínima para detonar os nódulos.

— Sim, sim, mas... mesmo assim; tudo o que eles têm a fazer é se afastarem e escolherem a posição para nos acertarem!

Zutarrs sorriu enigmático.

— Creio que o nosso passageiro tem razão, com efeito! Mavlii, retroceder!

Raul sentiu-se jogado de leve adiante; o navio dava marcha-a-ré. Não sabia que navios pudessem andar para trás! Os danos contra a fuselagem de Palarrco pioraram, pois agora o seu movimento o fazia cravar-se a si mesmo contra os restos do navio destruído. Felizmente para os sálquie, a maior parte já ia mar abaixo.

Depois de alguns minutos, o radar mostrou que os liagávie paravam, incertos, a coisa de meio quilômetro adiante da proa da nau capitânia. Palarrco continuava afastando-se pesado, os motores zunindo ao contrário. Mavlii e o operador faziam observações nervosas ao comandante, que as ouviu em silêncio enquanto mirava com olhos injetados a distribuição dos pontos coloridos no tabuleiro de xadrez que tinha se transformado a impassível tela do radar. Sentiiscánai aproximava-se lépida e vitoriosa, em ângulo com a linha imaginária que unia o destino dos sálquie ao dos seus infatigáveis predadores. O navio de Zutarrs agora estava a quase quatrocentos metros dos escombros submersos. Estavam livres, porém igualmente vulneráveis. E, após de um angustiante minuto, Zutarrs deu quatro das cinco ordens que decidiriam a sorte daquela batalha.

— Desligar os motores! Vedação completa das janelas e escotilhas! Daniarr, queira por favor destravar todas as seguranças do radar, e deixe-o focado no navio liagávi. — e, depois, para Sentiiscánai — Avancem na mesma trajetória até o ponto tal e tal, parem ali e fixem o alvo dos torpedos no sinal do nosso radar, e sob a minha ordem!

Palarrco deteve-se, novamente as janelas da cabine se fechavam, e de súbito um chiado horrível começou a soar dentro dos protetores de ouvido dos três sálquie da cabine. Daniarr e Mavlii tinham o semblante rusgado de dor, mas não ousavam removê-los, pois sabiam que as bombas de som seriam infinitamente piores.

Raul só ficaria sabendo mais tarde o que era que Zutarrs esperava ouvir. Em meio à estática infernal, distinguiam-se as vozes ininteligíveis e os ruídos mais sutis à bordo do navio da Potestade. Ouviam também o trabalho dos seus motores: eles também davam marcha-a-ré! Afastavam-se do ponto de derrota dos seus conterrâneos, com se com medo dos seus fantasmas, embora Zutarrs soubesse que eles não tencionavam fugir. Tomavam distância, um pouco mais... um pouco mais ainda...

E enfim, vozes e gargalhadas em um idioma desconhecido juntas com o sinistro silêncio quando os liagávie finalmente fizeram alto. Os oficiais da cabine estavam hirtos de medo (Mavlii fez um curioso gesto com as mãos, observou Raul, como se querendo rasgar alguma coisa), bem como o seu líder, mas ele forçava seus ouvidos a se aplicarem em outros ruídos, em ruídos não-padronizados...

... como o daquele que lembrava um portão de ferro sendo aberto lentamente sob a água, tal como um zumbi marinho que saía da sua sepultura para uma noite de pesadelos.

Momentos antes que o portão, ou o que fosse, finalmente se abrisse por completo, Zutarrs ordenou à tripulação de Sentiiscánai:

— *Disparar!*

Raul teria muitos pesadelos com a coluna de água e fogo que consumira num átimo o navio da Potestade, erguendo-se como o espírito de um tritão assassino a reclamar vingança pelo distúrbio dos seus domínios.

A onda gigante abortada encrespou o mar ao redor e sacudiu sem piedade as ferragens alquebradas de Palarrco. O casco fendeu-se na altura em que fora atingido pelo torpedo, e a água voraz penetrava em todos os cantos e recôncavos. O navio começava a empinar; iria a pique com todas as glórias da sua resistência.

Poupada dos efeitos imediatos do choque, Sentiiscánai lutava por abrir caminho entre os vagalhões para resgatar os seus irmãos em perigo. Zutarrs, com efeito, já ordenara a todos os ocupantes de Palarrco que se dirigissem ao convés.

Fiel à promessa de não desgrudar do comandante, Raul foi o penúltimo a abandonar a nau capitânia. No fundo, parecia-lhe que o velho navio não estava tão mal, e que talvez ainda pudesse conduzi-los a bom porto, mas Zutarrs e os demais oficiais não tinham tais ilusões. Sabiam que Palarrco dera sua vida para protegê-los, e que finalmente teria o seu repouso. O novo problema é que agora, com Sentiiscánai super-povoada, teriam que procurar com urgência um outro ponto de desembarque, o que significava que não conseguiriam chegar a Salúquin nos dois dias que planejavam. E foi a imagem do Dr. Ericsson o aguardando impaciente que fez com que Raul ficassse realmente preocupado pela primeira vez naquela viagem.

— Não foi minha culpa, Professor! Eu juro que não fiz nada!

— Que disse, Raul?

Raul saiu do transe, enquanto contemplava a massa de sálquie molhados de Palarrco sendo recebida no novo convés.

— Oh, nada, nada, perdoe-me, senhor... Estava apenas falando sozinho. Que faremos agora?

Zutarrs não respondeu, porque nesse momento aproximou-se o capitão de Sentiiscánai, sálqui de pêlos cinzas, olhos muito claros e porte respeitável, que vinha depor-lhe a medalha com o fogo estilizado. Baixou a mirada e as orelhas, murmurou alguma coisa, e logo ele e o comandante geral da pequena esquadra puseram-se a confabular em segredo. Então, Zutarrs deu algumas instruções sobre os feridos da sua embarcação e seguiu para a imaculada cabine de controle de Sentiiscánai. Durante todo o trajeto, Raul era novamente alvo de uma silenciosa e polida revista visual, auditiva e olfativa por parte dos novos sálquie. E notou também que era em Sentiiscánai que viajava aquele ancião que entregara o jovem Miacis ao seu pai. Ele examinava Raul com uma expressão severa.

O humano entrou na cabine de controle e teve a impressão de que apenas entrava de novo na de Palarrco depois de uma boa faxina. Zutarrs checou todos os controles e foi apresentado ao novo piloto e ao operador de rádio. Onde estaria Mavlii?

— Veja, Raul. — disse Zutarrs, mostrando-lhe um mapa — Esta é a nossa posição e este é o percurso que deveríamos fazer. Embora ainda muito perto do Continente (isto, isto e isto), de acordo com o plano deveríamos chegar amanhã à noite nesta parte da Ilha de Vantimiso. É a sua extremidade meridional, e chama-se Lufrredam.

— É para lá que vamos?

— Sim, com a guia de Elpa!

— Em quanto tempo chegaremos?

— Nestas condições, dois dias, se não nos encontrarmos com outra guarda da Potestade no caminho. Imagino que você esteja preocupado com o que o Professor Ericsson e o Sr. Okami vão pensar, não é?

— Exatamente. Creio que finalmente vou levar uma surra!

— Se tudo correr bem, Raul, nos atrasaremos apenas um dia. De Oncadam até Salúquin temos mar calmo e conseguimos fazer a viagem em um dia.

— Um dia?

— Sim, Vantimiso é uma ilha muito ampla.

Raul sorria.

— A verdade é que para mim, quanto mais tempo, melhor!... Digo, quero dizer, em circunstâncias melhores, é lógico!

— É bom que tenha tais disposições, Raul, porque também existe a possibilidade de que sejamos agraciados com uma viagem consideravelmente maior. Se o estreito de Lufrre estiver bloqueado pelos liagávie, teremos que contornar a Ilha pelo norte.

— Isso significa... dar a volta completa à Ilha?

— Sim, Raul. Apenas receio que, nesta época do ano, o clima não esteja muito agradável. Seriam mais quatro dias de viagem marítima ininterrupta, e teríamos que refazer nossas provisões em Skídi.

— Onde é isso no mapa?

— Aqui... ao norte de Oncadam.

— Que curioso... estava notando uma coisa.

— O quê?

— Que a Ilha de Vantimiso... parece um grande cavalo-marinho. É o nome de um peixe muito estranho da minha terra.

— É a forma de um *assoutii*, que por sinal é o peixe mais comum dos nossos mares. Há muitas histórias interessantes sobre essa semelhança, Raul, mas para serem contadas em circunstâncias melhores.

VI

"Pai? Pai? É você? Aqui atrás, aqui! Olhe para mim, olhe para mim! Sou eu, o Dek! O Dek! Pai! Paaai!"

Aquele quarto escuro dava-lhe medo! Era-lhe familiar, porém sem nenhuma boa lembrança. Tinha medo de se mexer, medo de se levantar, medo de ir até a porta aberta. E medo de estender o braço para acender a luz (o interruptor de madrepérola era a única coisa que se via ali dentro). A porta era alta com o cimo em arco, e em meio à claridade podia ver dois vultos que caminhavam apressados, de cabeça baixa, mas não acabavam de se afastar de vez. Pareciam andar sobre esteiras rolantes, mas não se importavam.

Estava preso nos cobertores, preso a uma cama.

"Pai! Pai! Quem está aí com você? Me ajude!"

O vulto da direita parou de caminhar, mas ainda estava de costas. Seu companheiro continuava andando, ou antes, movendo as pernas, nunca saindo do lugar.

"Que é que você quer... Dek?"

"Pai! Socorro! Eu estou sozinho... tem alguém querendo me machucar!"

Tinha medo de virar a cabeça contra a porta. Pois sabia que alguma coisa estava lá atrás, em meio à escuridão.

"Quem é você?" — perguntou a voz.

"Pai? Me ajude! Por favor, acenda a luz! Sou eu, o Dek! Sou seu filho!"

"Nunca tive um filho!"

"Pai! Pai! Por favor, por favor, tire-me daqui!"

Então o outro parou também.

"Dek?"

"Quem é você? Eu conheço você? Por favor, não vão embora! Eu não consigo sair daqui!"

O segundo vulto balançava a cabeça. Nenhum deles voltava-se para a porta do quarto. E, lá de dentro, Dek começou a ouvir um rangido. Um armário se abria — o armário do seu quarto! Mas ele não se lembrava mais disso. E viu — Ah! Dois sarcófagos dourados girando, girando, e se aproximando. Iam cair em cima dele, e ele não conseguia se mover mais!

"Pai! Pai! Pai! Vem cá, pai, por favor! Tire-me daqui! Eles vão me pegar! Eles vão me pegar!"

Os estranhos começaram a andar de novo, devagar.

"Não, não!"

Derek suava frio. Toda a cama estava molhada com o seu suor. Tinha medo de mover os braços para limpar o rosto. Os sarcófagos giravam como dois peões descontrolados. Fechou os olhos e gritou com força:

"MÃE! MÃÃE!"

No quadro seguinte, os sarcófagos estavam parados ao lado da sua cama. Alguém apertava-lhe o pescoço; era Larrin! E estava furioso.

"Sua mãe morreu, Dek! Você não se lembra? Hein? Não se lembra, seu f..."

Derek sufocava e chorava. Tentava falar com a voz abafada.

"Larr..."

"Sua mãe morreu, Dek! Você mesmo me disse isso! Sua mãe morreu!"

Derek desviou os olhos da face monstruosa de Larrin, e viu que os dois vultos caminhantes estavam justo na entrada do quarto, porém ainda de costas.

"Sua mãe morreu, Dek!" — disse a segunda voz.

"Quem... quem... Raul, é você?"

"Sua mãe morreu, Dek! Você matou sua mãe!"

"N... não!!! NÃO!"

"VOCÊ MATOU SUA MÃE, DEK!" — troou a voz do seu pai.

Larrin sacudia seu pescoço como que para quebrá-lo. Derek afundava cada vez mais no colchão e chorava aos berros sem nenhum pudor.

“Não... não foi culpa minha... não foi culpa minha! Pai, não diga isso, por favor!”

“Você matou sua mãe, Dek! Você matou sua mãe, Dek!”

“Não! Não... pare, pare, pare! Pai, por favor, não —”

“VOCÊ MATOU SUA MÃE, DEK! VOCÊ MATOU SUA MÃE, DEK!”

Todos gritavam ao mesmo tempo agora! Murros e gemidos lúgubres vinham de dentro dos sarcófagos.

“Você morreu também, Dek!” — murmurava Larrin, sádico, ainda querendo esmagar-lhe o pescoço.

“Não! Não... foi... culpa...”

Seu pai e Raul viraram-se então finalmente. Derek sentiu o coração parar! Seus rostos tinham sido arrancados; no lugar das faces havia uma massa nojenta de carne ensangüentada.

“Você vai morrer também, Dek! Você destruiu as nossas vidas!”

E os sarcófagos se abriram. Pedaços do corpo de um bebê em um e do corpo de uma mulher em outro, completamente destroçados, que caíram no chão com um ruído hediondo. Começaram a chorar ao mesmo tempo.

“Você vai morrer, babaca!” — xingou-lhe Larrin.

Derek sentiu sua vida desaparecer. Só tinha forças para um último grito.

“AAH,... AAH,... AAAAAAAAAAAAAAH!!!!!!”

— *Dek*!?

— *Não... foi... minha... culpa!*

— *Dek! Dek! Solte, Dek, solte! Acorde! Por Elpa, Dek! Acorde!*

Larrin deu-lhe um tapa no rosto. Com um choque e um grito, Derek acordou e sentou-se. Ainda tinha as mãos agarradas ao próprio pescoço.

— *Aaaaarff!*

— Dek! Está tudo bem, está tudo bem!

— Que aconteceu? Que aconteceu?

— Foi apenas um sonho mau! Está tudo bem! Não chore, Dek, por favor!

Ele mal notava o abraço enternecido e preocupado de Gimiso. Limpou os olhos com a manga em trapos do manto e tremeu. Estavam ainda no calabouço improvisado; Fágol e os soldados estavam à porta.

— Não fui eu! Não fui eu! Foi um acidente... pai, eu juro...

Sentia-se acabado, e ainda não conseguia parar de chorar. Arfejava e respirava com dificuldade. Mas quando reconheceu o médico viniorri, empurrou Gimiso e de um salto atracou-se em seu pescoço.

— *Seu... viado! Seu filho de uma cadela! O que você fez comigo?!*

— *Não, Dek!!*

Mas foi tarde demais. Um dos soldados disparou o imobilizador e o humano voltou novamente para o chão com um espasmo. Gimiso atirou-se em cima dele.

— *Fágol! Mande ele abaixar essa arma!*

Fágol, que a custo se recuperava do susto, comandou aos soldados que se afastassem.

— O que aconteceu com ele, Fágol? — perguntou Larrin.

— Eu... eu não sei. Mas creio que ele está apenas um pouco alterado.

— *Um pouco alterado!?* — exclamou Gimiso, entre lágrimas — *Você não ouviu tudo o que ele disse durante o sono? Não viu como ele quase se estrangula a si mesmo??*

— Não se preocupe, ilhéia. Ele vai ficar bem.

Dizendo isso, saiu da cela e as portas se fecharam novamente. O zunido do motor e os soluços de sua companheira eram tudo o que Larrin teve para ouvir por um bom tempo.

— *Oh, Dek, não! De novo, não! Por favor, não sonhe mais! Não sonhe mais...*

Evidentemente o doutor sabia o que dizia. Uma hora depois, o efeito do imobilizador havia passado, e Derek despertava pela segunda vez no mesmo dia. Sua aparência era péssima: cabelos desgrenhados, face lívida, olheiras profundas, e vergões avermelhados no pescoço e na nuca onde suas unhas se cravaram com mais força.

Não estava muito diferente dos sálquie, todavia. Embora fosse mais difícil notar, um exame atento do olhar abatido e algo alienado de Gimiso e Larrin, bem como das orelhas que não se sustinham com a mesma firmeza, bastariam para mostrar que também tiveram desventuras oníricas de porte.

— Dek? Você está melhor? Como se sente?

Derek massageou as têmporas.

— Mal... péssimo! Minha cabeça está explodindo... como se tivesse bebido cerveja ruim a noite inteira... Eu queria uma aspirina!...

— Oh, Dek! Pensávamos que você fosse se matar! Você quase se enforcava, e não podíamos...

Mas Larrin a interrompeu com um gesto. Não era necessário fazer com que Derek se recordasse do seu pesadelo.

Inútil providência, porém.

— Meu... meu Deus do Céu! Foi o pior sonho da minha vida! O pior sonho da minha vida!

— Tente esquecê-lo, Dek!

— É impossível... sonhei que v... digo, sonhei que estavam me acusando de ter matado minha própria mãe...

— Não, Dek, por favor, não fale mais!

— ...e que ela estava lá... e havia um bebê... era eu; eu tinha que morrer... *pufff*! Que merda de sonho!!

Agora sim, abraçou sua esposa com muita força. Ainda tremia um pouco.

— Entendi agora... entendi agora como é isso de não querer dormir nunca mais! Deus do Céu! Antes morrer do que voltar a passar...

Larrin, que era o único que estava em pé, sentou-se também, ao lado de Derek. Nenhum dos três podia mexer muito a cabeça, pois a picada da injeção cervical para as drogas do obliteramento ardiam como ferroadas de marimbondo. No humano, deixara uma feia marca arroxeada, que Gimiso não podia afagar porque doía horrores!

— Fágol não podia ter feito isso com você! — disse ela, cabeça sumida nos braços de Derek — A droga podia tê-lo matado! Quem poderia saber como o seu corpo reagiria?

— Bem... tudo bem, agora. Acho que estou melhor. Nem senti o disparo do imobilizador! Acho que, sem querer, esses caras me fizeram um favor e acabei descansando um pouco mais. E vocês? Como foi... digo, espero que não tenham tido... isto é... droga, como se sentem?

Larrin sorriu sem vontade.

— Como quem acaba de sair de um obliteramento, Dek. Despertamos ontem à noite, e como você continuava...

— *Ontem* à noite? — cortou Derek — Não foi ontem que nos obliteraram?

— Oh, não, Dek. Você esteve desacordado por dois dias exatos.

— *Dois dias*!? Uau! Eu não diria que dormi sequer meia hora!

— Você de fato não *dormiu*, Dek. Nenhum de nós dormiu durante esse período.

— Isso é o normal?

— Para nós, um dia é o prazo habitual. Mas por algum motivo você custou mais a eliminar a droga. Pensávamos que as coisas haviam se complicado.

Enquanto Derek matutava espantado, Gimiso agradecia em seu coração que seu colega tivesse suprimido todo o capítulo do escândalo que ela armara com o médico viniorri no dia anterior, e que quase lhes custara uma segunda dose da poção de Morfeu Perturbado.

— Foi um erro tático, Larrin, ter permitido que Fágol obliterasse a nós três de uma vez. Deveríamos ter-nos submetido a isso por turnos. Assim, um vigiava para que os outros pudessem dormir... ou enlouquecer, ou o que for, tranqüilamente. Estava pensando no que os tipos não podiam ter feito conosco enquanto estávamos fora de combate.

— Teria sido uma boa idéia, com efeito, Dek, mas duvido que Fágol fosse autorizado a fazer isso. Até porque estamos chegando em terra.

— Ah, sim? Como é que você sabe? Eu... eu não sinto nada.

— Pelo vento, Dek — explicou-lhe Gimiso — Tem cheiro de terra.

— Tem cheiro de terra... pois sim! Ah, *por Elpa!* O que eu não daria para ter um narizinho como o de vocês, *assiiiiim...*

Começou a fazer cócegas no rosto de Gimiso e a beliscar a ponta do seu focinho.

— Não, Dek! — disse ela, rindo.

Larrin virou-se de costas. Em qualquer lugar do universo, em determinados momentos, três sempre eram demais.

E Larrin estava certo. Na tarde daquele mesmo dia, os motores pararam de zunir e voltaram a trovejar como no dia em que foram capturados. Isso indicava uma diminuição de velocidade, e em qualquer momento os prisioneiros deveriam ser conclamados a comparecer de novo ao convés.

— Bem, coragem agora! — disse Derek, tentando animar um pouco seus amigos — Tudo vai dar certo. O pior que pode acontecer é quererem nos matar, não é? Então, se é para morrer, vamos fazer um pacto de não trair nada nem ninguém, certo? Morramos com elegância!

Os sálquie estavam cabisbaixos. O sono torturado e as comoções dos últimos dias não ajudavam muito a manter a moral elevada. Larrin lembrou-se de que deveriam dirigir uma prece a Elpa, terminada no exato momento em que a porta foi aberta com um empurrão mal-educado. Lá estavam Fágol e o capitão liagávi.

Não tinham que dizer nada; os três levantaram-se devagar e sacudiram as pernas entorpecidas. Antes de que saíssem, Larrin ainda murmurou:

— E façamos um pacto de não abrir nossas bocas em hipótese alguma! Apenas quando formos explicitamente chamados a isso!

Seja, indicou Derek com a cabeça.

O sol forte cegava Gimiso e Larrin que, ao contrário de Derek, desde o dia de sua captura estiveram encerrados o tempo todo naquele cubículo mal iluminado. E Derek, por um curioso instinto, observava agora com avidez todas as minudências do navio liagávi que deixara escapar no dia da sua entrevista com o capitão. O convés era de madeira amarelada, não havia velas, mas apenas dois mastros enormes e prismáticos que não pareciam ter função na navegação do barco. O mais curioso — como não o notara antes? — era a enorme grade que formava uma cerca apoiada por toda a extensão da amurada. Erguia-se até o mais alto dos mastros, daonde pendia, e era metálica e reforçada, como um gigantesco trançado de cabos de aço. Era desagradável tentar olhar o horizonte, pois céu e mar quadriculados acabavam muito rápido por cansar a vista. Que finalidade poderiam ter? Derek quase violou o segundo pacto, mas segurou-se a tempo. Não podia ser uma estrutura de defesa, a não ser que receassem a abordagem de moscas descomunais, e nem facilitava muito o ataque, ou o embarque e desembarque da tripulação. Estavam como que em uma gaiola navegante.

Em seguida, formou-se diante deles um corredor polonês de marujos liagávie, todos com imobilizadores nas mãos e profundo asco não disfarçado nas faces. Derek quase os entendia, pois afinal há quanto tempo não tomavam um banho decente! Notou também que o capitão era de fato a única exceção ao comum dos marujos: todos eles pareciam versões nanificadas dos sálquie de Tarrajcalo, e que tivessem entrado numa loja de tintas e escolhido as combinações mais absurdas para tingirem os pêlos, sem qualquer preocupação pela estética das formas — salvo a onipresente estrela

branca no alto da face, sua marca registrada. Na maioria dos casos tinha cinco pontas, e mais raramente quatro ou seis. Havia uma série de anedotas de bordo escabrosas a respeito da relação entre o número de tais pontas e a capacidade guerreira de quem as portavam.

Derek caminhava adiante, em fila indiana atrás da escolta do capitão, seguido muito de perto por Gimiso e Larrin. Mesmo sem ser parte explícita do acordo, Derek sabia que seus companheiros o teriam encoado a não encarar os marujos. Assim, quando entraram no túnel hostil, suspendeu suas observações e passou a contar as tábuas de madeira do convés.

Fágol, novamente muito excitado, tinha se adiantado e conversava com o marinheiro que conduziria a escuna de traslado ao porto. Derek ouviu a sua voz, e por um momento um relâmpago de dúvida queimou toda a pouca esperança que tinha na confiança de Larrin a respeito das intenções do viniorri. Ativera-se sempre ao fato de que Fágol *devolvera-lhe* o imobilizador naquela longínqua noite, após contar a sua fabulosa história, e que portanto merecia crédito. Mas, pensando bem — pensando como Fágol pudesse ter pensado — de que lhe adiantaria ter três prisioneiros enquanto ele estivesse sozinho? O imobilizador seria uma vantagem tão importante assim? Que se lixassem os bárbaros forasteiros com toda a responsabilidade de escaparem. Quem sabe se não conseguiriam? Quem sabe se aquele curioso monstrengo não pudesse fazer algo? Se não chegassem a lugar nenhum, morreriam todos. Se fossem resgatados por sálquie, podia arriscar-se a contar com a ingênua benevolência dos ilhéus. E se fossem resgatados pelos seus conterrâneos, teria três gordos trunfos nas mãos! Se não morresse, sempre sairia ganhando! E como pelo visto morrer era uma grande dádiva em Segusii (embora com matizes diferentes em se tratasse de sálquie ou liagávie), era o único que estava com o futuro garantido em todas as hipóteses!

Derek levou um cutucão na orelha, pois tinha se desviado da fila. Voltou a sentir-se desolado; será que Gimiso também teria pensado nisso? Certamente que sim; talvez fosse por isso que foi ela quem perdeu as esperanças em primeiro lugar.

Uma outra surpresa desagradável aguardava o humano no final da linha. Fágol aproximou-se com um grande saco de uma lona escura.

— Vista isto, Dek!

Derek tomou o saco nas mãos, mas não viu forma de vestir aquilo. O médico o tomou de volta e, sem maiores explicações, enfiou-o pela cabeça do humano e envolveu-lhe até os pés. Com toda a escuridão, a perplexidade e o cansaço, Derek tropeçou e caiu de lado, ferindo a cabeça, pois ensacado como estava não conseguia mover os braços.

— Dek! — gritou Gimiso.

Larrin a conteve com um forte puxão no seu manto. Os momentos delicados estavam apenas começando!

Caído como estava, Derek foi ainda amarrado nos pés e na altura da cintura, e dois soldados o tomaram debaixo dos braços como uma salsicha gigante e o desceram à escuna.

— Não se mova, humano! E permaneça calado!

— Dek! — ganiu Gimiso — Ele vai sufocar!!

Parecia que não, pois na escuna o condutor fez com que a salsicha-Derek se sentasse, e com muita perícia, ou poucos respeitos, cortou com uma faca uma fresta na lona na altura da cabeça.

E, enquanto Miacis, o quarto filho de Zutarrs, despertava para a sua primeira manhã no solo sagrado dos seus antepassados, Derek, Gimiso e Larrin, semi-mortos, punham os pés nas formidáveis terras da Potestade Liagávi.

VII

Um novo e exuberante golpe do destino não se faria esperar.

Poucos e cuidadosos contatos de rádio, mais o conhecimento das rotas de navegação daquela parte do Dama que possuía o ex-comandante de Sentiiscánai, trouxeram o temido veredito naquela mesma noite, à nova mesa da nova sala de reuniões dos oficiais sálquie: o estreito de Lufrre estava bloqueado, e muito bem bloqueado. Mas a coisa não parava por ali; os liagávie já formavam um cerco ao redor dos dois grandes portos de Salúquin, e também ali a batalha era iminente. Haviam mesmo desembarcado nalguns pontos. Zutarrs e os outros teriam que adernar ainda mais para o norte.

— Ou seja?... — perguntou Raul ao comandante, horas depois, numa caminhada noturna sobre o convés.

— Isto quer dizer, Raul, que vamos ter que aportar em Skídi e preparar-nos ali para outro combate.

— Em Salúquin? Vamos então ter que dar a volta à Ilha pelo norte?

Zutarrs suspirou profundamente.

— Sim, se o nosso problema fosse apenas o bloqueio de Lufrre. O povo da Península é famoso por sua bravura e seus dotes caçadores, e poderia ajudar-nos mantendo ocupados os liagávie. Mas isso levará tempo, e a situação está sensivelmente pior do que imaginávamos, pois nossa capital está prestes a ser atacada. Não podemos dispensar por tanto tempo o potencial bélico deste navio, que é o único deste porte nesta região, e deverá ser parte importante da nossa resistência. Acredito que em Skídi seremos instruídos a reunir reforços e abrir caminho pelo estreito do modo mais direto.

— Há outros navios em Skídi?

— Sim, há, embora de pequeno potencial. Skídi é uma região essencialmente de pesca e caça de tivla, e sempre esteve resguardada de pretensões hostis por estar rodeada por uma cadeia de vulcões e habitada por... por alguns da nossa raça que nos são muito especiais. Contudo, acho que posso dizer-lhe que são precisamente as pradarias de Skídi, com todos os seus habitantes, que serão o alvo dos ataques dos liagávie desta vez.

— Ah, sim? E por que eles não vão para lá em primeiro lugar?

— Oh, isso seria imprudente para eles, Raul! Seu objetivo é claro e meridiano, embora temerário: querem atacar e destruir Salúquin em primeiro lugar, para terem totais garantias de êxito na próxima etapa.

Caminharam um pouco em silêncio, indo e vindo sobre o grande páteo navegante, vibrissas ou cabelos balançados pelo vento forte e gelado que vinha de sua própria terra-natal. Isso devia causar um sofrimento especial aos tripulantes, tão próximos e tão distantes de um porto seguro e familiar. Um grupo de guarda passou pelos dois, saudou o capitão e dirigiu-se ao seu ponto de observação na proa.

— O que é que lhe preocupa, Raul?

— Hein? Como... como assim?

— Algo o preocupa. Quer falar sobre isso?

— Não, não é nada...estou ótimo... — sorriu — OK, OK, bem, não é verdade... É difícil mentir para vocês, não?

— Não sei, Raul. Vocês, humanos, têm algo que poderíamos chamar de... sinceridade fisiológica. Creio que seja difícil que vocês mintam para vocês mesmos.

— É que... bem, eu... me desculpe, senhor, mas ainda estava pensando... que vamos ter que nos separar em breve, não?

Zutarrs parou de caminhar e, de mãos às costas, observava atentamente seu interlocutor. Tinha um dos seus famosos sorrisos acolhedores.

— Como... ehr, digo, por que você pensa isso, Raul?

— Bem, não é necessário ser nenhum gênio, não é? — disse, com um sorriso amarelo — Skídi é o fim da linha para mim, pelo menos no que diz respeito à nossa viagem. Não creio que vocês possam me recrutar como um combatente.

— Isso é verdade, Raul.

— Pois bem. O senhor, por outro lado, provavelmente vai ter que se engajar em outra campanha contra os liagávie.

— Isso também é exato.

— Portanto, vou ter que ficar, mau grado meu... *quod erat demonstrandum!* Sei que é bobagem aborrecer o senhor com isso agora, mas eu... eu gostaria de continuar em Sentiiscánai! Como auxiliar do ajudante do faxineiro dos corredores; como... como sei lá o quê mais. Não, por favor, não ria, senhor... também acho que eu poderia ajudar... justamente pelo fato de não ser como um de vocês... isto é, bem, o senhor viu como aquelas bombas de som não me afetaram, não é? Quem sabe então se eu não poderia ser de mais alguma utilidade? Os liagávie não esperam uma "arma secreta", por assim dizer, como... eu. Pode ser que eu seja invulnerável a mais coisas, e que eu possa ser uma carta na manga, como dizemos na minha terra.

— Raul, Raul! Emociona-me a sua generosidade, mas sinto que terei que desapontá-lo. Se não fosse por nenhum outro motivo, seria pela promessa que você mesmo fez ao Doutor Ericsson de... não se meter em encrencas, lembra-se?

Raul abaixou os olhos encabulado.

— Eu sei, eu sei... mas... mas se ele chegou em Salúquin (digo, é claro que ele chegou, graças a Deus!), e se Salúquin também está rodeada por inimigos, de qualquer forma nós não poderíamos chegar lá a tempo, não é? De que adianta eu ficar plantado em Skídi? Eu... gostaria de continuar ao lado do senhor! Há tantas, *tantas* coisas para conversarmos, tantas coisas que eu gostaria de ver e perguntar!...

Zutarrs lembrou-se então por um instante de Larrin, no primeiro dia em que o conhecera, depois que ele chegara de Arrfínan. Tímido, orelhas baixas em sinal de respeito, todo ele focinhos, olhos e ouvidos diante da imortal Cidade onde nunca estivera! Sangue de poeta e mente de desbravador da natureza. E pensou também em como ele sofrera por Derek, até ter encontrado junto com ele a morte. O comandante franziu o cenho sem querer; por que o mundo tratava tão mal justamente aqueles que dele não esperavam nada para si?

Foram até a amurada e ficaram a observar as estrelas. Raul estava desesperançado. Jogara sua última cartada, e até ele mesmo via quão pouca coisa ela representava. Agora, se tivesse as mesmas habilidades diagnósticas dos sálquie, poderia perceber que também o comandante trazia algo que o preocupava.

— Raul, eu... tenho que confessar-lhe que a sua perspicácia supre muito do que falta aos seus sentidos. Você tocou no primeiro dos pontos que eu precisava conversar com você esta noite. Sim, creio que seja inevitável que nos separemos. Não posso e nem quero colocá-lo em uma situação de combate, especialmente agora em que estamos em considerável inferioridade. Creio que você algum dia me perdoará por isso.

— Não, não, senhor Zutarrs, por favor! Foi só um súbito acesso de insensatez da minha parte, não vá esquentar a cabeça por isso... — e sorriu amarelo de novo — Aquele poeta de quem eu falava ontem dizia que o mundo pertence aos loucos. O senhor não acha?

— Bem, se por loucos você quer dizer ousados, concordo!

Raul suspirou melancólico. Mas Zutarrs ria baixinho.

— Estava pensando, Raul, até onde essa sua perspicácia chegaria se você tivesse mais um ou dois dados para trabalhar.

— Quais?

— O primeiro é a existência de uma estrada, Raul, que parte de Skídi e percorre a distância de dois dias de viagem num vagão Boitdárraf miliciano para chegar em Salúquin. Ele é mais eficaz

que os de cruzeiro regular, porque é o único que atravessa de ponta a ponta a base de um vulcão extinto.

— Sério?! Um... um trem que passa num túnel dentro de um vulcão? Puxa, deve ser demais!

— Bem, Raul, como você deverá fazer essa viagem, tenho que-

— Eu?! Quer dizer... eu vou de tr... digo, vagão Bo-*bodarf* para Salúquin?

— Sim, Raul, e Mavlii o acompanhará. Ele já foi avisado, e posso dizer que considera uma grande honra essa missão.

Raul de repente quase começou a levitar de alegria. Tanto que não conseguiu falar muito; melhor para Zutarrs, que ainda tinha algo mais pesado para descarregar.

— Como dizia, Raul, não é uma viagem especialmente agradável. Dentro do túnel, pode-se chegar a sofrer de claustrofobia. Apenas o usamos em ocasiões de extrema necessidade... como esta.

— Não, não, não tem problema! Eu não sou claustrófobo. Minha avó, sim, tinha problemas até nos elevadores e... mas, ora bolas, isso não interessa agora! Mavlii vem comigo? Uau, vai ser sensacional! Seria perfeito se o senhor viesse conosco também! Podia ser o nosso intérprete, porque ele não vai entender nada do que eu falar e vai se aborrecer um bocado ao meu lado.

— Creio que não, Raul. — disse Zutarrs, com um sorriso meio forçado — Mavlii é dos poucos que falam inclusive querrcna dentro da nossa tripulação. Tenho certeza que ele adoraria receber aulas de português ao longo da viagem.

Raul estava eufórico! Mas de repente levou um choque da própria consciência.

— Oh, perdoe-me, senhor Zutarrs! Eu... eu não deveria ter ficado tão alegre!

— Como assim, Raul?

— Digo, é que com isso eu quase esquecia do que me perturbava antes, que era justamente o fato de que muito provavelmente depois de Skídi nós nunca mais vamos nos ver. Foi uma reação infantil da minha parte..., e eu não consegui segurar!

Ficou genuinamente amuado e deixou-se escorar pela amurada. Então, Zutarrs, o pai de quatro filhos e, portanto, psicólogo aplicado por veemente necessidade, deu-lhe um forte abraço. Raul tomou um susto; o sálqui era bem mais forte do que ele pensava!

— Me desculpe se eu estou bancando o idiota...

— Raul, Raul! Como você se parece com o Derek! Ele era mais reservado, mas mesmo assim podíamos apreciar como ele estava sempre... inquieto! Vocês são... vocês estão sempre em... em guerra; numa peleja que parece ser a única coisa que lhes mantém a saúde da mente! Quanto eu gostaria de que você de fato permanecesse em Segusii! Você dizia que tinha muitas coisas a perguntar, contudo eu tenho certeza de que teria muitas, muitas mais!

— Bem, se o senhor quiser....

— Não acredito que mesmo até a minha morte eu teria chegado à metade delas, Raul! Diria que a sua condição é dramática... e fascinante!

— Sério?...

— Digo isso porque notava... como Derek tinha que lutar para viver de uma forma que nós sempre imaginamos ser a única possível, e em alguns momentos ele era quase... (que Elpa o guarde!) patético! Como foi que ele perdeu a sua virtude, é o que me perguntava muitas vezes, e pensava nele como um príncipe destronado e inconformado, e que sem perceber constrói outro reino fantástico enquanto lutava por recuperar aquele que possuía. Mas mesmo esse novo reino não é suficiente; era preciso chegar a mais, e a mais! Você e Derek são grandes... rebeldes! Dia e noite, por *lei* e *lei* a fio, em estado de rebeldia! E tal rebeldia é sumamente criativa! Enquanto nós deixamos as nossas marcas no mundo por gratidão, vocês dois as deixam por rebeldia! É curioso, Raul, muito curioso! Curioso, dramático e fascinante!

O humano sorriu, agora de verdade.

— O senhor tem idéias muito interessantes. Parece então que será mais uma coisa que vamos ficar devendo um ao outro. A não ser que o Professor Ericsson seja tão rebelde a ponto de criar um sistema de correio entre a Terra e Segusii.

— Oh, o Professor Ericsson é o Rei dos rebeldes, Raul! Quando algo o contraria, ele trabalha! E quanto mais contrariado, mais trabalhador! Derek era a sua cópia fiel em tudo que ao inconformismo dizia respeito. Bem, mas peço que perdoe-me esta digressão, Raul, porque ainda temos alguns assuntos a tratar, e o mais sério de todos inclusive.

— Sim? Vamos para Skídi, Mavlii e eu partimos no Expresso da Meia-Noite, e em dois dias chegamos a Salúquin.

— Sim, de fato, mas o ponto mais importante é precisamente a sua segurança nessa viagem, Raul.

— Como assim?

Zutarrs olhou para o mar e pensou um pouco.

— Talvez você se lembre daquele ancião que presidiu a entrega de Miacis no porto, não?

— Sim, sim! Vi até que ele está a bordo deste navio.

— Exato. Bem, conversamos por um bom tempo nesta tarde... a seu respeito, Raul.

— De verdade?

— Sim. Aca Deorr é o seu nome, e ele é um grande sábio vindo precisamente da tribo de Skídi. E... bem, como posso explicar-lhe? Bem, Raul, a verdade é que há algo sobre os membros dessa tribo que você precisa conhecer.

Zutarrs explicou-lhe então a questão dos ussule e do seu envolvimento indesejado com a última guerra declarada pela Potestade. A reação de Raul não foi muito diferente da de Derek, mas soube manter a elegância.

— Isso sim é que é uma "condição fascinante", se o senhor me permite a comparação!

O comandante sorriu. O tempo urgia!

— Pois bem, Raul. Aca Deorr lembrou-me de que você correria perigo pelo fato da sua presença ser tão... como diria, *notória*. Acho que não tenho que dizer que toda a tripulação de Sentiiscánai sabe já da sua existência por... experiência imediata.

— Sério? Sou tão fedorento assim?

Riram juntos. A verdade é que Raul era não só "fedorento" como também barulhento demais!

— Skídi já é uma cidade, Raul — continuou o comandante — E não seria prudente que mais pessoas, mesmo dentre a nossa própria gente, soubessem da sua existência por enquanto. Até porque isso poderia causar confusões e um princípio de pânico que não teríamos como esclarecer agora. E nem seria bom pensar no que aconteceria se alguma guarda liagávi os interceptasse no caminho — isso não vai ocorrer, Raul, eu lhe prometo, mas temos que estar preparados para tudo!

Raul engoliu em seco.

— Tudo bem, eu entendo. Então, como é que a gente faz? Eu... ehr, terei que viajar dentro de um caixote hermético, ou coisa parecida, é isso?

— Não, Raul-

— Tudo bem se precisar! — emendou, heróico — Afinal, parte da viagem é dentro de um túnel, não é mesmo? Túnel por túnel, um caixote é parecido.

— Oh, Raul, por favor! Nunca faríamos isso com você! Felizmente há neste caso outra opção.

— E qual é?

Há tempos que Zutarrs não o olhava cara a cara. E agora que o fez, Raul sentiu-se um pouco perturbado.

— Aviso-lhe que isto não é uma ordem, Raul, e que você só deve concordar se de fato o desejar realmente. Caso a idéia o repugne, asseguro-lhe que entenderei perfeitamente. Até porque, se os nossos papéis fossem invertidos, eu não tenho certeza de que aceitaria esta proposta.

— Mas, o que é, afinal??

Mais um suspiro. Não era para aumentar a expectativa do jovem, que já começava a beirar a irritação.

— Você se recorda, Raul, que me comentou há uma noite que gostaria de ser um de nós?

Raul sentiu o coração parar e encarou Zutarrs, lívido. Um fiozinho de voz era a única coisa que lhe saía da boca.

— S-s-sim, sim... por quê?

— Porque, caso você concorde, esse seu sonho deverá se realizar nesta mesma noite.

VIII

Derek começou a ver estrelinhas e a sentir as pontas dos dedos formigando. Suava frio e arfava debaixo daquela capa espessa, e o ar quente que respirava era apenas uma outra forma de asfixia. Todos os que aguardavam no porto pareciam que só se comunicavam por gritos; estavam assustados, ou seria o seu habitual? Fora jogado de um lado para o outro, e de repente, com um estalido seco, a escuna aportara e ele fora colocado meio de qualquer maneira sobre um banco, e o banco começou a andar sozinho. Seria uma espécie de carro, mas fazia curvas e mais curvas,... ó Céus, curvas demais! Começou a salivar e sua pressão finalmente caiu de vez, levando consigo o corpo amarrado e às cegas.

Os Portos de Vessin eram na verdade uma enorme cidade. A maior metrópole sobre a terra segusiana, o primeiro lugar do mundo aonde os habitantes deixaram de usar definitivamente as tocas cavadas na pedra. O arquiteto da nova Potestade soubera aproveitar o efeito engrandecedor do deserto plano, e construíra as novas residências com formas ogivais escuras que se impunham com força cada vez maior, e mais opressivas, à medida que se aproximava do enorme palácio do Conselho Vessin. Era o único edifício no sentido comum do termo, e ocupava uma enorme área circular no centro da cidade. Tudo ao seu redor dava a impressão de estar apoiado no chão a contragosto, como se o destino das construções e de todas as obras liagávie não pertencesse ao solo, mas sim àquelas alturas das quais se podiam controlar e subjugar todo o orbe. O Conselho era o ponto exato onde começava o deserto, e do qual ele se nutria para expandir-se.

Desmaiando, Derek foi poupado das insólitas angústias de Gimiso e Larrin. Assim que desceram da escuna, a sálquile teve um forte acesso de tosse e caiu prostrada no chão: o vento carregado de areia era um trabalho inaudito para os seus pulmões. Larrin ainda tentou ampará-la, mas desde que dera o primeiro passo com as sandálias rotas sobre a terra de Vessin, seus pés começaram a queimar, e mal se sustinha ele mesmo em pé. Todo o seu corpo ardia, e sentia a planta dos pés borbulhando e ameaçando se desfazer, mesmo apesar da manhã estar fresca e amena. Um dos soldados gritou enfurecido para Gimiso algo que só poderia significar *Levante-se!*

Muitas coisas mudaram em Vessin desde que os seus habitantes foram liberados do medo!

Derek voltou a si na manhã do dia seguinte, em meio às trevas mais absolutas que já conhecera. E a primeira coisa de que se lembrou foi do pesadelo que o atormentara durante dois dias, com tanta força e realismo que não pode conter o grito assustado. Tateou o leito ao seu redor, mas não percebeu mais nada, e desta vez, não havia interruptores!

— Aonde... *aonde estou??* Gimi? Larrin? Onde estão vocês?

Tinha já certeza de que estava acordado, mas ainda sentia medo. Demorou quase um quarto de hora até se sentar e arriscar buscar apoio para os pés no chão. Sim, ufa! Chão havia, e firme. Ficou em pé. Meu Deus, meu Deus, obrigado! Não era uma sepultura! O ruído dos seus movimentos se perdiam ao longe; não estava trancafiado! Abriu muito os braços, o mais que pôde, e com a mão direita tocou uma parede metálica. E agora o cheiro... alguma coisa estranha estava por ali, algo que recendia a panos sujos. Levou as mãos à face, num gesto automático para ajeitar os óculos, mas logo se lembrou de que eles já não existiam há tempos!

— Gimi? Larrin?

Nenhuma resposta. Continuou com sua tarefa de reconhecimento por um tempo indefinível. Chegou a pensar que estava em um salão deserto imenso, mas não conseguia acreditar nisso, tendo que calibrar as distâncias com tantas imprecisões e faltas de referência.

Um ponto de referência então surgiu, fulgurante, acima de sua cabeça. Alguém acendera uma luz no teto, mas o teto estava lá longe, uma boa dezena de metros acima da sua cabeça. Depois de se acostumar com a claridade, Derek notou que estava numa cela, uma cela que era como o fundo de um poço de elevador, negra e sólida, sem portas, sem grades, sem janelas. Como fora colocado ali?

E foi graças à luz também que notou outro detalhe muito importante. Estava completamente despido! Sem pensar meia vez, acocorou-se de volta no seu leito.

— *Dek*? Dek, humano!

Era a voz de Fágol.

— *Dek*!

— Estou aqui! Onde você está?

— No alto da cela. Se olhar para cima, na parede onde você está encostado...

Derek seguiu o negrume metálico até que finalmente topou com uma pequena abertura, um pouco mais abaixo da lâmpada mas ainda bem por cima de qualquer tentativa ou esperança de fuga. Não via o rosto de ninguém, mas era óbvio que aqueles liagávie teriam seus meios de observá-lo sem serem vistos.

— Aonde está Gimiso? Aonde está Larrin? Aonde... cadê as minhas roupas??

— Sente-se mais forte agora, Dek?

— Por... por quê? Droga, Fágol! O que está acontecendo?

Então algo rangeu sob os pés da cama; todo o chão da cela começou a ser erguido.

— Fágol! Fágol!? Pare... pare com isso! O que é que está acontecendo?

Quando a cela chegou à altura da janela, o chão girou e Derek ficou de frente para ela. Queria morrer agora; Fágol não estava sozinho! Vários outros liagávie o observavam, visivelmente aterrorizados.

Derek enrubesceu e tremia de vergonha, embora os seus captores não parecessem estar especialmente chocados com o precário da sua apresentação. Eram oito ou nove, acotovelados ao redor da janela. Fágol era o único que parecia sob controle; todos os outros ou uivavam cobrindo o rosto, ou faziam gestos incompreensíveis e ameaçadores em direção ao médico e à sua "novidade" enjaulada, ou simplesmente fitavam aparvalhados o humano com os olhos arregalados e a boca trêmula.

Fágol estava na primeira fila, ereto porém olhando para um ponto perdido no solo, ausente, e quando fez menção de dizer algo a Derek foi agarrado por trás por um liagávi corpulento e baixinho, de focinho tão curto que quase passaria por um nariz. Fágol tentava acalmá-lo, isso era óbvio, mas Derek não entendia patavina do que estava acontecendo. O liagávi ameaçou esmurrar o médico, mas um dos assistentes ainda teve presença de espírito para contê-lo e conduzi-lo para fora daquela saleta por onde espiavam o humano.

— Levante-se, Dek! — disse Fágol.

Derek não acreditou na ordem.

— Levante-se!

— Não, Fágol... pelo amor de Deus, não faça isso comigo!

Mas o médico não estava para formalidades. Com o rosto trespassado por um ricto de ira, repetiu a ordem pela terceira vez.

— Levante-se... *DEK!!!*

Humilhado, nervoso e assustado, Derek levantou-se devagar, de cabeça baixa, no mesmo instante em que uma porta abriu-se ao lado da janela.

— Ande, Dek! O tempo urge!

Fágol e os outros abandonaram então o posto de observação e assomaram à porta. Derek reparou que alguns deles traziam imobilizadores, mas estavam tão trêmulos que ele teve medo de que disparassem por acidente. Estava claro que não eram soldados; pareciam antes liagávie mais velhos.

Derek pisou então no corredor de metal, e o chão estava muito frio para os seus pés desacostumados a andarem descalços. Cobria-se com as mãos da maneira mais digna possível, e Fágol o tomou por um braço e caminhava rápido à frente da comitiva.

Alguns minutos de corredores e mais corredores depois, o médico fez alto e, com algumas palavras para os que o seguiam, levou Derek para uma sala próxima.

A sala estava vazia. Fágol fechou a porta.

— Fágol, por favor, isso é mesmo necessário? Não posso ter as minhas r... *gasp!*

O médico o agarrou pelo pescoço e o prensou contra a parede. Estava novamente com aquele olhar furioso.

— Humano imbecil! Humano idiota! Você quer nos matar a todos? É possível que você seja tão obtuso? Imbecil, idiota!

— Solte-me! O que você está dizendo?

— Que Elpa me perdoe os modos! Mas você age como um irresponsável, humano! Por pouco não deita tudo a perder na própria noite em que fomos resgatados!

— Do que você está falando?

Fágol afrouxou as mãos. Mas só um pouco.

— Você teve tanto trabalho para nos conduzir até aqui, humano, e por uma tola vaidade quase provoca a ira irrevogável do capitão da nau! Será possível que a você importe tão pouco os seus sálquie?

Derek foi mais ou menos entendendo do que se tratava.

— O tipo era um babaca, Fágol! Agora, solte o meu pescoço antes que eu comece a ficar nervoso!

O médico o soltou, de fato, mas tinha um ar tão estranho e a boca tão aberta que Derek pensou que fosse mordê-lo!

— O que está acontecendo?

— *Você* me pergunta o que está acontecendo, Dek? Você é quem me deve explicações!

— Como assim? Onde estão Gimiso e Larrin? Por que eu estou pelado? Quem eram os seus colegas? Por que eles estavam tão bravos? Eu... eu não estou entendendo *nada!*

— Quem é você, Dek?

— Como assim, *quem sou eu*? Oh, diabos, Fágol, não me olhe desse jeito! Será que você não entende como eu estou me sentindo?

— Naturalmente que não, humano!

Derek suspirou fundo e acocorou-se contra a parede. Algumas vezes tinha a impressão de que ainda ia pirar em Segusii.

— OK, Fágol, vamos começar com uma coisa de cada vez.

— Não temos tempo, Dek! — cortou o médico — Você está sendo esperado com muita ansiedade!

— Isso! Isso era justamente a primeira pergunta! Por que eu estou preso, e para onde você quer que eu vá... neste estado?

— Eu não tenho respostas claras, humano. Estou arriscando muito tendo esta conversa com você aqui e agora. Mas você tem que ser muito mais prudente se quiser continuar vivo, e se *realmente* deseja que os seus amigos também vivam.

— Eu... creio que já te pedi uma vez para parar de me chamar de “humano”. O que houve com você, Fágol?

— Comigo? Nada importante.

Calou-se e encarou Derek como se estivessem assistindo a uma partida de futebol aborrecida. *Ah, eu ainda vou matar alguém hoje!!*, pensava Derek, tentando controlar-se.

— Mas você ainda não me respondeu, humano.

— *Dek*!

— Quem é você?

Derek rangia os dentes.

— Eu sou um ser humano! Ponto final! Mais nada!

— Penso que você é mais do que isso,... *Dek*!

Ar de entomologista com bichinhos novos no semblante do médico.

— A propósito, por que você e o capitão sempre mudavam de voz para me chamar?

— O que você quer dizer?

— Vocês sempre dizem "*Dek*" com a boca torta, como se estivessem me xingando. Meu nome significa alguma coisa feia na sua língua?

— Você não sabe?

Ah, eu ainda vou matar alguém hoje!!

— Não, não sei.

Ainda tinha muito que aprender da paciência com as linhas de raciocínio dos sálquie em geral.

— "*Dekk*" significa "Pai" em querrcna. Pensava que a ilhéia lhe houvesse ensinado isso.

— Ah! É só isso?

— Sim.

— Muito bem. Agora, por que estavam tão bravos com você?

— Oh, engana-se, humano! *Você* era o motivo da sua perplexidade.

— Eu? Hum! O tipo baixinho queria bater em *você*, não em mim!

— Os Juízes acreditavam que você fosse alguma criação minha, humano. Assim como eu cria que você era alguma criação insana dos ilhéus.

— Mas o que há de errado comigo? Sou tão feio assim?

— Isso é o que eu também gostaria de entender, e é o que eu gostaria que você me explicasse. Há algo em você que deixou os juízes chocados. E eles parecem certos de que você não está sozinho. É tudo muito confuso para mim por enquanto!

— E por que eu estou pelado?

— Eles queriam ter certeza de que você era o que eles pensavam que fosse.

— E o que era?

— Já lhe disse que não sei.

— Como eles souberam da minha existência? O que você lhes contou?

— Eu? Nada além do que o próprio capitão da nau reportou antes de aportarmos. Apenas confirmei que trazíamos três prisioneiros. O capitão informou a respeito de dois ilhéus e uma estranha criatura com prováveis atributos desconhecidos em Vessin, que mereciam ser investigadas antes da execução.

— *Antes da execução!?*

Derek levantou-se e tomou Fágol pelos ombros.

— Fágol, diga-me de verdade. Você quer nos ajudar, ou apenas se promover?

— O que você quer dizer com isso? — estranhou o viniorri.

— Droga, Fágol, sinceramente! O que você está fazendo? Você está de verdade querendo nos ajudar? Eu... eu estou... ia dizer um palavrão, mas estou quase me borrando! Por que estou pelado?? Pelo amor de Deus, me entenda pelo menos uma vez e responda à minha pergunta!

— Eu estou tentando ajudá-los, Dek. A você e aos seus ilhéus. — disse o médico, devagar e sério.

Derek deixou-se cair de costas contra a parede. Suspirou longamente.

— Desculpe-me.

— Por que não me perguntou antes, se isso tanto o afligia?

— Como? No navio? De que jeito? Ei, ei, desculpe-me, por favor! Não vá ficar zangado!

— Não posso ficar zangado com você, Dek, porque eu também tive algumas dúvidas parecidas.

— Sério?

— Não acreditava nas dificuldades que você alegava que tinha para se dar conta do que acontecia ao seu redor. Pensava que era apenas uma tentativa de iludir-me. Peço-lhe que me perdoe.

Derek fez que sim, engolindo um sorriso com gosto de '*Vai pro inferno!*'

— Bem, levante-se agora e vamos, Dek! Estamos perdendo mais tempo do que seria prudente. Lembre-se apenas de que a sua segurança e a dos seus amigos depende da sua capacidade de controlar a língua!

— Vou me lembrar. Mas você não pode nem me dizer o lugar para onde você está me levando? O que... o que eles querem de *mim*, neste *estado*, afinal??

— As explicações virão ao seu tempo, Dek! Não se preocupe mais do que você pode agüentar por enquanto. Eu fui autorizado a mediar a sua posição no Julgamento.

Derek empalideceu.

— *Julgamento?!*

— Oh, sim, Dek! Disseram coisas muito estranhas e muito graves sobre você. E eu as ignorava, pensando que o que você havia me dito era toda a verdade.

O humano não reagiu.

— E eu ignorava também as profundas mudanças que afetaram a Potestade nestes últimos tempos em que estive fora.

— Julgamento? Verdade? Mudanças? Que mudanças? Oh, diabos, Fágol! Você é uma droga como médico! *Você* está me deixando muito mais preocupado do que eu tenho condições de suportar! De que... *porcaria* você está falando agora??

Fágol, entretanto, estava muito sério. Ouviram uma sirene ao longe, ecoando pelos corredores, seguida pelas vozes ininteligíveis de alto-falantes ocultos.

— Você fala demais, humano! Ande, vamos à Assembléia!

Derek e o viniorri caminharam alguns minutos por um corredor tortuoso, de paredes altas e escuras. As vozes escondidas os precediam, como a guiar-lhes os passos. Eram dois, agora três diferentes desconhecidos que se altercavam, todos irritados. Ao menos era o que o humano intuía dos rosnados e timbres agudos, do palavrório rápido e das muitas intromissões e interrupções de uns sobre os outros. Podia quase ver o rosto irado do capitão liagávi por trás de uma daquelas vozes.

Finalmente pararam diante de um imenso portão de metal negro, repleto de inscrições e sinais coloridos. Fágol pareceu hesitar um momento antes de tocar três quadros do tamanho de uma caixa de fósforo. Trocou duas palavras com um interlocutor invisível — o mesmo de um dos alto-falantes, apostou Derek.

— Dek, de agora em diante eles falarão em vini. Estarão especialmente nervosos! Fale apenas quando for solicitado a fazê-lo!

Derek concordou, trêmulo, pensando no abismo que separava os seus amigos tão autocontrolados de Tarrajcalo do mais amigável liagávi que conhecera até o momento.

O portão começou a vibrar, e ato contínuo Fágol prostrou-se no solo, de olhos colados no chão, e puxou Derek pela cintura para que fizesse o mesmo. O contato do metal frio do piso com o seu ventre despido fez com que ele tremesse ainda mais, até o ponto de suas pernas contorcerem-se em espasmos.

Em questão de poucos momentos, as duas folhas do portão abriram-se e fecharam-se por trás deles, correndo por um trilho circular que isolava a parte do chão onde continuavam deitados, e que era nada mais do que uma plataforma de elevador. Ascenderam algumas dezenas de metros, até quase toparem com uma cúpula de cristal fosco no meio de um grande salão muito iluminado. Quando o elevador parou, a cúpula abriu-se com uma lentidão cinematográfica, exibindo aos poucos o médico viniorri e seu prisioneiro do ângulo menos pessoal que se poderia imaginar.

Derek, de olhos fechados com força, tentava descobrir aonde estava. Oh, oh, Céus! O ruído suave do mecanismo da cúpula perdia-se ao longe, longe, longe! E havia mais vozes, murmúrios assustados ou exaltados, e sem nada na sua aparência que sugerisse que estivessem filtrados por alto-falantes desta vez!

— Levantem-se! — imperou uma voz rouca por cima das suas cabeças.

Derek ergueu-se devagar, ainda de olhos fechados. Seu nariz começou a escorrer, mas por nada do mundo descobriria sua desnudez para limpá-lo.

O que foi uma pena, pois teria sido a última coisa que poderia fazer livremente por um bom tempo. Segundos depois, dois soldados liagávie o agarram pelos braços e o ataram de mãos às costas.

— *Nãão! Nããão!!*

— *Humano*!!

Fágol observava os liagávie com aflição. Já vinha desconfiando que não poderia contar com a discrição de Derek. E este então olhou ao seu redor, e quis mais do que nunca desaparecer num buraco. Estavam num amplíssimo saguão, o Conselho Vessin, que era como que uma cópia imensamente ampliada da cúpula de cristal por onde foram introduzidos. Havia uma hoste de liagávie de todas as cores, tamanhos e disposições de ânimo que se pudessem imaginar. Derek foi recebido com pavor, ira, estupor, e até riso, em poucos casos mais corajosos. Sempre entre gritos, entretanto. Os súditos dos seus captores ululavam como possessos e, embora estivessem a seguras dezenas de metros, o fato de estar cercado, atado, nu e só era muito pior do que o linchamento. Derek não se agüentou mais e começou a chorar, cabisbaixo. A ordália para os seus nervos fora superestimada, mas ninguém se dera conta, porque ninguém realmente poderia perceber. Passado o Medo, os liagávie geraram a sua Potestade, e ela agora já sabia como se alimentar sozinha.

Dezessete grandes estrelas de seis pontas incrustadas no teto irradiavam sua luz feérica e multicolorida, tendo como centro a Estrela Vessin, a maior de todas, como um gigantesco rubi incandescente, e outras menores ao seu redor que representavam as demais nações de Segusii, com cores que iam de uma ponta à outra do arco-íris. As cores flamejavam e mesclavam-se entre si num branco estranho, cansativo, e com o calor tórrido que parecia canalizado a propósito do exterior, para produzir uma atmosfera onírica sufocante. Mas o calor na verdade também vinha das estrelas, e alimentava o Conselho e espraiava-se edifício afora, drenando lentamente a vida de todo o Sudeste e acompanhando a marcha do grande deserto, o Arauto das Estrelas, na sua guerra de ódio implacável contra a descendência do Hipocampo.

Afogado em suas penas, Derek sentiu então que era observado. Surpreendeu-se com isso, pois se havia algo de que estava sendo objeto agora era de observação, e da mais fria possível, como o mais interessante verme microscópio da galáxia. Mas era diferente, alguém às suas costas o contemplava. Conclamando tudo o que restava da sua coragem, e depois de ensaiar muito, olhou por cima do ombro esquerdo e, ó glória! Glória das glórias, a brisa boreal no meio do inferno! Gimiso, alguns passos atrás, era guardada por um paquiderme liagávi. Parecia bem (e graças a Deus estava vestida!), embora se visse que estivera chorando também. Ela sorriu-lhe timidamente, e esse sorriso mágico foi uma vez mais a sua estrela polar e salvação.

— *Humano*!!

Fágol rosnou entre dentes, e obrigou Derek a voltar-se para diante. Não viu Larrin, mas quase não se importava com isso, porque de alguma forma o sorriso da sálquile também continha a boa nova de que ele estava por ali, e bem.

Nisso, mesmo o nariz de desempenho bastante discutível de Derek começou a sentir um cheiro estranho. Era... era... isso, desagradável!, não..., impudico, insuportável, e... oh, não, com todos os diabos! Era cheiro de... *fezes*! Derek arriscou espiar o rosto de Fágol e de alguns da multidão mais próximos, mas não percebeu nada de especial. Não obstante, tinha certeza do que sentia, portanto sabia que os liagávie, Gimiso e Larrin também o estariam sentindo!

Depois, na zona do saguão à frente que se abria em ábside, duas enormes tribunas se ergueram. Cinco liagávie de mantos vermelhos ricamente decorados, os Juízes, surgiram por uma porta lateral, encurvados e circunspectos. Tinham todos belas estrelas de seis pontas nas frontes, realçadas por algum pigmento que as fazia brilhar e fosforescer enquanto estivessem sob a égide dos seus astros domesticados. Eles foram recebidos de maneira estranhamente semelhante à de Derek. Metade da audiência visivelmente se irritou com a sua chegada. Urravam e vaiavam, porém os recém-chegados pareciam em outro mundo, sem qualquer sinal de constrangimento. Ou sequer de apreço pelos brados de aclamação da outra metade das hostes, que se entremeavam. Eram anciãos trans-

cendentalmente sérios. O mais alto e mais forte de todos dirigiu-se à tribuna, e ao mesmo tempo Fágol e Derek foram instruídos a se aproximarem. A algazarra continuava por todos os lados, e só diminuiu um pouquinho quando os outros quatro juízes desapareceram por uma outra porta do outro lado.

Chegando mais perto da tribuna, e com a pálida intuição de que aquele velhote era o juiz do seu kafkiano caso, Derek mediu as suas feições e ficou um pouco mais desesperado de receber perdão do crime que fosse daquele liagávi. Tinha o rosto contraído num ricto permanente de azedume, lábios de quem nunca rira, sorrira ou tomara sorvete de chocolate na vida. Podia ser que estivesse doente, mas Derek poderia jurar que sua saúde, julgando pelas aparências, era invejável. Isso sem dúvida lhe era necessário, para poder suportar o peso do mundo imaginário que carregava nas costas e o subjugava, como um Atlas depressivo.

Derek foi distraído dos seus pensamentos pelo liagávi que vinha ocupar a segunda tribuna. Os gritos e a euforia angustiada da multidão reverberava com tanta força que ele sentiu que ia perder o pé de apoio. E eis que, agora, ele não era o único nudista a bordo! Meia dúzia de liagávie de aspecto deplorável, encurvados, com o pelo desgrenhado e sujo com pelotas de lama seca (‘*Deus do Céu! Isso tem que ser lama!’*), olhos afundados que fitavam com voracidade, aproximaram-se devagar. Sem forma, também indiferentes à comoção popular mas por outros motivos. Eram incapazes de entender o que lhes gritavam. Apenas sentiam que o ânimo da turba lhes favorecia, e vieram finalmente ao encontro do prisioneiro alienígena, ignorando homericamente o primeiro juiz. Eram *eles*, pensou Derek horrorizado; sem dúvida eram os lendários *podiajj*.

A catinga dos Despojados os precedia por vários quilômetros, e o humano não conseguia disfarçar a sua ojeriza e o terror de ver-se tão perto de tais monstruosidades. A estrela frontal reduzia-se neles a um mero borrão esbranquiçado, e por isso os seus pelames tornaram ao monocromismo original, mas isso lhes acentuava ainda mais seu desfiguramento aos olhos de Derek, pois lembravam sálquie famélicos e castrados dos seus espíritos.

Ao contrário de Atlas Depressivo, sorriam abundantemente, mas com um sorriso mau de dentes imundos, o antegozo de todas as bobagens que se pretendem cometer. Como por exemplo...

— *Não!! Fique longe* dela*!!*

Louco de ódio de repente, Derek teve que ser contido à custa pelo médico para não arremeter contra um dos podiajd que estendia um braço perigosamente próximo do rosto contraído de Gimiso, ela mesma prestes a vomitar o próprio coração. Afinal, um dos paquidermes (aquele que vigiava Larrin!) o empurrou de volta ao seu grupo. Talvez mais por nojo do que por compaixão pela ilhéia.

— Valente... grrrr, valente... Filho valente! — rosnou um dos podiajd, o único que caminhava mais ou menos ereto.

A multidão acalmou-se um pouco, enquanto o tal podiajd dirigiu-se à tribuna desocupada e seus asseclas se retiraram pela porta por onde entraram.

— Sem-Lei mau!... Grrrr.... Filho mau!.... Maugrrrrr... filho sabe estrela? Hrrrrr, hein? Sabe estrela também?

— Estrela? Do que você está falando?

No mesmo instante sentiu o olhar gélido e reprobatório de Fágol atravessando-lhe a nuca, e calou-se.

Seu interlocutor batia palmas irrequieto na tribuna.

— Grrr... traidor não sabe estrela! Traidor! Traidor... grrr! Traidor! *Traidor!* — gritava o podiajd, arremetendo contra o juiz liagávi, que continuava hirto.

— Traidor! — gritava — Traidor sabe?.... Rrrr, não, não, traidor não sabe! Ha, ha, ha, ha! Traidor tem medo! Grrr, filho valente, traidor fraco!

Derek estava hipnotizado pelas micagens irreverentes do podiajd e pela absurda impassibilidade das famosas bestas de guerra de Vessin. Que delírio!

— Pedra! Traz pedra, pedra, pedra, agora! — gritou o podiajd.

Todos, absolutamente todos os olhares do saguão acompanhavam a direção das ordens da incrível criatura, e seguiram apreensivos o grupo dos mesmos podiajj de antes carregando uma grande bolsa amarela. Nesse ínterim Fágol sussurrou algo para Derek.

— Não os deixe nervosos, Dek! Eles são imprevisíveis e conquistaram um poder muito maior do que suas mentes são capazes de compreender!

— Poder?

— Não me pergunte mais, tampouco nós o entendemos. Muito temo contudo que teremos uma demonstração em breve. Confesso que estou curioso; não pude acreditar quando...

Mas o podiajd chefe flagrou o médico nesse momento, e foi a ele quem se dirigiu.

— Traidor! Cativo, traidor! Grrr, sabe estrela??

Começou a rir como um louco da cara de pavor de Fágol. Tomou algo da bolsa amarela; era um pedaço de alguma rocha dourada, bastante inocente, e brincou um pouco com ele. Atlas Depressivo afastou-se lentamente da tribuna. Um distinto zunzunido de temor elevou-se da gentalha.

O podiajd lambeu a rocha e de repente atirou-a em Fágol. Algo feriu-lhe a mão profundamente quando fez isso, mas ele não se importava.

— Traidor! Toma!! Sabe estrela!!

— *N-n-nããão*!!! — gritou o médico, apavorado, dando um magnífico salto para a esquerda.

A lasca de pedra caiu no chão e começou a ferver. Salvo por Derek, ninguém estava dentro de um raio de vinte metros de distância dela.

O podiajd continuava a rir. Tomou então uma outra amostra da bolsa e entregou-a para um dos seus asseclas, que poderia ter sido um dos guardas do Conselho Vessin em tempos melhores. Era baixo e corpulento, braços quase raspando no chão. Trocaram rosnados animados, e então de repente o energúmeno atirou a pedra para o alto.

Muitas coisas aconteceram ao mesmo tempo. A pedra dourada, como que por motor próprio, elevou-se mais e mais em direção ao teto, até vencer a camada de luz branca da Assembléia, e perder-se no mar de feixes de luz colorida abaixo dos esferóides de fogo. Continuou subindo com velocidade cada vez maior, até topar com a décima primeira estrela. Embora fosse como um tiro de estilingue contra uma bola de neve, a estrela apagou-se por um breve instante, e depois dela todas as outras, e a atingida explodiu numa formidável chuva de estilhaços de cristal verde flamejantes, que choveram sobre a multidão em pânico no saguão. Todos os que puderam correram por abrigo. Uma parte da amurada do Conselho ruiu e cobriu a porta de acesso dos juízes liagávie. Derek só teve tempo de virar o rosto antes que duas fagulhas lhe atingissem as costas e caíssem rolando, rasgando sua pele como se fosse de manteiga.

Exatamente no mesmo instante em que a pedra dourada deixava sua mão, o podiajd caía de lado com um gemido. Seu focinho cresceu mais um palmo, o crânio dilatou-se na fronte separando ainda mais os olhos, e seus braços encurtaram-se até que se transformaram para sempre em patas. Diante de si, Derek tinha afinal um daqueles famosos *sivtarrie,* um urso com a crina do leão, de que Larrin lhe falara tanto tempo antes.

Tão logo as últimas brasas de vidro em chama se extinguiram, as estrelas sobreviventes tornaram a acender-se. Os liagávie sabiam que a Grande Estrela Vessin levaria tempo para reparar o dano. No lugar da estrela morta, ainda pairava uma névoa esverdeada.

Assim que recobrou a compostura, o juiz exclamou:

— Matem agora os sálquie!

— Não! — gritou Fágol, alarmado — O julgamento ainda não começou!

— Eles não devem sobreviver a *isto*! — retrucou o juiz, apontando para o teto.

— Eles não têm culpa disso ainda, senhor! — disse Fágol, com firmeza forçada.

Um dos soldados já buscava o imobilizador, quando a voz repelente do juiz podiajd superou todas as outras.

— Ilhéu vive, ilhéu.... grrr! Ele vive! Ela vive! Grrrr, nós avisa! Nós avisa Gat Dúc o Sem-Lei! Ilhéu certo! Ilhéu certo, Sem-Lei errado! Ilhéu vive!

— Mas o Prisioneiro estava junto com os ilhéus! — disse o juiz liagávi, apontando para Derek — Se o Prisioneiro é mau, os ilhéus também são maus!

A voz do juiz traía a exasperação de um adulto discutindo com uma criança armada. O podiajd soltou nova gargalhada.

— Você tonto! Grrr, nós sabe estrela... grrrr e nós sabe ilhéu. Ilhéu como liagávi. Gat Dúc o Sem-Lei gera liagávi. Liagávi não gera seu Pai! Ilhéu não gera seu Filho! Ilhéu como liagávi; Sem-Lei como Filho!

A queimação que sentia nas costas aguçava todos os sentidos de Derek. Já começava a entender aonde a criatura parecia querer chegar.

— Fágol, posso falar?

— Ainda não, Dek!

— Mas eu acho que...

— Ainda não, Dek!

— Mas quando então começa essa merda de julgamento?? — bufou o humano.

— Silêncio!!

— Filho não ilhéu! Grrr....ha, ha, ha, ha! Filho quer ilhéu como podiajd!

O juiz franziu o cenho.

— O que vocês querem dizer com *isso*?

— Filho quer ilhéu como podiajd! — repetiu a criatura — Grrr..., ilhéu vive, Filho morre!

— De modo algum, Despojado! — bramiu o juiz — Ainda temos que levar o Prisioneiro por todo o julgamento! Vocês concordaram com *isso*!

— Filho morre! Filho morre! — gritou furioso o podiajd.

O liagávi estava tentando se controlar. O enorme sivtarr deitou-se num canto afastado e começou a tirar uma soneca.

— Não tenha medo, Dek! Os podiajj não podem fazer nada contra você! — sussurrou Fágol — Eles não podem mais usar imobilizadores!

Derek fez que sim, enquanto considerava que com a bocarra daquele monstrengo adormecido ninguém precisava de imobilizadores!

— Filho morre! Filho morre! — continuou o podiajd — Traz prova! Traz prova! Traz prova agora!!

— O julgamento tem que ser iniciado!

— Traz prova! Traz prova *agora*!!

O juiz liagávi coçou a fronte com força, e deu uma ordem imperceptível com as mãos. Ao invés de trazida pelo séquito de pobres-diabos, desta vez a nova surpresa ascendeu à Assembléia por uma nova cúpula de cristal, que se abriu no chão bem diante do palanque das tribunas.

Dizia-se que era isso o que todos estavam esperando ver, e foi a única vez na sua longa história em que um silêncio tumular envolveu o Conselho Vessin (se bem que, é certo, a maioria da audiência já debandara). Até Fágol se inclinara um pouco adiante.

Derek, Larrin e Gimiso, mais ou menos perplexos, deixaram-se arrastar pela onda de expectação coletiva. Um cheiro de novas atrocidades, de novos atentados à sanidade, impregnava a atmosfera.

Depois de meio ano em Segusii e meia hora como réu da Potestade, Derek já presumia de que nada mais no mundo o surpreenderia. E, mais uma vez, pôde constatar como ainda estava longe de chegar a isso. Poderia estar preparado para o que quer que saísse da cúpula. Exceto para o que se lhe apareceu de fato.

— *TOBA!!?*

IX

Zutarrs disse que era possível. É claro, nunca fora tentada antes com tanta profundidade, mas não era tão difícil quanto poderia parecer, pois a natureza era dócil às mãos dos tais ussule, e o ancião Deorr era um dos mais poderosos dentre eles e, afinal, saberia o que fazer. “Naturalmente”.

Apesar das garantias, Raul não acreditava seriamente que fosse transformar-se num sálqui. Isso não era possível, era um absurdo! Despiu-se quando lhe pediram, tudo bem; vestiu a toalha que lhe deram ao redor da cintura, tudo bem; sentou-se na cadeira que lhe indicaram, tudo bem, mas não conseguia se livrar do sorriso nervoso, lembrando do seriado *Missão Impossível*, das suas aulas de genética e do *Último dos moicanos* que emprestara a Derek e que tanto lhe agradara. É claro que esse tipo não deve ser nada mais que um *expert* em fantasias, uma espécie de super-tecelão ou hiper-alfaiate, que vai conseguir um disfarce perfeito. Mas nada mais do que isso. Talvez Zutarrs não tivesse conseguido se expressar direito. É lógico! Só podia ser isso. Afinal, ele não falava português tão bem assim, não é?

Estavam na cabine apenas ele, Raul, o comandante e *aca* Deorr. Felizmente para o humano, agora à mais da meia-noite a calefação de Sentiiscánai funcionava plenamente. Não fora fácil, e certamente custaria em desempenho ao navio, reprogramar o esquema de aquecimento da nave para remediar a situação dos muitos marinheiros que chegaram de Palarrco completamente ensopados. O problema deles transcendia a toalha, e o vento gélido sobre o pelame encharcado era uma das principais causas das típicas afecções pulmonares dos sálquie de Vantimiso. Mas a ausência de roupas era de qualquer forma constrangedora, e talvez Zutarrs e Deorr estivessem levando isso em conta, pela velocidade com que montavam o cenário para a operação.

Preparavam um chá, ou fosse o que fosse, e servisse para o que servisse. Mas nem sinal de agulhas, tesouras ou peças de fazenda peludas! Raul estava intrigadíssimo, mas o mutismo solene de Deorr o coibia de fazer perguntas cretinas.

Zutarrs encheu um copo enorme com o chá verde fumegante, e passou-o ao humano.

— Está quente, Raul, mas você deve tomá-lo assim que conseguir. Não se assuste, é apenas um calmante.

— Mas eu estou calmo!

— Eu acredito, mas creio que não calmo o suficiente.

— Como não!?

— *Aca* Deorr crê que seria melhor fazer isso enquanto você estivesse dormindo, mas não temos tempo a perder.

Raul tomou o copo, que quase lhe queimou as mãos.

— Isso... isso é sério mesmo?

Zutarrs sorriu.

— É sério, Raul, e você vai poder acompanhar tudo.

— Não é então só um... disfarce, ou coisa do tipo?

— Digamos que... sim, é um disfarce. É o melhor disfarce possível. Você se transformará no disfarce.

— Desculpe a pergunta idiota... mas, seja como for, não vai doer *muito*, vai?

— Para ser sincero, Raul, não sei! O procedimento das mudanças de forma era relativamente comum outrora, quando os ussule assumiam determinadas características das presas que caçavam.

— Mudança de forma...

— Mas com o crescimento da população da Ilha, é natural que esse método fosse caindo em desuso. E hoje nem mesmo em Skídi isso é mais necessário, já que todos recebemos de Salúquin e das tribos costeiras a maior parte das nossas provisões. Não me recordo de que algum deles tenha experimentado sofrimentos de qualquer espécie, ou de que não pudessem ser trazidos de volta quando necessário.

— Não eram eles mesmos que se re-transformavam?

— Oh, não, Raul! Quando um ussul alterava sua própria forma, já não dispunha mais das suas prerrogativas.

— Não dispunha das suas... prerrogativas!?

— Em certo sentido, era muito arriscado. Se os seus companheiros se dispersassem, poderia continuar indefinidamente alterado.

Raul tragou um gole do chá. Era horrível! Tinha gosto de mato adoçado com enxofre! Como é que aquilo teria algum efeito diferente de uma úlcera?

— O senhor diz tudo isso para me acalmar? Acho que não está conseguindo...

— Perdoe-me, Raul — disse Zutarrs, rindo baixinho — Mas eu também confesso que estou nervoso. Talvez mais nervoso que você!

— Quer um pouco de chá?

— Não, não, obrigado! Tenho que manter-me alerta para auxiliar *aca* Deorr, se for necessário.

Raul observava a fumarola saindo do copo.

— Perdoe-me outra dúvida, mas... se os ussule não saem de Skídi... quem é que iria me... me *trazer de volta* ao normal em Salúquin?

— Aca Deorr vai tentar uma transformação temporária.

— Vai *tentar*??

Zutarrs abaixou os olhos.

— Você quer desistir, Raul? Sei que estou pedindo algo extraordinário, e sei que você tem o direito de se sentir ameaçado. Não posso lhe oferecer mais garantias do que a minha pobre experiência e a minha fé no poder de *aca* Deorr.

— Não, não é isso...

— Receia que isso nos contrariará? Receia talvez que aca Deorr se aborreça com você?

— Bem,... ele é meio caladão, né?

— Não pense mal dele, Raul. Ele tem que se concentrar muito. Isto não será rápido, pois ele não sabe como é você.

— Lógico...

Raul bebeu mais um gole. Sentia agora uma moleza nas pernas e nas pontas dos dedos. A cadeira já não era tão incômoda como parecia.

— Isto aqui... vai me fazer dormir?

— Não é a nossa meta, Raul. Apenas queremos os seus músculos o mais relaxados possível.

Raul começou a rir.

— Oh, parece que o calmante está fazendo efeito, Raul! Mas não esperava que fosse tão forte!

— Não, não é isso... Perdão, senhor Zutarrs, mas... é que acho que tudo isto ridículo! O senhor realmente *acredita* que vai funcionar?

— Acho que *pode* funcionar.

— E se não funcionar?

— Você continuará o mesmo Raul de antes... talvez um pouco mais sonolento por algumas horas.

— Mas o senhor acredita mesmo que ele *pode fazer* isso?

— Naturalmente. Por favor, Raul, termine de beber. Não deixe esfriar.

Raul prendeu a respiração e engoliu o resto do diabo verde. Quando acabou, o copo escorregou das suas mãos e se estilhaçou no chão. Seus braços estavam muito, muito tranqüilos.

— Ui! Perdão pelo copo!...

— Não faz mal, Raul. Como se sente?

— Muito bem... bem relaxado. Mas ainda nervoso.

— Consegue se mover?

Raul tentou estirar os braços e tocar os joelhos. Mas eles se queixaram muito. Todas as fibras do seu corpo lhe diziam, “Deixa disso! Deixa disso!”

— Bem, sim, mas é gozado... parece uma anestesia localizada. O senhor vê? Consigo falar normalmente, mexer a cabeça... mas do pescoço para baixo tudo está já de férias!

Zutarrs o observou intrigado. Trocou algumas impressões com aca Deorr, que se assustara com o ruído do copo quebrado e se aproximara. Quando soube do estado de Raul, pareceu muito interessado. E, ó glória! Ele sorriu!

— *Aca* Deorr está intrigado com você, Raul.

— Que foi que eu fiz?

— Não, nada, mas o fato de que o calmante não tenha atingido o crânio e o cérebro é surpreendente!

— Isso significa que a coisa então vai ter que doer *mesmo*?

Então o sálqui ancião curvou-se diante da cadeira e tocou com as duas mãos o rosto do humano. Raul sentiu as mãos gretadas e quentes passeando ao redor das têmporas, da bochecha e dos olhos. Deorr o fitava em cheio, com seus profundos olhos cinzentos, como se tivesse perdido alguma coisa por trás das retinas do jovem humano. Raul então se deu conta de que ele era até agora o único que lhe sustentara o olhar por mais de trinta segundos seguidos.

— Não creio que isto vá feri-lo, Raul! — disse Deorr de repente.

Zutarrs afastou-se surpreso. Raul estava embasbacado.

— Como?... Como? O senhor também fala...?

O ussul sorriu profundamente. Tinha um ar de alguém que veio visitá-lo lá das profundezas do tempo. Não respondeu a pergunta e tomou o seu braço esquerdo, flácido, mas ainda assim teve que segurá-lo com as duas mãos, porque o jovem humano não era exatamente um fracote. O auxílio do comandante foi requisitado, e então Raul percebeu que ele tinha as orelhas baixas diante do ussul. Durante todo o processo, parecia ter ele mesmo se transformado tacitamente em um subalterno do poderoso destinatário das promessas de Elpa.

Zutarrs aproximou outra cadeira para que Deorr se sentasse. O ancião apoiou a mão esquerda de Raul sobre os joelhos, tocando-a novamente com as duas mãos, dedo a dedo, sem nenhuma pressa. Desde que se aproximara do humano, parecia ter esquecido de toda a urgência ou da agilidade de que dispunha até um momento antes.

Raul observava o manto com as curiosas marcas da tribo de Skídi, tentando identificar o material com que fora produzida, quando subitamente sentiu a mão esquerda esquentar. Devagar no começo, mas aos poucos foi se tornando cada vez mais perturbador. Moveu a cabeça mas não viu nada; Deorr curvara-se adiante e retinha a sua mão firmemente em meio às suas, e tinha os olhos fechados.

Começou a sentir coceiras na mão esquerda. E por que é que Deorr a apertava tanto? Os ossos pareciam estalar!

No momento em que finalmente ia protestar, Deorr largou-a. Raul puxou-a para si por instinto, e então o seu coração parou de trabalhar de vez!

O dorso da mão estava completamente coberto de pêlos cinzas, como a mais perfeita luva de pele que se pudesse conceber. Suas unhas tinham se alongado e escurecido para um amarelo-terra, e apenas a palma continuava normal. Ou melhor, *quase* normal! Todas as marcas e sinais foram mudados, e a epiderme parecia mais fina, como se houvesse sido raspada com muito cuidado.

Raul ofegava, espantado, olhando para a própria mão como para um monstro.

— Raul?...

— *Não!!*

— Raul!

— Não... não... não é possível! Eu estou sonhando!

— Raul!?

Mas ele afagava e puxava pelo por pelo da mão, e experimentava a ontológica presença das novas garras, com um sentimento de nojo.

De repente veio-lhe à mente a imagem da sua mãe! O que ela diria se visse tudo aquilo? Uma escapada de casa sem dizer nada, vá lá. Uma viagem maluca em um disco voador que não se sabia ao certo se ia funcionar, lhe mereceria uma bela surra. Uma viagem a outro planeta, já era o cúmulo! Uma mutação *a la* Jekyll e Hyde a mataria!

Começou a suar. A brincadeira estava indo longe demais!

— Raul, por favor!

Zutarrs tinha o coração apertado pela cara de pânico do humano.

— Raul, você quer desistir?

Sim!, exclamavam os seus olhos, mas não podia dizer isso! Se Zutarrs lhe oferecera tão bizarra solução, isso só podia significar uma coisa: não havia *nenhuma* outra possibilidade de que ele regressasse a Salúquin incólume! Se desistisse, se transformaria imediatamente em um peso-morto e uma enorme fonte de dores-de-cabeça para o comandante e sua esquadra, que tinham muito trabalho pela frente para se preocuparem com ele! E mataria o Dr. Ericsson do coração de lambuja... ou, o que é pior, eles poderiam decidir-se a partir *sem ele*! Não, o Dr. Ericsson nunca faria isso... a não ser que alguma circunstância o obrigasse. Aí sim, é que nunca mais veria seu lar novamente, ou os seus amigos do Neocampus, ou os lugares de que tanto gostava!

Nesse instante, percebeu com toda a rudeza que desapegar-se do que quer que fosse, em nome de uma vida diferente, era duro e exigia mais do que simples entusiasmo. E era a primeira experiência, tênue mas eficaz, do que poderia custar a morte a alguém, por além de todo o medo de sofrimentos.

Raul engoliu em seco.

— Não... v-vamos em frente!

E, dizendo isso, sua mão voltou ao normal.

— *Aah!*

Zutarrs e Raul exclamaram ao mesmo tempo. Deorr, entretanto, sorria profundamente; aliás, com o mesmo sorriso com que acompanhara o curto drama do seu curioso paciente.

— Há retorno, Raul. — disse ele — Não tenha medo.

A mão esquerda foi na verdade um primeiro teste. E Raul ainda teve que beber depois um segundo chá, quente como o primeiro e ainda por cima salgado e azul, que deixou um cheiro de sangue queimado na cabine a despeito das janelas que o comandante escancarou. Desta vez sentiu todas as suas entranhas arderem e fumegarem, e o coração palpitava como se ele estivesse correndo a maratona. Ainda não eram dores que mereciam gritos, mas não conseguia parar quieto sobre a cadeira. O desconforto só cessava naqueles pontos sobre os quais Deorr curvava-se e aplicava as mãos.

Mais ou menos às três da manhã chegou a vez do terceiro chá. Ou melhor, da segunda rodada do primeiro, e dois copos! Mesmo em meio ao festival de sensações surreais que lhe chegavam à mente, Raul não pôde deixar de notar que até agora aqueles quase três litros de líquido que ingerira ainda não reclamavam a vez de abandonarem seu corpo.

Ao mando de Deorr, Zutarrs estirava este ou aquele membro, massageava este ou aquele músculo, e ajeitava e reajeitava o humano sobre a cadeira. Aos poucos, foi tendo menos trabalho, porque Raul, superado o pânico inicial e vencido afinal pelo sono, adormeceu.

Seu sono foi pontilhado de perturbações. Se não bastasse o enjôo provocado pelas beberagens, o zunido dos motores de Sentiiscánai de repente aumentou muito e fazia eco em seus ouvidos junto com a sinfonia medonha das ondas que o navio ia rasgando em sua apressada viagem rumo ao norte. Alguém bateu uma porta com força em uma cabine próxima, e o ruído perfurou seu tímpano

como uma vespa. Em um dado momento, percebeu que Deorr voltava a aplicar as mãos sobre o seu rosto, e que desta vez se inclinava também. Ó Céus, como aquela criatura fedia! Em meio aos delírios, Raul sentia o odor animal das suas vestes, o mal hálito, o cheiro das malditas ervas que impregnavam as suas mãos; cheiro de urina, cheiro de fezes, cheiro de uma porção de coisas que deveriam ter sido há muito aniquiladas por uma boa ducha.

E o calor! Ou os mestres de Sentisscánai estavam malucos, ou a cabine de repente fora metida em um caldeirão de óleo fervente. Ou então os malucos eram Zutarrs e Deorr, que lhe puseram um cobertor enquanto dormia!

Revirava-se incomodado sobre a cadeira, sem forças para despertar e sem exata consciência de que ainda estava dormindo. Até que, de súbito, Zutarrs mostrou que em um pequeno ponto estava enganado.

— *Aaaaaaii!*

Na fração de segundo que levou para acordar, Raul teve tempo de chutar o ancião na perna. Ele estava debruçado sobre o seu ombro direito.

— Raul! Raul! O que aconteceu?! — disse o comandante, assustado.

— Meu ombro! Deus do Céu! Meu ombro! Meu ombro está doendo horrores!

Levantou-se da cadeira muito rápido, e sentiu a pressão falhar. Caiu sentado de volta como um saco de batatas e vomitou. Sentia uma espada em brasa cravada na omoplata.

Zutarrs mirava preocupado o ussul, que tinha o cenho franzido. Ele tentou de novo apalpar o ombro do humano, mas teve trabalho.

— Não... não toque aí! — gritou Raul, em lágrimas, afastando-o — Senhor, por favor, peça-lhe que não toque no meu ombro de novo!

O comandante ia falar algo, mas Deorr fez-lhe um sinal de que havia entendido.

— O seu ombro teve algum problema, Raul — disse Deorr.

— Sim, sim... eu fui baleado no ano passado. Baleado; um revólver... *bang, bang!* É uma... oh, droga! É uma arma que usam para matar, mas não me atingiu em cheio. Os médicos demoraram para botar tudo no lugar de volta.

O humano arfava; Deorr desistiu por enquanto de examiná-lo e apenas aguardou que ele se acalmasse.

— Ai, ai, meu Deus! Como isso dói!...

— Relaxe agora, Raul! Vai passar em breve! — disse Zutarrs, sem saber exatamente o que fazer.

— O que.. o que o senhor tentou fazer, senhor Deorr?

O ussul ponderava alguma coisa.

— Seu ombro direito era o ponto mais tenso do seu corpo, Raul. Deixei-o por último, na esperança de que a infusão surtiria efeito. Mas já percebo porque ela não estava agindo.

Raul via tudo meio borrado e como que desbotado. Agora que a dor ia diminuindo, percebeu que uma máscara que Deorr lhe deixara sobre o rosto estava incomodando. Tentou removê-la num gesto inconsciente.

— *Ai*!

— Cuidado, Raul!

Sem querer, deu um murro no próprio nariz. Mas a culpa certamente era do nariz, pois agora estava dez centímetros adiante da posição aonde o deixara na noite anterior.

— *Que... que...*

Levantou-se de novo, exaltado. Mas o cobertor não caiu do seu peito como esperava.

Pêlos, pêlos por todos os lados, pêlos em tudo o que podia ver do seu corpo! Cada centímetro quadrado de pele que não pertencia às faces, às palmas das mãos e às plantas dos pés — e, é certo, ao ombro direito — estava recoberto por um denso pelame cinzento, como o da amostra grátis da sua mão de horas antes.

— *Meu Deeeeeeee....*

Deu dois passos com as pernas ainda desacostumadas pelo porre dos chás, e se sentia mais leve. Quis achar um espelho, e Zutarrs pelo visto já esperava por isso.

— Atrás da porta, Raul...

O humano aproximou-se devagar, de olhos fechados, apalpou a porta até ter certeza de que estava diante do vidro do espelho, e lentamente abriu os olhos.

Começou a rir nervoso. Tinha diante de si um sálqui perfeito!

Zutarrs aproximou-se, comovido.

— Como se sente, Raul?

Mas ele levaria um bom quarto de hora para conseguir responder.

— Maravilhoso... Ah, ah, ah, é absurdo! É incrível! Minhas orelhas... Tenho um focinho! Agora,... isto tem volta, não? Quanto tempo vai durar? Que sarro, meu Deus do Céu! Por favor, senhor Deorr, diga-me que isto vai passar!

— Vai passar, Raul.

— Obrigado! Que... *coisa*! Ho, ho, ho,... ai, meu Deus! Que absurdo! Como vocês são diferentes! Olhe como ficou estranho o ombro... é a única coisa pelada que tenho agora. Ah, ah, ah! A única coisa que me pode recordar que sou humano é um ombro baleado! Meu Deus, meu Deus do Céu! — teve que segurar a toalha que ia caindo — E... ei! Ei! Que... !?

O comandante desviou os olhos.

— Que... que é *isto?*

— Isso é uma das coisas que é prudente manter ocultas, Raul...

— É uma *cauda*? Uma cauda *de verdade*?

— Sim, Raul...

— Vocês têm *caudas*?!

— Sim, mas por favor...

— É, é de verdade! Eu consigo movê-la!

Sua cauda balançava como a de um cachorro diante da coleira de passeio. E caiu numa gargalhada histérica. Zutarrs estava bastante embaraçado.

— Raul, por favor, vista isto agora! Como se sente?

— Como eu me sinto? Bem, devo estar com febre, porque tenho um calor danado. Deve ser por causa da pele nova e...

— E sobre a musculatura? Consegue andar? Consegue fazer todos os movimentos que fazia antes? Pensa que há alguma diferença?

— Bem, ainda estou meio zonzo... mas consigo esticar tudo, veja! Dá para pular... assim, dá para agachar, dá para tentar tocar as pontas dos pés...

Raul passou vários minutos experimentando todos os limites da sua nova carenagem. Até ali, pareciam normais e correntes.

— Recorda-se de tudo?

— Hein?

— Pergunto-lhe se você se recorda de tudo... do seu nome, daonde veio.

— Claro que sim! Por... por que a pergunta?

— Consegue falar normalmente?

— Bom, isso já está meio diferente... minha boca esticou e a língua encompridou.

— Como é o seu nome?

— *Rrául*!... Ei, que sarro! *Rrr... ahrf!* Não sai direito!

— Como é o nome do filho do professor Ericsson?

— Do *Dedek*? Pensei que o senhor sou... *Ei!! Deddredddrr*...

Zutarrs e Deorr sorriram juntos enquanto Raul passou vários minutos desfiando o abecedário e uma ladainha de palavras difíceis, daquelas que são impronunciáveis até para os mais puristas nativos da Terra da Santa Cruz.

— Uau! Vou precisar de um fonoaudiólogo!

— E, diga-me Raul... você me compreende?

— Como assim?

— Entende o que eu lhe digo?

— Lógico!

O comandante abaixou as orelhas, pasmado. Deorr estava visivelmente satisfeito com o seu trabalho. Mas o humano estava intrigado.

— Por que pergunta isso? Vocês... o senhor por acaso... mexeu, ou melhor, mudou algo na minha cabeça?

— Raul, há quase meia hora que estamos conversando em vini!

X

Muito tempo depois, ao se recordar de todas as peripécias daquele incrível julgamento, Derek voltaria a sentir a estranha mistura de alívio, despeito e alegria ao finalmente entender que, para todos os efeitos, ele fora totalmente coadjuvante no teatro do tribunal e do público. Toba, sensacional como Raul quisesse, mas ao fim e ao cabo um pastor alemão como milhões de outros, Toba magro e abatido, que respondeu cabisbaixo quando Derek o chamou, capitalizou todas as atenções enquanto durou o processo. Derek estava desesperado, e encontrar alguém, nem que fosse um cachorro, que pudesse dividir com ele o papel de alvo do ódio irracional dos liagávie era muito reconfortante.

— Aqui, Toba! Vem! Ei, você está vivo, rapaz! Você está vivo! Como isso é possível? Pensei que tivessem te matado! Há quanto tempo... Nossa! Como você está fracote! Pensei que eles tivessem te matado!

O cão pousou a cabeça no tronco de Derek, que se ajoelhara, esperando um afago que não podia vir. Ouviam os soluços contidos de Gimiso; depois de tudo o que haviam passado nos últimos dias, e no meio de tanta miséria, a visão do mascote oficial de Tarrajcalo vivo causou-lhe uma reação avassaladora de alegria.

Entretanto nem tudo eram flores. O podiajd chefe estava furibundo com a cena, e convinha respeitá-lo, posto que era ele quem tinha as cartas, ou pedras, na mão.

— Vê? Vê? Filho morre! Grrr, Filho morre! Morre! Morre!

E cuspiu na direção do humano e seu cachorro. Todos os outros podiajj, exceto o que se transformara em sivtarr, cuspiram também várias vezes. Toba foi alvejado por uma chuva de saliva espumosa, mas não dava a mínima.

— Putz, Fágol! O que esse pessoal anda fumando por aqui?? Ei, Fágol?

O médico não podia responder, porque fitava Toba, Derek, e depois Toba de novo, desfigurado de pavor. *Então era isso! Era isso! Elpa, ó Elpa! Elpa, me ajude!*, murmurava para si.

O juiz liagávi interveio apressado.

— Que se inicie o Julgamento!! Levante-se, Prisioneiro! Voz, tem a permissão!

"Voz" era o cargo de Fágol naquele tribunal. E assim que ele se dirigiu, trôpego, ao seu lugar diante das tribunas e de costas para os juízes, um dos soldados cortou as amarras de Derek.

O médico viniorri demorou muito para começar a falar. Até o seu chefe percebeu que algo não ia bem; a Voz parecia que ia ter um chilique!

— P-peço v-voz para o Prisioneiro! — disse, enfim, ajoelhando-se por um momento ante os juízes.

— O Prisioneiro tem voz! — respondeu o liagávi.

Olharam para o podiajd, que não acompanhara a rapidez da manobra, e acabou concordando:

— Prisioneiro fala!

— Ag-agora v-você também pode falar, D-Derek — murmurou Fágol — C-contudo, tenho que expor-lhes o c-caso!

— Muito se agradece isso! Mas por que você está tão nervoso?

Sem responder, o viniorri voltou-se ao povo reunido para fazê-los oficialmente participantes do processo e ouvir o seu veredicto. Era o método de escolha dos liagávie para condenar os seus desafetos, e era também a única instituição Vessin além da Assembléia em si mesma que os podiajj respeitavam. Fágol rogou aos selvagens que removessem a bolsa maldita para bem longe antes de começar.

O humano virou de costas por um instante para ver como os seus amigos estavam, e quase tombou de surpresa ao ver que quase toda a gentalha havia desaparecido! Com efeito, a aparição de Toba os aterrorizou demais. Derek viu que Gimiso estava se repondo, sem perceber que estava so-

zinha, pois até mesmo vários dos guardas debandaram. O ar que se respirava no saguão do Conselho Vessin fora amaldiçoado naquela noite!

Mesmo assim, Fágol tinha que cumprir o protocolo.

— O P-Prisioneiro chama à sua própria gente de *humanos*, e a si mesmo... *Derrek*. Ele f-foi inesperadamente encontrado pela Potestade em sua terceira esquadra do Sudeste há um *latla*[*], durante s-sua última missão na Terra Seca antes de ser destruída por uma esquadra dúcdai, m-missão essa que consistia no desmantelamento de um acampamento dúcdai no setor intermediário da costa de Tarrajcalo. O P-Prisioneiro estava envolvido, e confessou o envolvimento, com s-seis atividades ilegais: permanência não autorizada em território da Potestade, contato com dúcdie, cooperação com dúcdie, extração de lechi não autorizada, agressão tipo dois à Potestade em um dos seus oficiais da esquadra, e cativeiro da Potestade em um dos oficiais da esquadra.

'A Potestade ao mesmo t-tempo procedia à restauração do território poluído, e durante esse lapso foi deparada com o Espécime que agora tem diante de Si. Os P-Preventores das Ingerências Dúcdie nos Portos receberam o Espécime para estudo e c-classificação, e foi então que a Potestade em seus Podiajj exigiu presença nas investigações.

Fágol tomou um pouco de fôlego.

— C-concluíram que o Espécime era um podiajd, provavelmente dúcdai, s-severamente mutilado.

Derek abanou a cabeça. Esses tipos estavam loucos!

— Em c-comparação com os podiajj de maior grau, — prosseguiu Fágol, a meia voz — observaram que o Espécime apresentava c-comunicação monotônica inespecífica e d-desprovida da quase totalidade de significados coerentes exceto os c-completamente basais; tolerância facilmente indutível por estímulos p-positivos e facilmente eliminável por estímulos c-contrários, deformidades ósseas... ossatura c-consistindo num esqueleto juvenil em um organismo notoriamente adulto, e resistência d-desproporcionalmente reduzida às intempéries. Uma c-comparação com siv-sivtarrie e lisie mostrou que as características e o desempenho geral do Espécimen eram anormalmente subdesenvolvidos. F-foi impossível c-classificar o grau de r-reversão (*Oh, Elpa!)*. P-portanto, de acordo com as diretivas habituais da Potestade em seu Estado Podiajd com r-relação aos indivíduos subnormais, o Espécime... deveria p-perecer.

Interrompeu-se de novo para tentar firmar a voz. O cheiro de medo no discurso de Fágol começou a despertar agitação entre os juízes.

— A P-Potestade em seus Juízes e Preventores estava d-dividida entre acatar a resolução do Estado Podiajd imediatamente ou após tentar c-compreender como tal prodígio fora levado a cabo por não-liagávie.

'N-nesse meio t-tempo, contudo, a Potestade capturava o Prisioneiro e outros dois dos dúcdie de T-Tarrajcalo, que foram c-conduzidos aos Portos sem perda de tempo. A c-concordância olfativa entre o Prisioneiro, os ilhéus e o Espécimen indicava s-seguramente um contato prolongado. A Potestade em seu Estado P-Podiajd solicitou então este Julgamento do P-Prisioneiro, em presença das hostes de V-Vessin.

Num fiozinho de voz, exausto, o médico concluiu:

— O P-Prisioneiro é acusado de... de presença n-nociva e subversão, pela Potestade,... e de... e de... alta t-traição punível com a morte pelo... Estado P-Podiajd. A acusação emanada d-da Potestade pode ser atenuada em c-caso de coop—

— *Não!* — urrou o Despojado — *Filho do Sem-Lei morre!*

Tomou outra pedra dourada e atirou-a no chão com toda a força. Um estrondo seco ribombou por todo o saguão, seguido por vários outros estampidos à medida em que ricocheteava pelo solo até que por fim parou perto de Toba. Sempre que tocava o mármore negro do pavimento do Conselho, produzia uma fissura de onde saíam vapores amarelados. Outra pedrada foi em direção à parede; mais colunas ornamentais ruíram e bloquearam de vez todo o acesso ao exterior, quase es-

[*] Uma semana.

magando os últimos curiosos corajosos antes de que por fim conseguissem escapar. Os réus, os podiajj, o juiz liagávi, o médico e os dois animais estavam encerrados sozinhos no saguão. A coluna vertebral do juiz podiajd vergou para diante, e sua voz era agora ainda mais gutural, quase um rosnado indistinto.

O juiz liagávi estava lívido debaixo de todo o pelo da face. Hesitou um bom tempo, mas afinal decidiu-se a ordenar a remoção das mil vezes malditas rochas douradas do recinto da Assembléia. Para sua surpresa, porém, o Prisioneiro manifestou-se antes.

Para espanto de todos, Derek sentou-se sobre os joelhos à moda de todos os liagávie subalternos. Apenas Larrin tinha um sorriso imperceptível.

— A Potestade se dignaria a responder algumas perguntas do Prisioneiro? — perguntou o humano.

Caiu um pesado silêncio. Até o selvagem calou-se.

— O Prisioneiro tem voz! — disse o liagávi, desconfiado.

— Prisioneiro fala! — confirmou o podiajd.

— Agradeço à Potestade e ao Estado Podiajd. — disse Derek, sempre de joelhos — Em primeiro lugar, gostaria de saber se entendi exatamente o teor da acusação. O Estado Podiajd crê que este animal... ehr, o Espécimen, era um membro do povo da Ilha de Vantimiso?

— Isso é exato. — respondeu o juiz.

— Permite-me um esclarecimento?

O juiz anuiu discretamente.

— Este... Espécimen foi trazido do meu mundo, quando eu cheguei acidentalmente às terras de Tarrajcalo. Não pertence à terra de Segusii. Assim como há muitos animais à solta em Vessin, e entre os ilhéus, como me disseram, e assim como eu sou diferente de vocês, e eu não pertenço a este mundo tampouco, também há muitos animais à solta na minha terra, e que são diferentes dos daqui. Bem, é verdade que —

— *Prisioneiro mente! Prisioneiro mente! Grrrrr, Prisioneiro morre!* — cortou o Despojado, histérico.

— Sabemos que isso não é verdade, Prisioneiro! — disse o liagávi, severo — O Espécimen apresente sinais claros de corrupção, de acordo com os estudos cujos resultados sua própria Voz recordou há pouco!

— Não, mas...

— E em vários sentidos tratam-se de alterações nunca sequer vistas. Por isso foi decidido que o perpetrador dessa corrupção é réu inapelável de morte pelo Estado Podiajd, e réu de alta traição à Potestade em caso de recusar-se à cooperação.

— Cooperação?

— Se o perpetrador trouxer à normalidade os podiajj, ensinando assim à Potestade nos seus Preventores os mecanismos dessas alterações, *nos dois sentidos*...

O juiz enfatizou o final da frase com um olhar malicioso e cheio de significado. Derek porém não captou.

— Mas... espere um pouco, espere um pouco! — disse ele, balançando a cabeça nervoso — Veja... deixe eu tentar explicar. Em primeiro lugar, eu não posso fazer isso, nem mesmo se eu quisesse... Toba é só um cachorro; de um cachorro só saem cachorros! Depois, como é isso de ser sentenciado inapelavelmente e ser poupado ao mesmo tempo; eu não entendo!

Se os segusianos pudessem suar, Fágol estaria suando frio.

— Além do mais, pelo que eu entendi... eu achava que os *nobres* podiajj estavam contentes com a sua situação... eles querem realmente voltar a ser um de vocês?

Foi um impulso tardio de polemista que levou Derek a dizer isso, esperando lançar seus acusadores uns contra os outros. Mas não deu certo.

— Nós corrompidos!! — bradou o podiajd — Sem-Lei corrompe liagávi; liagávi ele mesmo se corrompe a podiajd! E Filho corrompe ilhéu!! Filho pára, Filho morre!!

Derek engoliu em seco. Era óbvio que os podiajj não acreditavam que ele fosse tão poderoso como imaginavam os liagávie. Por incrível que parecesse, eram os que mais tinham a cabeça no lugar.

— O Prisioneiro pode fazer outra pergunta?

— O Prisioneiro tem voz!

— Por que... por que ele fica me chamando de “Filho”? Do que é que ele está falando?

O juiz espantou-se. Fágol interveio.

— O Prisioneiro alega não conhecer Vilárrentla, meu senhor!

Eu não aleguei coisa nenhuma!, pensou Derek irritado.

— Como pode ser isso? — inquiriu o juiz, desconfiado.

— Eu... *eu* não sei, meu senhor! — respondeu Derek — Ouvi dizer que ele foi o grande Fundador da Potestade Liagávi. Mas não sei muitas coisas mais! O que ele tem a ver com o meu caso?

O juiz podiajd soltou então uma gargalhada cruel, tão estrondosa que Toba se assustou.

— Prisioneiro não conhece Sem-Lei? *Traz Sem-Lei!* — gritou.

— *Isso nunca!!* — bradou o outro juiz, com o pouco de autoridade que o medo das pedras douradas não suprimira.

— *Traz Sem-Lei agora!!!* — gritou ainda mais alto o podiajd, profundamente satisfeito com a série de humilhações que infligia aos seus até então todo-poderosos opressores.

— Então os ilhéus devem morrer antes!

— Ilhéu fica! Ilhéu nunca conhece Sem-Lei! — retorquiu o Despojado, sorrindo sem parar.

O corpulento e ricamente adereçado juiz liagávi estava fulo com a sua própria impotência. E foi assim que trouxeram o busto de Tactlai-Vilárrentla perante a audiência mais desqualificada da história do Conselho Vessin — ilhéus de Vantimiso, um viniorri, podiajj e um maldito alienígena fraco e sua criatura imunda e desfigurada! Mas o que preocupava agora o juiz acima de qualquer outra coisa eram as mãos dos podiajj e suas malditas pedras de destruição, pois temia um ataque sacrílego à representação milenar do Senhor do Medo e Mestre das Estrelas, o Pai da Potestade Liagávi.

Então, outra cúpula de cristal ergueu-se do chão, por trás das tribunas dos juízes. Era muitas vezes maior do que as outras, quase como o círculo central de um campo de futebol, e em lugar de incolor era vermelho-sangue. Quando ela começou a se abrir, o juiz virou o rosto, abaixou as orelhas e prostrou-se. Gimiso e Larrin, vencidos pela curiosidade, chegaram-se mais a Derek para poderem observar melhor. Fágol tinha também as orelhas baixas, entretanto também estava muito curioso e não conseguia decidir-se a lançar-se ao solo como acreditava ser apropriado. Apenas o executor podiajd e seus asseclas pareciam à vontade, gozando seu poder inebriante, um esgar alienado torcendo-lhe os olhos.

Quando a cúpula se abriu de todo, uma gigantesca estátua de mármore negro brilhante elevou-se do saguão.

Derek soluçou de espanto. As cúpulas de Vessin levaram a melhor de novo! E Gimiso não conteve um grito assustado.

— Dek! É... é um humano!

XI

— Raul, Raul! Ânimo! Sinto muito pela recepção de Skídi!

Para quem carregava um enorme tufo de neve na cabeça, Mavlii tinha muito bom humor. Nada de despedidas prolongadas, nada de turismo na Cidade Ussul, nada de paisagens! Naquela noite nevava tão absurdamente forte para uma cidade litorânea que durante o último abraço de Zutarrs, seus braços se cobriram de neve. Raul ainda tinha a ponta do focinho congelada, uma sensação bastante incômoda.

— Raul, que Elpa lhe proteja!

Mas ele não ouvia!

— *Que Elpa lhe proteja!!* — gritou Zutarrs — Que Elpa acompanhe a vocês nesta viagem!

— Muito obrigado... muito obrigado por tudo, senhor!

O comandante chorara de verdade, mas não o humano, entretanto, que ainda estava perdido entre o frio que via mas não sentia, a expectativa da viagem e o inegável porém contido asco que sentia agora pelo odor do comandante sálqui, tão próximo.

— Não me entenda mal, Raul, mas devo dizer-lhe que tenho inveja de seu pai! Por favor, se algum dia você puder, volte!

Ele só ouvira as três últimas palavras.

— Eu voltarei, senhor! Eu juro que vou voltar!

De novo Mavlii e Raul receberam do comandante as recomendações a Elpa, e meteram-se por ruelas mal iluminadas e quase intransitáveis pela neve, até darem com a Estação dos Vagões. Eram apenas trezentos metros do porto, mas parecia que tinham que escalar uma montanha! Nenhum dos dois pôde perceber muito do que quer que fosse antes de entrarem no terminal; o vento os forçara a caminhar de cabeça baixa, e a intensidade do zunido era agora uma nova mortificação que tomou de surpresa o jovem aventureiro humano.

— Sempre neva assim por aqui?

— Bem, já estamos em pleno inverno. Nunca estive em Skídi durante o inverno, mas em minha cidade natal, que fica a meio caminho de Salúquin, neva muito mais do que isto! Temos que construir escadas em meio ao gelo para chegar em algumas tocas que normalmente ficam no chão.

— Como se chama a sua cidade? Onde fica?

Mavlii limpava-se dos flocos de neve com gestos precisos, ainda que distraídos, como se de fato já estivesse acostumado à vida de esquimó. Raul notou que o chão da cabine que ocupavam ia ficar uma lástima quando tudo aquilo se derretesse.

— Chama-se Sunuvavii, e você terá a chance de conhecê-la. Amanhã ao meio-dia passaremos por ela.

— Fica no caminho, então?

— Sim, quase no centro da ilha, algumas horas depois de cruzarmos esta barreira de montanhas... bem, você não pode vê-las agora. É uma região plana, de estepes, com muita tivla. Você sabe o que é a tivla, não?

— Sim, já fui apresentado a ela naquele almoço que tivemos em Palarrco.

— Você gostou?

— Bem, a verdade é que não muito! Digo, parecia ótima no começo, mas em dois tempos enjoei. Parecia muito forte!

— Quer tentar de novo?

— Como assim?

Com ares de grande conhecedor, Mavlii abriu uma das gavetas de uma arca que tinha à sua direita, e que Raul não notara antes. Imediatamente ele sentiu um cheiro quente e delicioso de comida.

— Estas são as nossas provisões. Tem fome?

— Uau, se tenho! Acho que comeria uma vaca... ou uma tivla inteirinha agora!

Raul não o conseguiria, mas resistiu por mais tempo desta vez à repugnância que o seu organismo, mesmo transformado, sentia ainda por aquela carne gordurosa, estranhamente picante, como se já viesse temperada da natureza. Em meio à breve ceia, o vagão começou a mover-se; quando terminaram de comer, com o tradicional agradecimento a Elpa que o ex-piloto ensinou ao seu acompanhante, Mavlii dispôs suas escassas bagagens pela cabine. E finalmente foram dormir.

O espaço da cabine era exíguo, embora bem aproveitado. Além da arca de mantimentos, a única outra coisa que se destacava eram os dois leitos estreitos pendurados na parede. Não havia travesseiros, pois esse apêndice para o conforto cervical era desconhecido na terra de Vantimiso, onde os habitantes quase sempre dormiam de bruços. Dispunham ainda de uma cabine de higiene, donde vinha também a água potável. Nada de guarda-roupas; partia-se do princípio que os usuários dos vagões especiais Boitdárraf por definição não tinham tempo de se prepararem para viajar. Se desejassem, podiam trocar a túnica e o manto que levavam habitualmente por uma túnica leve que também se usava para dormir. Raul achou isso meio estranho; continuava com a dependência psicológica de uma boa ducha matinal (que por certo não existia nos vagões), e ficou um pouco chocado quando Mavlii lhe comentou que eram muito raras as vezes que um sálqui se banhava à la *terra brasilis*.

— Temos que ter cuidado com o pelame encharcado, Raul! — disse Mavlii, um dia depois — Aliás, você também terá que ter, eu acredito. Se você não se secar bem depois, poderá ter muitos problemas.

— Como por exemplo?

— Oh, desde bobagens como doenças de pêlo, que são desagradáveis porque em geral coçam muito, até coisas mais sérias como uma pneumonia. Ainda mais agora no inverno, cuidado para não se molhar demais!

Raul sorriu amuado. Olhou pela janela por instinto, mas sabia que não podia ver nada enquanto estivessem sob a montanha.

— Quando eu acordei hoje, vi que estava tudo escuro lá fora e fiquei super contente, porque pensei que ainda havia tempo para dormir. Aí então olhei o relógio e vi que já eram quase dez da manhã.

— Isso lhe assustou?

O humano riu um pouco.

— Sim; pensei que estávamos em um eclipse. Depois me lembrei que uma parte da viagem era debaixo da terra.

O ex-piloto olhava com atenção para o braço de Raul.

— Sabe de uma coisa? Acho que é melhor você esconder isso.

— Isso o quê?

— Seu relógio. Ninguém anda por aqui com algo pendurado no braço desse jeito. Isso poderia lembrar no máximo um noivo que vai se casar, pois eles usam um bracelete que se entrelaça com os dedos. Mas é no outro braço, e de qualquer forma seria difícil explicar para alguém o que um noivo faz viajando num vagão Boitdárraf.

— Bem, poderíamos dizer que eu estou com pressa de chegar à casa da bem-amada.

— Quem usa estes vagões — disse Mavlii, meio sombrio — não está com disposições diferentes do perigo. Estas linhas só se abrem em caso de guerra.

— Eu entendo.

Continuavam sentados ao lado da janela inútil. Mesmo para um novato em Vantimiso, o dia e meio sob a montanha já começava a cansar um pouco.

— Ah! — exclamou Raul, de repente — Você é casado! Você tem alguma coisa enrolada na mão!

— É verdade, Raul. Vejo que você aprende rápido a funcionar como um sálqui.

O humano sorriu, passando mentalmente em revista a face de todos os segusianos que conhecera nestes últimos e intensíssimos dias, com suas expressões amigáveis e ao mesmo tempo selvagens, e se convencendo mais uma vez que o *lay-out* sálqui havia sido de fato uma boa idéia da Natureza.

— Quantos filhos você tem?

— Por enquanto dois. Estamos casados há quase dois *leie*. Aliás, incidentalmente, em oito dias minha esposa e eu celebraremos o segundo aniversário das nossas núpcias.

— Que legal! Você vai ter tempo de chegar em casa?

— Por Elpa, sim! Há tanto tempo que não vou para casa... alguns meses nessas patrulhas pelo Sudeste — Mavlii suspirou, olhando para o nada escuro pela janela — Normalmente somos substituídos a cada duas semanas, mas o outro piloto de Palarrco foi ferido em uma escaramuça dos viniorrie quando aportamos em Sul-Dama para buscar um grupo de informantes. E foi aí que toda a confusão começou... depois disso, passamos metade do tempo fugindo dos liagávie, e a outra metade lutando... mais um pouco e teríamos chegado até Lixin, quase do outro lado do mundo! Bem, estou exagerando um pouco... mas estávamos muito longe quando recebemos o alerta de que o acampamento de Tarrajcalo havia sido descoberto. Nosso capitão receava que não fôssemos chegar a tempo. Bem, *de fato* não chegamos a tempo! Tivemos que partir ao encalço de um dos navios..., que estava no meio de uma esquadra liagávi completa! Normalmente não haveria muito o que fazer, mas interceptamos uma série de mensagens confusas que diziam que eles tinham prisioneiros. Os liagávie não costumam se preocupar em fazer prisioneiros; isso era muito curioso! Graças a Elpa conseguimos o apoio de Sentiiscánai no meio do caminho, e conseguimos uma vitória difícil. Alguns criam que isso nos custaria Lúfrre... mas havia liagávie por todos os lados, ao sul da Ilha! Talvez não fizéssemos muita diferença; estávamos longe demais para poder ajudar de qualquer forma. Foi então que chegamos a Láxin, e...

— Láxin? Não era Lixin?

— Não, não. Láxin é o nome da península onde encontramos vocês. Ou vocês nos encontraram, se quiser. Lixin é o nome de outro continente do outro lado do mundo. Láxin significa... significa... oh, eu não me lembro! Era o nome de um navegador viniorri, mas significava também outra coisa... bem, não importa. Bem, de Láxin em diante você sabe de tudo. As batalhas em Leste-Dama, Skídi, e agora... passando perto de casa! Faz tempo que não vejo os meus filhos!

E suspirou novamente. Mas percebeu o rosto de Raul e mudou rápido.

— Oh, perdão, Raul! Eu não deveria estar lhe instilando saudades e falando da minha casa agora!

— Não, não diga isso! Eu estou... eu me sinto bastante à vontade aqui!

— Mesmo? Neva tanto assim aonde você vive?

— Bom, aonde eu moro, não. Mas sei de lugares aonde a coisa pode ser tão dura... digo, *semelhante* à Vantimiso continental. A família da minha mãe vive num lugar mais ou menos como esse. O Professor Ericsson vem de uma ilha que, pelo que o Dek me dizia, poderia muito bem ser uma espécie de Vantimiso terráquea. Só que lá não há lobos...

— Como?

— Ah, nada... não importa.

— Diga-me uma coisa, Raul. Como é a vida no seu mundo? Como é ser um humano?

— "*Uma* coisa"? Receio que esta viagem não seria longa o suficiente.

Mavlii riu, e Raul também, vendo como era fácil para um sálqui estar contente com a vida. E sem saber porquê, um surto de saudades da sua casa apertou-lhe no peito.

Foi só na manhã do segundo dia de viagem, após mais de vinte e quatro horas de sepultura, que Raul veio à luz novamente.

Os vagões Boitdárraf, correndo a toda a velocidade sobre os três metros de neve que os separavam dos seus trilhos, finalmente voltou a céu aberto em meio a duas montanhas, já nas proxi-

midades da cidade natal de Mavlii, na região que se conhecia por Crina Vulcânica. O excesso de luz cegou os dois viajantes por um minuto, mas assim que pôde Raul assomou-se à janela e bebeu da paisagem em grandes goles.

Tinha à direita dos trilhos, e portanto mirando na direção norte-noroeste, um vale quase completamente coberto de neve. Em primeiro plano viu um lago de águas límpidas, seu leito de rochas negras como a noite, suas margens lentamente sendo encapadas por lençóis de gelo. O lago na verdade chegava até a extremidade do vale, e dali era impossível distinguir esse ponto, ou diferenciar o que era a neve das encostas das águas congeladas. A superfície refletia perfeitamente a parede de rocha e árvores à direita, e o pico de um longínquo cume branco ao fundo. Nada perturbava as águas; nenhum vento encrespava-lhe a superfície, e o céu lilás era cortado apenas por fiapos de nuvens ralas. Como se a tempestade do inverno iracundo que deixaram para trás há dois dias não tivesse tido forças para galgar a serra.

— Uau! — exclamou Raul, com total sinceridade.

— Você gosta do cenário?

— Sim, sim! Era uma das minhas paisagens preferidas na Terra!

— Ah, sim? Isso lhe é familiar?

— De algum modo, sim. Na terra da minha mãe há uma cordilheira perpetuamente nevada. Se fosse possível trocar a cor do céu, eu poderia jurar que estava em casa! É... é de estarrecer, de tão bonito!

Mavlii sorriu, aprovando esse pequeno êxtase naturalista, mas Raul sentiu-se um pouco perturbado. Porque, no meio de todas as suas aventuras, inconscientemente tornava a fazer referência à sua casa. Logo ele, que tanto gostaria de se sentir em casa em Vantimiso!

— À direita, no flanco ocidental dessa montanha — apontou Mavlii — está uma das estações de caça da nossa tribo. As ladeiras são escarpadas, e é um terreno difícil, o que nos brinda às vezes com curiosos acidentes. As trilhas dessa montanha em especial têm menos terra e grama, daí que o cascalho esteja mais solto. Aliás, se você olhar bem, verá que há uma diferença enorme entre a composição da rocha entre estas duas montanhas que escudam o vale.

Raul não percebeu nada; quiçá uma fosse preto-vivo e a outra preto-escuro, mas isso podia apenas ser o efeito da sombra que ainda cobria tudo naquela hora da manhã. De qualquer forma, concordou com o sálqui.

— Há uma explicação para isso. — continuou o piloto, animado — Dizem que a parte oriental é na verdade o dorso de uma antiga formação vulcânica, e que derivou e chocou-se contra o resto da ilha, que no início era apenas pouco mais da metade do que é hoje em dia. Eu lamento não poder dar mais detalhes, mas é muito interessante!

— E o cascalho solto?

— Oh, sim! O cascalho! Acontece que, desde a minha infância, eu sempre cacei nas planícies, mas há cinco *leie* pediram-me que me dedicasse à montanha. E logo no primeiro dia, eu descobri uma pequena elevação, preciosa, cuja perspectiva do vale era praticamente total, e que ninguém jamais utilizara. Ao tentar firmar-me sobre ela, tive um acidente.

— O que houve?

— Bem, descobri depois porque ninguém jamais utilizara aquela elevação. O meu ponto eleito era um enorme *avalin*, um agregado de pedras mal-consolidadas, conhecido por todos os bons montanhistas, mas completamente inédito para mim. Os avalinie são traiçoeiros, pois podem ceder a qualquer momento... como de fato cederam!

— Puxa!

— Mas eu tive muita sorte, porque a queda foi curta, e eu fui resgatado!

Raul arregalou os olhos.

— Caramba! É tão raro por aqui alguém ser resgatado num acidente?

Mavlii riu muito.

— Não, não, não é isso! Fui resgatado por aquela que seria a minha esposa!

— Ah! Que barato!

— E desde então, ela vem me socorrendo de mim mesmo, segundo dizem em nossa cidade. — e acrescentou, com ar meditativo — E têm razão, porque pensar nela e nos nossos filhos foi a única coisa que impediu-me de cair numa melancolia mortal nesses périplos intermináveis pelo mar!

A nostalgia crônica do piloto arrancou um amplo sorriso do humano. Caso os vagões Boitdárraf dispusessem de um serviço de aconselhamento psicológico para passageiros, Raul e Mavlii jamais teriam sido autorizados a compartilhar uma cabine!

E mais uma vez o piloto lançou um saudoso suspiro esponso-paternal, que comoveria a mais hirta paisagem.

— Ah, sim! — disse ele, despertando depois de um momento — Viu aquela montanha, Raul?

— A branca, no final do vale? Sim, vi.

Os seis picos que iam subindo em dente de serra eram a única coisa que estava plenamente banhada pela luz de Lass.

— Repare no pico mais central e mais elevado. O que você vê?

Raul forçou a vista e torceu os olhos até mais não poder. Via um pico central e mais elevado.

— Talvez uma cabeça? — sugeriu Mavlii, impaciente.

— Uma cabeça? Sim, bem... mas, é tão oblonga! E... — ah! Já vi, já vi! Claro, parece uma cabeça de cavalo!

— Uma cabeça de quê?

O olfato mais apurado de Raul farejou uma gafe.

— Não, não... espere! Sim, é lógico, é a cabeça de um sálqui, olhando para o horizonte ocidental. Só que... bem, o focinho dele é um pouco comprido demais!

— Ele está vigiando Sunuvavii, Raul. É Múnin, a Montanha da Memória, o segundo ponto mais elevado de Vantimiso.

— O segundo mais elevado? — disse Raul, sem conseguir enganchar no entusiasmo de Mavlii.

— Bem, o ponto mais alto está em Bleiss, na região da Cabeça do Hipocampo, na extremidade oeste da Ilha. Mas Múnin é na verdade parte da cratera de um vulcão extinto.

— Ah! E por que a montanha tem esse nome?

— É por causa de uma antiga lenda das tribos do norte. Há muito tempo, existiu um líder na nossa tribo, especialmente distinguido por sua bravura e astúcia. Fenris era o seu nome, e ele foi a chave para a expulsão dos liagávie das costas setentrionais de Vantimiso, quando eles se aproveitaram da peste que nos debilitava para tentar se estabelecer definitivamente aqui. Fenris foi um dos não tão raros filhos de pai liagávi e mãe sálquile daquela época. Há que se dizer, em justiça, que a maior parte dos colonos do Sudeste não se chamavam a si mesmos dessa forma, pois criam realmente que estavam aqui para ajudar a nossa gente, e esse, segundo se conta, era o caso do pai de Fenris. Ele possuía os traços de um sálqui, embora com o pelame curto como qualquer guerreiro de Vessin. Seu comportamento, contudo, foi o que mais contribuiu para dar-lhe a aura de temor reverencial com que a história e as lendas o cobriram. Fenris absolutamente não pensava como um sálqui, e isso era especialmente claro durante os combates. Lançava-se contra os seus meio-irmãos com uma decisão nascida de um estranho... interesse, como se fosse descobrir a resposta para um grande enigma dissolvida no sangue dos seus adversários. Ele ria com freqüência, mas nunca foi visto surpreso com coisa alguma.

— Poderia ser um fleumático apaixonado? — sugeriu Raul, no meio da tomada de fôlego do sálqui.

— Os Cronistas da época asseguravam que ele foi o único líder na história da Ilha a ser tão temido quanto amado pelo seu próprio povo. Todos o queriam, e mesmo assim ele vivia só.

Mavlii ajeitou-se melhor na cadeira, o que Raul agradeceu por dentro, pois mais um pouco e eles estariam cara a cara, focinho a focinho, sem solução de continuidade.

— Até aqui, tudo é perfeitamente histórico, como histórico foi também o seu súbito desaparecimento. Foi logo após o restabelecimento da paz na Ilha, quando pela primeira vez depois de muitos *leie* o Colégio das Tribos foi convocado de novo em Salúquin. Após aconselhar-se e receber as bênçãos dos anciãos de Sunuvavii (e um deles era do meu clã), ele partiu. Só, como era o seu costume. E depois disso, seu cheiro jamais tornou a ser sentido em Vantimiso.

— Puxa! E qual a relação com a Montanha da Memória?

— Bem, sobre a história se construíram inúmeras lendas. Uma delas diz que Fenris recebeu uma espécie de prova de sua sabedoria, e fora encarregado de fazer arder a Chama de Vantimiso no topo de Múnin. Tendo lá chegado, após semanas de escalada que desafiaram toda a sua habilidade (de fato, até hoje Múnin é inexpugnável), recorrendo a todas as suas forças, ele finalmente atingiu o cume. Porém, uma vez ali, ante a maravilhosa visão da Ilha aos seus pés, e embriagado pela melodia do vento carregado com o aroma de todos os povos e de todas as terras, ele cogitou que seria adequado reunir na sua pessoa o papel do Colégio das Tribos. Passaram-se seis ou dez dias, dependendo de quem lhe conte a estória, ao longo dos quais o isolamento e os sons e os odores os enlouqueceram cada vez mais e mais, a tal ponto que ele se esqueceu de acender a fogueira com a que fora encarregado. No último dia ele iniciou a descida, mas Elpa, furioso com o descaso e o ensoberbecimento daquela sua criatura predileta, congregou uma tempestade como nunca se vira antes, com raios que torpedearam o cume de Múnin até que toda a lenha da fogueira se consumisse, até que a própria montanha explodiu no final, deixando de Fenris apenas a recordação do seu rosto deformado esculpido na pedra, como um aviso e uma recordação.

— Uau!

— De fato, a última erupção de Múnin foi uns dez *leie* após a tal convocação do Colégio. Uma outra lenda, construída sobre essa lenda, diz que Fenris de algum modo conseguiu escapar, porém terrivelmente deformado, e que migrou para o sul para tentar estabelecer ali os seus projetos. Ele, meio sálqui e meio liagávi, teria sido nada menos do que Gat Dúc!

— Quem?

— Um líder funesto que tiveram os liagávie, e que por acaso foi quem os organizou num Escudo Militar permanente. Mas entre Fenris e Gat Dúc há pelo menos três séculos, assim que essa lenda é bastante mais lendária!

— É uma história fantástica, de verdade!

— Uma boa *estória*, se quiser, Raul. Como os escritores têm que escrever, essas estórias vão sendo perpetuadas.

— São muito interessantes, de qualquer forma! E você disse que um dos seus antepassados conheceu esse Fenris?

— Oh, sim, é verdade! Ele não foi meu antepassado direto, — corrigiu Mavlii — mas parente de um. Úliqui Otsoguli, o chefe do nosso clã, que depois morreu tragicamente com os seus filhos durante uma avalanche, era irmão de Valkilo, aquela que depois se mudou para a tribo nossa vizinha de Cal-Joquiin, ao sudoeste, e notabilizou-se por instituir a primeira usina de processamento de tivla da Ilha. Por sinal, vamos passar bem ao lado dela!

— Continua em operação até hoje?

— Continua em operação até hoje! — afirmou o piloto, com um orgulho infantil que não queria disfarçar. — Já não é mais a maior, mas continua sendo a melhor!

— Na sua ponderada opinião, eu suponho. — brincou Raul.

— Oh, sim! Eu posso gabar-me de conhecer o gosto da tivla de qualquer parte da Ilha!

— Um *tour* gastronômico? Não tinha idéia de que vocês passeassem tanto por aqui.

— Ao contrário, Raul! Um jovem sálqui tipicamente passa *leie* longe da casa dos seus pais, após a *etissa*, para conhecer a terra que os recebeu, e para que o povo da Ilha conheça a quem receberam.

— Não!! E conhecem *todo o mundo*?!

— Naturalmente que não, Raul! — respondeu Mavlii, encostando-se na cadeira como que em defesa — Somos vários milhões, embora esta porção concreta da Ilha possa dar-lhe uma impressão equivocada. Mas se conhecem todos os lugares! Qualquer um de nós poderia explicar-lhe muito da história, geografia e costumes de qualquer ponto de Vantimiso!

— Que *sibir*!

Nisso, o vagão finalmente terminava de atravessar o magnífico vale congelado, e ia imperceptivelmente dobrando ao sul e deixando para trás o antigo campo de caça de Mavlii. Agora, sim, entravam de cheio nas vastas planícies do norte, onde tudo o que a vista podia alcançar era um infinito lençol branco, gelo de brilho incandescente, amurado por algumas distantes montanhas que mal se elevavam do horizonte, e cortado apenas por um largo sulco paralelo aos trilhos que os acompanharia por quase todo o restante do périplo.

Raul foi forçado a desviar a vista. A alvura era demasiada e o fez lacrimejar. O sálqui passou-lhe lentes escuras.

— Caramba! Vocês pensam em tudo aqui!

— Esqueci de avisar-lhe para tomar cuidado com a janela agora. É realmente nocivo para os olhos mirar a planície no inverno.

— Uau! Mas é uma beleza só aí fora! Onde estamos agora?

— A menos de duas horas dos subúrbios ao sul de Sunuvavii. Você poderá saber exatamente quando começar a Floresta de Barri.

Raul passou um bom tempo hipnotizado pelo impressionante nada, que quase forçava aqueles que o miravam a lançar-se nele para preenchê-lo de alguma maneira.

— E o que é essa espécie de trincheira, ali?

— É Vanaquíssil, o rio que nasce aos pés de Múnin e corta toda a Ilha, em diagonal nordeste-sudoeste, até desaguar em Palarrco, meia hora acima de Salúquin.

— Mas como assim? Se Múnin está totalmente congelado, donde vem essa água toda? O que faz um rio correndo nessa temperatura?

— Vanaquíssil é o único rio de Vantimiso que nunca se congela. Ele não é um rio de degelo, mas nasce de uma fonte subterrânea, quente, aos pés do vulcão. Você tocou num ponto interessante, Raul, pois as águas do rio naturalmente se esfriam muito a poucos quilômetros da nascente. Mas, por alguma razão, ela nunca se congela.

— Eu imagino então que, na primavera, isto aqui deve ser água para todo o lado!

— Isso é exato! É o que torna estas planícies tão férteis e a tivla desta região tão saborosa. Eu sou da opinião que é por causa dessa fonte inesgotável de água que os liagávie quiseram se estabelecer por aqui... e isso antes de que tivessem um deserto. Agora, cercados pelo seu próprio deserto, quem sabe se não quereriam ainda mais?

— Deserto? Que deserto?

— Ui, isso é uma longa história, Raul! Permita-me antes contar-lhe algumas coisas sobre a Floresta de Barri.

Contudo, nesse exato momento, o vagão desacelerou bruscamente, quase atirando Raul nos braços do sálqui. Um zunido, como de abelhas, percorreu todo o veículo. Começou leve, mas aos poucos ia aumentando de intensidade, à medida em que os vagões freavam.

— O que aconteceu? — perguntou Raul, alarmado.

O vagão parou de vez, e após um segundo de silêncio absoluto a luz da cabine mudou para um azul intenso.

— Sinal de alerta, Raul, mas não se preocupe. Isso se traduz por: oficiais com patentes como a minha para cima, compareçam ao vagão-condutor. Todos os outros, permaneçam nos seus lugares.

— Mas o que aconteceu?!

— Eu não sei, Raul. Fique aqui, que eu vou tratar de verificar.

Mavlii vestiu às pressas o manto-oficial sobre o manto-pijama e saiu.

Raul foi deixado, atarantado e prestes a objetar alguma coisa. A verdade é que o tom casual e a decisão de Mavlii, como se estivesse saindo para um exercício de rotina, quase o convenceram de que não era nada de mais. Sim, bem que podia ser apenas um exercício de rotina... mas por que não apagavam essa maldita luz azul agora?

Depois de cinco minutos de saio-não-saio, Raul deixou a cabine e caminhou indeciso em direção à saída. As portas das outras cabines estavam fechadas; poderiam estar vazias, ou abrigarem patentes tipo-Mavlii para baixo, simples passageiros como ele próprio.

Quase ia bater à uma das portas, mas segurou-se a tempo, alertado pelo ridículo que isso suporia. "Quem é você?" "Sou o bunda-mole da cabine ao lado. Lindo dia para uma caçada, não?" Em lugar disso, observou o longo corredor arqueado, revestido de metal e banhado naquela irritante iluminação glacial.

Amedrontava-o a possibilidade de estar sozinho! E se todo o vagão, ou os vagões, estivessem *vazios* (va-zios!!); e se Mavlii e ele fossem os únicos passageiros? Claro, como não percebera isso antes? Ninguém veio visitá-los até agora, seria possível? E se agora ele estivesse sozinho? E se agora ele estivesse sozinho?

E se Mavlii tivesse ido embora?

Ouviu o ruído da própria respiração, sentiu o cheiro do próprio medo, e de súbito um acesso de temor selvagem sacudiu-lhe o corpo. Deu meia-volta e entocou-se na cabine.

Ao se aproximar da janela, contudo, jurou ter visto com o rabo do olho alguém passar junto ao seu vagão! Uma sombra multi-colorida que rapidamente desapareceu. Não ouvia nada, nenhum ruído, nenhuma palavra, nenhum som! Nada! E começou a sentir que estava sendo observado.

Caramba, Raul!! Calma! Que é isso??!

Mas por mais que tentasse se acalmar, ou talvez precisamente por isso, a tremedeira nas mãos e nos dentes só fazia aumentar. O coração disparou; estava aterrorizado e não sabia por quê!

A luz! Aquela luz! Seria isso? Mas... era ridículo!

Fechou os olhos com força e tapou os ouvidos que não ouviam nada. Quis gritar, mas as palavras ricochetearam nos seus pulmões e não tiveram o valor de sair. Chamava a sua mãe. Estaria enlouquecendo?

Por que tremia tanto? Diziam que o medo se alimenta de si próprio. Tinha que concentrar-se. Sentou-se à sua cadeira ao lado da janela, para um segundo depois saltar como uma mola para o meio da cabine. Todos os seus pêlos estavam em pé. *Algo* estava ali, lá fora, querendo molestá-lo, querendo machucá-lo, querendo e conseguindo aterrorizá-lo. Uma tortura! Um fantasma! Um fantasma?

Raul beliscou o braço e começou a respirar com força, o coração tamborilando ao ritmo de um carnaval de além-túmulo. Tornou a meter a cabeça no corredor.

— Mav...

Outra sombra passou perto da janela às suas costas. Raul quase grudou no teto de susto! Ele não tinha visto! Ele tinha certeza! Havia *algo* ali!

Seu cheiro cresceu-lhe insuportável. Todos os seus novos sentidos pareciam conjurados a aumentar-lhe o pavor.

— *Raul, p...!!! Calma!!* — gritou consigo mesmo.

Estacou em pé, forçando o ar para os pulmões e tentando pressionar o coração para que voltasse ao normal. Por um instante, a tremedeira passou.

Mas quando voltou a prestar atenção no silêncio, gemeu de pavor e abandonou a cabine em pânico.

XII

Trinta e muitos, calvo, enorme e espadaúdo, olhar analítico e um estranho sorriso de triunfo, vestido com um rico manto liagávi e coberto por uma capa cujo fecho era a reprodução exata, móvel inclusive, da Estrela Vermelha que pulsava na abóbada do Conselho. Era isso o que Derek tinha diante de si, com toda a surpresa acumulada que poderia produzir o contemplar uma face humana depois de um ano cercado pela gente de Segusii. Era sem sombra de dúvidas a representação de um homem, de alguém da sua própria raça. Seria, porém, alguém da sua própria terra? Existiriam afinal humanos em Segusii?

Havia algumas inscrições aos pés da estátua, e Derek não se surpreendeu por estarem em querrcna.

— Dek?... quem é ele? — perguntou a sálquile, num sussurro.

— Não sei.

— Eu pensei que fosse o seu pai... de verdade! — murmurou Gimiso.

Derek encarou-a intrigado.

— O que está escrito ali? — perguntou ele.

Gimiso franziu o cenho.

— Eu... não consigo entender, Dek. *Ss-ek*, *pan... pon-oia*. São duas palavras, mas não as reconheço.

Nesse momento o juiz liagávi ergueu-se do chão, onde rendera preito de vassalagem sozinho, com uma face carregada de chumbo. Olhava seu colega podiajd com o rabo do olho, mas decidiu que já era tempo de falar claro. Sua estrela fosforescente flamejava ameaçadora na fronte.

— Prisioneiro! Seu antecessor foi o grande benfeitor da Potestade, aquele que nos abriu a mente para que compreendêssemos o nosso real papel neste mundo! Há muitas centenas de *leie* a Potestade vem se aprimorando e atualizando os seus ensinamentos e recriando Segusii como dignos filhos do Primeiro que não se comportam como escravos! Você pertence à Potestade, com todos os seus estranhos poderes sobre a Forma, os quais nem mesmo o poderoso Vilárrentla possuía, e que tem paralelo apenas entre os odiosos *ussule* dos ilhéus. Resta saber se você está disposto a colaborar como digno sucessor do Senhor da Potestade, para rechaçar e fazer frente à ação deletéria *dúcdie*, recuperar-nos os membros mais fracos da nossa gente e reunir assim todos sob a força do Escudo Vessin. Você tem em suas mãos o escolher a forma da sua morte!

— *Não!* Grrr... Filho vai morrer! Agora! Filho pior que Sem-Lei!

— Já basta, Despojado! — bradou o liagávi.

— Filho gera animal estúpido! Filho... grrr, morre!!

— A escolha é entre morrer de velho ou morrer nas mãos do Estado Podiajd, se bem entendi.

O juiz não respondeu. Por maior que fosse o respeito devido à descendência de Vilárrentla, o vini irônico daquele humano já o saturara.

Derek suava. Sabia que tinha que pensar rápido e ganhar tempo. Como era possível que os liagávie realmente cressem que ele podia interconverter segusianos em cães? Mas não adiantava tentar argumentar agora, pois eles mesmos estavam apavorados com os podiajj e as suas pedrinhas douradas. Morriam de medo delas... elas mutilavam aqueles que as usavam!... as pedras douradas... as pedras douradas...

As pedras douradas!!

Num sonho, Derek viu suas pernas dobrando-se e a sua mão tomando do chão uma das pedras douradas que o podiajd arremessara. Sentia alguém tentando impedi-lo; era Larrin, mas a outra mão o repeliu com maus modos.

A lasca era de quase um palmo de rocha fria e agradável de tocar, ainda mais no ambiente tórrido do saguão. Era muito leve, como se fosse de isopor. Derek a experimentava por todos os

lados como uma criança com um brinquedo novo, enquanto todos (Gimiso e Larrin incluídos) se afastavam dele receosos. Apenas os podiajj, embora também perplexos, se mantinham nos lugares.

— Solte isso, Dek, por Elpa! — implorou a sálquile.

Mas ele não ouvia. Tomou a pedra com as mãos, e de repente, *crack!* Partiu-a em duas.

Os Despojados estavam nervosos. Seu líder não parava quieto na tribuna.

— Filho sabe pedra! Filho sabe pedra! Vê, Traidor?? Grrr..., Filho já sabe pedra! Morre Filho agora!!!

— O que são essas pedras? — disse Derek, partindo uma das metades de novo e de novo.

Olhou para trás, mas seus amigos só balançaram a cabeça.

— Fágol?

O médico tinha os olhos saltados das órbitas, prestes a desmaiar de pânico.

— Senhor?

O selvagem, porém, interrompeu exasperado:

— Pedra é Sepultura! Grrr, ha, ha, ha, ha! Sepultura se vinga! Tarrílan castiga traidores! Tarrílan... grrr..., castiga! Podiajj descobre, podiajj sabe!!

— Mas estas pedras também castigam aqueles que as arremessam! — disse Derek.

— Rrrrrr!!! Pedra destrói! Pedra *destrói*!! Sepultura destrói o que toca!!

— Mas *vocês* também são destruídos! — observou Derek — Veja só o seu amigo como ficou! Por que as usam?

Apontou para o sivtarr, despertado pelo cheiro de angústia no ar. Observava Derek fixamente.

— Grrr!!! Ha, ha, ha, ha!! Podiajj valente! Destrói podiajj, podiajj não tem medo! Não como Traidor!! Podiajj pronto, Traidor não!!

Derek balançou a cabeça devagar, e pensou um pouco. Faltava esclarecer o último ponto.

Escolheu o menor pedaço, examinou-o por todos os ângulos, e finalmente atirou-o para um lado.

O estouro seco assustou Gimiso, que viu os ladrilhos do piso se rasgarem numa fissura de meia dúzia de raias que avançavam lentamente, até evaporarem uma parte do chão. Da pedra dourada, nenhum sinal; talvez tivesse caído dentro de alguma das fendas. Ao mesmo tempo em que o chão se abria, as feridas nas costas de Derek fechavam, mas ele não percebeu.

O médico viniorri, estarrecido, caiu de joelhos diante do seu juiz.

— Senhor! Liberte-o enquanto é tempo! Eu já o venho observando há dias; ele pode ser um amigo valioso da Potestade... ou um inimigo irresistível! Este julgamento é um equívoco! *Ele* deveria julgar-nos... Liberte-o, eu imploro à Potestade! Não dê ouvidos a...

— Não! *Nãão!!!* — gritou o Despojado — Outra vez não! Mata Filho *agora!*

Os podiajj e seu mascote se agitaram, uivando e grunhindo de ódio, e vinham finalmente para as vias de fato. Só então Larrin percebeu, aterrorizado, que os bravos guardas do Escudo Vessin não haviam agüentado a comoção e escapuliram — levando consigo todas as armas que viriam tanto a calhar agora! Fágol era agora o único que possuía um imobilizador, mas estava tão fora de si que seria muito melhor se não tentasse abrir fogo!

O sivtarr avançou primeiro, apesar dos protestos enérgicos do juiz liagávi. O animal sempre tivera a mira travada em Derek, em todos os seus menores movimentos. E era a ele que se dirigia agora, em passos macios mas sinistramente decididos.

Derek sentiu o estômago gelar. Apanhou os seus cascalhos dourados para tentar se defender, enquanto procurava frenético um lugar para onde fugir. Até que, de repente, o seu anjo da guarda de quatro patas tomou a iniciativa.

— Toba!! *Não!!*

O cachorro avançou rosnando para o sivtarr, de orelhas baixas e com todas as credenciais dentárias à vista. O sivtarr deteve-se, desviando os olhos de esmeralda do humano e avaliando si-

lenciosamente seu inesperado contendor. Seria uma luta injusta; mesmo se estivesse totalmente em forma, Toba tinha diante de si uma massa muscular pelo menos três vezes maior do que a sua! Gimiso e Larrin estavam petrificados de espanto: o animal tinha todas as intenções de um caçador, e estava avançando em direção a *alguém*! Como os podiajj haviam conseguido lograr semelhante desordem?

Sem saber o que fazer, Derek começou a atirar o seu punhado de pedras contra o monstro, mas errou todas, e sequer conseguiu impressioná-lo com o seu pipocar esfumaçante por todos os lados. Pior, até! Toba, sim, perdeu a concentração por um único segundo, que o sivtarr aproveitou para dar um enorme salto e cair sobre ele com todo o seu peso.

Toba ganiu desolado, indefeso. Mas nesse exato momento, um meteorito dourado passou zunindo pelos ouvidos de Derek e espatifou-se em chamas contra o cenho da enorme besta. A criatura ergueu-se sobre duas patas, urrando de dor e raspando desesperada a cabeça com as patas. Sua agonia foi breve; ao cabo de poucos segundos caía de lado, morta e sem rosto.

Derek viu de relance sua companheira perplexa com a própria pontaria, e mais ainda com o próprio fôlego, pois agora respirar o ar carregado da Potestade já não supunha a mesma prolongada tortura de antes. Mas o humano não conseguia desviar a vista da massa de carne ensangüentada e efervescente, estranhamente familiar, a que a face bela e altiva do maior predador de Segusii fora reduzida. Agachou-se perto de Toba para alentá-lo, mas ele tentou morder. Uma das suas patas estava mal prensada sob o enorme corpo do sivtarr. Derek chutou-o de lado e o cão pôde sair ileso.

A ira dos podiajj finalmente os enlouqueceu de vez. Antes que pudessem se munir de mais pedras, Gimiso e Derek viram-se cada um cara a cara contra dois Despojados furibundos. O último, o líder, vinha detrás instigando os outros.

Derek nunca brigara com alguém. Tudo o que sabia de lutas era o que o cinema lhe oferecera ao longo de toda sua infância, e infelizmente nenhum dos filmes fora realista o suficiente para prepará-lo para a situação absurda e imediata em que se encontrava. Tentou socos a esmo, mas os podiajj, que pelo visto também assistiram aos mesmos filmes, conseguiam facilmente desviar-se. Um deles então saltou de boca aberta contra seu ventre. O humano esgueirou-se, dando chance ao outro de abocanhar seu braço direito.

A dor era imensa e o sangue jorrava, mas Derek ainda teve a presença de espírito de jogar seu peso contra o inimigo, e conseguiu fazer com que ele perdesse o equilíbrio. Foram ambos ao solo, Derek com a vantagem de subjugar o tronco do podiajj com o joelho. Ganhava em inércia, porém sua habilidade e a sua capacidade de resistir ao odor pútrido do podiajj podiam comprometê-lo a qualquer momento!

Mas o podiajd também passava por maus bocados. Sua grande, e talvez única arma, as mandíbulas, estavam ocupadas. Mesmo que quisesse soltar Derek agora, o ímpeto do humano fora tão forte que caso a mordedura arrefecesse, ele era capaz de mergulhar até o ombro na sua goela. Não tinha força para repelir o monstrengo pelado de cima de si, e a respiração já era difícil. Um catarro espumoso saía das narinas, e ele começou a arranhar com força as costas de Derek. O humano esmurrou-o na cabeça, olhos, focinho e orelha com todas as forças que a raiva e a dor lhe davam, e só parou quando o Despojado afrouxou inconsciente.

Forçou a bocarra até conseguir soltar seu braço, com a carne em fiapos. Teve tempo apenas de ver Larrin erguendo-se de sobre o corpo morto do outro podiajd com quem se engolfara. Derek teve um arrepio; o sálqui tinha a boca e a face sujas de sangue!

Gimiso! Gimiso sim que precisava de ajuda! Derek começou a erguer-se quando de repente Toba latiu, e ao mesmo tempo o juiz podiajd o derrubava pelas costas. Visava o pescoço do humano, e com as garras completava o serviço de rasgar-lhe a carne das ilhargas que o seu amigo começara.

Entretanto, o líder liagávi viu o médico destravando o imobilizador.

— Oficial!! Abaixe essa arma!

— Mas ele vai matá-lo!! — gritou Fágol, desesperado.

O juiz abanou a cabeça com uma expressão alienada. Naqueles tempos tão críticos, a Potestade não podia ter sangue podiajd derramado sob os seus auspícios.

Pior para o Prisioneiro!

— Elimine os ilhéus!

— *O quê!?*

— *Elimine os ilhéus!*

Fágol o mirava incrédulo.

— *Traidor viniorri!!* — bradou o juiz — Não está arrependido o suficiente dos seus crimes contra o Escudo?! *Elimine os ilhéus agora!!*

A escolha do médico era dura. Larrin nesse ínterim já abocanhara os rins do líder podiajd, a única maneira de fazê-lo soltar o pescoço de Derek. Os dois se engolfaram num emaranhado de pernas, braços e mandíbulas difícil de alvejar com segurança à distância. A outra escolha seria começar com...

— *Fágol!*

A sálquile o chamava! Até então ela não fora atacada com a mesma ferocidade. Talvez porque os podiajj tivessem ainda algum resquício do seu respeito instintivo pelas fêmeas; quiçá porque apenas quisessem se divertir um pouco mais com ela. Gimiso defendia-se muito bem, desviando-se dos botes e das garras e assestando aqui e ali feridas nos braços dos podiajj com os seus caninos afiados.

Gimiso tinha um ar de súplica inteligente e desafiadora no rosto e um podiajd erguendo-se às suas costas prestes a atacar. Por Elpa, o viniorri tinha que entender! Ele tinha que entender!

Fágol viu, não pensou duas vezes e mirou na ilhéia. O jato de fogo branco atravessou o salão, passou sobre as costas da sálquile, que se atirou no chão no último instante, e carbonizou o podiajd instantaneamente, cujo corpo tombou em chamas. Gimiso aproveitou o susto do outro selvagem e deu-lhe um bote certeiro na jugular. Ambos caíram, e segundos depois Gimiso soltava o pescoço do cadáver, sua cabeça por muito pouco ainda unida ao resto do corpo. O rosto da sálquile era todo uma máscara de sangue podiajd empapado.

Derek, mal se sustendo em pé, ainda conseguiu agarrar o líder dos podiajj pelas orelhas e dobrar sua cabeça para trás até que a nuca quase desse nas costas, exibindo o último pescoço da noite ao último bote mortal de Larrin. Por mais bestial que fosse a sua alegria por aniquilar seus inimigos, Derek não podia evitar um profundo asco pelos métodos de combate dos sálquie.

Mas a coisa ainda não terminara.

De tanto beber do sangue dos podiajj, alguma coisa da sua insanidade pareceu de repente tomar conta de Larrin. Nem bem se desvencilhava do cadáver do líder dos Despojados, ele ergueu-se de um salto, passou correndo ao lado de Toba, e avançou em direção às tribunas.

— *Larrin!?*

— *Lirri!!*

Fágol e o juiz olhavam estupefatos o miliciano de Vantimiso aproximar-se rosnando, roupas em trapos esvoaçantes, e coberto de sangue como um arauto da morte que colhe os segusianos que caíram em combate.

— Oficial!!

O médico preparou o imobilizador.

— Fágol!! *Não!!*

— *Oficial!!*

— Larrin!

— Elimine o ilhéu, *agora*!!

Mas de repente Larrin desviou-se, driblando sem dificuldade o péssimo disparo de Fágol, saltando para o estrado e arremetendo em direção da bolsa amarela com as pedras das Sepulturas.

Então o velho liagávi entendeu tudo.

— *Não, dúcdai!! Isso... isso NUNCA!!*

Larrin tomou uma das pedras.

— Perdoe-me por isto, Dek! — gritou — Mas isto tem que acabar!

Virou-se então e preparou-se para atirar na estátua de Gat Dúc.

— Lirri!! *Cuidado!!*

Antes que pudesse fazer qualquer coisa, o juiz liagávi lançava-se sobre o sálqui com agilidade insuspeita, como um touro furioso, quase esmagando-o com seu peso. Na queda, Larrin deixou a pedra cair.

Fágol aproximou-se. Larrin era mais ágil e conseguia se desviar dos caninos enormes que tinham alvo cravado no seu pescoço. Mas continuava por baixo, e a dor que sentia aonde sua cauda fora amputada era lancinante! Tentava de todas as maneiras livrar o peso de cima da sua bacia, mas o juiz pareceu perceber que tocara um ponto fraco e fincava ali o joelho com toda a força.

— *Oficial!!*

Larrin conseguira morder a face do juiz, e a retinha com força. Não era muito, mas já supunha um começo. O sálqui rosnava como um lobo ameaçado; Derek por um segundo acreditou que ele tinha mesmo perdido o siso. O seletor da arma nas mãos do médico oscilava sem parar entre imobilização e abate.

Derek então correu como pôde até o palanque, com estalos de dor nas costelas a cada vez que tentava respirar e um riacho de sangue correndo-lhe pelas costas e braço. Queria tomar uma pedra e ameaçar a estátua para desviar a atenção do juiz e do viniorri.

Este, contudo, não o deixou agir. Disparou finalmente o imobilizador. Sacudido por um espasmo, o corpo inconsciente do juiz tombou de lado.

XIII

Quando por fim descobriu o truque para abrir a porta que dava ao vagão-condutor, Raul quase engasgou com o próprio coração ao ver que não havia ninguém ali! As portas laterais estavam abertas, e por elas entrava um frio cortante, feroz mesmo para as suas camadas pilosas extras. Abotoou tudo o que pôde do seu manto sálqui, e ouviu algumas vozes vindas de fora.

Ainda atenazado pelo medo, deu quatro cuidadosos passos até a janela frontal do engenho e agachou-se.

Lá fora, sobre a neve, algo estava bastante estranho! Os oficiais que viajavam nos vagões, juntos com o condutor, cerravam uma linha de defesa diante do vagão-condutor com uns bastões de metal apontados para três sálquie mais adiante, os dois grupos separados por uma vintena de metros. Os sálquie estavam protegidos por uma barricada de troncos, bem no meio do caminho por onde deveriam passar. O mais esquisito era a agitação que dominava os estranhos: gesticulavam muito, falavam os três ao mesmo tempo, gritavam, imploravam, ajoelhavam-se, ameaçavam, e não paravam de apontar para algum lugar às suas costas, mais ou menos na direção que os trilhos aguardavam para tornar a sustentar os vagões. Raul nunca imaginaria que um sálqui pudesse estar tão alterado!

Pelas costas, todos os sálquie ainda eram iguais para o ex-humano, assim que não pôde dizer qual dos dez ou doze oficiais em alerta era Mavlii.

Lechi! Lechi!, julgou Raul ter ouvido dos lábios nervosos dos forasteiros.

Aquilo lhe soava familiar; Zutarrs lhe dissera algo sobre uma planta tóxica com esse nome. Mas o que isso tinha a ver com eles?

Acocorado como estava, Raul engatinhou até mais perto da escada de saída para ouvir melhor.

— Repito que não fomos notificados disso, irmão! — troou uma voz que Raul não conhecia, enérgica ainda que respeitosa, e um tanto sobressaltada — Tenho que insistir em que nos deixem prosseguir viagem!

— Não, não! Por Elpa, não!

— Por Elpa! Não! — gritavam os estranhos, como que possessos.

— Eles vão pensar que é um ataque!

— Que são reforços! Voltem!

— E vão atacar nossa cidade!

— Por Elpa, voltem!!

— Meus irmãos! — gritou a voz de comando — Esses liagávie estão blefando! Nenhuma nave da Potestade aportou em tempo suficiente para desenvolver um ataque em Vantimiso! As batalhas continuam no mar!

— Nós vimos os cilindros!

— Já desembarcaram em Salúquin!

— Já aniquilaram o líder do clã de Evarr!

— Por Elpa! Façam essa máquina desaparecer e chamem reforços!

Raul achou muito exagerado o timbre de desespero na voz daqueles pobre sunuvávie. Mas ainda era um novato nas guerras sujas de Vessin.

— Aca, sugiro que destaquemos uma escolta para salvaguardar esses cidadãos e verificar o que está acontecendo exatamente na cidade!

Era a voz de Mavlii! E, por Deus, como transpirava preocupação!

— Sim, sim! — bradou esperançoso o maior dos nativos — Um grupo pequeno!

— E, por Elpa, abaixem esses imobilizadores! — suplicou outro — Nós não somos tivla!

Nesse exato momento, Raul ouviu um chiado como que de uma descarga elétrica. Gritos! Espichou a cabeça e viu como que, detrás de algumas árvores da orla da Floresta de Barri, partiam raios de fogo branco sobre ambos os grupos de sálquie na neve.

— Ataque! Ataque! — gritou o líder dos oficiais — Abrigo ao lado do vagão-condutor!

Mas todos estavam irremediavelmente expostos! Sem se darem conta, os desesperados sunuvávie e sua barricada forçaram todos a discutir os termos do seu impasse nas posições menos guarnecidas possíveis, e a pequena patrulha liagávi que se infiltrara na Ilha há dois dias, vinda do norte, teve pouco trabalho para segui-los até o maior presente que receberiam naquela campanha!

A primeira baixa foi a do próprio líder sálqui, morto antes de que pudesse pensar em decidir-se para que lado correr. Os três habitantes de Sunuvavii foram os três próximos alvos, muito fáceis, por estarem desarmados, mais próximos, de costas e obnubilados pelo medo.

Raul assistia horrorizado à macabra ceifa que a chuva de raios brancos produzia em poucos instantes. Um, talvez dois dos oficiais conseguiram saltar na trincheira formada pelo rio; um deles com o corpo já em chamas. Outros dois abrigaram-se por detrás das toras da barricada, numa resistência que em breve se mostraria totalmente inútil. E outro dos oficiais, louco, vinha correndo em direção aos vagões!

Era Mavlii! E Raul não tinha que ser nenhum gênio para entender porque ele fazia isso.

Saltou para fora e correu sobre a neve, chamando-o e buscando uma posição de abrigo. Ao mesmo tempo uma descarga atingiu a carcaça dos vagões, apesar de todo o cuidado que os liagávie tinham em manter intacto tão precioso veículo. O problema é que ninguém ali dentre os alvos sabia disso!

— *Raul!!*

O piloto sálqui mudou de direção e continuou correndo, apontando-lhe para o leito do rio.

Raul correu o mais que pôde, brigando contra a passiva resistência da neve fofa, e vendo a margem do cânion de gelo aproximar-se cada vez mais e mais.

Deus do Céu! Como era largo o leito do rio! E... Mãe de Deus! Como era... alto!

Vanaquíssil corria impetuoso a uma saudável dezena de metros despenhadeiro abaixo, meio envolto em brumas. Raul teria que correr e pular, sem pensar na altura, sem pensar na profundidade, sem pensar nas pedras, sem pensar em se afogar...

Vacilou por um instante na borda.

— *Raul!!*

O ex-humano virou-se, desejando pelos céus uma outra alternativa. Viu um pequeno brilho branco tilintar por entre as árvores, como se alguém houvesse tirado uma foto da paisagem, e no instante seguinte sentiu que o seu ombro direito estava pegando fogo.

O disparo atingiu-o de raspão... desta vez.

— *Raul!!*

A voz de Mavlii vinha de lá da órbita de Saturno. Uma frouxidão metafísica irradiou-se da ferida, desligou todos os seus nervos e apagou a sua consciência. O uivo de dor morreu na garganta adormecida.

— *Ra-uuull!!!*

Raul teve sorte. Foi poupado da decisão de lançar-se por conta própria nas águas turbulentas e selvagens de Vanaquíssil.

Vanaquíssil daria uma excelente pousada turística para a tribo de Sunuvavii, caso em algum lugar de Vantimiso fosse necessário pagar para se desfrutar de qualquer gentileza que a Natureza tivesse a oferecer. Caso alguém em Vantimiso, afinal, tivesse que pagar por alguma coisa.

As águas tépidas e ferruginosas bloqueavam eficazmente o acesso do frio, e uma série de arroios que se desprendiam pelas laterais do rio principal mantinham santuários degelados em uma boa parte da planície adjacente à Floresta de Barri mesmo sob o mais cru inverno. Ao longo do curso as rochas da margem estavam bem visíveis, e pela impregnação de vermelho profundo, mereceram à bacia do Vanaquíssil o apodo de *Gashliif*, ou Artéria, de Vantimiso, parte principal do grande organismo vivo que, sob a vista dos poetas, era a sua Ilha.

Pouco perturbado na maior parte do seu trajeto, a presença da floresta numa depressão do terreno obrigava uma boa parte das águas do rio a se estancar num pântano de areia carmim. Todos os vários rios segusianos que nasciam de fontes subterrâneas aos pés das cordilheiras vulcânicas, tanto as de formação recente como em Sunuvavii quanto as mais antigas e dormentes do Sudeste, mineravam das entranhas da terra uma incrível quantidade de ferro, que dava a cor avermelhada característica do solo de aluvião continental desde as proximidades de Skídi até a longínqua Tarrajcalo.

Naquela manhã, as águas de Vanaquíssil eram ainda mais aquecidas pelos disparos sem mira dos liagávie, que tentavam em vão abater os milicianos que lançaram-se à sorte junto à grande moréia-guia, como era conhecido o rio pelos condutores dos vagões. A nuvem de vapor de água que acobertava o rio durante o inverno impediu os liagávie de diminuírem ainda mais o número dos sobreviventes. Se a isso se acrescentar o rugido ameaçador das águas, a distância e o medo de um passo em falso nos bancos de gelo traiçoeiros, poderia se explicar o desânimo que abateu o profissionalismo dos sicários. Afinal de contas, por que arriscar? O rio os afogaria a todos! Porque, como era de conhecimento geral, não se pode respirar nas águas de um rio.

As águas mornas de Vanaquíssil faziam com que abandoná-las, em pleno inverno, fosse um sofrimento extra. Deste, Raul já não seria poupado. O estupor da descarga passou mais ou menos rápido, ajudado pela dor intensa no ombro duas vezes ferido.

Mavlii e Raul conseguiram se agarrar em algumas toras podres, já no limiar da Floresta. O sálqui ajudou Raul a se apoiar e finalmente deixaram a água. Por mais que lhe doesse, Mavlii sabia que não podia voltar atrás para tentar socorrer seus companheiros. Tinha uma missão muito delicada, e que já desandara homericamente.

— Raul! Raul! Por Elpa, Raul! Como você se sente?!

— Meu braço... meu ombro! — disse ele, com palavras mastigadas e cortadas de dor.

— Não o mova! Venha, vamos sair da margem. Aqui, assim!

— F-frio... que frio! Minha Mãe do Céu, como está frio!

— Não se preocupe, Raul! — disse o sálqui, ele mesmo sumido em confusão — Vamos dar um jeito nisso! A cidade não está muito longe, e teremos abrigo em breve!

Mavlii esperava que Elpa o perdoasse por tão grotesca mentira. Seria pelo menos um dia inteiro de caminhada se estivessem na estrada, desimpedidos e bem-dispostos. O ziguezague pela floresta tenderia a acrescentar, ao menos, mais meia jornada a esse cômputo.

Isso, caso ele ainda conseguisse se lembrar aonde era que tinham que fazer zigue e aonde zague.

Depois de torcerem as roupas para eliminar parte da água, Mavlii explicou como fazer o que Raul já intuía que teria que fazer. O piloto sacudiu-se dos pés à cabeça a uma distância segura para que a chuva não tornasse a encharcar o colega. Raul conseguiu imitá-lo apenas em parte; secou as pernas sem muito problema, mas qualquer movimento mais brusco da cintura para cima achava um jeito de ir molestar o ombro dolorido. Era como se, de repente, todos os nervos do seu corpo tivessem aberto uma sucursal na omoplata direita. Raul pensou na pneumonia e nas doenças de pelo, e acreditou sentir que suas costas já estavam coçando.

Depois do nascimento dos seus filhos, Mavlii nunca suplicou com mais fervor alguma coisa a Elpa do que uma saída para o beco sem saída em que se encontravam naquela manhã. Todas as dúvidas possíveis lhe martelavam na cabeça. Deixar Raul e ir correndo em busca de auxílio, ou levá-lo consigo? Sim, levá-lo, sem dúvida! Ele tinha que caminhar, tinha que se mover para não congelar! Depois, ignorar ou não ignorar o ombro? Acender uma fogueira ou partir o quanto antes? E por onde, Grande Elpa, por onde?...

À medida que o corpo inteiro de Raul entrava em estado de calamidade pública, Mavlii atilara os seus para estado de emergência. Tomou finalmente uma decisão quanto à rota (ele, um piloto, estar se demorando com isso era qualquer coisa de reprovável!), e puxou, e arrastou, e empurrou seu companheiro adiante, tentando secar ora um braço, ora a cabeça, ora o outro braço, o proibido, com a ponta do seu manto enquanto caminhavam. E, basicamente, falando, falando muito, prosando como nunca prosaram todos os vetustos Cronistas juntos ao longo de todas as longas noites de inverno, ao longo de suas longas vidas. Ao menos os tímpanos de Raul estariam confortáveis — termicamente falando.

Havia um tempo especial de verbos no idioma vini para ser usado apenas pelos líderes das tribos enquanto estivessem reunidos no Colégio de Salúquin. O fogo heráldico de Vantimiso era um símbolo das bênçãos de Elpa. Foram mais de trezentos – *trezentos*! – os que se intoxicaram com o agouti pescado pelos de Enadaii no último verão, e não era verdade que as causas já fossem conhecidas. Esperava-se uma bela chuva de meteoritos para dali a uma semana. Os próprios dárrie já não se recordavam que a rudani fora introduzida em Vantimiso por eles. O Palácio da Audição em Salúquin não tinha teto, mas nunca chovia ou nevava lá dentro. O avô de Mavlii não acreditava que Lixin fosse habitada. Raul aprenderia muitas coisas durante aquela travessia pela selva boreal.

No início da tarde daquele mesmo dia, após o que seria a hora do almoço (que por certo não existiu), o vento começou a persegui-los por entre as grandes árvores cobertas de neve até às ancas. Mavlii havia improvisado uma tipóia com um ramo tenro e flexível, e conseguiu dois cordões desfiando a borda do seu manto. Dois galhos secos deram maior rijeza à tala.

O arranjo, contudo, durou apenas dois passos antes de se desfazer. Raul teve que conter o braço mau com o bom, pois estava seguro de que se o soltasse, ele cairia no chão. Não achava que havia quebrado um osso, mas contemplando a sua ferida via que podiam existir coisas muito piores do que um osso fraturado.

O frio progredia impávido junto com as horas. Às três da tarde, Raul se rendeu.

— Mavlii... eu não posso caminhar mais! Eu tenho... eu tenho que descansar um pouco!

— Mas exatamente *agora*?! — exclamou o sálqui, assustado — Falta pouco até encontrarmos alguém, Raul! Já estamos em boa trilha!

Desta vez, ao menos em parte, era verdade. Estavam percorrendo uma das trilhas de caça de Sunuvavii, embora essa em concreto Mavlii jamais houvesse visitado na vida.

— Então... ótimo! eu fico aqui esperando, enquanto... lógico, se você não se importa... enquanto você procura alguém!

Mavlii franzia o cenho e coçava as orelhas.

— Eu estou com frio... Mavlii, que frio! — gemeu Raul, encolhendo-se o mais que o seu ombro permitia — Se não fosse o vento!... devem estar uns vinte abaixo de zero... mas até agora dava para encarar... se não fosse o vento!

Mavlii entendia perfeitamente. Ele estava mais seco que o seu companheiro, e mesmo assim já sentia um torpor nas pernas. O recém-chegado em Vantimiso, ainda encharcado em todas as partes críticas, poderia durar bem menos. Não estavam com os trajes mais adequados para uma caminhada daquele estilo.

Então, começou a nevar.

— Mavlii! Ei, ei... o que você está fazendo?

— Tire isso, Raul!

O sálqui estava tirando o seu manto, ao mesmo tempo em que tentava arrancar a massa de vestimentas ensopadas do humano.

— Mas—

— Não se preocupe, Raul! — cortou ele, agora apenas com a túnica de baixo — Vamos, vista o meu manto, que está mais seco.

— Mas você vai congelar!

— Isso não é assim, Raul. Você também suportaria esta temperatura sem maiores problemas, caso estivesse seco. Agora, vista isto rápido e vamos tratar de encontrar algum lugar para passar a noite.

Noite essa que, naquelas latitudes, já começara. Se não bastasse o frio, agora a falta de iluminação compelia os viajantes a encontrar um refúgio sem demora.

Sono, frio, fome, dor, medo. O cérebro de Raul saltava sem parar de mazela em mazela, até que, no meio de tudo, percebeu que a escuridão de repente aumentou, quando Mavlii forçou-lhe a cabeça para baixo. Grunhiu algo assustado, mas aos poucos percebeu que o sálqui encontrara uma caverna. Raul desabou no chão, sem se importar de limpar-se da neve que o cobria.

Alguns minutos depois, a escuridão desapareceu. Chamas apareceram quase debaixo do seu focinho, e Raul atirou-se para trás por ato reflexo.

— Não é nada, Raul, apenas um pouco de fogo.

Fogo!? Calor! Luz!

— Como...

O sálqui exibiu-lhe o seu imobilizador, sorrindo de satisfação e alívio por encontrar alguns ramos secos na entrada da caverna.

O calor voluptuoso reanimou os músculos dos viajantes como num passe de mágica. Seus nervos pareciam mais aguçados para captar o máximo daquele alegre notícia dos sentidos e espalhá-la pelo resto do corpo numa enxurrada de conforto.

— Mavlii, você é um gênio!

— Com Elpa é simples! — agradeceu o sálqui.

Mas após cinco minutos, aquele odor estranho ainda persistia! Será que vinha da madeira queimada? Raul coçava o focinho, agora plenamente funcional, e tentava se lembrar do que era aquilo... não era Mavlii; já se acostumara com o seu cheiro. A primeira coisa que lhe veio à memória foi Toba, seu cachorro, e a segunda... urina!

A caverna estava impregnada numa catinga medonha, um coquetel acre de urina velha, sangue, fezes, carne podre e similares.

— Mavlii... tem algo estranho aqui!

— O que é?

— Os cheiros! É como se houvesse algo morto aqui... ou que estava vivo até agora, que acabou de morrer.

— Bem, Raul, naturalmente não podemos exigir muito de uma toca de *liisa*.

— Um o quê?

— Uma *liisa*. É um caçador de tivla; no inverno eles costumam passar por aqui, seguindo as migrações das manadas ao norte.

Raul estava lívido.

— Quer dizer que... estamos perambulando nesta floresta... não admira que os liagávie não estejam nos perseguindo!... mas, lisie devem ser pequenos, então, não é?

— Não entendi, Raul.

— Digo, qual é o *tamanho* desses animais?

Mavlii o olhou distraído.

— Bem, de um adulto... podem ter o tamanho, ou quase, de uma tivla.

— Eu nunca vi uma tivla na vida! — disse Raul, impaciente.

— É verdade. Talvez uns... dois metros?

— *Dois metros???*

— Aproximadamente, é lógico. As fêmeas—

— E você consegue abater um deles, só com o seu imobilizador?

— Oh, sim, naturalmente!

Raul sentiu-se um tiquinho mais aliviado, enquanto Mavlii ajeitava as ripas de madeira da sua jeitosa fogueira. Com já iam a meio caminho, passou os olhos ao redor em busca de mais gravetos.

— Ah, Raul! Veja!

Raul desviou a concentração do fogo, e acompanhou o dedo do sálqui até o fundo da caverna.

— Há uma liisa aqui!

Depois de quase vinte anos, Raul mijou nas calças de novo.

Deitada pachorrentamente no fundo da caverna, porém cem por cento desperta e vigilante, estava uma imensa criatura branca, enorme como um pesadelo do qual não se pode fugir; cabeça de urso, corpo de tigre, olhos de lobo.

Mavlii e a liisa quase morreram do coração com o grito de pavor do humano.

— Raul! Raul! Por Elpa!

De repente o ombro destroçado era nada mais do que uma distante lembrança. Raul deu um salto olímpico de dois metros de costas, para fora da caverna, em plena neve.

— Raul! Por Elpa, o que houve?!

Mas ele não conseguia falar. Balbuciava coisas sem sentido e não descolava os olhos dos olhos do monstrengo. A adrenalina empapava os seus músculos; um movimento mais ameaçador das sobrancelhas do bicho o faria alcançar o pólo sul.

Mavlii correu até ele.

— Raul! Grande Elpa! O que aconteceu?

— C-como, o que aconteceu?! Você n-não viu o tamanho daquela merda?!

— Sim, mas... — Ora, espere um pouco! Você está *com medo* da liisa?

O tom surpreso e zombeteiro fizeram Raul lembrar-se na hora de Derek: *Trabalhar com o Reinhold? Você é pirado!* Foi um excelente antídoto para a adrenalina.

— E-ele não vai nos devorar?

— Raul? Você está se sentindo bem?

— É lógico que não! Esse bicho não vai nos molestar?

Meia hora depois, tinha nas mãos nada menos que uma das patas da liisa, que por sinal estava prenhe. Garras poderosas, não retráteis, cada uma delas longa como os seus dedos. A pata era como a sua coxa; o pelo branco e duro fazia que, por contraste, o seu próprio se parecesse delicado como o de uma chinchila. E sobretudo era impossível resistir ao fascínio dos grandes olhos cor de safira, brilhantes e tranqüilos, como se aquela besta fosse antes um filósofo do reino animal do que a mais eficiente máquina de predar de Segusii. A liisa, por certo, não aparentou nenhum inconveniente, e depois de inspecionar o intruso com o longo focinho, sem nunca ter deixado a cômoda posição imperial, bocejou e pousou a cabeça na pata.

Raul falava, tentando puxar conversa com a caçadora, mas ela não respondia, ao menos com qualquer coisa que ele pudesse ouvir. Não latia, ronronava, rugia, miava, nada!

Lembrou-se de perguntar algo ao sálqui, que já recolhera mais galhos secos, e quando voltou-se para ele quase caiu de costas.

— Mavlii! Seu xarope! O que... você está fazendo?

O piloto esforçava-se por mover as patas da liisa como se fossem poltronas fora do lugar, até que ela resolveu cooperar e virou-se com o ventre exposto.

— Há espaço para nós dois, Raul! É melhor do que deitar-se sobre o chão duro.

— Usar esse bicho como travesseiro?

— Como o quê?

— Digo, dormir *sobre* a liisa?

— Bem, não temos outra opção mais agradável, e creio que não incomodaremos. Se ela já estivesse com seus filhotes, então naturalmente teríamos problemas. Mas como eles só vão nascer na primavera, temos tempo de sobra.

— Se estivéssemos na primavera, não teríamos que dormir aqui!

— Isso é exato! — disse Mavlii, de bom humor, deitando-se sobre a barriga da liisa.

— Ai, Mavlii! Você tem certeza do que está fazendo?

Nunca lhe ocorreria fazer essa pergunta a Zutarrs, mas com o piloto intuía que as coisas e-ram diferentes.

— Naturalmente! Boa noite!

Raul esperou um pouco, observando como a liisa reagiria àquele bebê extemporâneo, mas ela também já havia caído na modorra.

Deitou-se devagar, tentando apoiar o melhor possível o braço, e mergulhou na segunda noite mais impressionante da sua vida.

Na manhã seguinte, Mavlii, Raul e a liisa despertaram com duas coisas em comum. A primeira foi a noite impecavelmente bem dormida. Raul observou que as cinzas da fogueira já estavam congeladas como o resto do chão, mas ele não se lembrava de ter despertado com frio. Também sua ferida estava melhor, embora ele ainda não pudesse confiar ao ombro todo o peso do braço que pendia abaixo. Se o seu baleado e mal recuperado esternocleidomastóide pudesse reclamar, Raul poderia estar enfrentando um duro processo por negligência.

A segunda disposição em que coincidiam era uma fome avassaladora. O frugal desjejum da véspera, composto de iscas da onipresente tivla, um creme doce e suco de alguma fruta ácida, que rescindia a soro fisiológico, era já matéria de saudades. E a liisa tinha que zelar pelo café da manhã das duas ou três criaturas que carregava. Daí que Raul continuasse se assombrando com a suprema audácia de passar a noite como haviam passado, quando tudo lhe levaria a crer que, a estas horas, já estaria conhecendo um filhote de liisa por dentro. Se Mavlii soubesse disso, certamente teria escolhido para si a metade do ventre mais próxima da boca do animal.

— Pronto para caminhar, Raul?

— Eu acho que sim. Você sabe para onde?

— Estive pensando, e creio que sim! As marcas das trilhas indicam sua origem e até onde conduzem. Esta dizia que começa num pequeno ancoradouro para botes, numa curva do Vanaquíssil dois quilômetros à frente do ponto onde a milícia liagávi nos surpreendeu.

— Oh-oh! Então não podemos voltar por aí!

— Isso é exato. Mesmo estando do outro lado do rio, há algumas pontes ali por perto. Se os liagávie suspeitassem de que estamos aqui, nos alcançariam sem dúvida.

— E aonde vai dar esta trilha?

— Ela conduz de volta às planícies... ou melhor, a um dos pontos de encontro que há nas proximidades de qualquer espaço aberto aonde manadas de tivla pudessem se reunir. Agora estão desertos.

Raul coçou a orelha.

— Mas então estamos completamente ferrados! Sunuvavii está do *outro* lado desta floresta!

— Tem razão. Estou seguro de que temos que seguir rumo ao noroeste, o que significa que, se esta trilha há de servir-nos, em breve deverá ser cruzada pela esquerda. Senão, certamente voltaremos à planície.

Lá fora o dia já se abrira de vez. Seria quase a hora do almoço, porque a liisa finalmente ergueu-se do seu reclinatório de pedra, espreguiçou-se, bocejou e, sem esperar um “até logo” ou uma gorjeta pelo serviço de quarto, passou pelos dois companheiros e abandonou a caverna.

— Que animal estupendo! — deixou escapar Raul — Olha só; dá quase na minha barriga! Mavlii...! Veja só a profundidade da pegada que ela deixou na terra congelada!

— Sim, é verdade. São os maiores caçadores de toda a Terra Seca.

— Ela vai reunir-se ao seu grupo?

— Oh, não! Os lisie são caçadores solitários. À maior beleza de Elpa, convém o comportar-se como Elpa.

— Hã? O que é isso?

— É uma frase cunhada por dois grandes pensadores que tivemos na Ilha, há muitos leie.

— Mas o que significa? Que Elpa é um caçador solitário?

— Não um caçador, mas sim solitário. A tivla, onde Elpa nos espera, rende-se com luta e dificuldade ao engenho do conjunto dos sálquie, entretanto pronta e docilmente à força e graça da liisa. No final, isso nos recorda que Elpa espera-nos um a um. Ou, como também dizem, o Único só entende o que é único.

— Que interessante! — exclamou Raul — Sabe, Mavlii? Tínhamos que conversar mais sobre iconografia sálqui!

Mas o seu estômago protestou veementemente contra mais devaneios.

Deixaram a toca, dobraram à direita e desapareceram em silêncio sobre o tapete de neve.

Continuaram caminhando por umas três horas, sempre com a enervante sensação de que a trilha ia se curvando à direita. Seus pés mergulhavam fundo na neve, até meio centímetro antes de transbordar a altura das botas de marinheiro com que deixaram Sentiiscánai. Venciam os poucos quilômetros com dificuldade, tanto pela fraqueza, como pela fofa resistência do solo e a falta daquela íntima convicção de que estavam fazendo a coisa certa. Além do mais, tinham que tentar manter-se o mais possível no meio da picada, pois Raul quase fora soterrado pela neve que caiu de repente da copa de uma das árvores, fenômeno esse que iria repetir-se ainda mais algumas vezes.

Já a meio da tarde, o sálqui fez alto. Nenhum sinal de qualquer outra trilha cruzando o seu caminho era visível em qualquer dos troncos que ele minuciosamente examinava. Na verdade, não havia mais sinais nem daquilo mesmo que eles estavam chamando de trilha.

Raul captou o desalento do colega.

— Estamos perdidos mesmo, não?

O piloto abriu os braços e deixou-os cair pesados. Coçou as orelhas, esfregou a testa e tentou pela enésima vez puxar da memória os mapas que um dia tivera tão claros de Barri e dos seus arredores. O caminho que seguiam não terminava de uma vez, o que teria acabado com a agonia da indecisão, e o vento que soprava da planície não trazia nenhum som, nenhum cheiro, nenhuma informação útil.

Ele devia estar nervoso, pensou Raul, pois havia mais de uma hora que não dizia nada!

O humano vasculhou o entorno por sua conta, mas as fileiras de árvores, tão parecidas aos pinheiros, não lhe diziam nada. Notou que o céu estava se carregando de novo, preparando-se para outro entardecer precoce e nevado. Agora que estava seco e repousado, sentia-se com mais decisão para encarar o clima, porém o difícil era acalmar a apreensão que crescia com cada metro. Porque cada passo à frente, agora, era cada vez menos uma esperança de chegar a algum lugar conhecido, e cada vez mais um afastamento do único lugar que conheciam com certeza!

— Estamos perdidos, não tem problema! — repetiu Raul, tentando animar o companheiro — Tudo o que temos a fazer é voltar à caverna, seguindo as nossas pegadas, antes que a nevasca apague tudo. Amanhã tentamos a direção oposta... e arriscamos!

A verdade é que, mesmo com as pegadas cobertas por dez centímetros de neve, Raul ainda poderia segui-las pelo faro. Mas ainda não incorporara todos os dispositivos da sua nova corporeidade.

— Mas temos que encontrar alimento! — disse Mavlii, meio de supetão — Se vamos ter outra caminhada como esta amanhã de novo, temos que estar fortes!

— Bem, quem sabe se a liisa não racha parte da sua caça conosco?

Mavlii esboçou um sorriso. A verdade é que, no fundo, Raul queria muito repetir a experiência de tentar o seu instinto, de embriagar-se com a curiosa sensação de poder que lhe dava o compartilhar o leito do soberbo caçador das planícies.

Mas veio-lhe à mente outro possível problema.

— Coitada! Ela também deve estar passando maus bocados, não?

— Uhm?

— Digo, sem comida, como nós. Os rebanhos de tivla migraram para o norte. Quem sabe se ela não foi deixada para trás por estar ferida... ou prenhe? Se bem que eu não percebi qualquer problema com ela. Você notou alguma coisa?

— Tampouco...

— É por isso também que não encontramos ninguém por aqui. — continuou Raul — Mas veja, essa pode ser a nossa sorte! Creio que os liagávie já devem estar cansados de buscar sobreviventes, e que afinal não devem ter muito o que fazer— ei, Mavlii, o que houve?

O rosto do sálqui se metamorfoseara numa enorme expressão de surpresa jubilosa.

— Raul! Raul! Os rebanhos foram-se para o norte!

— Sim, eu sei disso. Você que me contou!

— Os rebanhos devem estar a centenas de quilômetros daqui! Ah, Elpa, é isso! Obrigado, obrigado!

— Mas o que foi?!

— É lógico! É lógico! — Mavlii quase agarrou o colega pelo braço — O que é que a liisa está fazendo *aqui*?

Raul mal teve tempo de digerir a pergunta. Mavlii o tomou pelo braço bom e saiu quase correndo, desengonçado, de volta pelo caminho que percorreram.

— Venha, Raul! Venha! Temos que encontrar a nossa anfitriã!

XIV

— *Lirri!! Lirri!!*

O sálqui continuava estirado no chão, de bruços, arfando e recuperando o fôlego e esperando a queimação infernal nas costas passar. Mexeu uma das mãos como que para dizer "tudo bem".

— Lirri! — exclamava Gimiso — Você pode se levantar?

Ele tentou erguer-se mas as pernas fraquejaram e caiu de joelhos. Perdera muito sangue, apesar de não ter sido atingido em nenhuma parte vital.

— Nós temos que sair daqui!

Derek aproximou-se.

— Larrin?

O sálqui virou-se de lado. Sangue por todos os lados, no chão, nos farrapos de manto, no pelame do rosto, que remexeu com as vísceras e o ânimo do humano. Só quando abriu um pouco os olhos Derek pôde perceber que ainda tinha diante de si o companheiro pacato de outrora. Mas o silêncio e os cadáveres podiajj o enervavam.

— Larrin, você *tem* que se levantar! Vamos... assim, isso, eu te ajudo. — e depois disse à sálquile — Gimi, pode me ajudar com ele? Tente... algo para reanimá-lo. Quero ver com Fágol como fazemos para dar no pé daqui! Fágol?

A visão do médico viniorri como única coisa em pé no meio da assembléia já deserta tinha o seu quê de absurdo.

— Fágol? Você está bem?

Tudo indicava que não. Ele continuava com os braços tesos agarrados ao imobilizador, e observava o humano com a intensidade dos alucinados.

— Fágol!?

— Então... tudo isso... é... *verdade!?*

— Hein?

— O que você fez com o seu animal...

— Ah, não, Fágol! — cortou Derek — Pelo amor de Deus, você não acreditou no que esses idiotas disseram, não é? Vamos, você tem que nos ajudar a sair daqui!

Mas o médico não ouvia. Sentou-se lentamente no chão, o imobilizador apontado para o solo.

— Ah! Então é verdade! É verdade! *Arr'elpanai*! É impossível! É impossível...

— Fágol? Que está acontecendo? Não se sente bem?

— Ah, Elpa! — sussurrava o médico — Que novas bênçãos, que novas maldições enviaste aos ilhéus? De Salúquin vêm todas as desgraças, como nos contam. Mas esta... se é o próprio Primeiro quem as envia! Ele não pode ser tão cruel, é impossível. Portanto, o humano foi um presente para Vantimiso! Humano! Monstro de corpo frio... queria te amaldiçoar, mas é impossível. — dirigiu-se a Larrin — Você era a minha última esperança, miliciano! Tente opor-se, miliciano, tente opor-se à tirania da vontade do humano! Tente! Você não *pôde* se opor! A sálquile não pôde se opor. E isso é terrível, porque ele não se dá conta de nada! — apontou para Toba — E todos nós seremos... seus escravos!

— Fágol, que...

— Ah, Elpa! *Arr'elpanai*! Um Senhor das Iniciativas. Mas, por quê? Por quê? Eu fracassei, e todos fracassamos! Eu não pude me opor também. Isso é terrível... é belo e perigoso... Humano, és o predador soberano em meio a presas encurraladas! Agora eu o percebo. Por que, ó Elpa, por quê? Humano, faça de mim o que quiser. É impossível que algo lhe suceda...

— Ele não vai molestá-lo, Fágol — murmurou Gimiso.

— Você está entendendo o que ele diz??

— Bem que isso poderia ser verdade, sálquile! Mas o que sucederá quando ele se der conta do seu destino? — Fágol quase chorava — Vocês são os culpados! Vocês são os culpados! Por que

não lhe explicaram isso desde o início? Por que não lhe ensinaram isso? Por que não lhe disseram que era impossível sustentar-lhe o olhar? Ele saberia cedo ou tarde! Haveria tempo para que ele amadurecesse! E eu, eu estava preocupado com ele; entretanto, pergunto-me agora o que será de *nós*! Que será da sua Ilha? Que será da Potestade? Acaso vocês são tão insensatos que não previram as conseqüências dos seus atos? Poderiam tê-lo eliminado quando tiveram tempo. Mas, afinal, se era a vontade de Elpa que ele vivesse, quem poderia se opor? Criaram no seu seio um herói, ou um monstro. As guerras serão desiguais daqui em diante — até o dia em que ele decidir tomar para si o Controle. Ele veio só? Oh, Elpa! Que horríveis presságios! Segusii será dizimada. Pensem, ilhéus! Como é que não perceberam isso antes? Está no seu olhar; ele poderá ter tudo o que desejar neste mundo. É superior a todos nós. E ele quererá...

Derek estava aturdido, e ainda mais depois que Gimiso o encarou apavorada. Foi a única vez na vida que ela sentiu medo genuíno do seu esposo. O médico viniorri, um *viniorri!*, um inimigo, de repente fazia-lhe entender muito mais claramente aquele estranho poder que exalava de Derek. Talvez apenas Zutarrs tivesse podido chegar a tais conclusões.

Mas outra voz fez-se ouvir pelas suas costas, com estranha firmeza.

— A Potestade foi um equívoco, Fágol!

Era Larrin, de repente totalmente recuperado. O viniorri o encarava perplexo.

— Tudo o que a Potestade construiu foi um equívoco sobre este mundo. O equívoco de um forasteiro, que só por esse forasteiro podia ser mantido, e que na sua ausência tomou conta do Sudeste com todas as forças do medo represado ao longo dos *leie*. Os podiajj estavam certos desde o início!

A aura de guerreiro filósofo deixou Derek pendente de cada palavra que pronunciava. Nesses minutos em que o tempo se congelara, via-se tentando entender o fio dos episódios terríveis que tinham transformado povos irmãos de tamanha estatura moral na Ilha e no Sudeste em tão irreconciliáveis inimigos. Por um momento, ele sentiu-se empequenecido ao lado do sálqui.

— E agora um forasteiro nos traz a chance de reparar o equívoco. — disse Larrin, em voz baixa mas firme. — Dek é o único que pode resistir ao Medo impunemente.

Um a um, Fágol foi finalmente soltando os dedos que oprimiam sua arma. Vendo através dos seus olhos um mundo desmoronando, o alívio de poder assumir o seu próprio medo sendo ameaçado pelo orgulho, a perplexidade e a revolta, arrancou um verdadeiro sentimento de pena de Derek. Foi sentar-se ao lado do médico.

— Eu... eu sinto muito, Fágol.

— Por que fizeram isso conosco? Por quê? Por...

Derek examinava as mãos, não certo do que deveria fazer. Por fim, disse:

— Eu entendo que você foi um privilegiado, Fágol. Você pode estar assistindo ao verdadeiro triunfo da Potestade.

— A Potestade será destruída, Dek! Você a destruirá!

— Não, Fágol. Ela foi destruída há muito tempo, antes que eu chegasse a este mundo. Não temos muito tempo, mas podemos dar o primeiro passo.

E mais uma vez, Derek não sabia donde lhe vinham as palavras.

O médico meteu a cabeça entre os joelhos e chorou baixinho. Derek o abraçou, tocado pela tristeza daquela estátua de marfim. E fez um sinal com a cabeça para Larrin.

Tão logo a pedra dourada abandonou a mão do sálqui, em direção à cabeça da estátua, foi ganhando cada vez mais velocidade, como se reconhecesse na matriz negra um complemento irresistível.

O crânio triunfador explodiu numa miríade de fagulhas cintilantes. Fissuras serpenteavam tronco abaixo, gretando o escuro colosso com chiados medonhos e farta liberação de gases, até que blocos menores começaram a se desprender e pulverizar-se ao cair no chão. Todos podiam jurar ter

ouvido um grito de agonia vindo da estrela que fechava a capa majestática; ela tremia e dilatava-se como uma bolha de sabão em chamas.

Em questão de minutos, a estátua reduzia-se a um amontoado de cascalho incandescente, e os grandes luzeiros da abóbada se apagaram como lâmpadas queimadas, mergulhando o saguão em trevas.

O silêncio sepulcral de repente foi cortado por lamúrias indistintas vindo de fora, cada vez mais altas, da grande multidão em pânico. De alguma forma pressentiram que algo calamitoso se passara na assembléia. Os berros se misturaram então com o gemido do vento quente soprando com espantosa violência do deserto e dando contra as próprias muralhas do Conselho. Sem enxergar nada, Derek acreditou ouvir alguma coisa rachando sobre a sua cabeça, lá no teto. O solo trepidava.

— Gimi! Gimi! É você?? Temos que sair daqui!

— Onde está Larrin?

— Fágol! Fágol!

— Estou aqui.

— Fágol, temos que sair daqui! Acho que toda esta porcaria vai desabar sobre nós! Toba! Ele estava em algum lugar ali... atrás do Larrin.

— Eu não vejo nada!

— Então cheire! *Cheire*!

— Há muitos cadáveres aqui... oh, Dek! Eu... eu não consigo!

— Larrin, ajude-a! Eu tenho que buscar uma coisa antes que seja tarde!

Estampidos de repente se ouviram detrás do palanque, atrás da parede de pedra demolida que fechara a porta de acesso dos Juízes liagávie.

Derek caminhava devagar no escuro, em direção às tribunas e à bolsa de pedras douradas. Tropeçou duas vezes em corpos estirados no chão; o segundo gemeu um pouco, e quando se mexeu Derek reparou na única coisa que brilhava ali dentro — a fronte decorada do juiz liagávi. Ele ia lentamente se recuperando do choque do imobilizador. Portanto, as pedras tinham que estar por... *tump!*

Derek tateou um pouco e certificou-se que era mesmo o que buscava, mas seu coração quase saiu pela boca quando um bloco de pedra (que na verdade era a oitava estrela) espatifou-se no meio do salão com um ruído inesperado e medonho.

— *Dek!!*

— Estou aqui; estou bem! Vamos sair! Sigam o Fágol!

— Sim, Dek.

— Que barulho é esse?

— Os guardas! — respondeu Larrin — Eles estão tentando explodir os escombros para entrarem aqui! Vamos sair daqui, Dek!

Derek agarrou a bolsa e foi andando pé ante pé para não tropeçar nos corpos dos podiajj. Mas quando passou perto do juiz liagávi, deteve-se um momento. Agachou-se e arrancou o seu manto e vestiu-o com pressa.

Já chega de dar um espetáculo!, pensava nervoso.

Os estampidos eram já explosões! As descargas da guarda liagávi estremeciam o chão e só facilitavam ainda mais o desprendimento das estrelas da abóbada. As duas primeiras vieram abaixo de uma vez, ensurdecendo os fugitivos e levantando uma nuvem de poeira irrespirável. Ao mesmo tempo, de repente um aglomerado de terra e lixo de pedras voou da parede à direita para o centro do saguão, e um raio de luz penetrou no Conselho.

— A qualquer momento poderemos ser alvejados agora, Dek! — disse a sálquile.

Derek podia ver um pouco mais agora.

— Então vamos sair daqui!

— Por onde?

— Pelo... pelo elevador por onde viemos! — disse o médico, e os conduziu de volta à cúpula.

Nem bem deu os primeiros passos, Derek sentiu o corte atrás do pescoço de novo, e a sensação do filete de sangue quente escorrendo pelas suas costas o fez fraquejar e quase tropeçar. Mas agora era proibido parar!

Pararam diante da cúpula envolta na penumbra. A mescla de pânico e ódio e o ruído surdo das explosões estavam cada vez mais presentes.

Ninguém, nem mesmo o médico, sabia como operar o elevador a partir do nível da assembléia, pois era destinado apenas a conduzir os réus para julgamento, até que Gimiso tomou uma atitude digna do marido que escolhera. Apanhou o imobilizador das mãos do viniorri e destruiu a cúpula com um par de descargas. Subiram todos na pequena plataforma, e felizmente não tiveram que pensar muito sobre o que fazer em seguida, porque o piso baixou sozinho.

De volta aos corredores subterrâneos, Derek encarou o médico.

— Fágol! Como fazemos para chegar ao porto?

— Ao porto? — perguntou Larrin assustado.

— Lógico que ao porto! — retorquiu o humano — Ou quer passar o resto da vida perdido no deserto?

— Por... por aqui — disse o médico, após considerar os três corredores que davam na porta de metal negro.

Corriam em fila indiana, com os corações disparando; o viniorri na frente, Gimiso com o imobilizador imediatamente atrás, seguida de Derek e Toba, e Larrin fechava a retaguarda. O médico sabia o que fazia, pelo visto, pois escolheu um circuito muito aberto de passagens pouco usadas sob o piso do Conselho, onde estavam as bases dos elevadores menos freqüentados para ascender ao saguão, que davam exatamente no meio das alas laterais reservadas à população, e os conduziu com sucesso à saída, ainda que à custa de preciosos minutos.

Finalmente fizeram alto diante de outra porta negra.

— Do outro lado temos a pista de serviço dos vagões — disse Fágol — A partir dali, não temos opções de esconderijo. Entre o flanco oriental do Conselho e a entrada dos Portos o terreno é plano, e nesta noite Maluoncha está em casa! Temos que correr o mais que pudermos, sempre seguindo a linha do dique, à nossa direita.

— Dek não pode correr! — exclamou Gimiso.

O médico encarou-o perturbado.

— Você *tem* que correr, Dek!

Larrin ainda se lembrou de invocar a proteção de Elpa sobre os fugitivos.

— Bom, lá vamos nós! — disse Derek — Fágol, abra-nos a porta, por favor!

O problema das fugas imprevistas, feitas às pressas, é que normalmente apenas se concebe uma opção para passar de um ponto a outro, e com premissas tão falhas que provocariam arrepios nos eventuais sobreviventes, ao se recordarem de tudo o que poderia ter saído errado e acabou funcionando por dúzias de intervenções providenciais.

Por preguiça, Derek acabou por se enamorar das fortes emoções, e esse era um defeito do qual ele realmente nunca se orgulhara. O plano número um de um sequer chegou a ser executado. A boa estrela de Fágol lhes falhou no momento em que puseram os pés na areia quente e fofa, perto dos trilhos que flutuavam sobre o chão a alguns metros. Um vagão repleto de milicianos liagávie, viniorrie e dárrie acabava de passar por ali, indo em direção ao portão norte do Conselho com reforços para a tomada do saguão. Talvez tivessem tido alguma chance de diálogo, se a sálquile não tivesse respondido um ininteligível pedido de identificação com um disparo mortal do imobilizador, séculos antes de que Fágol conseguisse abrir a boca.

Na guerra, no futebol e na química, uma ação sempre provoca uma reação, com a única diferença que, no último caso, a reação obedece a um plano racional da natureza. Alvejados por uma

horda de soldados assustados e enfurecidos, salvos apenas e tão-somente pela bendita distância que os separava, os fugitivos cruzaram os trezentos metros de areia com trilhos de obstáculo em tempo olímpico, até chegarem ao dique e ao mar rugidor, escuro e incomensurável. Mais uma vez, uma presença desagradável. Mais uma vez, a sua única esperança.

De repente, o primeiro relâmpago estourou no céu. O vento forte vinha trazendo uma tormenta inesperada.

Toba estacou na amurada, e Derek o compreendeu totalmente. Como pedir a alguém que se lançasse na escuridão rugente, sem a menor idéia sequer de quanto tempo se levará caindo?

A sálquile notou, voltou e agarrou o cão com uma força da qual Derek nunca a julgaria capaz, e atirou-se e desapareceu no abismo no instante anterior ao que uma descarga brilhante explodia no lugar que os seus pés ocupavam.

— *Dek!* — chamou Fágol.

Pregado ao chão pelo pânico, o humano via o comboio de soldados se aproximar com uma lentidão onírica, e ouvia os trovões, tão parecidos com os disparos dos imobilizadores. Até um segundo atrás, o mando do magistrado liagávi os confundira: os soldados tentavam atingir aqueles que julgavam ser os seus prisioneiros tentando escapar. Entretanto, agora já percebiam o que estava acontecendo.

Ao mesmo tempo em que, a centenas de quilômetros dali, Raul tomava o primeiro trago da sua sessão de transformação, Larrin e Fágol agarraram o humano petrificado e saltaram ao mesmo tempo.

E antes que se dissolvessem na escuridão, Derek, notou por entre os andrajos do sálqui que ele tinha uma cauda nova!

XV

A explicação era muito simples, mas Raul só a teve quase duas horas depois, quando Mavlii finalmente parou, diante da caverna deserta.

— Ela *não está* caçando, Raul! *Alguém* a está alimentando!

— Como assim?

Mavlii caiu de quatro no chão e mergulhou o focinho na neve por onde a liisa havia passado na manhã.

— Ah! — gritou em triunfo — Por aqui!

E tornou a sair apressado. Raul teve trabalho para alcançá-lo, ainda mais agora com a neve e o anoitecer que caíam rápidos.

— Como assim, alguém a está alimentando?

— Alguém *tem que estar* alimentando-a! Sua toca está ocupada há muito tempo para que seja apenas uma escala rumo ao norte!

— Mas, *quem*?

— Isso eu ainda não sei, mas vamos descobrir em breve!

— Você está querendo dizer (puff! Vai mais devagar!)... querendo dizer que ela é *de alguém*?

— Alguém a deve ter adotado por este inverno — cuidado com estes galhos! — E não fale tão alto!

Mesmo a ínvia trilha de antes era um bulevar em comparação com a péssima picada que a liisa escolhera para chegar até... até onde chegara! Os galhos que se projetavam traiçoeiros entre o lusco-fusco exigiam um faro e uma atenção redobradas. E as enormes massas mal equilibradas no segundo andar das árvores reclamavam silêncio e um mínimo de brusquidão nos movimentos.

Assim, Raul foi curtindo sozinho a fascinante idéia: imagine só o que seria ter em casa uma liisa de estimação! Quantas coisas não poderia ensinar-lhe; quantas coisas não aprenderia com ela; quantas coisas não fariam juntos! Sim, cria mesmo que era possível montá-la! Apenas necessitaria de um apartamento dez vezes maior do que o seu, e uma mãe cem vezes mais tolerante!

A excitação do sálqui crescia a cada momento, por razões mais tangíveis. Porque, como que para confirmar a esperança de aplacar a fome, reconhecia agora muitos mais elementos do terreno.

Tantos, de fato, que de repente parou e começou a rir sozinho.

— O que foi? Já chegamos?

— Ainda não, mas agora já estou entendendo tudo!

— Tudo o quê?

— Já sei quem está cuidando da nossa liisa. Venha, vamos por aqui. Já não precisamos mais da sua trilha. E você verá algo que irá lhe agradar!

De repente, por entre as árvores, Raul julgou ter visto luzes. Poderiam ser uma meia dúzia de fogueiras, aqui e acolá, não fosse o estranho detalhe de que cada uma tinha uma cor distinta. Ou, pelo menos uma cor, pois à medida em que se aproximavam, Raul poderia jurar que uma delas mudou de laranja para azul, e outra de vermelho para azul e branco.

Ia comentar isso com Mavlii, que certamente já teria notado também, mas o sálqui interrompeu-o.

— Este é um lugar que me traz gratíssimas recordações, Raul! É a *iva*, a casa-museu de aca Lagivos, um dos maiores mestres de Vantimiso, que foi o meu professor quando eu era pequeno.

— Sério? Que legal!

— Sim; é uma bênção de Elpa que tenhamos dado nesta trilha! Há tanto tempo que eu não o vejo! Ele é uma das pessoas mais adoráveis da Ilha... e de toda a Terra Seca, eu diria! Tanto isso é verdade que, mesmo depois do início das hostilidades da Potestade, os Portos ainda continuaram conferindo-lhe franca entrada em Vessin, isento dos tratamentos oníricos!

Raul ia perguntar do que se tratava, mas o êxtase discente do sálqui se acendera de vez.

— Ele talvez seja a pessoa que mais conhece o Sudeste! Vessin, Adrrub, Viniorr... dizem que na sua infância ele viajou até Lixin! É um grande naturalista, também, e muito conhecido pelo seu especial ascendente sobre os animais. Escreveu muitas obras importantes sobre a história natural da Ilha, e é dele a teoria de colisão das massas de terra que melhor explica o origem da Crina Vulcânica, por onde acabamos de passar. Tem também numerosos ensaios sobre história e costumes de quase todos os povos da Terra Seca. Antes do advento dos sonares e dos triângulos de rádio, os melhores mapas de navegação e relevo de base oceânica eram de sua autoria! Bem como os primeiros planos de colônias pesqueiras submarinas, e dizem que já foram examinados até pelo Colégio de Salúquin!

— Caramba! — exclamou Raul, atordoado pela magnificência do currículo.

— Mas isso não é tudo, Raul. Isso... é só a metade, se é que se pode falar assim. Sua casa é um centro de sabedoria para a Ilha, porque nela se interessam por todas as atividades dos sálquie, inclusive as sociais. E é aqui que entra sua esposa, áquile Reliin, uma das maiores artistas de Vantimiso! Ela é de Sunuvavii, e creio que a maior compositora de *arrendie* que já existiu!

— O que é uma *arrendi*?

— Como! Você nunca— oh, oh, perdão! É lógico que você nunca as visse! Mas, não se preocupe. Você saberá em breve!

Saíram finalmente do meio da floresta e adentraram uma ampla clareira circular, em cujo centro erguia-se um curioso edifício de dois andares, de formato quase prismático, fabricado com toras de madeira avermelhada e blocos de algo que poderia ser pedra, mas que dava a impressão de ser muito mais leve (eram as famosas dlóquie que produziam em Arrfinan), tudo isso permeado por cabos de metal negro que corriam entre as junções das toras, o que dava ao conjunto a impressão de um sólido pacote gigante, coberto de neve, como o presente do Papai Noel para uma criança megalomaníaca.

Mavlii ia explicar algo sobre o porquê das casas em Barri não serem fabricadas na encosta de alguma rocha, mas a atenção do seu protegido estava completamente fixada naquilo que ele imaginava que fossem fogueiras.

Dispostas em um conjunto harmônico, estavam sete estátuas em chamas, mas em chamas tão delicadas que eram como que o vento batendo sobre corpos vivos irradiantes. Cada uma das figuras representava diferentes etapas de uma caçada. A primeira, dois sálquie correndo lado a lado, com seus imobilizadores; a próxima e a seguinte, tivla em fuga; a seguir, uma delas atingida, captada no instante em que começava a perder o equilíbrio (e o seu ferimento explodia continuamente com o mesmo brilho do disparo que atingiu Raul); depois, os dois sálquie sentados sobre os joelhos, frente a frente, junto ao animal abatido; em seguida, a maior de todas, com uma grande multidão em festa; e a última, finalmente, mostrava os dois sálquie, cara a cara, cumprimentando-se com ambas as mãos espalmadas e dedos entrecruzados.

O mais impressionante não era tanto o fato de que o fogo nascesse do solo, sem que nenhuma fonte de gás ou combustível pudesse ser discernida. O que causou a imediata sintonia de Raul foi a incrível vida que animava aquelas formas flamejantes. Além do crepitar da superfície, que dava a sensação de velocidade, com uma freqüência menor todo o conjunto oscilava suavemente, como que se todos os personagens ali estivessem realmente engajados numa perseguição feérica.

— Mavlii!... isso é... Minha Mãe do Céu! Veja só que bonito!

Raul esqueceu-se de tudo: fome, frio, dor... hipnotizado como estava pelas formas quentes e vivas, e pelas cores que mudavam sem parar e sem nunca se repetirem.

— Essa é uma das mais belas obras de áquile Reliin. Suas esculturas em fogo são muito famosas em Vantimiso!

— Esculturas em fogo?

— Cuidado, Raul! Não as toque! Elas queimam de verdade! Sua maior obra desse estilo é o Fogo de Vantimiso, que arde no Palácio da Audição de Salúquin.

Raul ia de uma a outra sem parar, examinando cada detalhe. As feições dos rostos dos sálquie eram perfeitas até os menores detalhes. Um deles tinha as linhas mais afiladas; era uma sálquile! Na última estátua, o brilho de decisão do seu olhar, mesclado com uma ponta de ansiedade, eram o retrato perfeito da transição entre uma conversão longamente esperada e que acabara de completar-se no instante anterior, e a primeira prova que a nova vida lhe propõe. Os olhos do seu companheiro riam de gozo. O par era quase divinamente perfeito! Como ninguém nunca tivera essa idéia? Era tão claro! O fogo era o único elemento apropriado para representar a alma!

Mavlii conseguiu se agüentar um pouco enquanto Raul se embebedava com a vida plasmada em chamas. Porém, pouco depois, uma porta da casa se abriu, e por ela saiu a sua enorme companheira da noite anterior.

— Raul! — murmurou o sálqui.

A liisa parou, um pouco surpresa, mas apenas passou em revista os viajantes com seus belos olhos azul-selvagens, e assegurando-se de que tudo estava em ordem, desapareceu pela floresta novamente.

— *Feirr-Elpa taiagini*[2], irmãos! — saudou uma voz rouca e forte — A quem estamos recebendo?

Raul e Mavlii puseram-se de joelhos à maneira sálqui.

— Aca Lagivos! — disse Mavlii, de orelhas respeitosamente baixas — Perdoe-nos incomodá-lo a estas horas, mas—

— Mavlii?! — exclamou Lagivos, de súbito — Mavlii Otsoguli, o que veio a ser piloto de navios? É mesmo você?

— *Issa manimisactla!* Mavlii, Mavlii! Há quanto tempo! Levantem-se, saiam da neve! O que os traz por aqui neste inverno? Venham, você e o seu amigo, entrem, entrem! Reliin!

Raul flagrou no sálqui um sorriso de dois metros de envergadura onde estava escrito: “Ele se lembra de mim! Ele se lembra de mim!”

Enquanto isso, a imponente pessoa do ancião veio ao seu encontro e abraçou Mavlii com força. Raul notou curioso como seu colega roçava a base do focinho do seu professor com o seu próprio. Registrou a manobra e, quando Lagivos veio saudá-lo para formalizar as boas-vindas, repetiu o gesto, o que lhe provocou uma ânsia incontrolável de espirrar.

Mas em lugar disso, berrou em alto e bom som.

— Oh, meu jovem, o que aconteceu? — exclamou o ancião, assustado — Oh, por Elpa! Você está ferido! Perdoe-me! Onde foi isso? Oh, Grande Elpa! Você parece ter escapado de um imobilizador com mira certeira! Ah, sim, vejo agora em que condições vocês se encontram! — e voltou-se em direção à casa — Reliin! Por favor, temos feridos aqui fora!

Lagivos fez menção de carregar Raul, o que não lhe seria nada difícil, pois os seus movimentos e mesmo a sua voz traíam uma força e vitalidade incomuns para a sua quase centena de *leie* sobre Terra Seca. O humano conseguiu achar alguma compostura e recusou-se, roxo de vergonha pelo escândalo e a sensação de que sua omoplata tinha se transformado em carne moída.

— Não, meu senhor! Perdoe-me... obrigado, eu consigo de verdade caminhar sozinho! É só o ombro...

Foram introduzidos na casa, e a onda de ar quente, ricamente perfumado (não menos por um inequívoco cheiro de comida), quase derrubou os dois extenuados caminhantes. Uma sálquile alta veio recebê-los; tinha um belo pelame negro onde só com muita atenção se adivinhariam os sinais da inflexível passagem do tempo. Mesmo sabendo quem iriam encontrar, bastou um segundo de contemplação daqueles brilhantes e vivos olhos azuis para que Raul tivesse a certeza de que estava diante da autora das esculturas de fogo. Uma pessoa com aqueles olhos forçosamente tinha que ser uma domadora de chamas.

[2] “Elpa é o senhor dos caminhos”

Todo o sorriso com que Reliin os acolheu era a coroação sublime das princesas gêmeas que lhe decoravam a alma. Um sorriso intenso, recatado, cheio de espaço para acolher todas as mazelas de mil Segusii à beira do cataclismo.

— Áquile Reliin!... Suas esculturas... são muito bonitas! — disse Raul, saltando várias etapas do ritual de apresentação sálqui — Nunca vi rostos tão expressivos!

— Se os seus olhos podem ver isso, esse é o meu maior cumprimento.

— Oh, bem se vê que este jovem é um poeta, Reliin! — disse Lagivos — Esquece-se da sua dor diante da beleza que lhe vem ao encontro. Mas, venham, vamos buscar um leito para tratarmos disso.

Raul notou que a sálquile observava atentamente o seu ombro, em que o pese o fato de que ele o cobria com a manta. Será que deveria mostrar-lhe aqui e agora os seus ferimentos? Isso não lhe pareceu muito apropriado.

Foi então que ele reparou no séquito que acudira ao salão de entrada da iva, detrás da sua senhora. Pelo menos uma dúzia de sálquie, de todas as idades, até um que não passaria dos dez anos. Em todos os seus rostos se refletia, com maior ou menor fidelidade, a benevolência atenta que era a primeira lição que aprendiam dos donos da casa. Raul saberia mais tarde que uma boa parte deles se compunha de alunos de aca Lagivos, incluindo uma família jovem. Outros eram sálquie de passagem pelas tribos de Sunuvavii e Cal-Joquiin, vindos de todos os outros cantos da Ilha. Seria uma curiosa aula de geografia étnica para o visitante terráqueo, pois alguns dos hóspedes traziam nos pêlos típicos as coordenadas das suas origens. Como o enorme e corpulento peregrino de pelame negro, quase brilhante, vindo de Gunolífin, a tribo mais setentrional de Vantimiso, na região da Cabeça do Hipocampo, que eram louvados como os introdutores da *tauna londiédni* no país dos plátie. Ou a jovem e atraente sálquile de pelo castanho, que se fazia quase vermelho ao redor dos lábios e diante do pescoço, vinda da região pantanosa ao sul de Skídi. Ou ainda o pai do garotinho que corria de cá para lá, dono de pêlos prateados com extremidades alvas, marca registrada da tribo de Raliborr, às nascentes do Palarrco, a quarta cidade mais importante da Ilha.

Todos eles saudaram Mavlii e Raul, e abriram espaço para que o seu mestre os conduzisse à área dos aposentos, no porão. Sem saber porquê, Raul esperava que Reliin fosse cuidar do seu ombro, mas ela já havia desaparecido em busca de comida, bebidas quentes e mantos novos para os recém-chegados.

— Pois bem, meu jovem, por favor, tire o mando e deite-se aqui— Ooh, *Issa manimisactla!* Você arranjou um belo ferimento, meu rapaz!

— Foi uma emboscada de uma patrulha liagávi, aca. — explicou Mavlii, colocando o antigo mestre a par de toda a situação em poucos minutos.

— Sim, sim, ouvimos rumores de que havia liagávie já infiltrados no norte. E há uma esquadra em cerco a Salúquin!

— Eles *já* estão em Salúquin!? — disse Mavlii, desolado.

— Eles *ainda* estão em Salúquin, rapaz! Temos um curioso impasse lá no sul. Desde o canal de Lúferr, e por toda a costa meridional até a capital, a nossa esquadra não permite que ninguém passe. Quase poderíamos estar nós fazendo cerco aos Portos. Mas embora os liagávie que têm Salúquin sob mira estejam por sua vez cercados, ninguém pode iniciar uma ofensiva!

— E por que não?

Lagivos aplicou um pano com desinfetante e analgésicos sobre o ombro do seu paciente. A queimação, piorada pelo frio intenso, arrefeceu bastante.

— Porque nós temos medo de deseperá-los e de forçá-los a usar a toxina — que nós *acreditamos* que eles possuem, ouça bem! E eles sabem disso, e se aproveitam disso para ganhar tempo e reforços, parte dos quais provavelmente consistia nesse minguado desembarque no promontório de Vaff, ao norte.

— Mas então isso significa que toda Vantimiso está cercada! — exasperou-se o piloto.

— Não, meu rapaz, estamos longe disso, ao menos por ora. — disse Lagivos, permitindo-se até rir um pouco — Cercar Vantimiso é uma tarefa que exige uma enorme capacidade de organização, o que não é exatamente a maior característica dos súditos do Escudo. Na verdade, os guerreiros de Vessin são inigualáveis, apenas a partir de um determinado momento do confronto! Seu problema é que a própria impulsividade fere-os nos pés, como feriam os pés os antigos arqueiros de Adrrub, quando eram forçados a disparar como era seu hábito, deitados no chão com o arco sustentado pelos pés, durante emergências e sem terem tido tempo de se protegerem do modo adequado. Essa impetuosidade os fere, eu dizia, porque eles não querem ter tempo de pensar na possibilidade do fracasso — quem sabe se não seria o começo da tentação de volta ao medo? Como resultado, temos agora uma típica situação de manuscrito sobre um cerco da Potestade: uma temível frota ao sul, e três ou quatro milicianos perdidos em Sunuvavii, em pleno inverno... que não obstante lograram interromper um vagão especial Boitdárraf!

Lagivos frisou as últimas palavras com indisfarçável ironia, e Mavlii riu para si, lembrando das ásperas críticas que seu adorado mestre fizera ao próprio conceito desse sistema de transporte, a substância das quais um não desprezível caudal de desencontros, acidentes na neve e alarmes falsos ao longo desses vinte leie de operação parecia querer confirmar.

— O senhor está certo dessas informações, aca?

— Sobre o fato de que os liagávie aportaram em Vaff? Sim, é lógico! Pobres crianças, serão fatalmente eliminados, ou aprisionados, o que lhes seria pior, pois poderiam muito bem enlouquecer após a primeira noite de cativeiro! Já pensou, Mavlii? Um deles poderia ter sido um grande escritor, outro um fisiólogo, e o terceiro talvez um grande navegador... quiçá aquele que nos traria Maluoncha, como Kívsiin esperava nas suas obras. Que Elpa os proteja...— oh, meu jovem paciente! Perdoe por favor a minha desatenção! Ai, por Elpa, estou ficando velho demais para manter a atenção de três rapazes tão ativos (três, porque Mavlii conta por dois desde criança!).

O tom da súplica era tão simpático e tão divertido que Raul riu apesar de si, ainda que isso lhe doesse ainda mais, deitado como estava. Aca Lagivos seria o vovô preferido de todos os netos de Vantimiso! Aliás, pensou Raul, quantos filhos ele terá?

— Mas ainda não sei o seu nome, meu jovem! — disse o médico-sábio, voltando a prensar-lhe o ferimento com mais anti-séptico.

— Eu me chamo Raul, senhor.

— Raul! — repetiu o velho, seu cérebro acusando o recebimento da informação — É um nome diferente! Não seria capaz de reconhecer-lhe a origem. De que tribo vem você, Raul?

O humano olhou para Mavlii em pânico. Mas o sálqui também foi pego de calças curtas.

— Ele vem de... não é exatamente uma tribo... certamente, não é uma das tribos que o senhor conhece!

Mas isso só piorou.

— Ah! Neste caso, me interessaria muito conhecê-la, Raul, meu jovem! É alguma tribo do Sudeste? Mas, essas eu creio que já visitara ainda enquanto Mavlii e o seu irmão corriam pela floresta nos recreios, imitando sivtárrie. Está no Sudeste a sua tribo?

— N-n-não, senhor... muito mais longe!

— Mais longe? — Lagivos o examinou com interesse — Você vem de Lixin, por acaso?

Raul desviou os olhos, e por baixo da dupla camada de pelo enrubesceu violentamente.

— Ainda mais longe, s-senhor...

— Mas o que há além de Lixin, rapaz?

— Maluoncha, por exemplo... — disse Raul, com o sorriso involuntário de quando estava nervoso.

— Você está dizendo que vem de Maluoncha? — inquiriu o mestre, como o avô tentando desmascarar a mentira do neto de sete anos.

— N-n-não, senhor... ainda mais longe!

— Aca, eu-eu — gaguejou Mavlii — Isso tem uma explicação, eu lhe asseguro. Mas estamos no meio de uma missão, e receio que não possamos—

— Oh, oh sim, já entendo! — interrompeu Lagivos, com um gesto conciliador — É claro, eu não deveria estar metendo-me nisso. Suponho que seja mais um dos segredos dos marinheiros, não?

Mavlii e Raul fizeram que sim ao mesmo tempo.

— Raul, da Tribo Mais Longe! — disse Lagivos, com a sua bonomia habitual — Por sinal, isso recorda-me o último *arrendi* de Carr de Gunolífin (Mavlii, você pode por favor passar-me aquela caixa com ungüentos?) Sim, sim, uma excelente obra, carregada de simbolismo. Chama-se "A Última Tribo", e traz a estória do sálqui que logrou entender como seriam os derradeiros dias de Segusii (Obrigado). Sim, um argumento provocante. Reliin achou especialmente acertada a analogia entre alma e Conselho, corpo e clã, memória e Tribo (Vejamos, Raul, relaxe agora e apóie o braço sobre esta almofada).

Raul acompanhou o modo estranhamente familiar com que Lagivos esfregava as mãos.

— O senhor é um ussul! — exclamou, surpreso.

O velho também se surpreendeu um pouco.

— Ora... sim, é verdade.

— Mas-mas... eu pensava que os ussule viviam apenas em Skídi!

— A maioria sim, Raul, a maioria sim. — e sorriu — Mas, como você pode ver, nem todos. Bem se vê que você é um forasteiro em Vantimiso!

Raul sentiu um arrepio correr-lhe pela espinha, que não tinha nada a ver com a fria pomada que Lagivos lhe aplicava no ombro. Sentia-se nu diante do ancião, e isso nada tinha que ver com o fato de que estivesse sem roupas.

Foi aos poucos segundos de aplicar as mãos espalmadas sobre o ferimento exposto que Lagivos gritou assustado e saltou para trás, de costas contra um guarda-roupa, trêmulo e eriçado como se houvesse saído de uma sessão de eletrochoque.

Mavlii estava aterrado. Não conseguia juntar três palavras numa frase.

— Aca!... Não se... Eu posso... Por favor...!

A esposa do mestre surgiu pela porta, com duas travessas de ceia e uma expressão alarmada. O piloto rapidamente estirou um lençol sobre Raul.

— Não foi nada, Reliin, perdoe-me. — disse Lagivos, por fim, compondo-se — Um dos ungüentos penetrou numa ferida. Oh, temos comida para os jovens!

Lagivos tomou as bandeijas com a maior tranqüilidade que podia aparentar, sabendo que sua amada já teria aferido a tensão da sala mesmo se estivesse num bote no Vanaquíssil.

— Obrigado, Rellin. — disse Lagivos, sem encará-la — Com a sua licença, poderíamos tornar a tratar do jovem Raul?

A idosa sálquile fez uma elegante mesura e, sem dizer palavra, saiu e fechou a porta detrás de si.

Aca Lagivos estava um pouco encurvado, de orelhas baixas. Fitava o sálqui, ou o que fosse, deitado no leito, com a alma dilacerada pela curiosidade e o medo.

— Suponho que isto seja parte do segredo também?

— Meu senhor, perdoe-me, perdoe-me por isso! — disse Raul — Vou explicar tudo. Na verdade, *eu* sou o segredo.

Mavlii e Raul dormiram até meia manhã no dia seguinte, vencidos pelo conforto das tocas de subsolo que lhes foram preparadas, pelo estômago alegremente cheio, e Raul pelo final do tormento no ombro, ainda que Lagivos o tratasse muito superficialmente. Um grande mestre não toca

na obra de outro grande mestre, como se dizia, e Raul carregaria como uma das lembranças da Floresta de Barri um nada estético emaranhado de cicatrizes.

Quando finalmente despertaram, a grande casa estava quase vazia. Os hóspedes do casal de sábios haviam saído para uma aula de campo com áquile Raliin, ministra de um curso de de geometria botânica e cristalina.

Apenas o senhor da casa estava presente. Os dois companheiros o encontraram à escrivaninha de trabalho, escrevendo a grande velocidade, como era seu costume, aquecido por uma lareira onde ardiam troncos resinosos cuja fragrância enfeitiçou Raul, e que ele nunca mais tornaria a sentir.

— Ah, muito bom dia! Finalmente acordaram! Vejo que o repouso fez-lhes muito bem — disse Lagivos, examinando o ombro do seu paciente.

De fato, com o corpo trabalhando feliz por dentro e bem vestido por fora, Raul sentia que poderia sair correndo até Salúquin.

— Bem, não temos tempo a perder! — continuou o venerado professor, e Raul jurou ter-lhe surpreendido uma pontada de dor — Venham, comam e bebam alguma coisa, por favor.

Lagivos ergueu-se da cadeira e apanhou uma das folhas que escrevera. Releu-a rapidamente, e então passou-a pelo rosto um par de vezes. O humano observou isso com atenção, mas como para Mavlii aquilo parecia normal, guardou-se de bancar o turista novamente.

— Mavlii, isto é uma carta de proteção para vocês. Isso deve bastar para um liagávi com um mínimo de leie sobre este mundo.

As coisas já não eram tão assim, mas o piloto não sabia e dobrou o potencial salvo-conduto, metendo-o num dos bolsos de dentro do seu novo manto.

— Muito obrigado, aca!

— A Elpa, Mavlii. Já tive tempo também de preparar o *iítamec*, e vocês podem partir assim que o desejarem. Água e provisões estão nos compartimentos laterais.

Raul espiou por uma das janelas e viu uma enorme motocicleta com trenó e cabine estacionada na neve. O *iítamec* era a versão segusiana dos *snowmobiles* com que brincara nas férias do Ano Novo com seus primos de Winnipeg. Mas era maior, quase como um micro-ônibus. E, como veria, muito mais possante.

— Todos os rios a sudoeste de Sunuvavii estão congelados, portanto após contornar a cidade vocês podem dirigir-se a Salúquin praticamente em linha reta. Em pouco mais de um dia vocês estarão lá.

— Aca, é muita bondade da sua parte! — exclamou Mavlii, consciente de que, sem o *iítamec*, professores, alunos e visitantes estariam praticamente incomunicáveis com o mundo exterior.

— Não tardarei um minuto mais do que o neessário, para retornar com ele — continuou o piloto.

— Sim, sim, Mavlii, não se preocupe. Você, Raul, verá como quem tem um *iítamec* não necessita de vagões de emergência! Mas, enfim... Talvez você, Mavlii, possa aproveitar para descansar um pouco aqui conosco. Se bem que você deve estar com muitas saudades dos pequenos, não?

O sálqui sentiu uma flechada de jubilosa nostalgia.

— E quanto a você, Raul... — disse Lagivos, tomando um pacote que estava sobre a neve — Por favor, aceite isto.

Raul tomou a caixa, que pesaria o seu quilo e meio.

— Abra-a, por favor!

O humano abriu-a e tomou um livro enorme, grosso, de capa de couro ricamente trabalhada.

— Aca! É muita bondade sua—

— Mas você ainda não o abriu, Raul! — admoestou Lagivos, com um sorriso maroto — Creio que você nunca viu um arrendi na vida, não?

— Ah! É isto?

— Sim, a melhor forma que temos neste mundo para imortalizar os lugares que conhecemos. Texto unido a sensações. Vamos, abra-o!

Raul abriu o livro ao acaso, e ao mesmo tempo em que viu uma bela reprodução da capital de uma das tribos costeiras, imaginou estar ouvindo o ruído da arrebentação e sentindo o quente ar salgado.

— Os sons vêm destes pequenos dispositivos na costura, — explicou Lagivos — e estas faixas no meio do texto estão impreganadas com os odores do solo, do ar, água, pesoas, caminhos e animais da região sobre a qual você está lendo. Quando a página se fecha, ao mesmo tempo fecha-se a membrana sobre a faixa odorífera. Ou, se quiser, com o livro aberto, pode-se controlar as membranas com um toque dos dedos.

— Aca... é muito bonito! Muito obrigado!

— Ai, mas esqueço-me de um detalhe, Raul! — exclamou o ancião, com as mãos às orelhas — Quem irá traduzir isso para você?

— Não é necessário, aca. Eu consigo ler vini.

Lagivos arregalou os olhos na mais completa incredulidade. Raul sorriu encabulado; tomou o livro e leu a capa em voz alta.

— "A Ilha de Vantimiso, segundo a compilação de Lagivos de Sunuv—" Ei! É de sua autoria!

O professor sálqui era um estarrecimento só, da cauda às orelhas. Sabia que Deorr era o maior ussul vivente, mas nunca creria que ele tivesse superado tanto os limites do possível!

— Na verdade, Raul, a composição é de Reliin; apenas o texto foi escrito por mim.

— É um trabalho impressionante!

— Mas você não se esquecerá... ou, não perderá essa sua... habilidade, quando tornar ao... àquilo que você era antes?

Raul sorriu.

— Pode ser que sim, pode ser que não. Eu espero que não! Mas terei um dia para memorizá-lo, se for necessário. Muito obrigado, aca; eu só lamento não ter como retribui-lo! Não tenho comigo nada da minha—

— Não diga isso, Raul! — protestou o ancião — Sua história é de um valor incalculável! Mesmo que eu lhe desse toda a minha biblioteca, todos os meus arrendie, eu ainda sairia ganhando! E eu lhe imploro, Raul, que não a deixe morrer consigo!

Os viajantes rapidamente acomodaram os pertences, um pouco tristes por não poderem despedir-se de áquile Reliin. O experiente piloto colocou o *iítamec* em funcionamento, no instante em que Lass finalmente projetava seus raios em cheio sobre a porta de entrada de Lagivos.

— Que Elpa os proteja na travessia! — abençoou-os o ancião.

E cumprimentou Raul com força, à moda sálquie.

— Raul, se um dia você puder, por favor, volte!

XVI

Eles não tinham muita vantagem, apesar de tudo, e Fágol sabia disso. Sabia que era questão de tempo até que os liagávie lançassem bombas acústicas por toda a baía, menos para forçá-los a subir à tona do que para estourar os seus miolos.

O médico puxava Derek adiante com toda a força, tendo que trabalhar por dois para vencer a confusão dos sentidos do humano, conscientes pela primeira vez no mundo subaquático de Segusii. Derek sentiu que num dado momento o médico remexeu algo em suas costas doloridas; lembrou-se de que ainda trazia pendurada a saca com as estranhas pedras que destruíram o Conselho de Vessin. Pensou que o viniorri fosse aliviá-lo do seu peso, mas enganou-se. Ele o largou, e em seguida Derek julgou ouvir um *tique-tique* em meio à sinfonia caótica do mar alvoroçado pela chegada da tempestade.

Para Gimiso e Larrin, aquele ruído de choques de pedra era suficiente para rastrear de volta o trecho que levavam nadando, até o ponto onde o médico estava. Derek foi puxado para cima.

Expeliram a água que carregavam nos pulmões, a parte mais desagradável da novidade para o humano, e ainda mais para o cão, que teve que lutar contra todos os seus instintos sem aviso prévio. Pior para a sálquile, que levaria no braço uma lembrança duradoura dos dentes desesperados de Toba quando se esforçava por submergi-lo.

A voz de Fágol foi a primeira que se fez ouvir no meio da escuridão quase total.

— Temos que nadar até o ancoradouro! À frente, um pouco desviado à esquerda, porém só vamos poder vê-lo depois de passar pelo píer!

— Píer?

— Há um píer poucos metros adiante. Mas temos que contornar suas colunas sem mergulhar!

— Por que não? — perguntou Derek.

— Eles podem disparar bombas de som, Dek — explicou a voz de Larrin, às suas costas.

— Aconteça o que acontecer, não mergulhem! — comandou o médico.

— Fágol, e quanto aos sonares? — perguntou Gimiso.

O viniorri suspirou.

— Temos que arriscar! O mar não nos protegerá por muito mais tempo! Vamos! — e, virando-se para o humano, acrescentou: — Dek, lembre-se: não mergulhe!

— Pode deixar! A que distância estamos do ancoradouro?

— Cerca de dois quilômetros.

— *Dois quilômetros!?*

Fágol não respondeu, e começou a nadar.

Os sálquie saíram adiante com facilidade. Gimiso liderava o grupo, por ser quem em melhor forma estava e por carregar a única arma que possuíam. Larrin a seguia preocupado. Derek nadou como nunca em sua vida, porém por mais que se esforçasse ainda nadava como um náufrago, prejudicado ainda mais pelo peso e o embaraço de movimentos que o manto encharcado provocava. Constatou, com uma ponta de orgulho ferido, que mesmo Fágol, que como todos os do Sudeste não tinha a mesma compleição vigorosa dos ilhéus, mantinha-se por último apenas por motivos táticos, uma certa deferência ao seu estranho hóspede, e pela ajuda que prestava a Toba, nascida de uma esperança profissional de dedicar-lhe maior atenção, louvável ainda que agora totalmente fora de lugar. O cão, à sua maneira, ia bem, comprovando a sabedoria do provérbio russo que dizia que um cachorro não aprende a nadar até que a água bata-lhe nas orelhas.

Chegaram em alguns minutos ao píer, iluminado por um segundo pela luz feérica de um relâmpago. Atravessá-lo seria mais fácil do Derek imaginava. As colunas de sustentação se alinhavam em grossas filas duplas, mas havia espaço suficiente entre elas para que passassem com folga. Detiveram-se um momento logo diante delas. De vez em quando, as ondas rebentavam contra um dos pilares e respingavam com um chiado por todos os lados.

Contudo, ao aproximar-se e se apoiar numa delas para tomar um pouco de alento, Derek levou um choque e gritou, mais de susto do que de dor.

— O que foi, Dek... *ooh, ooooh, nnãã...!!*

— Gimi! *Gimi!?* O que houve?

Fágol, Larrin e Gimiso taparam os ouvidos com força, e Toba começou a ganir. Assustado, Derek notou que as suas pernas formigavam, como se todos os seus ossos estivessem vibrando, e que de repente o mar começou a espumar.

— O que está acontecendo?

— *Isso* são as bombas acústicas, Dek — disse Larrin, afrouxando um pouco as mãos.

— Toda a baía está vibrando!? Putz... mas... não é perigoso continuarmos aqui na água?

— As bombas perdem um pouco do efeito, graças à turbulência do mar. — explicou o viniorri — Mas ainda assim... *aaah!*

— Lá vem outra! Eu posso sentir meus ossos zunindo! — disse Derek.

E as ondas ao seu redor vinham carregadas de bolhas, como se eles estivessem nadando num mar de champanhe.

— Exposições prolongadas desfazem os músculos — continuou o médico, depois que a onda de choque arrefeceu — Mas enquanto estiverem ativas, os sonares dos navios não podem funcionar!

— Droga! Mas as minhas pernas... meu peito!... estão virando geléia!

— Temos que ser rápidos! — disse Fágol — Atravessemos o píer - e não torne a encostar de novo nos pilares.

Uma ordem difícil de ser atendida, pensou Derek, pois por mais que tentassem manterem-se no lugar ainda eram pouco mais do que pedaços de cortiça à deriva debaixo de uma borrasca!

— Mas, Fágol — interrompeu Larrin — eles não vão continuar com as bombas por muito mais tempo! Eles sabem que bastam apenas algumas descargas para nos eliminar; depois disso, tudo o que têm a fazer é rastear os nossos corpos! Se o ancoradouro está logo à frente, quando ativarem os sonares nós estaremos no meio do caminho, totalmente expostos e indefesos!

Fágol encarou o sálqui com visível irritação.

— Tem alguma idéia melhor, ilhéu?

— Julgo que temos que voltar à terra.

— *O quê??* — exclamou Derek.

— Isso é insensato! — retrucou áspero o médico.

— Creio que não! — respondeu o sálqui — Você não percebe que eles estão confusos, ainda mais confusos do que nós? Por que acha que não fomos descobertos no momento em que atingimos a água? Por que esse píer não está iluminado e coberto de soldados armados? Por que você acha que os liagávie usariam bombas de som *antes* de se assegurarem da nossa posição com um navio e um sonar? Isso seria o lógico! Desconfio de que todas as forças de segurança dos Portos, ou ao menos a grande maioria delas, foi mobilizada para o Conselho assim que os podiajj começaram a ameaçar o Juiz com as pedras. Isso significa que seria pouco provável que estivessem preocupados em rastear um mar agitado! Essas bombas não estão vindo dos navios, mas sim da patrulha que nos perseguia!

Gimiso soltou uma exclamação de assentimento. Aquele era o miliciano que ela conhecera!

— O fato é que os barcos não estavam nos buscando *antes*. — enfatizou Larrin — Agora, eles terão que esperar ao menos meia hora antes de poder reativar os sonares, até que o mar deixe de vibrar, para poderem buscar os nossos corpos. E isso também nos ajudará, porque, passado esse tempo, os nossos cadáveres já estariam frios, e os sonares de guerra perdem até metade da sua eficiência quando têm que rastear peixes, ou qualquer outra coisa que não tenha calor próprio, e eles sabem que não terão remédio a não ser vasculhar toda a baía para terem certeza, maldizendo a *absurda* imprudência de iniciar um bombardeio acústico antes de se conhecer a posição do alvo!

Tomou um pouco de fôlego e concluiu em voz baixa, com uma ponta de bom humor que Derek agradeceu como um salva-vidas.

— O torvelinho da confusão alimenta-se a si próprio, como dizem, e é bom para nós que estejamos fora do seu caminho!

Fágol ficou com uma quase-objeção entalada na garganta lavada de oceano. Os cinco boiaram em silêncio por alguns segundos.

— Bem, se ninguém diz nada, — irrompeu Derek — isso quer dizer que Larrin nos convenceu! Vamos sair daqui porque eu já estou morrendo de frio!

Seguiram a linha dos pilares em direção à terra com alguma dificuldade, cuidando de estar perto o bastante das bases do píer para não serem descobertos por cima, porém longe o suficiente para que as ondas não os empurrassem contra a estrutura que ainda vibrava ao ultra-som da última descarga.

Toparam finalmente com pedras e as escalaram às apalpadelas, engatinhados, uma ladeira empinada de barro e areia, cortando mãos, braços e pernas a cada momento nas conchas de mariscos presos à rocha, para irem ocultar-se num desvão sob o píer, no ponto em que este abandonava a terra e saía ao mar. Acocoraram-se tensos, pois com menos de dois passos em falso despencariam de volta ao mar.

Trêmulo de frio e ansiedade, Derek podia ver dali as luzes do ancoradouro, e as mal desenhadas silhuetas das escunas movendo-se irrequietas ao sabor das ondas agitadas. É certo que a distância e as trevas dificultavam um julgamento preciso, mas o humano poderia jurar que as embarcações ali eram todas de pequeno porte, talvez como iates; certamente, não tão grandes como a nau que os capturou centenas de quilômetros ao sul. Estavam ancoradas em grupos de três, e Derek ia contando o quinto deles quando a chuva começou finalmente a cair, farta e forte. Em instantes, inúmeros filetes de lama gelada começaram a escorrer por suas pernas, pés e caudas, acrescentando a cereja que faltava ao desconforto infernal do abrigo. Pela terceira vez, Derek pensou em sua cama.

— B-bom, Larrin, você sabe o que fazemos agora? — perguntou.

— Temos que esperar que eles partam ao nosso encalço — respondeu o sálqui, casualmente, enquanto tentava secar os pêlos do braço.

— Mas, e depois?

— Depois temos que conseguir um barco.

— Um b-barco?

— Um barco. Uma pequena escuna. Ou você quer passar o resto da vida perdido no deserto?

Derek sorriu apatetado.

— OK, ponto seu. Agora, *como* é que vamos conseguir um barco?

— Fágol vai consegui-lo para nós.

O médico o mirou perplexo. Derek seguiu o seu olhar, e viu que Larrin sorria com verdadeiro prazer! Quantas das suas apreensões não morreram naquele sorriso talvez apenas Elpa, que constantemente sorria aos seus pequenos, poderia apreciar.

— Como é isso? — perguntou o humano.

— Você tem parte da resposta, Dek.

— Oh, Lirri! Em que você está pensando? — exclamou Gimiso.

— Fágol voltará a ter-nos como prisioneiros do Escudo. Não Fágol, o médico viniorri, mas sim Fágol, o juiz liagávi.

O médico entendeu. Mas não gostou muito.

— Eu não posso vestir isso, ilhéu! — protestou, apontando o traje escarlate de Derek — O uso desrespeitoso dessas vestes é um crime imperdoável o suficiente para manter-nos, na melhor das hipóteses, confinados nas ilhas por toda a vida!

— Qual é, Fágol? Você não ia me mandar para a cadeia por isso, não é? — zombou Derek.

— Não é isso, humano... é que,... Mas... mas... bem, bem, eu aceito. Eu aceito! Penso que agora é a única saída que temos.

— É a única saída. — confirmou Larrin.

— Mas... e quanto ao Dek? E quanto a Toba? — perguntou a sálquile.

— Fágol tem a outra parte da resposta.— insinuou Larrin, divertindo-se com o brinquedo retórico que aprendera de Derek.

O médico matutou por um segundo de olhos baixos, e veio com a resposta.

— Sim, é claro! Dek será o traidor viniorri, punido no cárcere com a tricotomia antes de ser removido para as ilhas de reclusão! Além disso... a chuva mascarará o seu cheiro! Por Elpa, ilh... Larrin, já começo a me surpreender de que estejamos assustados! Como foi que não pensei nisso?

— A idéia de saltar ao mar acabou mostrando-se fundamental, Fágol, e estou certo de que você mesmo teria topado com a saída caso tivesse tido tempo de ponderar. Tempo de reflexão é o ancoradouro para não sucumbir ao torvelinho.

— Caramba, Larrin! — exclamou alegre o humano, dando-lhe um soco amigável no ombro — Acho que você bateu a cabeça! Você está todo filósofo hoje!

— Não zombe dele, Dek! — admoestou Gimiso — Ele é filho de um escritor, não se lembra?

— Seu pai é um escritor? — inquiriu Fágol, espantado.

Larrin apenas concordou, de cabeça baixa, encabulado mas feliz com o elogio ao seu pai.

— Como se chama o seu pai?

— Viskin Kávilik, da tribo de Arrfínan.

O médico balançou a cabeça, pensativo.

— Receio que não o conheça... — mentiu ele, perturbado com a revelação e com a onda de sentimentos contraditórios que as sagas da formação do povo de Vantimiso desse mestre sempre lhe despertaram.

Mesmo assim, entretanto, a animosidade de fundo que o viniorri sentia pelo sálqui, pelo fato de ser um ilhéu e ainda mais depois de ter ideado a morte da estátua de Vilárrentla, finalmente se dissipou. Faltava muito pouco para isso: Fágol já se dera conta da sensibilidade inusitada de Larrin, que valia a pena estimar, e todos os dias ia recolhendo provas ao seu favor para depor diante do inflexível nacionalista frustrado que vivia numa torre alta, muito alta e fria da sua alma, e que comandava com mão de ferro seus afetos e simpatias.

Bendita chuva, que ocultava as suas emoções! Mas ainda assim ele tinha que dizer algo para justificar o seu patente embaraço.

— Você teve muita sorte com os seus amigos, humano! Convém ouvi-los com mais atenção do que você o vem fazendo!

O almirante-chefe das escunas do ancoradouro leste acompanhou o último dos doze barcos que receberam ordem de rastear a baía em busca de prisioneiros do Conselho, ainda fumegando de raiva pela destruição de três sonares pelas bombas acústicas, devida à inépcia combinada da patrulha do Conselho e do novato oficial de Adrrub, que, como todos os interioranos sob a égide do Escudo, sempre se bestificava com o porte de qualquer coisa que flutuasse na água. Os instrumentos de todos os barcos permaneceram ativados para os testes de rotina, porém aquela noite ia sendo tudo menos rotineira, e todos os soldados de terra e de mar ao redor do Conselho haviam sido requisitados às pressas. O pobre oficial dera conta da maior parte da tarefa de colocar os navios para dormir, mas demorou muito mais do que os experientes técnicos marítimos, e quando a primeira bomba foi lançada na outra extremidade da baía, ainda faltava atender à primeira tríade, ancorada perto da terra.

Isso perturbou muito Larrin e os outros, que acompanhavam com preocupação o movimento do ancoradouro. Por que aquelas escunas não partiam? Teriam os liagávie deixado reforços em terra? Será que a análise do miliciano sálqui fora equivocada? Mas, ainda assim, resolveram tentar a sua sorte, ao ver que a tempestade parecia ter espantado todos os soldados ao menos do cais.

O almirante-chefe, espadaúdo mas de baixa estatura, prensou os pêlos da testa com as mãos em concha, numa tentativa fútil de secá-los, e passou os olhos por sobre o cais deserto. Chamou um

ordenança e o enviou à caça de algum oficial eletricista, embora com poucas esperanças de que alguém pudesse estar disponível naquela fatídica noite. Se metade dos rumores que ouvira sobre os acontecimentos no interior do salão do Conselho era verdade, talvez agora os anciãos de Vessin se decidissem de uma vez a eliminar os repugnantes podiajj de vez da face do Sudeste!

— *Senhor! Senhor!*

O chefe deu meia-volta e viu o seu ordenança retornando, sozinho e apressado. Ele estava assustado com alguma coisa, pois esquecera-se de se ajoelhar e vinha direto ao seu encontro, olhando de vez em quando por sobre os ombros.

— O que aconteceu? O que... eh! Q-quem são vocês?

— Abaixe essa arma, oficial! — comandou aquele que trazia as vestes de juiz e mantinha três prisioneiros sob a mira do imobilizador — O que você pensa que está fazendo? Onde está a minha escolta?

— E-escolta?

O juiz estava espumando de raiva.

— O que significa isso?? Minha escolta *não foi* reservada?

— Mas, q-quem é o s—

— Estes prisioneiros têm que ser transferidos *imediatamente* para as ilhas de reclusão! Conseguimos a custo impedir que escapassem! Um grupo de sálquie tentou libertá-los, e eu *espero* que já tenham sido capturados! Onde estão os demais marinheiros?

A mente do almirante-chefe estava ainda ocupada com a questão de utilizar uma pequena escuna para chegar às distantes ilhas.

— Oficial! — berrou Fágol — Onde estão os demais marinheiros? Exijo reforços para a minha escolta agora mesmo!

— I-isso é impossível, senhor! Eles estão nos outros barcos... buscando alguns suspeitos!

Derek quase urinou de alívio.

— Isso significa que este posto está *desguarnecido*? — metralhou Fágol.

— A-apenas por algum tempo, senhor! Mas... mas é ilegal manter sálquie prisioneiros, assim que—

— Estes ilhéus têm informações valiosas sobre este animal — cortou o viniorri, apontando para Toba que vinha detrás de si — O viniorri foi punido por cooperar com eles.

O chefe observou meio assustado, meio desconfiado, e perigosamente interessado, tanto o cão quanto o terceiro prisioneiro, cabisbaixo e com a cabeça coberta, e ainda não embainhara a sua arma. Toba começou a ranger, ameaçador, assim que ele chegou mais perto de Derek.

— Não provoque o prisioneiro, oficial! — bradou Fágol — Ele tem alguma relação com a procedência deste animal!

— Esse animal... é um pod—

— Ainda não sabemos! — tornou a interromper o médico — Mas, aonde podemos nos abrigar da tempestade? Por que estas escunas não estão acompanhando a busca?

— Seus sonares estão danificados, senhor, mas—

— Mas aonde estão as suas tripulações?

— Ao mar também, senhor, acompanhando a b—

— Essa falha de segurança deverá ser punida!

O almirante abaixou as orelhas. Gimiso e Larrin mal respiravam. Fágol já estava indo um pouco longe demais!

— Ordenança! — gritou o viniorri para o rapaz assustadiço às costas do seu chefe — Ordenança! Prepare esta escuna para navegar!

O jovem aparvalhado consultou o seu chefe com o olhar, mas tornou logo para o iracundo juiz, e desapareceu dentro do barco mais próximo.

— Mas, mas, senhor! — protestou o almirante-chefe — Devo antes informar os Portos e solicitar a autorização par—

— Você não precisa se preocupar com isso, oficial!

Fágol desviou com precisão a mira das costas da sálquile e atingiu o liagávi com um disparo de baixa intensidade, suficiente para pô-lo a dormir sem chamar demasiadamente a atenção.

Todos se apressaram para dentro do barco, onde encontraram o pobre ordenança na terceira checagem consecutiva dos mesmos instrumentos de navegação.

— Ordenança!

— S-senhor! — respondeu o garoto, assustado, pondo-se de joelhos.

— A escuna está operativa?

— S-senhor, eu não tenho experiência como piloto! Tudo o que sei é que, exceto pelos sonares, os instrumentos parecem estar em ordem!

— Muito bem!

Fágol deu um sinal com a cabeça para Larrin, que desfez em meio gesto o nó falso que prendia suas mãos e aproximou-se da mesa de controles. Apertou um ou dois botões, acendeu duas ou três telas, e fez algo que ligou os motores.

— Pronto para a partida, Fágol. — disse, agarrando um manche com cada mão.

O jovem liagávi pelo cor-de-terra não acreditava no que via.

— M-mas, senhor!... O q-que o dúcdai está fazendo?

O viniorri o imobilizou sem responder. Derek e Gimiso o carregaram para fora, e a embarcação já começava a mover-se sob o mando do sálqui, que revelava uma inesperada perícia para controlar os movimentos da nave, embora isso não devesse surpreender aqueles que levassem em conta a metade da sua infância passada junto aos pescadores chefiados por sua mãe.

— Fágol, quando os Portos fizerem contato conosco, avise-os de que estamos nos reunindo à busca na baía, mas não ofereça nenhuma outra explicação! — disse Larrin — Esta escuna é ligeira, para os padrões liagávie, e acredito que seja usada para assalto e guarda do litoral, o que significa que devemos ter armas leves no convés (Gimi, você poderia verificar isso?), contudo são totalmente insatisfatórias para vencer um cerco nos Portos, caso alguém suspeite da nossa identidade!

— Mas, então quando o grandalhão do ancoradouro despertar, nós estamos perdidos! — exclamou o humano.

— Exatamente! Portanto, temos que chegar à extremidade da baía o mais rápido possível, e sem chamar a atenção! Fágol, você pode cuidar para que o rádio pareça não funcionar propriamente. Uma vez que contornarmos este cabo... aqui — apontou para uma tela com o mapa daquela zona da costa —, então, bem... rumamos ao norte à toda velocidade!

Fágol engoliu em seco.

— Vamos passar debaixo dos focinhos dos comandantes dos Portos, Larrin! E será difícil explicar-lhes a nossa rota! Até as ilhas de reclusão ficam na direção exatamente oposta!

Os três olharam para o chão, em silêncio. Toba chacoalhou-se para se secar, deitou-se num canto e caiu no sono antes de que sua cauda tocasse o chão.

— Que Elpa nos proteja! — murmurou Derek.

— Que Elpa nos proteja! — repetiram os segusianos.

Gimiso estava exausta, encharcada e com frio, e tinha que se agarrar aos cabos que corriam ao redor da amurada para não ser atirada ao mar pelo jogo do barco, pois já chegara a cochilar em pé. Mas não pensava noutra coisa além do fato de que era ela quem agora tinha o melhor mapa mental das armas do convés, e que portanto tinha que continuar em pé até que finalmente conseguissem avançar mar adentro.

Ela seguia com semblante duro os pontos luminosos que bailavam ébrios sobre as ondas, as outras escunas, tão terrivelmente próximas de um disparo, de uma vingança cega e total! Por dentro, ela já escolhera o seu alvo. Distraía-se do sono ponderando qual dos canhões a estibordo seria o mais apto para atingi-lo. Não que os armamentos daquele barco fossem qualquer coisa para se invejar, pensou, mas enfim... o canhão pequeno e leve era usado para danificar o casco de escunas pira-

tas a longa distância, antes que escapassem, mas principalmente antes que se aproximassem demais. As esquadras do Sudeste não davam o tom da qualidade em Segusii, e os seus marinheiros tentavam compensar isso com armas de longo alcance para evitar um contato que certamente seria constrangedor. E esses pequenos canhões, embora silenciosos, eram menos precisos que os bojudos canhões de raio, empregados em situações mais desesperadas, ou quando o adversário falhasse em provar que valesse a pena ser poupado. Gimiso voltou a tatear a abertura do cilindro do canhão; pela camada extra de óxidos, era possível perceber que ultimamente os liagávie nutriam expectativas demasiado elevadas em relação aos seus inimigos.

Como em todas as naves liagávie, e à diferença das de Vantimiso, o controle das armas ficava numa guarita protegida no centro do convés, cuja porta Gimiso naturalmente já checara. E os controles estavam plenamente operativos; sabia até que a terceira chave negra, de cima para baixo, do lado direito da mesa, era a que destravaria a sua arma predileta. Ela bocejou e olhou para a cabine às suas costas. Em dez passos de passeio de domingo na praia, estaria lá dentro. Após serem destravados, os canhões se carregavam em dez segundos. O piloto seria alertado de que um disparo estava sendo preparado, embora de acordo com a filosofia liagávi, apenas e tão-somente o mestre de armas tinha o controle sobre os seus brinquedos. Larrin... como reagiria? Talvez ele se alegrasse... a julgar pela ferocidade com que lutou contra os podiajj no salão do Conselho Vessin. Sim, sim, é claro... ele também odiava os liagávie, e embora a repreendesse, por dentro certamente se alegraria—

— *Não!!*

A sálquile gritou consigo mesma, e assustou-se a si mesma. Estava prestes a abrir a porta da cabine de controle das armas, meio sonâmbula, quando um coice do navio a fez perder o equilíbrio.

Foi nesse momento que apareceu Derek, tentando se proteger da chuva.

— Gimi? Ei, Gimi, tudo bem? — gritou para ser ouvido — Você escorregou?

— S-sim, Dek... Acho que adormeci por um momento.

— Ai, minha pobrezinha! Vem, vamos p'rá dentro! Você precisa se secar e descansar um pouco!

— N-não, Dek! — reclamou a sálquile, no meio de um incontido bocejo, daqueles bem selvagens — Eu tenho que vigiar as outras naves.

Derek riu.

— Há! Vigiar? Venha, vamos, você está babando de sono! Olha só, já está toda molhada!!

— Não, Dek! — protestou ela, tentando sorrir — Não, Dek... não, por favor, não me abrace... senão eu vou *realmente* adormecer!

— Sério? Pois então eu não vou te largar mais! Venha, vamos sair dessa chuva! Larrin tem controles mais do que suficientes para que você tenha que continuar aqui!

A sálquile segurou-se debilmente à porta da cabine, e de repente recordou-se de algo.

— Dek! Você deixou Larrin sozinho!

— Como assim?

— Larrin! Você não pode deixá-lo sozinho!

— Do que você está falando?! Ele está lá dentro com Fágol e Toba! Não se lembra?

Derek sentia uma compaixão divertida. Sua esposa só faltava cair de costas de sono.

— Sim, Dek, naturalmente que me lembro! Você o deixou sozinho com Fágol!

Ainda com a sálquile nos braços, ele levou um minuto para entender.

— Ah! É isso? Ai, ai, Gimi, Gimi! Eu não vou ouvir mais isso, OK? Eu te adoro, te adoro muito, mas acho que você está cansada e um pouco nervosa! — beijou-lhe a testa — Venha, vamos sair da chuva!

Quando chegaram no estreito corredor que levava à sala de navegação, à frente, Derek já estava carregando Gimiso. Lembrou-se de que Fágol teria problemas com uma sálquile adormecida perto de si, e deu meia-volta para buscar um aposento digno da sua amada.

O que encontrou foi um depósito de galões de alguma coisa. Fosse o que fosse, a escuna dispunha deles em abundância: duas fileiras de cilindros altos presos à parede, que se entrechocavam a cada cabriolada mais forte da escuna, soando como se uma multidão estivesse batendo na porta querendo entrar. Nada muito repousante, mas com o sono a que Gimiso se entregara, nem que os galões explodissem!

Ela cabia no chão, e foi ali, à falta de lugar melhor, aonde Derek a deixou, depois de contemplar embevecido a face tão serena da sálquile. Era a primeira vez que a via dormindo.

Quando ia saindo, porém, alguma coisa acertou a sua consciência com uma jogada perigosa pelas costas. Dek, seu cretino! Como... como era possível que ele fosse embora deixando Gimiso naquele estado, encharcada e deitada sobre o chão de metal? Acaso queria que ela pegasse uma pneumonia, ou uma tuberculose, ou sei lá o quê?

Derek acocorou-se, indeciso.

— Gimi?... *Gii-miii!* Gimi, acorda! Ei, você estava certa! Você não pode dormir agora! Falta uma coisa! Gimi! Gimi?

Sacudiu-lhe os ombros com aquilo que ele chamava delicadeza.

— Gimi? Gimi, ei, Gimi! Pelo amor de Deus, acorda!... Olha os liagávie! *Buuu!* Eles vêm vindo!... Gimi?...

Não seria fácil, não seria nada fácil! E Derek, no fundo, a invejava, pois estava ele mesmo a ponto de desabar a qualquer momento. Fágol seria capaz de um piripaque, ou de despertar a sálquile a pauladas, caso o chamasse, e Larrin estava por demasiado enrolado com os instrumentos para ser interrompido. Afinal, sem os sonares, todo o sucesso dos fugitivos repousava sobre a habilidade do sálqui de guiar-se apenas pelo que conseguia distinguir da costa (o que não era muito) e uma bússola. E Toba... bem, bem!

Coçou a testa com força, e com a outra mão continuava o ininterrupto sacudir os ombros da sálquile, e conseguiu apenas fazer com que ela virasse de lado.

Aí então Derek teve uma idéia que lhe dissipou todo o sono como que por um passe de mágica, tamanha a sua audácia. Suou frio, o estômago gelou, o sangue desapareceu da face.

Por que *ele mesmo* não...

Que bobagem! Isso é uma coisa que ela tem que fazer sozinha!

Antes que ele tivesse tempo de concatenar dois pensamentos, à idéia veio juntar-se uma quase irresistível curiosidade... ou seria a curiosidade que atirou-lhe a idéia para distraí-lo e atacar com uma seringa de heroína pelas costas? De repente tudo era perfeito, tudo fazia todo o sentido do mundo! Seu coração batia com força, mas todo o resto do corpo estava como que em transe. Era óbvio, Dek! Pense bem! Ela não vai acordar... e, afinal, *por que* acordá-la? Deixe que a coitada descanse!

Não, eu não posso fazer isso!

“Mas qual era o problema, afinal... vocês estão casados ou não? Então—”

Não, não, não!! Eu disse... eu prometi...!

“Mas é só para secá-la, Dek—”

Derek sacudiu a cabeça com tanta força que quase a descolou do pescoço.

Nnnnn...!

“Faça isso por ela, Dek! Você *sabe* que ela vai te agradecer! Não perca tempo! Olhe só, ela já pode estar até desmaiada! Se ela está sonhando, ela está sonhando com você, não se lembra? Pois então, se ela não vem ao seu auxílio, só você pode ir ao auxílio dela! E imagine só se ela pegar uma gripe, ou uma pneumonia, ou uma tuberculose; imagine a dor de cabeça que isso vai ser para você depois! Você sabe que vai sobrar para você!”

Derek acomodou-se melhor e tocou-lhe a ponta da manga da túnica. Seus movimentos eram cuidadosos como os de um drogado diante da última dose da noite. Arregaçou um pouco a manga de tecido carmim e sentiu os pêlos molhados. Parou indeciso, corou violentamente, e murmurou algo perto do ouvido da esposa.

— Gimi? Perdoe-me por isto...

— *Aaaaaaai!*

A sálquile despertou num salto incrível, puxou o braço direito para si e ainda acertou uma abocanhada instintiva na mão de Derek, que aplicara-lhe um beliscão digno de, ao menos, uma nota de rodapé no *Guiness*.

— *Aaaaaaaau!*

— *Dek!! Por quê?... Por que você fez isso??*

Ele se levantou meio tropeçando e saiu pela porta com dois passos rápidos e desastrados.

— Você tem que se secar e secar sua roupa antes de dormir. Eu vou te procurar umas toalhas.

Derek galgou com estudada cadência os cinco degraus que conduziam à sala de navegação, pelo sono e pela incrível intensidade que a tempestade assumira nos últimos minutos. O ribombar dos trovões, filtrados pelas escotilhas e o corpo metálico da escuna, eram um rugido praticamente contínuo.

— Dek! — exclamou Larrin, como se não o visse há anos — Dek, há algo muito estranho nesta tempestade!

— Ah, sim? — bocejou ele, cansado demais até para enjoar.

— Todas as escunas foram chamadas de volta ao ancoradouro — disse Fágol — Nós somos os únicos a continuar na baía.

— Os Portos já reclamaram?

Fágol esgarçou os lábios num sorriso, e mostrou-lhe o microfone do rádio, com um dos fios roído a tal ponto que qualquer movimento mais brusco do mar provocaria um mau contato.

— Esperto, você! — e bocejou de novo.

— As outras escunas regressaram ao ancoradouro há uns cinco minutos. — disse o sálqui — É possível que o efeito do imobilizador já tenha passado. Estamos praticamente terminando de contornar esta península, e dentro em pouco saberemos o que nos espera.

— Bom, mas parece que estamos indo bem, não?

Derek queria uma boa notícia de qualquer maneira.

— Bem demais, Dek! O vento sopra do sul com muita força, poupando muito trabalho para os nossos motores.

— Ué! Então por que se alarmar? Porque vamos passar diante dos Portos com excesso de velocidade?

Larrin e Fágol se entreolharam.

— No inverno o vento sopra de noroeste, Dek! — explicou o médico.

— Uhm! Sério?

Os três caíram em silêncio, olhando sem querer para a tela morta dos sonares que poderia ter-lhes dado uma situação melhor do panorama adiante.

O que eles nunca poderiam entender seria o ódio com que o mar fustigava o deserto que crescera como um câncer sob a custódia das estrelas de Vessin. Destruído o único relicário do poder que nenhum segusiano jamais fora autorizado a possuir e almejar, edificado com a ajuda que nenhum segusiano jamais fora autorizado a aceitar, o mundo perturbado daquela pequena porção da Terra Seca tornava jubiloso ao seu curso normal. E sua mortal alegria ensurdecia e espalhava o pânico entre as hostes do Escudo ao redor dos Portos. Ninguém nunca saberia da perda de uma escuna naquela noite, e se soubessem era pouco provável que lhe dessem qualquer importância.

Muitas coisas mudaram em Vessin desde que os seus habitantes foram liberados do medo!

Apenas um pequeno capricho geológico separava a Ilha de Vantimiso da grande porção de terra do Continente do Sudeste. O cabo de Corrávi, o ponto mais setentrional de Vessin, quase poderia ser a última das ilhotas que constituíam a tribo ilhéia de Lúferr, pátria de Gimiso e de muitos dos mais aguerridos milicianos sálquie, cuja têmpera fora forjada ao longo de séculos de proximidade com vizinhos a quem não se podia exatamente pedir emprestada uma xícara de açúcar.

O Arquipélago de Lúferr era a ponte óbvia entre os dois países, batida a leste pelo irrequieto Dama, ou mar de Onca, e poupada das agruras da erosão pelo tranqüilo Mar de Lúferr a oeste, que estendia-se a oeste e banhava todo o sul da Ilha, indo perder-se nas costas do país dos dárrie.

Essa dualidade dos oceanos se refletia no caráter dos lúfrrie, segundo se dizia em Vantimiso. Normalmente tão calmos e amigáveis como o último pescador de Arrfínan, inflamavam-se com muita facilidade e podiam até ser tão ferozes como qualquer guerreiro da Potestade. O assento da tribo em Salúquin era estimado como o dos valorosos defensores da porção estrategicamente mais vulnerável da Ilha. No folclore de Sunuvavii, uma das tribos do norte, onde a neve era elemento quase permanente da paisagem, as crianças ouviam dizer que o degelo era obra de Víxin, um lendário guerreiro amalucado do Arquipélago cuja fúria causada pela fome ao longo do longo inverno esquentava a terra e derretia a neve para que o seu barco pudesse sair à pesca.

Larrin sabia que seria perigoso dobrar Corrávi com uma frágil escuna, e pasmou-se novamente ao não se deparar com nenhuma patrulha nos Portos. A boa estrela que os livrara de problemas na baía voltava a brilhar-lhes agora, e o faria ainda por uma terceira vez quando adernassem a noroeste, pois tão logo saíram das águas da Potestade foram brindados com um céu aberto e estrelado, mar calmo e o tão almejado vento norte, frio e salpicado de memórias de todos os pontos da sua terra natal.

Derek acordou muito tarde no dia seguinte, mau grado seu desejo de render Larrin na mesa de navegação, se bem que o sálqui também não sofreu desnecessariamente, pois passou os comandos a Fágol com toda a tranqüilidade assim que chegaram em mar aberto, e finalmente secou-se e procurou um lugar para dormir.

O mar estava tão levadiço que o médico pôde travar os manches na rota que o sálqui fixara, e contemplar o dia ensolarado que se abria devagar diante de si. E viu o humano saindo ao convés.

Derek notou aliviado que aquela embarcação não estava engaiolada como o vaso de guerra que os capturara naquela noite distante. Não havia uma nuvem no céu, Gimiso continuava adormecida e bem e, de acordo com Larrin, haviam superado os piores problemas. Respirou fundo; sentia-se ótimo, apesar de todo o medo que tivera de se resfriar. Tinham combustível, tinham água, tinham ração liagávi (que pelo menos não os atacava antes de ser comida), Lass já surgira e o céu ia lentamente clareando, clareando e ficando... lilás.

Derek respirou fundo de novo e começou a rir sozinho. Apoiou-se na amurada na proa e ficou reparando na camada de água que ia sendo rasgada pelo progresso da escuna. Algumas vezes estivera em barcos na vida; além dos passeios com seu pai de que mal tinha lembrança, dois foram especialmente memoráveis.

O primeiro foi numa recepção diplomática a bordo de um iate fretado pelos noruegueses, para a qual seu pai, que era amigo do cônsul, foi convidado e autorizado a levar a prole em anexo. Era um belíssimo barco sob um belíssimo luar, com belíssimas mulheres com quem ele pôde investir todo o seu valioso estoque de frivolidades, e verificar frustrado que mesmo assim não conseguiu passar por original.

Na outra vez, foram as antípodas. Um bote a remo, metafisicamente mais humilde, para uma pescaria no Guarujá com Raul e um primo seu que vivia por ali e era tão caiçara que gozava de si mesmo dizendo que tinha sangue de bacalhau. Fetichismos à parte, era um *expert* em aquários e estudava oceanografia, e na faculdade, de acordo com a voz comum do professorado, estava literalmente como um peixe na água. Apesar de ser há tantos anos, Derek poderia recordar-se exata-

mente numa manhã seguinte ao Natal. O mar estava agitado, e ele se mareou e vomitou pela amurada. Lembrava-se da mancha amarelada que não queria afundar e ia seguindo o barco, dando um silencioso testemunho aos sete mares contra o panaca a bordo, e protegendo duas uvas passas da fatia de panetone do café no seu bojo.

Longe de qualquer dúvida, a pescaria fora muitíssimo mais divertida que a recepção!

— Dek!

Fágol o chamava. Derek olhou-o pelos ombros, tentando parar de rir.

— O que é tão engraçado, Dek?

— Oh, nada, Fágol, nada. Só recordações... como você está? Larrin já foi dormir?

O viniorri estava parado no meio do convés, mãos nas costas e olhar perdido entre o mar e o convés diante do humano.

— Ah, Fágol, a propósito... temos que voltar a trocar de roupa. Esse traje do juiz liagávi é muito mais grosso do que o seu manto, e você não precisa de mais pêlos!

O médico acenou concordando e aproximou-se da amurada.

— O que você fará agora, Dek?

— Hmm?

— Você chegará no solo da ilha em menos de três dias. O que espera fazer?

— Eu? Bem, a verdade é que ainda não sei! Nem sabemos como vamos encontrar Salúquin, se atacada, sitiada...

— Você pretende ajudar os sálquie nessa guerra?

— Eu? Lógico! — respondeu sem pensar, mas engasgou — Digo, não que eu tenha *raiva* dos liagávie, ou dos seus aliados. Digo, você me entende, não é? Os sálquie não vão querer conquistar a Potestade... e eu acho que só teria que ajudá-los a se defender e a expulsar invasores mal intencionados... Se os sálquie quiserem a minha ajuda, naturalmente.

Derek apoiou-se na amurada, tentando dissimular o embaraço.

— O que você quererá em Vantimiso, Dek?

Fágol apenas olhava para o mar, com uma expressão fria e esquisita. Então Derek lembrou-se de que não haviam concluído propriamente o estranho diálogo dentro do salão do Conselho, e pelo jeito aquilo era importante para o viniorri.

— O que eu quererei? Ora, Fágol, droga! Por que a pergunta? Eu te respondo, mas antes também quero te fazer uma pergunta: aonde você quer chegar?

— Pensava que isso fosse evidente, Dek! Você é um estranho neste mundo, mas crê que está retornando aos seus—

— Eu não disse isso! — atalhou ríspido o humano. Mas imediatamente percebeu que o viniorri tinha lá a sua razão, e que ele sabia disso!

— Mas você não está retornando aos seus iguais, Dek. — continuou o médico, impassível — você encontrará em Vantimiso a mesma recepção que Gimiso ou Larrin lhe ofereceram em Tarrajcalo.

Derek se animou com sinceridade.

— Sério? Você acha mesmo?

— Estou seguro disso, hum...—Dek. Estou seguro de que você não vai encontrar o lar que você espera, mas um curral.

O sangue fugiu do rosto do humano e ele sentiu por um breve instante o chão desaparecendo. Girou de frente, cara a cara com o médico.

— Sabe de uma coisa, Fágol? — disse, com heróica tranqüilidade — Você é uma das poucas pessoas que eu conheço que se beneficiariam de um pouco de correção política!

— E você passará a gostar desse curral, Dek—

— *Não use essa palavra!!* — bramiu o humano.

Mas Fágol estava num daqueles dias em que a gente realmente já perdeu todo o interesse pela opinião da humanidade a nosso respeito.

— E você chamará esse curral de *lar*. Sinto que estou ajudando a recriar Vilárrentla em Vantimiso!

— Mas isso então tinha que te deixar orgulhoso e feliz, Fágol! — disse Derek, com o tom mais cruelmente irônico que pôde encontrar — Tanto se você ainda é um admirador de Vilárrentla, porque está trabalhando para difundir a sua memória, como se você é apenas inimigo de Vantimiso, porque está trabalhando para que eles se danem no final! Você viu como a coisa acaba. Você sempre sairá ganhando!

Como bom médico, Fágol prontamente reagiu ao veneno daquelas palavras.

— Você está enganado, Dek!! — exclamou, alarmando-se como um réu — Completamente enganado! Como eu poderia *desejar*... eu, eu não quero ser inimigo de ninguém, Dek!

— Então, veja, Fágol, deixe-me fazer mais uma pergunta, muito simples: por que você sempre esteve tão convencido de que eu sou um tamanho filho de uma puta assim?

— Uma o quê?

— *Esqueça!* O que eu quero dizer é que você também está completamente enganado a meu respeito! — Derek quase o agarrou pelos colarinhos, de raiva e um pouco de pena daquele incrível chato — De verdade mesmo que, para você, eu sou tão cruel, perverso, diabólico e inescrupuloso assim? Eu não quero dominar o mundo; eu não quero dominar nada nem ninguém!

Fágol arregalou os olhos. Era difícil fazer-se entender por aquele humano!

— Oh, não é isso, Dek! — gemeu ele — Onde quer que você vá, quem quer que você encontre, faça o que você fizer! Os sálquie vão se comportar diferente! Eles irão formar-se em curral para você... a despeito dos seus desejos! Está na sua voz... está no seu olhar! Felizes daqueles que amarem você, como estes seus sálquie! Os que hesitem... como eu hesito... serão destruídos!

Derek golpeou a amurada com raiva e asco.

— Vai pro inferno, Fágol! Você é louco! — cuspiu a meia-voz.

Mas o viniorri já estava demasiadamente perdido nas sombras das próprias elucubrações para se arrasar com auxílio externo. Encurvou-se, balançou a cabeça num ricto nervoso, como se falando com fantasmas. O peso que lhe oprimia o coração dividido passou às pernas, que se dobraram lentamente, até que ele se sentou de costas para a amurada, a cabeça pendida no meio dos joelhos. Ele bem que nunca tivera muitas esperanças de êxito!

— Você quebrará e se quebrará! Se você estima tanto os seus sálquie, Dek, você tem que desaparecer.

Então, mesmo Derek teve um acesso inexplicável de compaixão pela lástima viniorri atirada no convés, tão perdida no seu próprio mundo de pelejas. E acreditou compreender num relance em que ponto o pino daquela alma batia. O viniorri... o Sudeste, estavam aleijados! Amputados há tempos daquilo... daquilo o quê, meu Deus? Daquilo... que era o patrimônio espiritual dos sálquie, o lastro-ouro da sua saúde mental! Aquela consciência da própria vulnerabilidade, que ia de mãos dadas ao quase instintivo senso de submissão, coisas que tanto o chocaram, a si próprio, no início! Mas o Sudeste fora mutilado; sofrera uma tétrica vivissecção ontológica! Drogaram as crianças e deram-lhe armas de verdade para brincar; em lugar da vulnerabilidade, implantaram-lhes o deleite no calor alienígena do poder; sua submissão fora violentada por quem não a compreendera, e a chamara de fraqueza, e se colocara hereticamente como alvo desse instinto e, com todas as boas intenções que se pudessem creditar-lhe, o pusera ao seu serviço, como um sinal de trânsito que julgasse que era a si que os automóveis tinham que se dirigir. Ou como alguém que se impusesse como protetor da mulher que acabou de estuprar.

Fágol estava cansado e desiludido com os sinais que o afastavam da sua casa, e frustrado pela conta da ressaca que não pediu.

A mente de Derek zunia. Ficou imaginando como o médico reagiria se ele se prostrasse aos seus pés agora. Mas ele nunca seria capaz disso! Derek era por demais fruto da própria raça, e há coisas que só em momentos melhores poderiam ter sido feitas.

Sentou-se ele também.

— Sabe, Fágol? Bem, eu... me desculpe os maus modos, OK? Eu apenas queria dizer que os erros não têm necessariamente por que se repetirem. Os sálquie, e todos... não são animais!... Eles não são o Toba! Eles podem me conhecer e decidir se vão ou não vão com a minha cara! Tá certo que eu tive muita sorte e a minha amostragem é viciada; no primeiro lance ganhei meu melhor amigo e no segundo a minha esposa! Mas eu sei que a paciência deles também tem limites, e por Elpa! Eles têm que me agradecer muito, porque eu os obriguei a reforçar e patrulhar e desenvolver muito mais esses limites!

Fágol o observou intrigado.

— De qualquer forma, — continuou o humano — é absurdo pensar que eles se sentiram compelidos a gostar de mim! Se eu devesse provocar alguma reação irresistível, acho que seria exatamente a oposta! — e riu sozinho — É só perguntar para o pessoal da minha classe na faculdade. Graças a Deus você está certo num ponto: eles me estimam, me querem... mas me querem porque querem querer-me, e por quererem-me, querem que eu queira com eles, entende? Se eu tenho algo de “irresistível”, é porque *eles* são *bons!* Na minha terra, dizem que a bondade está nos olhos de quem a vê. Agora, se esse que vê não está tendo alucinações, deve estar vendo algo *real*! E é por isso que eu agora estou tão agradecido e obrigado para com eles. Pois eles decidiram filtrar toda a porcaria que eu exalo e apostar naquele miolinho de “cara legal”... e me mostraram esse miolinho, que eu nem sabia que tinha! É... é tão claro isso, Fágol! Eu devo muito mais a eles do que eles a mim!

O médico relaxou um pouco a face.

— Da minha parte, — continuou Derek — eu também sou livre para não querer ter escravos, para encontrar o meu lugar, para fazer o que eles achem que valha a pena, para ajudar naquilo que eles achem que a minha colaboração sirva para algo. E eu também sou livre para não querer ser Deus.

— Não sei o que o futuro reserva para tão belos desejos, Dek!

— Eu também não! Mas podemos aprender do passado. Vocês tiveram azar com o passado, Fágol, e isso é tudo! Vocês têm que sacudir o trauma dele de cima de vocês! Você não tem belos desejos para o futuro?

O médico cerrou os olhos e apoiou a cabeça na amurada.

— Há muito tempo, — disse Derek, mais para si do que para o viniorri — há muito tempo Larrin me perguntou algo sobre o que eu achava da minha “missão”. Pode ser que seja isso, ajudar a consertar as bobagens de Vilárrentla.

Parou para considerar uma idéia, e sorriu para o médico.

— E, sabe, Fágol? Pode ser que eu já tenha começado! Um viniorri não deve poder contar com muitos sálquie entre os seus amigos, não?

Fágol estranhou-se.

— Acaso espera que eu vá viver em Vantimiso?

— Oh, não, não! Você tem muito o que fazer em Viniorr! Larrin deu o pontapé, ou a pedrada inicial. Penso que haverá muitas pedras para serem recolocadas no lugar na sua terra! É muito provável que nada volte a ser exatamente como era antes, que a estrela nunca desapareça das suas testas, mas não acho que seja impossível reconstruir um mundo com elas! Deve ser bom ter mais cores de pêlos no mercado de Segusii, eu acho.

O médico pensou muito e, então, sorriu pela primeira vez naquela jornada.

— Sem o sangue de Vilárrentla que corre nas suas veias, Dek, isso será muito difícil!

— Oh, mas isto não é uma despedida! Quando tudo isto passar, imagino que Gimiso gostará de passar uma temporada em Viniorri para rever os amigos! Basta deixarem-nos dormir em paz.

Pouco depois, Fágol desceu aos camarotes para repousar. Derek voltou a contemplar o céu frio e limpo, presa de uma felicidade tão grande que era difícil suportar sozinho.

Tão grande, de fato, que se cristalizou num corpo que o abraçou pelas costas com muita força, um corpo que despertara preocupado, e que buscara o seu complemento, e que ouvira em oculto tudo aquilo que ele julgava ser apenas do domínio do médico e das ondas.

Derek tomou as mãos da sálquile e as beijou sem parar.

— *Issa manimisactla*, Gimi! Como eu te amo!

V-XVII

A perplexidade do corpulento sálqui de pêlos negros não tinha limites, e ameaçava exaurir-lhe as últimas forças que sobreviveram ao duro embate de tensões dos últimos dois dias. Vindo de Gunolífin, na Cabeça do Hipocampo, o comandante da resistência na foz do Palarrco nunca havia visto tamanho potencial náutico apresentado pelos liagávie. Como em muitos outros dos seus companheiros, a mera vista dos grandes cruzadores e das escunas ligeiras com armas não classificadas, e muito provavelmente contendo ogivas de lechi, provocava uma reação involuntária de abaixar as orelhas e tremores na cauda. Ninguém podia ou tentava dissimular esses sinais, pois o cheiro de medo já impregnava cada canto da torre de vigia. A qualquer momento a inacreditavelmente bem orquestrada esquadra da Potestade poderia ter aberto fogo, de qualquer ponto do horizonte e de alguns focos infiltrados em terra. Estes eram a missão principal do comandante de Gunolífin, que acrescentava ao seu desespero a tardança das embarcações da sua própria gente, atrasadas por uma escaramuça lá para as distantes bandas de Luferr. As naus liagávie luziam com imponência sob os fachos de Lass que conseguiam trespassar o pesado manto das nuvens, pousadas com fingida tranqüilidade sobre as calmas vagas de Oncadam. O comandante já sabia por então que essas mesmas águas poderiam ser torturadas pelos novos torpedos ondulatórios de Vessin, entretanto talvez estivesse mais calmo se pudesse saber que essa arma não tinha efeito na curta distância que as separavam do litoral. Sossegados, aparentemente, apenas os liagávie, que exibiam o seu poderio sem pressas, sabendo que o medo e a apreensão trabalhavam para eles.

E quando finalmente se decidiram por uma manobra, escolheram a que deixaria os seus inimigos mais estupefatos.

Os liagávie batiam em retirada.

Depois de dois dias de nervosa observação, já não havia lugar para dúvidas: a esquadra de Vessin diminuía à hora. No início, conforme era reportado aos de Vantimiso, retiraram-se durante a noite, mas logo pareceram perder o pudor, e o comandante sálqui pôde acompanhar por si próprio duas ou três graúdas embarcações desaparecendo no horizonte meridional. Ele já conhecia muito os liagávie para permitir-se festejar essa aparente bênção de Elpa, embora em nenhuma das suas projeções mentais conseguisse atinar para a vantagem que os de Vessin pudessem estar perseguindo com essa manobra. Vantagens! A súbita organização das tropas e esquadras do Sudeste, aliada às suas novas armas, nunca tiveram Vantimiso tão à sua mercê como naquele cerco à foz do rio que controlava o acesso para a sua capital. Nenhum comunicado otimista fazia-se ouvir pelo rádio; certamente essa redistribuição dos seus inimigos não respondia a uma necessidade de reforçar as estratégicas posições do Estreito de Luferr. Apenas Elpa saberia o que estava acontecendo, e isso era um motivo mais que suficiente para que o cético sálqui de Gunolífin forçasse o seu corpo destroçado a uma vigília que já durava quarenta e oito horas.

Açoitada por ordens confusas de recuo, contraditas pelo almirantado que não podia crer que a chance das suas vidas pudesse escapar-lhes das mãos com tanta facilidade, a frota liagávi ia lentamente experimentando o efeito corrosivo das notícias cada vez mais claras e menos preocupadas com eventuais escutas sálquie: o Conselho de Vessin fora atacado, destruído, e era imperativo o retorno das forças armadas para assegurar a ordem em meio a uma população assustada e violenta, em embate contra os podiajj, que enfrentava além disso a fúria dos elementos, a guerra encarniçada entre uma tempestade impetuosa e o deserto da sua própria criação. Falava-se em evacuar, ou até em destruir os Portos, tudo numa atmosfera de confusão selvagem que já pouco cuidava da eficiência da manobra contra Vantimiso, ou da salvação dos seus próprios milicianos que seriam forçosamente abandonados em terra ilhéia durante a retirada. O almirantado tentou insurgir-se contra os comandantes que atenderam às determinações dos Portos por conta própria, para em seguida ter que se haver com motins irracionais dentre a tripulação que ainda restava na costa de Vantimiso, até que finalmente experimentou dissensões internas poderosas.

Em meio à avalanche de conflitos e de tensões, ninguém teve tempo de reparar, ao anoitecer do segundo dia, numa escuna da Guarda Portuária com o rádio danificado, que calmamente aproximou-se da praia num ponto de pouca presença sálqui. Depois, atenderia com prontidão às determinações de recuo e tornaria ao sul por uma rota que, no início, diferia apenas ligeiramente da das grandes embarcações da sua esquadra, mas que finalmente a conduziria às verdejantes costas de Viniorr.

Quando finalmente pôs os pés em Vantimiso, Derek já não esperava mais aqueles surtos de emoção arrepiante que essa idéia lhe provocava antes, quando pensava no seu futuro. Pisava aquele solo, lendário e sagrado ao mesmo tempo, com a estranha serenidade dos sálquie, serenidade essa que, à falta de ter nascido naquelas terras, lhe custou todas as dores concentradas do exílio, e nunca se julgaria capaz de suportá-las, e nunca se daria conta do que poderiam fazer com ele. Contudo, ansiava por aquele momento; não mais como o condenado pode ansiar pela execução da sentença. Estava na terra de Gimiso. Estava na terra de Larrin. Estavam em casa.

Calados, embriagavam-se com os aromas, as paisagens e a alma pulsante da sua terra natal.

O céu prometia uma nevasca nas vizinhanças de Salúquin. Ao redor do grupo de foragidos não havia viv'alma, o que era de se agradecer. Ao longe podiam avistar algumas estradas que seguiam o contorno litorâneo, para meterem-se terreno adentro quando se aproximavam do costão rochoso que Fágol escolhera para o desembarque. Derek julgou distinguir no lusco-fusco apenas alguns milicianos atravessaram rapidamente em pequenos pelotões, afastando-se rumo a floresta à leste. Quiçá preparando-se para a ofensiva liagávi. Ao menos, era o que julgavam.

Começou a garoar forte. O vento molhado e gelado zunia nos ouvidos. O sangue fugia do rosto do humano. Derek apertou mais seu manto liagávi ao redor das mãos e do pescoço para se proteger da gelada brisa norte.

— Bem-vindo a Vantimiso, Dek — disse Larrin.

Derek envelheceu muito naquele ano.

Apesar do barco de assalto estar capacitado para subir rios contra a corrente, Larrin era da opinião mais do que razoável que deveriam seguir em direção a Salúquin a pé. Em bom ritmo, poderiam estar lá à meia manhã do dia seguinte.

— Nossa primeira providência deve ser ocultar este barco e as nossas trilhas — disse Larrin. — Apesar de estarmos em casa, seria difícil explicar a nossa presença aqui, nestas circunstâncias, aos nossos milicianos.

Com o pouco da luz de Maluoncha que se filtrava pelo céu nublado, Derek observou os andrajos que os cobriam e não conseguiu evitar o sorriso.

— Bem, está muito bem. Mas vamos fazer algo logo; não vamos ficar aqui parados porque eu estou morrendo de frio! — disse o humano.

— Derek, você acha que consegue nos acompanhar? Talvez fosse melhor irmos em busca de socorro enquanto você espera aqui. — sugeriu Gimiso.

Larrin ia protestar, mas Derek adiantou-se.

— Não, não. Se eu não precisar carregar o Larrin, tudo bem. Posso até ir à frente para preparar um café para quando vocês chegarem. Sim, ou um chocolate quente... bem quentinho. P-por Elpa, como faz frio aqui! A que latitude estamos?

A sálquile ajeitou-lhe melhor o colarinho do pesado manto liagávi. Derek tomou a mão de Gimiso entre as suas, sentindo todo o calor de que poderia estar desfrutando caso o seu metabolismo estivesse melhor ajustado. Larrin o observou por um tempo.

— Derek, você acha que consegue? Não gosto da idéia de nos separarmos aqui. Pode haver retardatários liagávie em qualquer lugar destas matas.

— Não se preocupe comigo. — respondeu Derek — Eu não estou cansado. Aliás, para ser sincero estava me sentindo ótimo até mesmo durante a fuga do Conselho. Apenas tenho frio, e não acho que ficar aqui parado vá ajudar.

Larrin anuiu. "Seja!"

Liderados por Gimiso, que novamente fora incumbida de portar o imobilizador, o grupo deambulou sem sentido lógico pela zona da floresta da franja marítima antes de empreender o caminho certeiro adiante, uma precaução extra pata tentar despistar quem quer que se deparasse por acidente com a sua pista. O silêncio e a escuridão eram quase totais, esta cortada apenas pelas cada vez menos freqüentes aparições do véu lunar de Maluoncha por entre as nuvens baixas que anunciavam uma nevasca para breve, e aquele interrompido apenas pelos inevitáveis galhos e pedras soltas que os pés de Derek teimavam em acertar. Os sálquie e Toba — até mesmo o cão desembaraçava-se melhor — prosseguiam com extrema cautela, e Gimiso demorou um pouco para afastar da mente o nervosismo causado pela falta de destreza do seu esposo. Mas nada podia fazer agora senão recomendar-se a Elpa e continuar adiante.

A manhã se fez notar pela luminosidade leitosa e baça da camada de nuvens avermelhadas. De acordo com Larrin, que era quem melhor conhecia a região da foz e do leito do torrencial Palarrco, audível ao longe, já estavam nas periferias de Salúquin. Arrfínan, sua cidade natal, estava também próxima, a uma centena de quilômetros a oeste. Mas o vento agora não lhe trazia lembranças de casa, pois soprava do interior. Quiçá levaria notícias suas aos seus preocupados pais.

Larrin sacudiu a distração e assumiu a liderança do grupo por um quarto de hora, até que de fato deram numa estrada pouco transitada.

— Esta via dá acesso direto à ala ocidental da cidade, terminando exatamente detrás do Palácio da Audição — informou o sálqui. — Daqui em diante, creio que seria melhor ocultar a sua presença, Derek, para não mencionar a de Toba. Julgo mais apropriado que eu vá sozinho avaliar a situação da cidade, e verificar onde e como podemos introduzi-lo sem provocar questões desnecessárias por enquanto.

— Mas, e os liagávie? — perguntou Derek — Você acha que já estamos a salvo deles?

— Não sei, Dek. Mas se eles já chegaram até este ponto, então pouco resta de esperanças para Salúquin. Confio encontrar as nossas tropas em breve, e de preferência sozinho.

Derek e Gimiso se entreolharam.

— Mas você está vestido como um prisioneiro liagávi, Lirri. — disse Gimiso.

— Sim. Todos nós estamos. Mas não temos como alterar isto agora. É por isso que pretendo ir pela estrada, e não pela floresta.

— Oh, Lirri... — ganiu Gimiso, preocupada. Estendeu-lhe o imobilizador. — Ao menos leve-o consigo.

Larrin observou a arma, indeciso.

— Não sei se é uma boa idéia, Gimi. Que faria um prisioneiro dos liagávie andando armado ao redor de Salúquin? Além disso, como vocês se defenderiam?

— Mas, e como *você* se defenderia de liagávie no caminho? — retrucou a sálquile.

Batendo os dentes de frio, Derek interrompeu.

— Os de Salúquin não vão reconhecê-lo como um deles assim que o avistarem, Larrin? Por que então se preocupar com ser confundido com um espião liagávi?

— Bem, Dek, alguns de nós poderiam ter sido torturados pelo medo... e forçados a colaborar. Nunca como espiões; os liagávie não confiariam nisso. Bastam-lhes pessoas que trabalhem para diminuir a moral das nossas fileiras. Se eu entrasse em Salúquin aos gritos de "*lechi, lechi*", os liagávie teriam logrado uma conquista nada desprezível na guerra de tensões.

— Ora bolas! Então vá pelado!

Larrin e Gimiso encararam o humano, atônitos.

— Chamar a atenção por chamar a atenção... — divagava Derek, olhando para o chão — Se algum elemento sempre vai chamar a atenção e lhe trair, minimize-os ao limite. O limite é o seu corpo. Ninguém poderá tirar nenhuma conclusão equivocada da sua... sinceridade natural, por assim dizer, aquela sinceridade com que você veio ao mundo. Vai ver que é por isso que nascemos pelados... E certamente seria absurdo o suficiente para que ao menos eles pensassem em perguntar antes de atirar.

O rosto de Larrin iluminou-se num sorriso.

— Dek, é uma excelente idéia!

— Lirri! — exclamou Gimiso.

— De nada. Apenas faça isso atrás daquela moita; há senhoras presentes. Mesmo que eu quisesse, não poderia te emprestar um calção..., ou uma cueca. Se bem que não serviria muito, de qualquer modo. Não cobriria a tua cauda — aliás, ela brotou de novo. Você já reparou?

Derek, Gimiso e Toba acomodaram-se sob uns densos arbustos à beira da estrada, enquanto Larrin seguia o seu caminho, desprovido de uniformes e armas, apenas um modesto trapo amarrado à cintura.

— Você não gostou da idéia, não é? — perguntou Derek, de repente.

— Por que diz isso?

— Você está muito quieta. Deve estar brava comigo.

— Oh, não, Dek! Estive pensando no que você disse ao Larrin.

— Sim?

— Sobre... como você a chamou? “Sinceridade natural”. Você andou estudando a Vulnerabilidade, Dek?

— Não. Por quê?

— É a imagem clássica que Tarrílan e Sancaaton usavam para descrever o tauna. Apresentarmo-nos a Elpa como somos.

Derek puxou Toba mais para perto dos seus pés.

— Sim, é mesmo. Lembro-me de ter visto Larrin sem a parte de cima da túnica na tauna, uma vez.

— É um sinal, Dek. Um sinal de que Elpa nos quer... a *nós*. Ao nosso corpo, às nossas vontades. É por isso que se *caminha* em direção ao quída. Você sabia que nós somos enterrados despidos?

Derek franziu o cenho.

— Como entramos em Segusii, assim saímos de Segusii, adereçados apenas com o que Segusii nos ofereceu e ensinou. Amores, vontades... a camborr.

— E os liagávie? — perguntou Derek.

— Eles se puseram fora do espelho. Por sinal, há uma ambigüidade interessante na origem do nome Vantimiso, você sabia?

— Não. Achava que era apenas “Ilha Formosa”.

— Sim, *vantei* de fato significa “ilha”. Mas existe outra palavra, *vante*, que designa a imagem refletida por uma superfície de água. Com o tempo, acabou se transformando num sinônimo um tanto arcaico para “espelho”; é usada apenas no vini litúrgico ou na poesia. Daí que não saibamos ao certo o que Talcádi tinha em mente quando batizou a nossa terra.

— Então poderia significar também “Espelho Formoso”?

— Exato, Dek. Vantimiso seria então a terra que mostra às pessoas o que elas são.

— Ah, sim. Já ouvi isso antes.

— Daí que parte importante da nossa lição de vida em Segusii seja aquilo que deu título a uma maravilhosa obra de Tarrílan, “Estar atento em Vantimiso”.

— E os liagávie não querem saber disso.

— O que não torna o espelho menos eficaz. Dar-lhe as costas não vai resolver o problema da sua imundície.

A escolha da palavra chocou um pouco o humano, mas resolveu não admoestar novamente a sua esposa. Sentia os membros entorpecidos lentamente tornando à vida com o calor combinado do cão aos seus pés e da sálquile aninhada em seus braços. Teriam muito tempo para conversar ainda naquele solo sagrado de Vantimiso.

— Se você queria um bom argumento para convencer Larrin, não poderia ter escolhido melhor. — disse Gimiso, a um Derek já adormecido.

Larrin reconhecia bem os arredores. Já trilhara esta mesma estrada, em sentido contrário, em companhia de Kitigazit e Lunen, os dois filhos mais velhos de Zutarrs, que o ciceronearam há três leie quando da sua primeira visita à Capital. O projeto inicial do passeio era abandonar a estrada de rocha basáltica antes dela desviar-se a norte, aos pés das montanhas de Brridii, a cadeia que separava a franja litorânea de Arrfínan do resto da região. Cruzariam pelas montanhas na linha mais reta possível até a cidade de Larrin, a dois dias de caminhada, onde seriam recebidos em sua casa antes de tomarem um barco de regresso a Salúquin. Não esperavam, porém, encontrar um bando de sivtarrie nas encostas, que migrava ao norte para fugir do calor do verão e buscar novos campos de caça de tivla. Kitigazit era um verdadeiro apaixonado pelo comportamento dos grandes caçadores da Terra Seca, lissie e sivtarrie, de modo que acabou convencendo seus dois companheiros a prosseguirem com o bando. Fizeram vida comum com as cinco feras por alguns dias. Ensinado por Kitigazit, Larrin aprendeu a adormecer um sivtarr à força de afagos atrás das orelhas e no ventre. Até que encontraram um entreposto de armazenamento de peles, onde descobriram que já estavam em plena taiga da Cabeça do Hipocampo, quase duzentos quilômetros ao norte de Salúquin. Larrin recordava-se de ter estado um pouco ansioso, pela hospitalidade que já não poderia oferecer aos amigos, e por estar em território completamente desconhecido. Toda a sua vida até então fora passada junto às tribos costeiras. Nunca vira tamanha cerração florestal antes, que lhe oprimia e ao mesmo tempo lhe exigia rendição, contato e atenção a todos os novos sons, odores e paisagens. Muitas vezes depois, tornaria a perambular pela floresta, algumas vezes sozinho, abrindo sua mente forjada pelo oceano à beleza misteriosa do coração da sua terra.

Caminhando a sós agora, Larrin olhou pelo ombro esquerdo para tentar discernir Brridii, mas as copas das árvores e as densas nuvens a bloqueavam. E naquele momento começaram a cair os primeiros flocos de neve, pesados, desimpedidos pela falta de ventos. Enquanto permanecesse seco, o miliciano sabia que não necessitaria de mais proteção do que a do próprio pelame de duas camadas, mas o gelo ao derreter-se sobre o seu corpo poderia em breve começar a incomodar. Apertou o passo, portanto, sabendo que uma boa hora de jornada ainda o separava do perímetro urbano da cidade.

Foi nesse momento que ouviu um ruído nos arbustos à sua esquerda. Preparou-se por instinto para saltar para fora da estrada, mas não teve tempo. Dois vultos armados apareceram diante dele.

— Parado, irmão! — gritou-lhe um deles, franzino, por trás do imobilizador — Quem é você e o que faz aqui?

Larrin baixou olhos e orelhas, e abriu os braços como para a tauna.

— Venho em paz, irmãos. — respondeu — Fui atacado por liagávie juntamente com dois companheiros. Agora estou sozinho, e buscando ajuda.

O sálqui franzino que lhe rendera consultou o ar ao seu redor por alguns momentos, e depois abaixou a arma.

— Qual é o seu nome, irmão?

— Sou Larrin Kávilik, da tribo de Arrfínan, assistente de pesquisa dos serviços de transformações de Salúquin.

Era a verdade, embora não completa. Mesmo nesta situação, Larrin ainda não se sentia permitido a ventilar o título da sua missão sem que uma patente superior e autorizada o requisitasse.

Observou que os seus captores traziam elegantes mantos negros sem emblemas sobre a túnica uniformizada. Atrapalhado pela neve, Larrin não pôde reconhecer-lhes as insígnias. Mas o que o preocupava era que o acompanhante do sálqui franzino ainda o tinha sob mira. O outro percebeu, e fê-lo abaixar o imobilizador.

— *Feirr-Elpa taiagini*, Larrin Kávilik de Arrfínan. Podemos oferecer auxílio para a viagem até Salúquin. Quantos companheiros você deixou para trás?

Larrin vacilou por um instante.

— Outros dois... além de um animal... ferido, que necessita ser atendido.

O sálqui pensou por um momento.

— Pois bem. Nosso veículo comporta quatro passageiros. Podemos facilmente fazer duas viagens.

E murmurou algo para seu colega, para depois se dirigir novamente a Larrin.

— Arralin o acompanhará até os seus, Larrin, enquanto trago o nosso veículo.

A mente de Larrin mal atinou para essas palavras, frenética como estava considerando o que deveria fazer. Talvez já fosse mais do que tempo de apresentar Derek ao povo de Segusii, mas perturbava-se porque ainda não havia pensado em *como* fazer isso do modo menos traumático possível — para Derek e para o seu povo.

— Irmão! — chamou Larrin. O miliciano voltou-se — Há algo... algo que eu d-deveria explicar-lhes antes...

Mas Larrin não conseguiu prosseguir. Atônito, percebeu que Arralin de repente parou diante de si e caiu de joelhos no solo nevado. Tinha os olhos esbugalhados e respirava com dificuldade.

— Arralin! Arralin! O que houve? — gritou o seu companheiro.

Larrin observava imóvel como o jovem Arralin se contorcia em silêncio no chão, sem absolutamente nenhuma idéia do que fazer. O sálqui finalmente deitou-se trêmulo em posição fetal, com o rosto atolado na neve suja.

— Arr... Raul! O que houve? O que está acontecendo?

Raul limpou o rosto, corando de vergonha e sentindo o frio penetrar-lhe até os ossos. Sentou-se ainda um pouco zonzo diante de Mavlii e Larrin, de olhos cravados no chão.

— S-sinto muito, Mavlii... não pude evitar. E aca Deorr me disse que era por tempo limitado também...

Mavlii não entendeu nada, mas Larrin, saindo do seu desconcerto, elevou os olhos até as copas das árvores e rezou a Elpa.

— Está tudo bem, Raul. — disse Larrin, dirigindo-se a ele em português — Não é ainda o momento de explicações, afinal.

Gimiso foi despertada pelo ruído inequívoco de passos mal camuflados pela neve. Bocejou, sacudiu-se e reparou que, mesmo protegidos pelos arbustos, não foram inteiramente poupados de serem cobertos por flocos de gelo. Limpou a cabeça de Derek, que grunhiu, e as costas de Toba. Larrin apareceu de repente.

— Gimi, temos... visitas.

A sálquile sentou-se, ainda escorando Derek, e observou que dois vultos surgiam às costas de Larrin. Antes que pudesse dizer o que fosse, entretanto, a floresta foi sacudida por um grito de júbilo.

— *Dek!!*

Derek despertou assustado, e chutou a boca de Toba. Mas Raul já praticamente se atirou sobre os dois.

— Dek! Toba! Dek! Vocês... vocês estão vivos! Você está vivo! Uau, rapaz, que bom te ver de novo! Ei, Toba! Calma, calma, Toba, senta!

— Raul?

— É, sou eu mesmo! Acorda, Dek! — Raul o chacoalhou pelos colarinhos — Seu pai veio... nós viemos te encontrar! Nós te achamos, Dek! Meu Deus, você não sabe... Anda, meu chapa, levante-se!

Derek ainda estava tonto de sono e de surpresa. Mas não ofereceu resistência ao ser içado do chão.

— *Pé-no-brek! Pé-no-brek!* — provocou Raul — O chato número um da classe. O geninho que já está praticamente jubilado do Instituto! Pô, Dek, tenho... *tanta* coisa para te contar! Venha, vamos procurar o teu pai antes que ele suma!

Derek sentiu vertigens. Começou a rir e a chorar ao mesmo tempo.

— Meu pai... está aqui? Ele veio mesmo? Deus do céu... eu não acredito. Como é que ele está? Onde? Há quanto tempo foi isso?

— Venha, venha, Dek! Vamos procurá-lo! Já, o nosso cronograma está muito atrasado e eu tinha prometido reencontrá-los há dias! Vamos! — e voltou-se para o piloto — Mavlii, agora só temos que achar o doutor Ericsson e o engenheiro Okami. Você tem alguma idéia de onde podemos...

Mas Mavlii sacudia a cabeça e as mãos.

— Ele não pode entendê-lo, Raul — disse Larrin.

— Como não? Se até ag- Ei! Ei, é verdade! Eu... ai, meu Deus! Eu não consigo mais falar vini! — franziu o cenho tentando se concentrar — Argh! Não... não consigo! Dek! Eu não consigo mais falar vini!

Derek apenas o observou, estupidificado. Larrin interviu.

— Não se preocupe, Raul. Podemos traduzir para você.

Mesmo assim já se instalaria uma nódoa de tristeza na alma de Raul. Mavlii, o companheiro de tantas aventuras... fora-se! É verdade que ele se recordava de tudo, dos vagões Boitdárraf, da floresta de Barri, de aca Lagivos... mas tudo plasmado agora no seu próprio idioma materno.

Larrin disse algo a Mavlii, que assentiu e indicou-lhes o iítamec estacionado ali perto. Derek mal teve tempo de apresentar Gimiso ao colega, que já resolvia o assunto por conta própria. E já engatou na descrição aos de Tarrajcalo de todo o périplo que o piloto e ele haviam percorrido desde que aportaram em Skídi.

Afinal, conseguiram apertar os cinco passageiros e o cão dentro do iítamec. Mavlii ao volante e Larrin ao seu lado eram os que iam com relativo conforto; atrás, os dois humanos conversavam animados, quase não reparando que estavam praticamente entrechocando os narizes, eclipsando a sálquile com gestos abertos e, por vezes, afogando Toba com joelhadas e pontapés.

Um vagalhão de sentimentos diferentes assolava a mente de Derek. Fazia tanto tempo que não tinha tão próximo de si um outro da sua raça, que teve que se conter para não apalpar o rosto e os cabelos de Raul, tão familiares e tão estranhos. Surpreendeu-se prestando atenção no cheiro do amigo, que na verdade vinha do elegante manto e túnica. Sorriu, imaginando que já havia permanecido tempo demais com os sálquie. Pensou no seu pai, se ele estaria muito nervoso com o seu sumiço, depois na universidade, e no estranho que seria voltar a comer uma pizza.

— O quê? — exclamou Derek — Você trouxe café??

— Sim, mas foi na semana passada. Não sei se sobrou alguma coisa. Mas, se sobrou, já esfriou.

— Não tem importância, a gente requenta! — Derek tinha um brilho infantil no olhar — Gimi, você tem que experimentar isso! É a melhor bebida da face da Terra.

A sálquile se esforçou por sorrir.

— Talvez você não durma bem depois, mas acho que vale a pena tentar — acrescentou Raul.

— Foi você que fez? — perguntou Derek.

— Fui.

— Uau, Gimi! Então você *tem* mesmo que provar. É um café preparado em proporções estequiométricas. Ele faz mágica com o café!

Raul franziu o rosto.

— Qual é, Dek? Você nunca foi disso.

Então o terceiro passageiro do Pégasus lembrou-se que estava ao lado de um Derek diferente. Um Derek que era ele mesmo, mais um ano de convívio entre o povo de Zutarrs. Esta parcela, como ele mesmo experimentara, era capaz de produzir verdadeiros milagres.

— E você consegue entendê-lo quando ele fala vini? — perguntou Raul a Gimiso.

— Oh, sim. Dek fala vini como qualquer um de nós.

Uma luzinha piscou no fundo dos olhos da sálquile. Larrin, que estava de costas, conseguiu perceber.

— Caramba, Dek! Eu aprendi, mas é porque virei um deles.

— Como assim?

Raul explicou-lhes com muitos detalhes as etapas da sua transformação a bordo de Sentiiscánai. Até mesmo Larrin, que estava perdido em conjecturas, prestou atenção — Derek acompanhou o sutil giro das suas orelhas.

— Caramba!... — exclamou Derek ao final — Mas... isso é possível mesmo?

— Acho que não, Dek, mas aconteceu. Pena que durou pouco.

— De fato. Pelo menos você então não estaria passando tanto frio agora.

— Não reclame, Dek. Aqui dentro está ótimo. Nem precisamos de ar condicionado.

— Ainda bem, porque até onde eu vejo não há ar condicionado neste carrinho.

— Carrinho? Por favor, Dek! Este iítamec foi um presente de aca Lagivos, e nos salvou a pele durante metade da viagem pelo menos.

Então Larrin tornou para trás com vivacidade.

— Aca Lagivos? Você conheceu aca Lagivos? Ele foi meu mestre em Arrfínan.

Mais dez minutos em que Raul se desmanchou em louvores ao idoso sálqui e sua esposa. Teve a idéia de mostrar-lhes o seu presente, a arrendi de Reliin, mas estava debaixo do banco onde Gimiso se sentava, e algo no semblante da sálquile disse a Raul que ela estava incomodada. Certamente fatigada pela ordália dos últimos dias.

Larrin e Mavlii encetaram finalmente uma animada conversa sobre o antigo mestre, acabando por descobrir inclusive amigos comuns, temas tão caros à psicologia segusiana que dariam pé a dias e dias de tertúlias que percorreriam com vagar até a última das pontas da camborr social da Ilha.

Em breve ingressaram na cidade de Salúquin, momentos após Mavlii ter coberto os dois humanos com seu manto.

Não se via ninguém nas ruas. Também não se viam muitas ruas daquele setor do porto, pois estavam ocultas pelos bosques no meio dos quais se erguia a Cidade. Os próprios habitantes hesitariam em afirmar quem chegara antes, a Cidade ou a Floresta. À direita, a Floresta quase vencia a Cidade; à esquerda, a Cidade destacava-se mais da Floresta. Observou o terreno ao lado dos pavimentos; o solo da capital de Vantimiso era árido. Blocos de pedra branca brotavam aqui e acolá, de todas as formas e tamanhos, irregulares, mas sempre lisos e perfurados por inúmeros pequenos buracos, como meteoros, embora fossem apenas antigos. A poucos metros das ruas, arbustos de folhas longas e finas já ocultavam bastante do chão, e mais adiante as grandes árvores, por sua vez, escondiam a vegetação rasteira. Vez por outra, aflorava uma casa grande, de tijolos brancos. Mas essas não eram as moradas dos sálquie, e sim hospedarias para os viajantes. Naquela parte de Salúquin próxima dos portos, eram poucas as construções talhadas em rocha. Os sálquie viviam mais ao longe, nas Colinas cobertas de grama vermelha, como uma coroa de fogo sobre os habitantes da cidade abençoada.

Apesar das janelas do iítamec embaçadas, Derek pôde ainda divisar o Palácio da Audição: um imponente edifício de pedras brancas e cinco cúpulas douradas, o análogo Vantimiso do Conselho de Vessin. A área ao redor estava recoberta de árvores à guisa de coníferas, e tudo semi-soterrado na neve dos dias anteriores. "*Taandem arr vs'tiindemitla*", leu Derek, agora com facilidade, gravado no arco de entrada; "*Desigual para desiguais*".

Entretanto, o piloto não lhes ofereceu um espetáculo prolongado. Assim que possívle, logo após cruzar o Palácio da Audição, meteu o iítamec por entre algumas ruelas onde sálque caminhavam isolados e com pressa, como se movidos pelo mesmo propósito. Mantinham a cabeça baixa para se protegerem da nevasca, daí que Raul, e depois Derek, se arriscaram a descobrir totalmente suas cabeças. Larrin não gostou, mas logo Mavlii os conduzia a grande velocidade por outra via expressa que se afastava da cidade rumo a leste.

— Ao que parece, Dek, Zutarrs escolheu como ponto de encontro algum lugar do bosque a-trás dos portos — disse Larrin.

— Mas não pode ter sido *muito* perto, senhor — disse Raul, esticando o pescoço para a frente — O Pégasus faz muito barulho em vôo sub-porta. Teria chamado muito a atenção.

De repente, Derek sentiu um aperto no coração. E se o seu pai tivesse sido feito prisioneiro pelos liagávie? Larrin e Mavlii confabularam por alguns momentos.

— Você tem razão, Raul. Zutarrs indicou a Mavlii que buscasse um ermo no sopé de Unalaquis.

Isso chegou a surpreender Gimiso, que espetou as orelhas no ar.

— É uma região pedregosa ao lado de um vulcão — prosseguiu Larrin. — Calculo que estaremos lá em cinco horas.

— *Cinco* horas? — exclamou Derek, com um desalento tão profundo que afundou ainda mais o semblante da sua amada.

— Calma, Dek, calma! — disse Raul em tom brincalhão — É como uma viagem ao Rio. Lembra daquela vez que fomos ao seminário na Federal? É quase a mesma coisa. Só que a nossa Dutra é muito mais legal.

Mavlii chamou Raul pelo nome, e apontou-lhe a estrada à esquerda com uma palavra:

— Tivla!

Os humanos seguiram o dedo do piloto, e viram um rebanho de tivla selvagem pastando placidamente a uma centena de metros.

— *I-isso* é uma tivla? — disse Raul, boquiaberto.

— Eu não sabia que eram tão grandes! — exclamou Derek — Veja... veja só o tamanho daquele bicho! Quatro metros de altura pelo menos!

— E olha só o chifrinho daquele cidadão ali! Parece uma espada!

— Não é um chifre, seu burro. São presas!

— Então, são como vacas-dente-de-sabre! Só que são peludas como um búfalo, e mal-encaradas como tais.

— Neste caso eu os chamaria de búfalos-dente-de-sabre.

— Céus! Que bicho feio!

Voltando-se para Larrin, Derek perguntou-lhe:

— E vocês caçam isso... na *unha*? Haja imobilizadores para dar conta desses monstrengos!

Raul interrompeu.

— Como assim, Dek? Você nunca tinha visto uma tivla antes?

— Não.

— Mas o que você fez aqui então?

Derek suspirou, fingindo irritação.

— Ao contrário de *alguns*, turismo aqui não foi a minha prioridade.

— Vai pro inferno, Dek.

— Nós os caçamos em grupos, Dek. — disse Larrin — Oito ou mais pessoas, dependendo da manada. Em primeiro lugar, temos que dispersá-los; daí fica mais fácil selecionar o alvo.

— Filhotes incluídos. — disse Gimiso, de repente.

Larrin e os humanos já estavam tão acostumados ao silêncio da sálquile, que não souberam como entender seu estranho tom glacial. Mas ela tinha a mirada fixa no rebanho lá fora, que já ia ficando para trás.

O piloto sorriu e disse algo para Larrin.

— Ah, sim? Raul, Mavlii diz-me que você não apreciou muito a carne da tivla.

Raul corou um pouco.

— Bem, é verdade. — admitiu — É muito forte, gordurosa. Vendo agora esses bichos, acho até que fui longe demais no primeiro bocado.

— Você é um fresco, Raul! — zombou Derek —A tivla é uma delícia! Só falta agora prepará-la numa churrasqueira decente.

— Não seja tão duro com seu amigo, Dek. — disse Larrin, jocoso — Afinal, você também teve dificuldades para se adaptar à nossa dieta.

O rubor de Derek atraiu a atenção de Raul como sangue ao tubarão.

— Aah! É lógico! Você acha que por algum momento eu acreditei que você fosse engolir qualquer coisa sem reclamar antes, Dek? — provocou Raul com tom cruel — Diga-me, senhor Larrin, o que ele fez? Aporrinhou? Vomitou? Cuspiu?

— Raul!

— Aah, cuspiu, então? Aposto que sim! Diga-me, senhor Larrin, o que é que ele fez?

— Pare de chamá-lo de “senhor”! Ele não é o diretor da faculdade.

Larrin já se arrependia do comentário. Ainda não se movia totalmente à vontade entre os laços da velha amizade.

Raul chegou a interpelar Gimiso, mas ela apenas disse, com um sorriso cansado:

— Derek nunca esteve tão bem como com a tivla.

Yoshio Okami observava calado o seu sócio desaparecendo pelas muralhas de rocha cinza sujo de Unalaquis. Quando fora a última vez que o advertira? Talvez há quatro dias. Mas depois percebeu que seria merlhor que Lec Ericsson desafogasse a sua tensão em alguma coisa. Mesmo que fosse colher amostras de pedregulhos vulcânicos de um mundo alienígena.

O doutor Ericsson envelheceu uns duzentos anos naquela semana, calculou o engenheiro. Já fazia tempo que ele parara de amaldiçoar a idéia de se separarem, de amaldiçoar o terceiro passageiro, e apenas por um último laivo de consideração pela doutora Tilec poupara o enviar todo o planeta Segusii e seus habitantes para o mais cáustico dos infernos. E quando Lec Ericsson se calava, um sinal de alerta soava na mente do engenheiro. Mas era inútil segui-lo ou conversar com ele. O cientista queria estar a sós.

Okami mirou a trilha por entre os arbustos ressequidos, donde Ladon deveria surgir a qualquer momento. Graças à sua providência, conseguiram mantimentos extras para suportar a espera — exceto pelos cigarros do doutor Ericsson, cuja falta poderia prejudicar tanto o êxito do projeto como foguetes sem combustível.

O engenheiro foi arrancado das suas elucubrações por um vagido. Tilec embalava seu filho dentro da cabine, alguns passos ao lado. Okami espantava-se com a rapidez com que os pêlos da criaturinha cresciam. Já o recobriam todo, um pelame marrom apenas marcado por um delicado padrão facial de fios negros, sobre os quais o tempo construiria o rosto definitivo de Miacis.

Tilec notou que estava sendo observada e sorriu para o engenheiro. O choro cedeu aos poucos, até que Miacis mergulhou novamente no seu sono inocente.

— O senhor tem filhos, engenheiro?

— Tenho três, senhora.

— Que maravilha! Imagino que já sejam fortes como o senhor.

Okami sorriu.

— O mais velho tem catorze anos. Para a Terra, é ainda um jovem. Mas ele já come como um leão. Espero que ele continue cabendo no apartamento.

Tilec observava o focinho do filho torcendo-se em pequenos espasmos. Será que ele já estaria sonhando?

— Pobre professor Ericsson! — disse a sálquile, de repente — É tão claro o quanto ele está sofrendo!

— A vida não foi fácil para ele, senhora.

A fisióloga queria dizer uma porção de outras coisas, mas o seu português não bastava. Queria dizer o quanto admirava Derek, o seu crescimento, a sua alegria pela etissa e pelo coração que aplicava no trabalho do acampamento. Queria contar-lhes como os seus olhos brilhavam ao descobrir coisas novas em Segusii, e a paixão com que falava da sua terra, e a extraordinária graça do seu relacionamento com Toba. Tendo um filho nas mãos e vendo um pai sem descendência sofrendo ao seu lado, Tilec experimentava uma necessidade de cantar os louvores do filho desaparecido, de dar a voz ao testamento em vida de Derek Alexandersson. Queria manter Derek vivo na mente do pai, antes que a desesperança a selasse.

— Penso que vou sugerir ao doutor Ericsson que nos deixe a sós esperando pelo Raul, senhora. — disse Okami, rompendo o silêncio — Não é justo que vocês continuem praticamente como nossos reféns neste lugar.

— Não diga isso, senhor Okami! — retrucou Tilec com energia — Nunca os deixaríamos a sós numa terra desconhecida!

— Mas o pequeno Miacis...

— Vamos suportar a situação, engenheiro. — atalhou a doutora — Sei que as coisas podem estar piores... por aí.

Ela queria dizer “nesta região do país”.

Okami assentiu agradecido, e ergueu-se para esticar as pernas.

Não reparou portanto na súbita expressão de alerta de Tilec. Ela apontou as orelhas o focinho para a trilha, mas estava contra o vento, e mal teve tempo de balbuciar o nome do engenheiro quando um sálqui estranho apareceu na borda da clareira.

Tilec deitou com cuidado seu filho no banco do veículo e, com uma rapidez que assustou o engenheiro, que estava de costas, avançou urrando para o estranho sem outras armas que as garras e dentes. Apesar do espanto, os ótimos reflexos de Okami o levaram a saltar ao lado da doutora. Medida arriscadíssima para ambos, pois se o intruso não estivesse desarmado nem tropeçado para trás, bastaria um feixe do imobilizador para eliminá-los.

Em meio segundo, o enorme Okami já havia rendido o desconhecido com um *ipon* belissimamente aplicado. Entretanto, outros vultos vindos por trás indicavam reforços.

— Tilec! Não! — gritou uma voz mais atrás.

Era Larrin, inacreditavelmente sólido e real diante da mãe-cientista.

Sua feroz expressão de combate mudou-se por encanto em lágrimas de surpresa. Pois além do seu antigo assistente de laboratório, reconheceu ainda Raul, Derek e Gimiso.

Quando entendeu quem estava ali, Okami se esqueceu da sua ascendência e, sem nenhum recato, atirou-se num amplo abraço sobre os seus conterrâneos. Foi só depois de alguns minutos que Mavlii, que não conhecia quase ninguém nem era concretamente esperado, recebeu não um abraço mas um atrapalhadíssimo pedido de desculpas do engenheiro, mediado por Tilec. Tirando a poeira da roupa, massageando os braços doloridos e com a mais jubilosa expressão de dever cumprido, Mavlii apenas recomendou aos seus que doravante tomassem cuidado com humanos acuados.

Ladon retornaria poucos minutos depois, atraído pela algazarra e o concomitante perigo que ela representava para a segurança daqueles que estavam sob os seus cuidados. Tivera que tomar

cuidado para não dar muito na vista no povoado próximo de Jacla, onde fora buscar alimentos e água. Era o terceiro vilarejo diferente que visitava desde que aterrissaram em Unalaquis, precaução necessária para passar incógnito. Há tanto tempo no serviço militar, sua patente já possuía cheiro próprio, como se dizia, e tinha por todos os meios que evitar ser recrutado *in extremis* pela sua gente agora, malgrado a impressão negativa que isso provocaria.

A cerimônia de abraços e boas vindas se repetiria, ainda que em clima mais temperado. Toba, exímio conhecedor dos temperamentos, sabia que tecnólogo devia ser saudado com caudas a abanar, e sem lambidas. Okami já desaparecera voando em direção às muralhas para trazer seu sócio. Correu tão animado que se esqueceu da providência óbvia de levar Derek consigo.

Saudoso da companhia da mãe, Miacis se fez notar ruidosamente. Nem todas as apresentações tinham terminado.

— Áquile... é o seu filho? — balbuciou Derek.

Sem a menor hesitação, a orgulhosa mãe passou o pequeno aos braços do jovem colega de acampamento. Honrando o sexo e a idade, Derek o tomou como se fosse um saco de batatas. Tentou embalá-lo e mimá-lo, desastrado, e o choro aumentou.

— Dek, ele vai ficar traumatizado! — disse Raul.

Mas Derek roçou então seu nariz no tenro focinho de Miacis, que parou imediatamente de chorar e pôs-se a cheirar intensamente aquela novidade. Então, abriu devagar os olhos.

— Uau! — exclamou Derek, com um suspiro — Que bonitinho! Veja, veja, Gimi! Olhe só os olhos dele que lindos!

Miacis foi transferido para os braços ansiosos da sálquile, que imediatamente se acendeu numa alegria só antes vista em Tarrajcalo. Roçou-lhe o focinho, cantou-lhe e passeou com ele com graça e delicadeza pelo descampado, ganindo de felicidade. Raul pensou consigo, *Ela fica muito mais bonita rindo!*

E foi então que Lec Ericsson surgiu correndo na clareira, vermelho e ofegante.

Após todos os abraços e boa parte das lágrimas terem passado, muitas das novidades urgentes terem sido trocadas e Lec revivido à mais tenra infância, julgou-se que era o momento de partirem. A um aceno quase imperceptível do cientista, Okami tomou sua prancheta e dispunha-se a iniciar o instrumental de navegação do Pégasus. Mas ele não se afastou dois passos antes que o filho do seu parceiro se erguesse.

Derek ficou ao lado de Gimiso com visível embaraço, olhando para o chão e coçando uma coceira que não existia atrás da orelha. Levou um minuto antes de decidir-se a falar, um minuto de séculos para a sálquile, que farejara sua esperança pendendo por um fio de camborr. Lec não percebia nada, e apenas notava como seu filho estava bem apessoado apesar do ano de abandono no extramundo.

Derek observou sua parceira, cujo coração deu um salto quando ele passou a encarar o pai.

— Ehr... pai, eu tenho que lhe dizer uma coisa.

— Sim?

Derek tomou a mão de Gimiso e a apertou com uma força que não queria. E então a sálquile finalmente — *finalmente!* — descansou na certeza e não conseguiu ocultar as lágrimas.

— Pai, nós estamos casados.

Lec não entendeu, o que lhe poderia ser perdoado.

— O quê?

— Gimiso e eu... nos casamos.

— Vocês... estão... *casados*!?

Sem saber porquê, Derek lembrou-se de Fágol. “Se você estima tanto os seus sálquie, Dek, você tem que desaparecer”. Talvez porque sentisse que teria, mais uma vez, que se defender.

— Ei! Isso eu não sabia! — disse Raul, de queixo caído. — Dek, *casado*?

O cientista não dizia nada, mas Derek o respondeu assim mesmo.

— Isso significa, pai, que... eu quero ficar aqui.

Todos os buracos do mundo seriam pouco para tragar o estarrecimento de Lec Ericsson. Demorou um pouco para escolher qual das suas dúvidas era a mais importante.

— Pelos Céus, Dek! O que você está me dizendo? Como é que vocês podem se casar? Vocês... vocês não são sequer... — engasgou, perplexo, mas ainda conseguiu arrematar: — Você é humano. Ela não é.

Derek olhou para Gimiso com tamanha intensidade que pela única vez na vida imaginou vê-la corando também. A sálquile lutava com brio contra as lágrimas que lhe escapavam ao encarar frente a frente seu marido.

— Bem, pai, somos duas pessoas de sexos opostos, afinal.

Lec abanou a cabeça com muita força.

— Mas Dek, e quanto a...

O cientista não sabia que palavras usar, mas pelo olhar lançado em direção a Miacis Derek compreendeu e o atalhou com um gesto econômico e veemente que os iniciados nos usos da família Ericsson sabiam significar "*Já pensei nisso, é minha responsabilidade e está tudo sob controle*".

Lec observava seu filho com lágrimas, mas uma expressão difícil de interpretar. Passou muitos segundos de boca entreaberta, mal piscando, engolindo com força a saliva que já não existia e injetando o olhar em Dek, na sálquile, novamente no filho e vez por outra nos demais. Okami notou que ele não mexia os braços.

Finalmente, suspirou profundamente e limpou o rosto com a manga do macacão.

— Dek! Você tem certeza do que está me dizendo? O que você espera fazer aqui? E a sua faculdade? E a sua vida? E... e nós?

— Pai, eu... eu pensei em tudo, eu sinto muito pelo sofrimento que lhe causei. Meses atrás, eu sonhava com este dia, para desaparecer daqui. Depois... depois de um montão de coisas..., eu continuava sonhando com isto... mas para lhe dizer como eu estava feliz!

— Mas, Dek! Do que você vai viver? Como você será tratado? Você é um... monstro neste mundo!

— Bem, eu acho que era meio monstro em casa também. Mas eu tenho sorte, porque aqui ninguém fica de saco cheio comigo!

Derek sorriu, e seu pai, preso pelo dever inadiável de retornar e pela ânsia de agarrar seu filho pelos braços, enrubesceu.

— E eu já falo a língua deles! Quem sabe posso arrumar um emprego de tradutor por aqui?

— Isso é verdade, senhor... — disse Gimiso em voz baixa, todo seu porte submissivo. Experimentava a sensação de lançar-se às lavas de um vulcão furibundo cada vez que arriscava uma mirada ao rosto do doutor Ericsson — Dek adaptou-se muito rápido ao nosso mundo.

— Uhm! Você também fala bem português! — disse Lec, admirado — Vejo que você já aprontou muito por aqui, Dek!

Derek sorriu. A batalha estava ganha.

— Bem, temos então que partir. Dê-me um abraço, Dek!

Derek e seu pai se abraçaram por muito tempo, nenhum dos dois se importando mais com lágrimas. Depois, com algum embaraço, abraçou também sua nora, primeiro com cuidado e depois com energia.

— Que Deus abençoe você, Dek, e você, Gimiso.

A sálquile caiu então semiprostrada diante do cientista, murmurou uma prece de agradecimento em vini, e no final beijou-lhe os pés. Derek imitou-a, ruborizado, sem os beijos entretanto.

Um tanto surpreso, Lec ajudou-os a se erguerem.

— Bem, e como funcionam os casamentos por aqui? — perguntou Lec, limpando o rosto novamente.

— Dek e eu agora temos que partir para a nossa primeira caçada juntos. É uma parte importante das celebrações.

— Caçada?

— Não se preocupe, pai! Não é nada demais. É como caçar bois no pasto. Mando-lhe as fotos.

Ultimando os preparativos para o vôo, Raul ainda teve tempo de puxar seu amigo para o lado. Ele também chorara, talvez mais pela admiração de testemunhar tantas lágrimas sendo derramadas justamente ao velho Dek Lec.

Tanto que o próprio homenageado ameaçava emocionar-se novamente.

— Seu otário, Raul! — disse Derek, com uma careta — Não vá fazer uma cena.

Raul sorriu e limpou o nariz na manga da camisa mesmo, torcendo para que Gimiso não soubesse que aquilo era mal-educado.

— Putz, Dek. A gente não queria te deixar aqui sozinho — digo, sozinho no sentido... humano... bem, você entende, não é?

Gimiso riu baixinho com o rubor de Raul. Derek já não sabia se era esse aspecto do rosto que era divertido para os sálquie, ou se por acaso ele exalava junto alguma coisa que fazia cócegas nas narinas quando ficava encabulado.

— Relaxe. Não vou ficar sozinho. Talvez apen—

Mas deu então um forte tapa na testa.

— Não! Espere aí! Pode ser que ainda haja alguém — digo, outros humanos — rondando por aqui. Lembra, Gimi? Lembra da estátua do Gat Dúc?

Gimiso pensou um segundo e anuiu.

— Gat o quê? — perguntou Raul.

Derek contou-lhe rapidamente o que vira no Conselho Vessin. Sem no entanto produzir todo o efeito que esperava sobre Raul, que, como ele próprio, já estaria saturado de novidades por algumas boas décadas.

— Gimi, você se lembra das inscrições ao pé da estátua?

A sálquile puxou da memória, e as palavras chegaram tão despedaçadas como as lera.

— Eram duas palavras, Dek. No alfabeto querrcna corrente. A primeira era algo como “sek”, havia algo no meio. Também na segunda acontecia isso. Não consegui entender se era “panoia” ou “ponoia”.

Raul balançou a cabeça para o lado.

— Bem, provavelmente ele seja algum concorrente do seu pai lá na Pioneer. Por que não perguntamos para ele se ele conhece algum tal de Sek Ponoia?

— Não, Raul. — disse Gimiso — Essa estátua era a representação de Gat Dúc.

— Estamos falando de séculos atrás. — ajuntou Derek.

Raul coçou o queixo.

— Bem, OK. E o que você quer que eu faça com essa informação?

Derek pensou um pouco.

— Na verdade, acho que nada. Se você encontrar alguém com sobrenome Ponoia, e se ele for meio gordinho e careca, dê-lhe um murro no queixo em meu nome.

Raul sorriu e quase voltou a usar a camisa. Sem precisar de nenhum sentido extra, percebeu que já era esperado a bordo.

— Bom, Dek... Eu... Suponho que você não vá precisar que eu te matricule no próximo semestre, né?

— Hein? Acho que não precisa se incomodar.

— É que eu tinha uma procuração sua falsificada.

Derek ficou branco.

— *O quê?*

— É brincadeira, Dek. Mas... bem, não preciso nem dizer, e você também não acreditaria se eu dissesse, que o pessoal sente a sua falta lá no Instituto.

— Eu só acreditaria naquilo que lhe diz respeito.

Raul gaguejou. Sentia pânico ao contemplar o futuro do amigo, uma terrível inveja por não ter sido ele o afortunado com esse futuro, e saudades por antecipação.

— Dek, você podia pedir...sei lá, que fizessem com você o que fizeram comigo. — cochichou-lhe Raul.

Derek sorriu interessado.

— O quê? Sugere que eu me transforme num sálqui?

— Bem, ao menos você não passaria tanto frio no inverno.

Derek sorriu e apertou Gimiso com força contra seu peito.

— Eu não tinha pensado nisso. Obrigado pela idéia.

Mas ele nunca a levaria a cabo.